1º anno
2981

REVISTA POPULAR

JORNAL ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
DO
RIO DE JANEIRO

TOMO XII.

NOMES DOS SRS. REDACTORES E COLLABORADORES.

Alexandre Herculano.
Dr. Antonio de Castro Lopes.
Antonio Feliciano de Castilho.
Antonio Gonçalves Dias.
A. M. de Miranda e Castro.
Antonio Marciano da Silva Pontes.
Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.
Dr, Augusto Fausto de Souza.
Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja.
Bernardo Joaquim da Silva Guimarães.
Bittencourt Sampaio.
B. J. Falletti.
Bruno Seabra.
Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras.
Conselheiro Candido Baptista de Oliveira.
Carlos José do Rosario.
Diogo Soares da Silva de Bivar.
D. J. G. de Magalhães.
Emm. Liais.
Dr. Ernesto de Oliveira Coutinho.
Eduardo Henrique de Souza Meirelles.
Fernando Castiço.
Padre Francisco Bernardino de Sousa.
Dr. Flavio Farnése.
Dr. Francisco de Paula Candido.
Francisco Adolpho de Varnhagen.
Dr. Francisco Portella.
Francisco Xavier de Souza Coutinho.
F. J. Bethencourt da Silva.
Dr. Gaspar Silveira Martins.
Insulano.
João Baptista Calogeras.
João Carlos de Souza Ferreira.
Dr João Manoel Pereira da Silva.
Conego Dr. Joaqm Caetano Fernandes Pinhro
Carlos José d'Andrade Pinto.
Dr. Joaquim Manoel de Macedo.
Joaquim Norberto de Souza e Silva.
Dr. Joaquim Senhanha Marinho.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
José Feliciano de Castilho.
José Felicissimo Ferreira Braga.
José Joaquim Vieira Souto.
Dr. José Diogo de Menezes Froes.
Conselheiro Jozino do Nascimento e Silva
Dr. Justiniano José da Rocha.
Juvenal Galleno.
José Lino de Almeida.
Lafayette Rodrigues Pereira.
Léo Junius.
Léonce Aubé.
Luiz Antonio Burgain.
Dr. Luiz de Castro.
Luiz Honorio Vieira Souto.
Dr. Luiz Pientzenauer.
L. A. Boulanger.
Manoel de Araujo Porto Alegre.
Dr. Manoel Ferreira Lagos.
Manoel Gaspar d'Almeida Azambuja.
Dr. Manoel Ignacio Gonzaga.
Maximiliano Emmerich.
Nuno Alvares Pereira e Souza.
Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque.
Pedro de Alcantara Lisboa.
Dr. Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira
Sabino Elcy Pessoa.
Conselheiro Zacarias de Goes e Vasconcellos

PREÇO DA ASSIGNATURA

PARA A CÔRTE		PARA AS PROVINCIAS	
um anno.....	20$000	Um anno.....	22$000
Seis mezes.....	10$000	Seis mezes.....	11$000
Tres mezes.....	5$000	Tres mezes.....	5$500
Um mez.....	2$000	Um mez.....	2$000

ADVERTENCIA

Na administração desta *Revista* se troca qualquer trimestre em brochura, em bom estado, por outro encadernado, mediante a quantia de 1$500.

Os artigos que forem offerecidos á redacção da *Revista* não poderáo mais ser reclamados por seus auctores, ainda quando por qualquer motivo deixem de ser publicados.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Os Srs. assignantes que estão atrazados em suas assignaturas hajão de mandar satisfazel-as afim de continuar com regularidade a remessa d'este jornal.

REVISTA POPULAR

NOTICIOSA, SCIENTIFICA, INDUSTRIAL, HISTORICA, LITTERARIA, ARTISTICA, BIOGRAPHICA, ANECDOTICA, MUSICAL, ETC., ETC.

JORNAL ILLUSTRADO

TOMO DECIMO SEGUNDO

ANNO TERCEIRO

OUTUBRO A DEZEMBRO—1861.

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR-PROPRIETARIO

69, rua do Ouvidor, 69

—

1861

DERIVAÇÕES EQUIVOCAS.

SUPPLEMENTO AO DICCIONARIO ETYMOLOGICO DE CONSTANCIO.

—

Aqui vereis presente
Cousas que junctas se achão raramente.

CAMÕES.

PROLOGO PEQUENO

(PARA SER LIDO COMO DIZ O SR CASTILHO.)

Na laboriosissima confecção d'este pequeno diccionario puz todo o empenho para que sahisse perfeito.

Não é o primeiro em seu genero na lingua portugueza ; mas tambem não poderá ser acoimado de traduzido ou imitado.

Na etymologia de muitas palavras segui o louvavel systema de Constancio ; na sua falta ou na minha completa ignorancia, tirei-me do meu embaraço, e inventei-a.

Os leitores, que hoje folhearem estas paginas, ficaráõ pelo menos sabendo muito mais do que não sabião hontem, e sanccionaráõ o ditado de que — mais aprende quem mais a vida estende.

Os que, porém, lastimarem a perda do tempo, consolem-se comigo, que ahi vai o melhor da minha existencia.

FLUVIANO.

A.

A.—Letra que todos affirmão que ha.
ABA.—Parte da casaca em que termina qualquer montanha.
ABELHA.—Insecto de saia muito astuto.
ACHA.—Especie de machado que se mette no fogo.
ACIPE.—Peixe proprio para acipipe.
AÇORDA.—Pessoa fraca feita de pão, alho e azeite.
AÇUDE.—Arma defensiva que serve para represar a agua.
ADUELLA.—Taboa de pipa que falta a muita gente.
AEROGRAPHIA.—Sciencia que tracta dos castellos no ar.
AGOSTINHO.—Mez de Agosto em ponto pequeno.
AGRIÃO.—Tumor que nasce nos cavallos e que se come em salada.
AGUA.—Cousa que, quanto menos corre, mais custa a apanhar-se.
AGULHA.—Instrumento de cozer, que serve para marear.
ALAGADO.—Espaço em que o gado se fórma em ala.

ALÇAPÃO.—Gaiola que serve para levantar o pão.
ALMA.—Espirito de padeiro que se refugia no pão.
AMAZONAS.—Mulheres que desemboccão no oceano.
ANDORINHA.—Ave de quatro rodas que muda trastes.
ANNOS.—Riqueza que se augmenta contra a nossa vontade, e que não se deseja que pare.
ARARA.—Mentira que vôa.
ARBUSTO.—Planta em fórma de *busto* exposto ao *ar*.
ARVORE.—Livro que se desfolha com fructo.
AVE.—*A* que *vê*.

B.

BACALHÁO.—Peixe de cinco pernas que serve para castigo.
BANCO.—Assento que dá e recebe dinheiro a premio.
BANDEIRA.—Vidraça de porta que os batalhões levão por insignia nacional.
BARRA.—Parte dos vestidos das senhoras por onde entrão os navios.
BÈSTA.—Animal que serve para atirar flechas.
BOCCA.—Parte do corpo humano por onde um rio se precipita no mar.
BOI.—Sugeito que muda de sexo quando entra no açougue.
BOLACHA.—Biscouto feito de *chá* e *bola* que se leva na cara.
BOMTEMPO.—Official maior que não apparece durante a chuva.
BOTE.—Escaler que serve para guardar chá ou rapé.
BOTÕES.—Gente surda com a qual conversamos ás vezes.
BRAGA.—Cousa que uns trazem nos pés e outros nos nomes.
BRASIL.—Carvões accesos entre dois rios e o mar.
BUGIA.—Mulher de mono que dá luz quando a accendem.
BUCHA.—Peça de roda de carro com que se carrega uma peça de artilheria.

C.

CABO.—Soldado graduado com que se ata qualquer cousa á bordo.
CAÇA.—Fazenda do mato que serve para vestido.
CACHOEIRA.—Arvore que dá cachos.
CAMARÃO.—Peixe do lodo que se tosta para trazer como bengala.
CAMPA.—Sino que encerra restos mortaes.
CANA.—Páo do leme de que se faz assucar.
CANADA.—Paiz que serve de medida quando descarregado.
CANELLA.—Especiaria que se encontra nas pernas.
CANTAGALLO.—Lugar que muita gente não sabe aonde é, ainda que ouça o gallo cantar.
CANTEIRO.—Homem que faz cantos sem ser poeta ou musico.
CÃO.—Animal que faz disparar a espingarda.
CARA.—Rosto do vulto humano feito de assucar.
CARAPÁO.—Peixe com cara de madeira.
CARIOCA.—Rio que corre entre *ca — ca*.

CARVALHO.- Homem que dá cortiça.
CASA.—Morada feita para botões.
CATANADA.—Golpe de espada que nada acha na cabeça.
CAVALLA.—Creatura do mar, mulher de um quadrupede terrestre.
CHAVES.—Instrumentos que muitas vezes tomão a fórma de um homem.
CIGARRO.—Macho de um insecto que se fuma.
COBRAS.—Antigos habitantes de uma ilha da bahia do Rio de Janeiro.
COMADRE.—Vaso que serviu de madrinha.
CORÔA.—Peixe que os reis e os padres trazem na cabeça.
COSTA.—Praia sem abrigo que anda pela cidade feito gente.
CREDOR.—Sujeito que crê na sua dôr.
CRUZ.—Signal que fica na frente do cunho.

D.

DATA.—Fructa de palmeira que serve para marcar o tempo.
DESDOURO.—Decima carta de um naipe que a ninguem honra.
DEVEDOR.—*Dôr* de *dever*.
DESEMBOLSO.—*Bolso* cheio de *dez*.
DESGRAÇA.—Uma duzia menos duas graças.
DESHONESTO.—X cheio de castidade e pureza.
DÓ.—Nota de musica que serve para luto.
DOMAR.—Cousa que pertence ao mar e que serve para amansar.
DONZELLA.—Menina que *zela* o seu *don*.
DOTE.—Molho que tempéra *o peixe* a quem se casa.

E.

ENCRAVAR.—Modo de tornar as peças surdas.
EQUADOR.—Sujeito que faz equações.
ESPADA.—Peixe que se mette na bainha.
ESTANCIA.—Terras de criação de gado com certo numero de versos.
ESTANHO.—Metal que se extrahe da cara de um homem.
ESTOCADA.—Ferida feita com estuque.
ESTRELLA.—Serra que vê-se no céo.

F.

FALUA.—Nota de musica que anda juncto do astro da noite.
FELICIDADE.—Mulher da cidade feliz.
FLORENTINA.—Flôr posta em tina para nome de mulher.
FLORISBELLA.—A mulher a quem se diz:—*E's bella flôr*.
FOGÃO.—Lugar onde se põe polvora para cozer a comida.
FOLHA.—Papel que dão as arvores.
FRADE.—Pilar de pedra que faz voto de castidade.
FUMO.—Herva que se desfaz no ar.

G.

GALLO.—Peixe que faz roda ás gallinhas ou ave sem pennas, que nasce na testa.

GALLOCHA.—Trajo feito de *gallo* e *cha* para os pés.

GARRAFA.—Unha com nota de musica para conter liquidos.

GENTILHOMEM.—Sujeito que nem sempre passa por gentil.

GLORIA.—Paixão nobre sobre um monte do Rio de Janeiro, onde se ouve missa.

GOTA.—Molestia dolorosa que se bebe de um trago.

H.

HOLLANDA.—Paizes baixos de que se faz roupa.

HUMOR.—*U* grande que sahe das feridas.

I.

IMPOSTOS.—Sanguesugas que os governos applicão aos povos.

INFORME.—Despacho sem fórma.

J.

JARDIM.—Homem que produz flores.

K.

K.—Ente inutil na republica das letras.

L.

LA.—Lugar que se encontra em todas as musicas.

LATA.—Folha que todos trazem na cara.

LAVA.—Tempo presente do verbo lavar que sahe do volcão.

LEAL.—Nome de homem a cuja familia pertence a cidade do Rio de Janeiro.

LIMONADA.—Bebida feita de *limo* e *nada* para refresco.

LINGUA.—Idioma que se come guizado de varias maneiras.

LIVRO.—Arvore que muita gente desfolha como se fosse vento.

LOBO.—Animal que anda entre a gente e que tem o tractamento de senhor.

LOGO.—Palavra ambigua dos apressados e vagarosos.

LOMBINHO.—Filho de lombo que não se come.

LONDREAR.—Andar por Londres.

M.

MADAMA.—Mulher má.

MAL DAS VINHAS.—Molestia que dá que pensar aos bebados.

MALSÃO.—Mal bom para a saúde.
MANCHA.—Nodoa que divide a França da Inglaterra.
MANGA.—Fructa resinosa que faz parte do vestido.
MÃO.—Parte do corpo humano com cinco quadernos de papel.
MARRECAS.—Aves aquaticas que dão de beber á gente do Rio de Janeiro.
MARSELHA.—Porto onde o *mar* entra n'uma *celha*.
MARTINHO.—Ave pescadora que representa nos theatros.
MARUJO.—Homem maritimo que se desata para metter no fogo.
MASCARANHAS.—Mastigador de aranhas.
MATACAVALLOS.—Antigo açougue de cavallos d'esta côrte para sustento de certos cavalleiros.
MATAPORCOS —Açougue onde antigamente matavão-se porcos para os asseiados do Rio de Janeiro.
MINA.—Negra africana que se enche de polvora.
MODA.—Mudança que sempre parece bem.
MODISTA.—Mulher que se encarrega de mudar.
MOLESTA.—Mó que trabalha desembaraçadamente apezar de molesta.
MOLHADURA.—Cousa *dura* que *molha* a garganta.
MOLHO.—Peixe pequeno com que se temperão guizados.
MONA.—Animal que se introduz espiritualmente na cabeça.
MONCO.—Crista de perú que sahe do nariz do homem.
MONO.—Animal que prega-se aos tolos.
MORDENTE.—Dente muito grande que serve para dourar.
MORGADO.—O maior gado que ha.
MORTALHA.—Talha grande que serve de envoltorio a defuntos.
MOSQUITO.—Musicosito alado que dá serenatas de trompa á troco de uma gotta de vinho tinto.
MULETAS.—Mulas pequenas em que montão os braços para ajudar as pernas.
MULHER.—Cofre que não serve para segredos.
MUNHECA.—Mocotó de gente.
MURRÃO.—Sôco grande com que se dá fogo á peça.

N.

NAVIOS.—Cousa que muita gente fica a vêr depois que os perde.
NIZA.—Especie de fraque que hoje pertence ao imperio francez.
NOJO.—Nausea proveniente da morte de parente.
NOTARIO.—Rio que toma nota.
NOVINHO.—Cousa que existe dentro do vinho ainda não servida.
NOZ.—Pronome que dão as nogueiras.

O.

OLHOS.—Orgãos da vista que se encontrão no ananaz.
ONÇA.—Animal feroz que guarda-se no bolso.
ORÇAMENTO.—Phantasmagoria financeira.

OURIÇO.—Animal que serve de caixeiro.
OURINA.—Cousa cór de ouro.
OUVIDO.—Orgão que communica á peça o grito de fogo.
OUVIDOR.—Homem que faz ouvidos.

P.

PACIENCIA.—Sciencia de manobrar a pá.
PALHA.—Herva sêcca que todos comem quando bem preparada.
PALRAR.—Vicio das senhoras adoptado pelos deputados.
PÃO DE ASSUCAR.—Penedo da barra do Rio de Janeiro que se vende nas confeitarias.
PAPAFIGOS.—Passarinhos que soltão-se eo vento.
PAPAGAIO.—Brinquedo de papel que falla muito.
PAPELÃO.—Animal feito de papel.
PARDAL.—Nome de homem adoptado por certos passaros.
PARTIDA.—Cousa quebrada para passar a noite.
PASSAGEIRO.—Carga animal de paquetes.
PATACÃO.—Pata de cão feita de prata.
PÉ.—Parte do corpo humano que tambem se encontra no vento.
PEÇA.—Drama ou comedia que serve para dar fogo.
PENNA.—Nome de homem com que se vestem as aves.
PERU'.—Paiz que se come assado de forno.
PIÃO.—Peça de páo animal que amansa burros.
PLAGIO.—Copia feita por conta propria.
POÇO —Reservatorio d'agua cheio de materia.
PORTO.—Homem onde ancorão navios.
PRAÇA.—Soldado de qualquer cidade onde desemboccão ruas.
PRATA.—Rio que muita gente traz na algibeira.
PRIMAVERA.—Prima verdadeira que nos dá flores.

Q.

QUARENTONA.—Mulher que já faz quarentena.
QUEIJO.—Lacticinio com fórma de lua, mas que só tem minguante.
QUERELA.—Queixa da parte que diz o que *ella quer*.

R.

RABECA.—Instrumento de musico que se afina sem se saber tocal-o.
RAIA.—Peixe chato que serve de limites.
RASA.—Ilha á entrada da barra do Rio de Janeiro onde tudo se paga pelo seu justo preço.
RATOS.—Habitantes de uma ilha do Rio de Janeiro que emigrárão para a alfandega.
RÉ.—Nota de musica digna de cadêa.
REDEAS.—Corrêas do freio que os reis tomão quando os povos são bestas.

REFRESA.—Mulher criminosa que se acha detida.
REVISTA.—Criminosa que tem testemunha de vista.
RIVALIDADE.—Idade do ciume.
ROCIO.—Praça onde cahe orvalho ou *rocio*.
ROMANCEIRO.—Arvore que dá romãs.
ROMEIRO.—Homem que tem bocca, na fórma do proverbio.
ROSA.—Mulher que se desfolha.
ROSARIO.—Rosa do rio com quinze mysterios.
ROSCA.—Especie de parafuso que se come.

S.

SARABANDA.—Dansa usada em certa banda do deserto de Shara.
SABIA.—Mulher instruida que um accento muda em passaro.
SAGACIDADE.—Cidade das sagas, mulheres feiticeiras.
SAIA-BALÃO.—Invenção de que se não lembrou a rã da fabula.
SALARIO.—Sala no rio de que muita gente vive.
SALVA.—Cortezia de polvora secca.
SERAFIM.—Anjo do céo que encontra-se na terra e tracta-se por senhor.
SENZALA —Quarto *sem-sala* onde dormem os escravos.
SERRA.—Cordilheira de montes que corta madeira.
SPLEEN.—Mal inglez que se cura com rhum.
SOBRINHO.—Cousa que não existe sem tio.
SOL.—Astro do dia que brilha na musica.
SUADOR.—Dôr de outrem, a quem fallamos, que faz suar.
SUICIDIO.—Liquidação prompta e expedicta.

T.

T.—Signal litterario que nasce na testa de muita gente bôa.
TACHA.—Imposto feminino que tem por macho um utensilio de cobre.
TAMANDUÁ.—Quadrupede que toma o tempo aos pais da patria.
TESTAMENTO.—Abdicação dictada pela morte.
TIA.—Mulher que cahe em exeraicios findos.
TIGRE.—Animal feroz cujas entranhas sahem das entranhas de animaes pacificos.
TRIBUTO.—Divida imaginaria que se cobra á força.
TRIDENTE.—Garfo com que Neptuno comia os seus peixes.

U.

UNHA.—Excrescencia na palma da mão que serve de meio de vida.
URBANIDADE.—Idade em que o homem se torna urbano.
URGENTE.—Negocio particular na linguagem parlamentar.

V.

V.—Letra que parece que tem olhos.
VAGALUME.—Onda phosphorica.
VALENCIA.—Terra onde nascem os valentes.
VALLE.—Homem que fica entre montanhas.
VAPOR.—Barco que se evapora no ar
VARA.—Insignia de magistrado que serve para medida.
VARIAÇÃO.—Desvio da agulha de marear sobre qualquer peça musical.
VELHACO.—Principal traste de muitas casas.
VERACIDADE.—Cidade onde se não mente.
VILLA-DIOGO.—Coito de fujões.
VIUVA.—Mulher em indisponibilidade.

X.

X.—Discipulo da escola militar.
XA.—Dignidade real na Persia que se bebe entre nós.
XENOMONIA.—Molestia constitucional do Brasil.

Y.

YPIRANGA.—Resposta a Porto-Seguro.

Z.

ZAINO.—Adjectivo commum ao homem e ao cavallo, segundo as suas qualidades.

ZIGUEZIGUE.—Homem que caminha pelo ziguezague.

ZURRAR.—Modo de exprimir-se de um quadrupede, adoptado por alguns bipedes.

FLUVIANO.

A BELLEZA DAS MULHERES.

—

Desde a mais remota antiguidade, a mulher tem sido o mais poderoso dos elementos nas discordias e dissenções da humanidade; a causa primordial, que tem agitado as revoluções, que tem promovido as luctas; o pomo da desconfiança entre os homens.

O roubo das Sabinas foi um escandalo, que promoveu luctas sanguinolentas; o de Helena não o foi somenos, e d'ahi esse certame implacavel que á poderosa e altiva Troya tão grandes malles causou.

Entretanto, perguntamos nós, as mulheres merecem esses sacrificios, essas dedicações, esses heroismos de valor e de grandeza que practicão os homens por ellas?

Vejamos.

O que a primeira vez fascina um homem ao vêr uma mulher? São os seus ademanes, as suas graças, os seus sorrisos, o puro alvor das suas faces, o roseo carmim dos seus labios, o avelludado setinoso da sua pelle, a elegante flexibilidade da sua cintura, as perolas que lhe adornão a graciosa bocca, as veias azuladas, o puro sangue da sua raça, as suas longas e perfumosas madeixas, a negra, azul ou pardacenta côr dos seus olhos: eis, emfim, o que escravisa o homem á primeira vez que vê uma mulher, sem conhecer d'ella senão esses dotes, antes de aprofundar os de sua alma, os thesouros sanctos de affectos e de harmonias que encerra o seu coração!

Verdadeiros myopes, elles amão a materia, adorão o idolo de ouro, sem estudarem o valor intrinseco do metal. Pois bem, a vossa leviandade será duplamente punida; o escalpello do medico e os reactivos do chimico vos farão comprehender a verdadeira essencia d'essas fórmas graciosas e puras.

Esse rosto bello e candido, que ahi vos enleva horas inteiras, esse corpo flexivel e gracioso como as ondulações do cysne, não são mais do que um composto de azoto, carbono, oxygeneo e hydrogeneo. Esses olhos, que se vos volvem apaixonados, e que, como dizem os poetas, vos promettem mil poemas de amor, não contêm mais do que essas mesmas materias formando diversos principios e entre elles a albumina e a fibrina. O crystallino, tão decantado pelos filhos das Musas, é simplesmente o liquido que transparece entre a epiderme e a menina do olho, e que, segundo as experiencias chimicas, se dissolve com facilidade na agua no estado de ebulição e se transforma em gelatina, que, tendo as mesmas propriedades da globolina do sangue, póde ser considerada como um composto contendo quinze equivalentes de protehina e um equivalente de enxofre. A menina do olho, que tantas vezes tem inspirado aos vates e aos romancistas as mais formosas e languidas descripções, não escapou á analyse de Mr. Scherer, que, depois de muito labor, chegou á conclusão de que contém mais carbono do que muitas outras substancias organicas.

Os labios, que tantas vezes, oh poetas! comparais á rubra e fresca flôr, que desabrocha rociada pelo orvalho da manhã, e que anciosos desejais em suave e sancto osculo sugar-lhes o mel doçoroso, como a abelha o mel da magnolia, esses labios não são mais do que a combinação do oxygeneo, hydrogeneo, carbono e azoto; e o sangue, o puro sangue que os colora e transluz sob a sua delicada epiderme, é, segundo a analyse do celebre Mr. Lecann, um composto de agua, fibrina, hematosina, globina, phosphatos e carbonatos de cal e de soda e.... basta!... Estas materias, que ahi vêdes, são as de que se compõe, com pequena differença, o sangue do macaco ou da jararaca, da giboia ou do orangotango!

Oh! como são decantadas as madeixas d'aquelle anjo! como a alma do bardo se derrama languida e apaixonada na descripção d'a-

quellas tranças de ebano, loiras ou castanhas, da côr da noite ou da pallidez do crepusculo! Vêde, entretanto, a analyse do chimico, e achareis nada menos de cinco compostos formando aquelle todo: carbono, hydrogeneo, azoto, oxygeneo e enxofre, nas exactas proporções (desprezando os numeros fraccionarios) de 50 para 6 e de 17 para 24 (50:6::17:24). Comparai ainda, e vereis que as u nhas, descriptas com tanta delicadeza pelos filhos do Parnaso, como um dos mais bellos ornatos que a natureza concedeu á mulher, contêm as mesmas materias com mui pequenas modificações nas suas proporções.

Materialistas! ahi tendes um quadro resumido do que amais; ahi tendes esse todo dissecado pela analyse do chimico; sabei que esses mesmos corpos descriminados pelos reactivos podem e formão partes integrantes de quasi todas as materias existentes em combinações diversas na natureza: assim, o corpo delicado e tenue que nas vossas insomnias tendes visto debruçar-se sobre o vosso leito, não é mais do que a reunião de atomos, que podião formar o todo de um formoso lagarto ou o de uma velha e agoureira coruja!...

Apre, que em bôas me metti eu!... agarrei uma pobre mulher e, mettendo-a em um laboratorio, dissequei-lhe os ossos, decompuz-lhe as carnes, reduzindo-as a carbonos, e.... meu Deus, se ellas me pilhão!... Valha-me Nossa Senhora da Bôa Hora!...

OS ESTUDANTES DE HEIDELBERG

POR

CHARLES DESLYS.

X

BIER-SCANDAL.

Convença-se o leitor de uma cousa: tanto o que vamos dizer, como o que já dissemos, não é inventado; é apenas uma narração.

Todas as altas dignidades da hierarchia universitaria, as primeiras espadas e as primeiras esponjas, as raposas de ouro, as velhas casas e as casas musgosas, e até mesmo os *acolytos*, isto é, as simples raposas que não tinhão o tempo necessario para possuirem um titulo official, porém que já havião adquirido certa gloria por alguma façanha estrondosa, todos estes geralmente erão saudados pelo *vulgum pecus* com o nome pomposo de *senior*... que equivale a — meu senhor. —

Cada *senior* tinha sua raposa favorita, sua raposa do coração. Bem que em uma outra ordem de ideias, esse affeiçoado subalterno era para o *senior* o que é para o capitão o soldado que lhe escova as

botas, o que para os *leões* inglezes são os imitadores mais ou menos felizes de suas excentricidades.

Assim, pois, a raposa favorita affectava vestir-se exactamente como o *senior*; como elle, penteava os cabellos, e trazia a barba e os bigodes. Porte, gestos, modo de fallar, genio, excentricidades, tudo imitava com enthusiasmo servil, porém com exageração tal, que fazia quasi sempre da copia a caricatura viva do original.

Não é possivel imaginar até que ponto ás vezes ião a obediencia fanatica, o feiticismo oriental da *raposa favorita* para com o seu *senior*. Ao menor signal do seu D. Juan, estava esse Sganarello voluntario prompto a correr, a galopar, a beber, a bater-se, a tentar os mais loucos impossiveis. Citavão o facto de uma raposa favorita que, por ordem do seu *senior*, atravessára o Necker no primeiro de Janeiro, quasi sob o gelo, e d'isso morrêra o pobre rapaz. Achárão o acto magnifico, e tornou-se o facto uma das legendas de Heidelberg.

A's vezes os *seniores*, pelo menos os mais illustres, possuião muitas raposas, e então era tal a emulação e o zelo de umas com as outras, que se não póde fazer perfeita ideia; mas isso era raro, a raposa favorita era de ordinario uma e unica, e contentava-se em produzir a emulação nas dos outros *seniores*. Havia continuada lucta entre esses vaidosos *animaes*, assaltos quotidianos, duellos de toda a especie.

Esta ultima palavra faz-nos naturalmente lembrar de Hermann Kirschberg, a antiga raposa favorita de Wilhem Arnold.

Dissemos já que Hermann Kirschberg era o Nestor das escolas; agora accrescentamos que era tambem o seu Ajax. Imaginai um estudante colossal, o gigante do Hartz, um Porthos. Sobre as espaduas athleticas cahia-lhe a comprida cabelleira ruiva. Tinha a testa curta como a do touro, via-se mesmo por cima das sobrancelhas ouriçadas duas protuberancias monticulosas, que em rigor podião ser consideradas como signaes da existencia de chifres. Grandes olhos azues á flôr do rosto completavão a analogia; um circulo arroxado, todos os dias mais e mais cavado e rugado pela crapula, os cingia. As faces poderião servir de téla para pintar a taboleta de um negociante de vinho; o nariz era semelhante a uma trufa; os grandes bigodes torcidos; a barba gigantesca, que sobre o peito lhe cahia como uma floresta matizada de todas as côres do outomno, e o sorriso, sobretudo, completavão fantasticamente esse conjuncto cyclopico e borracho. Sem tirar nem pôr, era Gargantua, porém Gargantua estudante em Heidelberg.... Supponde por um momento... Gargantua tendo na cabeça mesquinho gorro azul claro com uma penna de gallo... Gargantua trajando tunica estreita e curta de velludo pardo... Gargantua cingindo enorme espada, que lhe tocava os calcanhares... Gargantua sempre precedido de interminavel cachimbo, que não poderia achar termo de comparação senão na familia dos canos de chaminé.

Outr'ora, no tempo da realeza de Wilhem Arnold, Hermann Kirschberg brilhára mais ou menos; era então a primeira esponja da universidade. Em consequencia da mudança de procedimento do seu

senior, perdêra esse posto elevado ; após o desapparecimento do ex-rei, víra a ex-primeira esponja apagarem-se a pouco e pouco todos os outros raios da sua gloria. Nada mais era agora, nada mais do que úma ruina viva, do que um objecto de curiosidade para os viajantes, de assombro para os philisteus, de admiração ingenua para os jovens calouros chegados na vespera.

Era triste !

Mas eis que o *senior* reappareceu de repente, mais resplandecente do que nunca... e quem sabe se a raposa favorita não iria igualmente tornar-se, no seu genero, um sol... *nec pluribus impar* ?

Assim, pois, grande fôra a sua alegria, no dia precedente, por occasião do tiro de arcabuz. Primeiro que todos, corrêra a lançar-se aos pés de Arnold ; primeiro que todos, lhe apertára a mão e com enthusiasmo tal, que Wilhem receiára um instante não poder mais segurar a clavina. Mais tarde os hombros de Hermann Kirschberg servírão de palanquim ao triumphador. Durante o banquete conservára-se constantemente por traz da cadeira do seu *senior* ; era elle quem lhe enchia o copo, e lhe carregava o cachimbo. Sem que aquelle lhe prestasse muita attenção, porém absolutamente como se a ausencia houvesse sido de um dia apenas, installára-se Hermann Kirschberg, por auctoridade propria, na plenitude de suas antigas funcções ; era de novo a raposa favorita de Wilhem Arnold.

Pela maneira magistral por que se lhe dirigíra ao sahir da sessão academica, pelo tom solemne que tomára, facil era adivinhar-lhe a premeditação de um discurso.

— *Senior*, começou pois, meu nobre *senior* ; nos bons tempos de outr'ora derramastes a luz sobre mim ; ereis o sol e eu a lua. Desapparecestes, e, corpo opaco, deixei de brilhar. Regressastes... e em mim sinto já o calor, esse prefacio da luz. Em outros termos, comvosco me voltárão a ambição e a audacia. Tambem quero ser o que fui : por isso provoquei esta manhã a Walter Trong, actualmente primeira esponja da universidade de Heidelberg. Segundo o art. LIV do *Comment*, se fôr elle o vencido, a mim compete o lugar de honra que occupa. *Senior*, meu nobre *senior* ! venho, pois, solicitar publicamente não só a vossa auctorisação, como a vossa presença no duello que deve ter lugar esta noite entre mim e Walter Trong, no nosso *bier-scandal*.

E o gigantesco Hermann, esperandó a resposta, perfilou-se na attitude ceremoniosa de um orador antigo.

O primerro gesto de Wilhem fôra de recusar em voz alta. Conhecia o *bier-scandal*, esse duello dos copos, mais perigoso ainda que o das espadas. Em sua louca mocidade tinha podido folgar, como os de mais, n'essas luctas de bebedores, que em cada uma de suas enormes libações atirão-se grosseiras apostrophes á face, depois enchem-se, engorgitão-se até que um dos dois caia como morto debaixo da mesa.

Só então o levantão, como fazem os Inglezes aos seus jogadores de sôco, e o reanimão por todos os meios imaginaveis. Recomeça

o combate, e o outro cahe tambem. Galvanizão-no da mesma sorte. E' preciso emfim que haja um vencido, uma massa completamente inerte, um homem completamente transformado em tonel, quasi um cadaver. Notai, porém, que o vencedor fica quasi no mesmo estado.

A hospedaria do *Amigo* tem uma sala particular a que dão o nome de *sala dos mortos*; para ahi são levados os dois combatentes, deitados e tractados com todo o cuidado e desvelo, fructo de uma experiencia tradicional. A despeito de todos os exforços, alguns ha que se não levantão mais; como o *scandal-contra*, como o *scandal pro patria*, tambem o *bier-scandal* tem muitas vezes suas festas funebres para o dia immediato. E sobretudo são terriveis as suas feridas; alterão para sempre a saude; ás vezes, entretanto, o corpo conserva-se intacto, mas a intelligencia, a alma... o que resta d'ellas?

Ah!... apenas as fezes que o vinho generoso deixa no fundo das pipas vasias.

Sim, Wilhem corára agora de haver podido tomar parte n'essas justas vergonhosas, n'esses desregramentos impios. Agora que a luz pura do amor lhe esclarecêra o espirito e fecundára a mocidade, reprovava altamente o *bier-scandal*; quizera empregar toda a sua influencia para riscal-o do *Comment*. Ia, pois, responder n'este sentido a Kirschberg; ia dar á multidão, que rodeava-os, segunda liçcão que valeria, ao menos, a primeira d'essa memoravel manhã.

Porém subita inspiração conteve-o; acabava emfim de achar a occasião em que podia arvorar o estandarte que não havia ainda ousado desdobrar.

— Acceito! disse.

E depois de alguns segundos:

— Quaes são as vossas armas?

— Vinho e licores! respondeu Hermann; não quizemos a cerveja como indigna de campeões da nossa tempera.

— Muito bem! disse Wilhem, mandem-me cá o dono da hospedaria do Cysne! Quero dar-lhe as ordens necessarias para que nada falte ao nosso festim d'esta noite, ao nosso grande *commercio de raposas*.

— *Hourra*! *vivallera*! vociferou Kirschberg atirando ao ar o gorro azul.

Dispersárão-se os estudantes por diversas direcções, não sem haverem antecedentemente repetido o formidavel « *Hourra*! *vivallera*! » de Kirschberg.

Wilhem subiu á sua camara de honra, e durante alguns minutos ahi conservou-se só, com a fronte occulta nas mãos, e o olhar meditativo e scismador. Acabava de preparar seu plano e entrevia no futuro os resultados que podia colher.

O ranger da porta que se abria, e o ruido de passos que se approximavão respeitosamente d'elle, o despertárão.

Era o estalajadeiro, que elle havia mandado chamar, era o dono da hospedaria do Cysne.

— Mestre Müller, disse-lhe Arnold, estais lembrado da noite em

que vossa casa ia ser tomada de assalto e saqueada infallivelmente pelas raposas furiosas ?

— Lembro-me de mais ainda, meinherr Arnold, respondeu o *boos* com a expressão de reconhecimento profundo ; recordo-me de minha filha, minha pobre Gretchen, abandonada por aquelle que a seduzíra. Não procedestes então, Wilhem, como se fosse ella vossa irmã ? Bem que fosse vosso amigo o seductor, o obrigastes a reparar o seu crime, e hoje vos é elle tão agradecido quanto Gretchen, por isso que é o melhor casal de toda a cidade de Mannhein. Quanto a mim, fallai, Wilhem ! O que desejais ? Estou inteiramente á vossa disposição.

— Bem, mestre Müller, bem ! sois um homem honrado.

Depois, e como receiando ser escutado por algum ouvido invisivel, puxou-o para um canto da camara e começou a fallar-lhe em voz baixa.

O *boos* pareceu a principio estupefacto, e respondeu no mesmo tom como a uma proposição impossivel.

Insistiu o mancebo e novas explicações forão dadas com mais mysterio ainda.

— Seja assim, disse por fim mestre Müller. E' uma ideia singular a que tendes ; mas, já que o quereis, assim será !

— Obrigado, mestre Müller ; até á noite !

— Até á noite, meinherr Arnold, até á noite !

E o digno proprietario da hospedaria do Cysne retirou-se.

Entretanto o que fazia Hermann Kirschberg afim de predispor-se para o combate homerico, cuja hora não tardaria a soar ?

Havia-se furtado aos applausos da turba, e fôra encerrar-se com o maior mysterio na casinha em que morava.

Só um camarada, um amigo intimo estava com elle, um simples calouro, muito joven, muito ingenuo, baixo em demasia, bastante loiro, e em extremo delicado... o *Colbrun* de Heidelberg.

— Karolus Bald, disse-lhe magestosamente Kirschberg , és meu amigo ?

— E pódes duvidal-o, ó grande homem ! exclamou o calouro com ingenuo enthusiasmo. Ante-hontem, já eu te admirava, já me julgava feliz por me fazeres a honra de ajudar-me a acabar o dinheiro que minha mãi me dera. Ante-hontem, já te venerava, e hoje, que és a raposa favorita de Wilhem Arnold, adoro-te.... Dá-me a tua bença̧o ! Oh ! sublime Kirschberg, acceita-me para tua raposa escolhida ; deves tel-a, pois que estás para ser primeira esponja...

— Semelhante favor ! disse soberbamente o colosso. Mais tarde, mais tarde... veremos como isto ha de ser, meu pequeno !.... E' preciso que te tornes digno... e vou desde já offerecer-te precisamente uma occasião para principiares.

— Falla... oh ! falla... explica-te.

— Karolus, interrogou o gigante, Karolus Bald, vosso respeitavel pai é boticario em Eberbach, não é verdade ?

— E' verdade.

— Estudais aqui para seguir-lhe os passos ?

— E' esta a minha ambição.

— Por esse duplo titulo deveis, pois, conhecer todas as preparações pharmaceuticas que tendem a excitar a sêde?

— Nada d'isso existe no *Codex*; parece-me, porém, que poderei inventar uma formula que consiga perfeitamente um tal *desideratum*.

— Bravo, Karolus! mas olha que ainda não é tudo.

— O que ha mais?

— Poderias augmentar-me o estomago?

— Não.

— Alargal-o ao menos?

— Talvez; deixai-me meditar um instante.

Em fórma de assentimento, Kirschberg inclinou a larga fronte.

Karolus Bald deixou pender o queixo na mão e pareceu entregar-se á solução do problema.

Depois, erguendo-se com triumphante alegria:

— *Eureka!* bradou.

— Se me não engano, joven Archimedes, queres dizer: achei?

— Sim, respondo por tudo. Corro a comprar os ingredientes necessarios... emolientes, aperientes e distensivos... Vou preparar tudo em casa da velha Gotlob, nossa illustre proprietaria, e volto d'aqui a pouco trazendo a preparação.

— Bom, Karolus! consinto em recebel-a das tuas mãos. Vai.

— E nomear-me-heis vossa raposa predilecta? disse o calouro.

— Veremos, veremos, respondeu Hermann; convém, antes de tudo, que seja eu o vencedor no *bier-scandal*.

— Sel-o-heis, grande homem... oh! sel-o-heis!

— Acceito o agouro, mas folgaria vêr-te contribuir para a victoria. Feitas todas as compras, restar-te-ha ainda algum dinheiro?

— Algum... Quereis que vol-o dê?

— Sob a fórma de ovos duros, especiarias e carne salgada, de-modo a ficar uma mostardada de todos os diabos. E' a minha receita; mas, ainda sobre isto, dou-te carta branca. Corre, joven boticario, apressa-te.

E o gigante dignou-se estender-lhe a larga mão.

O Lilliputiano n'ella depoz piamente um beijo e sahiu.

Meia hora depois voltava com todos os ingredientes.

Passou-se o resto do dia em preparativos de combate.

Ao anoitecer dirigiu-se Hermann Kirschberg á hospedaria do Cysne.

Karolus caminhava apoz elle admirando-o, imitando-lhe o andar, estirando-se, alargando-se e exforçando-se, rã que era, por igualar em tamanho a esse boi ideial.

Chegárão assim ao *Commercio de raposas*.

Regorgitava de estudantes a gigantesca sala; a universidade em pezo parecia que ali se reuníra n'aquella noite. Era uma confusão incrivel de tunicas, gorros, cabelleiras, barbas, bigodes, espadas, esporas e cachimbos. Não ha nevoeiro inglez que possa admittir comparação com a espessa fumaça, que já condensava-se acima das cabeças. Apenas distinguia-se, como estrellas pallidas na nevoa, as nu-

merosas luzes de dez ou doze lustres pendentes do tecto e dos candelabros collocados nas mesas. Todos esses clarões chocavão-se e lançavão sobre os vidros e porcellanas, sobre os objectos de cobre e aço fantasticos reflexos. Entre os estudantes havia posições, grupos e enlaces inauditos. Todos gesticulavão, fallavão, gritavão, vociferavão e cantavão ao mesmo tempo. De quando em vez tambem se fazião ouvir vozes de instrumentos n'esse concerto carnavalesco. Aqui, alguns provectos cheios de sombrio enthusiasmo assassinavão gravemente um quarteto de Bethoven ou de Haydn, sem se embaraçarem de modo algum com o motim atroador, que torvelinhava ao redor d'elles; ali, era uma flauta melancolica que persistia em trinar impassivelmente no meio da tempestade; mais ao longe, ouvia-se a trompa dar o signal para a caçada. Até o tambor da universidade tocava de vez em quando uma marcha para distrahir-se e instruir-se ao mesmo tempo .. *Utile dulci!* Era, portanto, uma bacchanal, um pandemonium, como só em sonho se vê.... Sim, era verdadeiramente um sonho de Hoffmann.

Ao entrar Hermann Kirschberg, houve profundo movimento n'esse oceano tumultuoso. Saudárão com alguns *hourras*, com alguns *vivalleras* a um dos dois heróes da festa que preparava-se. Já a primeira esponja provocada andava em uma das extremidades da sala no meio dos seus partidistas. Hermann foi sentar-se na outra extremidade. Rodeou-o um circulo numeroso; era um partido que em seu favor formava-se. Por entre nuvens de fumaça começavão a apostrophar-se os dois lados; fazião-se apostas, o tumulto crescia, e um novo incidente levou-o ao cumulo.

A porta abríra-se de novo, e subita e triumphante invasão no *Commercio das raposas* fez um alegre e impetuoso enxame de moças. Com que acclamações, com que palmas, com que abraços forão recebidas! Depois corrêrão á cata de todos os instrumentistas da reunião, desde o harmonioso flautista até ao folgazão tambor.

E começou a valsa, a principio melancolica e lenta, depois mais viva, e finalmente vertiginosa, fascinadora, burlesca e louca. Parecia arrastar tudo comsigo; columnas, lustres, vigas, estatuas das paredes, mesas, copos, gorros, barbas, bigodes e cachimbos, tudo parecia gyrar tambem. Era justamente assim a valsa do Mephistopheles de Gœthe, a valsa, infernal, a valsa allemã.

A festa chegára ao cumulo.

Mas porque, de repente, musica, dansa, movimento, ruido, tudo pára a um tempo? Porque deixão os cachimbos de exhalar suas famosas espiraes e cahem os copos ainda cheios sobre as mesas? De onde nasce essa respeitosa precipitação com que todos os estudantes levão a mão aos gorros?

Ora! é que chega o nosso amigo Wilhem Arnold!

— *Hourra* pelo rei de Heidelberg! *hourra* pelo vencedor!.. vencedor na clavina.... vencedor na espada.... vencedor na sciencia!.... *Hourra* por esse heróe universitario que, em cada um dos

seus triumphos, dá-nos estrondosa licção !.... *Hourra* por Wilhem Arnold ! *hourra ! hourra ! vivalleraââââ !*

Sem parecer muito lisongeado com esses enthusiasticos testemunhos, o desposado de Bertha sauda apenas com o sorriso e com a mão. Dois estudantes o conduzem ceremoniosamente á mesa de honra ; um outro apresenta-lhe o antigo e gigantesco cachimbo, no qual, ha cem annos, nunca fumou senão o soberano das escolas, e um outro, finalmente, enche de espumante e dourada cerveja a famosa taça real, o *rœmer*.

E' mister que Wilhem continue a ter todas as apparencias de um estudante.... e que estudante, bom Deus ! De um jacto faz desapparecer o conteudo da enorme taça ; com uma só aspiração cerca-se de densa nuvem de fumo ; as locomotivas de hoje não o farião melhor. Depois, percorrendo a sala com um olhar verdadeiramente imperial, disse :

— Que ! pois ainda nada está aqui preparado para o *bier-scandal* ?

— Desculpai, magestade ! respondem os dois campeões impacientes; eis-nos aqui ... estamos promptos.

— Bem !... mas onde collocárão a mesa do combate ? onde estão os copos e as garrafas ?

Cem vozes gritárão logo :

— Oh ! mestre Müller !... mestre Müller !...

O nosso velho conhecido, o estalajadeiro, não se demora a inclinar-se profundamente ante Wilhem, que repete-lhe a pergunta, tendo-lhe primeiro dirigido certo ar de intelligencia.

— Magestade, responde elle, não é por esquecimento ou indifferença que hoje me acho em falta ; é por impossibilidade material.

— Impossibilidade ! gritão em côro todas as vozes ; bem entendido, depois da de Wilhem Arnold.

— O que é preciso para satisfazer-vos hoje, meus *seniores* ? pergunta o estalajadeiro com um embaraço o mais natural do mundo, com certa apparencia de receio das mais simplorias ; o que é preciso ?... vinho ?... licores ?... Pois bem, sou obrigado a confessal-o, em casa só tenho cerveja.

A' esta inesperada confissão, prorompeu um tumulto assustador.

— Cerveja... apenas cerveja... nada de licores... nada de vinho... Onde estão os velhos vinhos da universidade ?... esses vinhos escolhidos que todos os annos nos envião os imperadores, os reis, os gran-duques e margraves ?... Onde estão os nossos finos licores ?.... O que fizerão do thesouro liquido das escolas ?... Mestre Müller, mestre Müller ! o que é feito da nossa adega !

Nunca n'aquella sala resoárão tão colericos accentos ; nunca semelhantes imprecações abalárão a hospedaria do Cysne. E' que tambem a adega da universidade é a arca sancta !... é que tambem mestre Müller, como vestal criminosa, parece ter deixado apagar-se o fogo sagrado !

Erguem-se mil vozes para interrogal-o a um tempo ; mil olhares

dardejão-lhe o anathema.. mil mãos agitadas acima da cabeça o amaldiçoão.

Mas na mesa de honra bateu o punho de Wilhem Arnold, e a sua voz trovejante bradou : « Silencio ! »

E, como por milagre, acalma-se e cala-se tudo.

— Mestre Müller, diz então ao estalajadeiro, que cada vez parece mais confuso ; mestre Müller, desejais explicar-vos ?... Explicai-vos. Somos poderosos, como sabeis.. mas não ignorais tambem que somos justos.

E á estas palavras senta-se : todos o imitão, e é no meio do silencio mais profundo que Müller começa a narração seguinte :

— Hontem, senhores, durante a festa de Maio, a universidade e todos os habitantes da cidade estavão na planicie, junto ás grandes arvores ; só eu, talvez, havia ficado. Firme no meu posto, velava, como de costume, sobre as reliquias tradicionaes, sobre os thesouros liquidos confiados á minha guarda. De repente apparece diante de mim um homem de ar sinistro, com uma pistola n'uma das mãos e tendo a outra no punho da espada. « Companheiro da meia noite ! » diz-me a modo de cumprimento. A esse nome terrivel, como para fugir, dirijo-me á porta opposta. Mas ahi segundo salteador embarga-me a passagem. A mesma physionomia, as mesmas armas e o mesmo cumprimento : « Companheiro da meia noite ! » Quero correr para a janella, afim de bradar por soccorro. Da janella surge-me immediatamente terceiro malvado, que me aponta a arma : « Companheiro da meia noite ! » Sempre : « Companheiro da meia noite ! » Estava litteralmente encurralado... Só contra tres ? Pergunto-vos, senhores, o que podia eu fazer ?

— Morrer ! respondêrão os estudantes ; devias antes morrer do que faltar ao teu dever !

— Estais ouvindo, mestre Müller ? disse Arnold com solemnidade um pouco risonha.

— Era o meu intento, replicou o estalajadeiro ; sim, senhores, teria feito isto ! Já os punhaes descansavão sobre o meu peito e as pistolas sobre a minha fronte ; havião-me pedido as chaves da adega, e eu tinha respondido : « Não, não, cem vezes não ! » Mas chegou quarto salteador, que disse : « Não vale a pena matar este imbecil ; acabão de ser arrombadas as portas da adega ! » Então as pistolas e os punhaes deixárão de ameaçar-me ; fui solto, porém depois de me haverem fechado á chave. Não podia correr em defesa dos meus toneis.. nada valeria gritar por soccorro, pois que deserta se achava a cidade, e nem um estudante ahi havia.

— Devias saltar pela janella e ir prevenir-nos no campo de Maio, interrompeu o baixo profundo Hermann Kirschberg, a quem esse genero de attentado parecia particularmente affectar.

— Sim, sim, repetírão todos os estudantes, devias saltar pela janella !

— Lembrei-me de fazel-o, senhores... Tomo a Deus por testemunha de que teria essa coragem ! Dirigi-me para a janella.... Ah !

—DO—
RIO DE JANEIRO

em baixo havia uma duzia de baionetas extremamente ponteagudas... e uma duzia de cabeças de ladrões que rião-se de mim « Dissimulemos ! » disse com os meus botões, e encostei-me á janella como um burguez a tomar fresco. Comtudo, lia-se-me no semblante certa angustia, ao que parece, porque um dos companheiros da meia noite julgou dever tranquilisar-me : « Nada receies ! disse-me, deixamos-te a cerveja ; temos grande abundancia d'ella na Floresta Negra. Só pretendemos levar-te os vinhos e os licores ! » Ouvindo isto, exclamei desesperado : « Os vinhos e os licores dos Srs estudantes !.... não sabeis que são d'elles ? ... » « Conhecemos a sua fama e excellencia, e foi precisamente isso o que inspirou-nos o desejo de despejar na nossa a adega universitaria. » « Mas, senhores !... » « Ora bem... caluda !... Olha, se quizeres, mas cala-te... ou senão.... » Esse — *senão* — erão as maldictas baionetas que parecião ter vontade de chegar até á janella. O que quereis ?... Calei-me ! E podia fazer outra cousa mais, meus *seniores* ?... Se dissesse mais uma palavra, lá ia-se tambem a cerveja ! Olhei... Que espectaculo lamentavel ! todas as minhas pipas e quartolas veneraveis sahião tristemente uma á uma da adega e vião-se impellidas para o rio pelas mãos irreverentes dos salteadores, a quem um barco esperava... Depois sahírão os frascos de todas as fórmas e aquellas velhas garrafas que o tempo cobríra com um manto de musgo. Não deixárão uma sequer, senhores, uma só garrafa, um unico tonel.... nada absolutamente, nada do que continha vinho ou licores.... nem uma gotta, nada, em toda a extensão da palavra.

N'este ultimo monosyllabo a alma do pobre Müller pareceu espedaçar-se. Esse *nada*, esse ultimo *nada* tinha sido *lamentado* com um tal accento de desespero, que dôr nenhuma humana podia igualal-o, nem mesmo a de uma mãi a quem a morte acaba de roubar os filhos ; nem mesmo a de uma onça, á qual arrebatão a prole. Pobre mestre Müller ! Oh ! é que os toneis erão seus filhos ; é que as garrafas representavão a sua prole !

Os estudantes havião tambem partilhado essa dôr pungente, essa afflicção profunda.

Evidentemente tomavão ao serio a historia do pobre Müller, e Wilhem Arnold conhecia-o com certa satisfação, e empregava todos os recursos do seu espirito, por meio de algumas palavras soltas aqui e ali, para excitar mais ainda a indignação e o resentimento dos seus camaradas e vassallos.

Tornava-se sombria a atmosphera da hospedaria, e carregava-se de electricidade. Era facil de vêr que formava-se grande tempestade, que não tardaria a rebentar.

Entretanto, Müller proseguiu assim :

— O ultimo tonel sahiu, desappareceu aos meus olhos a ultima garrafa. Sómente então deixárão de ameaçar-me as doze baionetas, e forão em seguimento dos demais malvados, escoltando a rica presa que havião feito. Não hesitei mais, senhores. A porta ainda estava fechada, saltei pela janella. Corri, alcancei os salteadores, e apostro-

phei-os assim, com o risco de perder cem vezes a vida : « Senhores, bradei, esses vinhos, esses licores não me pertencem ; são propriedade particular, formão a herança sagrada dos estudantes ! »

— Muito bem ! exclamárão estes ; bravo, bravo, Müller !

— E o que respondêrão-te ? perguntou Wilhem, excitando com o seu olhar o estalajadeiro.

— Crel-o-heis, magestade ?... crel-o-heis, senhores ?... rirão-se de mim ! (*oh ! oh ! rumores diversos*). Respondêrão-me : « Pouco importa-nos que sejão ou deixem de ser propriedade dos estudantes ; beberemos á sua saude vinhos e licores ! (*Exclamações, sussurro, imprecações de toda a especie*). Apezar d'essa resposta imprudente, continuei ainda : « Companheiros da meia noite, bradei ; persistindo em vosso designio, insultais, arrostais, desafiais a universidade inteira. (*Applausos unanimes*). Tocar na adega dos estudantes é tocar-lhes na honra ! » (*Hourra ! bravo ! viva Müller !*) Emfim, senhores, disse-lhes taes cousas, que ainda hoje me horroriso, e custa-me conceber como me deixárão vivo. O que quereis ! tinha n'esse momento bastante intrepidez !.... representava a universidade !

E, convém dizer , quando assim fallava , mestre Müller tocava o sublime.

Em compensação, que de palmas, bravos e *hourras* em seu favor ! Mais uma palavra, e o levarião em triumpho !

Felizmente Wilhem acabou o enthusiasmo e restabeleceu o silencio.

— Cheguei mesmo a dirigir-me ao chefe, continuou o *boos*, e foi o chefe quem categoricamente respondeu . (*Ah ! ah ! ouçamos !*) Mas o que disse-me elle... na verdade, senhores .. Não sei se deva.... se me atreva...

Müller parecia hesitar, como sob a influencia de uma indignação profundamente sentida, de um terror extremo.

— Falla ! falla ! gritavão os estudantes : explica-te ! vamos !

O pobre diabo parecia querer, mas faltava-lhe o animo. Tinha perplexidades , reticencias , exclamações que excitavão nos estudantes tanta curiosidade quanta colera. E tudo isto com modos , com gestos, com uma naturalidade... Na verdade, esse Müller era um grande actor, porque , digamol-o sem rebuço , essa longa historia fôra escripta por Wilhem Arnold e decorada ligeiramente por mestre Müller..

Um olhar do seu cumplice desembaraçou-lhe emfim a lingua.

— E' esta a resposta, disse ; mas não me leveis a mal... sois vós que me obrigais a fallar ! (*Sim !*) Porque ordenais-me !.... (*Sim ! sim !*) Sois vós que o quereis ! (*Sim ! sim ! sim ! Vamos lá !*) Pois bem, eil-a ! O chefe respondeu-me : « Vai dizer aos estudantes que lhes mandaremos as garrafas e os toneis quando estiverem vasios ! (*Oh !... Rugido universal.*) Dize-lhes mais que, se as quizerem vir buscar na Floresta Negra, achar-nos-hão dispostos a recebel-os a bengaladas ou a tiros... como fôr do seu gosto ! » (*Trovão formado por todas as juras allemãs.*) E emfim termina d'este modo : « Os

companheiros da meia noite gostão da caçada de raposas e muito estimarião se tivessem para caça os estudantes de Heidelberg ! »

Não nos é possivel fazer a descripção. Nunca tempestade igual, nunca furacão como este agitára as ondas universitarias. Todas as espadas gemião na bainha, lampejavão todos os olhos, e os punhos brandião no ar almudes e cantaros quebrados ; as fauces estavão desmesuradamente abertas, como para engolirem os companheiros da meia noite e com elles a Floresta Negra, e trovejavão todas as vozes ao mesmo tempo esse brado formidavel, que fazia estremecer as vidraças e vacillar as luzes : « Vingança !... Vingança ! »

Era o momento esperado por Wilhem. Acabava de fazer emfim vibrar a corda sensivel dos estudantes. Tocavão na arca sancta da universidade ! Ella era aggredida no que tinha de mais caro... a sua adega e o seu orgulho.

Wilhem não deixou esfriar a occasião.

Saltando sobre a mesa de honra, dominou logo todas as vozes, concentrou em sua mão todas as coleras ; estava agora certo de conseguir o fim a que tendião seus exforços.

— Estudantes de Heidelberg ! exclamou, quereis uma vingança digna de vós... vingança que seja ao mesmo tempo a da patria... vingança que será no futuro uma das mais bellas paginas da sua historia ?... (*sim*, *sim*, *sim* !) Estudantes de Heidelberg, quereis aniquilar até ao ultimo os companheiros da meia noite ?... Quereis que se transformem em tumulos os toneis que vos roubárão ?... Quereis que a Allemanha inteira proclame e grave no bronze —que forão os estudantes de Heidelberg que a libertárão de semelhante flagello ?... (*Sim*, *sim*, *sim* !) Tenho os meios de dar-vos essa vingança sublime, amigos e irmãos !... Será a cruzada das escolas.... é a guerra sancta... Ouví !

Ao tumulto succedeu immediatamente o silencio, á tempestade a calma.

E Wilhem começou a explicar o seu projecto.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PU
— DO —
RIO DE JANEIRO

PHILOSOPHIA NATURAL.

DISTRIBUIÇÃO DAS AGUAS SOBRE O GLOBO TERRAQUEO.

Experiencias inteiramente exactas, e repetidas pelos physicos milhares de vezes, têm feito vêr que a fusão está sujeita ás duas seguintes leis :

1.ª *Todo o corpo entra em fusão n'uma temperatura determinada, invariavel para cada substancia, sendo a pressão constante.*

2.ª *Qualquer que seja a intensidade da fonte de calor, desde o*

momento em que principia a fusão, a temperatura cessa de elevar-se e fica constante até que se tenha completado a fusão.

Se tomarmos certa porção de gelo e encerrarmol-o em um vaso, por menor ou maior que seja a quantidade de calor que se fizer chegar a este gelo, em virtude da segunda lei a temperatura da parte que já se houver liquefeito não poderá passar do mesmo gráo em que se achava desde o principio da fusão, até que não reste absolutamente gelo no vaso. Esta lei é inteiramente geral, pois que os factos assim o têm mostrado, e os proprios physicos parecem assim entender, não fazendo observação alguma sobre isso. Segundo os principios de physica actuaes, o proprio gelo e a parte que se torna liquida irradião calor, mas a lei fica sendo verdadeira apezar d'isso. De sorte que são de notar tres cousas: 1.ª A segunda lei é verdadeira, qualquer que seja a quantidade de gelo considerada; 2.ª é ainda verdadeira por menos intensa que seja a fonte de calor; 3.ª ainda é verdadeira independentemente da irradiação.

Ora, a parte solida do nosso globo póde ser considerada como um grande vaso, no qual acha-se deposta a totalidade das aguas; o sol póde, deve ser e é considerado como uma fonte de calor que actua sempre sobre a terra; logo, em virtude da segunda lei da fusão, a temperatura das aguas do globo não poderá exceder a 0° emquanto existir gelo nos polos. Todavia, observa-se que as aguas do equador, ou melhor, as que ficão até certa latitude, têm uma temperatura muito superior a zero.

Creio que bem pouca importancia se tem dado na sciencia á explicação ou indagação da causa dos gelos polares, pois que ainda não encontrei, que me recorde, esta questão em livro algum; suponho, todavia, que os physicos explical-a-hião, baseando-se em que o raio terrestre sendo de 1,500 legoas, mais ou menos, e a intensidade do calor variando em razão inversa do quadrado das distancias, os polos receberáõ muito menos calor que o equador; e, além d'isso, attendendo á obliquidade dos raios, ainda será mais fraca a intensidade relativa do calor recebido. Se realmente esta é a explicação que daria um physico, direi que é insufficiente, pois que nas experiencias, que se fizerão sobre a fusão, o resultado é independente do calor recebido.

Não se póde admittir igualmente que, em virtude da irradiação, produza-se essa distribuição das aguas; pois que, imaginando que cessasse inteiramente a irradiação e a recepção do calor, e que as aguass e os gelos se achassem em um mesmo vaso de fórma prismatica, a quantidade de calor que existe na parte liquida seria sufficiente, senão para reduzir todo o volume a zero. ao menos para que ficasse gelada uma porção muito e muito inferior ao gelo existente no globo. Além d'isso já mostrámos que as leis da fusão são consideradas verdadeiras, independentemente da irradiação.

Já se vê, pois, que as leis da fusão não vão de accordo com as observações feitas quanto á distribuição das aguas sobre o globo, relativamente á sua temperatura; todavia, as leis da fusão são ver-

dadeiras e confirmadas pela experiencia e até pelo raciocinio; e tambem é verdade que nas regiões circumpolares existem grandes massas de gelo, legoas inteiras, e que em outros lugares as aguas têm uma temperatura muito elevada. Creio que a sciencia no estado actual, isto é, lançando mão unicamente dos principios admittidos anteriormente á publicação do meu *Ensaio*, será incapaz de conciliar estes factos.

Deixo ás pessoas instruidas o cuidado de conciliar esse desaccordo, e como não posso fazel-o pelas theorias antigas, procurarei apresentar o modo pelo qual me parece razoavel dar a explicação.

Admitti que a materia attrahe o calor em razão inversa do quadrado das distancias; admitti igualmente que cada molecula material tem um poder limitado de attracção.

Os geologos têm mostrado que a terra tem uma crosta envolvida por grande porção de gaz (atmosphera), e encerrando uma quantidade muito grande de calor (calor central). Os physicos e astronomos provárão que a terra é um ellipsoide, sendo o menor raio o que vai ter ao polo.

D'estes principios, que são verdadeiros, deduzirei a explicação do phenomeno; mas principiarei por não considerar as cousas logo no estado actual, e isto por maior simplicidade.

Admitta-se que a terra não esteja sujeita á acção de corpo algum extranho, e que ainda não contenha agua em nenhum dos tres estados: o leito dos mares acha-se inteiramente secco. Se deitassemos n'esse leito uma quantidade de agua igual á que existe, e distribuissemos do mesmo modo pelo qual se acha distribuida, estando toda esta agua a 0°, resultaria o seguinte: A materia ponderavel da agua attrahiria o calor central e todo o mais que houvesse no globo; mas, por hypothese, o raio do polo é menor que o do equador, e a distancia tem grande influencia sobre a intensidade de attracção. Logo, a materia, tendo um poder limitado de attracção para o calor, segue-se que, a partir dos polos para o equador, a materia vai tendo mais força livre para attrahir o calor da massa liquida; de sorte que o calor existente nas aguas circumpolares é attrahido pela materia das equatoriaes mais fortemente que o calor d'estas pela materia d'aquellas. D'ahi resultará necessariamente uma corrente de calor partindo dos polos para o equador, e essa acquisição terá lugar até que se estabeleça o equilibrio. Quando o equilibrio se houver estabelecido, a quantidade absoluta de calor existente entre as moleculas das aguas é menor que a da zona equatorial.

Eu suppuz que todo o liquido estivesse a zero; logo, actualmente ha gelo nos polos e elevação de temperatura para as aguas da zona situada entre dois parallelos, sendo a distancia entre elles uma funcção desconhecida da quantidade absoluta de calor e da de materia do globo, o que deve realmente acontecer, visto que as aguas estavão a zero a principio e que os polos perdêrão calor, transportando-se essa perda para o equador.

Temos por consegninte chegado a este enunciado geral: Havendo

grande quantidade de calor no interior de uma esphera ôca, não conductora, cuja parede tenha uma espessura dada, e na parte exterior uma porção de agua á zero, estando esta agua em equilibrio, e não havendo perda ou recepção de calor, a temperatura conserva-se; mas, se em vez de uma esphera tivermos um ellipsoide, o liquido mais proximo ao extremo do menor raio ficará gelado, e a temperatura do que circumda o parallelo de maior raio subirá.

Se o liquido não estivesse á zero, mas n'uma temperatura qualquer, concluir-se-hia sómente que a temperatura das calotes correspondentes aos extremos do menor diametro baixaria, e que elevar-se-hia a da zona, em cujo meio acha-se o equador.

A' vista d'esta exposição, vê-se que o achatamento da terra é a causa dos gelos polares, e reciprocamente que, se não existisse esse achatamento, desappareceria essa enorme quantidade de agua solida; as viagens de circumnavegação poder-se-hião fazer não só seguindo uma direcção parallela ao equador, como, além disso, sobre um meridiano.

D'este resultado deve tirar-se a seguinte consequencia: Se já se houver provado que um corpo celeste não é espherico, mas sim ellipsoidal, póde-se concluir que a temperatura do equador é superior á dos polos; e, se houver agua, naturalmente existe gelo n'esta ultima posição. Reciprocamente, provando-se que um corpo celeste tem maior temperatura sobre um certo circulo que nos polos d'esse mesmo circulo, poder-se-ha eoncluir que esse astro é achatado, correspondendo o maior raio ao circulo de maior temperatura.

A temperatura da parte liquida e da solida deve ser variavel, não só com a quantidade absoluta de materia ponderavel do globo considerado, como com a espessura da crosta, não só a espessura média, como, além d'isso, a dos diversos pontos; com a quantidade absoluta de calor, e com a differença existente entre o maior e o menor raio. Todas estas considerações, porém, não alterão a verdade da explicação.

Tractemos agora das circumstancias reaes do nosso globo. O calor que recebe (do sol) o equador é superior ao que recebem os pólos, e muito superior; mas este calor, sendo novamente attrahido pelo sol, volta a elle, deixando as cousas quasi que nas mesmas circumstancias. Todavia, a sua influencia é sufficiente para liquefazer até certo ponto a quantidade de gelo de um hemispherio, e seis mezes depois a do outro.

Julgo haver d'este modo conciliado os factos, apparentemente contradictorios. Com effeito, nas experiencias dos physicos, a quantidade de gelo é pequena, e por isso a fórma da superficie liquida, e a distancia dos seus differentes pontos ao centro da terra podem ser considerados como sem influencia alguma.

Para que o systema antigo continue a vigorar, é necessario que alguem se encarregue de dar por elle a explicação d'estes factos. Se fôr impossivel fazel-o, como parece-me, a sua inferioridade fica por mais uma vez manifesta.

M. VIEIRA FERREIRA.

BIOGRAPHIA DO GENERAL HOCHE.

Nasceu Lazaro Hoche no arrabalde Montreui (Versailles) em 1768. Filho de um pobre guarda da matilha de Luiz XV, alistou-se aos 20 annos nas guardas francezas, onde por seu bom comportamento chegou ao posto de sargento, grangeando a estima de seus chefes.

Tinha tal desejo de instruir-se, que, diz a historia, nas horas que o serviço militar o deixava livre, trabalhava pelo officio de alfaiate, afim de ter com que comprar livros.

No fraco posto de sargento sorprendeu-o a terrivel revolução de 1791, que veiu revelar o genio de mais um heróe.

Tão notavel foi sua bravura, tão extraordinarios os talentos desenvolvidos por elle nas batalhas de Valmy, Jemmapes, e Nerwinde, nas campanhas da Belgica e Hollanda, que mereceu ser nomeado commandante de Dunkerque e general em 1793, tendo passado por todos os postos subalternos e contando apenas 25 annos de idade!

Nomeado pouco depois commandante em chefe do exercito da Mosella, d'esse mesmo que foi testemunha de sua coragem e serviços, Hoche distingue-se, tomando as linhas de Wissenburgo apoderando-se de Germershein, Spyra e Worms; e obrigando o exercito austriaco a levantar o sitio de Landau e evacuar a Alsacia em Dezembro de 1793.

N'esta nomeação, tendo sido preferido a Pichegru, este general votou-lhe um odio mortal e, pela protecção que gozava de Robespierre, conseguiu que o intrepido vencedor de Wissembourg, fosse chamado a Pariz e lançado em uma prisão!

Ahi Hoche esperava resignado uma sorte igual á de Luckner, Custines, Beauharnais, Westermann, Dillon e tantos outros generaes illustres, guilhotinados por ordem da Convenção; mas foi salvo pelo famoso dia 9 thermidor (27 de Julho de 1794), em que a execução de Robespierre libertou da morte milhares de cidadãos.

A guerra da Vendéa, que tantas vidas custou á França, estava então no auge do seu furor, era uma guerra inteiramente excepcional, pelo caracter de seus habitantes e pela extrema mobilidade de seus exercitos.

« *O habitante da Vendéa*, diz Thiers, *era paisano e soldado ao*
« *mesmo tempo. No meio dos horrores da guerra civil, nunca deixou*
« *de cultivar seus campos e de cuidar de seus animaes. Sua arma*
« *estava a seu lado, occulta na terra sob a palha. Ao primeiro*
« *signal de seus chefes, elle corria, atacava os republicanos; depois*
« *desapparecia atravéz dos bosques, tornava a seus campos; oc-*
« *cultava novamente a arma; e os republicanos não encontravão*
« *senão um paisano inoffensivo, no qual elles não podião de modo*
« *nenhum reconhecer um soldado inimigo.* »

Para uma tal guerra, era preciso um general que juntasse á grande

bravura, muita habilidade e prudencia. Hoche mostrára sempre essas qualidades, assim todos os olhos voltárão-se para elle, como para o unico capaz de operar a pacificação d'essa parte da republica.

« *Hoche, habituado á grande guerra*, diz o mesmo auctor, *via-se* « *com desespero condemnado a uma guerra civil, sem generosidade,* « *sem combinações, sem gloria. Ao principio pediu a sua demissão,* « *mas resignou-se a servir a seu paiz em um emprego desagra-* « *davel e muito obscuro para seus talentos. Elle ia ser recom-* « *pensado por essa resignação, encontrando no mesmo theatro que* « *queria abandonar a occasião de desenvolver as qualidades de um* « *homem de estado, assimcomo as de um general.*

Chegando á Vendéa, seu primeiro cuidado foi organisar e disciplinar o exercito, e pôl-o em estado de operar activamente. Foi ahi que, combinando a severidade com a indulgencia, elle escreveu a um de seus officiaes que se queixava amargamente da embriaguez a que se davão alguns soldados, estas bellas palavras :

« *Ah ! meu amigo, se os soldados fossem philosophos, elles não* « *se baterião!... Entretanto castiguemos os bebados, se a embriaguez* « *os fizer faltar a seus deveres.* »

Hoche tractou de vêr se conseguia reduzir os Vendeanos por meios brandos ; e ao mesmo tempo que punha as tropas em um pé respeitavel, preparando-se para a lucta, procurava conciliar os rebeldes. Estes, desmoralisados pelos revezes que havião soffrido, inclinavão-se já para a paz, quando a noticia de que estava proxima a chegada dos emigrados realistas , que se lhe vinhão reunir. lhes deu nova coragem.

Porém Hoche velava tambem ; e quando se approximárão os realistas, tres corpos do exercito republicano os esperavão em diversas paragens.

Foi na pequena peninsula de Quiberon que teve lugar o choque dos dois exercitos. Os emigrados, tendo ahi dsembarcado em **21** de Julho de **1795** , apoderárão-se do forte Penthièvre ; mas Hoche, que sabia de seus movimentos, lança-se sobre elles, e depois de um vivo combate, onde se fazem prodigios de valor, o exercito realista é completamente aniquilado.

Esta expedição era conduzida em uma esquadra ingleza, commandada pelo almirante Waren. Uma segunda expedição devia seguir-se á esta e receberia em Jersey os emigrados. Ella apparece com effeito, diante de Ile-Dieu ; mas Hoche, então commandante em chefe do exercito do Oeste, dispõe as tropas de modo que impede o desembarque.

O directorio, querendo recompensal-o pelos seus trabalhos, o nomeia commandante em chefe do exercito das costas do oceano, que era a reunião dos tres exercitos de Cherbourg, de Brest e do Oeste. Este exercito era o maior da França, elevava-se a **100,000** homens, occupava muitas provincias e exigia um chefe que rennisse poderes militares e civis extraordinarios. Era o mais alto testemunho de confiança que se podia dar a um general, e Hoche o merecia. apezar de não contar mais de vinte e sete annos.

Os Vendeanos, depois da derrota de Quiberon, resolvêrão fazer um esforço decisivo, afim de se tirarem da triste posição em que se achavão. Foi então que Hoche poz em execução o seu methodo de guerra, que ha algum tempo projectava. Organisou columnas ligeiras que, por sua mobilidade, pudessem com vantagem perseguir os rebeldes.

Não tardárão estes a soffrer um grande revez; um dos seus mais valentes chefes, Nicoláo Stofflet, é feito prisioneiro em Angers e fuzilado em 26 de Fevereiro de 1796.

Esta noticia é festejada em Pariz com o maior jubilo, pois n'ella vião todos o preludio da pacificação da Vendéa. Mas, apezar de seus grandes serviços, de sua constante dedicação, Hoche não era poupado pelos maldizentes, que costumão fazer das virtudes crimes, para accusarem suas victimas. Os realistas o chamavão de *scelerado*; os patriotas o atormentavão com calumnias; os refugiados da Vendéa o accusavão e denunciavão ao directorio; os administradores das cidades, que elle punha em estado de sitio, reclamavão contra o estabelecimento do systema militar. Emfim erão tantas as queixas e censuras, que o general, sendo dotado de um caracter muito irritavel, pediu por muitas vezes a sua demissão; o que o directorio recusava, consolando-o com novas provas de confiança.

Um novo golpe para os Vendeanos firmou a pacificação d'essa parte da republica. O indomavel Charette, o mais intrepido chefe dos Vendeanos, é feito prisioneiro e fuzilado em 29 de Março, mostrando a mais heroica coragem.

Depois de sua morte, Hoche, nada mais tendo a fazer na Vendéa, passa com 20,000 homens á Bretanha e submette os *chouans*. Assim tem lugar a completa pacificação do Oeste da França.

Vindo a Pariz, chamado pelo directorio, fizerão correr o boato que elle ia partir para a Italia, afim de deter o heróe de Arcole e de Montenotte, no meio do seu exercito triumphante. Hoche escreve por este motivo uma carta em extremo honrosa para os dois bravos guerreiros.

O directorio reservava ainda para Hoche uma grande prova de confiança. A Inglaterra era, de todos os inimigos da França, aquelle que mais se devia temer; o directorio formou o projecto de feril-a no coração. Nomeou o general Hoche commandante em chefe de um exercito, que devia operar um desembarque na costa da Irlanda.

Esta nomeação realizava o sonho dourado do bravo general, que via os grandes theatros da guerra occupados por seus companheiros. Bonaparte immortalisava-se na Italia; Jourdan conduzia á victoria o exercito do Rheno; Moreau cobria-se de gloria no da Mosella.

Bonaparte fundava uma republica juncto da altiva nobreza italiana; Hoche, affagava a ideia de elevar uma igual ao lado da velha aristocracia ingleza.

A expedição sahiu de Brest a 16 de Dezembro e dirigia-se á bahia de Bantry. Compunha-se de 15 náos, 20 fragatas, 6 corvetas e 50 transportes com 22,000 homens e era commandada pelo almirante Morard de Galles. Mas, levando tantas esperanças, esta es-

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBL
RIO DE JANEIRO

quadra não devia ser bem succedida. Tendo conseguido evitar os cruzeiros inglezes, foi na noite de 26 acommettida por uma violenta tempestade que a dispersou. Chegando a Bantry em uma fragata, Hoche soube ahi a volta da esquadra para a França, e regressou atravez dos maiores perigos e por um verdadeiro milagre da Providencia.

Em remuneração de seus trabalhos, o directorio destinava-lhe o commando de um grande exercito; uma occasião favoravel offereceu-se logo com a demissão de Jourdan, e Hoche foi nomeado commandante em chefe do exercito de Sambre-et-Meuse, em Fevereiro de 1797.

Elle ardia de impaciencia de illustrar-se combatendo contra os inimigos de sua patria. Tomando posse do seu commando, passa o Rheno á frente de um bello exercito de 80,000 homens, em Neuwied; ganha em 18 de Abril a batalha de Neuwied, e pouco depois as de Uckerath, Attenckirchen e Heidersdof, na qual faz 5,000 prisioneiros, e meditava um brilhante feito de armas, a tomada de Wetzlaer, quando os preliminares da paz de Leoben o vierão deter no meio de sua marcha.

Pela terceira vez vê o intrepido general sua bella carreira cortada por um acontecimento imprevisto. Vencedor em Wissembourg e quando ia obter o resultado de suas victorias, é preso e lançado em um carcere; solto, para ir consumir-se na guerra civil da Vendéa, ahi ganhou o glorioso titulo de pacificador, e quando ia pôr em practica o seu projecto favorito, a expedição da Irlanda, um horrivel temporal se lhe oppõe; commandante do exercito do Sambre-et-Meuse, depois dos primeiros triumphos, vê sua marcha interrompida pelos preliminares de Leoben, quando ia junctar mais um florão á sua corôa de gloria!

Chamado a Pariz, é nomeado ministro da guerra, cargo que não acceita por não ter 30 annos, idade exigida pela lei. Mas o directorio, para dar-lhe mais um signal de apreço em que tinha suas virtudes, reuniu os dois grandes exercitos do Rheno e Sambre-et-Meuse, sob o nome de exercito da Allemanha, e conferiu-lhe o commando.

Assim, pela sengunda vez, vê-se elle á frente do mais respeitavel exercito da republica franceza!

Agora contava elle recuperar o que havia perdido com a paz de Leoben, mas a fortuna julgou que elle se devia contentar com os louros adquiridos, e que o pacificador da Vendéa e da Bretanha, o vencedor dos exercitos austriacos e prussianos, nenhuma gloria mais tinha a ganhar.

Um mal desconhecido dos medicos consumia esta bella existencia e assustava sua joven esposa e seus numerosos amigos. Desde algum tempo, era atormentado por uma tosse secca e convulsões nervosas, e apezar dos reiterados pedidos de sua esposa, não abandonava seus trabalhos.

— « *Dai-me um remedio para a fadiga*, dizia elle a seu medico, « *mas que esse remedio não seja o descanço.* »

Vencido, porém, pela molestia, não obstante o seu vigor e robustez, cahiu de cama no dia 16 de Setembro.

O dia seguinte, 17 de Setembro de 1797, foi um dia calamitoso para a republica franceza. O general Hoche, a mais bella e preciosa vida da revolução, o idolo do exercito francez, fechou o circulo de seus dias, no XXIX anno de sua idade!

Suspeitou-se que Hoche fôra envenenado; e pela autopsia a que se procedeu, achárão-se todos os indicios de envenenamento. Uns dizião que tinha sido por ordem do directorio, suspeita absurda, pois Hoche era a sua mais forte columna; outros julgavão que o veneno fôra propinado em um jantar que elle dera, para congraçar os partidos; outros, finalmente, que os symptomas datavão desde que commandára o exercito do Oeste.

Suas exequias forão uma das mais ricas e brilhantes ceremonias dos tempos gloriosos da França! O directorio, que em sua vida deu as mais elevadas provas de consideração em que o tinha, mandou fazer-lhe um funeral magnifico, no campo de Marte. Todas as tropas de Pariz e seus arrabaldes o acompanhárão á ultima morada.

Os rostos cicatrizados dos velhos guerreiros, que nunca tinhão descorado diante da metralha inimiga, estavão cheios de lagrimas ao fazerem a derradeira continencia ao seu joven general. Todos choravão enternecidos, ao verem um ancião respeitavel, curvado pelos annos e pela dôr, trajando rigoroso luto e acompanhando a pé o cortejo funebre. Era o velho criado de Luiz XV, o pai do joven heróe.

Hoche, por sua extraordinaria bravura, por seus notaveis talentos como general e como diplomata, por sua energia, desinteresse e independencia de caracter, é digno de occupar um lugar distincto na lista dos grandes generaes da França.

Quão digna de inveja é sua vida! Brilhantes victorias; a pacificação de duas provincias; a ideia geralmente adoptada, de que era elle o unico capaz de deter o vencedor de Marengo e Austerlitz em seus gigantescos planos de occupar o throno; a adoração cega de todo o exercito francez; a admiração e o respeito dos exercitos inimigos; finalmente 29 annos de glorias e triumphos merecidos; eis de que se compõe sua memoria!

Não o lastimemos de ter deixado a vida muito joven. Quem sabe?!... Talvez que a memoria de Hoche, Kliber, Joubert, Marceau e Desaix não fosse tão invejada e tão gloriosa, se elles chegassem a ser marechaes de França!

Assim morrêrão como cidadãos livres e independentes, abençoados pela sua patria e chorados pelo seu povo; ao passo que Moreau, Grouchy, Bernadotte e Murat, quasi no fim de sua vida, escurecem para sempre a gloria de que se havião coberto em sua mocidade, e fazem esquecer seus anteriores serviços!...

Mas é necessaria a morte de uns para a elevação de outros. Sem a morte prematura de Hoche, Napoleão seria sempre o bravo general da republica franceza, o vencedor de Wagram e das Pyramides,

447
1 Outubro1861

o heroe da Italia e do Egypto, o terror da Austria, da Russia e da Inglaterra, mas, talvez nunca, o imperador dos Francezes!

Uma estatua de bronze erigida na cidade de Versailles attesta a saudade e o reconhecimento de seus compatriotas. Em Wissenthurm ou Weiss Thurm, proximo ao campo de batalha de Neuwied, existe tambem um monumento simples, com a inscripção

« *O exercito de Sambre-et-Meuse, ao seu general em chefe.* »

A. F.

O CONDE DE CAVOUR.

Ao lêr o titulo do artigo, que agora começamos, ao contemplar a imagem serena e imponente, que hoje illustra as paginas da *Revista Popular*, o coração generoso abala-se e confrange-se dolorosamente. Ainda vive na memoria a impressão triste que sentímos quando soou aos nossos ouvidos a noticia da morte do conde de Cavour. Os politicos, os especuladores, os homens positivos, que vivem áquem do Atlantico e para os quaes pouca ou nenhuma importancia têm a maior parte das questões politicas da Europa, talvez não sentissem ou não comprehendessem essa impressão. Mas os sonhadores, os utopistas, todos os que sympathisão com as ideias generosas e estimão as grandes dedicações, sentírão-se feridos em um membro de sua familia. Ha com effeito um parentesco de espirito, uma affinidade mysteriosa, que, atravez do espaço e do tempo, liga entre si as diversas existencias. A demonstração d'esta these fôra talvez longa em demasia e mal cabida n'este escripto rapido; deixemol-a traçada apenas como a manifestação de um sentimento.

Por sympathia ou por simples curiosidade, o nome do conde de Cavour desperta geral interesse. Depois de tel-o visto no auge do poder, da força, em todo o brilho de libertador das nacionalidades opprimidas, aquelles dos leitores brasileiros, que ha bem pouco ouvírão pela primeira vez soar esse nome, querem saber quem foi o homem que o tornou para sempre celebre. Contal-o em breves linhas é o que nos cumpre.

I.

Um dia as nações fortes se juntárão.

Era azado o momento.

O Alcides do seculo, o lidador de mil batalhas, succumbíra á tarefa sobrehumana, ou antes, preenchêra a missão providencial. Estava quebrado o encanto e destruidas as bases sophisticas das monarchias por direito divino; os povos sabião que só n'elles residia a soberania. Os principes, porém, nada havião aprendido; essa dolorosa experiencia — seu orgulho abatido, sua força aniquilada, seus

diplomas rotos, — nada lhes havia ensinado ; despertárão quando tombou o gigante, e julgárão-se livres de um horrivel pesadelo.

Na mortalha, sob a qual ainda palpitava o corpo do guerreiro, traçárão linhas caprichosas, dictárão leis de oppressão e descançárão satisfeitos de sua obra.

Estava combinado o equilibrio europeu !

Illudião-se ! —Como o mundo physico depois de um grande cataclysma, a sociedade repousava das convulsões que a havião abalado desde os alicerces : reinava a tranquillidade, a inercia na superficie ; mas lá no fundo fervião em constante combustão as forças vitaes, germens eternos de renovação social, a liberdade e o progresso, que demorão ás vezes, mas nunca interrompem totalmente a sua marcha.

Por longos annos o silencio dominou ; não era, porém, a lugubre mudez dos cemiterios ; era a immobilidade do trabalhador fatigado, que no repouso cobra novas forças. No emtanto, novas industrias, maior illustração, crescentes interesses ião filtrando a pouco e pouco atravez das rochas sobre que assentavão seus thronos os principes absolutos.

Ao sul da Europa estende-se entre dois mares uma vasta região que parece querer fugir ao continente, onde a oppressão reinava. Ahi, a natureza, não podendo conter em seu seio a seiva abundante, expande-se violentamente e respira pelas crateras inflammadas. Ahi, os campos são formosos jardins, que espontaneos crescem e florescem : os mares espelhão o azul do céo e têm a tranquillidade dos lagos ; as brisas correm de um a outro extremo da peninsula, espalhando por toda a extensão os perfumes colhidos. Ahi, conforme com a configuração geographica, são iguaes os sentimentos, são os mesmos os costumes, é uma só a linguagem doce, é commum a tradição de glorias.

Quem jámais descançou os olhos sobre um mappa, figurando a peninsula italica, que não sentisse o desejo de apagar essas linhas tortuosas que a retalhavão ? Quem não sonhou a unidade italiana ?

Sonhárão-a todos os grandes espiritos, desde as eras mais afastadas : sonhou-a o magestoso cantor da *Divina comedia* ; sonhou-a o coração patriotico de Machiavel ; sonhárão-a, talvez, os papas Julio II e Gregorio VII ; sonhou-a Napoleão, cuja espada victoriosa da casa da Austria pôde por um momento realizal-a ; sonhárão-a em nossos tempos Gioberti, Rossi, Mazzini, Balbo, Alfieri, d'Azeglio e Cavour !

Era com effeito um sonho ! Um austriaco celebre havia dito que —*Italia não era mais do que uma expressão geographica* ! Quem ousaria appellar da sentença proferida por juiz tão competente ?

Houve no emtanto quem appellasse ! E não só na Italia, não só na Europa, mas no Brasil um dos nossos mais distinctos publicistas escrevia estas palavras propheticas :

« A liberdade não está ali perdida ; os povos apparelhão-se com recrescido impeto ; e o dia se apropinqua em que esse bello nome de Italia, que por tão dilatadas eras exprimiu entre os homens a

gloria das armas, o genio civilisador, o brilho das lettras, a magnificencia das artes, deixará de ser o simples resumo de uma grande historia morta para tornar-se o symbolo de um povo vivo, independente e livre! »

Esse eloquente protesto á ironia austriaca era tambem repetido em alta voz no Piemonte. Carlos Alberto, o rei cavalleiro, consagrára quinze annos á organisação do exercito piemontez, que se apresentava amestrado e impaciente; os escriptos de Gioberti, de Balbo, de d'Azeglio acordavão o patriotismo italiano, fazião reverdecer as esperanças da patria commum; e a voz do pontifice romano, proclamando reformas, soava aos ouvidos dos patriotas, como o annuncio da aurora da regeneração!

A Italia palpitava anciosa com os olhos fitos no Piemonte; a Austria, tomada de receios, multiplicava as vexações da Lombardia. A pressão é tão forte que Milão se insurge; Carlos Alberto declara a guerra á casa d'Austria; estala em França a mina revolucionaria; das margens do Mincio á extrema da Sicilia a Italia se levanta, como se todos os seus volcões houvessem feito erupção, e um brado ingente saúda a liberdade.

A's victorias brilhantes e rapidas seguírão-se os revezes: Carlos Alberto abdica para salvar os milanezes; a reacção levanta suas muralhas de bronze. Mas a ideia da emancipação e da unidade italiana não morrêra; abrigára-se em Turim, no coração de um homem —o conde de Cavour— que jurára tirar estrondosa desforra das derrotas de Custoza e de Novara.

II.

O conde Camillo Benzo de Cavour, descendente de uma das mais antigas e distinctas familias do Piemonte, nasceu em Turim a 10 de Agosto de 1810. Era seu pai o marquez Miguel José de Cavour e sua mãi a genoveza Adelaide Suzanna Sellon, que entre seus antepassados contava S. Francisco de Salles.

Matriculando-se muito joven na academia militar, d'ella sahiu aos 18 annos de idade com o posto de tenente de engenheiros. Seu espirito independente mal se curvava ás exigencias da disciplina militar e ainda menos ás etiquetas palacianas. Bem moço, Cavour deixou a côrte de Carlos Felix, onde tinha um lugar de pagem. Em 1831, achando-se em Genova, onde inspeccionava diversas obras de fortificação, pronunciou-se abertamente em favor dos principios liberaes, que então agitavão a França. Recebendo ordem para servir na guarnição do forte de Bard, como recompensa d'essa manifestação imprudente, o conde pediu baixa do serviço.

Dotado de brilhantes qualidades naturaes, possuidor de uma instrucção variada, o conde de Cavour applicou-se ao estudo das sciencias economicas e do mecanismo dos governos entre os povos mais adiantados. Deixando a Italia, viajou por algum tempo, demorando-se principalmente em França e na Inglaterra; ali viu elle a força

animadora e fecundante dos principios liberaes, aqui a liberdade pratica, desenvolvendo-se aquelles e esta sob o regimen constitucional. Observador profundo e infatigavel, nada escapava ás suas investigações dictadas pelo amor da patria italiana ; reunia assim uma grande somma de experiencia, de conhecimentos practicos, que mais tarde terião applicação.

Em França e na Suissa escreveu para algumas *Revistas* varios artigos cheios de interesse, que tornárão o seu nome conhecido e estimado. D'entre esses artigos os seus biographos apontão os seguintes, como dignos de maior attenção : *As ideias communistas e os meios de combater o seu desenvolvimento ; O estado actual e o futuro da Irlanda ; Os caminhos de ferro na Italia ; Influencia que a nova politica commercial ingleza deve exercer no mundo economico e particularmente na Italia ; Inutilidade do estabelecimento das quintas-modelo no Piemonte*, etc.

Segundo o Sr. Petrucelli della Gattina. o estylo de Cavour é, em geral, arido, entrecortado, despido de ornatos, mas animado por uma logica inflexivel ; não lisongêa nem tão pouco diverte, mas obriga a reflectir. « Conhece-se pela leitura d'esses escriptos que o conde de Cavour não queria perder seu tempo vestindo e enfeitando um manequim, mas que procurava um homem. »

No emtanto a Italia ia a pouco e pouco acordando do torpor. Por toda a parte fundavão-se associações agricolas, economicas, que bem depressa, apezar de todas as precauções, se transformavão em sociedades politicas.

E o que ha de admiravel ahi, o que demonstra evidentemente a marcha irresistivel dos povos na conquista da liberdade politica, é que os primeiros organisadores d'essas associações não tiverão em vista senão o estudo da economia politica a que então se applicavão todos os espiritos illustrados. Os escriptos de Adam Smith, vulgarisados em França por J. B. Say, os trabalhos de Sismondi, de Blanqui, de Rossi, e de tantos outros, forão a fonte das novas ideias. O estudo da riqueza das nações despertou as nações.

O conde de Cavour comprehendeu que era chegado o momento de entrar em acção. Regressando ao Piemonte em 1842, fundou uma associação agricola, que teve o destino das outras que assim começavão. A imprensa, livre de pêas, esperava os tribunos. Cavour começou a publicação de um periodico intitulado *Il Risorgimento* (*a Resurreição*), do qual erão collaboradores Cesar Balbo, Galvagno e Sancta Rosa.

Havia pouco que Balbo publicára o seu livro *As esperanças da Italia*. *Il Risorgimento* tractou de desenvolver e vulgarisar, com uma logica cerrada e uma audacia admiravel, os principios d'esse livro, advogando com ardor as ideias de independencia italiana, de liga dos principes, de federação dos estados, de reformas internas e de progresso nas instituições.

Pouco tempo depois Cavour promoveu a assignatura de uma petição que foi dirigida ao rei de Napoles, e em que se lhe supplicava

a concessão de algumas reformas e a inauguração de uma politica de *perdão*, de *civilização* e de *caridade christã*. Assevera Carlos de la Varenne que o desprezo d'este pedido foi devido unicamente aos conselhos e exforços da Austria, que via abalada a sua supremacia na Italia.

Por occasião de chegar a Turim uma deputação de genovezes, que vinha pedir a Carlos Alberto a expulsão dos jesuitas e a instituição da guarda civica, os jornalistas da capital, reunidos sob a presidencia do marquez d'Azeglio, accordavão no modo de apoiar essa supplica, quando o conde de Cavour exclamou: « De que nos serve pedir estas reformas, cujo unico resultado será agitar a nação inutilmente e diminuir a força moral do governo? O paiz não póde ser regido como até hoje; precisamos de novas bases de governo, mais conformes com o espirito da epocha, com o progresso; peçamos desde já uma constituição! »

Vivamente apoiado por Brofferio, mas combatido pela maioria, Cavour não recuou. A petição, redigida no sentido das ideias que elle apresentára e em termos muito respeitosos, foi levada á presença do rei, e a 4 de Março de 1848 Carlos Alberto proclamava o estabelecimento do systema representativo na monarchia sarda.

O conde de Cavour apparecia na scena politica. « Nada lhe faltava para ser um completo estadista, diz Ferrari. Intelligencia viva, palavra facil, conhecimento dos homens mais illustres da Europa, a tenacidade indispensavel para o bom resultado, practica das formulas inglezas, solidos estudos financeiros, valor, bello nome e immensa fortuna. »

Depois de contribuir poderosamente por meio do seu jornal para a declaração da guerra á Austria, Cavour apresentou-se candidato á deputação por Turim. Não foi eleito; o partido aristocratico temia esse poderoso adversario, que tomára a seu cargo fazer triumphar a causa liberal; os exaltados, por outro lado, desconfiavão da sua grande prudencia. Bem depressa, porém, fez-se-lhe justiça. Tendo-se dado uma vaga na deputação de Turim, a maioria de seus concidadãos offereceu-lhe uma cadeira no parlamento.

Ahi o conde não mudou de systema. Tomando lugar no centro direito, resistiu com igual força ás pretenções da direita e ás exigencias exageradas da extrema esquerda; combateu o projecto de fusão das provincias veneto-lombardas, a revisão da constituição, pedida pelos milanezes, e, com a mesma energia, os planos antiliberaes do ministro da fazenda, Revel.

Sabendo da derrota de Custoza, alistou-se como voluntario, mas o armisticio de Milão impediu a sua partida.

O marquez de Alfieri estava então á frente de um gabinete moderado, que era violentamente combatido pelos exaltados. Cavour, regressando á camara, apoiou o ministerio, luctou com Gioberti, chefe democratico, e declarou guerra de exterminio a Mazzini e seus sectarios, cujas loucuras ameaçavão arrastar o paiz á anarchia e consumião as forças da Italia em estereis agitações. N'essa lucta o conde perdeu toda a sua popularidade e não foi eleito em 1849.

Triumphava a politica extrema. Gioberti, chamado ao ministerio, conheceu bem depressa que não podia conter os exaltados ; retirou-se e foi substituido pelo gabinete Ratazzi, que viu-se impellido a declarar de novo a guerra á Austria.

Cavour sustentou até certo ponto estes dois ministerios, —fracos, mas unicos diques, como governo, que ainda se oppunhão aos impetos do exaltamento.

O desastre de Novara veiu justificar o conde e restituir-lhe toda a popularidade, accrescida com o respeito devido ao estadista que havia previsto esse resultado e tudo arriscára, tudo compromettêra, debalde, para salvar a causa da independencia italiana.

A reacção dominava por toda a parte ; em Roma, em Napoles, na Sicilia, nos ducados. As esperanças da Italia parecião murchar ainda em flor. Os heroicos paladinos de sua liberdade cahião desanimados, vencidos ; Carlos Alberto, o martyr, ia morrer na cidade do Porto ; Gioberti, em Pariz ; Balbo, em Turim.

A influencia reaccionaria estender-se-hia até Turim, se não fossem os exforços de Cavour. O marquez d'Azeglio, chefe do gabinete, de que tambem fazia parte Sancta Rosa, encontrava apoio no novo parlamento. Rattazi , chefe da esquerda , oppunha-se energicamente á influencia que a direita ia ganhando, quando Cavour passou para o centro direito. Ahi advogou as ideias de progresso moderado, de reformas justas e indispensaveis ; como outr'ora, sua influencia continha os dois extremos da camara. A experiencia ensinára a respeital-o, e de dia em dia seu nome ganhava mais illustração e mais sympathias.

Sancta Rosa falleceu então, e d'Azeglio, conhecendo o valor do conde, offereceu-lhe a pasta vaga do commercio e agricultura. Conta-se que na occasião em que o nome de Cavour foi apresentado ao rei, Victor Manoel sorriu-se e disse ao marquez d'Azeglio : « Bem, acceito ; mas ficai certo de que esse homem ha de passar adiante de todos nós. »

A predicção verificou-se. Em 1851 Cavour passava para a pasta da fazenda ; pouco depois o ministerio dissolvia-se pela retirada do Sr. Galangue, desgostoso com o apoio que o conde dera a Ratazzi, candidato liberal á presidencia da camara ; Cavour partia para o congresso de Bruxellas, e pela primeira vez encontrava-se com o imperador Napoleão III.

Regressando a Turim, o conde tomou conta da presidencia do conselho de ministros, e d'ahi em diante esteve, quasi sem interrupção, á frente do governo sardo , reunindo em suas mãos , por mais de uma vez, duas e tres pastas, como aconteceu principalmente em 1857, por occasião da retirada de Ratazzi : então o conde de Cavour foi ao mesmo tempo ministro dos negocios estrangeiros, do interior, da instrucção publica e presidente do conselho

Era chegado o momento em que a grande ideia incubada desde longos seculos tinha de assomar á luz do mundo. O pensamento constante do conde de Cavour era a unidade da Italia. Quando, po-

rém, esse genio politico lançava os olhos para esse paiz, onde tantos interesses, fortemente protegidos, uma dominação tão longa, instituições tão diversas erão obstaculos insuperaveis á realização de tal pensamento, não sentia-se tomado de vertigem, não comprehendia que essa empresa admiravel ficava além das forças do homem?

D'este momento em diante, a biographia do conde de Cavour confunde-se com a historia da Italia contemporanea; foi elle o protogonista do magestoso drama que se está passando aos nossos olhos.

Releve-se que em algumas linhas resumamos imperfeitamente os factos de nossos dias, que hão de encher de assombro as gerações futuras.

Rompêra a guerra do Oriente; dois mundos, impellidos fatalmente, ião despedaçar-se na extrema da Europa; a humanidade anciosa estremecia em face do cataclysma. Os exercitos da França, as armadas da Inglaterra pezavão sobre a terra e sobre o mar. Quem ousaria envolver-se n'essa lucta de gigantes? O conde de Cavour o ousou.

Um contingente sardo acampou na Criméa, ao lado das tropas francezas, e no dia da victoria o estandarte, em que se ostentava a cruz da casa de Saboya, tremulou ao lado das aguias francezas, e do leopardo britannico. O Piemonte comprára com o valor de seus filhos o direito de entrar no congresso de Pariz, e de em face das nações advogar a causa da patria italiana.

A causa era bella, nobre, sancta; o advogado acabava de provar que era um genio.

Napoleão III e a Europa ouvírão; comprehendêrão que esse homem, que queria levantar do seu tumulo secular o cadaver da formosa Italia, era o instrumento de uma missão providencial.

Emquanto no exterior cimentava a alliança com a França, pelo casamento da princeza Clotilde, no interior, Cavour adoptava os principios liberaes do centro esquerdo, emprehendia importantes reformas nas finanças do estado, abria o mercado do Piemonte aos productos estrangeiros, desenvolvia a instrucção publica, animava todos os passos, que o paiz tentava na senda do progresso.

O anno de 1859 começou entre os rumores de guerra. Provocado directamente pela Austria, o conde de Cavour appellou para a sua vizinha e alliada, e os exercitos sardo e francez fizerão recuar além do Tessino as formidaveis forças austriacas. A convenção de Villafranca foi o prenuncio da emancipação da Italia.

Bem o sabia o habil estadista; elle via despontar no céo italiano a aurora da regeneração da patria, conhecia que o sonho de sua vida ia tornar-se uma realidade. Esse resultado momentoso valia de certo um grande sacrificio; o conde assignou o tractado de cessão de Nice e da Saboya á França; mas immediatamente a annexação da Italia central veiu consolar os patriotas italianos d'essa dolorosa perda; a Lombardia, os ducados e as legações reunidas ás possessões do Piemonte formavão já um reino de doze milhões de habitantes; mas ainda não erão a Italia.

Se o nosso encargo não se limitasse a esboçar em ligeiros traços

a biographia do eminente ministro de Victor Manoel, seria agora a occasião de nos curvarmos diante de um vulto magestoso, do guerreiro invencivel, que veiu reproduzir, em pleno seculo XIX, os feitos admiraveis, impossiveis, dos tempos heroicos da Grecia. Garibaldi apparece na scena italiana como na esphera celeste o astro rodeado de resplendor, que por onde passa deixa um rastro de fogo, a cujos reflexos as estrellas empallidecem, e que muitas vezes affronta a luz do sol.

A pessima administração napolitana revolucionára a Sicilia; para abafar os clamores, commettem-se em Messina horriveis atrocidades, o povo siciliano pede um libertador, Garibaldi desembarca em Marsala.

Como outr'ora a lava ardente saltando do seio inflammado do Vesuvio se arrojou medonha pela terra, destruindo o que encontrava em sua marcha, arrazando cidades e estendendo por toda a parte a inundação de fogo, o genio das batalhas, correndo de combate em combate, de victoria em victoria, destroçando os exercitos, abalando as fortalezas, só pára ás portas do palacio de Napoles, que Francisco II acabava de deixar.

Qual foi a influencia do conde de Cavour na empresa de Garibaldi, mais tarde a historia dirá minuciosamente. Ninguem, porém, duvida de que foi com sciencia, consentimento e auxilio do ministro que os voluntarios se organisárão, e partírão para as costas da Sicilia; e quando ás margens do Volturno a demora se prolongava em face de Capua, o exercito piemontez veiu, enviado por Cavour, unir seus exforços ao impeto dos valentes de Garibaldi.

Estava consummada a obra de seculos!

O conde de Cavour pôde, em face do mundo assombrado de tantos prodigios, proclamar o reino de Italia.

Que immenso jubilo não encheu então a alma do grande patriota italiano!

Chegára a noite; o operario da liberdade podia descançar.

Na manhã de 6 de Junho de 1861, a Europa, dolorosamente sorprendida, contemplava em silencio a imagem de uma mulher envolta em funereo crepe e ajoelhada ao lado de um cadaver. No rosto, bello ainda, d'essa mãi desolada, vião-se os traços do soffrimento de seculos, menor, no emtanto, que o desespero d'esse momento.

— A Italia chorava a morte do conde de Cavour.

III.

A Europa, que lhe admirava o genio, a Italia, que elle fizera livre, Victor Manoel a quem elle legava um imperio, acompanhárão o seu funeral, tributando-lhe as homenagens devidas aos maiores da terra.

Terminaremos este artigo com alguns traços do caracter do illustre cidadão, conforme o pintão os seus biographos.

Como estadista, Cavour estava na mesma altura que lord Pal-

merston e Napoleão III. Tinha largas concepções e era obstinado até á realização d'ellas.

Comprehendia que a liberdade era o grande elemento do progresso e nunca renegou seus principios. Muitas vezes, porém, sacrificava tudo, sympathias, amigos, popularidade, para salvar uma ideia. « A flexibilidade do seu espirito é admiravel, diz P. della Gattina; elle adivinha tudo; raramente se engana, não quanto á verdade, mas quanto ao resultado de uma empresa. Reune a solidez do calculo do temperamento inglez ao genio politico, sem escrupulos, sem idealismo e muitas vezes sem generosidade de caracter italiano. E' o meio termo entre Robert Peel e Machiavel; ha n'elle alguma cousa de bysantino, a astucia, a logica cerrada, o resultado sempre positivo, ainda mesmo no paradoxo. Lêde suas notas diplomaticas; é impossivel ter razão e mesmo deixar de têl-a com argumentos mais solidos, mais urgentes, e cuja eloquencia nos deixão sem resposta; ficamos deslumbrados e muitas vezes convencidos. »

Cavour não era orador, não primava pela fórma graciosa e pura; fallava com facilidade e tinha o grande merito de simplificar as questões mais intrincadas; exprimia-se com clareza, fallando ás vezes muito, sem que ninguem podesse jámais penetrar o pensamento que elle queria occultar, e outras vezes respondendo a longos discursos com um epigramma, que matava o adversario.

Era modesto, amavel e despido inteiramente de affectação e impostura; no parlamento conversava com amigos e adversarios, ria-se com todos, lia os jornaes, parecia sempre distrahido da discussão, mas não perdia palavra do que dizião seus contrarios.

Sabia dar á sua grande riqueza o melhor emprego possivel; seus colonos e rendeiros proclamavão a sua generosidade.

Era infatigavel no trabalho; tomava a seu cargo as pastas mais difficeis do ministerio; durante a campanha da Italia dirigiu os negocios da repartição da guerra.

Morrendo, o conde de Cavour ainda serviu á Italia. Sua ultima palavra foi: — *Roma*.

E' ahi, esperemos, que se ha de levantar o throno constitucional do rei da Italia, baseado no unico principio em que as monarchias se podem conservar firmes: — a soberania do povo.

S. F.

RIO DAS VELHAS.

(SABARA', CURVELLO, SANCTA LUZIA E CAETHE').

A comarca do Rio das Velhas é de primeira entrancia e tem um só juiz de direito criminal; comprehende quatro termos, os de Sabará, Sancta Luzia, Caethé e Curvello.

O termo de Sabará compõe-se das seguintes freguezias: cidade de Sabará, Lapa, Sancta Quiteria, Raposos, Congonhas do Sabará, Sancto Antonio do Rio-acima, Curral d'El-Rei, Capella Nova do Betim, Contagem e Bicas.

Cabeça da comarca, o Sabará é uma cidade magnifica, e passa com razão por ser uma das principaes da rica e illustrada Minas-Geraes, que se ufana de primar com S. João d'El-Rei, a linda que se enamora nas aguas do seu susurroso *Agua-limpa*; com Paracatú, a sertaneja; com Diamantina, a opulenta cidade mineira que repousa o seu corpo nas enfeitiçadas aguas de S. Francisco. Sabará é uma cidade magnifica! O seu municipio é bom e rico. Tentemos historiar o passado de tão soberba população.

Se existe um paiz, que possa não carecer do resto do mundo, será certamente a provincia de Minas-Geraes. E' o dito de um viajante sabio, e que foi mais tarde reproduzido pelo auctor da *Descripção Historica do Brasil*. E' opinião compartida por Saint-Hilaire, que somente accrescenta: « Para isso, falta-lhe apenas população. » Esta vasta provincia tem quasi a configuração de um quadrado, jazendo entre 13 e 23° 27' de latitude Sul, e 328 a 336° de longitude. Houve já quem demonstrasse que só Minas-Geraes é maior em população que cinco ou seis provincias do norte, é maior que todas estas reunidas: Pará, Maranhão, Ceará, Piauhy, Parahyba e Rio Grande do Norte. A sua superficie é de 33,400 legoas.

Forão estas extensas e abençoadas regiões descobertas em 1573 por Sebastião Fernandes Tourinho. Constituírão capitania á parte em 1721, e teve como seu primeiro capitão general D. Lourenço de Almeida. D. João III, pouco depois da descoberta do Brasil, resolveu dividil-o em 12 capitanias, sendo depois subdivididas em 20 provincias, havendo em 1823 uma alteração que as reduziu a 19.

Foi em 1695 que apresentárão ao rei portuguez D. Pedro II as primeiras apurações de ouro mineiro, e elle fez incontinenti nomear-se um provedor do quinto. O quinto real chegou em 1753 a cento e tantas arrobas de ouro. Existem innumeros escriptos sobre as minas de ouro d'esta provincia, e, comquanto rarissimos, conseguimos haver, entre outros, a *Memoria da Academia de Lisboa* e o *Diario das Viagens* do sabio Drumond, em muito auxiliado pelo immortal José Bonifacio de Andrada. Ha, além d'esses livros, um que F. Diniz cita, e que pudemos lêr; é a interessante obra de W. Jacob denominada *Consumo dos metaes preciosos*. Relativamente a diamantes e outras pedras preciosas de que abunda Minas-Geraes, nos primeiros tempos foi tamanha a sua quantidade que de umas e outras fazião-se os tentos do voltarete. Arzão Rodrigues foi o primeiro que achou ouro, e Bernardo Lobo o que ensinou aos mineiros o valor d'essas pedras preciosas e que descobriu depois tão prodigioso numero nas terras do Serro-Frio. A esse respeito póde-se lêr com proveito o livro inglez de R. Southey sobre o Brasil. De 1735 foi que se considerou propriedade da corôa os diamantes encontrados, e

eis severas no sentido de fazer effectivo esse direito forão promulgadas por Sebastião José de Carvalho.

D'entre os sitios mais diamantinos, passou com razão por ser o mais rico o *Jequitinhonha* e as *gupiaras* adjacentes. John Mawe, viajante inglez, publicou em 1812 um excellente livro sobre essa materia. Abundão por terras de Minas as minas de ferro, cuja exploração, na phrase de um notavel escriptor, só por si fará entrar o Brasil na ordem das grandes nações. E quem não conhece a quantidade maravilhosa de esmeraldas e saphiras que levão em suas aguas o *Itamarandimba* e o *Itamijú*?

A provincia de Minas-Geraes é talvez a mais opulenta porção do territorio brasileiro em todos os tres reinos da natureza. Fixamos tão somente este ponto, sem incumbirmo-nos de percorrer nenhum d'elles, tarefa já vantajosamente levada á execução pelo celebre dinamarquez Pedro Claussen, em suas *Notas Geologicas*.

E' n'estas abençoadas terras dos *Inconfidentes* que se avista o *Jardim do Brasil*, torrão encantado que maravilha o europeu: *Campos-Geraes* ostentão uma vegetação robusta e esplendida em suas tantas e enfloradas arvores, em suas mil plantas de aromadas flores e suavissimos fructos. E' quasi em seu centro que estancêa a notavel comarca do Rio das Velhas; é ahi que; estendendo-se pelas virentes margens do velho *Guacuhy*, eleva-se o municipio de Sabará, outr'ora o mais populoso e rico da provincia. Foi em 1698 que os paulistas, esses velhos *irmãos da costa*, na phrase dos historiadores de sua primeira idade, tendo se assenhoreado com as suas *bandeiras* de muitas terras —*Xeres*, *Ciudad Real*, *Guayra* e das missões jesuiticas, depois de haverem levado as suas excursões até ás profundas solidões de Goyaz, chegárão ás margens do Rio das Velhas, o velho rio indio, que recebeu aquella denominação por haverem encontrado no excavado concavo de uma gigantesca e annosa gameleira, presa á ribanceira do rio, tres velhas carijós esquecidas pelos seus na emigração para as mattas. Começárão a fundar, por esse anno, na confluencia d'esse rio e o *Sabará-buçú*, a povoação d'este nome. Manoel de Borba Gato, um dos mais altivos e valentes *bandeirantes* d'aquellas eras, foi o fundador de Sabará. Em 1701 foi elevada á categoria de parochia; em 1711, tendo-se augmentado e crescido em população, foi elevada á villa pelo governador Antonio Albuquerque Coelho de Carvalho, e por ultimo, em 1838, foi elevada á categoria de cidade pela assembléa provincial. Tinha então o Sabará 8,458 almas, e compunha-se das seguintes freguezias: Matozinhos, Sete Lagôas, Lagôa Sancta, Curral d'El-Rei, Sancta Quiteria e Matheus-Leme, encerrando todo o municipio 42,228 almas. Hoje d'essas freguezias só lhe restão o Curral d'El-Rei e Sancta Quiteria, como já o dissemos. O *Diccionario Topographico do Brasil* tem mil inexactidões e erros relativos principalmente ao Sabará. No correr d'este escripto talvez tenhamos ensejo de assignar os principaes.

O que se póde dizer das parochias de N. S. da Bôa Viagem, do Curral d'El-Rei, de S. Gonçalo da Contagem, de N. S. da Lapa do

Sabará, de N. S. do Carmo do Betim, de N. S. do Pilar de Congonhas, de N. S. da Conceição de Raposos e das outras que fazem o municipio de Sabará? A sua historia, com pequena alteração, encerra-se nas datas de suas creações; assim, collocando esses dados chronologicos, ficamos em que lhes temos feito a historia.

A parochia de N. S. da Bôa Viagem do Curral d'El-Rei foi creada pela ordem regia de 1750; a de Contagem pela lei provincial de 29 de Abril de 1854; a de N. S. da Lapa pela lei provincial n. 725 de 16 de Maio de 1855; a do Betim pela lei provincial de 23 de Abril de 1851; a de Congonhas pela carta regia de 1752; a de Raposos pelo alvará de 16 de Fevereiro de 1724; a de Sancto Antonio do Rio-acima pela ordem regia de 1752.

E' juiz de direito da comarca o Dr. Elias Pinto de Carvalho, nomeado por decreto de 6 de Outubro de 1856, e juiz municipal e de orphãos o Dr. Francisco Leite Costa Belem, nomeado a 28 de Abril de 1856. O promotor publico era, não ha muito, o Sr. Daniel de Araujo Valle. No termo de Sabará ha um escrivão de orphãos, dois tabelliães e o escrivão do jury; tem um contador e distribuidor e um partidor. Nota-se que não constão na secretaria da presidencia as leis que tenhão creado os officios de contador, distribuidor e partidor, segundo declara o Sr. barão de Muritiba em seu relatorio de 1859.

Existem a respeito da comarca do Rio das Velhas dois importantes escriptos até agora ineditos, e que não pudemos vêr, por mais que fizessemos; são do illustrado mineiro Silva Pontes, e do conego Rocha Franco.

Deixando a cidade do Sabará, quasi tres legoas além, avista-se a grande companhia ingleza de mineração.— *Morro Velho* é já uma povoação notavel; semelhantes ás brancas velas de um navio, suas casas alvejão dependuradas pela montanha e fórmão um quadro magnifico. Dir-se-hia uma grande aldêa da Suissa atirada por sobre o sólo brasileiro. A construcção das casas inglezas fórma um perfeito contraste com a das nossas altas, e que affrontão a vista: são de ordinario pequenas, terreas e todas lindissimas, enramando-lhes as vidraças ororosas plantas, a *trepadeira* e mil flôres d'essas, que se enroscão nas arvores das nossas selvas.

No dia 16 de Julho de 1860, visitei o novo director ou superintendente da companhia o Sr. N. Gordon, e pude vêr todo o estabelecimento. Perto da casa do Sr. Gordon, que é geralmente conhecida pelo nome de *casa grande*, está a casa da lavagem sob a direcção do Sr. F. Symons; é ahi que amalgama-se todo o ouro da companhia, apurando-se todos os dias de oitocentas a mil oitavas; o processo seguido na amalgamação é por meio do azougue e é feito em trinta horas. Visitamos depois as forjas, os engenhos, o paiol e a caçamba, sob a direcção do Sr. Robert Holl. A mina tem de profundidade obliqua mais de duzentas braças, e de todas as pedras que sahem são as melhores, as mais auriferas, a *arsennickl pyrites* e *iron pyrites*. Visitamos ainda a cozinha, juncto da qual está a banheira aonde lavão-se os negros; o armazem aonde está depositado tudo o

que é necessario á companhia; a fabrica de *estopins* dirigida pelo Sr. Thomaz Hotte. Nas minas gastão-se por dia quarenta estopins de 26 palmos cada um; oito barris de azeite, e 50 duzias de velas. Ha, além do que temos mencionado, a serraria, as tendas, o moinho, etc., grandes officinas da companhia; o escriptorio, a casa das conferencias, o gabinete de leitura e o hospital.

Demorei-me no *Morro Velho* tres dias, e posso descrevel-o com a seguinte folha da minha carteira.— « *Morro Velho*, 16 de Julho de 1861.— Superintendente Gordon; familia e costumes inglezes.— *Lunch*.— Passeio a cavallo; jantar; serão; pintura e musica. *God save the Queen*.— Hymno nacional brasileiro.— *Fayri Gardens*.— *Anderson* e *Béranger*.— A hospitalidade. » No dia em que tinha de retirar-me, traduzi os seguintes versos inglezes, se bem me lembro, da preciosa collecção intitulada *Irish Diamonds*.

Ye bid me forget thee.— Oh! could I forget
The day I first saw thee. The hour we first met
Nae longer my wan cheek withtears sad be wet
But I cannot forget thee--I cannot, forgel.

I cannot forget thee to me ye have been
As the bonniest flower where the fairest are seen
Like the sun light that glims on a unmurmuring stream
Thrilled through have thrilled through my soul in a dream.

Escrevi-os e deixei-os; hoje nem já me lembro da minha traducção, porém nunca me hei de deslembrar da boa hospitalidade que tive, juncto á boa familia ingleza.

Se a historia prova que o destino politico dos estados depende muitas vezes de sua configuração geographica, ainda lhe é mais facil, diz o Sr. Dutot, provar que a topographia dos paizes influe sobre seu estado economico, e sobre o desenvolvimento de seus progressos sociaes. Lançado por Deus no ponto do globo em que se estreita a passagem das forças de expansão ou de attracção, que se movem entre os pólos, o Brasil parece fadado, na phrase do Sr. Pontho, para favorecer o movimento commercial do universo, e contribuir para grandes designios da Providencia.

Outr'ora o portuguez, explorando as nossas matas, enriquecia-se com o *ibirapitanga*; depois as montanhas abrírão-lhe os seus seios de ouro e os rios brasileiros mostrárão-lhe, através da onda pura de sua corrente, thesouros que o deslumbrárão — Um dia a colonia fez-se um imperio; o brasileiro se fez livre e o homem cidadão; as tendas do mineiro transformárão-se em cidades, e o Brasil escreveu o seu nome de Nação no mappa dos povos livres do universo. O mundo contou mais um soldado em suas legiões, e a liberdade um combatente. No meio de suas irmãs, Minas-Geraes tem o seu lugar de honra conquistado pelos martyres da *Inconfidencia*, os predecessores dos cavalleiros do Ypiranga; em Minas, a comarca do Rio das Velhas

ergue-se como um abençoado torrão, e a terra do *bandeirante* paulista, como a fulgida esmeralda do brilhante anel brasileiro.

Sabará, 9 de Setembro de 1860.

J. M. Vaz Pinto Coelho.

MISCELLANEA CURIOSA.

— Qual o remedio para empregar-se contra um veneno vegetal?

Primeiro que tudo provocar o vomito; depois administrar de meia em meia hora uma porção de vinagre misturado em duas vezes seu volume d'agua. Se o enfermo continúa immerso em profunda somnolencia, deve-se-lhe deitar agua fria no rosto, peito e costas. E' tambem muito util uma chicara de café bastante carregado.

— Quaes os productos vegetaes que são venenosos?

O alcool, o opio, o laudano, etc.

Marés.

— O que chamão marés?

A elevação e abaixamento periodico ou quotidiano da agua dos mares. O oceano sobe e baixa duas vezes por dia; chama-se maré o intervalo entre a elevação e o abaixamento. Por espaço de seis horas sobe a maré; a isto chama-se *fluxo*, e quando tem chegado ao mais alto nivel, diz-se *maré cheia*. Desce ao depois, e chama-se então *refluxo*; e quando tem chegado ao ponto mais baixo, diz-se *maré vasia*. De dia em dia, enche a maré quarenta e nove minutos mais tarde que na vespera.

— Qual é a causa do levantamento das aguas do oceano ou das marés?

A attracção do sol e da lua. Quando um astro, que attrahe, passa por sobre o oceano, exerce a força attractiva sôbre as aguas que lhe estão mais proximas que a terra, e soleva-as. Havendo-as solevado, arrasta-as após si, dando origem ás marés.

— O astro que attrahe soleva ao mesmo tempo as aguas que lhe estão mais proximas, e tambem as mais remotas, isto é, as que se achão nos antipodas?

Sim, as aguas collocadas nos antipodas, sendo menos attrahidas que a terra, conservão-se retardadas, relativamente ao corpo que as attrahe; ora, para ellas o ficar retardadas, é estarem mais distantes do centro da terra ou serem solevadas. O phenomeno da maré se dá, portanto, ao mesmo tempo, nas duas extremidades do diametro terrestre.

— Qual das duas acções é mais poderosa, a do sol ou a da lua?

A acção da lua, pois que a pequenhez de seu volume é compensada extraordinariamente por sua distancia diminuta da terra.

— Porque são maiores as marés na epocha da lua cheia, ou opposição, e na da lua nova ou conjuncção?

Porque então actua a attracção do sol e a da lua ao mesmo tempo sobre as aguas do mar para soleval-as. De facto, quando os dois astros se achão em conjuncção ou opposição, isto é, collocados sobre a mesma recta, ou, pouco mais ou menos tendem a dar á massa das aguas do oceano a fórma de um ellipsoide allongado no mesmo sentido da recta que une-os ; unem-se então suas forças , e produzem um ellipsoide mais allongado, uma maré mais alta ; bem que na opposição ou lua cheia pareção obrar em sentido inverso.

—

— Porque são mais baixas as marés na epocha das quadraturas da lua?

Porque a acção do sol contraría então a acção da lua. Se tende a lua a dar á massa das aguas a fórma de um ellipsoide allongado no sentido vertical, situado o sol a 90 gráos, tende a dar-lhe uma fórma allongada no sentido horizontal ; a primeira fórma dominará ; obedeceráõ as aguas á acção da lua, mas será o ellipsoide menos allongo e menos altas as marés.

— E' tão simples o phenomeno das marés como acabamos de dizel-o?

Não ; complica-se por uma quantidade de circumstancias perturbadoras. As maiores marés não apparecem senão dia e meio depois da passagem da lua nova ou cheia pelo meridiano ; não cobre o mar toda a superficie da terra ; as declinações do sol e da lua são umas vezes grandes, outras pequenas, ora austraes, ora boreaes ; e, por consequencia, uniformisão-se ou contrarião-se mais ou menos suas acções ; as aguas do mar, continuamente em movimento, são animadas de um gráo de presteza, adquirida em uma certa direcção ; quando vem a mudar o sentido da acção, tomão os diversos mares fórmas e extensões differentes, que se communicão entre si por correntes ou estreitos mais ou menos largos ; a acção dos ventos póde exercer uma influencia notavel sobre o fluxo e refluxo em cada ponto das costas maritimas, etc., etc.

POETAS MORIBUNDOS.

—

O canto do cysne.—Gregorio de Mattos.—Luiz Paulino.—Ferreira Barreto.—Alvares de Azevedo.—Lisboa Serra.—Burnier.

*
* *

A litteratura brasileira, que apenas começa, já conta, como as velhas litteraturas de além mar, poetas cujos soffrimentos despertão gratas sympathias.

A lyra de nossos poetas, fiel á sua missão, muitas vezes além da campa, dedilhada pela dextra que a morte sorprende, paralyza, amortece e mirra para sempre.

E' o echo, que ainda dura, de uma voz que já se extinguiu.

Inspirados do Senhor, cheios do fogo divino, que lhes fulgura na mente, elles se consomem, como meteoros brilhantes, que nadão no espaço por alguns instantes, e descem depois ao tumulo com os labios ungidos pela poesia.

A antiguidade ouvia no gemido surdo e prolongado do cysne, que morria, um canto melodioso ; d'ahi originou-se chamarem-se de cysnes aos poetas, os verdadeiros poetas, os quaes devem exhalar a alma no meio de suas harmonias.

Na bellissima poesia do Sr. D. J. G. de Magalhães, que tem por titulo *O canto do cysne*, traçou o illustre poeta fluminense sobre a allegoria da bella palmipede a derradeira phrase do poeta, que tem o presentimento de seu proximo fim e que em cada canto, que solta, pensa entoar seu hymno de morte :

« O cysne que deslisa á flôr do lago,
Formando per'las co'o bater das asas,
Mudo a garganta alonga,
E só da morte a voz n'ella resôa ;
Como uma frauta que do tronco pende,
Por amoroso voto,
Pelo vento agitada,
Embalança, e suave melodia
Exhala do seu tubo :
Assim a voz do cysne se desata
Pela morte inspirado,
Assim se ella harmonisa
Para doce entoar o hymno extremo.

« .....

« Eu canto como o cysne, sem que saiba
Se é meu ultimo canto ;
Como o arbusto que brota mortaes flôres,
Minha alma se dilata e aromas verte ;
Como a luz, que fallece e se afoguêa,
Em sacro amor meu coração se inflamma ;
Como o rio, que manso se deslisa,
Como o ligeiro zephyro que adeja,
Se devolvem meus dias;
Como vagas do mar, um após outro,
E não sei qual será o derradeiro. »

Ouçamos o canto dos nossos cysnes.

*
* *

O primeiro de nossos poetas, que murmurou os seus versos sobre o leito onde o retinha a enfermidade e donde o arrastava a morte para o sepulchro, foi o nosso jogral e satyrico Gregorio de Mattos. Aquelle que sempre cantava rindo-se , ridiculisando os erros e as maculas inherentes á pobre humanidade, satyrisando os desregramentos de um clero, que se tornára immoral, e a corrupção dos costumes, achava agora no meio das lagrimas um cantico para manifestar o seu arrependimento pelos desvios em que cahíra.

Já elle agonisava quando dom frei Francisco de Lima lhe veiu prestar os ultimos soccorros da religião , e salvar , dizia elle , essa ovelha que se apartára do verdadeiro aprisco ; mas felizmente a ovelha fiel a suas tradicções achava-se já recolhida á sua antiga morada. Pouco depois aquella alma, que víra sempre a humanidade pelo seu lado vulneravel, desprendia-se da materia e ia entoar novos cantos, harmonias mais puras, no côro dos anjos celestes.

Sobre a mesa junta do leito, leu o venerando sacerdote estes versos escriptos pelo poeta ; as letras, tortuosamente traçadas, mostravão que o havião sido por uma mão tremula e enervada pela morte.

« Pequei, Senhor ; mas não porque hei peccado
De vossa alta piedade me despido ;
Antes quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

1 Outubro 1861

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
449
DO
RIO DE JANEIRO

« Se basta a vos irar tanto peccado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido;
Que a mesma culpa, que vos ha offendido,
Vos tem para o perdão lisongeado.

« Se uma ovelha perdida, já cobrada,
Gloria tal e prazer tão repentino
Vos deu, como affirmais na sacra historia;

« Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada;
Cobrai-a, e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa gloria. »

Antes d'esse soneto, tinha Gregorio de Mattos composto o seguinte, que não lhe é inferior :

« Meu Deus, que estás pendente em um madeiro,
Em cuja fé protesto de viver;
Em cuja sancta lei hei de morrer
Amoroso, constante, firme e inteiro;

« N'este transe, por ser o derradeiro,
Pois veiu a minha vida anoitecer,
E', meu Jesus, a hora de se vêr
A brandura de um pai, manso cordeiro.

« Mui grande é o vosso amor e o meu delicto;
Porém póde ter fim todo o peccar,
Mas não o vosso amor, que é infinito.

« Esta razão me obriga a confiar
Que por mais que pequei, n'este conflicto
Espero em vosso amor de me salvar. »

*
* *

Luiz Paulino expirou sobre as ondas do mar, entoando os seus ultimos versos, como o cysne entôa o seu funebre canto sobre as aguas do Eurotes. O immenso oceano escutou o gemido harmonioso do grande poeta, que se finára torturado pela dôr e saudade, longe da patria, dos amigos e, o que é mais, de seus parentes, esposa e filhos... Vendo approximar-se a hora suprema, em que o seu cadaver ia ser legado aos corvos marinhos, mandou n'estes versos, cheios de harmonia e tristeza, um adeus aos entes que lhe erão tão caros ; e expirou com os labios ungidos pela poesia sublime da religião, do amor e da saudade.

São bellos os seus versos :

« Eis já dos mausoléos silencio horrendo
Me impede o respirar, a voz me esfria;
Eis chega a noite eterna, eis morre o dia,
E ao nada a natureza vai descendo.

« No da aniquilação passo tremendo
Escudo-me da sã philosophia ;
Terror humilde os ossos não me enfia.
Como Catão morreu, eu vou morrendo.

« Mas ah ! tu d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel, com o soffrimento
Me arremessas a mares de anciedade!

« Mulher, filhos, amigos, no momento....
No momento do adeus p'ra eternidade
Vós sois o meu cuidado, o meu tormento. »

* * *

O digno sacerdote de Jesus Christo, o illustre Francisco Ferreira Barreto, não foi menos poeta, durante a sua vida como nos seus ultimos momentos. Brilhou na tribuna sagrada e abrilhantou a tribuna legislativa nas sessões da assembléa constituinte. Era dotado de uma eloquencia vigorosa ; sua bella e sympathica presença, sua voz clara e sonora, seu estylo fluente, florido, poetico, sua mimica expressiva attrahião-lhe a attenção do auditorio, tornavão-no digno credor de bem merecidos elogios, e lhe conquistárão o cognome de Massilon pernambucano.

Foi escriptor distincto ; ensaiou-se em todos os generos. A flamma sagrada da poesia, illuminava-lhe a mente, accendia o enthusiasmo de seu genio e arrojava-o além da esphera das cousas humanas. « Elle, diz um de seus biographicos, não olvidou um só momento as doçuras da musa que lhe fallava á alma e sorria-lhe ao ouvido, fascinava-lhe a intelligencia e fazia de gosto palpitar-lhe o coração. Sua imaginação ardente, a riqueza de suas imagens, a elegancia de suas phrases, afianção a subida reputação do eximio poeta brasileiro. Os lindos poemas—a creação do primeiro homem, e da primeira mulher,—o hymno da Conceição, do nascimento do Messias— as paraphrases de alguns psalmos de David, honrão por sem duvida o seu auctor e lhe ornão a frente de immarcessiveis louros (*). »

Arremessado por grave enfermidade ao leito da morte, seu estro accendeu-se para lançar sobre a sua existencia, que se extinguia, o ultimo clarão. A' sua cabeceira, pendente da cruz, mostrava-se a imagem do divino Redemptor, e o padre Barreto improvisou o seguinte soneto, sublime e pungente, e que revela o espirito religioso que animava a sua alma :

« Ancias, frio, suor, a vista errante,
Convulso o coração em sede ardente,
Gottas de sangue tepidas correndo
Pelo divino, pallido semblante :

(*) Padre L. do Monte Carmello Luna, *Memoria historica e biographica do clero pernambucano*, pag. 136.

« Espinhos na cabeça agonisante,
Cravos nos pés, nas mãos, —supplicio horrendo!
Terno pai, que espectaculo tremendo!
Quem póde resistir, meu doce amante?

« Tudo quer contra o mundo me revolte;
Vossos olhos estão a procurar-me,
A lança, a cruz me diz que os vicios solte.

« As mãos erguidas buscão abraçar-me,
A cabeça inclinada diz que eu volte,
A bocca meio aberta quer chamar-me. »

Recebendo depois o sancto viatico, improvisou ainda outro soneto mais sublime pela grandeza e mysterio de seu assumpto; então em sua imaginação luzia a flamma do beneficio, que acabava de receber do Eterno.

Escutemos o poeta moribundo:

« Graça, Alimento, Luz, Hostia celeste,
Sacrificio de amor, Victima augusta,
Offerenda, Iris de paz, Oblação justa,
Tudo, ó Pai, na Eucharistia Tu nos déste.

« Existes entre nós, do céo vieste,
E's um... E's mil... Mysterio que me assusta!
Treme do mundo, ó machina robusta,
Cede, ó céo, ao poder que te reveste.

« De amor meu coração estala e geme,
Mas quando assim me humilho, assim discorro,
O impio não Te quer, nem crê, nem teme!

« Senhor! Estás ahi! E's meu soccorro!
Grite o perverso, o incredulo blaspheme;
Eu te vejo, eu me curvo, eu creio, eu morro!»

*
* *

Prostrado sobre o leito materno em que nascêra, o infeliz Alvares de Azevedo finava-se ainda joven como Charteton, como Malfilatre, como Manoel Mathias, como Bento Luiz Vianna, como Bernardim Ribeiro, como Dutra e Mello, como tantos outros. Vendo a morte approximar-se, achou ainda na sua lyra sons doces e melancolicos, accordos harmoniosos que lhe suavisassem os ultimos momentos da vida, prestes a apagar-se como um astro que se perde no espaço. Ah! que tormento se lhe mesclára a esse gozo! A mãi e a irmã, que elle amava extremosamente, o apertavão nos braços, soluçando e deixando cahir sobre o seu corpo, lagrimas ardentes que o queimavão! O desditoso mancebo persentia na aurora do porvir a gloria que deveria coroal-o como poeta; o coração batia-lhe de amor e de esperança ante essa pompa da natureza que então acordava n'alva da manhã com seu

céo azul, com seu sol dourado, e, novo Gilbert, a saudava pela ultima vez :

« Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãi de saudades morreria,
Se eu morresse amanhã.

« Quanta gloria presinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdêra, chorando, essas corôas,
Se eu morrêra amanhã.

« Que sol! Que céo azul! Que doce n'alma
Acorda a natureza tão louçã!
Não me batêra tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

« Mas essa dôr da vida que devora,
A ancia de gloria, o dolorido afan,
A dôr no peito emmudecêra ao menos,
Se eu morresse amanhã! »

*
* *

Como um echo, Lisboa Serra respondeu a tão sentidas e maviosas estancias. que talvez lhe acordassem n'alma o presentimento de seu prematuro fim ; pagava d'esta sorte o tributo devido ao merito despertado pela sympathia do talento, que, sequer, fulgurára e para logo sumíra-se entre os raios da gloria, deixando apenas o traço brilhante de sua rapida passagem :

« Se me fosse, mancebo, dado ao menos
A' tua doce mãi, á triste irmã
Os prantos mitigar, eu morreria
Sem pezar amanhã.

« Essa gloria brilhante, esse futuro,
Que te sorria na feliz manhã,
Convertêra em laureis, em dulias c'rôas,
E morrêra amanhã.

« O sol, o céo azul, essa que n'alma
Natureza tu vias tão louçã,
Não me roubára nem um ai do peito,
Se eu morresse amanhã.

« Mas essa dôr que a vida me devora,
A pungente saudade, amargo afan,
Não sentira cruel, poupára ao menos,
E morrêra amanhã. »

Ah! mal sabia Lisboa Serra que elle não era mais do que um cysne que ensaiava n'aquella resposta o seu cantico de despedida! Pouco depois, (*) como Alvares de Azevedo, compunha tambem no leito da morte os seus versos, legando-nos uma lembrança indelevel no grito do moribundo, que elle traduzia n'estas bellas estrophes, cheias de harmonia e repassadas de dôr e de tristeza :

« Morrer tão moço ainda! quando apenas
Começava a pagar á patria amada
Um escasso tributo, que devia
A seus doces extremos!

« Morrer, tendo no peito tanta vida,
Tanta ideia na mente, tanto sonho,
Tanto afan de servil-a, caminhando
Ao futuro com ella!...

(*) Em 1855. Eis a carta por elle escripta, datada de Andarahy e dirigida a um de seus amigos :

« Bem quizera terminar, mandando-lhe alguma flôr mimosa, colhida como por encanto no meio das vastas e monotonas campinas d'este meu prosaico retiro. Mas apenas deparo com os ramos funebres do cypreste.

. . . . . .

« Leia, pois, no meio das esperanças que lhe sorriem, esses tristes versos do desengano, e receba no grito do moribundo uma lembrança indelevel do amigo.

« E' a minha oração da manhã. »

« Se ao menos de meus filhos eu podesse,
Educados por mim, legar-lhe o exforço...
Mas ah! que os deixo, tenras florezinhas,
A' mercê dos tufões.

« Venceráõ das paixões o insano embate?
Succumbiráõ na lucta do egoismo?
As crenças, a virtude, o sentimento
Quem lhes ha de inspirar?

« Não te peço, meu Deus, mesquinhos gozos
D'este mundo illusorio; mas supplico,
Tempo de vida, quanto baste apenas
Para educar meus filhos.

« E' curto o prazo; dai-me embora o fel
Dos soffrimentos; sorverei contente;
Lucida a mente, macerai-me as carnes,
Estortegai meu corpo.

« E após tranquillo volverei ao seio
Da eternidade. A fimbria do teu manto,
Face em terra, beijando,—o meu destino
Ouvirei de teus labios. »

*
* *

Como um relampago passou o joven A. J. N. Burnier por este valle de lagrimas.

Cedo brilhou-lhe a chamma da poesia illuminando-lhe a mente; cedo tambem para elle começárão os desgostos d'esta vida, e cedo sumiu-se para todo o sempre, entre os mysterios da eternidade.

Estudava na faculdade de direito do Recife, quando cruel enfermidade veiu interromper-lhe os estudos; regressou á terra natal, mas o clima do Rio de Janeiro se lhe tornára pernicioso; buscou, pois, a provincia de Minas-Geraes, onde ares mais doces e benignos lhe podião attenuar os soffrimentos.

Contava apenas 17 para 18 annos; era de estatura menos que mediana, e de compleixão fraca, mas de andar seguro. As graças infantis ainda se lhe debuxavão nas feições cheias de candura, que parecião ainda roçadas pelos beijos maternaes; a luz da intelligencia lhe fulgia nos olhos grandes e rasgados; os cabellos castanhos, bastos e ondeados lhe ensombravão a testa espaçosa e nobre.

Vê-se pela seguinte poesia, que compuzera sobre o esplendido céo da Veneza brasileira, que já então havião-se-lhe desvanecido todas as illusões d'esta vida. (*) Aos seus olhos abria-se a campa; aos seus ou-

---

(*) São tambem d'elle os seguintes versos, que denominou *Mudança*, dirigidos em 5 de Outubro de 1859 ao seu amigo o Sr. Faustino Xavier de Novaes:

« Eu tinha uma alma que sentia outr'ora
Futuro, crenças, esperança e vida:
Isso era d'antes, porque esta alma agora
Só sente as dôres da illusão perdida.

« Sim, que o futuro como crêr que existe
N'um desditoso que não tem riqueza,
N'um homem nobre que á oppressão resiste,
N'um peito ignaro de qualquer villeza?

vidos soava a hora fatal, e elle encaminhava-se para o sepulchro com a descrença n'alma, e o canto das illusões e do scepticismo nos labios ;

« Já tive sonhos, donzella,
E que sonhar tão ardente
Era então o sonhar meu !
Porém o sonho querido
No despertar aborrido
Para sempre esvaeceu.

« Já tive crenças no peito,
Gelou-m'as o desalento,
Varreu-m'as frio tufão,
E para sempre, coitada,
Minha crença abandonada
Fugiu-me do coração.

« Já tive amor ás mulheres;
Sumiu-se, porém, o amor
Na amarga desillusão;
Portanto já vês, donzella,
Que se embaçou minha estrella
A's lufadas do tufão.

« Tambem já tive esperanças
Que me embalavão a vida
Em um tão doce embalar ;
Porém como murcha a rosa,
Minha esperança formosa
Triste se foi a murchar.

« Pensei encontrar no mundo
A's dôres do coração
Um echo que as repetisse ;
Porém cruenta agonia
E' só a triste harmonia
Do mundo, que passa e ri-se.

« Pois bem, a lousa m espera,
Na lousa nós dormiremos
Um somno sem despertar :
Sonhos, ancias, illusão,
Angustias do coração
Tudo lá vai acabar. »

A mão da morte, que lhe roubára primeiramente o caro pai, depois a adorada mãi, e finalmente o respeitavel avô, e o deixára orphão e só n'este mundo, o impellia para o sepulchro. Ralava-lhe o coração a dôr e mortal melancolia se lhe desenhava pelas faces em que já lhe pallidejava a luz baça da tocha da agonia.

Consumia-se-lhe o corpo, a febre ardia-lhe nas vêas, mas o fogo sagrado lhe abrilhantava a mente, e os echos da solidão, em que se isolava, repetião as suas endeixas tristes, saudosas e funebres como o canto da araponga solitaria.

Eis o seu canto do presentimento :

« Como é possivel que resista a crença
Do mundo ao frio, ao lethal sarcasmo,
Se jaz cercada d'irrisão immensa
E a mina aos poucos infeliz marasmo?

« Como esperanças ante a lousa fria,
Profundo leito de dormir profundo?
Como esperanças, quando chega o dia
Em que a alma deve abandonar o mundo?

« E como a vida quando triste morte
Gyra nas vêas com feroz presteza,
E quando vemos que é baldada empresa
De um pouco ao menos conjurar a sorte? »

« Como o nauta presente a tempestade
Des que as ondas encrespa fero norte,
Assim na amarga dôr que o peito ancía,
No desanimo d'alma sinto a morte.

« De mil modos em vão me prendo á vida,
Para a lousa me acena impio fadario:
Sonhos, sonhos gentis que me embalastes,
Gelou-vos o contacto do sudario.

« Como é triste morrer, quando o horizonte
Se reveste de luz, dourando as aguas;
Quando o bosque repete as harmonias
Do sabiá, que trina suas maguas!

« E' bem triste não ter no peito um hymno,
Quando em hymnos acorda-se a natura!
E' cruel o sentir as cordas d'alma
Partidas pela mão da desventura!

« Partidas, sim, que o peito já não vibra
Como d'antes, ao sopro da esperança;
E dos cantos de outr'ora a alma esquecida,
Não conserva, sequer, uma esperança! »

Emfim, de dia em dia se lhe approximava a morte; e a resignação, filha divina da religião, veiu trazer-lhe a fé á alma descrida, veiu inspiral-o. Foi ella a sua musa á beira do sepulchro; ungiu-lhe, pois, os labios com a poesia sublime, o seu hymno, a sua prece; então dissipou-se-lhe a sombra da eternidade e a luz da immortalidade resplandeceu pura, bella e brilhante á sua alma prestes a desprender-se dos laços que o retinhão á materia.

Ouçamos o infeliz poeta pela ultima vez:

« Qual foi minha missão no entrar da vida,
Meu destino qual é, qual meu futuro?
Pergunto embalde, o pensamento escuro
Não responde á pergunta proferida.

« Qualquer explicação sincera e fida
Dos mysterios que vejo, em vão procuro;
Em terreno tão falso e mal seguro
Vacilla o pensamento, a alma duvida.

« Mas eterna será a nuvem densa
Que o horizonte da vida entenebrece,
Cercando-o d'uma cerração intensa?

« Oh! não; a escuridade se esvaece
Quando brilha de Deus a luz immensa
Nas altas regiões do hymno da prece. »

J. NORBERTO DE S. S.

CHRONICA DA QUINZENA.

—

Rio de Janeiro, 26 de Setembro de 1861.

Ao fim de quasi meio seculo, viu o Rio de Janeiro concluir-se o seu primeiro dique, obra essa reclamada por urgente necessidade da nossa armada, que mais de uma vez teve de recorrer ao auxilio do estrangeiro para reparar as avarias dos seus navios.

Para o critico mordaz, para o censor prevenido, demasiado foi o tempo consumido na realização d'esse melhoramento; aquelles, porém, que tiverem sciencia das difficuldades inherentes a taes empresas, aquelles para quem não forem extranhos os embaraços repetidos que se oppuzerão ao andamento da obra até 1857, não só acharão curto aquelle prazo, como deixarão de encarecer as sommas com ella dispendidas.

Antes do contracto celebrado pelo Sr. conselheiro Paranhos, então ministro da marinha, com o intelligente e activo engenheiro o Sr. Law, os trabalhos do dique forão muitas vezes interrompidos, e alguns annos decorrêrão sem que um operario fendesse a rocha para n'ella cavar o abrigo, onde hoje podem recolher-se os vasos de guerra necessitados de reparos.

Datando esse contracto do anno de 1857, e sendo precisa para leval-o a effeito a acquisição de machinas, que não existião no paiz, em rigor e com verdade não se póde dizer que a promptificação da bella e magestosa obra consumiu mais de meio lustro; já vêdes, pois, que para completar-se o meio seculo accusado, é indispensavel um exforço de imaginação, convém contar-se dia por dia todos aquelles que forão passados durante longos annos, nos quaes a força de circumstancias obrigou a suspensão dos trabalhos.

Vencidas todas as difficuldades, superados os empecilhos que de ordinario apresentão-se e tolhem os passos de quem se atreve a affrontar as exigencias de construcções gigantescas, foi na tarde de 21 de Setembro inaugurado o importante dique da ilha das Cobras; a corveta *Imperial Marinheiro* entrou ao som da musica para o seu recinto, e ali se conserva para ser convenientemente reparada.

A ideia do notavel melhoramento feito em beneficio dos navios da armada partiu do illustrado e fallecido marquez de Paranaguá; foi elle quem lembrou-se de dotar o Brasil com essa obra monumental, que, custando-lhe alguns sacrificios na actualidade, poupa-lhe ainda maiores para o futuro, e livra-o do vexame de mendigar no exterior a conservação dos seus vasos de guerra.

A' zelosa administração do Sr conselheiro Paranhos deve-se a realização da brilhante ideia, a principio julgada inexequivel; S. Ex., gerindo os negocios da marinha, levantou o interdicto que pezava sobre as obras do dique, e entregando-as aos prestimosos cuidados do

Sr. Henrique Law, acaba de ter o prazer de vêr applaudida com enthusiasmo a sua deliberação.

*
* *

A noticia mais extraordinaria, que nos trouxe o paquete francez, foi a da prisão de duas raparigas e um canario, que de commum accordo havião commettido grande numero de roubos.

Essas raparigas, Rosa L. e Emma P., percorrião risonhas as ruas de Pariz; uma d'ellas trazia sempre uma gaiolinha, dentro da qual saltitava um canario completamente manso e domesticado.

Quando vião uma casa de negocio aberta e mal vigiada, punhão em liberdade o feliz *Fifi* (assim se chamava o cumplice); este, que sabia na ponta do bico o seu papel, cahia como um raio dentro do estabelecimento, e logo Emma e Rosa ahi entravão gritando, e correndo-lhe no encalço, introduzião-se por todos os cantos e recantos, esquadrinhavão os escaninhos da loja, e ora emcima, ora embaixo dos mostradores perseguião o animalzinho até apanhal-o.

Emquanto durava a caçada do canario, as duas caçadoras surripiavão amestradamente tudo o que lhes convinha e lhes cahia nas mãos; depois, a um signal dado, *Fifi* deixava-se engaiolar, e não havia mais novidade, ou antes, o dono da casa passava a ficar sem ella, se a tinha á mostra.

Em dias de Julho, estava o Sr. Saulivet, confeiteiro á rua de S. Diniz, no seu escriptorio, e contava algum dinheiro destinado ao pagamento de uma letra que se vencia n'aquelle dia, quando as duas raparigas e o passaro invadírão-lhe o estabelecimento.

Condescendente em extremo, o negociante abandonou a sua tarefa, e foi ajudar as desoladas moças na apprehensão do canario fugitivo; ellas, logo que o engalfinhárão, derão-se pressa em retirar-se, não comtudo sem agradecerem com os mais amaveis sorrisos a coadjuvação que lhes fôra prestada.

Apenas as viu pelas costas, o Sr. Saulivet voltou a fazer as suas contas, e com sorpresa reconheceu logo que lhe faltavão tres moedas de vinte francos. Entretanto nem ao menos lhe occorria a ideia de accusar as graciosas raparigas como auctoras d'aquella subtracção; e como o grito — *um canario que voou* —, grito magico para os Parizienses, tinha attrahido uma chusma de vadios de ambos os sexos, a quem elle não pudera vedar a entrada em sua casa, suppoz que entre esses se acharia o auctor do roubo, e para logo perdeu as esperanças de tornar a vêr o seu dinheiro.

Um policial, que appareceu muito a proposito, informou-se do occorrido. Por um acaso providencial, já elle tinha a descripção das feições e modo de trajar das duas raparigas, contra as quaes (é crivel?) havião sido dadas numerosas queixas; immediatamente tractou de seguir-lhes a pista, e pouco se demorou em encontral-as e prendel-as.

Com effeito, estavão em poder d'ellas as tres moedas, e dando-se

busca no seu domicilio, foi apprehendida uma incrivel quantidade de objectos de toda a especie provenientes de roubos.

Entre as joias, fazendas, moveis, luvas e perfumarias, figuravão doces e gulodices; o que prova evidentemente que a gula e o galanteio, em maior escala do que a avidez, tinhão tornado criminosas aquellas duas raparigas, orphãs tanto uma como á outra.

Em seguida á visita domiciliaria, forão ambas levadas á presença do magistrado. Ignora-se ainda em que prisão encerrárão o seu cumplice; porém ninguem duvida dos grandes embaraços em que tem de vêr-se o juiz formador da culpa, quando tractar de interrogal-o!

Dignar-se-ha elle responder? quererá fazel-o sem a applicação da tortura? e quem lhe servirá de interprete para traduzir as respostas?...

Para o mez sabel-o-hemos.

*
* *

M.me Marie, a Pythonissa da rua do Cotovello, é uma adivinha inoffensiva; préga, é verdade, uma bôa dose de carapetões, mas, quando as cartas lhe não mentem, diz verdades incontestaveis. Não a consulteis em materia de segredos, que até lá não chega a sua habilidade; proponde-lhe uma questão sabida e discutida, e vereis como ella se safa brilhantemente.

Ha dias, perguntava-lhe um sujeito o que era feito do seu relogio furtado n'aquella manhã; a resposta foi sublime: estava em poder do ladrão! — Quem era o ladrão? queria saber o roubado. — O ladrão... o ladrão... foi quem furtou o relogio!...

— A policia, minha senhora, poderá descobrir o auctor d'este attentado? — Póde. — De que maneira? — De muitos modos. — Indique um. — Indo o criminoso entregar-se á prisão!

Nada mais justo e acertado; M.me Marie tem razão: quando o delinquente não se mette nas garras da policia, é o acaso quem se encarrega de o indigitar. Quereis uma prova? A mesma sibylla e as suas imitadoras vol-a offerecem diariamente.

Não acredito ás cegas que ellas tenhão levado a discordia ao seio das familias; talvez se aponte um ou outro facto d'esta ordem: mas o que salta aos olhos de qualquer é que semelhante meio de vida nada tem de honesto, e que, de envolta com a impostura e o charlatanismo, póde acarretar algum desgosto.

A policia sabe que a industria da prophecia é exercida em diversas ruas da cidade; sabe que o *grande* e o *pequeno baralho* prestão-se a extorsões injustificaveis, porém tem mais que fazer: a sua missão é antes de conter os velhacos, que se deixão apanhar, do que de pôr cobro á generosidade dos papalvos.

Cabe na sua alçada a repressão do abuso de lêr-se no futuro atravez do presente; porém para que ha de ella embaraçar-se com a vida alheia, quando a punição se póde fazer mais tarde com maior estrondo, quando houver um grande attentado?

*
* *

— Já leu, D. Augusta, a opinião que de nós faz o Sr. Paulo de Saint-Victor, um dos mais *espirituosos* collaboradores da *Presse*?

— Não; e a que proposito esse cavalheiro dispensou-nos o seu espirito?

— Ouça e applauda a justiça que guiou-lhe a penna:

« Grande matinada tem de haver no Rio de Janeiro, no dia em que ali festejar-se a inauguração da estatua feita por Mr. Rochet, *d'esse colosso equestre do imperador D Pedro I, fundador da independencia do Brasil.*

« Imagine-se uma montanha de bronze, ao lado da qual o Luiz XIV da praça das Victorias não é mais do que mesquinha estatua. D. Pedro monta um cavallo massiço, emphatico, com fórmas de elephante, e cuja cauda descreve um arco de triumpho. Calça enormes botas, que lhe chegão aos joelhos, e traz na cabeça, encapellado até aos olhos, um tricornio incommensuravel, que fende as nuvens com a ponta triplice. Seria mais facil contar as folhas de uma floresta, do que os galões e alamares que lhe ornão o peito.

« Não me sinto com forças para descrever o seu aspecto de charlatão heroico; o sabre, que lhe pende ao lado, parece annunciar que o cavalleiro tira dentes sem causar dôr, e a constituição, por elle violentamente agitada no ar, figura a olhos vistos o prospecto de um xarope de quinquina, ou a acta da fundação de uma sociedade exploradora das minas do districto diamantino.

« Quatro grupos descommunaes, representando os quatro grandes rios do Brasil, adornão a base da estatua. São selvagens cingidos de tangas e enfeitados de cocares de pennas, e estão sentados sobre animaes chimericos, distendendo os arcos, ou brandindo os remos de suas pirogas. Esses selvagens têm as faces achatadas, as maçãs do rosto salientes, os olhos vesgos e os narizes esborrachados. Representão o *homem-macaco* em todo o seu horror.

« Ao redor d'esses grupos de antropophagos pullulão os animaes excentricos do tropico e do equador: abestruzes, antas, jacarés, castores, tamanduás, espatulas, tartarugas, jaguares, phenicopteros e boas-constrictores; essa horrivel familia ruge, morde, estrangula, devora, engole, digere e celebra a independencia do Brasil com toda a especie de uivos e contorsões. Dir-se-hia a arca de Noé á hora da ração!

« Dito isto, declaro que approvo muito essa esculptura de espantalho e retumbancia.

« O seu *fausto barbaro* está em harmonia com o *paiz a que é destinado*. Semelhante machina faria triste contraste na praça de uma cidade italiana ou franceza; mas *no Brasil* produzirá um effeito prodigioso.

« Que quereis que faça a arte classica em um paiz onde a natureza se entrega a tão medonha hyperbole? Ali os rios absorverião os nossos mares; as montanhas rompem o céo; os matos cobrem reinos; a arvore é colosso, a flôr arbusto e o insecto um monstro.

« As creações da mão humana devem engrossar e tornar-se exageradas para não serem supplantadas por esses gigantescos espectaculos. Creio tambem que os Brasileiros gostarião muito pouco das producções simples e calmas da arte temperada; devem apreciar mais a pintura crua e a esculptura estrondosa. Entre a nossa esthetica e a d'elles mette-se a espessura do globo.

« *Mandar-lhes uma estatua equestre no estylo do Marco Aurelio, do Capitolio, seria mimosear o rei de Congo com um quadro, que representasse um effeito de neve.* »

— Por que razão, D. Helena, ha de esse escriptor fallar assim do Brasil, quando não o conhece?!

— A razão é simples; elle não póde estar calado, e qando falla só diz perolas!...

* * *

Entretanto, minhas senhoras, as suas asserções não passárão sem protesto; os nossos folhetinistas oppuzerão ao insulto gratuito, expressões cortezes, e um houve que, desfiando a meada das satyras de que temos sido victimas, collocou a questão no seu verdadeiro terreno: acceitemos dos epigrammas o que n'elles houver de verdadeiro, e emendemos os nossos erros; tudo quanto, porém, attingir as proporções da calumnia seja lançado de parte, e reverta sobre os seus indiscretos auctores.

C. de S., o delicado escriptor de um *livro*, que outr'ora vos era consagrado aos domingos, assim se exprime, fazendo a resenha da quinzena: é a nossa recente historia artistica, é o escudo de que nos devemos servir para quebrantar os golpes despedidos pelos nossos detractores.

« Inaugurou-se ante-hontem uma obra monumental, — trabalho começado ha longos annos e que um esforço d'estes ultimos tempos trouxe á realização.

« Ainda ha poucos dias uma platéa inteira, electrisada pelo enthusiasmo, coroava com seus applausos ardentes um admiravel talento musical,— fructo espontaneo de nossa terra tão rica de seiva.

« Em uma sala da academia das bellas-artes, Victor Meirelles expõe á critica dos mestres o seu quadro magestoso,— concepção grandiosa executada com esmerada proficiencia.

« A poucos passos de distancia, amontoão-se os curiosos a verem alguns productos naturaes e delicados artefactos, acanhada amostra do que póde produzir uma provincia secundaria do imperio, ainda quando flagellada por inclementes seccas e pêada em seu desenvolvimento pelas luctas politicas.

« Não bastão estas manifestações do talento e do esforço brasileiro, manifestações produzidas em poucos dias?

« Bem sei que no fundo d'esse quadro estende-se a sombra horrivel do fazendeiro de Lorena,— o suicida, assassino de seus escravos.

« Desviemos o rosto com horror, mas não nos envergonhemos de ser brasileiros.

« Lá na culta, na amena Europa, a catholica Hespanha levanta forcas a cada canto e fuzila aos montes homens que commettêrão o crime de não pensar como a Sra. D. Izabel

« Não é no deserto dos matos, mas em meio da civilisada cidade de Londres, que dois homens encerrados em um quadro, luctão, mordem-se, dilacerão-se com a ferocidade de tigres, até que um cahe moribundo sobre o cadaver do outro.

« Não fallemos da França ; ahi os costumes são doces, a virtude ahi sobrenada como o azeite ; ha apenas um barão de Vidil, que mata o filho, como se fôra um cão, com o cabo de um chicote ; ha um Mirès, um fidalgo de Pontalba, um conde de Simeão, que elevão o roubo até á altura de uma sciencia.

« Não nos envergonhemos, pois, de ser brasileiros.

« Que importa que um folhetinista de Pariz , criticando a estatua equestre de D. Pedro I, nos atire duas ou tres insolencias ? Paulo de Sanit-Victor talvez não saiba do Brasil senão o que lhe contou, despeitada, alguma *soubrette* das *Variétés*, mal succedida em suas especulações transatlanticas.

« Que importa que Biard, nosso ingrato hospede, escrevendo ultimameute as impressões de uma viagem ao Brasil , diga que as senhoras brasileiras só estimão as sedas de côres vistosas e espantadas, e percorrem as ruas da cidade acompanhadas de oito ou dez negras com os respectivos crioulinhos ?

« Quando pela primeira vez vi o pintor Biard no Rio de Janeiro, achava-se elle hospedado no paço da cidade ; o imperador do Brasil agazalhára-o em sua casa ; era justo que elle rediculizasse os brasileiros, e, adubando a sua narração com algumas petas, fizesse rir os leitores francezes : — para isso pagavão-lhe.

« Deve-se no emtanto admirar a coragem do Sr. Biard !

« Por occasião da primeira visita que fiz a esse artista, encontrei a seu lado, analysando os retratos das jovens princezas, que o pintor concluia, uma das mais distinctas senhoras da sociedade fluminense, distincta pela belleza, pela posição, pelos conhecimentos, pelo espirito e pela apurada elegancia do seu trajar. Conversou-se por espaço de tres horas, agitando-se varias questões d'arte, e mais de uma vez o *amavel* francez teve de confessar-se vencido por sua espirituosa interlocutora. Seria então que o Sr. Biard viu uma brasileira trajando roupas de côres espantadas e acompanhada por uma familia de negras e moleques ?

« Deixemos Paulo de Saint-Victor criticar a estatua de D. Pedro I feita em França por um esculptor francez. Se o Sr. Rochet esqueceu os preceitos da esculptura e do bom gosto para agradar aos selvagens brasileiros, a questão fique lá entre francezes ; confiemos em que Victor Meirelles e Carlos Gomes nunca hão de profanar a pintura e a musica com o fim de lisongear a frivolidade pariziense.

« Deixemos Biard emittir juizos sobre as senhoras brasileiras : con-

solemo-nos vendo que um critico *francez*, analysando o romance intitulado *Un grain de sable*, disse pouco mais ou menos o seguinte :

« Se *Eva fosse franceza, não teria desculpa para o peccado, pois no Paraiso nem sequer tinha ao lado sua mãi* » (!)

« Deixemos tudo isso que não merece nem colera, nem resposta ; para esquecer os maldizentes francezes, vamos admirar os artistas brasileiros.

« Já vistes, sem duvida, o quadro de Victor Meirelles—*A primeira missa no Brasil*. Os primeiros navegadores portuguezes, aportando ao mundo novo, rendem graças a Deus pela dadiva generosa com que são recompensadas suas fadigas e soffrimentos. Cortão-se á pressa dois galhos de arvore que apertão em cruz, e o symbolo da religião christã eleva-se sobre um altar preparado na occasião ; algumas flôres sylvestres enfeitão e occultão o pé da cruz ; estende-se sobre a ara finissima toalha : as velas bentas, o livro das sanctas orações, os vasos sagrados, o crucifixo, tirados de uma caixa, que ainda está ao lado aberta, completão os aprestos para o sacrificio. O sacerdote coberto com as vestes sacras, levanta o calix ao céo. A seus pés ajoelhão-se os navegantes ; a fé lhes anima os semblantes illuminados pelo sol nascente ; parece que os labios se agitão murmurando preces ferventes.

« Em torno d'esse grupo de christãos envoltos em luz pullula o gentio innumeravel ainda em trevas, contemplando absorto, curioso o espectaculo nunca visto. Ao longe o mar immenso, onde boião as caravellas portuguezas e as pirogas dos indios ; no alto o céo azul do Brasil sorrindo á piedade portugueza !

« Não quero fazer uma descripção do bello quadro de Victor Meirelles ; desejo apenas excitar-vos a curiosidade, para que não deixeis de ir vêl-o na academia das bellas-artes.

« Não vos convido para a opera de Carlos Gomes ; sei que tendes applaudido todas as vezes que ella tem ido á scena ; tendes, como todos nós, admirado aquella alma de poeta que transborda em ondas de harmonia na *Noite do Castello* ; aquelle grande talento, que se desata e corre impetuoso como a agua das nossas catadupas.

« Não vos admireis do meu apparecimento depois de tão longa ausencia ; emquanto se tractou de salvar a patria, estive recolhido nos bastidores : agora que os illustres parlamentares vão reclinar os corpos fatigados á sombra das mangueiras, agora que a scena está viuva dos primeiros actores da grande comedia, posso de novo apresentar-me ao publico.

*
* *

Os nossos theatros conservárão-se estacionarios ; repetírão o que havião dito com mais ou menos propriedade, e satisfeitos de si recolhêrão-se ao silencio.

Em S. Pedro deu-se tregoas ao *Sansão* e á *Romã encantada*; o actor Simões, o unico que *teve força* para impedir o progresso do marasmo, o unico que colheu o *encanto* da *romã de ouro*, vai á esta hora sulcando as campinas do oceano, e com justa razão, rindo-se do bom gosto da platea do theatro *normal*, diz lá com os seus botões que o Brasil, e com especialidade o Rio de Janeiro, é a terra de promissão para... os empresarios.

Deus o acompanhe, e lhe conserve o juizo; ao menos é de crer que elle não nos lance a pecha de demasiado exigentes e unhas de fome: quando a bolsa tine e o estomago encontra alguma cousa para tríturar, o negocio não é dos peiores.

— O auctor da opera *A noite do Castello*, o Sr. Antonio Carlos Gomes, fez o seu beneficio na noite de 23, e ainda uma vez foi enthusiasticamente applaudido. O theatro lyrico serviu n'aquella noite de ponto de reunião para todos os artistas, nacionaes e estrangeiros, que com proficiencia interpretão a musica: os amadores, hoje em grande numero na capital, tambem ali se apresentárão para saudar o talentoso e joven mestre.

A sociedade *Campezina* offereceu ao Sr. Carlos Gomes uma corôa de ouro massiço, representando as folhas e bagas do loureiro; a orchestra brindou o seu irmão d'arte com uma *batuta* de unicornio guarnecida de ouro.

Quer este, quer aquelle mimo, têm grande valor intrinseco, e são duas peças de bello trabalho artistico; não consiste, porém, n'isso somente o seu subido merito: a origem d'onde partírão é que lhes dá todo o realce.

O Sr. Antonio Carlos Gomes deve, por mais de um motivo, estar satisfeito do acolhimento que tem tido a sua primeira concepção. Se alguem aponta um ou outro insignificante defeito na opera, que lhe serviu de estréa, provado está que não o faz com o ridiculo fim de desprestigiar o seu auctor; para mim entendo que só se tem em vista estimulal-o para proseguir na carreira encetada com tanto brilho e vocação.

E', pois, de esperar que brevemente o inspirado escriptor da sympathica *partitura* apresente-nos um novo fructo da sua intelligencia, que, fortificando o juizo abonador formado sobre o primeiro, lhe alcance maior triumpho.

São estes os meus sinceros votos, e, posso garantir ao joven compositor, são tambem os do povo fluminense.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLI
DO
RIO DE JANEIRO

RESPOSTA AO ARTIGO SOBRE A BELLEZA DAS MULHERES.

Sob este titulo publicou o ultimo numero da *Revista Popular* um artigo muito curioso pela sua originalidade, entretanto muito offensivo ao bello sexo, que subjugado ao escalpello do medico e á analyse do chimico, ficou reduzido a carbono, oxygineo, hydrogeneo e ... não sei ao que mais !

Deve ser na verdade uma alma bem arida e perdida nos espaços insondaveis da sciencia, essa que a mais bella e formosa parte da creação sem piedade comparou ao jacaré, á jararaca, ao macaco e..., meu Deus ! se no primeiro momento da leitura d'aquelle artigo eu me encontrasse face a face com o seu auctor, mulher como sou, deitava-lhe os gadanhos, e adeus sciencia ! adeus, chimica ! ia-se tudo pelos ares ! mas valeu-lhe a reflexão ; hoje venho calma apanhar a luva, que arrojou no meio das do meu sexo, e como as guerreiras de outr'ora, empunhando o elmo e revestindo-me da couraça de guerra, entro na lide.

A mulher, a mais sublime e poetica das creaturas de Deus, a mais formosa obra da creação, a mulher, que nasceu do calice de uma flôr, segundo disse no seu livrinho o auctor das *Folhas Soltas*, em um momento perdeu todo o prestigio da sua grandeza ; anjo, decahiu do throno da sua omnipotencia, perdeu a sua essencia, transformou-se em um montão de ruinas !

De que céo ! em que barathro cahiste,
Bella estrella de luz !.....

. . . . . .

A parte mais delicada, e á que uma mulher prende a maior importancia da sua vida, foi escarnecida e vilipendiada ; a belleza, que, como disse Affonso Esquirós, é uma fé e uma supplica, e que Deus sómente concedeu á mulher, afim de que os homens cressem n'elle por amor d'ellas, pois bem, a belleza, que, segundo a opinião de um poeta hespanhol, é por si só um encanto invencivel no bello sexo, foi barbaramente destruida, porque entendêrão os senhores chimicos segregar os arcanos da natureza e as fórmas estheticas do bello, animadas pelo sopro divino, decompor em partes heterogeneas e cada uma d'ellas classificar lá de uma maneira que comprehendêrão !

Carbono ou oxygeneo, hydrogeneo ou azoto, a belleza é e sempre será a belleza, a rainha soberana do mundo, a varinha magica que avassalla os corações ; foi ella que ao poderoso Sansão collocou á

mercê do mais infimo dos Philisteus, e sob o nome de Dalila escravisou o mais bravo dos guerreiros.

Porque negar? Se a antiguidade nos apresenta o roubo das Sabinas e de Helena como flagellos, tambem apresenta-nos mil factos de heroismo practicados por mulheres extremamente bellas e que se distinguírão pelas suas virtudes.

Quanta grandeza não revela Lucrecia, a bella esposa de Collatino? E essa donzella de Orleans, victima do mais acrisolado e do mais puro dos amores? E entre nós, a formosa esposa de um obscuro soldado, que no Pará preferiu a mais barbara das mortes á ignominia de ultrajar o thalamo conjugal! (*)

Comprehendo perfeitamente o fim a que tende o artigo sobre a belleza das mulheres; concordo até certo ponto com as vistas do auctor, que unicamente desceu á analyse para demonstrar não deverem os homens amar sómente a mulher pelas suas graças exteriores; a esse respeito disse com muito acerto P. J. Stahl: « Para ser perfeita a belleza, não deve sómente ser exterior; é preciso que seja tambem interior: as unicas fórmas verdadeiramente bellas são as que cobrem uma bella alma. »

Por Deus! o que fôra a belleza sem a virtude? Amar a materia só pela materia, não é racional. Entretanto o Creador quiz distinguir a belleza da mulher de uma maneira tão notavel, que sómente a ella concedeu essa distincção entre os homens, ao passo que entre os outros animaes a belleza é mais saliente no sexo varonil!

Uma simples questão vai baquear todas as intenções aggravantes do meu antagonista: o homem é ou não formado das mesmas materias, das mesmas moleculas (perdoe-me a invasão que faço na sciencia) que formão o todo da mulher? Se é, um não tem do que rir-se do outro; se não é, foi impropria a comparação da mulher com o macaco. Que figura mais apropriada do que a do homem com esse animal? Perdôe o meu chimico; eu comprehendo que a sua comparação é unicamente scientifica, isto é, igualdade de materia e não semelhança de fórmas.

Vem-me agora á imaginação uma historia que ha muitos annos me contárão, não sei onde, mas que de alguma sorte depõe a favor da belleza das mulheres.

Havia um padre, que tinha passado muitos desgostos no mundo nos primeiros annos da sua mocidade. Tendo um afilhado, resolveu-se educal-o longe do ruido das cidades, e foi habitar n'um ermo, onde só tinha um creado que os servia. Muitos annos assim se passárão; o menino já se tinha tornado um rapaz. Um dia reflectiu o bom velho que tinha andado errado; podia de um momento para outro morrer e o pequeuo ficar sozinho sem conhecer o mundo Então lembrou-se de mandal-o á cidade vizinha. — Menino, disse-lhe, hoje vais á cidade; lá verás outras pessoas differentes de nós, e que

---

(*) *Brasileiras Celebres* pelo Sr. Joaquim Norberto; 3.º volume da *Revista Popular*, pag. 327.

andão de vestidos; foge d'ellas (benzendo-se com toda a gravidade), foge d'ellas, que são os diabos, meu filho!

O menino partiu, não sei se pensando mais no diabo, que não conhecia, do que no bom do padrinho; o caso é que no fim de alguns dias voltou para a sua Thebaida.

— Dize-me, meu filho, perguntou-lhe o caridoso velho, o que viste de mais bello na cidade, o que mais te agradou de tudo aquillo?

— Ah! meu padrinho! respondeu o ingenuo rapaz, fazendo um longo *Pelo signal*, de tudo aquillo gostei mais do diabo!...

E' inutil dizer que o diabo era a mulher, segundo o entender do meu padre.

Vê o meu antagonista o poder que tem a belleza sobre o coração?

Eu prometto-lhe, quando puder roubar algumas horas ás minhas costuras, provar-lhe quanto valem as mulheres, e qual a sua missão n'este mundo; hoje sinto-me fatigada; escrevi estas linhas sómente por um desafogo ao meu sexo.

Flamengo, Outubro de 1861.

PAULINA W....

GASTROSOPHIA.

Não ha nada como viajar, para quem gosta de escrever; não ha nada como lêr viagens, para quem gosta de instruir-se. Um d'estes dias puz-me a lêr a descripção que Walsh nos deixou da viagem que fez ao Rio de Janeiro, e fiquei sabendo muitas cousas que ainda ingorava a respeito da minha propria terra. Entre outras, tomei nota das seguintes, que communico aos meus leitores, porque, sectaria do communismo na republica das letras, ainda que nenhures mais, nada sei reservar para mim exclusivamente.

« O numero onze, applicado a um individuo, reputa-se injuria proverbial, tanto em Lisboa como no Rio. Na primeira d'estas duas cidades, dizer de qualquer que é um homem de onze letras, considera-se affronta, por ter havido um famoso scelerado, para escrever cujo nome era necessario este numero. Na segunda, é igualmente injurioso chamar a alguem *homem de onze varas*, por entender-se por isto estar elle condemnado á morte ignominiosa. Com effeito, ao subir ao cadafalso, leva o padecente uma camisa do *comprimento* em questão. »

E logo adiante:

« Nos arredores da capital encontra-se a cada passo um mamoeiro, e é esta uma das feições caracteristicas do paiz. A fructa tem um gosto mui succulento, analogo ao da carne, ou antes, ao do tutano, o que sem duvida lhe valeu o nome, pois na lingua do Brasil — mamão significa tutano. »

Relevem-me a primeira transcripção, que confesso ter feito por lhe haver achado graça ; mas a segunda é inquestionavelmeute propria do assumpto de que nos occupamos, pois versa sobre cousa comivel. E uma vez que encetei o capitulo das viagens, antes quero demorar-me agora um pouco mais, do que voltar depois a elle. Bem me recordo que estou em divida a respeito da parte liquida da gastrosophia, tendo principiado a fallar n'ella sem adiantar cousa que se visse ; mas essa, emfim, já é materia interrompida, e não tem volta, e se interrompesse agora esta para soldar aquella, o resultado seria ficarem ambas partidas. O melhor, pois, será continuar esta, e voltar em seguida á outra. Melhor ainda seria não haver começado a segunda antes de concluida a primeira, é verdade, mas essa observação fôra bôa para fazer-se emquanto era tempo ; agora, que o mal está feito, isto é, a cousa principiada, é preciso leval-a ao cabo.

Comtudo, não serei longa ; apenas de algumas relações, das mais authenticas e veridicas que se conhecem, tirarei um ou outro apontamento de interesse puramente gastronomico.

Em primeiro lugar far-vos-hei assistir com um illustre viajante a um jantar na Turquia, n'esse paiz de encantos, onde tudo é mysterio, principalmente para mim e outros como eu, que nunca lá estiverão. Nao lhes prometto que o saborêem tão perfeitamente como elle, mas emfim poderáõ achar-lhe mais ou menos sabor, conforme fôr mais ou menos viva a imaginação de cada um. E' a condição inseparavel dos gozos imaginarios.

« Sahimos ambos (o sujeito que escreve e um amigo d'elle) ás seis horas da tarde para chegarmos ao sol posto a Beschick-Tagh (historia turca sem nomes congenitos nunca prestou) onde morava o bachá, pois estavamos no Ramadão, ou quaresma musulmana, epocha em que o jejum se não rompe senão depois que o astro do dia se some por detraz das collinas de Eyub (outro appetitoso nome turco). »

Aqui não posso deixar de interromper por um momento tão sómente o fio da historia, ou antes, da descripção (pois ninguem deve persuadir-se que seja isto algum conto), para lamentar o relaxamento do nosso jejum, comparativamente com o dos adoradores de Allah. Conta minha avó que no tempo d'ella não succedia outro tanto, nem o mal veiu repentinamente, mas pouco e pouco. Todos os padecimentos da nossa fragil natureza se começárão a attribuir ao jejum : se apparecia qualquer erupção de pelle, embora a causa fosse a carne, levava as culpas o peixe ; se alguem não podia dormir de noite, o mal vinha da ichthyophagia irritar os nervos ; se rebentava o sangue do nariz, só o jejum podia ser o motivo. Qualquer incommodo de saude, pois, principiou a servir para cada um dispensar-se a si mesmo do cumprimento do preceito, e assimcomo se dispensavão os que estavão doentes, julgárão os que o não querião estar poder fazer outro tanto, e d'esta fórma, juntos os enfermos aos que receiavão enfermar, poucos ficárão que jejuassem. Ainda os ha, porém, é bom que se saiba.

Entremos outra vez no rego.

« Um criado, vestido á européa, excepto as indefectiveis bombachas vermelhas, veiu abrir-nos uma porta baixa, precedida de um patamar a que levavão tres degráos, e, trocados os sapatos por chinelas, de que iamos munidos, subimos ao primeiro andar, onde era o selamlik, ou sala dos homens, sempre separado do odalik, ou sala das mulheres, seja rica ou pobre a casa. »

Deixemos de parte os cumprimentos, e prosigamos :

« Ao declinar do dia vierão alguns criados pôr ao lado do divan, em que nos sentavamos, uma enorme bandeja redonda de cobre amarello cuidadosamente brunido e reluzente como um escudo de ouro, e n'ella figuravão varias iguarias mettidas em palanganas de porcellana. Postas sobre um pé não muito alto, servem estas bandejas na Turquia de mesa, a que tres ou quatro convivas podem assentar-se. Toalhas e roupa branca são luxo desconhecido no Oriente. Os guardanapos supprem-nos uns quadrinhos de musselina com passadores de ouro, precaução não inutil onde ninguem se serve senão do garfo de cinco dentes. Por excesso de cortezia, quiz o dono da casa mandar dar-me uma colher, mas recusei agradecendo, por querer a todos os respeitos conformar-me com os usos estabelecidos.

« A' luz da sciencia dos Brillat-Savarin, dos Cussy, dos Grimod de la Reynière, dos Carème deve a arte culinaria turca parecer absolutamente barbara e patriarchal ; são insolitas approximações de substancias, misturas extravagantes para um paladar delicado, mas não filhas do acaso, nem feitas sem cuidado. Os pratos, de que com os dedos se tirão alguns bocados, são numerosissimos, succedendo-se rapidamente. Consistem em pedaços de carneiro, gallinhas esquartejadas, peixes cozinhados com azeite, pepinos crús, recheados e arranjados de toda a fórma, escorcioneiras viscosas. parecidas com raizes de malvaisco, e estimadissimas por causa das suas qualidades estomacaes, bolinhos de arroz envoltos em folhas de videira, polme de abobora com assucar, varias iguarias feitas com mel, tudo borrifado de agua de rosas, temperado com azeite, hortelã e hervas aromaticas, e coroado pelo piláo sacramental, manjar nacional, como o pochero hespanhol, o cuscussu arabe, o *sauerkraut* allemão, o plumpudding inglez, e que figura invariavelmente em todas as refeições, tanto nos palacios como nas choupanas. A' falta de vinho, prohibido pelo korão, bebeu-se agua, cherbet e sumo de cerejas, que se tirava de uma compoteira com uma colher de tartaruga de cabo de marfim.

« Findo o banquete, levárão a bandeja de cobre, trouxerão agua para as mãos, ceremonia indispensavel quando se jantou sem outra baixela além dos dez dedos, e, depois do café, o chibukdji apresentou a cada um seu bello cachimbo com bocal de ambar e tubo de cerejeira liso como setim, bem fornido de excellente tabaco da Macedonia. »

Saltemos do velho para o novo mundo, e vejamos como por aqui se come. Não viremos para a nossa terra, porque todos nós sabemos mais ou menos um jantar, desde o nacional feijão com carne secca, até aos mais apurados requintes da cozinha franceza, já quasi natura-

lizada n'esta bôa cidade, pelo menos nas casas ditas de tractamento; mas desfiramos o vôo para qualquer paiz vizinho, por exemplo, a Venezuela, que não dista do Rio de Janeiro mais de por ahi umas seiscentas leguas em linha recta.

Consultemos um viajante, que por alguns dias foi hospede de um fazendeiro d'aquelle paiz, e apanhemol-o, para abreviar, no momento de assentar-se á mesa:

« Observar-vos-hei, disse o dono da casa assentando-se defronte de mim e mostrando-me a mesa núa de iguarias, que não tolero que me sirvão differentes pratos de uma assentada, para que me não assaltem ao mesmo tempo diversos cheiros, impedindo-me de apreciar o do objecto que estou saboreando.

« De todo o coração louvei esta precaução inteiramente gastronomica. Uma mulatinha de saia curta, ancas bem pronunciadas e olhos languidos, veiu offerecer-nos as *arepas*, pãesinhos redondos feitos da flôr da farinha e torrados no forno. Começou o jantar pela sopa de *gombo* com camarões, que se come com farinhento *fundji*; veiu logo o *sancocho* nacional dos mil legumes do novo mundo flanqueando uma gorda gallinha das Canarias; seguírão-se as *akras* de S. Thomé, as *tortolitas* ou pombas rôlas lardeadas de presunto de Baquira; as ervilhas *woudus* com inhames, o *morocoi* ou tartaruga de terra recheado de azeitonas e pimentas verdes, cozinhado dentro da sua casca e escoltado do *mondugo* de bananas, principiárão a fazer-me reflectir. Apparecêrão os assados; era o *pojui* de crista amarella, ave delicadissima e saborosissima; a *lapa*, quadrupede de carne succulenta, principalmente sendo cozinhada ao sol ardente; o *cachicamo* assado na sua couraça; tres saladas, uma de palmito, outra do talo de certa arvore com manteiga vegetal, e a terceira de sabugo de canna de assucar com azeite de coco clarificado.

« Passámos á sobremesa. Era um diluvio de pasteis de goiabas e marmellos que brilhavão com as côres do rubim e do topazio, de geléas e de fructas innumeraveis, umas mais appetitosas que as outras.

« Tinhamos humedecido todos estes manjares, para mim tão novos, com *guarapo de pina*, bebida tão fresca para o paladar como traiçoeira para o cerebro, e com algumas garrafas de *laffitte* velho, que em nenhuma parte vem fóra de proposito.

« Levantamo-nos para ir para a varanda, onde nos aguardavão o oleoso curaçao das Antilhas e o café de Sancto Antonio, excellente grão que os Inglezes monopolizão, segundo me asseverou o meu hospede.

« Mostrei desejos de vêr o cozinheiro, auctor de tantos prodigios, e apresentárão-me um negro gordo, sem ser obeso, já não criança, de barrete branco e gravata de musselina. »

Depois de tanto navegar, ferremos a vela e deixemo-nos ficar em casa. E' tempo de cumprir a minha promessa, occupando-me com a parte liquida do meu assumpto, que, por mais talhado que seja para agradar a todos, convém que tenha tambem o seu termo. Não é que não houvesse materia ainda para oitenta volumes, mas este

seculo, que tudo despoetisa, não ha de vêr na nobre sciencia de que me occupo senão materialismo, quando nada ha mais espiritual do que ella, a não ser, talvez, a metaphysica, e a natural inconstancia do genero humano já me está bradando que mude de tom, ou me cale se não tenho outra cousa em que tocar. Opto pela segunda, e communico aos leitores a agradavel noticia de que será este, não direi o ultimo, mas certissimamente o meu penultimo artigo, salvo sempre o caso de força maior ou occurrencias imprevistas, *cela va san dire*.

No firme proposito de não me afastar d'este meu programma, vejo-me obrigada a fugir de tudo quanto mesmo de longe possa parecer digressão, e posta semprc diante dos olhos a velha, mas acertadissima regra, *esto brevis et placebis*; já principío.

A sede é a sensação da necessidade de beber.

Um calor de cêrca de 32 gráos de Reaumur a vaporisar constantemente os diversos fluidos, cuja circulação entretem a vida, e a perda, que d'ahi provém, depressa tornarião estes fluidos incapazes de desempenhar a sua missão, se não fossem frequentemente renovados e refrescados: é esta necessidade que faz sentir a sede.

Ora, convém saber que esta sede póde ser latente, facticia ou ardente.

A primeira acompanha-nos sempre, fazendo como parte da nossa existencia, pois outra cousa não é senão o equilibrio insensivel que se estabelece entre a evaporação transpiratoria e a necessidade de entretel-a. E' ella que, sem causar-nos dôr alguma, nos incita a beber quando comemos, e faz com que possamos beber a todo o momento.

A sede facticia, privativa da especie humana, vem-nos d'esse instincto que nos leva a procurar nas bebidas uma força que a natureza lhes não conferiu, e que só a fermentação póde dar-lhes. Constitue um gozo mais artificial que natural, e é verdadeiramente inextinguivel, tendo as bebidas, que para apazigual-a se tomão, o effeito de a fazerem renascer. E' esta sede, que mais cedo ou mais tarde se torna habitual, a que fórma os ebrios de todos os paizes.

Quando se mata a sede com agua simples, sem antidoto natural, nunca se bebe um golo além da quantidade necessaria; mas quando se recorre aos licores, então, os entendidos que o digão, não se pára senão esgotados elles, ou posto fóra de combate o bebedor.

A sede ardente nasce do augmento da necessidade de beber e da impossibilidade de satisfazel-a. Acompanhada de um ardor na lingua, uma seccura no paladar e um calor devorador em todo o corpo, com razão lhe quadra o epitheto.

Tão viva é a sensação da sede, que em quasi todas as linguas esta palavra se tornou synonimo de um desejo impetuoso, e assim dizemos — sede de ouro, de poder, de vingança, etc., expressões que nunca terião tido voga universal, se não bastasse haver uma vez na vida sentido sede para avaliar-lhes a propriedade.

O appetite ainda vem acompanhado de uma sensação agradavel,

BIBLIOTHECA NACIONAL E PU
—DO—
RIO DE JANEIRO

quando não toca as raias da fome; mas a sede não tem crepusculo, e, apenas se faz sentir, logo se segue mal estar, anciedade, e anciedade que se torna horrivel, quando não ha esperança de satisfazer a necessidade de beber.

Por uma justa compensação, póde o acto de beber causar-nos, segundo as circumstancias, gozos extremamente vivos, e quando matamos uma sede exacerbada, tudo quanto são papillas nos titillão de prazer desde a ponta da lingua até ás profundezas do estomago.

Desejo-vos, ao menos uma vez, uma bôa sede, se alguem ha que ainda a não sentisse.

Mas que não seja excessiva, pois morre-se mais depressa de sede do que de fome, e a razão é que o esfomeado só morre de esfalfamento e fraqueza, emquanto que o sedento é presa de uma febre que o queima, augmentando e exasperando-se cada vez mais.

Diversas circumstancias concorrem para augmentar a sede, e d'ahi têm nascido muitos dos nossos costumes.

O calor augmenta a sede, e d'ahi a inclinação que sempre têm mostrado os homens para edificar suas casas á beira dos rios.

Os trabalhos corporaes fazem outro tanto, e d'ahi o costume de fortificar com bebidas os obreiros para que renda mais o serviço.

A dança da mesma fórma, e d'ahi os refrescos, que não podem faltar n'uma reunião dançante.

A declamação tambem, e d'ahi o copo d'agua que os oradores se ensaião a beber com graça, e que não tardaremos a vêr emcima das bordas da tribuna e do pulpito ao lado do lenço branco.

O cantar e tocar concorrem não menos para o mesmo effeito, e d'ahi a reputação universal de intrepidos bebedores, que se têm sabido grangear os musicos. Entreguem-lhes os restos da ceia de um baile, por mais abundantes que sejão, e verão o que escapa.

O remedio contra a sede é beber, isso todo o mundo o sabe, nem presumo dar grande novidade; só o que quero dizer é que depois de ter fallado da sede, pede a bôa ordem que passemos ás bebidas.

D'entre todas ellas, a mais natural, e até se póde dizer, a unica capaz de apaziguar completamente a sede, é a agua, tão necessaria á vida animal como o mesmo ar que respiramos. Se a ella nos houvessemos atido, não se diria do homem que um dos privilegios por que elle se distingue dos outros animaes é por beber sem ter sede.

Cousa mui digna de exame é essa especie de instincto, tão geral como imperioso, que nos impelle á busca das bebidas fortes.

O vinho, a mais amavel das bebidas, na phrase do meu mestre, quer o devamos a Noé, que plantou a vinba, quer a Baccho, que espremeu o sumo da uva, data da infancia do mundo, e a cerveja, cuja descoberta se attribue a Osiris, remonta a tempos além dos quaes nada ha que possa ter-se por certo.

Todos os homens, ainda mesmo os mais rudes e selvagens, têm-se visto tão atormentados por esta appetencia das bebidas fortes, que por fim hão conseguido preparal-as, por mais apertados que fossem os limites dos seus conhecimentos.

Uns deixárão azedar o leite dos animaes domesticos, outros extrahírão o succo de diversas fructas e raizes, mas todos adivinhárão os elementos da fermentação, e por toda a parte onde se têm encontrado homens reunidos em sociedade, achamol-os sempre munidos de licores fortes, de que fazião uso nos seus festins, nos seus sacrificios, nos seus casamentos, nos seus funeraes, n'uma palavra, em todas as occasiões festivas e solemnes.

Durante muitos seculos cantou-se e, sobretudo, bebeu-se o vinho, sem que ninguem se lembrasse que fosse possivel extrahir-lhe a parte espirituosa que lhe constitue a força. Assim, porém, que os Arabes nos ensinárão a sua arte de destillar, por elles inventada para extrahir o perfume das flôres, começou-se a desconfiar que se poderia descobrir no vinho a causa da exaltação de sabor, que tão particularmente excita o gosto, e de apalpadela em apalpadela chegou-se a obter o alcool, o espirito de vinho, a aguardente.

E' o alcool o monarcha dos liquidos: a elle devemos não só esses licores, que tão bem nos sabem depois de uma chicara de café, mas tambem os elixires de que lança mão a medicina, e além d'isso é uma arma formidavel, que para domar as nações do novo mundo fez mais do que o ferro e o fogo.

Creio que não podia ser mais breve tractando d'esta metade da gastrosophia, metade digo, porque não vejo razão para que a parte liquida em cousa alguma deva ceder á solida. Receio mesmo que este capitulo sahisse tão tacanho e resumido, que prejudique não só a elegancia, mas até a segurança do edificio.

Com effeito, supponhamos que os solidos constituem uma parede e os liquidos outra; se aquella tiver ficado muito mais alta, o resultado será que, ao assentarmos o telhado, ha de elle inclinar-se todo sobre esta, e como para cumulo de desgraça é exactamənte a mais fraca, por isso mesmo que é liquida, não me admirará que desabe toda a fabrica.

Prescindamos, porém, d'este ligeiro defeito de architectura; assentemo-nos emcima da cumieira, supponhamos que estamos perfeitamente escorados de um lado e do outro, e lancemos uma vista d'olhos sobre o vasto campo.

Que a gastronomia é uma predestinação, ninguem o duvida; assimcomo uns nascem para vêr mal, outros para andar mal, e ainda outros para ouvir mal, quaes os myopes, os coxos e os surdos, assimtambem ha alguns desgraçados que vêm ao mundo com o paladar tão embotado, que nenhuma differença sabem achar entre um roballo e um cassão, entre o vinho do Porto e a zurrapa de Bordéos. Mas o meu mestre vai mais longe e admitte não só gastronomos de nascimento e predestinados, mas tambem por profissão e estado, e entre estes faz menção de quatro classes principaes, a saber: financeiros, medicos, homens de letras e devotos.

Não ha aqui motivo de offensa. Em primeiro lugar pertence o auctor a uma d'essas quatro classes, pois é medico, e portanto não havia de querer injuriar-se a si mesmo; em segundo lugar, ou eu

tenho perdido toda a cera gasta até agora, ou os leitores estarão convencidos de que chamar alguem gastronomo ou gastrosopho é antes elogio do que vituperio: este estaria em chamar comilão ou beberrão.

Os financeiros são os heróes da gastronomia, heróes, sim, porque houve combate, e combate renhido, e a aristocracia nobiliaria teria esmagado as finanças debaixo do pezo de seus titulos e escudos d'armas, a não haver sido o contrapezo de uma mesa sumptuosa e de burras bem recheadas. Os cozinheiros desbancárão os genealogistas, e se os orgulhosos barões nem sequer esperavão por sahir a porta para escarnecerem do amphitryão, que os regalava, comtudo tinhão vindo e a sua mesma presença lhes attestava a derrota.

Além d'isto não ha quem com facilidade ajuncte muito dinheiro, que não se veja irremediavelmente obrigado a ser gastronomo.

A desigualdade das riquezas constitue a desigualdade das condições, mas não traz comsigo a desigualdade das necessidades, nem o appetite cresce na proporção que augmentão os meios de satisfazel-o; antes por via de regra succede o contrario. Cumpre, pois, que a arte esgote os seus recursos para, com manjares que sem damno o sustentão e sem abafal-o o lisongeião, reanimar o quasi extincto appetite.

Sobre os medicos obrão causas de outra natureza, posto que não menos poderosas: é a seducção que os faz gastronomos, e de bronze havião elles de ser para não succumbirem á tentação.

Dispensadores da saude, que é de todos os bens o mais precioso, são os caros doutores esperados com impaciencia e festejados com jubilo. Aqui é uma bella e interessante doente que os convida a ficarem para o jantar, ali é um pai que por todos os modos os afaga, acolá um marido que busca captivar-lhe o zelo a prol do que tem mais caro no mundo. A esperança os toma pela direita, a gratidão pela esquerda, elles não têm remedio senão deixarem-se ir, e em menos de seis mezes estão com o habito dos bons bocados ferrados a nunca mais os largar.

Por esta occasião deixa-se o meu mestre arrastar a uma furiosa abjuração contra os seus collegas pela demasiada severidade empregada para com os pobres doentes. E' que, mal alguem tem a desgraça de lhes cahir nas mãos, logo ouve um tremendo *kyrie eleison* de prohibições e por força ha de renunciar aos habitos mais gratos.

Reputa elle estas interdicções, pelo menos na maxima parte, inuteis, porque os doentes quasi nunca appetecem o que lhes faria mal.

Assim não deve o medico racional perder jámais de vista a natural tendencia das nossas inclinações, lembrado sempre de que, se sensações dolorosas são funestas por natureza, as agradaveis dispõem para a saude. Tem-se visto um trago de vinho, uma colher de café, algumas gottas de licor revocarem o riso ao rosto mais hippocratico.

Demais estas rigorosas prescripções raras vezes se cumprem á risca, já pelas exigencias imperiosas do enfermo, já pela condescendencia dos que o cercão, sem que por isso se morra nem mais nem menos.

Não me quero metter a fallar em medicina, sciencia de que pesco tanto ou antes tão pouco como da de Ulpiano, mas pedirei a todos os Esculapios, e sobre todos ao meu, a quem terei o cuidado de mostrar a passagem no original, a que meditem sobre isto. Talvez que assim, quando eu estiver com febre, me não tornem a privar da gemada que tomo todas as manhãs antes do levantar, para fortificar a voz e robustecer o peito.

Quanto aos homens de letras, diz o meu mestre que é de pouco tempo á esta parte que elles se têm tornado gastronomos: antigamente o que fazião era entregar-se á embriaguez, no que aliás se cingião aos dictames da moda, como talvez ainda eu tenha occasião de fazer, vêr se me resolver algum dia a commetter, a favor dos leitores, algum acto de pirataria sobre um curioso livrinho intitulado: *du rôle des coups de baton dans relations sociales et en particulier dans l'histoire littéraire*, a que vem appensa uma lista dos auctores esbordoados, ou *batonnés*, na qual figurão nomes muito conhecidos, como Balzac, Aretino, Boileau, Demosthenes. Dryden, Harpe, Malherbe, Molière, Mozart, Racine, Rousseau, Scudéry, Voiture, Voltaire.

E outros em quem poder não teve a morte, mas teve o cacete.

Hoje está isto felizmente muito mudado, e os litteratos, e mais particularmente ainda os jornalistas, são convidados para toda a parte, pela estima que inspirão os seus talentos, pelo agrado da sua conversação, e tambem um pouco porque se tem tornado de bom tom fazer de protector das lettras.

Ora estes senhores accommodárão-se maravilhosamente á mudança, que não extranhárão nada: chegão quaai sempre tarde, são talvez por isso acolhidos ainda com mais distincção, todos lhes fazem a bocca doce, para que voltem outra vez, e assim vierão elles a ser, são e ficaráõ sendo gastronomos de *primo cartello*.

Finalmente, diz ainda o mestre (reparem bem que não sou eu) conta a gastronomia muitos dos seus mais fieis servos entre os devotos, ou antes entre os beatos.

De quantos trabalhão por salvar-se, a grande maioria busca o caminho mais suave: os que fogem dos homens, dormem em cima de uma taboa, e vestem o cilicio; nunca têm sido, nem poderáõ jámais ser senão excepções.

Ora, ha cousas condemnaveis sem duvida alguma, e com as quaes de modo nenhum se póde transigir como bailes, theatros, jogo e outros passatempos semelhantes.

Emquanto, pois, os abominamos e os que a elles se entregão, vem a gastronomia apresentar-se-nos, e introduzir-se-nos sorrateiramente no espirito, ou onde quer que seja que ella se introduz, sob um aspecto inteiramente theologico.

Por direito divino é o homem o rei da natureza, e tudo quanto a terra produz para elle foi creado. Como, pois, deixar de gozar, pelo menos com a moderação conveniente, dos bens, que a Providencia nos offerece, principalmente se continuarmos a olhal-os como cousas

transitorias, principalmente se ellas exaltão em nós a gratidão para com o auctor de tudo?

Os beatos têm razão, e em qualquer convento de frades ricos se verá a demonstração practica d'esta eterna verdade. Nunca entrei em nenhum, alto lá! mas tenho ouvido dizer.

Não terminarei por hoje sem annunciar-vos nma grata noticia, que mais vos deve ainda confirmar na crença a que supponho ter-vos convertido, e esta noticia vem a ser nada mais, mas tambem nada menos do que a longevidade promettida aos gastrosophos, áquelles que souberem regular pelos preceitos da sciencia os alimentos destinados a entreter a vida, e cuidar sabiamente da barriga. Honrar seu pai e sua mãi não será, pois, d'ora avante o unico meio de viver longo tempo sobre a terra; igual beneficio será partilha dos que honrarem o ventre e o estomago, comendo e bebendo bem, isto é, *secundum artem*.

Ora, que uma boa alimentação é infinitamente superior á outra ruim para conservação da saude e prolongação da vida, não soffre nem póde soffrer a menor duvida. A consequencia é que, em igualdade de circumstancias, os gastronomos vivem mais que os que o não são. Provou-o arithmeticamente o Dr. Villermet n'uma memoria apresentada á academia das sciencias.

Comparou elle diversos estados da sociedade em que se passa bem de bocca com aquelles em que a gente se alimenta mal, percorrendo-lhes a escala inteira. Da mesma fórma comparou entre si os differentes bairros de Pariz, onde a abastança é mais ou menos regra geral, e entre os quaes se dá, como é sabido, differença extrema.

Ora, o que é verdade em Pariz, porque o não ha de ser igualmente no Rio de Janeiro e em toda e qualquer outra parte?

Mas o nosso doutor, não contente com as suas investigações na capital, foi fazel-as em todos os departamentos da França, comparando no mesmo intuito os que são mais ou menos ferteis, e em toda a parte achou como resultado geral diminuir a mortalidade na proporção que augmentão os meios de subsistencia. Para os pobres é isto uma consolação, pois equivale á esperança de se vêrem dentro em pouco livres da sua miseria, e para os ricos não menos, pois promette-lhes duração dos seus gozos.

Os dois extremos d'esta progressão são, que, no mais favorecido estado da vida, não morre por anno mais do que um individuo d'entre cincoenta, emquanto que nos mais miseraveis morre um d'entre quatro em igual lapso de tempo.

Não quer isto dizer que os que se tractão á vela de libra nunca adoeção; como quaesquer outros, cahem estes tambem de vez em quando nas mãos da medicina, que soe chamal-os *bons doentes*, mas tendo elles maior dose de vitalidade, e melhor entretidas todas as partes do organismo, possue a nutureza mais recursos e o corpo resiste mais efficazmente á destruição.

Se fôr ainda preciso recorrer á historia, virá ella em apoio d'esta incontestavel verdade, mostrando como todas as vezes que alguma

causa extraordinaria, como guerra, assedio, inclemencia das estações, tem vindo diminuir os meios de alimentação, sempre se tem seguido molestias contagiosas e grande augmento de mortalidade; guerra, fome e peste são tres irmãs inseparaveis.

Sirva isto de aviso ás companhias de seguro de vidas, para melhor organisação das suas tabellas. Guiem-se mais pelo que cada um come, do que pelos annos que tem vivido, e desenganem-se que um sexagenario com o estomago sempre convenientemente confortado offerece infinitamente mais probabilidades de vida do que outro que, com metade da idade, anda sempre com a silha na barriga, segundo vulgarmente se diz, com felicissima bem que não parlamentar expressão. Por tal m'a desculpem.

Não choreis, pois, o dinheiro que gastais com a barriga, que vos paga com usura o que lhe confiais; comei e bebei o melhor que puderdes: lembrai-vos, porém, que o homem vive, não do que come, mas do que digere.

E' o melhor conselho que posso dar-vos, e até outra vez, que talvez seja a ultima.

D. Ignez d'Horta.

BRASILEIRAS CELEBRES.

—

JOANNA DE GUSMÃO.

A'quella familia tão celebre, — que deu ao mundo o distincto diplomata e abalisado estadista Alexandre de Gusmão e o famoso aeronauta Bartholomeu Lourenço de Gusmão; — que deu á patria os oradores que seguírão no pulpito a pleiade de brilhantes prégadores do tempo da colonia, taes como o jesuita Ignacio Rodrigues e o carmelita João Alvares de Sancta Maria, — pertence Joanna de Gusmão, cujas virtudes christãs lhe grangeárão o cognome de *mulher sancta*.

Como seus illustres irmãos, ella nasceu na cidade de Sanctos, que era por esse tempo ainda villa. Corria então o anno de 1688, e a religião sorriu-lhe ainda no berço. Seus pais a educárão nas maximas da religião catholica, dando como exemplo não interrompido a sublime practica das virtudes christãs. Esposou-a um illustre fazendeiro que, segundo a tradição, gozava de honras militares.

Durante a sua união conjugal jamais faltou D. Joanna de Gusmão aos deveres que lhe impunha o seu estado, e ainda nas cousas mais simples d'esta vida offerecia os mais sublimes exemplos abrilhantados pela luz de suas excellentes qualidades. Já o recinto domestico lhe parecia estreito theatro para as aspirações de sua alma, quando uma

tremenda enfermidade a levou á fonte sancta, cujas aguas gozárão por muito tempo da nomeada de virtuosas para todos os males que affligem a humanidade.

Chamava-se então a fonte milagrosa a *Fonte do Senhor*, e não era ella mais do que o remanso que fazem as aguas do rio Iguape em um recanto de pouco fundo.

As lendas tradicionaes, recolhidas pelo religiosos de outro tempo, rezão que tal nome lhe proveiu por se ter ahi lavado a imagem do Senhor, que se venera na ermida da Senhora das Neves, a qual, encontrada em uma praia deserta, fôra ali lançada para a purificarem da vegetação marinha, que recebêra das aguas do oceano.

« Boiava ella, diz o jesuita Manoel da Fonseca, e com piedosa audacia lhe puzerão uma pedra emcima, ajudando-se de seu pezo para a conservarem coberta de agua sobre outra pedra, emquanto a purificavão.

« Muitos annos se conservou este lago servindo de Piscina aos necessitados, e dando aos enfermos milagrosa saude com o trabalho só de se lavarem em tão sanctas aguas. Abusárão, porém, de tanta piedade, e a pedra, que até então era de pequena estatura, querendo a seu modo vingar esta injuria, cresceu tanto que, tomando todo o circuito, o tapou, deixando sómente livre o ribeiro, em cujas aguas ainda hoje estão depositados grandes remedios para muitas enfermidades. »

Curado o corpo, tractou Joanna do curativo da alma; dirigiu-se á igreja da Senhora das Neves, onde aquella imagem, que sanctificára as aguas do Iguape, se offerecia á contemplação dos fieis, e ahi, depois de elevar o seu espirito ao Altissimo, viu pendente de uma das paredes da capella uma relação que nos foi conservada pelo padre Christovão da Costa de Oliveira, e n'ella leu o seguinte:

« Sendo no anno de 1647 mandados dois indios boçaes e sem conhecimento da fé, por Francisco de Mesquita, morador na praia da Juréa, para a villa da Conceição, á seus particulares, achárão na praia do Una, juncto ao rio chamado Piassuna, rolando um vulto com as superfluidades do mar, a que vulgarmente chamão resacas, e o reconhecendo, o levárão para o limite da praia, onde fazendo uma cova, o puzerão de pé, com o rosto para o nascente, e assim o deixárão com um caixão e seis velas, que divisárão ser de cera do reino, e uma botija de azeite doce, as quaes cousas se achavão divididas em pouco espaço do dito vulto.

« Voltando os indios d'ahi a dias, achárão o dito vulto, que não conhecião, no mesmo lugar, mas com o rosto virado para o poente, no que fizerão grande reparo, e não achárão vestigio de que pessoa humana o podesse ter virado.

« Logo que chegárão ao sitio de seu administrador, contárão o caso, e assim que se soube pelos vizinhos, se resolvêrão Jorge Serrano e sua mulher Anna de Goes, seu filho Jorge Serrano e sua cunhada Cecilia de Goes, a ir vêr o que contavão os indios; e achárão a

sancta imagem na fórma que os indios tinhão exposto, e tirando-a, mettêrão-na em uma rede e a trouxerão alternativamente os dois homens e as duas mulheres até ao pé do monte a que chamão Juréa, aonde os alcançárão as gentes da villa da Conceição, que vinhão ao mesmo effeito pela informação dos indios.

« As gentes da Conceição ajudárão aos quatro a conducção da imagem até ao mais alto do monte, d'onde os dois homens e as duas mulheres com a mesma alternativa a transportárão até á barra da ribeira do Iguape.

« Ahi forão os moradores da villa do mesmo nome buscal-a, e trazendo-a com grande veneração, a puzerão no rio a que chamão hoje *Fonte do Senhor*, para lhe tirarem o salitre e a encarnarem de novo, o que conseguírão, e a collocárão n'esta igreja aos 2 de Novembro de 1674.

« E' tambem tradição que a sancta imagem do Senhor Bom Jesus vinha de Portugal embarcada para Pernambuco, e que encontrando-se o navio com inimigos infieis, lançárão os Portuguezes a sancta imagem ao mar para não ser tomada, com o que se achou juncto d'ella, cera e azeite, e que ao mesmo tempo em que foi achada a sancta imagem na praia, forão vistas pelo padre Manoel Gomes, vigario da villa de S. Sebastião, passar pelo mar, da parte do norte para o sul, seis velas acesas, em uma noite, sendo que a luzerna allumiava grande circumferencia. »

Estas narrações legendiarias fizerão profunda impressão no animo de Joanna que, de combinação com seu marido, promettêrão ante a imagem sancta do Piassuna que aquelle que sobrevivesse ao outro não passaria a segundas nupcias e iria peregrinar pelo mundo.

Saberião, porém, como romeiros do Senhor, que promessas fazião á face do altar, e como seria acceita pelo céo a missão a que se votavão? Nas disposições humanas não entrão por certo os calculos do destino que Deus reserva ás suas creaturas, e pois, longa e bem longa teve de ser a peregrinação de Joanna.

De volta da romaria, finou-se-lhe o marido, que os seus dias estavão contados na ampulheta do tempo.

Succumbiu á essa hedionda enfermidade, —que aterrava as povoações brasileiras, — que levava a desolação ao seio das familias, — que derramava o pranto por toda a parte e cobria de luto quasi todas as casas, e ante a qual hesitava a sciencia humana, emquanto o genio de Jenner não descobriu o segredo de sua prevenção.

Morrêra, segundo a tradição, em Paranaguá, e Joanna, depois de pagar o tributo da saudade e da religião ante a sua sepultura, tomou, envolta nos trajos lutuosos da viuvez, o bordão dos peregrinos dos tempos biblicos.

Levava o cilicio sobre as carnes que tinhão morrido para o mundo, e sobre o cilicio um habito de burel pezado, negro, e sobre o habito e pendente do pescoço a imagem do menino Deus, em nome do qual pedia esmolas.

Caminhava a pé e sózinha pelo imperio das feras, cujos bramidos não lhe intimidavão ; atravessava as solidões, penetrava pelas florestas seculares, povoadas por hordas de selvagens barbaros e antropophagos, e affrontando asperos e escabrosos caminhos, convertendo, graças á fé que lhe robustecia a alma, os espinhos em flôres, as flôres em fructos, entrou assim pela provincia de Sancta Catharina.

Desde logo a freguezia da Lagôa tornou-se o lugar de sua habitação favorita e o ponto de partida de suas constantes peregrinações.

Por muito tempo occupou-lhe a imaginação o pensamento de ahi fundar uma capella com as esmolas que obtinha dos fieis, para o que chegou a alcançar licença do bispo da diocese do Rio de Janeiro, cujo baculo ainda hoje se estende ás ovelhas da grei catharinense.

Queria erigir um templo, embora com rustica apparencia, mas tributo de sua ardente vocação á imagem—que trazia pendente do seio—que lhe escutava as palpitações do coração e obter para ella a adoração dos crentes.

O que não conseguiu fazer na freguezia da Senhora da Lagôa—ou por mudar de tenção —ou por melhor aconselhada sobre o local que devia escolher, veiu a fazel-o na illha da Senhora do Desterro, hoje séde da capital da provincia.

Assim obteve ella a impetrada licença do bispo do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1750, nas terras que para isso lhe concedêra a ordem terceira da Penitencia do Senhor Bom Jesus, com a clausula de ficar a mesma capella pertencendo á mesma ordem, destinando-se lugar decente para a collocação do Menino Deus e celebrando n'ella a sobredita ordem todos os actos e funcções divinas.

Os irmãos terceiros não se descuidárão de ajudar a obra da irmã Joanna. N'esse mesmo anno abrírão elles uma subscripção entre si, e ajustárão a conducção dos materiaes por empreitada ; mas serios, por demais serios forão os embaraços que ocorrêrão a obstar a sua realização n'aquelle lugar, e passárão-se dois annos sem que se désse começo ás obras.

Então recorreu Joanna á caridade do rico proprietario André Vieira da Rosa, aquelle mesmo que mais tarde cedeu o terreno para a edificação da casa do hospital da caridade, que serviu até ao anno de 1854, em que os enfermos forão trasladados para o hospital novo, inaugurado no dia 5 de Março do mesmo anno.

Por escriptura de 19 de Março de 1762, lhe fez André Vieira da Rosa doação de dez braças de terreno, em quadro, para edificar a capella, com as frentes até ao mar, para o adro e serventia publica, e, em 25 de Abril, requeria ella á ordem terceira a restituição da importancia das esmolas que havia cedido para a edificação da capella, visto querer construil-a então por si mesma. Annuiu a ordem terceira de bom grado, dando por motivo de demora da edificação da capella a falta da licença real, que impetrára do reino, e, em 2 de Maio d'esse anno, se lavrou a escriptura de distracto e se lhe fez entrega do respectivo dinheiro.

Empenhou-se Joanna de Gusmão em realizar o seu ardente desejo, e as obras da capella de seu Menino Deus começárão com toda a actividade, e dois annos depois doava ella a mesma capella e uma casa, dependencia da mesma, á religião franciscana, levada das considerações da falta que havia na terra de sacerdotes, que assistissem aos povos com a palavra evangelica, e frequentassem os confissionarios, por só haver um vigario em cada freguezia, com a obrigação de festejar a mesma ordem todos os annos o Menino Deos, e lhe dar por sua morte sepultura, no recinto de sua capella.

Impetrada a licença do ordinario, pelo provincial Fr. Ignacio da Graça, foi verbalmente concedida ; deixou-se, porém, de lavrar a escriptura da respectiva doação, e ficou por isso sem effeito.

Instituida em 1765 a irmandade dos Passos, entrou Joanna para o seu gremio, e no dia 3 de Julho de 1767 obteve a irmandade provisão para erigir na igreja do Menino Deus a capella do Senhor dos Passos, a qual, sendo começada em 27 de Julho do anno seguinte, ficou concluida no de 1769.

Tinha-se realizado o mais ardente desejo de Joanna ; podia morrer tranquilla, mas a vida se lhe prolongou ainda por onze annos.

Durante todo esse tempo, tão largo para ella, trajou o habito da ordem terceira da penitencia, para o que obteve licença da mesma ordem, e d'elle usou quotidianamente. Seguírão o seu exemplo outras devotas, e entre ellas Jacintha Clara, que succedeu a Joanna de Gusmão na administração da capella, não só por occasião do seu fallecimento, como durante a sua estada n'esta cidade do Rio de Janeiro pelos annos de 1773 a 1774, quando aqui diligenciava esmolas para a sua capella.

Compenetrada da sublimidade de sua missão e levada da tendencia de seu espirito para o amor do proximo, não descuidou-se da infancia desvalida, esses anjos desterrados da patria celeste. Repartiu com ella os conhecimentos bebidos na casa paterna, de que sahírão tão distinctos e instruidos varões ; não era simplesmente uma mestra no meio de suas discipulas, mas uma mãi caritativa, piedosa e boa, que se fazia amar, ao passo que se tornava respeitada, contendo-as com aquelle olhar expressivo e perscrutador que lhe dera a natureza, e que conservou em toda a sua perfeição, ainda nos ultimos momentos da vida ; ou affagando-as com aquelle riso angelico, que lhe pairava nas faces, e que lhe dava um não sei que de amabilidade.

A longa idade que os céos lhe concedêrão n'este valle de lagrimas serviu-lhe para augmentar as suas privanças e tornal-a a imagem da resignação.

Dôres agudissimas, como corôa de espinhos, lhe cingião o coração e varavão-no com a espada da morte.

Sobreviveu a todos os seus parentes e viu baixar á sepultura todos os seus irmãos, destituidos de bens da fortuna, e alguns na ultima miseria da vida humana ! Quantas vezes nas horas longas de

seu recolhimento, em que ficava a sós com a sua alma, depois de haver preenchido os duros e arduos preceitos, a que se impuzéra para com a divindade, não se entregaria á contemplação do nada das grandezas terrestres, cujo quadro real e sublime tinha em sua propria familia! Ignacio e João votão-se á abnegação das cousas mundanas, e terminão seus dias nas pobres cellas de suas ordens; Alexandre vê perecer seus filhos no meio das chammas, que lhe devorárão tambem sua fortuna, e expira pobremente n'um leito de penurias, depois de ter servido de secretario de uma embaixada a uma das primeiras côrtes da Europa e de ter sido um dos melhores ministros do reinado de D. João V. Bartholomeu foge á inquisição de Lisboa e moribundo bate ás portas do hospital de Toledo, mendigando uma enxerga para seu ultimo leito, e um lençol que lhe sirva de mortalha, depois de ter quebrado as leis da attracção e descoberto a aeronautica remontando-se aos ares em sua machina e deixando boquiaberto o povo da cidade de Lisboa.

Mais alguns annos e um seculo teria passado por sobre essa cabeça veneranda, encanecida por tão longa idade!

Afinal já não vivia; arrastava apenas a existencia, como pezado fardo.

Curvada ao pezo de noventa e dois annos, arrimava-se ao bordão de suas peregrinações e ia-se grave, vagarosa e cansada pelas ruas da villa do Desterro.

A velhice, a mocidade e a infancia lhe tributavão então as maiores considerações de respeito, de amor e de sympathia. O povo se descobria em signal de veneração, e ouvia-se no meio das turbas um murmurio surdo abafado, que dizia:

— « E' a beata Joanna de Gusmão! E' a mulher sancta! »

Na noite de 15 de Novembro de 1780, um luzido acompanhamento de homens envoltos em opas escarlates e assetinadas, empunhando brandões acesos e entoando os cantos da Eucharistia, seguido de numeroso concurso de pessoas de todas as classes, de todas as idades, de ambos os sexos, sahiu da matriz da Senhora do Desterro e dirigiu-se a uma pobre choupana.

Abriu-se a porta; parou silenciosamente o acompanhamento, e o sacerdote, conduzindo o sancto viatico, penetrou na morada da humilde pobreza, no asylo da sancta virtude.

Uma mulher, estendida sobre pobrissimo leito; pallida; com as faces enrugadas pelo sulco dos annos; os cabellos longos e brancos; mas ainda com os olhos cheios de vida, reflectindo o brilho da vela benta, que ardia ante a imagem do Crucificado, estendeu a mão descarnada, balbuciou algumas palavras repletas de uncção e recebeu satisfeita e alegre entre os seus labios, ungidos pelo anjo da oração, a sagrada particula, o pão da alma.

Desde então se lhe amortecêrão os olhos; puzerão-lhe a vela da agonia entre os frios dedos de uma mão, e o crucifixo na outra,

e as lagrimas congelárão-se nas rugas cavadas da face. Os labios, em rapida contracção nervosa, deixárão escapar um suspiro languido, abafado, e tornárão-se para sempre immoveis....

O acompanhamento apagou os seus brandões, e seguiu silenciosamente pelas ruas por que viera. Um murmurio surdo e triste derramava, como que a medo, a noticia da morte da beata Joanna.

No dia seguinte, as vozes lugubres e plangentes dos sinos da capella do Menino Deus annunciárão as suas exequias, levando os seus funebres e tristes sons aos arredores da villa. Uma procissão acompanhou o seu esquife, suspenso sobre os hombros de seus irmãos terceiros da Penitencia. Ao cantico dos mortos, baixou o seu corpo á sepultura que ella escolheu para seu eterno jazigo, e donde não deveria ser jámais exhumado.

A irmandade dos Passos guarda ainda hoje em modesta urna, em sua igreja, como reliquias sanctas, alguns dos restos mortaes da beata Joanna de Gusmão, a fundadora da capella do Menino Deus, a dedicada mestra da infancia desvalida, a bôa e caritativa pobre, que repartia de suas esmolas com os necissitados como ella, e de quem ainda a tradição dos habitantes da provincia de Sancta Catharina honra a memoria.

J. NORBERTO DE S. S.

OS ESTUDANTES DE HEIDELBERG

POR

CHARLES DESLYS.

TOMO II.

I

A SALA DOS CAVALLEIROS.

Se Wilhem Arnold escapára aos perigos da Floresta Negra, se salvára o grão-duque, se, desde então, tudo lhe corrêra tão maravilhosamente, é porque havia deixado duas mulheres em preces; é porque, em vez de um bom anjo, elle tinha dois.

Helena.... Bertha.... amava-o esta como a um salvador e a um desposado; aquella, como a um coração valente e a um irmão.

Por muito tempo, depois da partida do destemido viajante, havião-se conservado ambas na varanda da janella.

Bertha já não era cega; porém, durante oito dias ainda, devia conservar uma facha nos olhos.

— Olha! repetia, pois, incessantemente á condessa; olha, Helena; o que vês?

E o que lhe podia responder a condessa senão isto:

— Criança! repara que é noite... e noite sombria e sem estrellas! De ha muito que Wilhem desappareceu; o velho Frantz acaba de sumir-se tambem. Parece que de proposito mais espessa se tornou a noite depois que elles desapparecêrão. Apenas posso distinguir no horizonte a floresta que confunde-se com o céo, agora quasi tão escuro quanto ella; posso com custo descortinar algumas arvores amigas, que erguem-se nas vizinhanças do castello e parecem começar a gemer, como á approximação de uma tempestade.

E não era a tempestade um perigo de mais para Wilhem? Bertha estremeceu e calou-se.

Porém, decorridos alguns minutos apenas, não pôde deixar de ainda dizer:

— Helena, o que vês? Olha bem, Helena... oh! olha!

Ah! Helena entrevia agora o relampago que fendia a nuvem, mas sem o atroar do trovão, e como para prevenir aos viajantes demorados que procurassem apressados algum abrigo onde se resguardassem da colera de Deus.

Depois, emfim, ribombou o raio ao longe... fez-se logo ouvir um pouco mais perto... ainda mais... e por ultimo mesmo sobre as cabeças de Helena e de Bertha.

Desde então não trocárão mais uma palavra, porém conservárão-se presas ás mãos uma da outra... e apezar da chuva que ao redor d'ellas corria, ficárão as duas moças mudas e cheias de anciedade, na varanda, até pelo meio da noite.

A escuridão, cada vez mais impenetravel, tornava cegas a ambas igualmente n'aquelle momento. Mas tambem a alma tem olhos.... e estes atravessão as trevas, e para suas vistas não existem distancias. E' o pensamento que vê, é a alma que se arremessa após os entes a quem ama, e a elles se une rapidamente. Não tardou o pensamento de Bertha em encontrar Wilhem.

O mesmo não acontecia á condessa. Amava a Wilhem apenas como a um irmão, e como este era o amor que consagrava ao grão-duque. Dizia, porém, a sós comsigo:

— O que será feito d'elles? Onde estão á esta hora? Perdidos nas trevas, na floresta, na tempestade!... E o raio já cahiu por muitas vezes... Eu o vi! Estarião elles ali?... E... os companheiros da meia noite... esses homens desapiedados e terriveis! Ciladas por toda a parte... por toda a parte clavinas, espadas e punhaes! E n'este mesmo momento, talvez...

De repente Helena estacou e deu um grito.

Em meio do sonho que acordada a entretinha, em meio d'esse horizonte em que mugia a tempestade de um modo sinistro, acabava de vêr Wilhem e o grão-duque traspassados de golpes... Wilhem e o grão-duque expiravão.

Cousa admiravel! Na mesma occasião Bertha deu um grito... tambem ella tinha visto.... porém com essa lucidez magnetica que o amor concede, com essa percepção maravilhosa de distancia remota, que assusta os mais incredulos e obriga a empallidecer os mais fortes.

Era justamente a hora do combate com os companheiros da meia noite.

De commum accordo entrárão precipitadamente as duas moças, e uma juncto da outra lançárão-se de joelhos ante um oratorio.

Ainda ali se achavão ao despontar do dia.

Febricitantes, inquietas, cheias de oppressão, procuravão vagamente no espirito algum meio mais real de terem noticias dos tres viajantes nocturnos, ou ao menos de intercederem por elles com mais efficacia.

N'esse momento o toque de matinas subiu de repente ao céo com a nevoa matinal.

— Vamos orar na igreja da aldêa! disserão ao mesmo tempo Bertha e Helena.

Apenas havião dado alguns passos fóra do castello, vírão dirigir-se ao seu éncontro um velho mendigo de semblante desconhecido e trajo singular. Era de altura desmedida e tão magro, que dir-se-hia um esqueleto coberto de trapos. No emtanto exame mais minucioso attrahia-lhe a sympathia. Olhos vivos, tez rosada, cabellos e barba bastante pretos, tudo indicava que era ainda moço; além d'isso, os musculos das mãos e dos braços indicavão n'elle um vigor pouco commum; e nos lampejos do seu olhar quasi feroz, no garbo militar do seu andar, havia alguma cousa, que inculcava menos o mendigo do que o aventureiro.

Depois de ter deixado cahir sua esmola no chapéo estendido, quiz Helena passar adiante, puxando Bertha para si.

Porém o mendigo conservou-se na mesma posição, e começou a dizer em voz mysteriosa:

— Muitas cousas passárão-se esta noite na Floresta Negra!

Advertidas por secreto instincto, as duas moças parárão immediatamente.

Bem que não o interrogasse senão o olhar da condessa, o mendigo continuou:

— Um primeiro viajante que cahe em poder dos companheiros da meia noite... dois outros cavalleiros que os atacão para libertarem o captivo... tiros... combate... são derrotados os companheiros da meia noite... O primeiro escapa-se com um dos libertadores... o outro, o mais velho, ferido levemente, disse-me esta manhã: « Vai pedir esmola á porta do castello da planicie; ha ali duas jovens senhoras

muito caritativas, e para que o sejão particularmente comtigo, entregar-lhes-has este bilhete ! »

E o mendigo tirou do cinto um papel dobrado em quatro e estendeu-o com todo o respeito á condessa Helena.

Essa especie de carta apenas continha estas poucas palavras :

« Acreditai em tudo quanto vos disser o amigo Jack ! »

— O amigo Jack , disse o forasteiro , sou eu ! Nada temais pelo velho Frantz. Velo sobre elle e respondo por sua vida. Quanto aos dois mancebos, não vos inquieteis, minhas nobres senhoras !... Estão salvos... palavra de Jack !

E como por encanto desappareceu o amigo Jack.

Meio tranquillisadas, entrárão Bertha e Helena na humilde igreja para agradecerem ao Senhor, ou melhor, para lhe pedirem de novo, pois que ainda duvidavão.

Porém, pelo correr do dia, chegou ao castello uma carta do grão-duque. Carlos Frederico contava á condessa todos os acontecimentos da noite. Tecia a Wilhem Arnold o mais brilhante elogio, e terminava dizendo : « Nutra a vossa linda companheira, condessa, as mais lisongeiras esperanças ! Ao seu cavalleiro devo a vida ; é justo que em troca lhe outorgue eu a felicidade... e não tardará muito ! »

Nada mais tinhão a receiar as duas amigas ; agora Bertha tinha tudo a esperar.

Passárão-se, pois, as horas risonhas e rapidas no castello da condessa.

Entretanto Helena começou a sentir-se triste e preoccupada.

Conrado não apparecia ; nenhuma noticia , nenhuma lembrança d'elle.

Felizmente tinha Bertha no coração bastante confiança e alegria para ambas, e as dava sem cessar á sua amiga. Recordava-lhe o passado como garantia do futuro. E demais, não pedira Conrado oito dias ? Não era de justiça conceder com toda a franqueza e sem restricções esse supremo adiamento ?

Assim decorrêrão os quatro primeiros dias.

— Helena, disse alegremente Bertha, acordando no dia seguinte, Helena ! é de hoje que começo a tirar a minha facha todas as noites.

— Sim, respondeu Helena, mas só á noite e sem luz ; foi assim que o *doutor* recommendou-o.

— Não fallou na lua, querida condessa, e basta-me só essa luz... eu mesma não desejo outra... para a sancta peregrinação que medito.

— Peregrinação !... O que queres dizer, Bertha ?

— Escuta ! Não me queiras mal por ter feito d'isto um segredo... é uma d'essas criancices piedosas que causa prazer quando escondida no mais intimo do coração ! Eil-a... Recordas-te, não é verdade, do velho carvalho ? Ali foi que perdi a vista... Ali quizera eu recuperal-a esta noite.

— No meio da floresta !... disse vivamente Helena, á noite !...

— Justamente ! Será uma soberba noite... asseguro-te ! Não m'o recuses, supplico-te !

— Criança !... sorriu a condessa. Ora vamos.... Não ha remedio senão fazer-te a vontade ! Entretanto darei ordens para que tenhamos uma bôa escolta.

— Até á entrada da floresta... consinto ; porém não mais adiante... porque...

— Porque ?

— Ha muitas razões... primeiro, quero que nos achemos sós no meio da floresta... bem sós , como nos mais bellos dias da nossa infancia !

— Então estava Conrado comnosco !... não pôde a condessa deixar de dizer com amargura.

— E ainda comnosco ahi estará a sua lembrança.... os profanos talvez fizessem esvaecer essa querida sombra !... Depois iremos mais longe, além do velho carvalho...

— Mais longe ainda ?...

— Adivinha.

— Mas onde ?

— Em algum lugar onde certamente não ousarião acompanhar-nos os teus criados... porque crêem com toda a certeza, assimcomo todos n'estes arredores , que as feiticeiras ahi reunem-se todas as noites.

— No velho castello de Rosenthal ?

— Sim ; foi o meu berço... lembras-te d'isso ?... Devo-lhe tambem os meus primeiros olhares !

— Mas acha-se arruinado agora, completamente arruinado !.... Os musgos e as pedras desmoronadas lhe embargão a entrada ! Só lhe sabem o caminho os animaes da floresta e as aves de rapina !

— Mais conservados, pois, estarão os signaes de nossos passos... achal-os-hemos mais facilmente... E' uma ideia fixa que alimento... é um ideal que affago ha muito tempo... é um sonho de cega... e quero emfim transformal-o em realidade !... Depois, para ti mesma, minha querida Helena, não será uma noite maravilhosa ? Partirmos ambas de juncto do velho carvalho... e enlaçadas uma com a outra, subirmos o escarpado pedregulho que leva ao velho castello... vermos junctas esses trilhos perdidos nas moutas, essas grandes arvores, que tantas vezes abrigárão nossas loiras cabeças de crianças ; essas rochas, esses desperhadeiros profundos, esses mil retiros só conhecidos por nós, cada um dos quaes recordar-nos-ha algum dia feliz .. Imagina, Helena ! vêr tudo isso... ao clarão do luar magnifico que se prepara, segundo me disserão... Vêr tudo isso, Helena, será para ti o mesmo que vêr Conrado, como nunca pudeste vel-o senão em sonho !... para nós ambas, será o mesmo que fazermos reviver em uma só hora todos os bellos annos da nossa infancia que passou ! Helena, dize-me que consentes... sim ?... Dize-me que estás prompta a partir?...

Apezar de toda essa tentadora meiguice, apezar d'essa supplica irresistivel, a condessa a principio nada respondeu de positivo.

Mas ao anoitecer, quando acabavão de cear, vírão o carro prompto em frente do portão.

— Obrigada! exclamou enthusiasticamente a poetica Bertha.

E os cavallos partírão a galope.

Uma hora depois parou o carro, não precisamente á entrada da floresta, como o havia a moça pedido, mas á algumas centenas de toezas do velho carvalho.

Quando a condessa recommendou aos criados que as esperassem ahi, quando estes a vírão internar-se com Bertha pela espessura do bosque, ficárão interdictos. Um só d'entre elles realmente não ousaria dar semelhante passeio nocturno, e, digamol-o sem rebuço, essa maneira de pensar era partilhada por todos os habitantes dos arredores, visto como a collina que se estendia até ao velho castello de Rosenthal gozava da mais execravel reputação.

As duas moças, porém, não lembravão-se d'isso! Ligeiras e contentes, parecião mais escorregar do que andar no musgo, que lhes abafava o ruido dos passos, e semelhantes a duas fadas allemãs, chegárão em breve ao tronco da arvore sagrada.

Ahi, quiz Bertha collocar-se exactamente na mesma posição em que se achava, quando o raio a ferira.

Depois, de repente arrancou a facha dos olhos.

Então...

Oh! como exprimir o prolongado grito de alegria, o extasis radiante da moça?

Não só tornava a vèr uma das mais caras perspectivas de que conservou a lembrança, a ultima de todas que contemplárão seus olhos, como até conseguira isto em uma das mais bellas noites que se póde imaginar, por occasião de um dos mais encantadores luares, que havião illuminado a Floresta Negra adormecida.

Em face das duas moças, immoveis e arroubadas, estendia-se em fórma circular a pittoresca entrada, gottejando perolas e diamantes, que cahião filtrados do astro de prata. Ao redor, as primeiras arvores, ainda isoladas, projectavão, como em um sonho do céo, seus longos e fantasticos profis nos ares, suas grandes sombras na relva. Mais ao longe, era a floresta sombria, aberta aqui e ali, ou antes, bordada por chuveiros de luz, e que, docemente balouçada por ligeira brisa, prolongava ao longe suas incessantes e mysticas harmonias. Por effeito singular da inclinação da collina, parecia que n'essa noite a floresta subia para o céo, cujo azul estava marchetado de mil fogos, entre os quaes destacava-se preto, no horizonte, o phantasma immovel e sombrio do velho castello em ruinas.

Bertha avistou-o, reconheceu-o e quiz correr para elle.

Debalde, porém, chamou a condessa. Helena tinha os olhos fitos

no lugar em que pela ultima vez vira Conrado, criança ainda, vencedor do lobo furioso. Conversava, com a voz d'alma, com o vulto risonho do objecto muito amado da sua infancia; esquecia a realidade ao ponto de repetir baixinho:

— Conrado, não me ouves?... Conrado... oh! meu querido Conrado!

Ao passo que ella assim evocava o irmão, a mão da irmã travou da sua mão, e de novo puxou-a rapidamente atravez da floresta.

Durante alguns minutos ainda apresentou-se em frente d'ellas uma larga estrada em linha recta allumiada pela lua. Mas o caminho estreitou-se logo, e em breve mudou-se em acanhado e tortuoso trilho, todo coberto de emmaranhada folhagem, cuja sombra tornava-se mais e mais espessa á proporção que ellas caminhavão.

Instinctivamente as duas moças approximárão-se uma da outra, e sem se fallarem andárão assim quasi um quarto de hora.

As poeticas illusões, os risonhos devaneios da mocidade e do amor, não se arriscavão mais, ao que parece, n'esse negro e frio tunnel de verdura. Helena e Bertha começavão a sentir-se sós. Para que ellas estremecessem ao mesmo tempo bastavão o menor susurrar do vento na folhagem, o estalido mais ligeiro dos ramos seccos que quebravão-se-lhes aos pés, o murmurio mais natural da floresta. Querião fallar-se, e não podião; sentião que o medo se lhes ia pouco a pouco augmentando.

E como ficárão quando, á direita, julgárão ouvir de repente o caminhar pezado de muitos homens, que parecião seguir uma estrada pouco mais ou menos parallela á que ellas seguião!

A principio calárão os seus mutuos receios... procuravão não escutar mais, não ter ouvido cousa alguma.

No emtanto força foi-lhes ceder á evidencia. Começavão a distinguir a extremidade do trilho, que abria-se de subito em um espaço descoberto e vivamente allumiado. As moças só distavão d'elle alguns passos. De repente, n'esse fundo luminoso, desenhárão-se os profis de tres homens, de tres espadas, de tres clavinas.

Ao verem isto, Bertha e Helena recuárão vivamente para a sombra.

Os tres homens desapparecêrão, e o ruido dos seus passos esvaeceu-se a pouco e pouco ao longe.

A custo pôde Bertha reprimir um grito de susto. Ainda palpitante conservava-se meio occulta sob a mantilheta da condessa, que, levando-lhe o dedo aos labios, tambem estava extremamente assustada.

Decorrêrão alguns minutos antes que podessem ellas recuperar a respiração e a palavra.

— Helena! disse emfim Bertha, quem sabe que perigos nos rodeão!... Oh! voltemos, voltemos!

E a moça fez um movimento como para voltar.

Conteve-a Helena. Já havia essa nobre e corajosa mulher recuperado todo o seu sangue frio, toda a sua energia.

— Louca, respondeu ella, apertando nos braços a encantadora medrosa, louca que és! agora estamos muito mais perto das ruinas do que da carruagem... E demais, o que ha de assustador n'esse encontro nocturno? Erão tres lenheiros retardados que se dirigião para a sua choça, e nada mais. Já que nos arriscámos até aqui, vamos adiante!

O ar calmo da condessa, suas maneiras resolutas, e sobretudo suas doces caricias, forão gradualmente tranquillisando Bertha. Comtudo, foi ainda com uma especie de tremor que ella disse:

— Uma das tres sombras, a mais alta, a maior, não te fez lembrar o mendigo do outro dia?

— Justamente, respondeu Helena; tive, como tu, essa ideia. Mas isto é uma razão de mais para que nos tranquillisemos. Esse mendigo é amigo do velho Frantz... e nosso, por consequencia... é o amigo Jack!... Vamos adiante!

E continuárão a caminhar.

Chegárão logo á extremidade do trilho.

Semelhantes a um panno de theatro, as ultimas arvores, que occultavão a vista, afastárão-se de repente, e tornárão patente o mais pittoresco effeito nocturno, a mais esplendida decoração que se possa imaginar.

Era ainda um vasto espaço inundado de luzes alvas, ligeiramente azuladas. Mas que differença com o aspecto da clareira! Aqui, no primeiro plano, vião-se immensas rochas de basalto preto, de fórmas singularmente variadas; um pouco mais ao longe, o escarpamento rapido e selvagem, em cujo cimo erguia suas paredes desmoronadas o velho castello de Rosenthal, cuja torre elevada era n'esse momento coroada pela lua

Como um *i* pelo seu ponto.

D'ali cahião-lhe os raios perpendicularmente sobre a magestosa ruina, de que certas partes estavão tão allumiadas como em pleno dia, e outras, envoltas em espessas sombras, surgião negras do fundo azul do céo. Em tempo algum o gothico castello merecêra tão bem o nome que lhe davão; nunca, tanto quanto n'essa noite, o velho castello de Rosenthal fôra tão digno de chamar-se — o *castello do diabo*.

Pela segunda vez ficárão immoveis e arroubadas as duas moças. Qualquer outro sentiria a mesma admiração ante o espectaculo maravilhoso que se lhe desenrolava aos olhos. Para ellas, porém, havia, além d'isso, a magica poesia das recordações que parecia animar cada ruina, cada um rochedo, cada uma das arvores. Embora se puzesse tudo em movimento, embora tudo se lhes figurasse um magico redo-

moinho ao clarão da lua, Helena e Bertha não ficarião sorprendidas. Em semelhante lugar, debaixo de um tal céo, nada lhes parecia impossivel!

Em meio do seu extasis, de novo a irmã de Conrado soltou um grito penetrante.

Atravez de uma das setteiras vira passar rapidamente uma luz.

A condessa olhava n'este momento para outro lado; foi mister que Bertha lhe explicasse a causa do seu susto.

— Louca! disse ainda Helena, que extravagancia! não só ninguem habita o velho castello, como não é mesmo possivel habital-o.

— Entretanto aquella luz?

— Foi alguma estrella que cahiu do outro lado do horizonte; foi um fogo fatuo!

E como a noite adiantava-se, apoiou no seu o braço da moça inquieta, e com ella subiu o declive da collina.

A cada passo, as perspectivas mudavão ao redor d'ellas. Dir-se-hia que as irradiações e as sombras seguião, dansando, seu tortuoso caminhar atravez dos rochedos e desmoronamentos cobertos aqui e ali de moitas e arbustos.

Muitas vezes julgárão ouvir como ruidos de passos, como murmurar de vozes. Bertha estremeceu de novo, mas Helena conseguiu ainda tranquillisal-a.

— E' alguma raposa que foge... dizia ella, ou algumas aves que despertárão em seus ninhos! Coragem!... Vamos adiante!

E á proporção que se adiantavão, tomavão fórmas cada vez mais assustadoras o velho castello e a rocha sobre que elle estava edificado. Sósinha, não se teria Bertha animado a chegar aos ultimos desmoronamentos, mas acompanhava-a Helena que, apezar de sujeita á impressionabilidade da mulher, possuia no coração toda a intrepidez, todo o valor dos antigos cavalleiros, que outr'ora havião erguido na rocha o velho castello á semelhança de um ninho de aguia.

Chegárão, pois, as duas moças á abobada do primeiro pavimento. Não havia nem portas, nem ponte levadiça, mas os desmoronamentos da torre enchião n'esse lugar o fosso: assim, pois, passárão.

Bertha não tremeu mais e a condessa sentiu-se mais forte ainda. Estavão ambas em sua casa.

Atravessárão sem hesitar o primeiro pateo, depois o segundo. Por toda a parte só deparavão com ruinas amontoadas, trapeiras abertas. setteiras que parecião suspensas apenas por festões delgados de musgo, paredes rachadas, de onde sahião arbustos que balouçavão ao agitar do vento.

Após alguns segundos de muda contemplação, Bertha dirigiu-se para uma escada monumental que de um lado levava para os andares superiores, e do outro parecia descer ás profundidades subterraneas do castello.

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

Em vez de subir como suppunha-o provavelmente a condessa, a irmã de Conrado descia.

— Onde vais? perguntou Helena.

— Ao tumulo de minha familia, respondeu Bertha; vou vêr a sepultura de meu pai e a de minha mãi.

— E' um pensamento de piedade, que favorecer-nos-ha no resto da expedição, disse a condessa seguindo-a.

Mas nos ultimos degráos foi obrigada a parar, tão profunda era a escuridão.

— Espera-me ahi! disse Bertha. E' uma romaria que muitas vezes fiz, mesmo cega; a escuridão, pois, não me embaraça.

Minutos depois voltava a moça, mas reflectia-se-lhe no semblante consternação profunda.

— O que tens? perguntou-lhe inquieta a condessa.

— E' extraordinario! disse Bertha, não existe mais a passagem.

— Como?

— Ou pelo menos está obstruida.

— Por um desmoronamento interno, sem duvida?

— Pensei-o tambem assim. Mas apalpando com as mãos, pareceu-me sentir como... fardos, caixas, pipas... não sei... mas é extraordinario.

— E não ha outra escada que vai ter aos subterraneos?

— Sim, na sala dos cavalleiros. Vem!

E foi elle quem rapidamente travou agora da condessa.

Subírão assim a escada, atravessárão em todo o comprimento o patéo cheios de arbustos e de ruinas, e desapparecêrão sôb a alta porta quebrada e que parecia ter sido outr'ora a entrada senhorial do castello.

Essa especie de perystilo ainda achava-se allumiado pela lua; além começava a escuridão.

Qual não foi o pasmo de Bertha e Helena, quando, entrando na segunda sala, que servia de corpo de guarda dos homens d'armas, vírão através da terceira porta, através da porta da sala dos cavalleiros.... uma luz viva que reflectia até ellas!

As duas moças parecêrão transformadas em estatuas.

Depois voltárão-se uma para a outra, como se movidas fossem pela mesma mola.

Bertha quiz fallar, mas apenas pôde estender a mão que tremia para o incomprehensivel clarão.

— Sigamos! disse heroicamente a condessa, e vejamos o que é!

E caminhou em direcção á sala.

Bertha seguiu-a até á porta da sala dos cavalleiros, reprimindo a respiração, e caminhando na ponta dos pequeninos pés.

Cousa mais extraordinaria ainda! Dois amplos reposteiros de velludo preto substituião a porta arrancada, e só deixavão por entre as pezadas dobras um estreito intersticio, por onde filtrava a luz.

As duas moças puzerão o ouvido á escuta.

Nenhum ruido... nenhum sopro... nada.

Helena entreabriu de vagar o reposteiro e olhou.

A vasta sala achava-se n'esse momento completamente deserta, mas parecia que tudo ahi estava preparado para uma mysteriosa reunião nocturna.

Na extremidade opposta erguia-se uma especie de estrado; n'elle havião collocado uma grande cadeira gothica de espaldar, que tinhão achado, sem duvida, no castello abandonado, porque distinguião-se ainda n'ella as armas dos Rosenthal.

Nos dois lados d'essa especie de throno tinhão posto duas outras cadeiras mais baixas, dois bancos de carvalho. Em baixo havia uma mesa, e por toda a sala cadeiras de fórmas diversas, columnas e estatuas derribadas, entulho de toda a especie, entre o qual vião-se espalhados alguns cofres quebrados e cantaros vasios.

Na mesa ardião dois candelabros elegantes e modernos, nas paredes tochas presas a ganchos de ferro. Em frente á cada janella cahião reposteiros semelhantes aos que fechavão a porta.

Helena, extremamente estupefacta, contemplava, havia alguns segundos, esse inexplicavel preparativo de scena, que apenas tinha por actores corujas e morcegos, que assustados volteavão em torno das luzes.

Por cima do hombro da condessa tambem Bertha olhava.

De repente, a seus pés, nos subterraneos sem duvida do castello, prorompe stridente e longa vozeria de risos, gritos e bravos, como uma tumultuosa borrasca de orgia.

A propria Helena não pôde conter um grito de susto.

Bertha apertou-a nos braços, e occultando-lhe no seio a loira cabeça, balbuciou em voz cheia de terror:

— Leva-me d'aqui! tenho medo, oh! fujamos!

E as duas moças fazem um movimento para se retirarem.

Mas eis que n'esse momento, por detraz d'ellas, na primeira sala, resoou uma bulha de passos... e ouviu-se uma voz que cantava:

E' meia noite!
Vamos! é hora!
Ave da noite,
Já, sem demora
Teu pouso deixa,
E' meia noite!

E a cantiga approximava-se rapidamente... e com ella a bulha dos passos.

Como impellida pelo terror, Bertha arremessou-se na sala, de que momento antes ia fugir.

Seguiu-a Helena; mas a grandeza do perigo lhe parece augmentar a presença d'espirito e a coragem.

Entretanto os passos e a cantiga se ião approximando cada vez mais... ainda um segundo... e as duas imprudentes vão ser descobertas... Já os dois reposteiros agitão-se sob a mão desconhecida que os tem de abrir!...

Rapida e soberba como uma leôa, que se arremessa adiante dos filhos na hora do perigo, Helena atira-se em soccorro de Bertha... agarra-a, arrasta-a comsigo e a leva para traz de um dos reposteiros que escondem as janellas.

E ahi amparando nos braços sua companheira desmaiada, reprimindo-lhe a respiração, dominando-se... escuta... olha... invisivel ainda, mas, ah! por quanto tempo?

Tres homens já havião penetrado na sala dos cavalleiros.

(*Continúa*).

FREI CHAGAS.

Quem fór á capital da Bahia e se dirigir para as bandas do convento dos religiosos franciscanos, junto á portaria ha de vêr um velho frade, de cabellos alvos, como delgados fios de prata a lhe cahirem por sobre o rosto pallido e descarnado.

Um cinto formado de cordas lhe prende o burel franciscano, e simples alparcatas livrão-lhe os pés das pedras ponteagudas das calçadas ou da frialdade da lage do convento.

E' um velho, cujo olhar limpido e sereno reflecte-lhe a bondade d'alma e a tranquillidade de uma consciencia pura. Quem por ahi passa, rico ou pobre, grande ou pequeno, descobre-se com respeito ante aquella figura de ancião, cujos labios brancos murmurão orações, e cujos dedos apertão as contas de um rosario, que vão cahindo uma por uma, ao terminar de cada *pater noster*.

Sem duvida que a curiosidade vos está incitando a perguntar que religioso é esse, que a população inteira da Bahia conhece, tão singelo no trajar, tão ameno no tracto, tão franco nas maneiras, e que vive não nas cellas superiores do convento, mas no pavimento terreo e junto á portaria.

E' o leigo Fr. Chagas.

Quando eramos creança, nos domingos nós o viamos passar arrimado a um bordão, com seu longo chapéo branco, seguido de uma grande quantidade de meninos, e subindo as escadas dos sobrados tão altos da capital da Bahia.

E os meninos ficavão á porta, emquanto o velho Fr. Chagas subia.

Trajavão sempre calças e jaquetas azues. Conhecia-se que erão pobres aquelles meninos; mas quanto prazer lhes irradiava nas frontes infantis e quanta affeição que mostravão ao bom religioso!

E Fr. Chagas descia do sobrado, sempre arrimado ao bordão, e com o sorriso nos labios e nos olhos, e com a fronte sempre serena, ia seguido por aquellas creanças, de que parecia o pai.

E nem uma palavra de reprehensão, nem um grito mais severo, e nem um franzir de sobr'olhos para conter aos mais traquinas. Se algum ruido havia, Fr. Chagas olhava para o deliquente, mas olhava-o com doçura, olhava-o com bondade, e o delinquente córava, e Fr. Chagas seguia o seu caminhar.

E eu gostava tanto d'aquelle velho, e d'aquelles meninos tão pobres e que parecião tão satisfeitos, e todos os domingos, á hora do costume, me ia pôr á janella para vêr passar Fr. Chagas.

Quem era, o que fazia, porque passava assim aos domingos, acompanhado sempre por aquelles meninos, eu não o sabia.

E perguntava á minha mãi, e ella, sorrindo, apenas me respondia:

« E' Fr. Chagas. »

Depois, e com a idade, decifrou-se para mim o mysterio.

Fr. Chagas é um verdadeiro apostolo da caridade. Filho do Evangelho, realiza esse preceito tão do céo, de estender a mão ao infeliz que a desgraça atirou á beira da estrada, de amparar os que soffrem e constituir-se pai, sem protecção e sem arrimo.

E nunca recuou em meio dos maiores embaraços. A principio lhe não quizerão acreditar na sinceridade das palavras, na sinceridade das acções. Dizia-se que Fr. Chagas pretendia especular com a caridade publica. E quando o vião nas suas peregrinações domingueiras, indo solicitar o obolo que sobrava ao rico em favor dos pequeninos que o rodeavão, despontava em muito semblante o riso da mofa e a hesitação da incredulidade.

Depois, forão alto fallando os factos; a portaria do convento franciscano constituiu-se o alvergue dos pequeninos, que ião receber do leigo Fr. Chagas o pão do espirito, os primeiros rudimentos da instrucção e tambem o pão que fortalece o corpo e as vestes que o cobrem.

E' sua missão, diz elle, chamar a si os pequenos que por ahi errão sem pais, sem familia, sem protecção, sem abrigo; é seu dever tiral-os d'esse caminhar que levão, para não se irem arrojar ao abysmo dos vicios; é seu dever ainda estender a mão para arrancal-os da beira da estrada, onde dormem ao sol, descuidosos do futuro, e supplicar para elles os sobejos da bolsa dos ricos.

E fal-o sempre assim; desde muitos annos que o vemos trilhar a mesma vereda; desde a manhã até á noite conserva-se sentado a explicar a um numero avultado de pobrezinhos os caracteres do abecedario, a soletrar com elles as primeiras palavras da Cartilha, a ensinar-lhes a formar as letras, a explicar-lhes em linguagem singela e chã os preceitos divinos da religião da caridade.

E' tambem elle quem lhes fornece os livros, papel e pennas e todos os diversos accessorios, e quando o sino do convento bate o meio dia, é ainda Fr. Chagas quem ministra comida áquelles orphãos que adoptára como filhos.

Hoje lhe é facil perseverar n'essa obra de caridade tão evangelica que a si tomou; ninguem mais descrê da sua sinceridade, e é bem raro o mez em que não recebe Fr. Chagas alguma avultada esmola, já de particulares, já de associações de caridade, para auxilial-o na nobre missão que acceitára.

Bem velho está, alquebrado ao pezo dos annos, dos trabalhos, dos jejuns, das penitencias, pouco tempo lhe restará, por certo, para o desempenho do seu apostolado; aquelle corpo abatido verga já para o chão, como a procurar a campa, véo espesso lhe embacía os olhos, e as mãos, que tremem, a custo sustentão as contas do rosario; e quem substituil-o-ha, ao velho leigo Fr. Chagas, e quem continuará seu ministerio de caridade!

E não serão sómente os pequeninos os que lhe hão de lamentar a falta... Quanta viuva ha por ali, n'aquella grande cidade, que vive das esmolas que sua caridade lhe envia! quanta donzella, cuja virtude elle ampara, não terá de chorar o leigo que era a sua providencia e o seu apoio?

Desculpem os leitores da *Reivsta*, lhes haver eu roubado o tempo com essas reminiscencias de minha terra; Fr. Chagas não é um grande vulto fóra da Bahia, poucos o conhecem; mas é um bello caracter, uma alma nobre e grandiosa, e certo que para elle haverá uma linha no grande livro em que se registrão os nomes dos apostolos da caridade.

PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.

MOMENTOS DE OCIO.

—

Emquanto me occupava a estudar os differentes annos da Escola Central, entretive-me a lêr e reflectir sobre o que lia, tanto dos escriptos nacionaes, como dos estrangeiros, relativos ao Brasil, e passando em revista as ideias que me havião ficado do tempo em que percorri alguns lugares do interior do Maranhão, não como um viajante instruido, mas como um

menino curioso, pareceu-me que havia observado e ouvido contar muitas cousas curiosas e que são desconhecidas no Rio de Janeiro, ao menos no municipio neutro, onde tenho sempre residido, e que não se achão mencionadas n'essas obras. Levado por esta ideia, não pude resistir ao desejo de escrever algumas linhas, como uma simples recordação da minha infancia, e que me apraz recordar a cada instante. São quadros que jámais se podem esquecer, e que a memoria recorda acompanhados de scenas agradaveis e tocantes, e por isso, em minhas horas de recreio, quando outros distrahião-se percorrendo as ruas e visitando os cafés, entretinha-me eu em recordal-as e traçar, como as forças me permittião, a descripção que me apresentava a reminiscencia. Ora os costumes e os usos vinhão apresentar-se-me, e procurava delineal-os senão de um modo agradavel a um leitor litterato, ao menos a mim, simples provinciano, fóra da minha provincia e abandonado no Rio de Janeiro, sem relações e conhecimentos; ora lembrava-me da fertilidade natural de minha provincia, o bello Maranhão, e procurava esboçar o que me offerecia a memoria, e que se desconhece mesmo no Brasil; ora erão algumas tradições e crenças populares, que não sei até que ponto devem ser acreditadas.

Julgando conveniente que se conheça no Brasil o que se passa por outras provincias, pareceu-me não ser inutil dar publicidade a esses artigos, que, apezar de mal escriptos, têm o merecimento de não se afastarem da verdade.

Intitulei-os *Momentos de ocio*, querendo indicar que forão escriptos ao correr da penna, n'essas horas em que o espirito não se póde applicar a estudos serios, e nas quaes a lembrança dos lugares de minha primeira idade vinhão trazer-me um sentimento de saudade. Aqui tudo é diverso: ha bellezas incomparaveis, mas que differem das que por lá se encontrão, e que, ou por influencia do nascimento, ou por outra causa qualquer que me seja desconhecida, fazem reputar o Maranhão como um dos mais bellos lugares do Brasil.

Os que não sentirem d'este modo, desculparáõ o meu erro, pois que não ha filho que não ache em sua mãi qualidades que não descobre nas outras mulheres, e todos os que amarem o seu torrão natal não deixaráõ de achar comigo que sou arrastado por um bello sentimento, desejando que a minha provincia se torne mais conhecida, e procurando de vez em quando apresentar alguma ideia que me sugira a imaginação.

Aquellas pessoas, que por difficeis de contentar censurarem a minha ousadia, fazendo a publicação dos *Momentos de ocio*, e que os acharem pouco dignos de figurar nas paginas da *Revista Popular*, onde tantos escriptores conhecidos publicão os seus artigos, podem passar sobre os que publíco, tendo com isso muito pouco a perder; mas aquelles dos meus comprovincianos que, como eu, aprendêrão a amar a nossa provincia, admirando a grandeza e magestade das suas producções e as bellezas d'essas matas, em que não tem penetrado a arte humana —a dos campos, onde vegeta uma variedade prodigiosa de arbustos, não deixaráõ de agradecer a minha bôa intenção e de publicar alguma cousa de mais merecimento.

15 Outubro 1861 455

SUCURUJU'.

No Maranhão ha uma cobra que habita os rios e os *igarapés*, á qual dão o nome de *sucurujù*: é a mesma que que o poeta Magalhães em sua *Confederação dos Tamoyos* chama *sucuryuba*.

Adoptarei aqui o nome *sucurujù* por me parecer mais conforme com os nomes dados pelos brasis do Maranhão. A lingua d'estes faz-se notar pela sua monotonia; quasi sempre as vogaes, que entrão n'uma syllaba, reproduzem-se em todas as outras; assim, dizem: *muracutuhú*, *surucucú*, *urucú*, etc.; *jassanan*, *bacába*.

Quando vai-se comprar o gado á feira do Piauhy, tendo a boiada de atravessar o rio Parnahyba, onde ha muitas d'estas cobras, os vaqueiros põem á frente o boi mais magro e ordinario, afim de que a *sucurujù* o apanhe.

Tendo então de uma só vez engolido esse boi, ficão-lhe os chifres atravessados na bocca e não pódem passar, tornando-se ella d'este modo impossibilitada de comer outro qualquer. O mesmo fazem quando têm de atravessar outro rio por ellas infestado ou algum *igarapé*.

A maneira pela qual esta cobra faz o seu lance não deixa de ter curiosidade. Prende a cauda a uma arvore ou a uma raiz da beira do rio, e depois com o resto do corpo faz um lance em torno do objecto que deseja apanhar, enrosca-se toda em torno d'elle, e aperta-o com tanta força, que lhe quebra todos os ossos, e a carne fica moida como se entrasse n'uma prensa.

Quando o individuo acha-se n'este estado é que engole-o. Sabe-se d'isto por diversos factos que se têm dado, e que são referidos como a expressão da verdade.

Referem, por exemplo, que uma vez tendo sido um preto engolido por um d'estes animaes, e outras pessoas tendo-o encontrado na beira do rio, derão-lhe um tiro na cabeça, e que abrindo-o, encontrárão o preto ainda com todas as suas partes, mas inteiramente amassado: estava todo e completamente molle até aos ossos.

A razão de se haver encontrado este animal na beira do rio é que depois da refeição cahem n'uma prostração indizivel, n'um abatimento e n'uma fraqueza immensa, de sorte que se conservão deitados á margem da agua por espaço de tres ou quatro dias, até que se tenha operado cempletamente a digestão.

Referem os escravos e os indios que este animal, logo ao nascer, recolhe-se ao interior das matas, onde procura por si mesmo o alimento, e de tempos a tempos procura uma das mais altas palmeiras e toma n'ella a medida da sua grandeza, e que, achando-se igual a essa magestosa planta, busca então os grandes rios e n'elles se vai lançar.

Não sei o gráo de verdade d'esta asserção, e creio até que não é muito provavel a sua existencia; o que sei, porém, é que a *sucurujù* tanto vive dentro dos rios como fóra d'elles, preferindo sempre as aguas.

Referem que faz as suas presas tanto na agua como em terra, e que muitas vezes caça veados e outros animaes terrestres.

CONDUCÇÃO DE MADEIRAS.

No interior do Maranhão, á margem do Rio Itapicurú, as casas dos pobres são feitas de madeiras que se podem conduzir ao hombro, e cobertas de pindobas. Os ricos possuem bois, carros, zorras, etc., de fórma que podem conduzir grandes madeiras, e por isso construem magnificas habitações.

Apezar de se contentarem os pobres com os seus casebres, todavia necessitão fazer suas canoinhas para a pesca, e afim de irem ao Lugar, ou alguma villa.

As suas canôas são feitas de um só tronco de arvore de 25 a 30 palmos ordinariamente: para obter esses troncos de arvores no lugar de suas habitações vão com os machados, abeirando o rio, procural-os onde existirem. Cortão-nas, deitão os troncos ao rio, e voltão ás suas habitações. O rio corre lentamente (salvo no tempo de *repiquete*), de sorte que elles chegão á casa antes que a madeira passe por defronte, e ahi esperão a sua passagem.

Quando a madeira, que vem fluctuando, chega quasi á altura da casa, lanção-se ao rio a nado, e a arrastão d'esse modo até ao porto, onde, ajudados então por outras pessoas, conduzem-a para terra afim de preparar a canôa.

Eis a propria natureza auxiliando aos naturaes do paiz, ou melhor, eis homens sem instrucção alguma sabendo tirar partido dos recursos naturaes. Economisão extraordinariamente o tempo por esse meio, e, mais do que isso, conseguem fazer facilmente o que não o poderião por falta de braços.

Com effeito, por este meio um só homem póde n'um dia procurar e transportar á casa a madeira que lhes convém, emquanto seria necessario o emprego de um grande numero e durante muitos dias, para abrir por terra um caminho e fazer o transporte.

DESOVA DAS CORIMATÁS.

Entre as riquezas naturaes do Maranhão deve-se mencionar a espontaneidade apresentada em certas epochas, em que é possivel pescar-se sem rede ou tarrafa, ou qualquer outro dos meios empregados ordinariamente. E' sufficiente que tenha-se um terçado e alguma paciencia, de sorte que este artigo poderia ter o singular titulo de — Pesca á terçado. —

Corimatá é um peixe de agua doce que habita os rios do Maranhão, e que em certas epochas do anno apparece em cardumes, como as tainhas no Rio de Janeiro. E' justamente na occasião em

que tem de deitar as suas ovas, tempo de sua maior gordura, que estes peixes apresentão-se em abundancia.

Receiando que os outros devorem as suas ovas, procurão então a margem do rio e principalmente as cabeceiras dos igarapés, pois que estas são habitadas unicamente por peixes muito pequenos.

As *corimatás* apparecem aos milheiros e sobem reunidas, procurando as cabeceiras dos igarapés, de sorte que devem passar por lugares de largura extremamente pequena, e como vêm em grande quantidade, são obrigadas a encostar-se umas ás outras, cobrindo inteiramente grande extensão de agua.

Os fôrros do Maranhão, que preferem sempre a vida errante ao trabalho continuado, não deixão de comparecer á entrevista no dia e hora designados, e então, armados de um terçado ou facão, as esperão.

Logo que ellas se approximão, como o igarapé n'esse lugar é muito raso, torna-se facil matar grande numero que, apenas cortadas vêm á tona d'agua, e elles as apanhão depois de haver passado o primeiro cardume. Esperão depois pelo seguinte, e cada um faz o seu carregamento de peixe.

A desova tem lugar em tempos que elles sabem, e não sei por que meio conhecem o dia e hora em que devem achar-se de espera ; o que sei é que o sabem.

N'esta epocha as *corimatás* achão-se tão gordas que permittem a extracção do azeite de que serve-se a pobreza de preferencia ao de carrapato (mamona), pois que o fabrico d'este exige maior fadiga, e o systema por elles adoptado foi e será por muito tempo trabalhar o menos que fôr possivel.

Tendo o seu carregamento de peixe, que póde alimental-os por muitos dias, entregão-se completamente ao sancto ocio, pois que têm satisfeito todas as suas ambições, que são ter comida sem trabalho.

Muitos ainda mais preguiçosos não se dão ao trabalho de remontar á cabeceira do igarapé, e preferem fazer menor colheita, comtanto que fiquem ao pé das suas casas.

Para isso carregão suas espingardas, e em vez de chumbo, servem-se de uma flexa preparada do talo da pindoba, e com ellas postão-se á margem do rio. Apenas avistão uma d'ellas, fazem fogo, e o peixe, atravessado pela flecha, fica á tona d'agua, d'onde elles o retirão lançando-se no rio a nado.

Estes homens, habituados a esse genero de caça, apezar de ignorarem todos os principios de physica e mesmo se existe alguma sciencia com este nome, sabem que o lugar occupado pelo peixe não é aquelle em que parece estar, de modo que attendem ao effeito da refracção em suas pontarias, sem poderem dar a razão por que o fazem.

Eis porque os aprendizes ou novatos consultão os mestres atiradores afim de saberem a razão por que estes não vão ter a seu destino,

e a licção do mestre consiste apenas em dizer-lhes:—Abaixe a mão quando fizer a pontaria—querendo com isto significar que não se deve apontar para o peixe directamente, mas sim para um lugar mais proximo do atirador, e onde elle não se acha.

Só a practica fórma os bons atiradores, pois que elles têm de fazer esse desconto a olho, e mesmo já tendo recebido do mestre a necessaria licção de physica, muitas pontarias são dadas ao aprendizado, pois que a grandeza do desvio elles dão approximadamente em medidas rectilineas.

Bacuri.—Pequi.

O modo de vida dos habitantes do interior do Maranhão é muito singular, como já se póde ter visto n'outros artigos que tenho escripto. A sua maxima é trabalhar pouco para obter a comida, e nada nos dias em que ha o que comer. Não se poupão á fadiga toda a vez que o trabalho não produza suor, e que consista em andar pelos matos ou pelas estradas, de espingarda ao hombro e faca á cinta. Pouco se lhes dá de ter um somno interrompido, comtanto que o trabalho seja nenhum. Não sei se deva-se attribuir este amor á ociosidade ao clima do paiz, ou se á educação e fertilidade natural do territorio. Parece-me que devem prevalecer de preferencia estas duas razões, pois que na cidade trabalha-se como n'outra qualquer parte, e os escravos por toda a provincia fazem tanto serviço como em outro qualquer lugar do Brasil.

No Maranhão ha duas grandes arvores que são, entre outras, inteiramente desconhecidas no Rio de Janeiro. São o *bacurizeiro* e o *pequizeiro*, cujos fructos denominão-se *bacuri* e *pequi*. Ambas estas arvores são de grandeza enorme, e o diametro do tronco attinge muitos palmos. Ambas produzem excellente madeira de construcção, sendo a primeira empregada principalmente para a construcção de portas e assoalhos, e a segunda para fazer carros em que se transportão as colheitas. A primeira encontra-se principalmente nas matas virgens, e a segunda nos terrenos pedregosos.

Os fructos de ambas estas arvores são excellentes, sendo muito mais variado o uso que se faz da primeira, pois que não só come-se no estado em que se colhe, como além d'isso presta-se a variedades de excellente doce, emquanto a segunda só póde ser comida depois de cozida.

A madeira do *bacurizeiro* é resinosa, assimcomo os caroços que existem no fructo, emquanto a do *pequizeiro* é oleosa. Este apresenta a singularidade de que, tirada a casca, encontra-se uma polpa que, segundo alguns, é magnifica; abaixo d'esta ha um caroço dentro do qual acha-se um côco muito saboroso, mas que póde ser comido por alto preço, pois que o envoltorio é formado de camadas de espinhos muito finos e rijos, sendo estes muito venenosos, e tendo a propriedade de entranhar-se cada vez mais no interior do corpo, até

que finalmente sahem em algum lugar, deixando o individuo gravemente enfermo.

Os livros de medicina referem casos de moças, que tendo o vicio de engolir agulhas, estas penetrão-lhes o corpo e vão sahir em diversos lugares, escolhendo de preferencia alguns determinados : a mesma propriedade têm esses espinhos venenosos.

Como estas arvores são naturaes do Maranhão, nascem espontaneamente nos matos, e os fôrros sabem os lugares em que existem as maiores e melhores na sua vizinhança, de sorte que, chegando o tempo d'estas fructas, fazem marchas de legoas para irem colhel-as.

Seria difficil apanhal-as na arvore, e além d'isso na occasião de sua perfeita maturidade, cedendo a seu proprio pezo ellas cahem por terra ; e como a quéda mais abundante se faz durante a noite, resolvem-se elles a dormir debaixo da arvore. Partem, pois, de suas casas, levando comsigo uma rêde, e chegando ao anoitecer ao lugar desejado, armão-nas em arvores e deitão-se, supportando as pragas (mosquitos), os mucuins, os carrapatos, piuns etc., á espera que caia um fructo. Ordinariamente para afugentar estes incommodos animaes recorrem á fumaça de certas plantas, ou de outras cousas.

Debaixo da mesma arvore reunem-se diversos, e para obter a sua presa recorrem ao mesmo processo empregado pelas nações para augmentar o seu territorio, isto é, reconhecem o direito do primeiro que empolga, e o de conquista.

Deitão-se todos e dormem com o somno o mais leve possivel ; a quéda de um fructo é o signal de despertar, e precipitão-se todos correndo para o lugar d'onde partiu o som, procurando ás escuras alcançar a presa. O que primeiro a empolga é o dono, e se mais de um põe-lhe a mão em cima, a força decide do resto, salvo se algum tem a generosidade de ceder.

Por este processo obtêm elles o sobrio alimento, de que se contentão durante alguns dias, que passão a dormir, a conversar, a fumar, beber etc.

PESCA Á TIMBÓ.

Em outros artigos mostrei a maneira singular de pescar a tiro e a facão ; exporei agora a *pesca á timbó*, a mais prejudicial que se poderia ter inventado.

No Maranhão existem duas especies de *timbó* : uma nasce unicamente nas matas, e é uma qualidade de cipó que se prende ás grandes arvores, sendo tão forte que póde sustentar um homem pendurado, apezar de ter um diametro apenas de algumas linhas. Só um homem bastante vigoroso o póde colher, por causa de sua fortaleza.

Este cipó emprega-se para a confecção de cestos, caçuás, etc., e para amarrar os caibros das casas cobertas de palha, sendo estas amarra-

das por outro mais fraco e facil de manejar, que se denomina *traicoá* e que nasce pegado ás palmeiras, como se a propria natureza quizesse indicar o seu destino.

Não é d'esta especie de *timbó* que fallamos, mas sim de outro que, em vez de prestar-se ao emprego d'este, encerra um veneno fortissimo. E' um arbusto que os fôrros conhecem perfeitamente e que empregão como um meio expedito de pesca.

Para isto elles colhem-o e pisão-o bem sobre uma pedra, e levão certa porção para um igarapé, onde o dissolvem.

Então, misturando-se á agua, grande quantidade de peixes de todas as grandezas vêm á superficie agitando-se como qualquer animal envenenado, e depois são recolhidos mortos. Alguns dizem que os peixes ficão embriagados, outros que morrem envenenados, e que o mesmo acontecerá a qualquer animal que beber d'essa agua.

Se realmente o *timbó* encerra um veneno mortifero, este systema de pesca deveria ser prohibido, pois que a sua unica vantagem é favorecer a preguiça, ao passo que as desvantagens avultão.

Com effeito, não vejo para que sirva matar os peixes que não se podem ainda comer pela sua pequenhez, a não ser para diminuir a futura abundancia; e não sei tambem que vantagem haverá em envenenar as fontes.

Dizem que o peixe obtido por este processo não prejudica a saude, o que não sei se é a realidade, pois que até hoje ainda ninguem se deu ao trabalho de fazer uma analyse do vegetal a que me refiro, nem tão pouco de seguir as consequencias salubres ou insalubres da alimentação com os peixes obtidos por esse modo.

Côrte, 1859.

MICROSCOPIA.

Invenção e construcção do microscopio.—Microscopio achromatico.—Maravilhas que revela este instrumento.—Vegetação microscopica.—Desmideas e Diatomeas, Protococcus, etc.—Infusorios terrestres, fluviaes e marinhos.—Foraminiferos, polygastricos, rotiferos, monades, etc.—Infusorios e vegetaes microscopicos disseminados no ar.—Fins providenciaes dos organismos microscopicos.—Usos do microscopio nas sciencias naturaes, na economia domestica e no commercio.

O auctor da natureza é grande nas grandes cousas; nas pequenas elle é infinitamente grande?

Estamos muito longe do tempo em que Addison podia dizer no *Specta-*

dor: « Abafar os gatos no recipiente pneumatico, dissecar cães vivos, traspassar os insectos para os examinar no microscopio, taes são as occupações dos medicos sem doentes ! »

Pope exclamava na mesma epocha : « Perguntais porque o homem não tem olhos microscopicos ? Simplesmente porque o homem não é uma mosca. Discernir a organização de um verme, é não comprehender os céos. Que bella vantagem ! »

Certamente o homem perderia mais do que ganharia se seus olhos adquirissem a possança do microscopio. Não é menos certo que quem quer ter uma ideia de todas as maravilhas do universo não deve desprezar o estudo dos infinitamente pequenos, assimcomo o dos globos luminosos do firmamento As observações recentes têm posto esta verdade em toda a luz, graças aos trabalhos de Leenwenhoeck, Williamson, Spencer, Ehrenberg, Schultz, Dujardin, Raspaill, Schaet, Schleiden, Manteli e outros. Estas observações têm feito sobresahir toda a importancia do papel que representão esses seres assaz exiguos para escapar aos melhores olhos, e não se tracta mais de divertir os curiosos, fazendo-lhes vêr animaes desapercebidos, cujas fórmas e movimentos excitão a sua sorpresa. O micrographo foi muito mais longe, mostrando que uma parte das terras emergidas foi formada por seres microscopicos, que as enchêrão em tempos mui remotos, e preenchem ainda todos os dias as funcções essenciaes prescriptas por aquelle perante o qual nada é grande nem pequeno.

Como muitas outras descobertas, a do microscopio foi attribuida a diversos inventores. Pretende-se que Rogerio Bacon adquiriu o renome de feiticeiro por ter arranjado um vidro —*que fazia vêr cousas estupendas.*

Outros dão a honra a Jansen, hollandez fabricante de oculos. Um d'estes instrumentos foi enviado a Cornelius Drebbel, mathematico do rei Jacques II, que fez outros semelhantes e se proclamou o inventor. Hooke foi um dos primeiros e dos melhores observadores inglezes. A pedido da sociedade real, elle publicou um curioso *in-folio* intitulado *Micrographia*, ou descripções physiologicas de alguns pequenos objectos, feitas por meio de vidros de augmentação. Leenwenhoek veiu depois dar um novo impulso a este genero de estudo, e empregava lentilhas bi-convexas que elle mesmo fabricava. Newton, dizem, concedeu a sua attenção ao microscopio, e construiu um que recommendava de não esclarecer senão com uma luz simples, o raio amarello, por exemplo : era, como alguem diz, um instrumento reflector ; porém se o instrumento attribuido a Newton era com effeito um reflector, seria inutil esclarecer o objecto com uma luz simples.

Em 1738, o Dr. Nathaniel Lieberkuhun, de Berlim, inventou o microscopio solar. O novo instrumento conquistou um grande renome, porém mais tarde se reconheceu que, se elle proporciona um espectaculo brilhante, presta-se todavia mal ás observações exactas. A partir d'essa epocha, os microscopios simples ou compostos se multiplicárão, porém não se soube applicar-lhe o aperfeiçoamento do achromatismo. Depois que se conseguiu realizar esse aperfeiçoamento, o microscopio tornou-se um instrumento util e que reune uma grande nitidez á uma extraordinaria possança de amplificação.

Este ultimo progresso é de tal importancia, que convém explicar o que se entende por *achromatismo*.

Quando uma lentilha de vidro transmitte e reune os raios luminosos, ella não obra do mesmo modo sobre todos os objectos. Em uns, os raios violetas, mais afastados de seu caminho primitivo, se reunem em primeiro lugar e formão uma imagem por detraz da lentilha; em outros, os raios vermelhos, os menos refrangiveis de todos, afastão-se menos e vão produzir uma imagem de sua côr maior e mais afastada do que a violeta. Entre estas duas primeiras imagens se achão arranjadas as de todos os outros raios córados, conforme o gráo de sua refrangibilidade. Quando o observador usa de um microscopio não achromatico, a representação do objecto não fórma uma unica imagem, porém muitas, sobrepostas umas ás outras e orladas com as côres do arco iris. Este cahos é o effeito do que se chama *aberração de refrangibilidade*. Mas esta causa, que é a principal da não distincção das imagens, não é a unica; existe uma outra com o nome de *aberração de esphericidade*. Convém explicar estas duas aberrações relativas ás lentilhas ordinarias para bem comprehender-se em que consiste o achromatismo.

Conceba-se que se tenha destacado uma zona de vidro de uma lentilha: esta zona será um prisma circular. Repetindo-se a operação sobre o resto da lentilha, produzir-se-ha uma segunda zona, cujas superficies não parallelas entre si obraráõ sobre a luz á maneira de um prisma; e assim por diante, de modo que a lentilha inteira póde ser considerada como uma serie de prismas circulares e concentricos. Se essa lentilha fosse mui pequena, a geometria ensina que a inclinação das superficies prismaticas successivas seria a mesma em toda a parte. Todas terião, portanto, o mesmo valor e o mesmo effeito; a luz afastada pela reunião d'essas superficies se reune no mesmo lugar para formar n'elle a imagem do objecto luminoso, de que ella faz parte. Não acontece isto na practica. A lentilha não é sufficientemente pequena em relação ás espheras de que póde ser considerada como uma parte, porque se o fosse, faltaria luz á imagem. Tambem as superficies prismaticas, de que a suppomos composta, não concentrão os seus raios no mesmo ponto. Quanto mais afastadas do centro se achão as zonas circulares, maior é o angulo que as suas superficies fazem entre si, e a acção que ellas exercem sobre a luz para a desviar, augmenta com esse angulo. As zonas prismaticas formaráõ, portanto, imagens tanto mais proximas da lentilha, quanto mais proximas estiverem de suas extremidades. Da esphericidade das lentilhas resulta consequentemente uma outra confusão. Os opticos se têm exforçado para corrigir essas duas aberrações. applicando sobre uma lentilha convexa de vidro uma lentilha concava de crystal. Os prismas, que se podem conceber como elementos da lentilha concava, são voltados em sentido contrario aos da lentilha convexa; resulta d'esta opposição e da maior força dispersiva do crystal um meio de compensação das duas aberrações. Depois de numerosas tentativas, conseguiu-se afinal produzir uma imagem correcta, desembaraçada das côres extranhas, isto é, *achromatica* (*). Afim de

(*) Esta denominação, proposta por Jeronymo Lalande, compõe-se de *a*, privativo, e de *chromo*, côr.

chegar a uma correcção mais completa da dupla aberração, sobrepuzerão-se tres pares de lentilhas. A *objectiva* que resultou d'esta reunião fornece uma imagem maior do que o objecto, que ainda mais se augmenta com uma ocular composta de dois ou tres vidros convexos.

Devemos ajunctar que o objecto, para produzir uma imagem sufficientemente luminosa, deve ser fortemente illuminado. Para o conseguir, se o objecto é opaco, se faz cahir sobre a sua superficie superior um feixe de luz condensada por uma lentilha ; se elle é transparente, o illuminão por cima por meio de um espelho plano ou concavo. Constituido d'este modo, o microscopio revela maravilhas. Quando se começou a usar d'elle, experimentou-se toda a sorte de objectos. A infusão de materias organicas, principalmente partes de plantas, fez vêr seres desconhecidos de fórmas variadas, de orgãos extraordinarios, e dotados de uma faculdade de locomoção bem pronunciada e espontanea. Denominárão a esses seres singulares —*animalculos infusorios*, ou simplesmente—*infusorios*.

Sirvamo-nos do microscopio para penetrarmos n'esse mundo invisivel que nos cerca —no ar, nas aguas e na terra.

Em 1839 o professor Ehrenberg fez conhecer á sociedade de historia natural de Berlim uma notavel descoberta. Elle acabava de verificar que uma certa camada de terra era quasi inteiramente composta de infusorios vivos. As duas terças partes d'esta camada se compõem de infusorios siliciosos, a maior parte vivos. Estes pequenos organismos não podem receber oxigeneo senão aquelle que lhes levão as aguas de infiltração, e entretanto elles vivem e parecem propagar-se activamente. E' em Berlim que se acha esta formação, que parece occupar uma especie de cône de 20 a 60 pés de profundidade. A 20 pés abaixo da cidade dos homens se encontra a cidade do povo microscopico. Em alguns quarteirões a solidez dos edificios está compromettida pela resistencia incerta d'essa massa de seres vivos. Pouco mais ou menos na mesma epocha, perto de Ebsdorf e não longe de Luneburg, no Hanovre, viu-se uma massa de 20 pés composta de terra siliciosa movel, coberta somente com uma camada de turba de pé e meio de espessura. Até á profundidade de dez pés, esta massa é totalmente branca, o resto é córada. O microscopio n'ella fez vêr cabeças e esqueletos siliciosos de infusorios ; reconheceu-se além d'isto que estes pequenos restos formão quasi a totalidade da massa. A sua perfeita conservação permittiu verificar que elles pertencem a animalculos, cujas especies ainda vivem nas aguas vizinhas. E' escusado dizer que, se é facil vel-os quando estão reunidos em massa, não é possivel discernil-os a olho quando estão isolados. A Virginia possue grandes e extensos leitos de marmore, formados em grande parte de despojos, que offerecem por meio do microscopio um espectaculo tão agradavel como variado. As cidades de Richmond e de Petersburg, situadas n'esse estado, estão edificadas sobre restos de infusorios, cujas camadas têm muitas braças de profundidade. O tripoli, cujo pó serve pora polir as superficies metallicas, apresenta uma nova

prova da antiga existencia e da prodigiosa multiplicação dos animalculos microscopicos. Esta substancia existe em muitos lugares; mas quasi todo o tripoli que se consome na Europa vem de Berlim, na Bohemia, onde se encontrão camadas de 14 pés de possança, quasi inteiramente compostas de despojos siliciosos de infusorios. Ainda que mui bem conservados, suppõe-se que esses infusorios forão destruidos pela acção de uma mui alta temperatura. Para fazer-se ideia da immensa quantidade d'esses seres microscopicos, basta dizer-se que uma pollegada cubica de tripoli, pezando 220 grãos, contém mais de quarenta mil milhões!

A linguagem ordinaria é impotente para definir a pequenhez d'esses animalculos. Se, todavia, se acreditasse que a sua organização é muito simples, errar-se-hia completamente. Elles têm uma bocca e muitos estomagos (*), e são providos de orgãos moveis, muitos milhões de vezes mais pequenos do que os nossos cabellos. Alguns possuem envoltorios que lhes servem de couraça, delicadamente esculpidos e formados de silica branca e pura. A fórma d'estas couraças é constante para cada especie, de modo que ellas servem para classifical-as. Para encher uma capacidade de uma pollegada cubica, serião necessarios dez milhões de milhares dos mais pequenos d'estes seres. « Estamos acostumados, diz Mantell, a ligar a ideia da vitalidade a corpos providos de orgãos diversamente complicados, cujo destino é preparar os meios de manter as forças e a existencia. Mas nos infusorios achamos creaturas completas, individualidades distinctas debaixo da apparencia de um globulo, de uma simples cellula. Entretanto elles são dotados de movimento e de vida, multiplicão-se com uma prodigiosa rapidez por meios taes, que desconcertão as ideias que formamos acêrca da organização animal. »

As investigações de Ehrenberg o conduzírão a resultados mui notaveis, concernentes á influencia dos seres microscopicos sobre a creação de vastos depositos. Em 1839 elle se occupou da formação do porto de Wismar, no Baltico, e achou que o todo ahi accumulado se compõe em grande parte de animalculos vivos e dos despojos d'aquelles, cuja vida cessou. A proporção chega a vinte e um quarto. Calcula-se que cada semana se deposita no porto mais de duzentas mil libras de lodo. Durante o ultimo seculo as aguas correntes têm ali depositado cousa de tres milhões e quatrocentos mil quintaes; termo medio, um decimo d'esse lodo se compõe de animalculos.

M. Hagen diz que em Pillau o lodo é quasi inteiramente de infusorios. Conforme os seus calculos, não menos de 7,200 a 14,000 metros de infusorios se depositão annualmente de mistura com o lodo. Por meio do microscopio, que lhe revelou tantas cousas, Ehrenberg escrutou o lodo do Nilo, cuja virtude fecundante é celebre desde seculos mui remotos. Todas as amostras por elle examinadas apresentavão uma tão grande quantidade de infusorios, que um volume correspondente a uma cabeça de alfinete continha um, e quasi sempre

(*) Consulte-se as obras de Dujardin, particularmente a memoria inserida nos *Annaes de sciencias naturaes*, 2.ª serie, vol. X, pag. 258, 1838.

muitos d'esses pequenos seres. Que raio de luz devemos nós á essa observação! Desde tempos immemoriaes se attribuia a possança fertilizadora d'esse lodo aos detritos das rochas e vegetaes carreados pelo rio; entretanto o microscopio nos revela que é menos a esses dois materiaes, do que á immensa accumulação de animaes infinitamente pequenos, que se deve attribuir a causa. O instrumento capaz de revelar esses factos parece prometter serviços notaveis á agricultura; porquanto, se elle ensina a causa que torna certos todos capazes de fertilizar os campos, mostra tambem que os depositos deixados pelas aguas nem todos possuem a mesma virtude. De todas as partes do mundo se tem enviado a Ehrenberg amostras de lodo de diversos rios. Póde-se julgar da habilidade d'esse sabio e da bondade de seus instrumentos, sabendo-se que porções d'essa materia, tendo apenas a espessura de uma linha, forão sufficientes para reconhecer a presença de centenas de especies differentes, muitas das quaes novas para elle.

Repartidos, como se achão, por todas as partes do globo, os animaes microscopicos têm certamente uma importancia predominante; todavia, certas fórmas organizadas, actualmente consideradas como vegetaes, não são menos multiplicadas, e não lhes cedem em influencia nas operações da natureza. Quando se submette ao microscopio uma parcella d'essa delgada camada, que enverdece a superficie das aguas estagnadas, e mesmo a lama das praias do mar, nota-se uma infinidade de seres, comprehendidos hoje entre os vegetaes, que não podem deixar de excitar espanto e de captivar a nossa attenção.

Os botanicos os dividem em dois grupos: as *desmideas* e as *diatomeas*; as primeiras vivem nas aguas doces, as segundas nos mares. Estes seres singulares assemelhão-se pouco a plantas, e por isso os zoologistas as têm disputado aos botanicos; mas as recentes indagações derão a victoria aos ultimos.

Ellas têm o aspecto de figuras geometricas, taes como circulos, parallelogrammos, triangulos, figuras sem duvida contrarias ás ideias que temos dos contornos que constituem a belleza dos seres organizados. A faculdade de que gozão essas plantas de se apropriarem á silica espalhada nas aguas que ellas habitão, torna as suas fórmas indestructiveis. Por isso os seus despojos se accumulão sem cessar em camadas successivas, que se depositão no fundo das aguas do mar, dos lagos e dos pantanos. « A' primeira vista, diz o Dr. Harvey no seu bello livro (*), o effeito produzido por cousas tão pequenas, que poderião existir milhares em uma gotta d'agua, póde parecer insignificante quando se tracta de camadas submarinas. Todavia, do mesmo modo que todo o instante entra em conta na successão dos tempos, cada um d'estes seres atonicos fórma um elemento de extensão; pelo decurso dos seculos sua incessante producção e seu desenvolvimento formaráõ montanhas. »

O estudo das rochas estratificadas as mais antigas, d'aquellas que

(*) *Sea-side Book* (o livro da borda do mar).

lhes têm succedido de idade em idade, e dos depositos que se accumulão contemporaneamente, nos ensina que, a partir da primeira aurora que luziu sobre a natureza animada até ao tempo actual, esta raça prolifica não cessou de estar em actividade. O sol illumina de continuo esses innumeraveis seres, que compõem grandes camadas de terreno e formão cadeias de montanhas. Póde com verdade dizer-se que seus despojos servem de base a immensas regiões; que nenhuma região deixa de conter seus restos; finalmente, que em algumas elles constituem os principaes elementos da estructura da terra. O mundo é formado de vastas catacumbas de *diatomeas*, e as suas gerações vivas são tão numerosas como d'antes.

O Dr. Hooker, fallando da abundancia d'essas plantas microscopicas, faz as seguintes considerações: « As aguas, e ainda mais, os gelos do oceano antarctico, estão cheios d'ellas, entre o 60° e o 80° da latitude sul. Não obstante a desvantagem apparente das circumstancias exteriores, as *diatomeas* se multiplicão além de toda a crença.

Em toda a parte o mar se mostrava coberto com uma côr parda de oca. Em alguns lugares, tudo o que se descobria de sua superficie em torno do navio era de uma côr parda pallida. » Bem que abundantes nos mares glaciaes, as plantas microscopicas se achão provavelmente espalhadas em todo o oceano; mas, como ellas escapão aos olhos pela sua pequenbez, não podem ser percebidas senão quando reunidas em massa, ellas contrastão com algum corpo opaco. E' provavel que essa vegetação sirva de alimento ás innumeraveis familias de animaes marinhos que povoão esses mares. Que grande e sorprendente cadeia serve para unir as plantas microscopicas, e os gigantescos habitantes das profundezas do oceano!

Quando esses pequenos sêres percorrem o circulo de sua existencia, descem para o fundo das aguas onde formão camadas de grande extensão. Os seus restos bordão em toda a sua circumferencia a *Barreira de Victoria*, geleira de 400 milhas de comprimento sobre 120 de largura. (*) Em todas as sondagens que se tem feito sobre esse banco, o instrumento, que penetrava algumas vezes até dois pés de fundo, nunca trouxe senão *diatomeas*. Quem poderia enumerar os individuos enterrados n'esse tumulo marinho!

Por notaveis que parecêrão esses factos, o microscopio ainda nos revela muitos outros. As *diatomeas* fazem longas viagens pelos ares.

Tem-se com effeito achado, onde ellas fluctuavão acima das regiões tropicaes do oceano atlantico. Em uma viagem, Darwin apanhou um pó impalpavel, cahido sobre a coberta do navio, a Oeste das ilhas de Cabo Verde. Examinado a microscopio, esse pó se compunha de restos de *diatomeas*. Terião sido estes restos lançados por algum volcão em actividade? A sua natureza siliciosa permitte que resistão ao fogo, e por esta causa ellas entrão, assimcomo os infusorios, na pedra pomex e nas cinzas volcanicas como partes constituintes.

« Seria difficil, diz o Dr. Harvey, achar na terra ou nas profun-

(1) Viagem do capitão Ross ás regiões austraes.

dezas do mar um só ponto que não contenha esses vegetaes invisiveis, mortos ou vivos. Além da alimentação dos animaes de uma ordem menos elevada, seu destino na economia geral parece ser de formar um terreno proprio para nutrir os grandes vegetaes. Deixão n'elle a silica contida em seus tecidos, talvez no estado o mais proprio á assimilação vegetal; de outro lado, a faculdade de decompor o acido carbonico e tornar livre o oxigeneo não lhes foi negada, e, consequentemente, em razão de sua multidão quasi infinita, o resultado de sua acção não póde ser insignificante na economia geral. Do mesmo modo que a de todas as forças da natureza, a obra d'esses humildes agentes se opéra em segredo, e nós não conhecemos tudo quanto lhe devemos. A propagação indefinida de sua raça, em todas as idades, sua diffusão em todas as partes do mundo, mesmo nos mares glaciaes, dos quaes são os unicos habitantes, não nos permitte duvidar que elles nos rendem serviços proporcionados aos cuidados da Providencia, que nada creou em vão. »

Voltando ao exame da crusta do globo, e investigando que parte têm tido os sêres microscopios na estructura de sua massa, póde citar-se como exemplo alguns terrenos da Gran Bretanha, para fazer-se ideia da importancia da vida organica microscopica na meteria solida do globo.

Tres cadeias calcareas circumscrevem uma superficie que comprehende todo o norte do Hampshire e uma grande parte do Wiltshire meridional, as dunas de Marlborong e de Ilsey, as collinas de Whitchorse; a formação calcarea continúa, com algumas interrupções, em mais cinco condados, domina na ilha de Wight, estende-se ao longo da costa, eleva-se nas collinas, abaixa-se até ao fundo dos valles, desce para o mar onde se abaixa a alguns milhares de pés de profundidade. Em todos estes pontos se encontrão calcareos e calháos rolados. Reduzindo estas materias a pó, e examinando-as a microscopio, conhece-se que ellas estão cheias de materias organicas, que formigão de conchas e de coraes. As *needles* e as dunas, a terra das planicies logo abaixo da delgada camada de relva que as cobre, tudo é composto de conchas e de coraes. As aguas do Humber correm sobre um leito formado de materias semelhantes, e esses mesmos elementos compõem as muralhas brancas que cingem o littoral. Ora, um milhão d'estes sêres occupão uma pollegada cubica; quantos existiráõ na montanha, em toda a cadeia? Devemos todas estas revelações ao microscopio; se porém elle falla a nossos olhos, não falla com menor clareza ao nosso espirito, fazendo-nos comprehender a parte importante que tomão d'estes sêres infinitamente pequenos na obra da creação.

Aos *foraminipheros* é que pertence a maior parte dasc onchas de que acabamos de fallar. Essa familia abunda em certos mares e contribue largamente para a formação das stratas sub-marinhas.

As camadas de *calcareo grosseiro* das vizinhanças de Pariz são inteiramente formadas por uma especie de *foraminipheras*, denominadas *milioli* ou *miliolites*, por causa da semelhança que tem com

o alpiste ou milho miudo. Cincoenta e oito mil d'essas conchas se contém, termo medio, em uma pollegada cubica da pedra das pedreiras de Gentilly, que encerrão bancos muito extensos e de grande espessura. Conforme o professor Austed, póde-se dizer, sem temor de contradição, que a capital de França, e que as cidades e povoações dos departamentos vizinhos, estão quasi inteiramente edificados sobre foraminipheros. Estes pequenos fosseis não se achão menos espalhados, em outras porções do terreno terciario, que se estende da Champagne ao mar, e tornão a encontrar-se na bacia de Vienne e na da Gironda. O Dr. Bukland nota com razão que estas pequenas conchas têm contribuido em muito maior escala para a espessura da crusta terrestre, do que os restos dos elephantes, dos hippopotamos e das balêas.

Sabe-se que em tempos de fome certas populações se nutrem com terra que comem no estado natural, ou misturando-a com os alimentos, para augmentar a quantidade. A este respeito, o illustre Humboldt diz o seguinte nos seus — *Aspectos da natureza* : « A terra que comem os Otomacs é uma argila gorda, quasi insipida, uma verdadeira terra de oleiro (*). Elles a escolhem com muito cuidado nos bancos situados nas margens do Orenoco e do Méta, distinguindo o sabor das differentes especies, por que todas lhes não convêm. Amassão as que têm escolhido e formão bolas de 4 a 6 pollegadas de diametro, que expõem a um fogo moderado até que ellas tenhão adquirido uma côr arroxada, e humedecem a massa antes de a comer.

Quando a enchente periodica dos rios põe obstaculo á pesca, os Otomacs ficão privados de seus meios ordinarios de subsistencia, o peixe e as tartarugas : é então que elles consomem uma enorme quantidade d'essa terra. Humboldt viu em suas cabanas tulhas d'essas bolas empilhadas em fórma de pyramides. E' necessaria uma libra d'esta terra para o sustento diario de um indio : ella compõe o principal alimento durante a estação das chuvas ; mas gostão tanto d'ella, que, mesmo durante a estação secca e quando têm peixe em abundancia, elles comem um bocado d'essa terra como sobremesa. Perguntando-se a um Otomac onde estão as suas provisões de inverno, elle indica com o gesto a pilha de bolas accumuladas no interior de sua cabana. Em muitas outras regiões tropicaes, é preciso prender as crianças para as impedir de comer terra depois de uma leve chuva. » Tenho visto muitas vezes com grande sorpresa, diz o citado Humboldt, que as mulheres, occupadas em fabricar louça na povoação de Banco, levão á bocca grandes boccados de argila. » Conta-se que os negros de Guiné comem uma terra amarellada a que elles chamão *cauac*. Quando escravos nas colonias, elles procurão achar uma terra semelhante, cujo uso pretendem não ser nocivo na Africa.

Mas esse uso não é tão innocente como elles dizem, porque em

(*) Ehrenberg achou grande quantidade de infusorios n'essa terra, que o sabio Humboldt trouxe como amostra.

todos os paizes de escravos esse costume é rigorosamente prohibido. Todos sabem que em quasi todas as provincias do norte do Brasil esse costume é inveterado e sempre nocivo ; e grande tem sido a mortalidade entre os escravos vendidos n'esta cidade, porque, não achando facilmente barro, elles comem a cal das paredes. Na Martinica vende-se nos mercados uma substancia terrosa de um amarello arroxado, de que os negros fazem grande consumo ; em Java vendem-se especies de bolos feitos com terra ; em Lamarang esses bolos tomão a fórma de canudos de canella. Diz-se que em Popoyan se vende nas ruas uma terra calcarea destinada a nutrir os indios, que a comem com a folha da arvore chamada *Coca*. Em geral, o costume de comer terra se acha espalhado em toda a zona tropical, região fertil, mas povoada por uma raça indolente.

Todavia, esse extravagante costume não se limita ás regiões intertropicaes, pois que os Filandezes misturão com o seu pão uma terra que se compõe de restos de animalculos tão pequenos e tão frageis, que se triturão com os dentes. Em tempos de fome, os habitantes da Laponia Sueca misturão com os seus alimentos uma materia analoga em decomposição, a que dão o nome de *farinha de montanha*. A observação microscopica tem feito reconhecer que ella se compõe quasi inteiramente de pequenos organismos. Attribue-se as suas propriedades alimentares á essa substancia organica. Na China existe uma outra especie de terra a que chamão *farinha fossil*. Quando os alimentos ficão caros, vende-se esta materia a pezo, e a empregão misturando-a com farinha de trigo ou de arroz, que depois se tempéra com sal ou assucar.

Submettendo a farinha fossil ao microscopio, reconhecem-se os restos dos seres organizados. Este instrumento nos revela que, em regiões mui diversas, e sem duvida desde tempos mui remotos, os homens têm sido levados por um instincto inexplicavel a fazerem uso de substancias analogas de origem, e contendo todas as materias primitivamente organizadas.

Em 31 de Janeiro de 1837, uma violenta tempestade cahiu na Courlandia. Depois que ella cessou, achou-se perto da povoação de Rauden uma grande quantidade de uma substancia semelhante a papel preto. Esse producto meteorico excitou uma grande curiosidade, mas em vão se indagou a natureza. Conservou-se uma certa quantidade no museu de Berlim, a qual, tendo sido depois examinado por Ehrenberg ao microscopio, reconheceu-se que essa substancia de apparencia papyracea, se compunha de *conservas* misturadas com cerca de trinta especies de infusorios. Cousa semelhante se encontrou em um rio na Inglaterra. Em 1736 notou-se na Silesia, depois de uma enchente do Oder, uma quantidade de materia papyracea, a que derão o nome de *papel natural*. Guardárão-se amostras na bibliotheca de Breslan. No fim de um seculo, o microscopio d'Eherenberg, a que nada escapa, fez reconhecer a sua composição. Essa substancia, a que Humboldt chamou *flanella natural*, era um tecido filamentoso, encerrando conservas e dezenove especies de infusorios.

Em uma carta dirigida ao redactor dos *Annaes de historia natural*, faz-se menção de uma singular substancia semelhante ao papel fino, ou antes a uma luva branca e bem lisa O microscopio fez conhecer que essa materia consistia em conservas, brancas pela acção de sol e cheias de infusorios siliciosos.

Depois de termos visto a parte que tomão os infusorios na formação da crusta do globo, dirijamos a nossa attenção sobre aquelles que encerrão as aguas do Oceano ; mas antes convém dizer algumas palavras sobre uma ou duas subdivisões d'essa immensa familia, e examinar os caracteres que a distinguem.

(Continúa.)

A DUQUEZA DE LA VALLIÈRE.

Reinava Luiz XIV. Libertado o joven rei da tutela do cardeal Mazarino, refreado por muitos annos pela vigilancia tenaz do ministro, começou logo a dar expansão ao genio fogoso, de que dotára-o a natureza.

Não nos fazemos cargo de acompanhal-a na chronica mais ou menos escandalosa de sua longa vida. Esboçamos apenas a biographia de um dos mais lindos typos, de uma das mais delicadas flores d'essa epocha, e crestada pelo bafejo violento do monarcha. Como a planta peregrina e bella vicejou a linda moça de Turenna, mas enlaçou-a em seus braços a arvore gigantesca que crescia junto d'ella, e a mesquinha succumbiu ao estreitar do abraço.

Luiza Francisca de La Baum le Blanc nasceu em 1644 : descendia de uma familia originaria do Bourbonais e estabelecida na Turenna. Morreu-lhe o pai quando ainda corrião-lhe descuidosos os dias de infancia ; e sua mãi, joven ainda, deixou as roupas de viuva pela grinalda de noiva, desposando um fidalgo da casa do duque d'Orléans, irmão de Luiz XIV.

Então *Madama* estava no auge do favoritismo ; a neta de Henrique IV acceitava os galanteios do filho de Luiz XIII, e esquecia nos braços do amante os remorsos da esposa e o pudor da mulher.

No emtanto, e apezar da corrupção da epocha, da immoralidade que dominava aquella côrte, era mister dar um colorido, qualquer que fosse, era mister não affrontar assim de face a moralidade, era mister um véo... *Madama* era a mulher de Gastão d'Orléans, *Madama* era a cunhada do rei.... Não convinha essa ostentação, essa fanfarronice da corrupção e do vicio.

E lembrárão-se de que se devia lançar mão de uma victima, e foi convencionado entre o rei e *Madama* que, para encobrir suas relações e tirar a Anna d'Austria qualquer pretexto de censura, deveria elle *fazer a côrte* a qualquer das damas da princeza. Assim lhe

ficaria a liberdade de vêl-a sempre que quizesse, sem receiar as susceptibilidades e escrupulos da rainha-mãi.

Tinha então a Vallière dezesete annos, era uma bella e innocente menina, ingenua ainda como as flôres dos campos de sua terra. Era um lyrio a que não crestára ainda o vento do deserto. O padre Choisy faz-lhe assim o retrato: « Tinha a côr muito fina e muito bella, os cabellos loiros, o sorriso agradavel, os olhos azues e tão terno e ao mesmo tempo tão modesto o olhar, que attrahia-lhe o coração e a estima de todos; possuia pouco espirito, mas cultivava-o por leitura contínua de todos os dias. » —« Era uma belleza tocante e não triumphante, accrescenta Sainte-Beuve, uma d'essas bellezas que se não completão, que se não demonstrão aos olhos sómente pelas perfeições do corpo e que carecem de auxilio. D'ella podia-se dizer que tinha uma figura e alma encantadoras. » E foi ella a victima escolhida; mas é perigoso brincar com o fogo, e o rei, que queria fazel-a joguete de seus caprichos, foi queimado pela chamma que soprava, e amou devéras á Vallière.

E amou-o tambem a pobre menina, mas não cedeu de modo nenhum á tentação da ambição, não se deixou offuscar pelo brilho da realeza, pelo apparato do poder. Cedeu sómente aos impulsos do coração, deixou-se vencer deslumbrada pelo amor, e era já tarde quando resolveu recuar.

Tudo concorreu para perdel-a; Luiz XIV lançou mão de tudo quanto pôde deslumbrar os sentidos e offuscar a razão; empregou todos os meios, e em um dia a fronte nobre e altiva da donzella curvou-se humilhada ante o olhar dos cortezãos. O anjo da virtude desdobrou as azas, esvoaçou gemendo, e aquella alma modesta e virtuosa, mesmo quando cedêra á tentação, sentiu tanto acanhamento e confusão em seu amor, como o sentiria se se visse manchada pelo mais abominavel dos crimes.

Por muito tempo esse amor tão intenso e tão forte foi um mysterio na côrte. Ao revez d'essas cortezãs perdidas que fazem gala de sua deshonra, chorava a Vallière em segredo sua fraqueza. Comparando-a á Sra. de Fontanges, ou melhor, oppondo-a como contraste, escrevia a Sra. de Sévigné: « Vejo-a (á Fontanges) sempre em um estado de languidez, mas tão cheia de sua grandeza, que é o mais perfeito contraste d'essa *pequena violeta que se escondia sob a herva*, vergonhosa de ser amante, de ser mãi e de ser duqueza. Como ella nenhuma outra haverá. »

Tanta reserva, tanto mysterio admirava aquella côrte tão habituada já á immoralidade e ao vicio. E porque córar ante o titulo de amante do rei? Quando um homem qualquer seduz uma mulher, — deshonra-a por certo, mas se esse homem é um rei—a scena muda-se, em vez de deshonral-a,— ennobrece-a.

Mas a Vallière não acceitava semelhante doutrina; sentia-se fraca para repellir o amor do rei, mas chorava confusa essa fraqueza do coração.

Chegava a tal ponto essa reserva do pudor, que em Outubro de

1666, no dia em que nasceu-lhe a menina de Blois, a Vallière, que se achava então em companhia de *Madama*, em Vincennes, tão bem soube dissimular até ao ultimo momento, que da camara onde estava com a princeza, ao sentir as dôres da maternidade, passou ás mãos de uma parteira, que ali se achava escondida, e n'essa mesma noite, pouco tempo depois, apparecia de novo junto á princeza, sem que em seu semblante se trahisse a menor emoção, sem que despertasse o desalinho de seu trajar a mais leve suspeita.

Avalie-se por ahi o que devia ella moralmente soffrer para que obrigasse-a a vergonha a semelhante constrangimento.

Mas tudo tem um termo. O amor tão violento do rei começou a esfriar; a constancia da affeição não se amoldava áquelle caracter voluvel, e o amante de *Madama* e da Sra. de Monaco procurava outra flôr para crestar á violencia de sua paixão.

Conheceu-o a Vallière e gemeu resignada em segredo. Nunca seus labios murmurárão uma queixa; era o martyrio da abnegação, era a resignação silenciosa, e nunca a explosão da colera. Comtudo esperava ainda, até que, desilludida um dia, ergueu os olhos ao céo, e foi procurar um abrigo no convento de S. Cloud.

Restava, porém, ainda no coração do rei um resto d'aquella chamma que o havia abrazado julgando-a perdida, reacendeu-se-lhe o amor no peito, e como louco, correu ao convento e conseguiu roubal-a ao silencio e ao arrependimento.

E a Vallière voltou, não como a amante que triumpha, porém como a victima que resigna-se.

Ainda alguns mezes viveu a Vallière juncto ao seu real amante, mas foi um longo e doloroso martyrio todo esse tempo, em que bebeu até ás fezes o calix da indifferença e do desprezo.

A Sra. de Montespan havia substituido no coração do monarcha, e orgulhosa da sua belleza e do seu amor, lançava mão de todos os meios para humilhar sua rival. « Defenda-me Deus de ser amante do rei, dizia uma vez a Sra. de Montespan; mas, se fôr bastante infeliz para que tal me aconteça, nunca levarei a ousadia ao ponto de apresentar-me ante a rainha. »

E agora a Sra. de Montespan fazia ostentação ruidosa d'esse amor, de que pedíra a Deus que a livrasse!

« A Montespan, que tinha mais espirito, escrevia *Madama*, mãi do regente, tractava mal á Vallière e obrigava o rei a tractal-a tambem. Para ir aos aposentos da Montespan, era preciso atravessar a camara da Vallière. Tinha o rei um bonito cãosinho chamado *Malicia*. Para satisfazer ás exigencias da Montespan, pegava no cão e atirava-o á Vallière, dizendo: —*Servir-vos-ha de companhia, e parece-me que é bastante.* »

Entretanto, resignada soffria a mesquinha todas essas humilhações. E o que diremos do que se lhe passava n'alma sinceramente arrependida, que se consolava na amargura do calix, como para se deixar punir por aquillo mesmo por que peccára?

Em um bello dia appareceu na côrte a noticia de que a duqueza

de La Vallière se retirava definitivamente ao convento, e que ahi tomaria o véo sob o nome de *soror Luiza da Misericordia*. E o rei? O rei estimou semelhante resolução, que o libertava da importunação d'aquelle coração, que nunca soube comprehender.

Mas, retirando-se para o claustro, oppondo entre si e o mundo a mais impenetravel barreira, não quiz a Vallière deixar de despedir-se de seu real amante; foi um momento de fraqueza: muito alto lhe gritava o coração, e a mesquinha lançou no papel e enviou-os ao monarcha, estes versos, que são como o ultimo soluçar d'aquella alma de martyr, que a dôr purificára:

« Tout se détruit, tout passe, et le cœur le plus tendre
Ne peut d'un même object se contenter toujours;
Le passé n'a point eu d'éternelles amours,
Et les siècles futurs n'en doivent point attendre.

« La constance a des lois qu'on ne vent point entendre,
Des désirs d'un grand roi rien n'arrête le cours,
Ce qui plaît aujourd'hui deplaît en peu de jours:
Son inégalité ne se suurait comprendre.

« Louis, tous ces défauts font tort à vos vertus:
Vous m'aimiez autrefois, et vous ne m'aimez plus!...
Mes sentiments, hélas! diffèrent bien des vôtres.

« Amour, à qui je dois et mon mal et mon bien,
Que ne lui donniez-vous un cœur comme le mien?...
Ou que n'avez-vous fait le mien comme les autres? »

Na vespera do dia em que deixou a côrte, a duqueza La Vallière foi ceiar com a Sra. de Montespan. « Queria, diz Sainte-Beuve, beber o calix até á ultima gotta, e saborear o desprezo do mundo até no ultimo resto da sua amargura. No dia seguinte ouviu a missa que se disse pelo rei, que partia para o exercito, depois pediu de joelhos perdão á rainha pelo que havia-a offendido, e dirigiu-se ao convento das carmelitas, onde se achava congregada muita gente para vêl-a passar. Ao entrar no convento, lançou-se aos pés da superiora, dizendo-lhe: « Fiz sempre, minha mãi, tão máo uso da minha vontade, que venho entregar-me em vossas mãos. » Sem esperar que se lhe terminasse o noviciado, e no mesmo dia em que entrou para o claustro, mandou que lhe cortassem os cabellos, que fazião a admiração de todos os que os vião. « A arvore encantadora não quiz esperar pelo tempo da estação sagrada; tinha pressa de despojar-se da sua corôa. »

Apenas tinha trinta annos quando entrou para o claustro.

O resto da vida da infeliz duqueza foi uma constante e continuada penitencia. A sós comsigo e sua consciencia, n'essas horas tristes e sombrias, em que o sol despede-se da terra, no silencio da cella so-

litaria, ajoelhada em face da imagem d'aquelle que estendêra a mão á Magdalena arrependida, com o corpo rasgado pelo cilicio, levava horas inteiras absorta em amargas e dolorosas reflexões; sulcavão-lhe os olhos de azul tão limpido lagrimas de remorso e de arrependimento; e depois, mais fortalecida pelas lagrimas e pela oração, levantava-se resignada e com a esperança a irradiar-lhe a fronte.

Nunca se vira tão grande arrependimento, nunca o remorso se patenteára tão vivo; e se grave foi a culpa, mui longamente expiou seu amor em um doloroso e delicioso excesso de penitencia. « Quando a carne me doer, dizia ella, recordar-me-hei do que aquelle homem fez-me soffrer. » E beijava reconhecida as pontas do cilicio.

Esquecida completamente do mundo, onde só encontrára tentações e espinhos, ergueu os olhos ao céo e abriu a alma ás consolações da religião; e como um perfume de mystica poesia, deixou-nos seus pensamentos em um livro que escreveu com o titulo de *Reflexões sobre a misericordia de Deus*. N'elle compara-se á Cananéa, á Samaritana, á Magdalena, essas tres grandes peccadoras, que um dia cuspírão os beijos do mundo e lavárão-se nas aguas de severa penitencia.

Bossuet annotou esse livro com bem cabidas reflexões.

Essa bella e candida açucena, essa penitente, que se transviára no mundo, e depois se fôra abrigar á sombra da grande arvore, após trinta e seis annos de macerações e cilicios, a 6 de Junho de 1710 entregou a alma ao Creador.

Foi mais um anjo que se reuniu á côrte d'aquelle que veiu *chamar os peccadores*.

— Para mim tinha morrido, desde que entrou para o convento, disse Luiz XIV ao ter a noticia da sua morte.

Foi esta a sua oração funebre.

F.

BIBLIOGRAPHIA.

—

CANTOS EPICOS PELO SR. J. NORBERTO DE S. S.

Saudamos com verdadeiro rigosijo a apparição d'esta excellente obra, destinada a popularisar os mais memorandos feitos da nossa historia. Infatigavel em tão nobre proposito, busca incessantemente o Sr. Norberto dispertar os sentimentos de patriotismo, que infelizmente parecem adormecidos nos corações brasileiros. Poucos são os que se dão ao estudo das cousas patrias, rarissimos os que se interessão pelas tradições gloriosas, que nos legárão nossos avós. Releva, porém, que cesse semelhante indifferentismo, cumpre por todos os meios imaginaveis chamar a attenção do publico para os assumptos verdadeiramente nacionaes.

BIBLIOTHECA NACIONAL
—DO—
RIO DE JANEI

Cabe por certo ao Sr. Norberto a gloria de ser um dos cavalleiros d'essa cruzada, um dos mais extrenuos paladinos da litteratura brasileira. Se o nome do distincto poeta não fosse já tão conhecido no paiz, grangearia justa celebridade pela composição dos seus *Cantos Epicos*, que acabão de sahir dos prélos dos Srs. E. e H. Laemmert.

Acêrca do merito d'esta obra já proferiu a imprensa diaria a sua sentença, já fallárão os juizes competentes, não nos restando senão venerar os seus alvidramentos. Dispondo, porém, de limitadissimo espaço para as noticias litterarias, não pudérão os seus illustrados redactores entrar em pormenores, que mais minuciosamente fizessem conhecer o recente escripto do patriotico bardo. Busquemos preencher esta falta (conscios todavia da nossa insufficiencia ;) e demos aos leitores da *Revista* um brevissimo elenco do supracitado livro.

Como penhor da mais pura e fraternal amizade, escreveu o Sr. J. C. Fernandes Pinheiro um prologo, no qual discute as condições com que póde ser hoje escripta a epopéa, e conclue opinando pela fórma que lhe deu o Sr. J. Norberto.

Franqueado o peristyllo, contempla o leitor o primeiro quadro d'essa pinacotheca poetica, representando a gloriosa morte do desventurado Xavier, vulgo *Tira-dentes*. Tira o auctor excellente partido da tradição popular, que assegurava que um vulto mysterioso fôra por vezes visto gyrar em torno do poste, onde exposta se via a cabeça do protomartyr da independencia do Brasil. Liando com arte a ficção á historia, conseguiu o eximio poeta embellezar seu painel, respeitando ao mesmo tempo a verdade, que em toda a sua luz lhe revelão documentos, que ás suas doutas pesquizas deveráõ vêr pela primeira vez o lume da imprensa, habilmente commentados.

Denomina-se o segundo canto *A corôa de fogo*, e occupa-se com a tragica morte do espirituoso rival de Gil-Vicente, do saudoso Antonio José da Silva. Victima da intolerancia religiosa que nodoava o catholicismo ainda no seculo passado, merecia por certo este nosso illustre conterraneo inspirar o estro do cantor das glorias patrias. Bellissima é a prosopopéa que ahi introduziu da *Guanabara*, que com plangente voz exprobra á rainha do Tejo o crime de que se maculára :

. . . . . « Sim, cidade
« Dos sete montes, gloriosa e ingente,
« Que tens sob teus pés teus verdes loiros,
« Mãi d'heróes que no orbe eternisárão
« Tantas virtudes com teu nome e gloria
« Quando remotas plagas perlustravão,
« Com a palavra de Deus n'ella plantando
« A civilização ao som da harpa,
« Da frauta e do anafil! ai! decahiste
« Do teu throno de gloria! Envilecida
« Rojaste a regia fronte á torpe infamia
« Do fanatismo vil! » . . . . . .

Nem menos bella é a pintura dos derradeiros instantes do poeta-popular, rematando com a formosa imagem de virem as suas cinzas, transportadas pelo vento, pousar no seu proprio ninho. Em falta de um monumento, erguido em alguma das nossas praças, que atteste aos posteros que fôra o Rio de Janeiro o lugar do nascimento do grande comico, que melhor do que ninguem sabia interpretar as ideias e sentimentos dos homens do seu tempo, ache elle condigno padrão

nas paginas do livro, que ás reminiscencias honrosas de sua terra acaba de consagrar o Sr. Norberto.

O Ypiranga é um enthusiastico hosanna ao heroismo do magnanimo principe, que com uma só palavra deu-nos patria e liberdade.

A saudação ao futuro d'esse novo imperio, que acabava de fundar, é de maravilhoso effeito, distinguindo-se pela belleza das imagens e valentia do metro.

A associação das ideias trouxe por certo á mente do Sr. Norberto a recordação de outro heróe, que com o seu gigantesco vulto sombrêa a historia contemporanea. *A visão do proscripto* é um formosissimo trecho epico, pertencente á nobre dynnastia de *Cineo de Maio* de Manzoni, do *Napoleão em Sancta Helena* de Victor Hugo, e do *Waterloo* do Sr. Dr. Magalhães.

A creação da primeira ordem brasileira inspirou ao Sr. Norberto estancias ungidas pelo patriotismo e repassadas de sacro enthusiasmo. A sua *Festa do Cruzeiro* é um diamante de primeiro quilate que nada desmerece das riquissimas joias do seu mimoso cofre.

Como chave da abobada do sumptuoso templo, como rutilante zimborio descortinão-se os *Guararapes*, esplendida visão, em que as duas mais assignaladas victorias de que se honrão os fastos nacionaes apparecem ao monarcha erudito, ao viajante coroado. Com os arabescos da sua fecunda imaginação, não prejudicou o Sr. Norberto a veracidade historica.

Para concluir, diremos que os *Cantos Epicos* são o mais interessante trabalho historico-poetico que possue a nova litteratura brasileira.

OPHIR.

POESIA.

O CAÇADOR.

Não ouves o tiro que ao longe
Horrisono estoura, e resôa,
E a varzea sonora pejando
Os montes e os bosques atrôa?

Não vês a fumaça cinzenta
Que se ergue d'ali sobre a mata,
E em nuvens desfeita nos ares
Ligeira no céo se dilata?

Não vês aturdidas voando
As aves erguidas dos ninhos,
Que chorão alguma que morre,
Ou carpem talvez os filhinhos?

Implumes, sozinhos ficárão
Privados dos pais que esvoação,
Fugindo aos terrificos echos,
Que a todos de morte ameação.

Coitados! nos ninhos piando,
Da rama ao balanço tremêrão!
E quantos, das mãis na abalada,
Por terra cahírão, morrêrão!

Armado de fera espingarda
Algum caçador se recreia!
E só por prazer despiedado
A morte nos ares semeia!

Que barbaro gosto! dar morte
A's aves que os bosques enfeitão,
Que doces cadencias exhalão
E amantes ouvidos deleitão!

Jamais minhas mãos disparárão
A morte aos aereos cantores,
Que aos bosques dão vida, dão alma,
Dão vozes que fallão de amores!

Eu gosto de vel-os cantando
Em frente dos seus lindos pares;
Seu canto minha alma arrebata,
E ameiga meus ternos pezares.

E' falta de amor que o occupe,
De amor que seu peito humanize,
Que a brandos cuidados o chame,
E sua existencia suavize.

Lá vem o seu cão perdigueiro
Exhausto, suando, anhelante;
Tal é o prazer do seu dono,
Que o segue estafado, offegante!

Fujamos d'aqui, minha amada,
Não vejão teus olhos chorando,
Ao lado do fero pendentes,
As victimas tristes sangrando.

Amor, que é da vida o principio,
Amor, que é bondade e ternura,
Nem mesmo nas aves supporta
A morte sangrenta e tão dura.

Urania, quem caça não ama,
E vive de amor descuidado:
Melhor aproveito o meu tempo,
De amor discorrendo a teu lado.

UMA NOITE DE TORMENTA.

.....O pégo escuro
Começava a bramir troando os ventos;
Negro era o céo e proxima a borrasca...
(CASTILHO.—*Ciumes do Bardo*).

Negro manto no céo se desdobra,
Negras nuvens os ares povôão;
Da procella os rugidos medonhos
Já mais perto e mais fortes echoão...

Desenvoltos rebentão no espaço
Desabridos, horrendos tufões;
Negro o mar se estorcendo raivoso,
Ronca e brame, fervendo em caixões!

Mas eu sinto no peito em tormenta
Mais ardente ferver-me a paixão!
Mais tormenta que o mar tem minh'alma,
Mais gemidos tem meu coração!

Corre, pois, minha barca, ligeira,
Não te assuste a carranca do mar;
Que hei de vêl-a inda hoje, ou luctando
Com as vagas a vida acabar!

Sempre terna e fiel e constante
Que saudades não soffre tambem?!
Que de pranto não vertem seus olhos?!
Que fervor suas preces não tem?!

Mesmo agora talvez anciosa,
Solta ao vento o cabello gentil;
Juncto ás ondas chorando não sente
Frias ondas banharem-na ás mil!...

Oh! espera, santelmo querido,
Doce estrella de amor e esperança!
Mais tormenta que o mar tem minh'alma!
Mas em breve teremos bonança.

Corre, pois, minha barca, ligeira,
Não te assuste a carranca do mar;
Que hei de vêl-a inda hoje e abraçal-a,
Ou nas vagas a vida acabar!

Lá na costa um clarão já diviso;
E' pharol que acendeu meu amor...
Mas o ar é mais denso de nuvens!...
Freme o sul com mais força e furor!...

Não importa! hei de vêl-a em meus braços
Doce e meiga e gentil me affagar!
Hei de, os labios de rosa beijando,
De delicias de amor me fartar!

Ruja embora medonha a tormenta,
Ruja o pégo medonho e sanhudo!
Hei de vêl-a, que amor como eu sinto
Póde mais do que as ondas!...que tudo!!

Corre, pois, minha barca, ligeira,
Não te assuste a carranca do mar;
Que hei de a noite passar a seu lado,
Ou nas vagas a vida acabar!

Aracajú, 24 de Janeiro de 1861.

EUSTAQUIO PINTO DA COSTA.

CHRONICA DA QUINZENA.

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1861.

Grande foi o movimento da quinzena que hoje finda ; a nossa pobre cidade, desde muito entregue á monotonia da insipidez, viu-se de subito tomada de assalto por variados passatempos, e assistiu ao agradavel espectaculo dado pela litteratura no acto de proteger a arte e de transformar em rapidas horas de prazer os dias que escoavão-se languidos e saturados de aborrecimento.

As chuvas bem quizerão oppor-se á essa transformação inesperada ; baldados, porém, forão os seus exforços : aos dias tristonhos e lugubres succedêrão bellas manhãs e tardes risonhas ; as noites, que erão medonhas e sinistras, passárão a ser lindas e alegres, e o céo, onde impera a constellação do *Cruzeiro do Sul*, nunca vestiu mais brilhantes galas.

Dir-se-ia que houve ajuste previo para operar-se uma tal metamorphose ; a natureza conteve os elementos enfurecidos e lhes abrandou as iras ; a poesia, que desde longo tempo dormitava, despertou cheia de vida e de melodia ; o drama despiu as vestes estrangeiras, abandonou a linguagem até então fallada quasi sempre, e ostentou na scena a roupagem singela que nos convém, exprimiu-se em termos que trouxerão a raiva e o desespero aos verdugos do idioma portuguez ; a arte, abatida e prostrada como estava, ergueu o collo, e abraçada á litteratura deu alguns passos firmes e seguros para regenerar-se ; o theatro sahiu da sua indolencia : no Gymnasio houve furor em applaudir-se os artistas, que tão bem souberão comprehender a inspiração de um poeta ; no Lyrico, faltou espaço para accommodar os apreciadores da companhia franceza.

Não parou ahi a transformação : mais de um salão abriu as suas portas, cabendo a victoria á sociedade Campezina ; a intriga, que nada tinha a fazer por desacreditada, foi asylar-se na *Associação de caridade*, urdiu tramas, comprometteu o Cassino, e de mãos dadas com a confusão, ennovelou de tal modo o projectado concerto, que tão cedo elle não apparecerá em publico ; finalmente entrou no nosso porto o paquete *Tyne* procedente da Europa, e no vasto bojo trouxe acondicionada a importante mala da moda, que por esta vez excedeu os limites da modestia.

Com elementos em menor escala tem-se levado a effeito tremendas revoluções ; não obstante, e apezar de atravessarmos uma quadra em que tudo parece estar revolucionado, só se fez guerra desabrida ao tedio, que, com razão ou sem ella, jurou aos seus deuses ser nosso hospede constante e incommodar-nos tanto quanto caiba em suas forças : já na partida, já no baile, já no espectaculo, os tiros apenas forão dirigidos ao inimigo commum.

Para fazer-vos uma narração succinta d'esta quinzena excepcional, não sei bem por onde comece ; agora precisava eu de um consultor, e vejo que para o futuro tenho necessidade de nomeal-o. Na sua falta, porém, não é justo que se espere pelo meu recado, e força é dar começo á improrogavel tarefa : principiarei, pois, pelo carregamento do *Tyne*, como objecto indispensavel na presente estação, e espero que se approve a deliberação tomada.

*
* *

Antes de entrar na analyse do figurino, julgo acertado mencionar os estabelecimentos que melhor se prestão a preencher as vistas do habil desenhista Julio David ; para o córte e preparo dos vestidos, basta que vos dirijais á rua do Ouvidor n. 97 ; para as fitas, rendas, e mais adornos, não tendes outro trabalho senão o de mandar recado á rua da Quitanda n. 72, onde, além de os encontrardes de todos os gostos e feitios, podereis fazer ampla provisão das mais finas e delicadas perfumarias, que têm vindo ao Rio de Janeiro.

Tractemos agora da gravura. Como vêdes, representa ella em primeiro lugar um rico trajo apropriado á uma visita ceremoniosa. Offerece á vossa attenção um vestido de nobreza côr de lyrio ou flôr de alecrim, cuja saia é guarnecida na altura da barra por muitos fofos enviezados e intercalados, sendo estes ora de nobreza côr de violeta roxa, ora côr de flôr de alecrim : os fofos assim dispostos produzem um magnifico effeito, mórmente quando, em linguagem technica, *formão cauda* ; nem todas as costureiras conhecem o artificio para bem desempenhar este bello trabalho. — O corpinho do vestido, para corresponder com a sua originalidade, deve ser completa e exactamente afogado e fechado, e nada admitte para adornal-o além de ricas rendas ; acompanhão-o manguitos e collarinho de *guipure* ou de ponto de Bruxellas, que pela sua transparencia não prejudicão a perfeição do talho d'essa parte do vestido, onde a menor ruga é um grande defeito. — Só um chapéo branco com plumas levemente coloridas nas pontas e uma mantilheta de renda de Chantilly podem ser considerados dignos complementos do elegante vestuario, que fica descripto.

Para trajo menos ceremonioso, e proprio de uma senhora que recebe visitas na sua habitação campestre, apresenta-nos a gravura em segundo lugar um leve vestido de cassa branca e transparente, guarnecido na saia por cinco, sete ou nove babados estreitos, sendo que o de cima é acompanhado na costura por um fofo em extremo delgado.— A cintura é redonda, e o corpinho decotado em fórma de coração e enfeitado por dois fofinhos em que se passa uma fita côr de rosa ou de qualquer outra côr, conforme o gosto da pessoa a quem tem de servir. —Cinto e laços da mesma fita nas mangas e na frente do corpinho. — As mangas são bastante originaes, e trazem-nos saudosas recordações do bello tempo de nossas avós, que adoptárão para os seus vestidos caseiros essa moda em todos os sentidos recom-

mendavel ; além de ser simples e graciosa, tem o dom de deixar a descoberto todo o ante-braço. Estas mangas são justas até um pouco abaixo do hombro, e abrem na altura do sangradouro por meio de um babado formando canudos e sobrepujado por um fofo igual aos do corpinho.— Os chapéos redondos com pluma e de fôrma inteiramente á ingleza harmonisão-se muito bem com os vestidos brancos de reflexos côr de rosa.

* * *

Na noite de 30 de Setembro dispuz-me a ir ouvir bôa musica, e dirigi-me ao pavilhão do Paraiso, onde a sociedade Campezina dava a sua reunião mensal de recreio.

Havia muito tempo que os meus planos não se realizavão com tão feliz exito ; a orchestra quiz uma vez persuadir-me de que não bastava entrar nos meus calculos o pretender divertir-me para ficar aborrecido, como acontecia-me no theatro lyrico : executou magistralmente as ouverturas do *Oberto* e do *Nabucodonosor*, e durante toda a noite não deu o mais insignificante motivo para duvidar-se da sua applicação e pericia. Muito póde o estudo, e ainda mais a bôa vontade !

A Sra. D. G*** N*** cantou com primor uma aria da *Regina de Leone*, e foi secundada pela Sra. D. F.... O...., que para essa noite escolheu a linda aria com coros da *Prigioni de Edimburg*. Os Srs. Orlandini e Stockmeyer disserão bellamente o dueto de *Marino Faliero*, e M^me^ R*** tocou no piano difficeis variações de Herz sobre a marcha do *Othelo*.

Aqui terminou a primeira parte do programma, e tanto agradou ao numeroso concurso, que satisfeito applaudia a perfeita execução de todas as peças, que não houve quem deixasse de lastimar o muito tempo perdido nos prolongados intervallos. Com effeito tornou-se por demais sensivel essa demora ; o divertimento, que poderia em rigor findar á meia noite, estendeu-se até depois de uma hora, e apezar de ser o mais interessante da presente quadra, fatigou mesmo assim a muitas pessoas, que compunhão a brilhante sociedade.

A segunda parte constou de uma aria da *Giovana Gray* pela Sra. D. F*** F***, de dois romances francezes desempenhados pelos Srs. Wilmot e T..., e dois duetos : o da opera *Maria Padilla*, em que as Sras. DD. S*** Mello e M*** Neves attingirão ao sublime : e o da *Columella*, cantado pelos Srs. Orlandini e Gatti com bastante graça.

Ou porque não sou apologista das operas buffas executadas em salões particulares e descaracterisadas, ou por qualquer outra razão que actualmente não me occorre, parece-me que a musica d'essas *partituras* produz um effeito negativo quando é deslocada do theatro. Ahi, ella por si só provoca o riso, traduz o pensamanto escripto pelo poeta, e para ser bem interpretada não precisa da mimica : fóra do theatro é outra cousa ; reclama movimentos que desnaturão se pela impropriedade do trajo, e subordina a melodia do canto aos tregeitos do corpo.

Esta opinião, que me é muito particular, em nada se torna applicavel ao que vi e ouvi ultimamente ; é uma questão de gosto, sujeita como qualquer outra a ser refutada por quem pensar diversamente.

*
* *

A *Associação de caridade das senhoras* prepara-se para dar um esplendido concerto em beneficio dos seus pobres, e se não fossem as contrariedades que a têm importunado, ha talvez um mez que o projecto de hoje representasse uma realidade passada.

Dizem-me que desde o começo houve muita precipitação, e que d'ahi resultára a especie de anarchia em que tem andado este negocio ; não acredito, não posso acreditar por muitas razões. Acostumado a ser contrariado em tudo e por tudo, sei qual é a força dos empecilhos, quando se está na dependencia de outrem para levar-se a effeito qualquer empresa, ainda que seja uma obra de caridade.

Não duvido, como já vos fiz vêr na resenha da quinzena, que a intriga tomasse as suas precauções para sahir victoriosa em uma polemica por ella suscitada ; porém julgaïs que seja isso motivo sufficiente para increpar-se de precipitada a uma associação digna e merecedora de todo o elogio ? Oh ! não ; faço-vos justiça, e aprecío o vosso julgamento : a intriga está ainda de posse das melhores posições, mas com certeza será em breve desalojada para cedel-as á caridade.

Reconheço que as difficuldades crescêrão desde que se trouxe ao dominio publico a noticia do primeiro obstaculo apresentado á exiquibilidade do concerto, e tractou-se de discutir pela imprensa o modo mais efficaz de sobrepujal-o. Se só a caridade servisse de norte aos auctores da ideia de estender-se a mão protectora ao desvalido, não se entraria na analyse do *Redoutensaal*, nem se diria que um salão de bailes mascarados é o mais aristocratico de toda a Europa.

A ostentação quiz, pois, hombrear com a caridade, e, como sempre, forcejou por marear-lhe o brilho. Felizmente não o conseguiu ; os embaraços diminuem, aplanão-se as difficuldades, e o machinismo está a entrar nos seus eixos.

Agora depende de vós o auxilio de que se faz credora a associação ; com um pequeno sacrificio a bella ideia de soccorrer a pobreza se robustecerá, vingará a despeito de todas as tentativas para inutilizal-a, e desassombrada chegará ao fim a que se propoz.

Das vossas economias cedei uma quota a aquelle que não póde trabalhar para alcançar o pão quotidiano ; ajudai a viver a viuva desamparada, que bem cedo viu dissiparem-se as suas illusões ; dai a mão ao orphão, a quem a morte roubou pai e mãi, quando elle ainda mal balbuciava as primeiras palavras da infancia.

A associação não vos impõe um pezado tributo ; composta de senhoras bemfazejas, estende-vos a bolsa da beneficencia, e em nome d'ella vos pede —*o obolo da caridade*.— Tereis animo de lh'o negar ?...

*
* *

A' bella poesia *Ao crepusculo*, producção da Sra. D. Ann. Silva, responde o Sr. C. L. com uma outra, que lhe não é inferior em me-

recimento. Combatendo as ideias sinistras da joven poetisa, o auctor da nova producção responde-lhe pelos mesmos consoantes, e lhe offerece o seu trabalho como uma homenagem tributada ao talento.

Pela minha parte agradeço-lhe as obsequiosas attenções que me dispensa, e acceito a sua valiosa coadjuvação.

AO CREPUSCULO.

Deixa, virgem, a *tristeza*;
N'esta hora a *natureza*
Não nos traz ao peito a *dôr*;
E' a hora dos *amantes*,
Em que recordão *instantes*
Consagrados ao *amor*.

Não vês como vem a *lua*
Surgindo, com a face *nua*,
Sem ter o mais tenue *véo*?
Não ouves o *passarinho*
Cantando junto ao seu *ninho*,
Onde a esposada *perdeu*?

Esta harmonia tão *terna*
Da voz que n'alma se *interna*
Como o perfume da *flôr*,
Não é, não, da rôla o *canto*,
Que esta tem na voz o *pranto*
Quando o sol perde o *fulgor*.

Se suspira *brandamente*,
Vai depois *languidamente*
Junto ao filho *murmurar*;
E cuidadosa e *fagueira*
Vôa nos bosques *ligeira*,
Traz o sustento ao seu *lar*!...

Donzella, sorri á *vida*
Deixa passar *esquecida*
A dôr do teu *coração*:
Quem sabe?—qual anjo ao *lado*
Terás o teu bem *amado*,
Bem feliz serás *então*!

Oh! serás ditosa *ainda*
Pois adivinho que és *linda*
Como a conchinha do *mar*;
Não mais sentirás as *dôres*
Que te derão os *amores*
Em continuo *suspirar*.

Deves ser amada— e *tanto*
Que uma só gotta de *pranto*
Não deves chorar, *mulher*;
Nem deve vir o *ciume*
Trazer-te ao peito *um queixume*
Porque deixaste de o *vêr*.

Oh! não julgues que te *minto*,
Dizendo o que n'alma *sinto*;
Procura não te *esquecer*:
Esse a quem não *desprezaste*
Nem tão pouco *abandonaste*,
Não te deixará *morrer*.

C. L.

28 de Setembro de 1861.

* * *

De sobejo conheceis o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, para que me seja preciso apresentar-vol-o como um dos nossos mais distinctos poetas, como o incansavel escrutador dos fastos brasileiros; os seus trabalhos publicados na *Revista Popular* o recommendão de sobra, e tecendo-lhe o elogio, de que se faz merecedor, dispensão-me de entrar na sua analyse.

Limito-me, pois, a dar-vos noticia do que foi ultimamente confiado ao prélo, e lastimando-me por não poder augmentar mais uma folha á sua corôa de louro, contento-me com apontar esse escripto como um modelo de poesia, como indelevel recordação dos feitos patrios.

Os *Cantos epicos* do Sr. Norberto revelão o poeta e o historiador: compõe-se de seis episodios, que são outros tantos poemas, e honrão ao seu auctor e com elle ao paiz que serviu-lhe de berço.

No primeiro, a *Cabeça do martyr*, paga o poeta o tributo de gratidão ao patriotismo d'aquelles que nos tempos coloniaes bradárão em favor da independencia do Brasil, e arriscárão sua vida e propriedade para vêl-a realizada: é diante da cabeça do infeliz e valente Xavier, o *Tiradentes*, que, indignado, lança a maldição ao selvagem furor da alçada.

O segundo canto, que intitula-se a *Corôa de fogo*, retrata a grinalda do martyrio com que a inquisição cingiu a fronte do desditoso Antonio

José, por haver commettido o grave delicto de rir-se da tyrannia e de concitar o povo para acompanhal-o : a poesia erige um monumento ao poeta.

Ypiranga é o titulo do terceiro canto. Recorda o dia em que forão despedaçados os ferros do captiveiro ; é o brado da liberdade entremeiado de jubilo e enthusiasmo com que o cantor saúda o primeiro dia nacional.

No quinto episodio solemniza o Sr. Norberto a *Festa do Cruzeiro* ; ahi apparece a illustre bahiana D. Maria de Medeiros, que, na defesa da patria, empunhou a espada e ergueu o braço feminil : o poeta tirou do olvido a corajosa heroina, e collocou-a ao lado dos benemeritos.

O ultimo canto, os *Guararapes*, esboça as duas brilhantes victorias que Vieira, Camarão, Henrique Dias e outros alcançárão nas batalhas campaes contra os Hollandezes : é uma narração animada, onde o auctor deixa vêr em toda a sua transparencia a sagrada chamma, que lhe abraza o coração patriotico.

A visão do proscripto, que fórma o quarto canto, é uma saudade desfolhada no tumulo de Sancta Helena, ali onde descançárão os restos mortaes de Napoleão I.

Todos estes cantos revestem-se de curiosos episodios, atavião-se de bellos ornatos, e offerecem ao leitor menos attento grande copia de conhecimentos colhidos no aturado estudo da nossa historia ; o Sr. Norberto, adornando o seu trabalho com mimosas flôres, não o deu por concluido sem addicionar-lhe delicados fructos.

*

* *

O Sr. Machado de Assis compoz e deu á luz da publicidade um lindo livrinho, que, levado á pia baptismal, recebeu o nome de *Desencantos*.

Não vos atemorize esse nome pouco sympathico ; a *phantasia dramatica* podia ter outro, que melhor vos soasse ao ouvido, porém que, seguramente, não daria uma ideia tão precisa e succinta do plano traçado para a execução da obra : *Desencantos*, como o intitulou o seu intelligente auctor, é um livrinho recheado de bellezas, escripto com summa graça e naturalidade, e que prova á primeira vista ter passado pelo cadinho da poesia para apparecer em publico.

O ensaio feito pelo Sr. Assis garante-lhe um futuro na litteratura dramatica ; bem vejo que a modestia de que revestiu o seu opusculo o escoima de toda a pretenção, mas nem porisso se deve acreditar que não haja n'elle serias aspirações.

Escrevendo n'essa linguagem depurada, que sempre agrada, delineando essas scenas intimas, que, embora comesinhas, nunca deixão de ser ouvidas com grande prazer, o auctor dos *Desencantos* traçou-se um caminho facil de trilhar para quem estuda, fertil para os que são, como elle, dotados de vasta intelligencia, e poucas vezes ingrato para quem sabe vibrar as cordas da lyra apollinea.

Dando os parabens ao Sr. Machado de Assis pela sua feliz estréa, aguardo a occasião de registrar nas columnas da *Revista* uma outra producção sua de mais agigantadas proporções ; espero que mui cedo cumprirei esse dever, tanto mais grato para mim, quanto me é agradavel testemunhar os vivos protestos qne a mocidade apresenta em defesa dos seus brios atassalhados pela critica mordaz de quem não a conhece.

*
* *

Já ouvistes fallar no *Livro de Orlina* ? Sem duvida ; e talvez, sem o lerdes, o condemnastes. Prevenidos por um juizo por demais severo, nem ao menos lançastes os olhos á algumas paginas d'esse livro, que encerrão bonitaa ideias, pensamentos elevados e imagens elegantes !

E' certo que honve pressa em entregar-se ao prélo uma obra que resentia-se de ligeiras faltas ; em um ou outro lugar deparareis com phrases desencontradas que desagradão, porém não são taes e em tanta abundancia que vos obriguem a lastimar a perda do tempo com a sua leitura.

Não ha bonito sem senão ; n'este caso está o *Livro de Orlina*, primogenito do Sr. João Barbosa Rodrigues : seu auctor é ainda muito joven, estuda, tem talento, é desacoroçoal-o é commetter um delicto de lesa-litteratuja.

Assim, pois, não vos deixeis impressionar pela sentença com que o fulminárão ; animaio-o, aconselhai-o, e tanto vós como elle colhereis excellente resultado de um beneficio a que têm direito os escriptores noveis cheios de vida e alimentados pela boa vontade de serem uteis á sociedade, de que fazem parte.

*
* *

A primeira representação do drama em 4 actos *A historia de uma moça rica* foi um triumpho, e continuará a sel-o emquanto fôr levado á scena, para o seu auctor o Sr. Dr. Francisco Pinheiro Guimarães.

Na republica das letras occupa o Sr. Dr. Guimarães um lugar prominente, e pois não era de esperar da sua penna senão esse primor que arrebatou a centenares de espectadores desprevenidos, essa creação artistica e poetica que causou fanatismo e delirio, quando descortinou-se ante a multidão avida de ouvir proferir expressões moldadas em um estylo fluido e brilhante.

Completa victoria foi essa ; não faltárão ao drama nem applausos, nem bravos espontaneos ; o auctor recebeu no palco um pnblico testemunho do alto apreço em que era tida a sua sublime concepção.

A companhia do Gymnasio comprehendeu bem a obra prima, que lhe fôra confiada : Joaquim Augusto e Adelaide collocárão-se na altura do seu bello talento.

Houve quem, para não offender o melindre da mulher, recusou um elogio á excellente artista, por ter dado ao seu papel a verdadeira interpretação ! E' incrivel, porém real semelhante recusa ; a actriz só deve apossar-se do pensamento do auctor, quando este pensamento nada tiver de odioso !...

Tanta injustiça não podia passar desapercebida ; para que a aquilateis, ouví o que disse o illustrado chronista do *Jornal do Commercio*, folha em que forão desconsiderados os exforços da artista : « As honras da noite pertencêrão incontestavelmente á actriz Adelaide, que comprehendeu com felicidade o dificilimo papel de *Amelia*, e o executou com habilidade e consciencia, arrancando por muitas vezes

bravos e palmas de toda a platéa ; n'este drama tem essa actriz um dos seus mais bellos triumphos. »

Muito de proposito transcrevi aqui o trecho que acabais de ler ; fujo das polemicas de bastidores, e não querendo emittir um juizo que se opponha a outro completamente isento da pecha de suspeito, louvo-me nas palavras do folhetinista, que está no caso de julgar *ex-cathedrâ*.

Admirei a pericia da artista, que tem sabido crear tantos titulos para pôr a limpo o seu talento ; louvo-a no seu empenho de entregar-se com affinco ao estudo dos typos de que se encarrega, e tenho summa satisfação em dizer-lhe : Continue e não esmoreça ; se o presente rodêa-se de espinhos, o futuro desvenda-se risonho e sem nuvens.

*
* *

A companhia lyrica franceza foi bater ás portas do Provisorio, e ahi estreou cantando a opera-comica *Les diamants de la couronne*, composição de Scribe e St. Georges e instrumentada por Auber.

A opera nada tem de novo, mas a companhia é ainda desconhecida ; d'ella, pois, tractarei por agora, sem que o meu juizo estabeleça desde já qualquer outro que mais tarde tenha de enunciar.

E' opinião minha que esse grupo de artistas póde sustentar-se no Rio de Janeiro sem prejuizo dos apreciadores da opera-comica ; constituida como se acha a companhia, deve-se esperar que offereça noites agradaveis, e que lançando mão de todos os seus recursos, leve á scena do theatro lyrico uma parte do variado repertorio francez, de que Duval e seus companheiros nos deixárão tão vivas saudades.

O publico acolheu benigno a estréa dos novos artistas, animou-os, e por isso tem o direito de esperar d'elles toda a applicação : o momento das emoções já passou, acabárão-se os receios, agora cumpre a cada um dar de si contas strictas.

E' sabido que na companhia não ha notabilidades artisticas ; porém, como tambem se não ignora que n'ella estão escripturados cantores e cantoras de algum merecimento, não será prudente aguardar-se a exigencia para satisfazer a expectativa publica.

A estréa depoz quanto basta em favor da companhia ; provou que ha harmonia nas vozes, regularidade e afinação no canto, e inculcou que M^me^ Almonti, com especialidade, conhece a scena e não é hospede da arte.

Mais de espaço me occuparei dos outros artistas ; por emquanto lembro-lhes a inconveniencia que ha de se terem elles alojado no no theatro lyrico, onde a sua voz é abafada e perde-se no espaço, quando podião dar as suas representações em um outro em que não tivessem essa desvantagem dispensavel á sua prosperidade e conservação.

Rio de Janeiro—Typ. de Quirino & Irmão, rua d'Assembléa n. 54.

PHYSIOGNOMIAS BRASILEIRAS.

ESBOÇOS PARA UM DICCIONARIO BIOGRAPHICO.

ATTENÇÃO!

(Prologo manhoso em fórma de annuncio grave e sublime.)

N'estes rapidos traços, a que ousei dar o titulo pomposo de *Physiognomias brasileiras*, reuni muitos rasgos caracteristicos de nossos homens de estado, publicistas, jornalistas, poetas, philosophos, litteratos, musicos, pintores, em fim, notabilidades e nullidades, que graças á civilisação já temos de tudo.

Não são *esboços completos ;* são apenas traços physiognomicos; uma ou outra anecdota, um ou outro rasgo de espirito que pintão melhor o homem do que um discurso legislativo sob todas as emphases parlamentares ou uma biographia *a parler d'or* ainda mesmo á Sisson.

Ora se me puzesse a escrever a biographia de nossas notabilidades, não acharia papel no mundo; entre nós todos são notabilidades.

Entra-se para o ministerio, e antes qne se faça alguma cousa digna da recommendação da posteridade, já os senhores ministros achão-se retratados como astros que gravitão em torno do sol.

Hoje basta um homem sahir deputado ou ser eleito membro do Instituto Historico para que desde logo mereça as honras da immortalidade.

Por ora contentem-se os leitores com os mortos; e quem quizer merecer logar distincto, honroso, celebre ou notavel na minha *galeria*, não tem mais do que mandar-me certidão de obito, que cá o classificarei entre os ausentes.

Eis aqui o meu programma, ou como se diz hoje, segundo a phrase maritima, o molho, pois que já se não come sem elle, mas, em compensação, pesca-se as bragas enxutas!

Espero que agrade aos leitores, que é esse todo o meu fito; pois, se sem maiorias não ha ministros, sem leitores não ha escriptores.

O que prometto é repetir a dose por varias vezes.

FLUVIANO.

PRIMEIRA SERIE.

ALVARES MACHADO (Francisco). Este illustre paulista, que foi deputado á assembléa geral legislativa em varias legislaturas.

Iniciou entre nós com toda a sinceridade de sua alma a politica de

marmelada, pão e vinho, que a experiencia mostrou que não era de acil digestão aos estomagos politicos.

ANCHIETA (padre José de). No dia 9 de Junho de 1597 expirou na aldêa de Preritigbá o illustre apostolo do Novo Mundo José de Anchieta.

E' um nome immortal nas tradições brasileiras.

Os indios carregárão o seu feretro sobre os hombros e o levárão para a freguezia de Nossa Senhora da Victoria, séde da capitania do Espirito Santo, onde os jesuitas tinhão casa conventual.

Passados annos, os restos mortaes do grande homem forão encerrados n'uma urna de prata.

O fisco, por occasião da estincção dos padres da companhia, apprehendem os seus bens e com elles a urna de prata.

Hoje os ossos do illustre jesuita achão-se *archivados* na casa forte da thesouraria da provincia do Espirito Santo.

Anchieta, que passou em sua vida por propheta, nunca por certo previu tanta profanação.

O homem, que continha com o seu aceno a sanha das onças e das serpentes, nada pôde conseguir pela magia da fama de seus milagres do mais terrivel animal de nossos tempos — o fisco!

ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO E SILVA, irmão de José Bonifacio, illustre orador, foi um dos fundadores da independencia nacional.

Ouvindo um dia a um brasileiro, o Sr. N.., que o principe regente D. Pedro seria *imperador*, respondeu que sel-o-hia, mas não do Espirito Santo.

Quando depois D. Pedro dissolvia a Assembléa Constituinte á força armada, o Sr. N** recordava a Andrada Machado o seu dicto.

— E' verdade, disse elle, que não é isso uma festa de arraial, e comprimentou as peças de artilheria, saudando n'ellas as soberanas do mundo.

BAENA (coronel Antonio Ladisláo Monteiro). Este illustre militar paraense era mais dextro na penna do que na espada, segundo rezão as chronicas patrias. E' que nem todos são como Camões, que podem ter:

« N'uma mão sempre a penna e n'outra a espada. »

Nas suas obras litterarias nota-se um estylo gongorico e improprio de quem aspirava aos fóros de historiador, no que peccão ainda hoje muitos *chronistas geraes e particulares.*

Lá isso, porém, era o menos; o peor de tudo foi elle publicar uma de suas obras tendo uma vinheta endiabrada por emblema e esse emblema era um — asno!

Um inimigo do coronel Baena não pôde resistir as tentações do epigramma á vista de tão máo gosto e fez-lhe o seguinte annuncio em uma gazeta do Pará:

« Sahiu á luz a obra *Epochas historicas da provincia do Pará*, pelo Sr. Coronel Baena com o retrato do auctor na frente. »

BARTHOLOMEU BUENO DA SILVA. Anhanguera, ou o diabo velho, chamárão os indios a Bartholomeu Bueno pelas diabruras que fez entre elles, (1739) como Hermann com as suas peloticas nos deixára de queixo cahido, sendo que a paridade entre um e outro ainda é mais estreita, pela singularidade de terem-se os dous prestidigitadores sahido muito bem e com as algibeiras cheias de ouro dos miseros papalvos:

« Não somos nós os barbaros selvagens,
« Netos de Tamandaré? »

Anhanguera ameaçou os indios que, se não dissessem aonde havia ouro, poria fogo em todos os seus rios, e arderião as florestas.

Para prova de que a ameaça não era uma hespanholada, tomou um pouco d'agua do rio, que por artes do diabo substituiu por aguardente, e ateou-lhe fogo.

Os indios estupefactos da prestidigitação e aterrados com a idéa do incendio, pagárão o engano entregando-lhe as suas preciosas minas.

Cuidado, pois, com os Anhangueras de além-mar.

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO, o voador, irmão do celebre Alexandre de Gusmão.

Tendo inventado a maneira de voar, e vendo a inquisição de Lisboa o perigo da invenção, pois poria a todos os judeus pelos ares, tratou de queimar-lhe as azas.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão arripiou-se com o cheiro do chamusco e poz-se ao fresco.

Morreu de fome, de miseria, no hospital de Toledo, em Hespanha, e a religião lucrou com isso, segundo os padres dominicanos.

BENEVIDES. (Salvador Corrêa de Sá e) Foi um dos brasileiros mais illustres de que se gloria o Rio de Janeiro de haver sido o berço.

Dedicou-se ás armas e colheu immarcesciveis louros tanto nas conquistas de Africa como nas guerras do Brasil.

A sua vida apresenta essas vicissitudes tão communs na existencia dos grandes homens; victorias e louros, perseguições e ferros, gloria e esquecimento!

Na idade de 94 annos dizia elle que ainda lhe era grato ouvir o estampido do canhão, e empunhar a lança!

CALABAR (Domingos Fernandes). Por tres annos prestou-se Calabar aos Hollandezes na guerra que elles sustentavão contra a sua patria e seus compatriotas.

Converteu, como diz Porto Alegre, em odio eterno o seu valor marcial.

De quem seria, porém, a culpa?

D'elle ou dos que governavão a colonia brasileira?

Prisioneiro de guerra, condemnado á morte, Calabar verteu amargas lagrimas, arrependido do mal que fizera á patria.

E' que em seu coração havia ainda alguma cousa, e se o tivessem sabido aproveitar, outro teria sido o homem.

A sociedade, e não elle, errou.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA. Amenissimo poeta mineiro que mereceu o cognome de *Metastasio brasileiro* por suas harmoniosas canções.

Cumplice da idéa da independencia do Brasil, Claudio Manoel da Costa foi encerrado n'um segredo de Villa Rica e appareu enforcado.

Por muito tempo attribuiu-se a sua morte a um acto de ferocidade do governo colonial, quando havia da parte d'este todo o empenho da exposição publica a incutir o terror; a prova está na execução de Tiradentes e na mutilação canibalesca de seu cadaver.

Claudio Manoel da Costa, não podendo libertar o corpo dos ferros, libertou a alma do corpo.

Que mais tinha elle que esperar do governo colonial?

Morreu e vingou-se subtrahindo-se á perseguição; mas os juizes declarárão a sua memoria infame e condemnárão os filhos que nem uma culpa tinhão!

Dura ainda a sua memoria grata e brilhante aos brasileiros e os nomes de seus algozes existem apenas no processo em que tão severos se mostrárão.

Se todos podessem ler na posteridade, quanto não ganharia a humanidade!

DELPHINA BENIGNA DA CUNHA (Dona). A' illustre poetisa riograndense, Dona Delphina da Cunha, foi um dia comprimentar o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, o grande poeta, cego como ella, que achava-se então n'esta côrte.

— Não deveis gostar de mim, disse-lhe o poeta, pois queixa-se o bello sexo de que fui um tanto duro para com elle nos *Ciumes do bardo*.

— Ah, meu caro poeta, respondeu ella, vós nos vingastes, afogando o ingrato blasfemador nas aguas do lago!

ESTEVÃO RAPHAEL DE CARVALHO era natural do Maranhão, e representou por vezes a sua provincia na camara dos deputados; primava pela sua jovialidade, e a hilaridade coroava os seus ditos epigrammaticos e ferinos.

Foi elle quem apresentou o celebre projecto contra a mania de se querer passar por patriota.

Quando uma vez o Sr. Dr. Felippe Alberto Patroni Martins Maciel Parenti apresentou á assembléa geral legislativa um projecto dividindo o Brasil em setenta e duas provincias, o presidente declarou que o projecto ia á commissão de estatistica, divisão civil etc.

— Requeiro, disse Estevão Raphael de Carvalho, que vá antes á commissão de saude publica.

A camara não adoptou o alvitre, e o projecto ainda dorme, sem remedio, na pasta da commissão de estatistica.

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA. O illustre redactor da *Aurora fluminense* era dotado de espirito sarcastico; e na mais insignificante palestra chovião-lhe dos labios os sainetes de envolta com os epigrammas.

Annunciárão-lhe um dia o apparecimento de mais um jornal.

— Como se chama, interrogou elle ?

— *O filho da terra*, lhe respondeu o amigo.

— Ah, disse Evaristo, se não é gigante, não passa de minhoca.

FRANÇA (Antonio Ferreira) O Dr. Francinha. Passava por um original a quem mal penetrava-lhe no amago d'alma. A sua gravata era cuidadosamente atada sobre o joelho e depois magistralmente enfiada no pescoço pela cabeça.

Rião-se d'esta originalidade, mas elle respondia que Alcibiades, tendo um cão de rara belleza, que lhe custára sete mil drachmas, lhe cortára a cauda, afim de que os Athenienses se occupassem do seu cão e não da sua pessoa.

E tinha razão, pois ainda hoje falla-se e escreve-se sobre a sua gravata.

E quantos *apartes* não se perderião, quando elle orasse a seu modo, na camara dos deputados, por causa da sua gravata ?

O seu laço era o nó gordio que prendia as attenções e n'elle se perdião os legisladores enleados em mil conjecturas.

GALVÃO (Senador Manoel Antonio). « Tinha, segundo as expressões de um de seus biographos, a sagacidade do diplomata, a razão do philosopho e a tenacidade do estadista.

« Cabeça pensante, tinha o seu livro no homem, e a sua bibliotheca no mundo; havia chegado ás grandes intelligencias varonis e independentes, que só obrão pelo compendio da sua propria sciencia e o reformão de dia em dia com o accrescimo das novas idéas, bebidas no grande manancial da experiencia. »

O senador Galvão era ministro de estado, quando um dia entrou pela casa a dentro de um collega seu, que elle suppunha sorprender no meio de importantes e urgentissimos trabalhos.

Achou-o, porém, de pernas para o ar.

— Ah, exclamou o bom do estadista, não ha duvida que o Brasil governa-se por si mesmo.

E se não fosse assim ?

GREGORIO DE MATTOS, poeta satyrico de que a cidade da Bahia se ufana de haver dado o berço, Coimbra prestado a educação, Angola servido de exilio, e Pernambuco aberto-lhe a campa.

Ao passo que satyrisava e ridiculisava tudo a torto e a direito e n'uma linguagem cynica, ninguem era mais digno de ser satyrisado do que elle.

Já assim iniciava Gregorio de Mattos o programma das apparições parlamentares de hoje.

A differença está na linguagem, que passou a ser prolixa, de linhas serradas a encher columnas e columnas dos jornaes.

BIBLIOTHECA NACIONALE
—DO—
RIO DE

HENRIQUE DIAS, grande athleta da guerra brasilica, figura homerica sob a viseira negra que lhe deu a natureza.

Camarão, indio, seu contemporaneo, e tão bravo como elle, teve o habito de Christo em recompensa de seus serviços militares; Henrique Dias nada teve.

Seria pela sua côr?

Mas o sangue, que elle derramou no campo da batalha, era da mesma côr que o sangue que verteu o ousado Camarão.

E' que para as graças as mesmas causas mudão de effeito.

JOSE IGNACIO BORGES foi um de nossos homens de estado do tempo da minoridade, em que os vagalumes brilhavão á falta da verdadeira luz.

Se fosse torto, não seria tão feliz em terra de cegos.

Sendo ministro do imperio, e indo á academia das Bellas Artes, perguntou:

— « Para que serve isto? Gastão-se contos e contos de réis todos os annos com este estabelecimento e inutilmente; pois não faltão bonecos e papel pintado na rua do Ouvidor, e excusado era esperdiçar-se assim o dinheiro da nação.

Os professores estupefactos abaixárão os olhos e córárão de vergonha.

Ainda ha, infelizmente, por cá muitos d'esses economistas endiabrados, que não comprehendem que o dinheiro tambem é semente.

JOÃO FERNANDES VIEIRA. O celebre campeão que tanto se avantajou na guerra brasilica contra os hollandezes, desobedeceu o rei para servir ao proprio rei; e desprezando o armisticio, celebrado entre Portugal e Hollanda, tomou parte na famosa insurreição da independencia tramada pelos pernambucanos.

Ao mesmo tempo em S. Paulo seguia Amador Bueno da Ribeira contrario rumo. Erão elles Colombo e Gama demandando o oriente. Tão fiel como João Fernandes Vieira, deixou de tomar parte na insurreição da independencia ideada pelos paulistas, e rejeitou a corôa que lhe offerecião.

O paulista mostrou mais prudencia que o pernambucano, e o pernambucano mais sagacidade que o paulista, e por isso foi mais feliz.

João Fernandes Vieira foi rei e acabou rico, e Amador Bueno da Ribeira morreu esquecido e pobre.

JOÃO MENDES DA SILVA era pai do nosso infeliz poeta comico Antonio José, denominado *Plauto do Brasil*; e era, como o filho, natural do Rio de Janeiro.

Ninguem soube mais a proposito do que elle pôr as barbas de môlho.

Emquanto a esposa e os filhos soffrião os tratos da severa e barbara inquisição, João Mendes, que era advogado da casa da supplicação, ouvia missas, jejuava e poetisava sanctamente. Foi assim que chegou a compôr um officio da cruz em verso e um poema intitulado *Christiados*, que tem por assumpto a vida do Redemptor.

Os padres odeixárão em paz.

Felizmente para elle, a morte livrou-o do desgosto de vêr a catastrophe de que foi victima toda a sua familia.

Não só Antonio José padeceu com sua mãi victima da inquisição, como tambem seus irmãos.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. Se não foi o primeiro brasileiro na collaboração da independencia, até como 1.º ministro de D. Pedro, segundo o apregôa a inveja, foi ao menos o que mostrou no seu orgulho paulistano uma dignidade que seus contemporaneos devião-lhe invejar.

A's genuflexões, zumbaias e beijamãos da côrte respondia elle dignamente :

« Arbitraria fortuna, desprezivel
« Mais que essas almas vis que a ti se humilhão,
« Prosterne-se a teus pés o Brasil todo,
« Eu, nem curvo o joelho ! »

Não precisa dizer-se que quem tinha tão nobres sentimentos morresse pobre e apenas com o habito de Christo, que lhe dera o rei.

Rico, porém, de gloria, legou ao seu paiz, os seus serviços e o seu nome :

« E isto nos basta a nós e ao nosso mundo ».

(Basilio da Gama).

JOSÉ CLEMENTE PEREIRA,(Barão da Piedade,posthumo). Algumas pessoas querem vêr nas seguintes palavras de tão distincto brasileiro, dirigidas a D. Pedro I, em 9 de Janeiro de 1822, a prova de que elle era contrario á independencia brasileira :

« A sahida de vossa alteza real dos estados do Brasil, será o *decreto fatal* que sanccione a *independencia deste reino !* E exige *portanto* a salvação da patria que vossa alteza real suspenda a sua ida, até nova determinação do soberano congresso. »

A sua defesa está nas seguintes palavras de José Bonifacio, datadas de 27 de Julho do mesmo anno e que não podem ser taxadas de suspeitas :

« Sua alteza o principe regente..... tomando em consideração a actividade e o patriotismo que o dito juiz de fóra *tem mostrado em beneficio da causa do Brasil*, e o quanto se faz necessaria sua residencia n'esta cidade, para objecto de serviço publico, manda etc.»

Por sua parte tambem José Clemente Pereira faz justiça a José Bonifacio como patriarcha da independencia, titulo que alguns lhe querem hoje negar, sem fundamento ; eis as suas palavras, que não são igualmente suspeitas :

« Era seguramente este o *unico homem* apontado então como possuidor das qualidades necessarias *para dirigir a revolução*, porque ao prestigio da sua popularidade, necessaria a todos os ministros em todos os tempos, e com muita especialidade em crises revoluciona-

rias, reunia vasto saber, imaginação viva, actividade *sem igual*, e intrepidez remarcavel.

« *Todas estas qualidades desenvolveu* durante o tempo da sua administração, com geral conceito e applauso. »

LUCAS JOSÉ DE ALVARENGA. Distincto poeta, que merece o nome de *Parny brasileiro*, e que fallava por parabolas animadas, com muita propriedade.

Sendo governador em Macáo, recebeu um brinde do mandarim, com quem andava de rixa; era uma mimosa caixa de charão, cheia de terra e sobre esta um bonito sapato. Queria dizer, segundo os interpretes, que o mandarim o collocaria entre a terra e seus pés.

Alvarenga despejou a caixa, encheu-a de polvora, pôz-lhe uma bala de artilheria em cima do pó bellicoso e recambiou-a ao mandarim.

Como o mandarim não mugiu nem tugiu, é facil crer que comprehendesse a linguagem brasileira.

MARTIM AFFONSO DE SOUZA, que antes do baptismo chamára-se Ararigboia, era chefe da tribu dos Tememinós.

Alliou-se aos portuguezes, e ajudou-os na conquista do Rio de Janeiro, então invadido pelos Francezes, que aqui vinhão fundar *Henriville*, que devia ser a capital da sua *França Antartica*.

O joven rei D. Sebastião, em agradecimento de seus feitos a prol da civilisação, o condecorou com o habito de Christo.

Observando-se-lhe, porém, que o indio andava com os trajos com que sua mãi o dera á luz, achou que era justo vestil-o, e fez-lhe presente da sua roupa velha.

Quantos ainda hoje não necessitão do mesmo soccorro!

NUNES MACHADO (Desembargador *Joaquim*). No dia 15 de Dezembro de todos os annos celebra o instituto historico geographico e ethnographico brasileiro a sua sessão magna. O primeiro secretario dá conta do que fazem os vivos, e o orador demonstra o que fizerão os mortos.

O desembargador Joaquim Nunes Machado era socio do instituto historico, não porque fosse historiador, mas porque tinha de ser *historiographado*.

O Sr. Porto Alegre narrou a sua biographia n'estas concisas palavras:

« Na ultima sedição de Pernambuco, á frente do povo armado, cahiu ferido por uma bala o desembargador Joaquim Nunes Machado».

O instituto historico é as vezes laconico de mais.

PEDRO I (D.) Estas datas e palavras resumem a vida do fundador do imperio:

9 de Janeiro de 1822 — Fico.
7 de Setembro de 1822 — Independencia ou morte!
25 de Março de 1825 — Juro.
6 de Abril de 1831 — Parto.

D. Pedro era amigo do laconismo.

Houve um anno, em 3 de Setembro de 1829, que encerrou os infructiferos e longos debates do nosso parlamento com a seguinte falla·

« Augustos e dignissimos senhores representantes da nação :

« Está fechada a sessão ! »

PIO DOS SANTOS (Antonio). Official de marinha, irmão do Almirante Tristão Pio dos Santos. Foi um homem de grande charidade, e pedindo-se-lhe uma vez esmolas para as obras da igreja de Santa Luzia, deixou cahir lá da janella de seu sobrado um tijolo de seu fogão sobre a bandeja do pobre pedinchão, que quasi morreu de susto.

ROMUALDO DE SEIXAS (Dom). Um dos bons arcebispos da Bahia, e homem de muita illustração.

Quando tomou ordens sacras, não lhe passou pela cabeça que um dia seria titular; e morreo feito *marquez ecclesiastico.*

SOUZA CALDAS (Antonio Pereira de). Distincto orador sagrado do Brasil e um dos primeiros poetas lyricos da lingua portugueza.

José Eloy Ottoni compoz estes bellos versos para seu epitaphio :

Brasiliæ splendor, sermone tonabat,
Fulmen erat servo, verbaque fulmen erant.

Do Brasil esplendor, da patria gloria,
Discorrendo ou fallando trovejava :
O discurso, a dicção, a essencia, a fórma,
Tão veloz como o raio se inflammava.

Os frades franciscanos derão, porém, tanta importancia ás cinzas do illustre poeta, que deixárão-nas entregues ao deleixo !

A gratidão nacional exige que se lhe erija uma estatua monumental no largo de Santa Rita, onde nasceu ó illustre auctor das poesias sacras.

Lá quanto ao chafariz, que o atirem para as esquinas ou o ponhão no largo de João Baptista.

Não se arripiem com muitas estatuas, pois que não somos a geração passada que se contentava com os gallos das torres da Candelaria, e jacarés do Passeio publico.

TIRADENTES, alcunha historico do alferes Joaquim José da Silva Xavier, a quem o governo colonial tirou a cabeça para fazer presente á provincia de Minas Geraes, onde germinavão as ideias da independencia.

Uma cabeça, que teve tão nobre pensamento, por certo que deveria ser collocada na terra que a viu nascer e em lugar bem alto.

A data da morte de Tiradentes (21 de Abril) coincide com os primeiros signaes de terra topados por Pedro Alvares Cabral.

E' que 291 annos depois começárão tambem a apparecer as primeiras origens da luta da independencia.

VASCONCELLOS (Bernardo Pereira de). Foi eminentemente homem politico.

O historiographo anglo-brasilio, John Armitage, deu-lhe o cognome de *Mirabeau brasileiro.*

No seu sarcasmo, e n'isso era elle rei, endeosou a mentira e rebaixou a verdade, dizendo que esta era aquella muitas vezes repetida.

Para elle a verdadeira civilisação do Brasil vinha da costa de Africa, e tantas vezes repetiu isto, que á final os inglezes o acreditárão e por sua morte obtiverão do governo brasileiro a cessação do trafico.

VERGUEIRO (Nicoláo Pereira de Campos). Senador do imperio, e ministro de estado, foi Vergueiro um cidadão distincto pelas suas qualidades e illustração.

Era dotado de sentimentos liberaes, mas, por uma contradicção que se não explica, mostrava-se pouco amigo das artes liberaes.

Para elle a musica era *o mais supportavel dos barulhos.*

VISCONDE DE CARAVELLAS; (Manoel Alves Branco).

« O visconde de Caravellas, diz o Sr. Porto Alegre, tinha na fronte e no olhar o lume da intelligencia; a voz sonora e grave e a conversação admiravel. »

« Morreu pensando no Imperador e no Brasil.

« Homem progressivo, augmentou sempre de dia em dia a sua maneira de ser nobre pelo estudo, e marcou a extensão da sua personalidade no paiz com os signaes de sua intelligencia e probidade. »

O visconde de Caravellas dizia de si mesmo:

« — Nasci pobre e pobre morrerei; mas nasci na mediania social e fui elevado ao fastigio das posições pela magnanimidade de um principe, que não pergunta pelos avós dos servidores do Estado. »

Infelizmente, porêm, não faltará quem lhe quebre os ouvidos com os nomes de seus illustres ascendentes.

Não estamos na epocha dos brasões hidalticos?

E' que hoje todos desejão que se saiba pelo carro quem vai dentro.

VISCONDE DA PEDRA BRANCA (Domingos Borges de Barros). As senhoras brasileiras devem por gratidão um monumento a tão distincto poeta.

Não só dedicou as suas poesias, todas amorosas, pois que era erotico por natureza, ás senhoras brasileiras, como traduziu em verso o poema que tem por titulo *O merito das mulheres.*

Fez mais ainda, advogou nas cortes de Lisboa a liberdade politica das senhoras, porém foi tão infeliz em seus esforços, como posteriormente a duqueza de Abrantes.

« O seculo, diz um de seus biographos, não quiz abdicar uma parte da sua masculinidade e as amazonas parlamentares voltárão ás almofadas e bastidores. »

Actualmente é o Sr. Dr. Castro Lopes quem substitue o nobre visconde no empenho de emancipar as senhoras.

Quem emancipasse os homens das mulheres!

VISCONDE DE SEPETIBA (Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho). A tão distincto estadista coube a iniciativa na politica da conciliação, que coincide com a introducção do gelo n'esta côrte.

Ouça-se a respeito o Sr. Porto Alegre:

« Aureliano, depois de consolidar o elemento politico, passou a tornal-o permanente pelos recursos da sociabilidade, pelo contacto dos homens em horas e occasiões improprias de discutirem interesses ou recriminações individuaes.

Para obstar taes ensejos, começou a fazer reuniões periodicas em sua casa,—onde a presença do bello sexo desarmava os pugilatos politicos, — onde a dansa e a harmonia consorciavão almas que se havião amado e desquitado por opiniões politicas.

Foi n'um destes saráos que pela primeira vez apparecerão os *sorvetes*, e estes *sorvetes*, e o magnifico exemplo de sua urbanidade e gentileza, diluirão muitos odios, applacárão muitas raivas, e acalmárão muitos resentimentos; porque até alli as familias se parecião com tribus rivaes ou encerradas no circulo traçado pelas suas opiniões e interesses.

O Sr. Porto Alegre esqueceu-se de uma circumstancia notavel que cumpre mencionar.

O regente D. Antonio Feijó, satisfeito deste resultado, revogou por um decreto o privilegio sobre a importação do gelo!

A BELLEZA DAS MULHERES.

Descrever a belleza das mulheres é, foi e será a mais ardua tarefa de que se poderá encarregar a penna do mais habil escriptor, ainda mesmo quando elle seja um naturalista ou philosopho: ora, nós que nada disso somos, que apenas gostamos de rabiscar, porque nos faltão as luzes da sciencia e o estudo das letras, na verdade que nos mettemos em bôas, e quiçá nos venhamos a arrepender de tão inqualificavel audacia! comtudo, como não pretendemos, para mostrar a belleza das mulheres, comparal-as ás cobras e lagartas, esperamos ser desculpado em nossos erros pelo sexo amavel a quem desde já promettemos dar o primeiro lugar entre as bellezas da terra, da mesma sorte porque distinguimos o sol como o primeiro nas sublimidades do céo.

Entremos pois na materia:

Fallando em materia, não pense alguem desde já que pretendemos tambem lançar mão do escalpello e reduzir a mulher a azotos, carbonos, enxofre e hydrogeneos, não: Deus nos livre de semelhante pretenção! porque, na verdade, nada se nos dá que a mulher, para ser ou deixar de ser uma belleza, reuna, ou deixe de reunir em si ou no seu physico materias com taes nomes e formadas por semelhante natureza. O sentimento da belleza não esquadrinha o objecto que se reconhece perfeito para analysal-o successivamente em suas partes: e até mesmo póde affirmar-se que, para haver belleza, é mister a reunião dessas partes formadoras de um todo independentemente dos elementos de que são formadas. O bugio, o mono, é decomposto e dissecado em taes

substancias, e entretanto jámais nos assemelharemos a elle ; e, por certo, que passaria pelo maior de todos os extravagantes e desenxabidos materialistas aquelle que se quizesse comparar a um macaco por ser qual este animal composto de azoto, carbono e hydrogeneo.

E' tal o desejo que temos de pugnar a favor d'esse sexo gracioso, tão conhecido pelo primor da belleza que n'elle realça, sublimando a perfeição natural e a dilicadeza divina, e tão cruelmente dissecado pelo contemporaneo da revista do 1.° de Outubro, que até nos parece vêr desde já a engraçada moreninha reclinada em seu *divan* bater as palmas, e com as delicadas pontas dos seus sapatinhos de setim tocar subtilmente no soalho e dizer : « estou vingada ! »

Vejamos se podemos estabelecer uma proporção entre o sentimento do bello e o sentimento do amor.

E'certo que ordinariamente a nossa attenção é attrahida pela belleza real, que mais em contacto se acha comnosco, ou mais necessaria se torna á satisfação dos sentimentos de nossa alma ; assim, muita vez deixamos desapercebido o mais delicado objecto por não precisarmos d'elle,e abstractos fixamos os nossos sentidos com a vontade n'aquelles que em certas conjuncturas nos são precisos: mas, entretanto, realidades ha, que subsistem identificadas no nosso sentimento, impressas em nossa memoria, e sempre vivas na associação do pensamento, de sorte que seria impossivel sem senti-las, sem quere-las, e sem amal-as passar um minuto de vida : n'este caso está a mulher, que pelo amor nos encadeia aos attractivos da belleza.

E, com effeito, se a belleza consiste na boa harmonia e perfeição das partes que constituem um todo, e, se ainda mais, esse todo assim composto se nos torna tão caro, como póde ser caro o embrião quenos géra, o alimento que nos cria, o leito que nos embala, os carinhos que nos afagão, os conselhos que nos guião e a mulher que nos adora.... o que haverá de mais bello nesta vida ?

E' assim que adoramos duplamente a esse anjo da existencia, como nossa mãi e como esposa !

A belleza da mulher é a virtude, assimcomo o symbolo da innocencia é o sorriso, o espirito da flor é o perfume, a crença no futuro é nossa vida.

JULIO CESAR LEAL.

MOMENTOS DE OCIO.

LAVOURA NO MARANHÃO.

O melhor tempo da minha vida foi o da minha infancia, que passei no interior de uma das mais bellas provincias do Brasil. Ahi, sem cuidados ou affazeres, occupava-me exclusivamente em admirar a natu-

reza em seu estado primitivo; ahi, vegetaes diversos, lindas palmeiras, buritiseiros frondosos, aves diversas erão o objecto de minhas contemplações; e n'esses momentos que á beira de um riacho comtemplava as aguas limpidas que se deslisavão, e as lindas pedrinhas depostas nos poções e no seu interior, não me passava pela ideia que possuisse um thesouro immenso de distracção e felicidade, de que só mais tarde poderia vir a conhecer o preço.

Excessivamente curioso, tudo queria vêr e examinar por mim proprio, no que encontrava extrema facilidade, pois que meu pai permittia-nos que seguissemos todas as nossas inspirações e phantasias. Eu tinha a mais completa liberdade para percorrer os bosques, visitar os roçados, assistir a todo o genero de trabalho, e de envolver-me n'elles se bem me parecesse.

Tive a permissão, por diversas vezes, de percorrer os campos de Anajatúba em companhia de um de meus tios, e d'esta variedade de objectos que pude observar é que nasceu-me o desejo actual de escrever sobre o que só me é dado vêr pela imaginação. As scenas que se passárão n'esse bello tempo, os lugares que visitei, tudo me recorda com saudade: não ha uma planta, um animal de minha predilecção que não me traga um pensamento de recordação e de tristeza. Meus pasarinhos, minha espingarda, minhas plantações, que eu proprio tractava com a mais escrupulosa attenção, tudo isso lá deixei. E aqui?!... Sómente aridez e semsaboria! Ruas, carros, lama, poeira, desconhecidos, eis o que se encontra a cada passo.

E', pois, inspirado pela saudade que hoje vou recordar-me do que observei, por diversas vezes e em annos diversos, na parte relativa á lavoura.

No verão marcão-se os roçados, e de preferencia escolhem-se as matas virgens, como sendo mais productivas que as capoeiras, sem attender-se á grande quantidade de madeiras de construcção e de fructeiras que se derrubão com os machados, e que o fogo deve consumir, sem que d'ellas se tire o menor proveito para os usos da vida, porque o paiz é muito abundante e são bem poucas as applicações. Os roçados são marcados pelos feitores, que, inteiramente ignorantes, sem conhecerem os caracteres da escripta ou sabel-os traçar, bem pouco se importão de procurar uma symetria ou configuração agradavel á vista.

Mettem-se pelos matos com a escravatura e fazem um caminho, denominado *picada*, e sobem os outeiros, descem os valles procurando seguir uma linha recta, porém que pela maior parte está mais longe d'isso do que a rua Direita de justificar o nome que lhe derão. D'ahi resulta que a beira do roçado é cheia de reentrancias e de saliencias.

Quando em uma direcção têm demarcado a extensão determinada pelo lavrador, mudão de rumo e procurão d'este modo formar um quadrado, cujos angulos, porém, são obliquos, apezar de dizerem que lhe derão essa configuração. Suppondo que cada lado seja de quatrocentas braças, dizem elles que a sua roça é de dezeseis *qua-*

dras, isto é, de dezeseis quadrados de cem braças, pois que a denominação de quadra significa exclusivamente um quadrado de cem braças de lado. Pelo modo de traçar as picadas vê-se que o calculo do lavrador póde ser illudido com erro superior á uma quadra para mais ou para menos.

Feito isto, as mulheres occupão-se em roçar com as foices as arvores menores, e os homens fazem cahir pelo machado aquellas cujos diametros excedem a dois terços de palmo. Derrubão-se d'este modo madeiras de um diametro ás vezes muito superior a quatro palmos, e os escravos acompanhão a sua quéda com gritos especiaes. Logo que a arvore acha-se sufficientemente offendida, apresenta um movimento oscillatorio que é o precursor da quéda; então principião os gritos, o que me faz crer que forão introduzidos para chamar a attenção das pessoas que se achassem na vizinhança, que poderião deixar-se sorprender pela quéda inesperada, ficando sepultadas debaixo da pancada e do pezo enorme do vegetal. Assim, os ultimos golpes são bem annunciados; e a planta, cada vez mais abalada, acaba por cahir, arrastando em sua quéda todas as arvores, que sendo roçadas pela foice havião ficado presas pela ramagem ou pelos cipós.

A's vezes estas arvores se deitão sobre as outras que estão por cortar e ao longe apresentão o aspecto de uma floresta, mas cuja quéda póde depender da de uma só arvore que esteja em pé. Quando as arvores cortadas prendem-se d'este modo umas as outras, dizem que ha uma *maranhada*. Póde haver algum risco em livrar-se da quéda, mas elles estão dextros e sabem livrar-se.

E' um espectaculo magestoso esse da quéda de uma grande porção de floresta que parecia inteiramente firme, e que precipita-se com um ruido espantoso.

De distancia em distancia deixão grandes arvores em pé, seja para que no tempo da *coivára*, da plantação ou da colheita achem uma sombra em que se refugiem no tempo da refeição ou que tenhão outro motivo. O caso é que não prejudicão as plantas.

Quando se tem completado a derruba, é preciso esperar que o mato seque, afim de poder lançar-se-lhe fogo, e n'esse tempo os escravos occupão-se ou em fazer farinha de mandioca do roçado do anno anterior, ou na construcção de paióes, casas de vivenda dos fazendeiros, *ranchos* ou *tijupás* em que devem firmar a sua residencia, pois que não se perde o tempo.

No fim de quinze, vinte dias ou um mez está secco o roçado e por conseguinte em estado de receber o fogo. Receiando que este se communique ás matas vizinhas, e que venha não só a estragal-as, como além d'isso a pegar nas casas, tomão a precaução de abrir um asseiro ou uma estrada bem limpa da largura de dez a quinze palmos em torno do roçado, feito o que apromptão os fachos e preparão-se para a grande festa.

Os fachos constão de uma reunião de lascas de *cassambas* tiradas das palmeiras, intermeadas com outras das *canôas* de *anajá* ou de qualquer outro vegetal desta especie, e de pindobas, tendo d'este modo

a propriedade de queimar com facilidade e de conservar-se facilmente com chamma. Cada um armado de tres ou quatro fachos vai postar-se na cortina que fica do lado d'onde vem o vento, e ao meio dia ou quando a viração está mais forte e o sol mais ardente, lanção fogo á beira do roçado, que se tornou mais facil de queimar pela accumulação dos matos seccos tirados do asseiro, e que elles não jogão para o lado da mata.

Acreditão que os gritos e assovios influem sobre a rapidez do vento, e que o santo que tem mais influencia sobre o fogo é S. Lourenço, cujo nome repetem muitas vezes acompanhando-o de outras palavras.

A phrase habitual por elles empregada é: S. Lourenço, barba de bode! que ignoro d'onde tira sua origem. Sei que tem em vista enfurecer o santo e fazer com que elle, novo Eólo, abra os toneis e desencadeie os ventos.

Apenas principia o incendio nos primeiros lugares, elles deitão a correr pelo asseiro, constantemente repetindo as mesmas vozes. O ardor do sol, o calor das chammas e o excesso da carreira fazem com que cheguem ao fim alagados em suor, e demais contentes de si mesmos pelo *bello* divertimento a que acabárão de entregar-se. Então, á sombra, contemplão um dos maiores espectaculos que se póde imaginar: é realmente magestoso!... As chammas caminhão rapidamente das córtinas para o interior e elevão-se á uma altura prodigiosa; as copas das grandes arvores, que ficão no meio do roçado, retorcem-se queimando-se, e uma nuvem de fumaça espessa eleva-se na atmosphera, e acaba por escurecer o sol.

A tarde é sombria, e como ordinariamente nas vizinhanças queimão-se muitos roçados no mesmo dia, isso ainda mais contribue para que a atmosphera, sobrecarregada de vapores, não deixe penetrar-se pelos raios solares atravéz do véo avermelhado ou rubro que lhe apresenta. Esses dias são os de maior calma, não só porque escolhem os em que ha calor mais intenso, em que os raios solares abrasão a terra com o seu calor, como, além disso, porque á tarde, ao declinar do sol, toda a viração tem cessado, e o mormaço torna-se fortissimo.

Pela volta das cinco horas sahem contentes a percorrer o roçado, apezar de haver ainda muita fumaça e mesmo fogo em alguns lugares, porém elles o fazem afim de caçar os jabutins, veados, antas, etc., que porventura se achando no meio da roça, e cercados de fogo por todos os lados, acabárão por morrer no centro, para onde fugião procurando um refugio.

A noite é para elles excellente, pois que pela maior parte vem munidos de caça, que preparão a seu modo, já com arroz ou com farinha.

Quando o roçado está bem secco, queima perfeitamente e deixa apenas muito pouca madeira por queimar: essa madeira é a *coivára*, que dizem neste caso ser *coivára preta*. Quando, porém, uma chuva imprevista vem humedecer as folhas, ou que, havendo-se atrazado, são obrigados a queimal-o no tempo chuvoso, esperando apenas alguns dias de sol, em muitos lugares ficão grandes extensões que não forão tocadas pelo fogo e que guardão a côr natural da madeira,

que é mais ou menos branca: n'este caso dizem que o roçado queimou mal, e que fez muita *coivára branca*.

Fazer coivára ou *encoivarar* é cortar essas madeiras em pedaços e fazer grandes montes para queimar depois, e é este o trabalho peor que vi no interior. Quando se roça está-se á sombra, guardado pelas proprias arvores que se derrubão ao depois; quando se colhe, o tempo está quasi sempre fresco, e o sol é pouco ardente; mas, quando se encoivara, o sol está revestido de todo o seu ardor; o calor é excessivo; a roça é um descampado enorme, de sorte que só o costume ou a necessidade póde obrigar a ficar-se um dia inteiro occupado em trabalho tão rude. Para um branco, principalmente habituado a não apanhar sol, o effeito é horrivel, pois que, a não estar resguardado pela roupa em abundancia ou por um chapéo de sol, a pelle vem a cahir, creando nas costas grandes empôlas, como de queimadura pelo fogo.

Durante o dia, os pretos vão com as foices ou os machados cortando a coivára em pedaços de cinco a dez palmos, e as pretas occupão-se em ir ajuntando-as e empilhando-as n'um grande monte, de distancia em distancia. A' noite, antes de retirarem-se, deitão fogo a essas enormes fogueiras, que muitas vezes reservão durante alguns dias para augmentar a belleza do espectaculo.

Por toda a parte encontrão-se riachos, que quasi todos são iguaes a um *grande rio*, que na côrte denominão Rio Comprido, e que no Maranhão seria apenas um corrego, nem merecendo as honras de igarapé (o igarapé é um braço de rio, d'onde se vê que refiro-me á grandeza), por isso á noite podem sempre tomar o seu banho; pois que, se dentro do proprio roçado não existir algum, encontral-o-hão nas matas vizinhas, ou pelo menos perto de casa, sendo as localidades das situações sujeitas a esse quesito; de sorte que, apezar de trabalharem todo o dia com madeira queimada e carvão, evitão a porcaria que ha na côrte, onde o distinctivo do carvoeiro é trazer a cara mais negra que o proprio carvão. Justiça seja feita á escravatura do Maranhão, que prima no asseio de seu corpo, sendo n'isto superior aos brancos a que me referi.

Imagine-se agora a quantidade prodigiosa de lenha que se esperdiça, e o carvão que fica por aproveitar, os quaes, sendo transportados para as povoações, contribuirião poderosamente para o abastecimento e barateza do combustivel.

Se os lavradores, embora queimando os roçados, enviassem para a capital a lenha que perdem na coivára, terião só por ahi um bom rendimento. A difficuldade não estaria em transportal-a para a beira do rio, por isso que têm carros destinados ao transporte da colheita, e que n'essa epocha achão-se em completo descanço; mas a falta de navegação fluvial, que faz elevar o frete, é um poderoso obstaculo, e além d'isso a incuria d'esses homens, que não procurão tirar o maior proveito possivel da natureza, fecha completamente as portas á renda que lhes podia provir, enviando para a capital o que se divertem em vêr queimar á noite.

Apezar do alto preço do frete, parece-me que haveria interesse em

promover a remessa, o que supponho nem ao menos ter occorrido a muitos, pois que em todos os logares por onde andei nunca ouvi fallar n'isso.

Depois que se queima o roçado, a quantidade de cinza que fica sobre o terreno é enorme, e esta cinza tambem não é aproveitada, fica sobre o terreno, e acaba por misturar-se com a terra, apenas cahe alguma chuva; poderá unicamente servir para augmentar a sua fertilidade.

Para fazer decoada, empregada nas barrelas para a lavagem, principalmente das redes, basta a que fornecem os fogões; e para o fabrico do sabão tambem não se aproveita, pois que algum que se faz no interior é unicamente trabalho de curiosos: são apenas ensaios muito imperfeitos, que não têm emprego no uso domestico, vindo da capital todo o preciso para o consumo.

Nos engenhos de moer canna faz-se um emprego frequente da potassa, mas nem para o consumo se aproveita a que daria essa enorme quantidade de cinza, extrahindo della a necessaria: mandão vir da capital toda a de que precisão.

Os conhecimentos em chimica ainda não chegárão a Maranhão, e muito menos ao interior da provincia, e os engenheiros e medicos occupão-se em cousas differentes, de sorte que os fazendeiros persuadem-se que a potassa é uma dessas cousas que se extrahem não se sabe de onde, mas que a França não desconhece, e que por isso só de lá poderá vir. Digo a França por ser o paiz mais conhecido no interior do Maranhão.

A ignorancia está, pois, completamente em actividade, e a tal ponto que se alguem se lembrasse (não sendo estrangeiro, porque esses têm carta de sabedoria, por mais ignorantes que sejão) de fazer alguma tentativa de qualquer genero, tornar-se-hia o alvo do sarcasmo e da mordacidade, e todos os obstaculos lhe serião apresentados, afim de que não levasse a effeito a sua *utopia*.

Assim vi acontecer a uma pessoa que fazia ensaios de tinturaria, de chimica (apezar da falta de recursos que ha em Maranhão) etc; e que, por ter mais um olho que os outros, nem por isso era tido como rei, mas sim como um maniaco innovador, que persuadia-se haver no mundo alguma cousa por conhecer. Ouvi mesmo dizer por uma pessoas que, se não tem instrucção, affecta possuil-a, que hoje nada mais ha por descobrir; tudo o que é possivel fazer a França já tem feito, e é loucura ter aspirações desse genero. Se fosse hoje, ter-lhe-hia dado a lêr as obras do Dr. L. Figuier e outros, afim de que visse os trabalhos novos que em todos os annos, e a cada dia, se fazem na propria França, onde já se attingiu a meta da sciencia, segundo o dizia de boa ou de má fé.

Se os homens que devem ter instrucção não a possuem, o que se deve esperar de um lavrador analphabeto?

O Maranhão terá ainda por muito tempo de limitar-se á primeira usança dos portuguezes, que não podião fazer progressos, não só porque não os têm feito em seu paiz, como além d'isso por obstal-o o regi-

men colonial a que esteve sujeito até bem pouco tempo, e porque demais occupavão-se em trabalhos desconhecidos na Europa, fazendo o seu aprendizado d'esse genero, e mesmo os que vinhão e vem para o Brasil não são os mais proprios para promover o desenvolvimento intellectual.

As cousas estão a caminho, pois que muitos Maranhenses já têm ido a Europa e aos Estados-Unidos fazer estudos especiaes, e ou por si ou auxiliados pelo governo provincial, principião a crear estabelecimentos ruraes, onde pretendem fazer grandes melhoramentos. Citarei o Sr. Lopes e o Sr Machado, cujos nomes não sei por extenso, e que julgo estarem um perto de Caxias, e o outro proximo ao Rosario, o que não assevero por ter sido a creação de seus estabelecimentos, e as suas proprias idas a paizes estrangeiros, posteriores á minha vinda para a côrte.

Mas apezar d'isso quão longe estamos do progresso que se deveria desejar? As pessoas, que têm a seu cargo promover o progresso, precisão de muita instrucção, e para os da agricultura e aproveitamento dos productos naturaes, a instrucção nas sciencias que se occupão da natureza, além de outra qualquer, deve ser vasta, e esses senhores, sendo até então lavradores do interior e havendo destinado algum tempo (não sei quanto) á observação dos usos e instrumentos europeus, não podem unicamente por si occupar-se de muita cousa, podendo aliás distinguir-se em sua especialidade.

Eu lhes tributo toda a attenção que devem merecer, a um maranhense, que tem amor á sua provincia, individuos que, como elles, abandonão por algum tempo os seus interesses particulares e vão buscar em paizes estrangeiros melhoramentos de que todos se devem aproveitar, e transcrevo seus nomes n'este artigo afim de que se algum dia fôr publicado, e chegar ás suas mãos, tenhão animação vendo que no paiz ha quem os observe, e que todo o paiz os observará quando conhecer as suas boas intenções.

Não póde o Maranhão deixar de aproveitar-se da dedicação d'aquelles de seus filhos que se votão espontaneamente a promover o seu desenvolvimento, e essa mesma dedicação é uma garantia do proveito que se deverá colher, pois que bem se póde dizer que querer é poder. Assim, pois, todo o elogio seria pouco, e peço-lhes que recebão estas linhas como a prova mais forte que lhes tributa uma pessoa que apenas os conhece de vista, e que leião as seguintes como dictadas unicamente pelo desejo que tenho de vêr prosperar o Maranhão.

Parece-me que um dos meios mais proprios para attingir ao fim desejado, é espalharem-se os conhecimentos das sciencias physicas e naturaes, pois que da ignorancia d'ellas julgo provir o atrazo. Embora n'essas aulas não se obtivessem moços capazes de competir com as illustrações européas, teriamos ao menos uma pleiade de mancebos tendo os necessarios conhecimentos, principalmente em suas applicações, para fazer melhoramentos. E demais o talento não se fabrica, nasce com o individuo, e não seria de admirar que d'entre os alumnos que no Maranhão principiassem a balbuciar as primeiras palavras da

sciencia, viessem para o futuro a nascer grandes naturalistas ou pelo menos homens muito distinctos pelos beneficios prestados á industria e á agricultura.

Os Maranhenses, que têm podido frequentar os cursos superiores no Brasil, têm mostrado que não lhes falta intelligencia, mas sim meios para obter os conhecimentos. Ha, em minha provincia, muita gente que nem sabe se existem sciencias : se ouvem fallar n'ellas, nem dão attenção ás palavras que se proferem á sua vista, e que só entendem do que vêm fazer todos os dias. Olhão com respeito para os que possuem honras sociaes ou dinheiro, e nem sempre lhes merece a mesma consideração os que tão somente possuem instrucção.

Em 1853 ou 1854, quando eu frequentava o Lyceu do Maranhão, propoz-se na assembléa provincial o restabelecimento da cadeira de grego, que fôra supprimida ignoro por que razão, e o distincto advogado, o Sr. Dr. Vilhena, que era lente proprietario, tomou a palavra e mostrou que essa cadeira trazia unicamente accrescimo de despeza publica, sem que a provincia colhesse o minimo proveito, pois que não só o conhecimento do grego é muito dispensavel, como além d'isso durante o tempo da existencia d'essa cadeira bem poucos alumnos querião frequental-a. Assim, pois, no seu restabelecimento unicamente existiria vantagem para o Sr. Dr. Vilhena, que, confirmando a opinião que d'elle se tem em Maranhão, soube preferir o interesse da provincia ao que lhe era particular e a cadeira ficou abolida. Não conheço o Sr. Dr. Vilhena senão por haver assistido ao seu discurso e á essa discussão, mas, apezar de ser creança, não deixou de agradar-me muito o seu procedimento, que não esqueci, e de confirmar ao depois que é digno descendente do que entendia dever queimar o seu palacio, se houvesse recebido um hospede traidor. E' pena, porém, que o Sr. Dr. Vilhena não tivesse aproveitado o ensejo para propor n'essa occasião a creação de outras cadeiras, já que o governo entendia poder fazer essa despeza ; e então desde essa epocha o Maranhão teria sido dotado de uma creação muito util e indispensavel.

Creio, porém, que ainda é tempo, e que o governo póde crear no Lyceu, ou n'outra qualquer parte, aulas de physica, chimica, chimica agricula, mineralogia, geologia, zoologia e botanica, principalmente a parte applicada á agricultura. E', porém, preciso que na distribuição das cadeiras entenda-se que os homens creão-se para os logares, e não os logares para os homens, e que em vez de fazer recahir a escolha sobre pessoas que nem estejão habilitadas para aprender, procurem-se as que podem ensinar, pois que nós precisamos de quem saiba, e não sei o que possa ficar sabendo o discipulo de um ignorante. Se esperarmos que cada um por si possa aprender, sem carecer da lição do mestre, é preferivel não roubar o tempo aos que quizerem aproveital-o, e se julgarem que a aula serve unicamente para tomar-se o ponto de perda de anno, e que é um freio que obriga a estudar, n'este caso tomo a liberdade de aconselhar ao governo provincial que faça um pedido ao Provincial do Carmo ou de outra qualquer igreja, para que forneça uma cella em que em uma hora dada se reunão os

discipulos, e um dos carmelitas tome o ponto. Julgo que o effeito será o mesmo, se houver exames no fim do anno. Cada um tirará o seu diploma de ignorancia e vai curar pelo mundo por conta da Escola. E' verdade que não será *extra-muros*, mas ao menos o governo não terá sido illudido, não se terá representado farça alguma, e os cofres publicos não ficarão sobrecarregados.

O meio unico de marchar para o progresso é proteger os que têm illustração e moralidade, e não auxiliar os que entendem que o magisterio é, como qualquer outra profissão, um meio de vida, e que por conseguinte não exige habilitações, e nem requer que o individuo se mate.

Se houver a creação de cadeiras de sciencias physicas e naturaes, e os professores forem bem escolhidos, a utilidade será manifesta, o que não deve acontecer se fizerem dos logares confeitos que se dão de presente.

Voltemos, porém, ao nosso objecto, deixando este assumpto de que tratei, por julgar não dever omittir, e que pareceu-me vir a proposito neste logar, em que fallei da falta de applicação da cinza.

Até este ponto o trabalho é o mesmo, quer a lavra seja de arroz, quer de farinha, quer de assucar etc; mas depois de feita a coivara, chegando a vez de plantar, os processos differem essencialmente, como é de prever, e por isso occupar-me-hei de alguns em particular e separadamente.

A cultura mais forte no Maranhão, e que fornece mesmo o necessario tanto para o abastecimento da provincia como para a exportação, é a do arroz, da canna de assucar e do algodão. A cultura do algodão é feita principalmente nas cabeceiras do Rio Itapicurú, perto de Codó, Caxias, etc; a do arroz é feita de preferencia nas vizinhanças de Itapicurú-mirim (Itapicurú-pequeno) e do Rosario (cujo nome primitivo é Itapicurú) etc. A da mandioca faz-se mais particularmente para o lado do Mouim; mas estas distincções não são bem caracterisadas, pois que não só no Itapicurú ha lavradores de algodão, e em Caxias de arroz, como, além d'isso, o mesmo lavrador tem pequenas roças especiaes, onde planta o necessario para o seu gasto.

No sitio fazem plantações de feijão, batatas, fructeiras, etc; em roças especiaes plantão mandioca ou arroz, e nas roças geraes têm a grande cultura que exportão para a capital, onde é consumida ou reexportada para o estrangeiro.

Consideremos em primeiro logar a cultura do arroz, como sendo a mais importante da provincia.

Na mesma roça em que se deve colher o arroz, planta-se milho, que não só dá n'um prazo mais curto, como além d'isso é plantado um pouco mais cedo, sendo deste modo colhido antes de haver amarellecido o arroz.

Os trabalhos mais pesados são reservados aos negros, como já se deve ter notado, e os mais leves ficão a cargo das negras. Para plantar o milho, os escravos armão-se de enxadas, com um cabo de oito a dez

palmos, e com ellas vão dando pequenas pancadas no terreno e, puxando para traz, de sorte que fazem pequenas covas onde se depositão os grãos de milho. Andão em posição natural, fazendo covas para um e outro lado, a distancias de oito a dez palmos, e em pouco tempo percorrem grande extensão, e as escravas vêm atraz, com o milho em cuias, depositando-o nas cóvas e cobrindo-o, a fim de não ser comido pelos passaros.

Ordinariamente deitão de dous a quatro caroços, porque muitas vezes nem todos vingão, seja que o milho não esteja em bom estado, ou por não se poder evitar a ruina de algum depois de enterrado, pois que não ha meio de dar caça aos animaes.

A plantação é feita seguindo uma linha que elles marcão pelos tócos ou troncos das arvores derrubadas, e chamão a isto plantar a eito. No fim do dia tem-se feito a plantação de uma tira bastante larga e muito extensa, e então fincão algumas varas servindo de balizas, para reconhecerem no dia seguinte o logar em que havião ficado.

Pelo que fica exposto, vê-se a facilidade que ha em plantar o milho, o que é objecto apenas de alguns dias. A plantação do arroz dura mais tempo, por isso que as covas guardão entre si uma distancia de dois a quatro palmos ; mas esta não se faz com a enxada.

Tomão um páo de uma pollegada de diametro e dão a forma conica a uma das extremidades; e tendo este uma grandeza arbitraria, trabalhão em pé, em posição muito natural. E' por conseguinte um trabalho leve, que fazem andando já para um, já para outro lado, furando o terreno com a ponta. Com uma rapidez extraordinaria faz-se um grande numero de cóvas, porque os escravos adquirem muita ligeireza, e levão a capricho dar aviamento a um numero consideravel de plantadores, que os acompanhão armados de uma cuia, contendo arroz, e um pedaço de páo um pouco pesado. Segurão a cuia em uma das mãos e a maceta está presa á outra, de modo que deixe dous dedos livres, com os quaes elles tirão alguns caroços, deitão-os nas covas e dão sobre ellas uma pancada a fim de cobril-os. Tudo isto é feito com extrema rapidez, e, a não ser a posição incommoda que se vêm obrigados a dar ao corpo, seria um trabalho divertido. Elles o achão, mas queixão-se á noite de dôr nas cadeiras.

No fim de alguns dias, os logares plantados apresentão uma paisagem magnifica, principalmente se cahe alguma chuva. Toda a superficie do terreno está coberta de verde, e o arroz cresce todo por igual e o mesmo acontece ao milho; mas este acha-se mais crescido, já por ter sido plantado primeiro, já por ter rapido crescimento. Apparecem igualmente os tocos e as grandes arvores deitadas no chão; o terreno eleva-se em collinas e abaixa-se em valles, de sorte que têm uma belleza immensa.

Como empregão-se muitos dias, e mesmo perto de um mez, a fazer esta plantação, o arroz começa a madurecer nos logares por onde se principiou a plantar, e só d'ahi a um mez é que se acha maduro nos logares ultimamente ensementados, o que é de grande vantagem na colheita, que tambem se faz quasi durante esse prazo.

Como disse, o arrozal guarda entre cada toiça uma distancia de dous a quatro palmos, e se attendermos agora aos logares occupados pelas grandes arvores, pelos troncos e pelos riachos, que ordinariamente ficão no meio do roçado, póde-se conceber a perda de terreno que ha, por não se adoptar outro systema de lavoura, que dê menos trabalho pelo emprego de animaes e mais economia de terreno. Elles, porém, não se querem afastar da usança, e preferem augmentar as dimensões da roça, pois que no Maranhão ninguem faz caso de terras, possuindo cada individuo muitas legoas, e levando o desprezo a tal ponto, que permittem, pela maior parte, aos pobres, livres ou libertos, o estabelecerem-se n'ellas.

Depois de feita a plantação, os productos naturaes apparecem, e disputão terreno aos que pretendem usurpar-lhes os direitos; mas o lavrador vem em auxilio, mandando capinar a roça; o que se faz com o emprego do sacho. Do intervallo decorrido da plantação á colheita, precisão fazer duas capinas, afim de que as plantas gozem do arejo necessario, deixando entre si o intervallo preciso para que o arroz não fique assado, e ao mesmo tempo não tenha competidores a alimentar-se com elle do succo nutritivo que tira da terra.

Antes da colheita do arroz, o milho deita o pendão e as espigas, o que ainda é bello de ver-se, porque o campo tem tomado outro aspecto muito diverso, apresentando, além da extrema verdura do arrozal e de suas proprias palhas, os pendões amarellados e os fios vermelhos arroxeados dos cabellos da espiga.

Esse é o tempo em que se fazem as diversas comidas de milho: a cangica, o mingáo de milho, as pamonhas, os mocórorós, os cuscús etc., que todas têm mais sabor feitas de milho verde que depois de secco e velho.

No Maranhão não ha o milho branco, usado no Rio de Janeiro; ao menos eu nunca vi, a não serem alguns caroços que apparecem nas espigas do milho vermelho, unico de que vi fazer-se plantação.

O que na côrte chama-se cangica, lá denomina-se mingáo de milho: a cangica no Maranhão é solida, corta-se com a faca, e é feita de milho ralado, em um ralo de folha de Flandres. O mocóroró é bebida usada principalmente pelos indios e pelos escravos, que a fazem de milho fermentado.

Havendo o milho chegado á maturidade, colhem-n'o e o deitão a seccar, mesmo em espiga, em eiras feitas de arêa misturada de barro vermelho e batidas a soquete, tendo grandes madeiras contornando-as. Depois de secco, o recolhem ao armazem ou paiol, d'onde se tira para dar aos cavallos, gallinhas, etc., e para exportar depois que tiver sido feita a colheita do arroz, que vem logo em seguida e que não póde esperar, pois que o grão depois de secco desprende-se da espiga. O milho ao contrario conserva-se, como todos sabem, por muito tempo em bom estado, e só depois de longa demora é que lhe dá o gorgulho.

Aproveitando-se d'esta circumstancia, muitos preferem colhel-o depois de haver feito a colheita do arroz, por terem mais desemba-

raço em andar, porque do contrario é preciso cuidado para não quebrar o arrozal que forma grandes toiças.

O milho verde é muito sujeito ás lagartas que abundão nas roças.

O tempo da colheita do arroz era para mim o mais divertido, pois que, além da belleza que apresenta o roçado, todo coberto de um arrozal verde, com as espigas amarellas, era o tempo em que eu ia com a minha espingardinha caçar as aves que em abundancia affluem para a roça. Os papagaios, os periquitos, as jandaias, as maracanãs, etc., vêm em bandos de grandeza enorme, além de muitos outros passaros e quadrupedes que apparecem em quantidade. Os primeiros, que têm a côr verde, mais ou menos pintados de amarello, empoleirão-se nos tocos, nas arvores e mesmo sobre as toiças de arroz e nos pés de milho, e com os bicos vão descascando os grãos, deixando unicamente as palhas nas espigas.

Durante o tempo da refeição, tem um grasnar especial, e que faz uma horrivel algazarra, principalmente as maracanãs, d'onde originou chamar-se maracanã a todo o sujeito muito fallador e que falla muito alto, a ponto de atordoar os ouvidos dos circumstantes. Um tiro que derrube dous ou tres do bando, o que muitas vezes acontece pelo grupamento em que se achão, não os afugenta : elles vão gritando pousar n'outro logar proximo ; e, esquecendo-se dos companheiros mortos ou feridos, começão a fazer novo estrago.

Ha uma especie de rola, de grandeza pouco inferior á dos pombos de casa, que não se encontrão em circumstancias ordinarias, e que só apparecem em alluvião no tempo em que amadurece o arroz, retirando-se logo que o campo não lhes fornece alimento. Chama-se sertão, por contracção de desertão, os logares não povoados ou antes muito pouco habitados, e refere-se que essas rolas refugião-se para esses logares, d'onde emigrão em grande quantidade para os logares lavrados, quando o arroz amadurece, e por essa razão denominão-se —*rolas do sertão*.

Armando-se garapucas na roça, e deitando milho dentro, a sua côr vermelha desperta-lhes a attenção e por isso vêm cahir na garapuca, a qual, sendo grande e estando armada um pouco dura, apanha mais de uma de cada vez.

Estas rolas achão-se então extremamente gordas, e o divertimento das creanças é apanhal-as em grande numero para deital-as em um deposito preparado de antemão, d'onde as tirão em dias por ellas designados para fazerem a sua festa especial, a que são convidados os meninos da vizinhança, isto é, de fazendas a leguas de distancia. N'esse tempo eu achava-as muito mais saborosas que os pombos de casa, o que não sei se hoje ainda aconteceria.

A fertilidade é immensa n'essa época.

O arroz novo tem outro sabor que não se encontra n'este velho e mofado que ha no mercado do Rio de Janeiro. Além d'esta circumstancia o arroz do Maranhão é reconhecido pelo melhor do Brasil, e mesmo no Maranhão o de melhor qualidade é o de Carolina.

Se no Rio de Janeiro se podesse comer arroz novo do Maranhão,

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLI
—DO—
RIO DE JANEIRO

e feito como lá se faz, havia-se de vêr que o da côrte, preparado além d'isso como se prepara, só os fluminenses podem supportar.

Uma só pessoa colhe n'um dia de dez a dezeseis arrobas em espiga, que são transportadas em cófos para o paiol, onde á noite pesa-se. Os pretos encarregão-se do carreto, que não poderia fazer-se em carros, pois é impossivel que estes andem n'um terreno não destocado, e que atravessem um riacho de altas ribanceiras sobre um ou dous páos, como o fazem os escravos.

E' de notar que as pretas colhem maior porção que os pretos, o que deve-se naturalmente attribuir á maior agilidade. Segurão com a mão direita n'uma pequena faca, e com um geito particular vão cortando as espigas, em grande numero de cada vez, e depondo-as na mão esquerda. Quando a mão está bem cheia, toma a fórma de uma dragona, ficando os pés todos reunidos e as pontas divergindo e formando maior volume de fios amarellados, como se fossem de ouro.

Vão depondo no chão as mãos de arroz, e depois enchem com ellas os covos (o diccionario dá cóvos, mas em Maranhão diz-se cófos) dispondo-as de tal maneira que formão um bello cocó. Só um desenho poderia representar com exactidão os cófos de pindobas entrelaçadas, caculados de arroz, que deixa o pé na parte interior e por fóra uma orla muito bonita.

Este arroz deita-se a seccar n'uma eira, onde, depois de secco, bate-se, afim de que os grãos se despeguem da espiga. Só depois d'isto é que se medem por alqueires e que se faz o transporte, em carros, para a beira dos rios, d'onde são levados para a cidade pelas *canôas grandes*.

Um caroço de arroz dá uma toiça, e esta produz muitas espigas, tendo cada uma centenares de caroços, de sorte que a producção está na relação de um para um numero prodigioso, que não posso fixar por não me lembrar exactamente do que havia obtido por diversas vezes que contei. Qual será a producção que esteja n'esta proporção? Os estrangeiros, principalmente os Europeus, que habitão em logares onde se morre a fome, não deverião hesitar um momento em vir estabelecer-se no Brasil, onde ha tanta fertilidade, e acha-se muita còmida sem algum trabalho, como se póde ter visto diariamente, e mesmo por estes artigos que intitulei *Momentos de ocio*. A nossa terra é muito mais rica em productos naturaes que o velho mundo e n'ella deveria refugiar-se todo aquelle que não acha recursos em seu paiz natal, pois que, além da grande fertilidade, encontraria o bom agasalho, a hospitalidade que é a primeira qualidade dos Brasileiros, principalmente dos Maranhenses.

Ha lavradores que fazem grandes roçados, d'onde colhem muitos mil alqueires de arroz, que exportão, e muitas vezes não aproveitão grande parte do que deixão no campo, por falta de braços para fazer a colheita, que deve-se terminar em um prazo dado, e por não haver no Maranhão pessoas que se queirão alugar. Os forros preferem a vida ociosa e errante ao trabalho, e até achão indecoroso receber um

salario pelo seu trabalho, e como entendem não terem obrigação de o fazer de graça, entregão-se á ociosidade.

Quando os lavradores vêm que têm de perder grande quantidade de arroz, por não poder colhel-o todo, e que esses homens, pela maior parte inuteis á sociedade, não se prestão ao trabalho mediante um jornal, elles permittem a todo e qualquer individuo o vir colher em sua roça; e então alguns, porém poucos, d'esses ociosos vêm colher. com o maior descaramento, o fructo do suor alheio, e outros preferem pescar, ir ao mato procurar fructos ou caça, a colher o que não plantárão, mas de que se poderião utilisar, visto que têm a permissão do dono. Outros achão preferivel tirar o que não se lhes permitte. Creio não poder haver uma prova mais forte da fertilidade do Brasil, pois persuado-me que em parte alguma da Europa isto não se dá, lá onde ha guardas de florestas para evitar que se mate a caça que têm dono mesmo no mato, emquanto que entre nós cada um caça por onde quer, sem indagar se ha dono para as terras do Brasil.

Julgo dever fazer menção da falta de colheita de arroz que ha em alguns annos em Maranhão. Ha epochas em que um grande numero de animaesinhos alados, e que se denominão *pulgão* e *voador* acommettem o arrozal, quando este principia a deitar espigas, e que os caroços não estão ainda formados, existindo unicamente um leite mais ou menos espesso dentro da casca. Estes animaes apparecem em numero tão prodigioso, que em pouco tempo deixão todo o roçado contendo somente palha, e o lavrador tem d'esse modo perdido o trabalho de um anno.

Se houvesse instrucção entre elles, algum já teria achado o meio de exterminal-os; mas, inteiramente ignorantes, mandão a escravatura catar o arrozal, apanhando um por um esses animaes, e introduzindo-os em um canudo de tabóca (taquára) que enterrão, quando está cheio. Os pretos, que ainda acreditão em feitiços, com alguns de seus senhores, julgão que enterrar ao pé de uma toiça de arroz, ou não sei onde, contribue fortemente para matar os que não forão apanhados, e que muito á sua vontade continuão a devastar o campo; porém o homem mais instruido vê não só a falta de efficacia do enterro, como além d'isso a insufficiencia do methodo empregado, porque, depois de haver perdido muito tempo, a roça acaba por conter tão somente palha, e o grão nem tem o preciso tempo para formar-se.

Este processo mostra a vantagem que haveria em espalhar a instrucção, como já fiz ver; e que a verdadeira protecção que o governo deve aos Brasileiros, ao ménos a principal, é a creação de aulas em que se possão instruir, pois que d'ahi resultaráõ os melhoramentos por si mesmo.

Até hoje, que me conste, a palha de arroz não tem recebido applicação alguma, o que não sei se provenha de sua inutilidade, a não ser como estrume, ou se da ignorancia dos lavradores.

O arroz, que é transportado para a capital, encontra ahi moinhos de vento e a vapor, que servem para descascal-o, evitando o uso do pilão que se faz no interior, onde isso é mais que sufficiente para alimentar

os escravos, podendo cada um facilmente socar uma bôa porção, mas que não poderia servir para abastecer a cidade.

Eis em resumo em que consiste a lavoura do arroz, do modo pelo qual se faz no Maranhão, nos logares por onde andei, que por muito simples creio que bem pouco melhoramento se lhe poderá trazer. Passemos agora á lavoura da mandioca, onde se poderião fazer algumas modificações.

A mandioca não se planta por grãos, pois que, se dá uma flôr, segundo creio, nem por isso produz semente. O caule do vegetal chama-se *maniva* : é todo cheio de nós que ficão, depois da quéda da folha, marcando o logar de sua inserção, e d'ahi é que nasce o gomo. Corta-se a maniva em pedaços que tenhão de tres a quatro olhos, e a plantação faz-se de um modo semelhante á do milho, sendo porém necessario profundar mais as cóvas, e dar-lhe dimensões convenientes. A distancia de cada cóva á mais proxima regula de cinco a seis palmos.

Na cultura da mandioca, assim como em todas as outras, é necessario ter o cuidado na capina, mas não exige tanto como o arroz.

Ha uma grande variedade de mandioca, que dão em tempos diversos. A que passa por melhor para fazer a *farinha secca* (unica que se conhece na côrte) precisa de anno e meio para que as suas raizes tomem o seu completo desenvolvimento ; apezar d'isso, porém, é preferida ás outras porque, não sendo colhida no fim d'esse prazo, conserva-se em perfeito estado até ao verão seguinte, emquanto a Paráóára, de que se faz a *farinha d'agua*, que dá em seis ou sete mezes, tem raizes menores, e apodrece durante o inverno, não podendo d'esse modo ser utilisada no verão seguinte.

A mandioca de anno e meio durante o inverno não se presta ao fabrico de bôa farinha, mas não apodrece, salvo uma ou outra raiz. As dimensões d'estas, ás vezes, são prodigiosas, e por isso serião dignas de figurar em qualquer exposição ; mas ficão sepultadas no interior da provincia, onde os vizinhos mostrão-nas como objecto de curiosidade, e depois rachão-nas em quatro partes para caber na boca da roda.

Os mandiocaes não apresentão a belleza do arrozal, por se comporem de hastes finas, mais altas que um homem, e de folhas distantes umas das outras, que pouco e pouco vão cahindo, conservando-se unicamente a parte superior, ou a cópa.

Não citarei aqui todos os nomes das differentes especies por já me não recordar e não ter a quem perguntar na côrte.

Ha tambem uma especie de mandioca brava, denominada *maniva de veado*, a qual não dá raiz aproveitavel. Nasce espontaneamente nos matos, e dizem ser muito apreciada pelos animaes d'esse nome, d'onde derivou o seu.

A raiz da mandioca recebe muitas applicações. Aquelles, que não querem ou não podem ter uma *roda de mão* ou uma *bolandeira*, arrancão-na e põe-na de molho nos igarapés ou riachos, d'onde, no fim de

tres ou mais dias, vão tiral-a. A casca acha-se então muito mole e separa-se perfeitamente da massa, mesmo com a mão.

Faz-se uma especie de fôrma cylindrica de um tecido da parte externa de um vegetal denominado *guariman*, a que chamão *tipitís*, os quaes, em virtude de sua formação, são susceptiveis de augmentar ou diminuir de diametro; e comprimindo, quando o comprimento diminue, o diametro cresce. D'esse modo enche-se o interior de massa, e prende-se a parte inferior, terminada por uma trança feita pela continuação dos talos do guariman do tipití, em um objecto bem firme; depois, enfiando um páo na cabeça do tipití, forma-se facilmente uma alavanca, tomando um ponto de apoio, e assim, com pouca força, obriga-se o molde a estender-se, e a massa comprimida faz escorrer um liquido muito amarellado, que se recebe n'um vaso.

Para a compressão da machina, que faz o effeito de prensa, como se vê, faz-se uso muito frequente do sarilho, cujo emprego e nome são conhecidos no interior do Maranhão.

Quando a massa está bem secca, tira-se o tipití da machina a que se acha submettido, e então, comprimindo-o de novo, augmenta-se o diametro e ella póde facilmente sahir e ser recebida onde se quizer.

Esta massa chama-se *mandioca puba*, e o liquido, a que me referi acima, é o *tocupim*, liquido tão venenoso que mata qualquer animal que o beba. Os bois gostão muito d'elle, e por isso evita-se que o bebão por qualquer meio, afim de os não perder, bebendo esse liquido que encerra um veneno tão forte como seja o acido prussico. Não afianço que o seja, por não haver feito a analyse chimica precisa. Entretanto, no Maranhão, prepara-se o tocupim de modo que é um excellente môlho, segundo alguns.

Para isto deixão-no algum tempo em um vaso, até que tenha assentado completamente o pó branco que encerra; depois decantão o liquido, e esse pó é a tapioca, (conhecida na côrte pela palavra polvilho), que deve ainda ser submettida a muitas lavagens para ser dada ao consumo. O liquido decantado leva-se ao fogo até uma certa consistencia, e não sei se lhe misturão mais algum ingrediente. Sei que prepara-se ao fogo afim de se poder comer, e que tem um gosto muito adocicado.

A mandioca puba serve para fazer-se mingáo de côco, para o que não se recorre ao côco manso, mas sim ao da palmeira brava, que chamão *babassú*, e que differe essencialmente do outro. A mandioca puba serve, além d'isso, para a confecção de doces e bôlos, e principalmente para a da farinha d'agua, que recebe este nome por ser feita da mandioca posta de môlho com antecedencia, como ficou dito acima.

Para fabrical-a usão de fornos de cobre ou de barro (segundo as posses do fabricante) que são verdadeiras bacias circulares de oito a dez palmos de diametro, que assenta-se sobre uma base circular de barro, limitada por duas superficies cylindricas e concentricas: esta parte e o fundo do forno formão o fogão, onde se deposita a lenha e

mais combustiveis que devem aquecer a massa que está dentro do vaso.

Se ficasse muito tempo detida n'um logar, ella se queimaria e adquiriria um gosto insupportavel, por isso conservão-na em constante movimento, fazendo-a mover por uma taboa de forma polygonal, fixa perpendicularmente a um cabo comprido. A base que deve assentar sobre o forno é chanfrada, afim de penetrar facilmente a massa e chegar ao forno, tendo grandeza sufficiente para mover a maior quantidade compativel com a força do trabalhador. N'este serviço ordinariamente empregão-se as escravas, por não ser muito pesado, e ser feito em casa (na casa do forno).

Ha um homem no Maranhão, que reside perto de Itapicurú-mirim, o Sr. Lindoso, o qual adquiriu uma reputação consideravel como o fabricante da melhor farinha d'agua da provincia; e por julgar que existe sempre merecimento em distinguir-se muito entre os seus concorrentes, seja no que fôr, creio ser conveniente não deixar de mencional-o, pois que será isto uma pequena animação para os meus comprovincianos. Tambem não conheço a este senhor nem de vista, mas unicamente por ouvir sempre fallar na *farinha d'agua do Lindoso*, que realmente merece a reputação que tem.

Ha uma mandioca muito propria para a sua confecção, e que tem um gosto muito particular, fazendo além d'isso que ella tome uma côr de ouro muito agradavel á vista; todavia póde ser fabricada de qualquer, resultando d'ahi prejuizo unicamente para a qualidade.

Tratando agora do fabrico da farinha secca, e em ponto grande, direi que não valeria a pena entrar em detalhe a respeito do modo de arrancar e transportar a mandioca, pois que isso todos sabem sem ter visto.

A primeira cousa que fazem quando chega á casa do forno, é raspal-a com uma faca, e depois laval-a, e a raiz toma uma côr branca muito pura, se a mandioca é de bôa qualidade para a farinha secca. Depois ralão-na.

Para isto faz-se uso ou de uma roda de mão ou de uma bolandeira. A primeira é uma roda semelhante a de um carro, tendo porém maior largura na superficie onde se acha pregada, em vez de pinos de ferro, uma folha de cobre ou de Flandres formando um ralo, e o movimento é produzido por uma manivela tocada por dous homens, um de cada lado, que sabem combinar perfeitamente os seus movimentos, ora largando-a e tornando a pegar, apezar de sua immensa velocidade, ora não abandonando-a; emquanto á bolandeira, é tocada por bois e mais raramente por cavallos, presos a uma almanjarra de um machinismo apropriado. Os pretos influem-se muito com o exercicio de tocar a roda, e apezar de cobertos de suor conservão-se por muito tempo antes de passar a outros a manivela, afim de descançar um pouco, pois que o exercicio é muito fatigante.

A mandioca, depois de ralada, vai ao tipití ou uma prensa de madeira chapeada de ferro, para se extrahir o tocupim, que encerra a tapioca, e depois de bem secca vai á uma peneira ou *gurupema* feita de

talos de guariman, onde deixa ficar á parte mais graúda, que se denomina *carueira*. Esta ou volta á roda, para ralar-se de novo, ou, e é mais vulgar, deita-se ao sol, d'onde, depois de secca, passa ao pilão para reduzir-se a pó. Deste pó faz-se mingáo, doces, papas, etc., e só é empregada como farinha quando esta falta, e d'ahi o dizer-se *em falta de farinha carueira serve*.

A mandioca, assim ralada, espremida e peneirada, vai ao forno onde se faz o emprego do rodo, como ficou explicado, tratando da farinha d'agua.

O melhoramento mais util, que julgo poder fazer-se, é o emprego de um machinismo que, ligado á bolandeira, mecha a farinha pelo proprio movimento d'esta, produzido pelos animaes, dispensando por esse modo o emprego detres ou quatro pessoas que se occupão em mexer a farinha em outros tantos fornos, e que poderião ser aproveitadas em outra cousa, e além d'isso as que ficão de reserva para revezar com essas, quando cansadas.

Esta idéa não é minha, e o engenheiro que a teve imaginou o machinismo preciso, que aliás é simples, mas até hoje não achou um fabricante de farinha que achasse de vantagem essa economia de braços, pois que se offereceu a alguns para fazer-lhes esse melhoramento, por mero obsequio, e esses não achárão que valesse a pena.

Aquelles de meus comprovincianos que entenderem que não deveria eu fallar d'este modo, devem queixar-se antes de si, pois que, se digo a verdade, cumpro fielmente o papel que chamei a mim, e de outro modo não escreveria, pois que escrevo por gozar da liberdade deque me dotou a nutureza, e não consentiria em dar-lhe um córte, limitando-me a elogiar o Maranhão. Não é esse o meu fim, pois que, se fallo em suas riquezas, é para mostrar ao depois os seus defeitos, e procurar, segundo as minhas forças, o meio de os corrigir. Se lá se entendesse que ha vantagem em economisar os poucos braços de que dispomos pelo emprego das machinas, estariamos mais adiantados, e não fariamos senão seguir a usança dos paizes civilisados.

Creio ser mais razoavel adoptar os costumes que produzem melhores resultados, e não seguir a todo o custo os usos que nos transmittirão os nossos bisavós, somente por ser de costume e *ficar feio* pensar em afastar-se do que fazem os nossos vizinhos. Sómente nos actos moraes é que devemos consultar o publico, mas nos que dependem das faculdades do espirito, da creação de machinas o que em nada prejudica aos outros e que ao contrario e de interesse geral, Deus nos livre que assim devesse ser, como infelizmente é em Maranhão: ficariamos como os Chins que sabem hoje o que já sabião antes de Christo.

E' verdade que algumas pessoas têm aproveitado o movimento da bolandeira para o soque do arroz, mas nem por isso d'ahi se deve concluir que já se fez o mais que era possivel fazer, e que só um visionario póde querer crear outro machinismo qualquer, que não seja ainda usado.

Na Europa todos os dias inventão-se novas machinas e todavia não

ha porporção entre as que lá se conhecem e as empregadas em Maranhão, e por isso mesmo é que lá se entende que ainda se podem inventar melhores, e que cada um, a exemplo de seus predecessores, não trepida diante das difficuldades.

O que havia a dizer sobre o modo de lavoura da mandioca em minha provincia, já ficou dito, e por isso, a exemplo do que fiz qaando tratei do arroz, fallarei nos animaes que fazem a guerra principal aos mandiocaes. São os *caititús* e os *queixadas*, especie de porcos habitantes dos matos.

Os ultimos tirão o seu nome do ruido que fazem com os dentes quando comem, quando andão mesmo, e principalmente quando se enfurecem, batendo fortemente com os queixos um contro o outro. Os dentes são fortissimos e chegão até a cortar a madeira.

Estes animaes revolvem a terra e arrancão as raizes da mandioca, mas não arrasão a lavra, como fazem os voadores e os pulgões, não só por andarem em *varas* de pequeno numero relativamente a esses insectos, como porque além d'isso a caça não se faz com a *taboca*, para enterral-os depois. Caçã-se a tiro, e a carne come-se. Além do que, podem ser perseguidos pelos cães e destroçados pelos caçadores, pois que, longe de fugir, elles ficão acuados e enfurecidos contra os cães; e o caçador, trepado n'uma arvore grossa, póde matar um grande numero: os restantes a final fogem e não têm vontade de voltar outra vez ao logar.

Attendendo agora a que a farinha faz-se da raiz da mandioca, sendo d'este modo conveniente facilitar o desenvolvimento d'esta, é facil de ver que n'este genero de lavoura principalmente faz-se necessario o emprego do arado, que, revolvendo completamente a terra até certa profundidade, amollece-a e deve facilitar o crescimento das raizes.

Para fazer, porém, o emprego d'este instrumento no Brasil, ha muitos obstaculos, já provenientes da pouca disposição dos lavradores, já da natureza do terreno, em que a cada passo se encontra um tronco de arvore.

Querendo-se empregar o arado, parece-me de vantagem escolher antes as capoeiras, onde as grandes arvores têm mais ou menos apodrecido, e as novas não offerecem tanta difficuldade a serem desarraigadas do terreno. Julgo que não será difficil imaginar alguma machina (que não será por certo usada na Europa, mas que deve ser introduzida no Brasil) por meio da qual se facilite o trabalho do destocamento, e então a colheita feita em um terreno dado será mais abundante. Além de que o arado vem dispensar muitos braços que serão empregados em destocar novos terrenos, tendo-se no fim de algum tempo um roçado muito superior ao que poderia fazer o lavrador com as mesmas forças. Quanto ao fabrico, se tornará tambem mais facil pela intruducção de uma machina de que já fallei.

No meu entender, pela cultura da mandioca é que deveria principiar o emprego do arado no Brasil.

No Maranhão já se faz uso deste instrumento em diversas fazendas, e o conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Souza, presidente de uma

sociedade de agricultura que ha em Maranhão, tem procurado promover a introducção de instrumentos europeus, e mesmo já emprega o arado na preparação do terreno em que se planta a canna para o seu engenho de Pirangi.

Ninguem deveria tomar tanto interesse em promover o desenvolvimento da agricultura em Maranhão, como o dito Sr. conselheiro, pois que além das bôas disposições que sempre teve e tem para beneficiar a nossa provincia, accresce que o seu nascimento, que teve logar a 12 de Janeiro de 1800, foi annunciado pela descoberta do planeta *Ceres* que fez, em Palermo, o astronomo Piazzi, no dia 1.° de Janeiro d'esse anno; por conseguinte a sua estrella é a da agricultura.

O primeiro homem que sahiu á rua com um chapéo de sol, que acabára de inventar, dizem que fôra apedrejado, e hoje ninguem ha que não tenha o seu, que traz debaixo do braço, mesmo quando anda á sombra. E' assim que o primeiro homem que no Maranhão se lembrou de destocar o terreno, para depois introduzir o arado, foi o alvo de quanto sarcasmo occorreu; mas hoje cada qual vai entrevendo a conveniencia de abrir o seu chapéo de sol, e de ir-se resguargando do máo tempo.

Côrte 1860.

M. Vieira Ferreira.

OS ESTUDANTES DE HEIDELBERG

POR

CHARLES DESLYS.

—

TOMO II.

II

O FULMINAR DO RAIO.

— Ainda ninguem! disse um dos homens que acabavão de entrar. Estão na mesa ainda, seria capaz de apostar ... beberrões!

O individuo que assim se exprimia era um sujeito de trinta annos, quando muito, de maneiras joviaes e desembaraçadas. A accentuação caracteristica com que pronunciava o allemão e sobretudo os destroços do uniforme azul avivado de encarnado, com que estava vestido, tudo n'elle indicava um bello soldado d'além-Rheno, um Francez, e ainda melhor do que um Francez, — um Pariziense!

— Botão-de-Ouro, respondeu-lhe um de seus companheiros, que parecia servir-lhe de contraste vivo (e porque não o diremos logo?

Era o nosso comprido e philosopho Jack.) Botão-de-Ouro, não é justo que censuremos nos outros o que teriamos feito se em seu logar estivessemos. Beberrões ?! ... Olha para ti e passa em revista o teu estomago ! Ahi deves encontrar, pelo menos, vinte garrafas além das que legitimamente te caberião, beberrão dos beberrões !

E o amigo Jack apagou a lanterna, que trazia com a mesma gravidade fleugmatica com que pronunciára o seu discurso.

— Gaiato ! disse rindo-se o ex-soldado francez, e encapellando até ás orelhas o seu doutoral camarada.

Segunda advertencia lhe ia de certo ser dada ; mas fez calar as duas vozes uma terceira.

Sahiu ella de um corpo rechonchudo, com espaduas quadradas, pernas tortas e membros socados que indicavão força athletica.

Porque não completaremos immediatamente o esboço d'esse outro companheiro do amigo Jack ? Cabellos ruivos e asperos, testa curta, olhos vidrados e ferozes, nariz chato e largo, uma especie de barba inculta e tesa como as moitas de espinhos em novembro ... eis o seu retrato physico. Quanto ao moral, era exactamente o que parecia dever ser. Era um Quasimodo, menos a alma, era uma especie de monstro, meio urso, meio hyena, meio crocodilo e meio abutre.

— Com mil diabos ! bradou elle dando uma punhada na mesa com violencia tal, que quasi a fez em pedaços ; ha já tres horas que partí para levar a ronda de segurança, e esses eternos comedores ainda se não reunirão em sessão ! Ferro e chumbo ! vou advertil-os que são horas !

E debruçando-se na escada que deitava para o logar em que se achavão os convivas, descarregou duas pistolas ao acaso.

— Oh ! lá, amigo ... exclamou Botão-de-Ouro ; mais cuidado, a menos que não queirais tirar-lhes a pelle ! Ora, eis ahi um bom modo de chamar a gente !

— Cala-te, rapaz, disse friamente o amigo Jack; o tenente Schwartz não é um homem, e inutil é querer chamal-o á razão, porque ...

E perdeu-se o resto no formidavel tumulto que de subito abalou a velha escadaria do subterraneo.

Uns cem homens pouco mais ou menos precipitárão-se na sala dos cavalleiros.

N'essa multidão desordenada havia gente de toda a idade, de todos os paizes, de todo o trajar ; só um ponto de semelhança notava-se n'elles, é que estavão todos armados até aos dentes.

Por espaço de alguns segundos reinou uma confusão indescriptivel, um tumulto inacreditavel ; uns parecião assustados, julgavão que era algum alarma ; outros estavão de todo embriagados ou quasi. Gritavão todos ao mesmo tempo e cada um no seu idioma especial ; e como ali havia amostra de todas as raças humanas, a algaravia era immensa, composta de todas as interrogações, imprecações e juramentos com que foi saudado o desmoronamento da torre de Babel.

— Está aberta a sessão ! contentou-se em responder Schwartz,

sentando-se em um dos tamboretes collocados ao lado da poltrona á qual ornavão as armas dos Rosenthal.

Houve um momento de sorpresa geral, depois uma unanime gargalhada.

— Silencio ! bradou Schwartz, levantando-se de um pulo, silencio, e tome cada um o seu logar.

Era sem duvida grande a influencia d'esse homem, porque cessárão immediatamente as risadas e todos obedecêrão.

Só Botão-de-Ouro e o amigo Jack ousárão arriscar uma especie de protesto, mas quasi tacito : o philosopho ergueu imperceptivelmente os hombros, e o ex-soldado francez murmurou em voz baixa :

— Ah ! se estivessemos em Paris, como nos arranhariamos agradavelmente debaixo da arcada Marion !

Entretanto continuava vasia a grande poltrona ; mas o tamborete semelhante ao em que se achava Schwartz foi occupado por outro tenente provavelmente.

Em vez de ser uma especie de Schwartz, era um bello mancebo de ar zombeteiro e maneiras galantes. Seu casaco de velludo, bem que usado pela selvagem existencia das florestas, o gorro baixo e a comprida espada o fazião reconhecer, ao primeiro olhar, por um estudante da Universidade de Heidelberg.

E' triste dizel-o ... mas o que quereis ! Se olhasseis com attenção, encontrarieis ali gente, cuja presença vos faria recuar de pasmo ! Medicos, negociantes que passavão por muito honrados, guardas campestres, uma fracção notavel de estalajadeiros, muitos judeus, e até mesmo agentes da policia, magistrados, archeiros e edís ... de tudo havia um pouco n'aquella reunião.

— Meu caro collega, disse o estudante dirigindo-se a Schwartz com o sorriso nos labios; meu caro collega, recebei os mais respeitosos cumprimentos pelo modo por que entendeis a exactidão...vice-presidente, vos servis de pistolas á maneira de campainha ! Palavra de honra, que é maravilhosamente imaginado ! Entretanto permitti-me uma observação ! O que hoje aqui viemos fazer foi ouvir o nosso chefe supremo, que pretende desertar das fileiras e retirar-nos a sua palavra. Ora, como ainda não chegou ... e como nem talvez virá ...

— Enganas-te, tenente Reynold, interrompeu bruscamente Schwartz, eil-o !

E estendia ao mesmo tempo o braço para a porta do reposteiro preto ...

Todas as vistas dirigirão-se para aquelle lado.

Um homem ali estava em pé no limiar,— mascarado e embrulhado em ampla capa.

Houve na sala ao seu aspecto um prolongado estremecimento.

— Abrí caminho ! bradou Reynold, honra e logar ao capitão-general dos companheiros da meia-noite !

A esse nome terrivel, agitárão-se imperceptivelmente as cortinas que até então havião occultado Helena e Bertha a todas as vistas. As

duas moças escutavão e olhavão agora; agora sabião ambas em que mãos terriveis estavão arriscadas a cahir.

Entretanto os salteadores havião-se erguido todos e formavão duas filas, por entre as quaes passou o chefe — silencioso e soberbo!

Dirigiu-se ao estrado, mas de repente parou, quando ia subir, e apontando para a poltrona que lhe havião reservado:

— Não quero mais assentar-me ali, disse com voz sombria; não, não quero mais!

— Resta-nos saber se sois o chefe! disse Schwartz.

E, com o gesto energico, reprimindo o primeiro murmurio que se erguêra, tanto dos labios do chefe como dos outros bandidos, continuou:

— Fazem quatro annos, que o nosso antigo chefe trouxe-vos á esta sala; jurámos então todos nunca procurar conhecer-vos; mas tambem, em compensação, prestastes o juramento de nunca vos separardes de nós. Juramento por juramento! Persistís em não cumprir o vosso?

— Quero resgatal-o, murmurou o desconhecido, qualquer que seja o preço!

— Seja assim! Mas o nosso tomal-o-hemos gratis, e já que entrámos em ajustes, façamol-o ao menos a rosto descoberto.

Assim fallando, e antes que ninguem lhe podesse suspeitar o desígnio, lançou-se Schwartz sobre o mysterioso chefe e violentamente arrancou-lhe a mascara.

Foi tal o pasmo dos salteadores, que ficárão immoveis e mudos.

Quanto ao que acabava de receber o insulto, petrificado por semelhante audacia só cuidou, no primeiro momento, em cobrir o rosto, com ambas as mãos.

No meio do silencio profundo que na sala reinava, ouviu-se de repente uma indizivel exclamação.

— Traição! gritou Schwartz precipitando-se para a janella de onde parecia ter partido o grito.

E com mão rapida afastou o reposteiro.

Pobre Bertha! pobre Helena! ahi estaveis, tremulas ambas, porém agora mais pelo horror do que pelo susto! ...

Ao arrancar da mascara havieis logo reconhecido Conrado de Rosenthal!...

Por entre as mãos que lhe escondião o rosto, ainda o estaveis vendo... era o heróe de todas as vossas affeições e esperanças!...Helena, era o teu desposado!... Bertha, era o teu irmão!...

Ainda o vieis, sempre, oh! sim!... Nem mesmo reparaveis no feroz Schwartz, que entretanto, com a espada erguida sobre vossas cabeças, havia exclamado:

— Mulheres ... que importa! Conhecem o nosso segredo ... não dil-o-hão a ninguem!

E ia despedir o golpe.

Mas Conrado viu tudo...E ergueu-se com um rugido de leão ferido... apanhou no estrado o pesado tamborete de carvalho que Schwartz

occupava momentos antes... fez d'elle uma clava ... e quebrou-o no craneo do facinora que cahiu rolando ensanguentado no chão.

Meio ajoelhada, meio desmaiada, Bertha foi ter aos braços de Helena, que, de pé ainda, começava já emfim a oscillar.

Entretanto os salteadores impressionados, agitados, quizerão precipitar-se para diante.

Mas Conrado os conteve com um gesto soberbo, e desembainhando a espada:

— Para traz, todos! bradou. Quereis que continue a ser vosso chefe? Pois bem! Quem aqui governa sou eu ... Obedecei!

(Continúa.)

BIOGRAPHIA.

LUIZ DE CAMÕES.

Para acompanhar a bella gravura, que hoje aos seus leitores offerece a *Revista Popular*, esbocemos a biographia de um homem, que, na expressão de Schlegel, «resume em si uma litteratura toda inteira».

Bastante illustre é por si o nome de Luiz de Camões para que necessite do prestigio heraldico; requer, porém, a verdade historica que digamos que era elle descendente de uma antiga familia de Galliza, e que um dos seus avoengos, Sandia de Camaño, acompanhára D. Pelaio em seu heroico refugio de Covadonga, esse ninho de aguia d'onde sahirão os vingadores de Xeres de la Frontera. Seguindo a parcialidade do infante D. Pedro, passou-se Vasco Pires para o reino de Portugal no anno de 1370 e foi o primeiro da familia que ali estabeleceu-se. Atravéz de uma longa serie de antepassados, cujos feitos deixárão indelevel cunho nos annaes lusitanos, chegamos a seu pai Simão Vaz de Camões, que foi cavalleiro fidalgo e exerceu por longos annos o emprego de procurador e recebedor do convento que a ordem de S. Domingos possuia em Coimbra.

Fez esta circumstancia crer a muitos biographos que o auctor dos *Luziadas* fôra natural d'essa cidade, opinião esta que se acha victoriosamente debellada, cabendo a Lisboa a honra de tê-lo visto nascer no anno de 1524. Com sobejidão de argumentos prova o Sr. visconde de Juromenha que nunca militára Simão Vaz na India, nem que orphão deixasse um filho em tenra idade, como assevera Pedro Mariz, sendo certo que ainda em 1550 contava-se elle no numero dos vivos.

Deduz o mesmo illustrado biographo das estreitas relações que mantinha Simão Vaz com os frades de S. Domingos, que em suas aulas recebêra o menino Luiz os primeiros rudimentos das lettras. Pro-

digio de applicação e talento, causava a admiração de seus mestres, entre os quaes se contava o celebre Garcia d'Orta, cujas prelecções philosophicas ouviu d'entre os annos de 1533—1534 na universidade que então funccionava em Lisboa.

Madrugára-lhe o engenho poetico; e aos onze annos de idade já compunha um soneto de singular perfeição dirigido ao duque de Bragança D. Theodosio. Ha mesmo quem pretenda que o primeiro pensamento dos *Luziadas* assomára-lhe ao espirito quando apenas contava nove annos, despertando-lhe o estro o famoso discurso que João de Barros proferira diante d'el-rei D. João III, em que preconisára a necessidade de uma epopéa na qual celebrados fossem os heroicos feitos dos portuguezes nas regiões da aurora.

Parece que os estudos tão brilhantemente encetados em Lisboa foi-os Camões continuar nas pittorescas ribas do Mondego quando para ahi transladou-se a universidade. Crê-se que ás sciencias theologicas se dedicára de preferencia, não só porque sob a direcção de seu tio D. Bento de Camões, abbade benedictino, cursava elle as aulas universatarias, como pela particular inclinação que sempre mostrou por estes estudos. Ignoramos, porém, se os completára, e de uma carta por elle endereçada a um amigo seu colligimos que grande perplexidade reinava em seu espirito acêrca da profissão que mais lhe convinha abraçar. Summamente caracteristico é o seguinte paragrapho:

« Tomei o pulso a todos os estados da vida e nem um achei em perfeita saude; porque o dos clerigos para remedio o vejo tomar mais da vida que a salvação d'alma; o dos frades, ainda que por baixo dos habitos, tem uns pontinhos que quem tudo deixa por Deus nada havia de querer do mundo; o dos casados é bom de tomar, ruim de sustentar e peior de deixar; o dos solteiros barca de vidro que é de bem ruim navegação: ora temperai-me lá esta gaita, que nem assi, nem assi achareis meio algum de descanso nesta vida, etc. »

Deprehende-se do conteúdo de outra carta que em 1542 estava elle de volta á Lisboa, sem que todavia ainda houvesse tomado profissão ou estado algum. « Achava-se o poeta (diz o sr. visconde de Juromenha) n'aquella quadra da vida do homem, na qual se torna uma necessidade o amar, no ardente estio da mocidade quando o coração limpo de todas as outras paixões do interesse, ou de ambição que mais tarde, no outono da vida, se lhe arreigão, se abre todo a receber esta paixão violenta e doce, reflectindo-se n'elle as impressões que lhe pintou uma exaltada imaginação. Uma sêde impetuosa nos abraza, e esta, ou se refrigera em varias fontes, e eis o amor physico e corrompido, ou se concentra em um só objecto e fórma essa voluptuosa e suave paixão que acha lenitivo na mesma pena, e eis o amor platonico, romantico, apaixonado de um Mancias, um Petrarcha, um Bernardim Ribeiro. »

Nas azas do primeiro d'estes affectos immolou Camões as primicias do seu éstro: em levianos e pueris galanteios despendeu muita somma de talento, e ebroqueleando-se com certa indifferença, riu e zombou da sympathia de varias damas cujos corações farparão seus dotes e gentilezas de espirito.

Vingou-se, porém, o amor d'essa esquivança: de uma alma sensivel e enthusiastica não tardou o moço poeta em ser preso nas redes de uma ardente e verdadeira paixão. Mas quem foi a Laura d'este novo Petrarcha?

Para satisfazer a este quesito, vejamos qual era a sociedade que frequentava o poeta, e como fôra recebido pelas principaes personagens da côrte de D. João III.

Precedido por uma brilhante reputação, teve Luiz de Camões o mais benevolo acolhimento da parte da aristocracia de primeira linhagem, chegando a gozar da privança dos duques de Bragança e Aveiro, dos marquezes de Cascaes e de Villa-Real, e dos condes de Redondo e Sortelha.

Era, porém, D. Manoel de Portugal o seu Mecenas, e a mais intima amizade ligava-o a esse D. Antonio de Noronha, cuja prematura morte tão sinceramente pranteou.

O logar de Camões parecia estar de antemão preparado no gremio da sociedade elegante d'essa epocha: notava-se a ausencia de um poeta que aos demais subrepujasse pela riqueza de imaginação e frescura de linguagem. Gil-Vicente e Ferreira tinhão morrido; Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro buscavão na soidão o estanciar da vida que precede a hora do passamento.

Era o paço o ponto de reunião da fidalguia, era n'elle que se celebravão esses saráos que tão grande nomeada deixárão. Fazia as honras d'esse circulo de galanteria e bom gosto a rainha D. Catharina, e empunhava o sceptro das lettras a princeza D. Maria, ladeada das mui celebres damas Joanna Vaz, Leonor de Noronha e Paula Vicente, para quem as linguas de Homero e de Virgilio erão tão familiares como o proprio idioma.

A' essa academia feminina, á essa especie de *hotel Rambouillet* foi apresentado Camões, e curtas sendo para elle as provas do noviciado, não tardou em revelar tudo o que n'elle havia de extraordinario, eclipsando logo ao seu despontar todos os astros que no firmamento fulgião.

No estylo bucolico, de que se servião todos os poetas contemporaneos, dirige-se Camões ás damas da rainha, as quaes denomina de *Naiades*.

D'esse gracioso grupo destacava-se, porém, uma nympha a quem mais especial affecto parecia consagrar, e que constantemente invoca sob o anagramma de — NATERCIA. — Exuberantemente provado se acha hoje que era essa senhora D. Catharina d'Attaide, filha de D. Antonio de Lima, dama do paço e que em verdes annos feneceu: sendo para estranhar a obstinação com que grande numero de biographos a fazem filha do conde de Castanheira, que tão grande imperio tinha no animo do piedoso filho de D. Manoel.

Certa publicidade, quiçá descomedimento n'uns amores que por sua natureza recatados cumpria que fossem, trouxerão ao nosso poeta o germen das desditas que devêrão desbotar-lhe o viço da juventude toxicando-lhe o remanso da velhice.

Perigosos forão sempre em Portugal esses amores com as damas do paço, e ninguem ignora qual o castigo por D. João I infligido ao seu escudeiro; e o destino de Diogo de Souza no reinado de D. Afonso V, o recente desvalimento de João Lopes Leitão, amigo do poeta, advertia-o do destino que se lhe deparava.

Imperiosamente exigiu D. Catharina que fosse punido o audaz cavalleiro que não respeitára assás o recato de seus camarins, e que á deshoras atrevia-se a tomar a lua por testemunha de seus colloquios amorosos. Em resultado foi Camões habitar a duas legoas de Abrantes n'esses romanticos sitios em que as aguas do Tejo, porfiando com as do Zezere, fizerão-lhe dar pelos romanos o expressivo nome de *Pugna-Tagi*, convertido hoje n'outro pouco sonoro e quasi indecente.

Comparando na elegia III a sua sorte com a de Ovidio, queixa-se da injustiça do seu degredo nestes suavissimos versos:

« D'esta arte me figura a phantasia
« A vida em que morro desterrado
« Do bem que em outro tempo possuia
. . . . . .
« Aqui me representa esta lembrança
« Quão pouca culpa, tenho, e me entristece
« Ver sem razão a pena que me alcança. »

Terminada a expiação, volveu Camões á sua patria Lisboa, onde parece que recahira nas mesmas anteriores culpas, porquanto vemo-lo de novo partir para o exilio. Da elegia II collige-se que fôra Ceuta o logar d'esta feita escolhido. N'essa, ou n'outra subsequente viagem, perdeu elle o olho direito em consequencia do combate em que valentemente encetára a sua carreira marcial contra os corsarios mouriscos que então infestavão o Mediterraneo.

Sob novo aspecto contemplamos Camões n'essa terra d'Africa illustrada pelos heroicos feitos de D. João I, pelas façanhas de D. Henrique e pelo sancto captiveiro de D. Fernando. « Campeava sempre como brioso e denodado cavalleiro (diz o Sr. visconde de Juromenha) n'essas lustrosas cavalgadas e escaramuças que umas vezes por galhardia, outras por necessidade, diariamente se tinhão no campo, ou quando os nossos guerreiros sequiosos de aventuras descião á talar-lhes os campos e aduares, ou quando os arabes, que não erão menos guapos cavalleiros, se apresentavão a desafia-los nas suas almogaravias e assaltos com que ameaçavão as nossas praças. »

Em 1550 estava já o nosso poeta de volta á patria; porquanto alistou-se n'esse anno na armada que para a India partia com o novo vice-rei D. Affonso de Noronha, nomeado para substituir ao magnanimo defensor de Dio, que na mais honrada pobreza fallecêra em Gôa.

Triste emergencia retardou por tres annos a sua viagem. Na festa de *Corpus-Christi*, que com grandes solemnidades sagradas e profanas se celebrava então em Lisboa, teve Camões uma pendencia com um certo Gonçalo Borges, creado d'el-rei, a quem feriu no pescoço defendendo a dois amigos seus acommettidos pelo referido Borges.

Resultou-lhe d'ahi ser posto no tronco da cidade, devendo a sua liberdade á intervenção do bispo de Viseu D. Gonçalo Pinheiro, a quem conhecêra em Tanger.

Onze dias depois da sua soltura, embarcou-se Camões para a India na armada de que era capitão-mór Fernão Alvares Cabral, e que a 24 de Março de 1553 largou do porto de Lisboa. Ao cabo de seis mezes de trabalhosa navegação chegou á Gôa, sendo affectuosamente recebido por alguns parentes e amigos que contava n'essas longinquas paragens. Tão satisfeito ficou elle com o acolhimento que ahi lhe fizerão, que escreveu para o reino « que vivia mais venerado que os touros de Merceana e mais quieto que a cella de um padre prégador. »

Foi o seu primeiro feito d'armas na India a expedição enviada por D. Affonso de Noronha em soccorro do rei de Cochim.

Por amor da brevidade omittimos todas as façanhas guerreiras do eximio poeta, nas quaes grangeou o renome de extremado capitão. Do seu merito formavão o melhor conceito os vice-reis Noronha e Mascarenhas, em cujos governos viveu dias serenos, senão felizes.

Succedendo, porém, ao ultimo d'estes vice-reis Francisco Barreto, empallideceu a estrella de Camões, havendo trocado as doçuras de Gôa pela agra residencia de Macáo, para onde, sob pretexto de serviço publico, fôra enviado. Accusão alguns biographos gravemente ao governador dos rigores que para com o grande vate exercêra; achão, porém, outros desculpa do proceder de Barreto na justa vingança contra as suas satyras, principalmente as intituladas — *Labyrintho e Disparates da India.* —

No pensar do Sr. visconde de Juromenha nem o minimo vislumbre de vingança existe na conducta do administrador da India Portugueza contra o cantor do Gama; asseverando que com o despacho de provedor dos defuntos e ausentes n'essa remota possessão quizera subtrahi-lo ás iras dos que cruelmente doestára com suas satyras e epigrammas.

Fôra o poeta um dos primeiros moradores da nova cidade; e a fortuna quasi sempre hostil aos cultores das Musas quiz d'esta vez mostrar-se-lhe benigna. Avultando o seu peculio com o rendoso emprego que occupava, não o distrahia elle totalmente das lettras; sendo certo que n'esta aprazivel mansão escrevêra elle grande parte do poema que transmittiu seu nome á posteridade. Ainda hoje mostra-se a gruta em que o amante de Natercia ia inspirar-se ante o magnifico espectaculo que a seus olhos desdobrava-se.

Invejou-lhe, porém, o genio da intriga tão grato viver e segredou aos ouvidos de Barreto negra calumnia contra o honrado funccionario. Conduzido debaixo de prisão á Gôa, naufragou a náo que o transportava na costa de Camboja na Conchinchina, perdendo n'esse naufragio o pouco que possuia com unica excepção dos *Luziadas* que á nado pôde salvar.

Recolhido a um carcere apenas chegára á capital dos Estados da India, aggravou-se-lhe o seu infortunio com a infausta nova do pas-

samento da dama de seus pensares D. Catharina de Attaide. A chegada, porém, de D. Constantino de Bragança, em principio de Setembro de 1558, escolhido para vice-reinar foi summamente satisfactoria para Camões, e prognosticando sua proxima rehabilitação. De feito foi logo posto em liberdade, baqueando ainda por esta vez a intriga que contra elle se forjára.

Acompanhando o vice-rei á sua expedição de Damão, achou ainda ensejo de distinguir-se pelo seu valor pessoal, aprazendo outrosim aos *matalotes* pela jovialidade do seu espirito.

Ainda outra vez experimentou Camões os rigores da prisão no tempo de D. Francisco Coitinho, conde de Redondo, successor de D. Constantino de Bragança. Crêem uns que motivada fôra esta prisão por *certas travessuras* do poeta, ao passo que attribuem-na outros ás sempiternas contas da provedoria de Macáo, pelas quaes já satisfactoriamente respondêra. Novamente reconhecida a sua innocencia, foi mandado pôr em liberdade. Quando, porém, passado estava o alvará, embargou-lh'o um certo Miguel Rodrigues Coitinho, por alcunha — Fios seccos — allegando ser-lhe Camões devedor de uma pequena quantia. Não sabemos como venceu-se tal difficuldade pecuniaria; o certo é que o vemos n'esse mesmo anno acompanhar o vice-rei na sua apparatosa expedição contra o Samorim.

Não acompanharemos o maior poeta que Portugal tem tido em suas diversas peregrinações pelas partes do Oriente, onde tão varia fortuna fruiu, para assistirmos ao seu embarque para o reino em Setembro de 1569 na náo em que regressava o vice-rei D. Antão de Noronha. Novo embargo escapou de fazer-lhe falhar tão propicio ensejo de volver aos patrios lares: exigia Pedro Barreto que lhe pagasse os duzentos cruzados que lhe devia quando absolutamente baldo de meios achava-se Camões, que á liberalidade de alguns amigos, em cujo numero se contava o distincto historiador da India Diogo do Couto, deveu ficar desonerado d'esse encargo, podendo livremente seguir viagem.

Em seu trajecto e por mero desenfado, consta que escrevêra uma collecção de poesias, a que intitulou—*Parnaso de Luiz de Camões* — que dizem fôra-lhe roubado em Moçambique, attribuindo alguem (com a maior injustiça) essa negra acção ao suaviloquo poeta Fernão Alvares do Oriente.

Com prospera navegação ancorou a náo *S.ta Clara*, em que vinha o nosso poeta, na bahia de Cascaes em dias de Abril de 1570; e soffrego pisou essa terra de tão saudosas recordações.

Infelizmente dois tumulos ahi aguardavão-no; erão elles os da amante, que longe d'elle se finára, e o do dedicado amigo (Heitor da Silveira) que á vista dos pincaros de Cintra, quando já antolhava o solo da patria, ouvira a clangorosa trombeta do archanjo da morte e pressuroso corrêra a alistar-se nas legiões dos immortaes.

Em aziaga hora para as lettras chegava Camões a Portugal: não se fallava senão em empresas guerreiras, e a mal agourada jornada d'Africa aninhava-se no escaldado cerebro do mancebo co-

roado, que ,sonhando com a gloria dos conquistadores de Ceuta, Tanger, e Arzilla, queria levar além dos mares os pendões lusitanos, dilatando as fronteiras da fé.

N'essa atmosphera deleteria á poesia, conheceu Camões que mangradas estavão suas esperanças, e que, em negros bulcões, se convertião as purpureas nuvens que no futuro antolhava. Tentou, porém, um derradeiro esforço; e, por intermedio de D. Manoel de Portugal, conseguiu ser ouvido pelo monarcha, que, com o mais benevolo e gracioso semblante, acolheu o poeta, promettendo-lhe toda a sua protecção, empenhando-o para assumpto de uma nova epopéa escolhesse as façanhas que n'Africa propunha-se elle praticar. Affirma Faria e Souza que não duvidaria Camões de acceder aos desejos de tão alto manifestados e que começára a composição d'um poemeto, que por suas proprias mãos entregára ás chammas quando soubera do infelicissimo exito da expedição.

Desde a sua chegada occupou-se activamente Camões com a impressão do seu poema; e obtendo o privilegio a 4 de setembro de 1571 entregou-o ao publico no principio do anno seguinte.

A' tão grandioso artefacto do engenho humano não derão os contemporaneos o apreço que d'elles se devêra esperar, posto que (contra a opinião commum) sustente o Sr. visconde de Jurumenha que valera esta obra a Camões altas protecções, como v. g. a do vedor da fazenda, Pero de Alcaçova Carneiro e a de Martim Gonçalves da Camara, escrivão da puridade.

A' este raciocinio (já por mais de uma vez apresentado) optimamente respondeu S. F. Mendo Trigoso n'estas palavras:

« E' bem evidente que, se este ministro tivesse mostrado uma pequena parte d'aquella estimação, emquanto o poeta era vivo, isto bastaria para melhorar consideravelmente a sua sorte, e impedi-lo de morrer n'um hospital. Mas duas cousas são dignas de reparo nesta acção: a primeira, que estas idéas de benevolencia se despertassem em Martim Gonçalves, depois da vinda de Filippe II á Lisboa, na qual este monarcha se mostrou tão interessado pelo poeta; e a segunda, que o mesmo homem, que fazia de protector fóra do tempo, tivesse a notavel mania de ajuntar o seu nome com as cinzas dos escriptores mais illustres seus contemporaneos; e que assim fizesse tambem pôr versos latinos sobre a campa de Francisco de Sá de Miranda. Pretendia, talvez a tão pouco custo, ser reputado o *Mecenas de Portugal.* » (*)

Mesquinha foi a prova da munificencia regia, exhibida na tença de quinze mil reis annuaes com que D. Sebastião galardoava a Luiz de Camões, — cavalleiro fidalgo da sua casa, pelos serviços que lhe prestára nas partes da India por muitos annos, e aos que esperava que lhe faria, e pela informação que tinha do seu engenho e habilidade e a sufficiencia que mostrava no livro que fizera das cousas da India.

(*) *V. Exame Critico das cinco primeiras edições dos Luziadas.*

Apartando-se do commum sentir dos biographos, sustenta o Sr. visconde de Juromenha que fôra o grande epico apreciado pelos contemporaneos, exprimindo-se desta arte:

« E' pois, pouco exacta e infundada a asserção, ao menos pelo lado honorifico, do pouco apreço que da pessoa de Luiz de Camões fizerão seus contemporaneos: elles o coroarão com o titulo de principe dos poetas, e affirma mais Faria e Souza, que, quando elle apparecia na rua, todos paravão até que desapparecia. Na côrte não foi menos estimado. No soneto LXIV da centuria I, feito ao grande D. Luiz de Attayde, por occasião dos festejos e distincções que el-rei D. Sebastião lhe fez á sua volta de Gôa, no qual encarece, como objecto de maior fama, o vencer no reino amigo as ingratidões e inveja, do que no Oriente os reis inimigos, e no soneto LIX, recitado sobre as cinzas de el-rei D. João III por occasião da sua trasladação para Belém, successos que ambos tiverão lugar n'aquelle mesmo anno, temos provas de que elle acompanhava a côrte *onde era bem acceito.* »

Não sabemos em que consistia essa aceitação de que nos falla o illustre biographo, quando sabemos que, para cantor das proezas que pretendia practicar em Africa, escolhêra esse mesmo soberano a Diogo Bernardes, por cujo motivo, como confessa o proprio Sr. visconde, augumentarão os pezares do poeta.

Só, e triste, viveu Camões os derradeiros dias da sua vida, porque por cumulo de infelicidades, até lhe morrêra o seu fiel Antonio, que segundo a tradicção geralmente recebida, lhe mendigava o sustento. Nas piedosas praticas com os religiosos de S. Domingos, aos quaes fôra sempre muito affeiçoado, encontrava elle suas unicas consolações. Parece que a propria mingoada pensão de quinze mil reis annuaes não lhe era regularmente paga, como se deprehende da ementa extrahida dos livros da chancellaria da casa do civel de Lisboa, transcripta pelo mesmo senhor de Juromenha em sua estimadissima obra.

Profundo golpe descarregou sobre a alma sensivel de Camões o desastre de Alcacer-Kibir: o poeta-soldado chorou amargamente a desventurada sorte do rei-cavalheiro que nos areaes d'Africa sepultára a honra e gloria portuguezas. Em uma carta escripta por essa occasião á um amigo intimo assim se expressava:

« Emfim, acabarei a vida e veráõ todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não sómente me contentei de morrer nella, mas de morrer com ella. »

Satisfez-lhe Deus estes seus ardentes votos, e aos dez de Junho de 1580 succumbiu, contando cincoenta e seis annos de idade. Foi por muito tempo litigioso o lugar em que expirára Camões; hoje, porém, graças aos esforços dos Srs. visconde de Juromenha e Silva Tullio (*) não é mais licito duvidar que o cantor dos *Lusiadas* vira pela ultima vez a luz do dia em Lisboa, n'uma pequena casa sita na antiga

---

(*) Vide — *Archivo Pittoresco* — 4º anno cad. 6º.

rua de D. Anna, hoje calçada da mesma denominação, e que actualmente tem os numeros 139 141, e de que é proprietario o Sr. Manoel José Corrêa. O frontespicio desta modesta habitação, que n'aquelle tempo compunha-se de um só sobrado e de telha vã, repartido em duas moradas por um taboado pelo meio, temo-lo á vista n'uma gravura, que orna o ultimo numero do *Archivo Pittoresco*.

Affirmão Pedro Mariz e Faria e Souza que fôra Camões sepultado *pobre e plebeamente* na igreja dos religiosos franciscanos da invocação de Sant'Anna, logo ao entrar da porta principal, do lado esquerdo. Desaseis annos depois forão seus ossos trasladados para outra melhor sepultura, por industria de D. Gonçalo Coutinho, da nobilissima casa de Marialva, intimo amigo e admirador do poeta, mandando-lhe gravar sobre a campa singelo e expressivo epitaphio. Para que não fossem profanados os restos mortaes do eximio epico, fez D. Gonçalo Coutinho acquisição perpetua da sepultura, que conservou-se intacta até o terremoto de 1755, que consideravelmente damnificou-a. Diligentemente procurados os ossos de Camões pelas commissões, que desde 1817 cuidarão em erigir-lhe condigno monumento, forão encontrados em 1836 no sitio onde a tradição asseveráva acharem-se elles. Cabe ao distincto poeta o Sr. A. F. de Castilho a gloria de haver, com louvavel persistencia, poderosamente concorrido para tão patriotica obra.

E' uma divida sagrada de gratidão nacional o monumento de Camões, que após tantos empecilhos e lamentaveis protelações vai, alfim, ser erecto na praça fronteira á casa em que por ultimo residira, e onde fallecêra, que já se honra com o titulo de *Praça de Camões*. Simples e elegante é o modelo, devido ao talento de um artista portuguez, o Sr. Victor Bastos, actual professor de esculptura da academia das Bellas-artes de Lisboa, a quem tambem se deve o busto do mesmo poeta, mandado fazer á expensas do Sr. Lourenço Marques, pora ser collocado na mui celebre gruta de Macáu.

Orçado o monumento na modica quantia de trinta e oito contos e quinhentos mil reis, não tardará em ter começo de execcução; por quanto, já existem em caixa trinta contos, dos quaes concorreu o Brazil com vinte e quatro e Portugal com seis.

O mais perduravel, porém, dos monumentos que á memoria do grande vate se possa porventura erguer, é por certo a nitida e esmerada edição de suas obras completas, que ora emprehende o Sr. visconde de Juromenha, sob o patrocinio do esclarecido e patriotico governo portuguez.

Como brasileiro sinceramente nos associamos á grande obra de reparação, e com jubilo saudamos a aurora da justiça, que, posto que tardia, rende-se hoje ao émulo de Homero e Virgilio, cuja gloria, como piedoso legado de nossos pais, tambem nos pertence.

J. C. Fernandes Pinheiro.

O DIA DE FINADOS

MEDITAÇÃO

DEDICADA AO MEU AMIGO O SR. A. G. TEIXEIRA E SOUZA.

« E as sombras dos finados,
Que no seu vago errar mysterioso,
Velavão por seus tum'los solitarios,
Deixavâõ esse espaço melancolico
Ao vagar d'ambulantes moribundos,
Desdenhoso vagar, baldo em mysterios,
Ou se um mysterio o veste o crime o occulta!
E vêm assim passar os mortos d'hoje
Os mortos que amanhã serão com elles!

(O Sr. Teixeira e souza).

Sim, meu illustre amigo, é bem solemne o dia de amanhã, em que convoca a igreja o eccumenico concilio dos mortos, em que se ermão as cidades e se povoão as necropoles.

Os dobres dos sinos, por tantas horas emmudecidos nos campanarios, parecem ser a voz dos mortos, que aos vivos pedem que por elles orem. Essa voz de ferro, na poetica expressão de Shakspeare, cahe do alto das torres sobre os que vão buscar distracções, inspirando graves pensamentos aos que só a rir e folgar julgar-se-hião dispostos.

E' o dia de hoje poetico prefacio do d'amanhã: exalta a Religião á gloria dos justos e dos eleitos, para que propicios medianeiros sejão das preces, que em pról dos nossos finados endereçamos ao *Senhor*.

Deus, para quem não são occultos nossos temores e fraquezas, quiz collocar junto aos sepulchros a *fé* e a *esperança*, para que, através do denso véo das lagrimas, vissemos sobre as candidas azas dos anjos transportadas ás regiões celestes as felizes almas de nossos parentes e amigos.

Admiravel crença, meu amigo, é por certo a que transmuta o mêdo em esperança, a duvida em fé, que dá ás nossas affeições uma existencia, que além do tumulo se prolonga; que ao filho concede a faculda de de resgatar seu pai do purgatorio, permittindo a este de no céo novamente amparar a sua próle.

Na barreira do supulchro esmagão-se todas as hierarchias, iguaes são n'elle o rico e o pobre, o patricio e o plebeu. Que importa que erga a vaidade ao potentado sumptuoso moimento, emquanto em raza sepultura repousa o cadaver do indigente! De que valem os embalsamentos e as odoriferas injecções, se desamparou o sopro divino o templo d'alma; se o cerebro já não pensa e emmudeçerão os labios! Cedo ou tarde começará a corrupção, e o verme do sepulchro consummará sua obra.

Não cessa a igreja d'ensinar-nos esta profunda e democratica verdade; não póde o orgulho do magnata arrancar-lhe diversa oração d'aquella com que suffraga a alma do mais humilde e obscuro mendigo.

Debaixo da cruz de marmore,que estende seus braços sobre os restos do rico,recitará amanhã a igreja as mesmas preces que debaixo da modesta cruz de páo que protege os mortaes despojos do aldeão.

E' a verdade dos mortos apanagio : diante da terrivel realidade da campa deve ser banida a lisonja e a inveja. Nem um sentimento alheio a esta virtude deve ultrapassar a méta da vida. Banidos sejão, pois,da jazida dos finados esses pomposos e fallazes opitaphios, que parciaes e erroneos juizos transmittem ás gerações futuras, ás quaes só verdade devemos.

Réprobro da humanidade seja o que amanhã,com a mascara da dôr no semblante e satanica alegria n'alma,penetrar na mansão dos mortos; que algum ignobil pensamento depositar sobre a lapide d'algum tumulo, que regosijar-se com a aniquilação corporea de seu inimigo, ou applaudir internamente um successo, que antecipou-lhe a posse d'algumas chimericas honras,ou d'algum dinheiro.

Não profaneis, mancebo libertino, a estancia da morte : levai algures vossos esgares e respeitai a donzella que com seu chrystalino pranto rega a sepultura de seus pais, a virtuosa esposa que com lagrimas sinceras orvalha a campa do saudoso socio de seus castos amores.

Amanhã, meu bom amigo, espero achar-vos no cemiterio em que repousão os ossos de vosso innocente filhinho, que retrogradou do limiar da vida

« Bem como a flor inda em botão cortada,
Emquanto aromas rescendia pura,
Bem como a onda quando mal formada
Nos brancos frizos do areal murmura »

na bellissima expresão do nosso Gonçalves Dias. Quando houverdes pago o tributo á dôr paterna, olhai para o espectaculo que aos vossos olhos se desdobrará.

Vereis um homem d'aspecto (ao parecer) venerando, que com ar compungido ajoelha-se sobre a sepultura da companheira de seus dias, sobre ella deposita uma corôa de saudades,e, examinando primeiro se é observado, simula derramar lagrimas ardentes. Não creiais em sua dôr, meu amigo, este homem não pranteia sincero a morte de sua mulher, porque outra já lhe occupou o lugar no thalamo nupcial. Adiante comtemplareis mais aflictivo quadro : o d'um pai avaro que, a miseraveis interesses, a mesquinhas considerações pecuniarias, sacrificou a debil existencia de sua filha,e que ora fere os ares com seus lamentos, cobre a campa de flôres e allumia-a á luz de mil cirios, prestes a dar-lhe segunda morte, se agora resuscitasse. Mais além avistareis, contrita como a estatua do arrependimento, uma mulher adultera,que com seus desmandos precipitou no tumulo seu honrado consorte,cuja memoria ainda nodôa, e cujo nome avilta. Ainda mais longe.... Basta ; desviai os olhos d'esse lugubre painel de degradação moral: e,de novo beijando a campa de vosso innocente filho, sahi da morada da dôr pela hypocrisia humana profanada.

Novembro — 1 — 1861.

J. C. Fernandes Pinheiro

MICROSCOPIA.

Os infusorios são totalmente privados dos membros articulados, que servem para a locomoção. Seus movimentos se executão por meio d'appendices mui delgados, aos quaes se deu o nome de *cilios*, porque elles teem alguma semelhança com os cabellos das palpebras. A disposição é mui variada: em certos infusorios, esses cilios cobrem toda a superficie do corpo; em outros, elles se accumulão nas extremidades, em quanto que em outros guarnecem a abertura da boca. Esta variedade de disposição, reunida á conformação diversa do orgão digestivo, serve para coordenar os infusorios. Deu-se o nome de *polygastricos* aquelles que possuem muitos estomagos; os *rotiferos* são aquelles cujos cilios executão os movimentos giratorios, analogo aos de uma roda em acção.

Os *polygastricos* comprehendem alguns dos mais pequenos animalculos, que podem ser vistos pelo microscopio; outros, pelo contrario, podem ser vistos a olho nú. Os infusorios habitão, sobre tudo, nas aguas. Quer estas aguas sejão doces ou salgadas, elles ahi pullulão em numero tão prodigioso que desafião todo o calculo.

E' necessaria toda a possança dos melhores microscopios para tornar perceptiveis a nossos olhos os mais pequenos infusorios; entretanto, elles offerecem todos os signaes de vida a mais activa; seus movimentos, executados com os seus delgadissimos cilios, parecem mui rapidos, o que os não impede d'evitar os obstaculos que encontrão.

A agitação incessante em que elles estão, os movimentos accelerados de seus cilios constituem um espectaculo mui animado, observado pelo microscopio, no qual se poz uma unica gotta d'agua estagnada.

Denominão-se *monades* aos mais pequenos d'estes animaes. Todavia, elles não são todos da mesma grossura; os menores apparecem como pontos apenas perceptiveis: Têm-se contado até cinco milhões em uma gotta d'agua.

Talvez se possa considerar como a mais interessante especie d'este grupo a que Leeuwenhock descobriu, não obstante a fraqueza de seus instrumentos. A' primeira observação, parece ver-se um unico animal; mas é quasi certo que elle é composto de pequenissimas *monades* reunidas por laço mysterioso. Encerradas em uma vesicula globular, todas essas *monades* caminhão pela rotação de seu envoltorio commum. D'isto resultou o nome de *volvoce* dado a este ser collectivo. Muitas vezes percebe-se, através do sacco vesiculoso, seis ou oito outros envoltorios semelhantes, que conteém os embryões de novos *volvoces*. Parece que estes pequenos animalculos são indifferentes á presença ou á ausencia da luz: pouco importa á *monade* que o gráo de luminar do céo esteja ácima ou abaixo das aguas

que elles habitão, ou que ellas estejão submersas nas trevas da noite; nem por isso os movimentos circulares que executa deixão de continuar, em quanto lhes dura a vida. Algumas são de um verde brilhante, como a *monas grandis*; outras são transparentes como o vidro *(monas crespulum)*: esta ultima especie é, dizem, carnivora. A *monade* de manto *(chlamydimonas)*, e a *monade vivipera*, assim como algumas outras, se fazem notaveis pelo seu modo de reproducção. As *monades* se partem por si mesmas, e formão *monades* distinctas. Emfim, o *volvox globator* é composto de *monades* reunidas em bolla por uma especie de fio, e sua reproducção se faz interior e exteriormente; isto é, não sómente pedaços se separão do exterior do fio, porém igualmente se destacão do interior da bolla, de sorte que um novo globulo de *monades* se forma no interior da bolla mãi e ahi fica até que uma nova rotura lhe abra caminho.

As *rotiferas* pertencem a uma classe não menos interessante do que a das *polygastricas*, mas possuem uma organisação mais complicada; todavia, encontrão-se umas e outras, nas mesmas circumstancias, isto é, no meio das materias vegetaes que se decompõem n'agua. Na epocha em que foi descoberto, o *rotifer vulgaris* excitou a mais viva curiosidade, em razão do espectaculo singular que offerece, visto no campo do microscopio. Os observadores vião, na parte anterior do seu corpo, dous orgãos totalmente analogos a rodas, que parecião girar em torno de um eixo. Por impossivel que parecesse um semelhante movimento, acreditava-se vê-lo e procurava-se explica-lo. Sabe-se hoje que isso era uma illusão.

Na extremidade anterior de seu corpo o *rotifer* teem dous discos cercados por uma bordadura de cilios. Estes appendices tomão um movimento proprio, mui rapido, em virtude do qual cada um d'elles descreve um cóne, tendo por vertice o ponto em que o mesmo cilio está ligado ao corpo do animalculo. Resulta d'isto que este orgão não é visivel senão quando se acha no plano horisontal, e que, pelo contrario, desapparece quando está ácima ou ábaixo, porque então não se acha mais no foco do microscopio. Estas apparições e desapparecimentos, que se succedem em uma grande velocidade, dão idéa de um movimento rotatorio executado pelo disco inteiro. Quando se faz uso de um instrumento fraco ou pouco distincto, como erão os microscopios não achromaticos, no tempo da descoberta dos *rotiferos*, a illusão é inimitavel. Bem verificado esse modo de movimento, é natural querer-se indagar qual o seu fim. Para alcançar conhece-lo, espalhe-se n'agua, onde se acha o *rotifero*, um atomo de pó de carmim, e observe-se o que se vai passar. As particulas córadas tomão um movimento circulatorio, effeito da agitação da agua provocada pelos cilios do *rotifero*: depois, arrastados por um turbilhão em miniatura, ellas penetrão no estomago do animalculo, para onde são acompanhadas por outros animalculos mais pequenos, que por acaso se achão debaixo da acção do mechanismo rotatorio.

Os *rotiferos* se multiplicão em extrema rapidez. Uns são vivíperos, outros oviperos. Vinte e quatro horas bastão para que o indivi-

duo, que acaba de nascer, se desenvolva completamente e se reproduza.

Os microphagos se occuparão por muito tempo do que no principio chamarão revivificação dos *rotiferos*. Que estes pequenos sêres, ficando a secco em um estado completo de morte apparente, possão retomar o movimento e a vida, é cousa tão extraordinaria que poucas pessoas estarão dispostas a acreditar. Entretanto, um grande numero d'experiencias parecem deixar pouco lugar ás duvidas. Fontana diz positivamente ter reanimado um *rotifero*, que havia ficado sem movimento durante dous annos e meio, bastando-lhe para isso te-lo posto n'agua durante duas horas. Mais recentemente, um observador muito habil e paciente, M. Doyèro, fez bellas e numerosas experiencias, com o fim de não deixar duvidas sobre a questão. Elle chegou á seguinte conclusão : que em certas circumstancias, esses singulares animaes pódem ser chamados á vida, depois de terem estado durante algum tempo em estado de morte apparente ; e diz que os corpos dessecados d'essas epemenides microscopicas, depois de terem estado tres ou quatro semanas no vacuo barometrico, onde parece que deverião ter perdido até o seu ultimo atomo d'agua, tem entretanto, retomado o movimento vital. Na sua grande obra sobre os infusorios, disserta longamente sobre este assumpto, e pensa que, a despeito dos meios de dissecação, que se tem empregado, resta no corpo do pequeno animal o seu *fluido d'organisação*, não admittindo a hypothese de uma vida latente. A morte, diz elle, não é a vida no estado de lethargia, mas sim a ausencia da vida. Tal é evidentemente a opinião de Humboldt, quando diz : « A revivificação do *rotifero* e dos infusorios siliciosos não é senão a volta das funcções vitaes enfraquecidas, porém não extinctas.

Devemos limitar-nos a uma revista summaria do vasto assumpto que nos occupa. Depois de fallar perfunctoriamente dos animalculos que habitão as aguas doces, diremos algumas palavras d'aquelles que povoão as aguas salgadas. Com ajuda dos telescopios, os astronomos teem descoberto mundos sem fim nos espaços os mais longinquos do firmamento ; com ajuda do microscopio se tem descoberto uma quantidade innumeravel de organismos vivos, tanto na vasta superficie dos mares, como em seus abysmos. Para dar idéa d'essa inconcebivel multidão de sêres microscopios sómente no oceano Arctico, Scoresby diz o seguinte : « As aguas puras do oceano são de um azulado carregado. Entretanto, certas porções de sua superficie, 20 e 30 milhas ás vezes, se mostrão verdes e como sujas. Estas porções estão, por assim dizer, saturadas de animalculos, e tem-se reconhecido que elles chegão até 1,500 pés de profundidade. Para contar os animalculos contidos em duas milhas quadradas desta agua impura, continúa o mesmo Scoresby, serião precisas 80,000 pessoas occupadas todo o dia n'este trabalho, d'esde o principio do mundo. » Por isto se póde julgar da affluencia d'essa população nos mares polares, pois que a quarta parte do mar da Groenlandia, na extensão de 10° em latitude, se compõe d'esta agua impura, onde a vida superabunda ! Estes or-

ganismos differem d'aquelles de que nos acabamos de occupar, porque fazem parte da familia dos *Meduzas*.

« Nós estavamos, diz Darwin, nas costas do Chili, a algumas legoas de distancia ao norte da Conceição : o Beagle (navio) atravessou uma planicie de agua muito impura semelhante á da inundação de um rio ; a mesma circumstancia se apresentou um gráo ao norte de Valparaiso, e ainda em maior extensão. Deitada em um copo, esta agua tinha uma côr arroxada, que, observada ao microscopio, formigava de animalculos, que se movião de todos os lados e algumas vezes fazião explosão. Elles erão pequenissimos, invisiveis aos olhos, e apenas occupavão a millesima parte de uma pollegada quadrada. Tivemos de passar dous espaços semelhantes, dos quaes um tinha muitas milhas quadradas. Que numero incalculavel de animalculos ! A' alguma distancia, a agua parecia arroxada como a de um rio que corre sobre argila ferruginosa, entretanto que do lado d'onde o navio fazia sombra ella parecia côr de chocolate. Pœppig faz menção de um phenomeno pouco mais ou menos semelhante, que observou perto do Cabo-Pilares. A agua corada occupava uma superficie de 24 milhas sobre sete. Quando era observada do alto de um mastro, o mar tomava uma côr vermelha sombria ; mas, á medida que se avançava, a côr tomava o aspecto de purpura brilhante, e a esteira do navio offerecia um côr de rosa desmaiado. Esta agua era perfeitamente transparente, mas vião-se muitos pontos vermelhos descrevendo espiraes.

Isto quanto ao Pacifico. D'Urville (1), navegando no Atlantico, diz que, aos 36° de latitude Sul começárão a apparecer grandes massas de *Laminaria papyrifera*, e que certos espaços do mar estavão cobertos com pequenissimos insectos da familia dos Carabicos. Alguns gráos além, as massas de *Laminaria papyrifera*, misturadas com a *Urvillea utilis*, tornárão-se mais numerosas, e algumas vezes a tintura uniforme das ondas era atravessada por grandes zonas amarelladas, que se suppuzerão no principio formadas por desovamentos de peixes, mas que depois se verificou serem de animalculos microscopicos. Até aos 45°, as laminarias papyriferas continuárão-se a mostrar. Examinando-se com cuidado ao microscopio alguns dos animaculos que boiavão, reconheceu-se que erão crustaceos microscopicos de formas mui elegantes, e isto continuou até aos 52° de latitude Sul.

Até nos negros abysmos do Oceano, em profundidades em que se acreditava a vida impossivel, a 6000 pés abaixo da superficie das aguas, se tem achado indicios seguros da presença de animalculos durante a recente viagem do capitão Ross ás regiões Antarcticas.

O que diz Humboldt sobre a diffusão dos seres vivos — de que ainda não está decidido se a vida predomina na terra ou nas profundidades do Oceano — tem aqui todo o cabimento. Ehrenberg nos faz ver, na sua admiravel obra, toda a expansão da vida organica tanto no Oceano tropical como nos gelos polares. A 12° do Polo, encontrárão-

(1) Dumont d'Urville. — Viagem ao Polo Sul.

se *polygastricos* siliciosos, e mesmo *coscinadisceos* em seus ovarios, vivendo no meio das massas geladas.

A phosporescencia do mar parece, ao menos em grande parte, ser devida a animalculos fluctuando sobre as aguas em myriades infinitas, e dotadas da propriedade de emittirem a luz como os perylampos. Muito se tem disputado sobre a causa d'estes luzeiros. Os microphagos e os chimicos parecem ter repartido o phemomeno entre si. Parece com effeito que elle tem duas origens: a decomposição das substancias organicas, sob a influencia do *azone* segundo Schoubein, e a faculdade de emittir luz, attributo de muitos animaes marinhos. Essa faculdade pertence principalmente a certas pequenas medusas, que se encontrão por legiões, assim como aos infusorios que se encontrão por toda a parte. Ehrenberg conseguiu esses infusorios luminosos, filtrando uma grande quantidade de agua do mar. Postos sobre o porta-objecto obscuro do microscopio, esses pequenos luzeiros dos mares apresentavão um espectaculo cheio de interesse. Submettidos á acção de algumas gotas de um acido, a irritação que elles resentião lhes fazia emittir um brilho instantaneo. Quando se irrita os *photocaris*, diz-nos Ehrenberg, produz-se uma faisca em cada um de seus cirrhos; depois o luzeiro vivo augmenta e se estende sobre o dorso do animalculo nereidiforme; dir-se-hia um fio de enxofre ardendo com uma chamma amarella esverdinhada. A apparição d'esta luz é o producto de uma acção vital, e ella consiste em uma serie de faiscas instantaneas, que se renovão depois de um certo intervallo de repouso. Tem-se geralmente attribuido esta luz ao electro-magnetismo. Se é assim, é necessario que os orgãos d'estes infusorios possão adquirir uma enorme tensão electrica capaz de produzir um clarão tão vivo em um meio tão bom conductor de electricidade. Além d'estes organismos productores de luz, o microscopio fez descobrir, nas aguas phosphorescentes, parcellas rotas de materias organicas, restos provavelmente de medusas, que devem o seu brilho á decomposição que experimentão todas as substancias organicas privadas de vida. Depois de se terem banhado em Cumana, no golpho de Cariaco, Humboldt e seus companheiros notárão que seus corpos se tinhão tornado luminosos pelo effeito de pequenos pedaços adherentes á pelle, e ficárão n'este estado durante alguns minutos.

As *diastomeas* não são os unicos representantes microscopicos do reino vegetal; certos mares demonstrão isto. Observações recentes têm dado logar a attribuir a côr das aguas do mar Vermelho á presença de uma multidão inconcebivel de pequenos vegetaes. Por muitas vezes se tem posto em duvida o facto da coloração d'esse mar, e muitos viajantes têm assegurado que nada justificava a denominação que se lhe têm applicado; entretranto que outros confirmão a antiga tradição da côr vermelha d'esse mar, tão celebrado nas escripturas. O Dr. Harvey achou um meio engenhoso de pôr de accordo tantas asserções oppostas. Elle pensa que as observações não têm tido logar na mesma estação; com effeito, se a coloração é devida a substancias vegetaes, ella deve variar com as differentes epocas do anno. E'

certo, continúa o mesmo auctor, que as aguas d'esse mar se achão algumas vezes cobertas com uma espuma vermelha, que foi examinada em Inglaterra por muitos naturalistas. M. Montagne demonstrou que essa espuma se compõe inteiramente de pequenas *algas*, cujos filamentos finissimos estão agglomerados em pequenas massas. Estes contêm anneis de materia vermelha encerrados em tubos delgadissimos. Durante a viagem do *Beagle*, Darrin observou que o mar parecia corado com uma tinta vermelha pardacenta. O microcospio mostrou-lhe que o mar se achava coberto com pequenas *algas* semelhantes á do mar Vermelho. O numero d'estes vegetaes dos mares é sem duvida infinito, pois que o *Beagle* atravessou muitas zonas de grande largura, a julgar-se pelo aspecto lodoso do mar. Os marinheiros conhecem este phenomeno, a que chamão mar de serradura de madeira.

Dupont e Montagne virão a superficie do mar Vermelho coberto com uma delgada camada de uma substancia muito attenuada côr de tijolo hum pouco alaranjada. Encerrada em uma garrafa, essa substancia tomou uma côr violeta, entretanto que a agua ficou côr de rosa. O phenomeno foi notado desde Cosseir até Tor, povoação arabe. Depois o mar tornou-se azulado como d'antes, depois de terem atravessado sobre esta camada vegetal um espaço de mais de cem leguas.

Examinemos agora a vida organica no ar.

Não devemos todavia acreditar que o ar seja um meio onde os seres organisados possão circular constantemente. Não se trata senão da presença momentanea de alguns d'elles n'esse meio tão movel e tão agitado.

Não se está inteiramente de accordo sobre as causas que podem levar esses pequenos organismos até á atmosphera. Entretanto é facto perfeitamente conhecido que, em uma multidão de circumstancias, os corpos se elevão até certas camadas da atmosphera pela acção de forças muito superiores á aquellas que podem suspender moleculas tão pequenas como são os germens das plantas ou animaes microscopicos. Em 9 de Março de 1830, depois de uma chuva copiosa, achárão espalhados nos campos da ilha de Uta, na Escossia, quantidade de pequenos bacalháos tão frescos, que alguns ainda estavão vivos. Em uma cidade de França, perto de Pariz, arrebentou uma violenta tempestade; no dia seguinte as ruas estavão juncadas de peixes de differentes tamanhos. Este ultimo facto se explica, logo que souber-se que o vento tinha seccado um pantano da vizinhança, e onde não tinha deixado senão os peixes maiores. Tem-se visto cahir pó, cinzas, rans e outros corpos; não é portanto maravilhoso se os germens d'onde devem nascer os animalculos e as plantas imperceptiveis estão continuamente em suspensão em torno de nós, prestes a desenvolver-se se cahem em um logar favoravel.

Geralmente consideramos a atmosphera como não contendo senão ar, esquecendo as innumeraveis moleculas organicas que n'ella

fluctuão, umas vivas e outras inanimadas. Ouçamos o que diz Humboldt a este respeito: « Os ventos levão legiões de animalculos que suspendem da superficie das aguas. Suspensos e agitados nos ares, esses pequenos seres tornão a cahir sobre a terra arrastados pelo orvalho que penetra seus orgãos, e lhes restitue a vida. » O pó meteorico amarello, cuja quéda tantas vezes se observa no Atlantico, e que não é raro de ver levado ao Oriente, ao norte da Africa, á Italia e até ao centro da Europa, esse pó, segundo Ehrenberg, se compoem de pequenos organismos siliciosos. Talvez que alguns fluctuem durante annos nas altas regiões da atmosphera, á espera que as correntes descendentes, ou os ventos Etesios os fação voltar á terra para n'ella retomarem sua existencia interrompida. Com os animalculos em pleno desenvolvimento, a atmosphera contém em germen uma infinidade de futuras populações, sem contar os ovos dos insectos e essas sementes aladas que o vento se encarrega de dispersar pela terra. O mesmo acontece ao polen vivo lançado pelos estames das plantas unisexuaes; levado pelos insectos alados, ou pelo ar, elle atravessa os mares e os desertos e vai fecundar as flores isoladas.

Para convencer-nos da existencia de uma multidão de germens presentes em toda a parte, e que só esperão a reunião de circumstancias particulares para terem vida, basta vêr alguma porção de agua impregnada de materia organica encher-se de seres vivos depois de um curto espaço de exposição ao ar e á luz.

(Continúa.)

POESIA.

A ABELHA.

Il vous semblait,
Las! qu'elle repandait
La plus aimable odeur.
Helas! ma bonne, helas! que j'ai grand'peur!

CAZOTTE.

Que vens tu fazer, abelha,
Lindo insecto zumbidor ?
Que vens tu dizer ao prado ?
Que vens tu dizer á flôr ?

Eu sei, insecto maldito,
Que para fazer teu mel,
Matas a flôr, em que pousas,
A linda flôr do vergel.

Encostas teus beiços d'oiro,
Teus lindos, doirados pés
No seio virgem das flôres,
Porque não sabem quem és !..

Porque sua irmã te julgão,
E julgão, quando te vêm,
Que és uma flôr sem raizes,
Ou uma flôr, que azas tem.

E depois... teu beiço é doce !..
Sabe tanto o teu zumbir !..
E a flôr inclina a cabeça,
E pensa que é p'ra dormir.

E pensa que o somno é bello ;
Que n'outro dia ha-de vir
Com a auróra os mesmos orvalhos,
Com o sol o mesmo fulgir !

Que nos teus braços, abelha,
Ai ! nos teus braços de irmã
Ha-de emballar-te a noute,
Beijar-te ha-de a manhã.

Eu sei abelha maldita,
Eu sei qual é teu ardil :
E's como um verme : a teu modo
Urdes a rede subtil.

Foge, flôr, d'essa mortalha
Não queiras perder assim
Tuas roupas de esmeralda,
O teu ouro, o teu setim.

Oh ! linda flôr, foge d'ella ;
Foge d'ella , ó linda flôr,
Não ouças aquelle insecto,
Que é meigo, quanto é traidor.

Ha-de dizer-te : » E's a perola
« Do esmeraldino roupão,
« Que cahe dos hombros dos montes,
« E tolda em pregas o chão ! »

Ha-de chamar-te : « Princeza ! »
E ha-de o teu throno beijar ;
E ha-de dizer que é bem pouco,
P'ra quem merece um altar !

Ha-de amparar-te nas azas
Da chuva, quando cahir :
Bello diadema de orvalhos
Só te ha-de a fronte cingir.

Molle orvalho perfumoso,
Que á seiva dá mais vigor,
Que torna ainda mais linda,
Em que seja linda a flôr.

E ha-de dizer-te inda a abelha,
Que pódes, ó flôr, dormir,
Que nem as mesmas estrellas
Em teu pousal hão-de vir...

Que na tua molle cama,
Nos brancos lençóes, que tem,
Que nas cortinas... no berço..
Ninguem bulirá... ninguem !

Que as tranças d'ouro ligeiras,
Que em ondas vêm a rolar
Da espadua negra da noite,
Que tem a fronte a estrellar,

E os pés calçados de sombra
Pela terra a caminhar...
Não hão-de em teu seio puro
Não hão-de se perfumar !

Que a brisa é molle e suavissima,
E o sol desceu do zenith ;
Que anda no valle vizinho
O vaidoso colibri !..

E que elle mesmo é um pobre
Bichinho, que causa dó :
Um argueirinho com azas,
Um bocadinho de pó !

Ha-de dizer-te : « Eu te juro,
« Que Deus fez mal, se lhe deu
« Andar os mesmos espaços,
« Onde andão aguias e eu !. »

Tu ficarás encantada,
Tu te has-de julgar feliz
De teres, quem te ame tanto,
Quem tantas cousas te diz !

Que extremos !.. Ter amplo o espaço,
O céo livre, e grande o ar !...
Ter azas !. e não deixar-me !..
Oh ! como ella sabe amar !

Sim ! eu de certo amaria
Tão boa amiga : sei bem :
E' linda, e além de linda,
Quasi é minha irmã tambem !

Mas eu furtára um momento
A tão delicado amôr,
E fôra ao valle vizinho,
Sahira a vêr outra flôr.

Subira ao céo : minhas azas
Molhára-as em seu clarão...
E até em pensal-o dóe-me,
Sinto-me humilde no chão.

Oh ! abelha, linda abelha,
Abelha, extremosa irmã,
Ah ! deves amar-me muito !
E's bôa, quanto és louçã !..

Dorme comigo em meu berço :
A noite vem a chegar :
E as brisas, que hão-de embalar-nos,
Vêm lá das bandas do mar !..

E abrirás o teu berço
De seda, d'ouro e setim,
Flôr bôa, Abel das campinas,
A' abelha, seu máo Caim.

E inclinarás a cabeça
Na hora do teu dormir ;
E um surdo tremer de flôres
Em todo o val se ha-de ouvir !..

E hão-de encontrar n'outro dia —
Já sem perfume e sem côr
No teu berço mutilado
O teu cadaver de flôr. —

Maldita, maldita abelha,
Que para fazer teu mel,
Matas a flôr, em que pousas,
A linda flôr do vergel. —

DR. LUIZ DELFINO.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO.

—

QUESTIONS D'ECONOMIE POLITIQUE ET DE DROIT PUBLIC

par G. Molinari — Bruxelles—1861—2 *vol. in* 8.°

Indubitavel é a importancia que aos problemas economicos e politicos liga a sociedade moderna. Acabou-se o reinado das abstracções e começa o da realidade. Nunca melhor comprehendeu-se e executou-se o *nisi utile est quod facimus, stulta estgloria* do que em nossos dias.

O illustre escriptor, cuja nova obra ora annunciamos, é dos mais estrenuos campeões da escola liberal, e dos que com mais talento e convicção sustentão os seus phenomenos. Partindo do principio que devem ser amplamente garantidas a liberdade individual e a propriedade, examina todas as theses que d'elle dimanão e com notavel lucidez discute todas as questões que mais vivo interesse inspirão.

Depois de haver preludiado com a exposição das mais recentes theorias ácerca da formação do preço, entra na mui debatida questão da liberdade do trabalho, e profliga com energia os funestos cancros da escravidão e do monopolio. Nem menos veridicas são as suas ideias relativas á liberdade das associações e do credito, onde evidentemente prova as vantagens do regimen das associações. As liberdades

do ensino, da caridade e dos cultos merecem-lhe serias reflexões e quanto a nós nada deixa a desejar a maneira por que as tracta. Occupa-se em seguida com a liberdade dos theatros, e estuda com o maior cuidado até que ponto póde ser ella levada sem damno para a moralidade publica. O exame dos systemas proteccionista e da expansão do credito com a suppressão dos direitos differenciaes, dos empecilhos aduaneiros, merecem-lhe particular desvelo, e com lealdade examina o seu pró e contra, pendendo porém para a escola progressista. Termina o Sr. Molinari a sua excellente obra estigmatizando a guerra e sustentando os inauferiveis direitos da propriedade litteraria.

LOUIS XVI ET SA COUR *par Amedée René-Paris* — 1858 — 1 *vol. in* 8.°

Pondo a ultima de mão á excellente *Historia dos Francezes* de Sismondi, comprehendeu o Sr. Amedée René a conveniencia de estudar minuciosamente a vida do rei bondadoso, que, victima innocente, expiou as faltas de seus antecessores. De posse de importantissimos documentos, levanta a ponta do véo que encobria muitos mysterios que para nós erão de todo inexplicaveis. Guarda em seus assertos a mais completa imparcialidade, e louvavel é sempre esse seu empenho em procurar a verdade atravéz das opiniões desencontradas que a paixão ou a malevolencia havião dictado. Cremos que a leitura d'este livro torna-se necessario preliminar da magnifica obra do Sr. Thiers sobre a revolução franceza.

MADAME LA DUCHESSE D'ORLÉANS — *Paris* — 1859 — 1 *vol. in* 8.°

Um distincto escriptor que, certamente por modestia, quiz guardar o anonymo, consagrou sua brilhante penna á biographia da illustre princeza Helena de Mecklembourg-Schwerein, mais conhecida por duqueza d'Orléans. Ainda está na memoria de todos o enthusiastico acolhimento com que toda a França recebeu a esposa do principe hereditario, que pelo seu cavalheirismo e nobres qualidades soubera grangear tão grande popularidade. « A chegada da duqueza d'Orléans a Fontainebleau (diz o seu biographo) foi um dos mais bellos e singulares espectaculos de que tenha sido testemunha este logar. Foi um d'esses momentos (hoje tão raros) em que o paiz e a familia que o governava se unirão por identicas emoções, em que se confundirão o publico interesse e a felicidade particular da familia d'Orléans. O casamento do principe real parecia dissipar toda a inquietação pelo futuro, julgava-se entrar em pleno n'uma era de prosperidades. »

Curtos forão para a duqueza d'Orléans os momentos de felicidade : em breve viu o thalamo convertido em tumulo, o manto real que no futuro se lhe antolhava trocado pelo crepe da viuvez, e a paz e doçuras do lar domestico perturbadas pelos amargores do exilio. N'estas diversas phases da sua vida mostra-a o eximio biographo sempre digna de si mesma, sempre na altura de sua elevada posição.

BIBLIOTHECA NACIONAL
—DO—
RIO DE JANE

Quando, porém, toca a princeza Helena as raias do sublime, é n esse memorando dia 24 de Fevereiro de 1848, em que, emulando com as heroinas gregas e romanas, não duvida arriscar seus dias em pról do throno de seu filho. Joanna d'Arc da realeza, ella se offerece ás iras populares, e procura, escudada pelas suas graças naturaes e pela innocencia de seus filhos, salvar a dynastia de Julho que, impellida pelo furacão revolucionario, ia sossobrar-se nos cachopos das paixões.

A's almas nobres, aos corações sensiveis, destina-se principalmente este livro, admiravel quadro das vicissitudes humanas.

LES PEUPLES DU CAUCASE ET LEUR GUERRE D'INDEPENDENCE CONTRE LA RUSSIE *pour servir à l'histoire la plus récente de l'Orient par Frédéric Bodenstedt, traduit par le prince de Salme Kyrburg — Paris* — 1859 — 1 *vol. in* 8.°

« E' esta obra (na expressão de seu auctor) chamada a preencher um vasio na historia moderna e a dar uma apreciação historica de um grupo de população cuja maior parte é apenas nominalmente conhecida na Europa. Tem por fim representar esses povos em sua vida intima, dar documentos sobre os seus dialectos, religião, usos e costumes, n'uma palavra esboça suas luctas contra o colosso russo que os esmaga. »

Incontestavel é a magnitude de semelhante obra, e de quanta utilidade seja a sua leitura para a bôa comprehensão d'essa complicada questão do Oriente, que até em sua immobilidade ameaça perturbar a paz da Europa, e quiçá do mundo. As informações pautadas por um homem, que á grande instrucção e experiencia juncta o conhecimento especial das localidades de que se occupa, são por certo summamente apreciaveis, e mui proprias para iniciar-nos nos mysterios da politica russa, e fornecer-nos o fio d'Ariadne com que possamos penetrar n'esse acanhado labyrintho das intrigas e machinações com que o gabinete de S. Petersburgo solapa pelos seus alicerces o imperio ottomano.

Divide o auctor o seu livro em tres secções, a saber : — a Russia e a questão do Oriente; — a Russia e os povos do Caucaso — lucta dos povos do Caucaso Oriental contra a Russia — e a cada uma d'estas partes consagra uma serie de estudos em que miudamente examina a situação tanto dos opprimidos, como dos oppressores, deduzindo de tal situação a provavel attitude que n'um proximo futuro tomaráõ os negocios d'esses paizes.

Cenvencidos de que nem um homem de juizo se enganará com a calma apparente dos negocios do Oriente, nem tão pouco que haja quem creia na resurreição da Turquia operada por Abdul-Azis, chamamos a attenção dos leitores da *Revista* para as considerações que luminosamente expendeu o Sr. Bodenstedt.

MISCELLANEA CURIOSA.

VAGAS DO MAR.

— Explicae a causa das vagas do mar?

O vento comprime desigualmente a superficie do mar e deprime mais uma parte do que outras; esse abaixamento occasiona uma elevação correspondente, seguida logo de abaixamento. Constituem, pois, as vagas essas ondulações. Abstrahindo o impulso dos ventos, não são as vagas mais do que um movimento ondulatorio no sentido vertical, de baixo para cima e vice-versa, sem avançarem nem recuarem.

— De onde provém a escuma do mar?

Da divisão excessiva da agua sob a acção dos ventos na parte superior das vagas: as moleculas d'agua divididas levão comsigo ar, e constitue a escuma a mistura de ar com agua.

CHUVA.

— O que vem a ser a chuva?

E' a liquefacção das nuvens; isto é, a precipitação ou abandono das aguas que as nuvens conservavão suspensas, a aglomeração em gottas maiores e mais pesadas, que cahem em virtude de seo proprio peso, de gottas infinitamente pequenas, que pairavão no ar.

— Qual é a causa geral da chuva?

O resfriamento da massa de nuvens é que dá em resultado o augmento consideravel de pequenas gottas, tornando-as d'est'arte assaz proximas, de modo a se unirem em gottas maiores, que se não podem conservar suspensas no ar.

— Mencionai as causas que favorecem a formação da chuva?

1°. A accumulação de vapores condensados.

2°. A agitação occasionada por correntes de ar em direcções diversas.

3°. O apparecimento de qualquer vento humido e quente.

4°. Uma mudança na temperatura do ar.

5°. A condição electrica do ar.

6°. A irradiação das nuvens.

7°. O augmento da pressão athmospherica.

8°. A ascenção de massas de vapor humido ou de nuvens ao longo da encosta de montanhas; ou na athmosphera, quando se amontoão umas sobre outras, de modo que as camadas de ar inferiores são demoradas na subida pelo contacto do sólo.

— Porque é que cahe algumas vezes maior quantidade de chuva nas montanhas que nas planicies?

Porque pode acontecer que na ultima porção de sua queda, evaporise-se certo numero de gottas, deixando assim de cahir na planicie, ao passo que em forma de chuva, cahem todas sobre as montanhas.

FOME

—Porque o frio desperta a fome?

Primeiramente porque no seio de um ar frio e mais rico em oxigenio, é mais rapida a combustão interna; depois, porque o organismo, despendendo mais, para defender-se do frio externo, sente mais necessidade de reparar as forças.

—Porque a digestão rapida desperta o appetite?

Porque quanto maior é o consumo de elementos nutritivos, é natural que sinta-se a necessidade de novos elementos nutritivos.

—Porque em geral sentimos necessidade de actividade quando faz frio?

Porque instinctivamente sabemos que o movimento e a actividade augmentão o calôr animal.

—Porque é que as pessoas que se dão a trabalhos asperos tem em geral muito appetite?

Porque esse trabalho em que se empregão faz-lhes despender maior e mais rapida perda de elementos respiratorios e nutritivos.

—Porque o lêr, o cantar e o fallar em voz alta excitão o appetite?

Porque esses actos se não fazem sem que se despenda grande parte de elementos respiratorios e nutritivos.

—Porque é menos excitado o appetite á noite que de dia?

Porque durante o somno é menor a respiração e por consequencia a perda de elementos combustiveis.

—Porque em geral as pessoas que menos se alimentão são preguiçosas?

Porque sentindo falta de forças, não querem despender o pouco que possuem; resistem instinctivamente á actividade, que lhes causaria perdas, que não poderião reparar.

—Quaes são os entes que mais promptamente morrem por falta de alimentação?

Os animaes que tem o sangue quente e nos quaes é muito activa a respiração, como as aves e a maior parte dos mammiferos. Os herbivoros succumbem primeiro que os carnivoros, e os novos primeiro que os adultos.

—Porque emmagrecemos quando muitas vezes ou por muito tempo soffremos fome?

Porque em falta de alimentação é feita a combustão interna á custa do organismo, e perdendo sem cessar, e não lhe sendo reparadas as forças, devemos necessariamente emmagrecer.

—Quaes são os elementos do organismo, que, em consequencia da fome, são primeiramente consumidos?

A gordura em primeiro logar, porque é mais combustivel; depois os musculos, e etc.

CHRONICA DA QUINZENA.

Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1861.

A quadra parece-me apropriada para os inimigos da moderação; a cada canto encontra-se um espadachim de lingua afiada e ferina, que, mal sabendo onde lhe aperta o calçado, despoja-se d'elle para correr mais á vontade.

Contárão-me hontem uma anecdota n'esse sentido, e comquanto a pessoa de quem a ouvi não fosse testemunha ocular, todavia assegura-me ser tão verdadeira como é certo estarmos ameaçados a todo o momento de um cataclysma litterario.

« Um moço decente, porém dotado de um physico que pouco lhe abonava a força dos pulsos, jantava ha dias no hotel da Europa. Quando comia, aconteceu-lhe um d'esses insignificantes incidentes, que tão frequentes são na vida, e que não merecendo que por sua causa nos afflijamos, collocão-nos entretanto em uma posição ridicula e desagradavel e nos contrarião vivamente. Cortando uma aza de frango, resvalou o garfo pelo esmalte do prato, e o molho ahi contido, derramando-se, foi cahir na calça de um sujeito, que trajava no rigor da moda: este figurino representava ter grande robustez, e não era senhor do seu genio intractavel e por demais espinhado.

« O moço, a quem por cautela chamarei P***, sentiu o rubor assomar-lhe ás faces, emquanto o seu vizinho, desde muito conhecido por *Mata-mouros*, resmungava entre dentes e despedia raios dos seus olhos chammejantes.

« P***, como homem de educação, voltou-se sorrindo para o nodoado figurino, e mui polidamente pediu-lhe que o desculpasse; porém ainda uma vez verificou-se o axioma de que — a grosseria encara sempre a cortezia como attributo do medo. — Ouvindo P*** exprimir pezaroso os seus sentimentos, o mal creado ergueu a voz e manifestou aos gritos que não admittia desculpas.

« Se P*** tivesse outra compleição! Franzino como era, não quiz logo aventurar-se, consultou a sua coragem, e disse de si e para si: » O negocio complica-se, e não tenho remedio senão expor-me; quanto mais moderado me mostro, tanto mais insolente se torna aquelle Hercules; todos olhão para mim e parecem condoer-se do papel que estou fazendo! Vejamos se a fabula do *carneiro hydrophobo* tem applicação ao caso, e ponhamo-nos a pé!... »

« — Contenha-se, senhor, bradou elle com voz firme, e nem mais palavra! A sua intolerancia apura-me a paciencia, leva-me ao ultimo extremo, e constrange-me a propor-lhe uma reparação!

« *Mata-mouros* acalmou-se logo, como se tangido fôra por uma varinha magica, e tractou de amaciar a voz.

« — Diga, senhor, diga o que manda, proseguiu P***; proponho-

lhe uma reparação, não ouve? e declaro-lhe que a desejo sem a minima demora, já e já!

« Encurralado por uma proposta tão violenta e inesperada, o figurino passou a mão ao chapéo e á bengala, e esgueirou-se sem mais tugir nem mugir. P*** assentou-se de novo, e tranquillamente começou a fazer a autopsia do frango.

« Um dos circumstantes, vendo-o mais acalmado, dirigiu-se a elle, e fez-lhe a seguinte observação:

« — Não ha duvida que o senhor chamou á ordem aquelle animal; porém, cumpre confessal-o, por bem pouco arriscou-se a soffrer uma desfeita...

« — Que desfeita! Estava resolvido a tudo; e demais, como havia eu de hesitar em propor-lhe uma *reparação* que conscienciosamente lhe devia? Com dois ou tres mil réis pagos a um tintureiro, applacaria a tempestade, e dava uma satisfação em regra!... »

* * *

Ainda estava aberto o salão da Pinacotheca, e continuava a exposição de differentes trabalhos das escolas ingleza e franceza.

Postados em frente do magnifico quadro de Victor Meirelles, contemplavão dois individuos a inspiração do artista, e um ao outro communicavão as suas reflexões: o painel da *primeira missa celebrada no Brasil* era o alvo da critica.

Um d'esses dois amadores manifestava ao seu companheiro a admiração de que era presa, e por isso gesticulava e servia-se de burlesca pantomima: pelas costas verieis n'elle um janota bem feito e apessoado; pela frente encontrarieis um d'esses semblantes enfumaçados e côr de azeviche transportados da costa de Guiné.

— Que lindo céo! exclamava elle; como está bem pintado aquelle padre, como a folha do missal parece mover-se!... E os caboclos..... que caras, que olhos! Oh! está muito bonito!

Apenas acabava de proferir estas palavras, recebeu no hombro um formidavel murro, e se immediatamente se não voltasse, far-lhe-ião presente de outro para ajudal-o a equilibrar-se. Quasi lançado por terra, dirigiu-se furioso para o seu aggressor, que o esperava com o punho fechado, e achou-se face a face com um homem avermelhado de trinta e cinco a quarenta annos, cuja physionomia distincta e sympathica parecia animada por violenta colera.

— Oh! *bruta!* disse o offensor dando um passo para diante; tu tambem *estar* gente para julgar *d'este*, tu *estar entendida* para fallar bellas artes?!..

O misero admirador do quadro estava tão enfurecido, que não podia sequer articular uma palavra, e limitava-se a revolver os olhos nas suas orbitas esbranquiçadas como se imitasse o *negro de ouro* que o Simonard tem á porta.

Ao conflicto que ia dar-se acudirão todas as pessoas presentes; indagárão do motivo que occasionára aquella scena desagradavel, e mostrárão-se indignadas á vista do que lhes expoz o offendido.

Perguntando-se ao aggressor por que razão procedêra com tanta barbaridade, nada respondeu a principio; porém as suas feições soffrêrão rapida transformação, e para logo elle mudou de attitude: em seguida córou, balbuciou algumas palavras inintelligiveis e patenteou a sua confusão; tornando a si, explicou-se mais claramente, declarou ser subdito da republica Norte Americana, e que esperava o paquete para dirigir-se á Europa; esquecido de que não estava no seu paiz, cedeu á força do habito, e, sem saber como, deixou-se arrastar por um movimento tão digno de censura.

Com a maior espontaneidade pediu desculpas ao aggredido, que não teve a baixeza de negar-lh'as; sem tornarem-se amigos, retirárão-se em paz, deixando á historia contemporanea uma bella pagina para ser commentada a seu tempo.

*
* *

O Sr. L. M. Pecegueiro, que por mais de uma vez tem-me prestado o seu valioso concurso para tornar menos pesado o encargo por mim contrahido, lembrou-se de offerecer-vos a linda poesia abaixo transcripta.

Agradecendo-lhe a offerta em vosso nome, pela minha parte protesto-lhe toda a gratidão de que se me tem feito credor, e ouso assegurar-lhe que a sua producção ha de ter o mesmo acolhimento que as demais já publicadas.

DELIRIO.

« Onde estou?... o que sou?... ah! sim.... é ella!...
Esta vida lhe dei!?... pobre esperança!...
Morreu-me n'alma a crença?... sim... que importa?...
Louco!?... louco de amor?!... fatal lembrança!...

« — Ah! ah! ah! ah!... — Um riso!?... mas que riso?....
Eu choro?!... pois as lagrimas tão promptas!?...
Rir e chorar.... ao mesmo tempo?!... Ai, misero!....
E quem te pede d'essa vida as contas?!...

« Sou eu.... sim!... mas não, não sou.... é ella!...
Ella, sim.... eu a vejo.... oh! que martyrio!...
Vêr sua imagem!?... mas que fogo é este?...
Perco a luz da razão?!... — será delirio?!...

« Delirio?!... que!... pois eu acaso agora....
Mulher, que tanto amei.... porque me deixas?...
Volve o rosto!... lá foge!... não me attende!...
Coração, coração.... porque te queixas?!...

« Ah! sim.... me lembro agora.... n'essa noite....
Eu a vi.... sentada ali.... que louco intento!...
Brilhava a lua.... no jardim.... e ella....
Junto d'elle.... meu Deus!... fatal momento!...

« Bem o vejo.... ali está.... furta-lhe beijos....
Deposita uma flor.... em seu regaço...
Inclina-se.... meu Deus.... meu Deus.... que angustia!
Outro beijo.... mais outro.... um terno abraço!...

« Me repelle?!... prefere-o!... a mim que tanto,
Tanto por ella fiz!... ser desprezado!...
Não importa!... oh! razão!... oh! luz divina!...
Chegaste?!... sim, chegaste?!.. — estou vingado!...

* * *

Contadas são as pessoas que deixão de abusar da autoridade que se lhes confere: quanto mais subalterna é essa autoridade, tanto mais imperiosa ella de ordinario se ostenta, e, regra geral, os tyrannetes mais insignificantes são tambem os mais crueis e amigos de vexar.

Ultimamente certo empregado superior de um escriptorio commercial concebeu a idéa de pôr em pratica um vexame para elle engenhoso: ordenou aos outros empregados seus subordinados que rapassem a barba e o bigode dentro de vinte e quatro horas.

Entre as victimas da inesperada reforma havia um rapaz, que possuia bella barba e bellissimo bigode: para acreditar-se n'essa belleza superlativada bastará saber-se que os negros fios d'aquella e principalmente os d'este fizerão a conquista do coração de uma linda menina, com quem o proprietario do dote *capillar* está em vespera de casar-se, recebendo no acto de effectuar-se a transacção uns quarenta contos para cosmeticos.

Depois de lhe ser intimada a ordem do seu chefe, N* conversou com os seus botões n'estes termos:

— Com um milhão de demonios lá se vão d'esta vez todas as minhas esperanças! Se corto a barba e rapo o bigode, necessariamente hei de mostrar o terreno em que tanto uma como o outro estão plantados, e sou o primeiro a confessar que n'elle se encontrão algumas escabrosidades: tenho mesmo uma cara de diabo! Não ha duvida que, desfazendo-me do precioso adorno, desagrado á noiva, e adeus casamento; no caso de querer conserval-o, devo despedir-me do escriptorio, onde ganho 1:500$ e fico á mingua de todos os recursos! *O negocio é serio,* e *o ponto principal da questão* consiste em saber, como tantos outros, accumular os dois beneficios: o que farei para conseguil-o?

Reflectiu por espaço de quatro horas, e ao fim de todo esse tempo nada adiantou: estava em apuros e a sua imaginação recusava-se á combinação de um plano exequivel. Ao anoitecer sahiu do escriptorio; até então taciturno e pensativo, o seu semblante transformou-se: n'elle começava a despontar a calma; um sorriso já lhe entreabria os labios.

Apressado dirigiu-se á rua do Ouvidor, entrou em casa de C. Guignard, chamou-o em particular, e apertando-lhe a mão com effusão, disse-lhe sem pestanejar:

— Trago aqui cem mil réis, que serão seus no caso de querer encarregar-se de fornecer-me um par de suissas e um bigode postiço...

— O Sr. está brincando....

— Brincando?

— Pois quem tem uma barba como a sua precisa de postiços?

— Escute primeiro, e verá se é ou não real a precisão. Sou obrigado a deitar abaixo esta floresta que o enleva e ao mesmo tempo força é em certas occasiões apresentar-me com ella. Necessito, pois, de um postiço que a substitua perfeitamente tanto no feitio como na côr; examine o talho do queixo, e mãos á obra. E' indispensavel que semelhante mudança de scenario escape á vista mais perspicaz, e com especialidade a uns olhos maganos e travessos pelos quaes estou muitissimo apaixonado.

O astuto cabelleireiro declarou que tudo se podia fazer: barbeou o pobre rapaz, derrubou-lhe o espesso bigode, e deu-lhe audiencia para o dia seguinte.

N* pouco dormiu durante a noite; ao despertar passou a mão pela labio superior para torcer os negros pellos que fazião as suas delicias, e teve de retiral-a contristado e molesto: os espinhos não se prestavão a caricias. Vestiu-se amargurado, e foi refugiar-se nos braços do trabalho; antes, porém, de chegar ao escriptorio, teve de atravessar as forcas caudinas do sarcasmo e do motejo.

Ao cahir da noite procurou o seu couteiro, e este entregou-lhe, guardados em elegantes caixinha, os arbustos e parasitas de que na vespera o havia desapossado: N* recebeu dois primorosos artefactos que garantião-lhe o uso de duas caras conforme as circumstancias.

Para fabricar os adornos postiços, o artista serviu-se unicamente dos despojos havidos de N*, que viu-se assim senhor de sua barba.

Quando elle vai para o escriptorio, sahe barbeado como um actor; quando dirigi-se a casa da noiva, applica os seus postiços.

Até aqui correu-lhe tudo á medida dos seus desejos; o tyrannete está satisfeito, a menina não o está menos, e o dia do casamento avizinha-se. Porém não ha gostos perfeitos: o rapaz ainda não vive tranquillo. Tem um futuro cunhado, demoninho de cinco para seis annos, que acha indizivel prazer em amimar-lhe as suissas e puxar por ellas!

— Se o tal criançola, diz N* todas as vezes que se dispõe a ir arrastar a aza á sua noiva, tiver a fantasia de divertir-se com a

minha barba, está tudo perdido; que máo costume, e para o que lhe havia de dar!...

Para prevenir qualquer accidente, guarda sempre a devida distancia, evita a festa que lhe faz o pequeno, e não consente que elle venha aninhar-se sobre os seus joelhos. O menino já lhe observou que o acha menos amavel do que outr'ora; porém N* finge que não o comprehende, e interiormente se compromette a reconquistar as boas graças do traquinas, apenas effectuar-se o consorcio: então haverá tempo para tudo.

*
* *

A historia de uma moça rica continúa a ser ouvida no Gymnasio com a mesma acceitação, que obteve quando representada pela primeira vez.

O publico reconheceu no trabalho do Sr. Dr. Pinheiro Guimarães uma obra prima, e tem sido insaciavel em prodigalisar-lhe applausos.

Este drama já conta doze representações consecutivas, e em nenhuma d'ellas viu-se ainda desoccupado um unico logar no salão do theatro.

Os artistas, que desde a primeira recita havião satisfactoriamente comprehendido os seus papeis, tirão todos os dias novo partido da conceituada producção, e a têm collocado na altura a que ella estava destinada.

— A companhia franceza vai muito bem, já cantou a sua quarta opera, e com a terceira, *Domino noir*, firmou a sua reputação.

Não gozando dos fóros de companhia de primeira força, aproveita todos os seus recursos, e eleva-se acima do mediocre; satisfaz e por conseguinte agrada.

A Sra. Almonti, a quem não falta talento e graça, desempenha com aptidão todas as partes de que se encarrega, e já nos *Diamantes da corôa*, já nos *Mosqueteiros da rainha*, já no *Domino noir* e ultimamente no *Barbeiro de Sevilha* deu exuberantes provas de que é artista intelligente e conhecedora da scena.

A Sra. Guille, cantora um pouco mais fraca, não deixa tambem de ser bôa artista; comprehende bem os seus papeis, dá-lhes o desenvolvimento que cabe em suas forças, e se alguma cousa deixa a desejar, não é certamente por falta de estudo e applicação.

Outro tanto não se póde dizer do Sr. Duchaumon, que se distrahe a miudo, e parece querer comprometter a orchestra.

Para que não se perca a harmonia, indispensavel entre as partes vocal e instrumental, faz-se preciso que o Sr. Guille, regente da orchestra, se impaciente e afflija; felizmente ali a obediencia é cega e não ha quem se conspire contra o movimento da *batuta*.

CARLOS.

RIO DE JANEIRO.—TYP. DE PINHEIRO & C.ª, RUA DO CANO N. 165.

A SENHORA DAS CANDEIAS.

LENDA.

Na magnifica e magestosa bahia, cujas aguas vão banhar a poetica cidade de S. Salvador, outr'ora capital d'este vasto Imperio, que Cabral descobrira, e onde pela primeira vez tremulára o estandarte da cruz aos olhos dos indigenas admirados, maravilhada se recreia a vista descortinando os mais bellos e pittorescos panoramas.

Parece que a natureza tantas vezes caprichosa se esmerára em aformosear aquellas paragens, ali amontoando, com indizivel graça, todas as riquezas e bellezas que exhaurira de seus cofres.

O viajante europeu, habituado a vêr sómente na velha e trabalhada terra da civilisação a obra da mão e da intelligencia do homem, não póde conter um grito de admiração e de prazer, nos arroubos de seu enthusiasmo, ao descortinar a natureza viva, formosa, variada como a da nossa terra, ostentando galas e primorosos donaires.

Como é imponente e magnifico o panorama que seus olhos descortinão !

De um lado vê esguer-se a cidade, como uma fada que se debruça sobre as aguas e se adereça de galas ; a seus pés estende-se a bahia, tão limpida, tão calma, tão azul, semelhando um vasto lago, sulcado de navios, que o sombreão ; em frente á cidade, que tão poeticamente chrismarão de — princeza das collinas, surge a bella e historica ilha de Itaparica, que se estende pela bahia indo terminar muito além da barra, e como elegantes oasis no deserto dos mares, aqui e ali, em arte caprichosa, despontão pequenas ilhas, cobertas de verdura, onde a vista se recreia sem poder fartar-se.

Oh ! e porque não me é dado ver-te, minha tão bôa e tão querida terra ! Porque deixei teu sol tão ardente, tuas brisas tão puras, teu céo tão diaphano, tua lua tão pallida, para vir aqui, semelhante á planta arrancada da terra onde lhe germinára a semente, emmurchecer sob outro céo, crestar aos ardores de outro sol, e scismar á pallidez de outra lua ! Porque arrastou-me a fatalidade para tão longe do meu berço natal, onde se me ia a vida descuidosa e feliz !...

E' mui bella a bahia, cujas aguas azuladas banhão os pés da cidade das collinas.

Entre as ilhas pequeninas que a sulcão, olhemos em direcção ao norte... passemos a ilha das *Cannas*, passemos mais a ilha dos *Frades*, deixemos á direita a ilha do *Bom Jesus* e fitemos os olhos n'aquelle ponto verde-negro, que além sobresahe ás ondas e avizinhemo-nos um pouco d'elle...

Chama-se a ilha da *Madre de Deus*.

Estais vendo por entre a verdura da folhagem aquelle ponto branco, onde se reflecte o sol?

E' a modesta capellinha de N. Senhora de Guadalupe.

Entremos.

E' bem pequena, bem modesta... As tendencias de hoje não são mais as dos seculos passados; tem outras idéas a geração presente; não se erguem mais esses templos monumentosos, que nos legárão os antepassados, a fé parece que se vai arrefecendo, são outros os gostos, outras as tendencias da geração contemporanea.

E' pois bem pequena, bem modesta a capellinha; não ha n'ella cousa alguma para admirar-se, nem a belleza da architectura, nem o bem acabado da obra; é simples como a naturesa, modesta como a religião, mas como é poetica tambem? Collocada sobre o alto de uma collina, parece dominar o mar, e o viajante que entra ou sahe do porto, cheio de fé, e levando uma esperança, ou trazendo um voto de agradecimento, tira o chapéo e murmura uma prece á padroeira dos navegantes, que protege-os nos embates procellosos, nos arremessos do oceano.

Sobre o altar vê-se a imagem da Virgem, cuja invocação é a da Senhora das *Candeias*. O dia 2 de Fevereiro, em que commemora a igreja a Purificação da Virgem, é o da festa da Senhora das Candeias e para ella, em grande multidão, concorre o povo das demais ilhas circumvizinhas e da cidade.

Ao despontar o sol d'esse dia cobre-se o mar de canôas, que cortão ligeiras as aguas tranquillas da bahia, trazendo mil devotos para a festa da Senhora.

Nas tradições populares é milagrosa aquella imagem da Virgem e os paineis commemorativos de seus prodigios enchem as paredes alvas da sacristia da capella.

Especialmente costuma ser invocada nas molestias d'olhos, e a Virgem que veiu ao mundo accender a lampada d'alma que o peccado da primeira mulher havia apagado, accende tambem a lampada do corpo, abrindo á luz, de que se achavão privados, os olhos dos que invocão-na com fervor e confiança robusta.

Quantos prodigios não poderia aqui referir, baseados em testemunhas que ainda vivem, e invocando os mesmos que d'elles forão objecto! Ora é a mãi extremosa privada de tão doce consolação de vêr os queridos penhores do seu amor; — ora o esposo, que não póde ver aquella a cuja vida se ligára pelo sentimento mais legitimo e mais santo.... e em um bello dia, invocando com fé a Senhora das Candeias, como Saulo outr'ora sentem cahir o véo espesso que lhes occultára aos olhos a luz brilhante do astro que aformosêa a natureza.

Achão-se registrados na memoria de todos e attestão-nos os paineis suspensos na sacristia da capellinha.

Junto á igreja, de um rochedo que lhe fica ao lado, mana um fio de crystallina agua; seja o que fôr, o que é certo é que molestias d'olhos, que têm resistido aos esforços aturados da sciencia medica, têm cedido immediatamente, ou com pequeno intervallo de demora,

banhados os olhos com a agua milagrosa do rochedo, e onde é tradição, que vai passando de geração em geração, que fôra encontrada por alguns pescadores a imagem da Virgem, e junto á qual se erguêra a modesta capellinha.

Não queira a sciencia explicar nem a descrença discutir o facto, deixem a fé do povo explical-o a seu modo; arida deve de ser a explicação da sciencia, zombeteira a discussão da descrença e poetica e proveitosa ao coração a que inspirar a fé e a crença popular.

Quasi no centro da igreja vê-se uma especie de cova que nunca pôde ser fechada. Dizem os velhos moradores da ilha que diversas tentativas têm havido para conseguil-o, mas baldadas todas; deita-se terra, muita terra, enchem-na e no dia seguinte a encontrão, lançada fóra e a cova aberta como se achava na vespera.

Pensando que não devião insistir, collocárão em redor da abertura uma grade, e a deixárão attestar aos que ali forem os effeitos da punição do céo e da clemencia da Virgem.

Eis como resa a lenda.

Poucos annos havia que a modesta capellinha se tinha erguido, e a milagrosa imagem, encontrada junto ao rochedo, multiplicava as curas, dando vista aos que lh'a pedião confiados.

Grande era a peregrinação dos devotos, porém muita gente tambem lá ia levada apenas por mero espirito de impertinente curiosidade ou de reprovada incredulidade.

Um dia entrou na capella um d'esses homens que procurão ostentar *espirito* á custa das crenças religiosas, escarnecendo-as e ridicularisando-as.

Era um domingo; muito povo se achava no recinto sagrado e havia o padre já começado o sacrificio da missa.

Então esse homem, erguendo a voz e olhando para o altar, disse apontando para a Virgem, em tom de escarneo:

— Oh! Ahi está a *senhorinha* de tantos milagres!

Olhárão-no os assistentes e alguem lhe disse:

— Se não acredita, retire-se; para que vir aqui insultar-nos em nossa crença?

— Pobre povo! retorquiu o blasphemo, pensa que uma figura de barro póde fazer milagres!

De subito a terra abre-se-lhe aos pés, quer correr o blasphemo, força occulta o impede; forceja embalde, attrahe-o a terra, mais funda vai-se tornando a cova... havião-lhe já desapparecido os pés, as pernas, e meio corpo apenas lhe restava.

— Pois bem, gritou elle no supremo arranco da desesperança e do arrependimento; pois bem, valei-me, vós a quem acabo de offender, valei-me milagrosa Senhora das Candeias.

E immediatamente deixou de subverter-se: impossivel, porém, foi ao misero sahir, ergueu-se o povo, tentárão-se esforços, embalde, o pobre blasphemo estava apegado á terra, que o não queria soltar.

Assim passou-se todo o dia, chegou a noite e sempre a mesma posição.

No seguinte dia o povo affluiu á igreja; o padre dirigiu-se para o altar; começou o sacrificio da missa, e ao erguer da hostia, virão todos uma menina, trajando vestes brancas, com uma grinalda de flôres coroando-lhe a fronte... ninguem soube quem era ella, ninguem a viu entrar, chegou-se ao infeliz e dando-lhe a mão fel-o sahir sem difficuldade da cova em que se achava meio enterrado.

E depois desappareceu, sem que se soubesse por que logar, nem de que modo.

E' esta a lenda que ali contão e assim m'a contárão; verdadeira ou não, o que é certo é que a cova ali se acha, sem que a possão fechar.

PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.

BRASILEIROS CELEBRES (*)

D. ANTONIO PHILIPPE CAMARÃO.

Crê-se que nas vertentes da serra Hibyapaba, proximo ao sitio, onde hoje ergue-se Villa Viçosa, na importantissima provincia do Ceará, vira a luz do dia no começo do seculo XVII o valente *moçarara*, cuja vida ora esboçamos.

Pertencia á corajosa tribu dos carijós, que chamada ao conhecimento da verdadeira religião pelos incansaveis esforços dos jesuitas, tão poderoso auxilio prestára á civilisação européa.

O appellido de *Poty* (**) recebeu elle em sua *taba*, o nome Antonio na pia baptismal, addicionando-lhe mais tarde o de Philippe em gratidão ao monarcha castelhano pelas honras que lhe concedêra.

Ignoramos quaes forão as primeiras façanhas do illustre guerreiro que nos bronzes da brasilica historia gravou seu nome: pensamos, porém, que activa devêra ser a sua juventude, e que em marciaes exercicios adestrára suas forças para futuras e gloriosas empresas.

Contrahindo matrimonio com D. Clara, a Camilla brasiliense, cuja brilhante historia traçou o nosso erudito collega, ligárão-se essas duas

---

(*) Faz esta biographia parte de uma galeria de homens illustres nas sciencias, lettras, armas e virtudes, que deixárão de pertencer ao numero dos vivos; a qual, de combinação com o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, temos entre mãos, havendo para ella escolhido o titulo collectivo de PANTHEON BRASILEIRO.

A primeira parte, devida á habil e elegante penna do Sr. Norberto, é conhecida dos leitores pela denominação de *Brasileiras Celebres*, e se acha no prélo.

(**) Que quer dizer camarão.

existencias como dous galhos de gigantesco jequitibá, que altivo em nossas virgens florestas campêa.

Limitada era a scena do Geará para os grandes brios do bravo Camarão, que anhelava por achar occasiões em que puzesse á prova o seu raro denodo. O suspirado ensejo não se fez esperar.

Corria o anno de 1630 quando a opulenta capitania de Pernambuco foi acommettida pelas armas da Hollanda : a inercia de D. Philippe IV e a cavillosa politica do conde-duque de Olivares quasi inerme deixárão Mathias d'Albuquerque, quando no ceruleo horizonte branqueárão as sessenta e sete velas do almirante Loncq. A precipitada fuga das indisciplinadas tropas pernambucanas no Rio Doce, a tomada de Olinda, a despeito da corajosa defesa de Salvador de Azevedo, levárão o general portuguez a incendiar o Recife (que nessa época apenas cento e cincoenta casas contava) para não cahir com suas riquezas em poder do inimigo,concentrando suas exiguas forças á uma legua de Olinda, nesse famoso arraial que recebeu o nome de *Forte Real de Bom Jesus*.

Por cruel experiencia, reconhecendo Mathias de Albuquerque a absoluta impossibilidade de com vantagem luctar contra os invasores, lançou mão do expediente que aos fracos occorre, e organisou guerrilhas que aos hollandezes molestassem.

Para remir o opprobrio do Páo Amarello e do Rio Doce, corrêrão os moradores a alistarem-se nas *companhias de emboscadas*,como então se chamavão, e livres, percorrendo os arredores das fortificações inimigas, condemnavão-nas á penuria interceptando-lhes as primeiras e indispensaveis provisões.

Veloz chegou ao Ceará a nova da invasão hollandeza e do estrategico proposito formado por Albuquerque de exhaurir as forças contrarias sujeitando-as a frequentes e inglorios cambates. Martim Soares Moreno ahi commandava por delegação de D. Diogo de Menezes, nono governador-geral do Estado do Brasil, que, convertendo em prol da patria as sympathias que dos naturaes soubera grangear, convidou-os a voarem em soccorro de Pernambuco. Frustraneo não foi o seu appello:e echoou pelos valles e quebradas o rouco som da *inubia*, cingirão os carijós os rins das suas *induapes*, armárão-se com seus *tacapes* e brandindo os arcos despedirão jubilosos a certeira setta que em seu aereo ninho traspassava a metallica araponga.

Capitaneados pelo bravo *Poty*, encaminhão-se os selvagens para as ribas do Beberibe e annunciando a Mathias de Albuquerque suas ruidosas acclamações a chegada de oppurtuno e inesperado soccorro.

Por largo tempo equilibrão-se as forças,de um lado a pericia e do outro a astucia, de uma parte a sede das riquezas e do mando, da outra a abnegação e o amor da patria. Quem sabe mesmo para que parcialidade penderia a balança da victoria sem a negra traição de Calabar, que, amestrando os hollandezes nos ardis de seus compatriotas, entregou-lhes indefeso o Rio Formoso, deu-lhes a chave de Itamaracá arrancadas das honradas mãos de Salvador Pinheiro.

Alimentada por esses faceis triumphos, crescia a audacia dos invasores, e aconselhados pelo perfido *mameluco* (*) abalançárão-se á aggredir os pernambucanos em seu proprio campo. Advertido Mathias de Albuquerque de semelhante intento, chamou a conselho o intrepido Camarão, e tomando o seu avisado parecer, confiou-lhe honroso posto n'um sitio sobranceiro ao rio Guardez, de onde por meio de sentinellas destacadas podesse observar a navegação do rio. Erão duas horas da madrugada do dia 18 de Agosto do anno de 1633 quando presentirão as sentinellas carijós o soturno ruido que a taes deshoras fazião nas mansas aguas do Guardez cinco lanchas que de voga arrancada dirigião-se ao acampamento do Bom Jesus. Ao alarma sobreveiu Camarão que de emboscada se achava, e reunindo-se ao esquadrão, que de Pernam-Merim viera, cahiu sobre os hollandezes pondo-os em completo desbarato, e obrigando-os a largarem vergonhosamente o campo. E' esta a primeira façanha do destemido *morubixaba*, de que fazem menção os chronistas, e que grande reputação valeu-lhe.

As atrocidades pelo inimigo commettidas em Ipojuca, Cabo de S. Agostinho, Moribeca, Gorjaú, Maciape, e S. Lourenço exasperárão a tal modo o conde de Bagnuolo, que nesse tempo commandava o exercito pernambucano, que abdicou a defensiva em que se achava em Porto Calvo, ordenando a Camarão que com seus guerreiros fosse a Goyana tomar do hollandez ampla vingança. Como o raio cahiu o chefe brasilico sobre seus contrarios, levou tudo a ferro e fogo, arrasou reductos e fez basta colheita de despojos. Em vão buscou embargar-lhe os passos Artichofsky, que destroçado retirou-se fremente de raiva por ver-se *humilhado por um indiano a quem pensava ir dar antes uma lição do que offerecer uma batalha*, como se exprime o chronista Fr. J. de S. Thereza (**)

Pensou, porém, o audaz carijó na conveniencia de resguardar os moradores de Goyana das represalias que d'elles não tardarião em tirar os hollandezes ; e reunindo mil e seissentas pessoas, escoltou-as por espaço de quarenta leguas através de impervias veredas até á praça em que Bagnuolo as aguardava. Foi esta a segunda peregrinação dos pernambucanos, foragidos da patria, curtindo os amargores da fome e da sêde, expostos ás garras dos tigres e ao venenoso dente das cobras. A entrada do novo Josué em Porto-Calvo foi com as mais freneticas acclamações saudada, e ninguem houve que deixasse de n'elle reconhecer um miraculoso agente da Providencia na hora tremenda do exilio.

Porto Calvo, tão celebre nos annaes brasilios como Dio nos fastos lusitanos, contemplou ao redor dos seus derrocados muros a intrepidez de Camarão, e de sua invicta consorte, quando arrastado pela

---

(*) Abraçamos a opinião dos que sustentão que Domingos Fernandes Calabar pertencia á raça mixta portugueza e indigena conhecida pela denominação de *mameluca*.

(**) *Istoria delle Guerre del Brasile Part. I Liv. VI.*

obediencia levou seus bravos soldados ao estolido combate que contra as aguerridas tropas de Artichofsky empenhára D. Luiz de Roxas y Borgia. N'esse Alcacer-Kibir da nossa historia salvou Camarão os restos do destroçado exercito quando inuteis se tornárão os prodigios de valor e de constancia.

Pertenceu elle ao numero dos corajosos cabos que presidiárão essa bella retirada para o Sergipe, comparada pelos nossos historiadores á de Xenophonte, e tendo n'uma mão a espada para repellir as hostes de Nassau, sobraçava com a outra o escudo, á cuja sombra tranquillos dormião os imbelles colonos.

Sobre a memoria do invicto chefe cearense faz pairar o grave historiador Barbo uma nuvem de traição quando affirma que endereçára elle uma carta ao governador do Brasil hollandez offerecendo-lhe para passar ao seu serviço, renegando d'est'arte toda a sua passada gloria. (*) Faltão-nos dados para contestar tal asserto ; podemos, porém, explicar o dubio passo do nosso heróe pelas desintelligencias que então lavravão entre elle e o conde de Bagnuolo, que commandava o exercito brasiliano, acampado no logar denominado *Torre de Garcia d'Avila*. Minguadas erão as luzes de Camarão para superar o impulso das más paixões, para tornar-se sobranceiro ao resentimento, trilhando diversa vereda da dos Alcibiades e Coriolanos.

Corramos o véo da amnistia sobre este doloroso quadro para assistirmos á rehabilitação do destemido caudilho, a quem a côrte de Madrid galardoára com o habito de Christo e o tratamento de *dom* : vejamo-lo mostrar-se digno d'estas distincções, denodado batalhando contra os hollandezes, que ao mando do conde de Nassau investirão a cidade do Salvador da Bahia no mez de Abril de 1638. As anteriores injurias esquecendo, rivalisou Camarão em dedicação e bravura com Vidal, Rebello e Dias, sob o commando d'esse mesmo Bagnuolo, cuja prudencia e talentos militares era elle agora o primeiro em reconhecer.

Depois da mallograda expedição da Bahia, foi Camarão um dos que primeiros organisárão essas terriveis guerrilhas que levavão a devastação e a morte ao territorio pelos hollandezes occupado : foi ainda dos que mais auxiliárão a dobrez de Telles da Silva, que latente guerra promovia sob as apparencias da paz. Por sua ordem passou elle a Sergipe, preservando-o das correrias que ahi fazião as partidas inimigas em cata de provisões e abastecimentos. Acampava junto a S. Christovão, n'essa epocha séde da capitania, quando recebeu de João Fernandes Vieira uma affectuosa carta convidando-o para aggregar-se aos que com elle havião proclamado a restauração de Pernambuco.

Tardo não foi Camarão em ouvir o clamor da patria que pelo orgão de Vieira se manifestava ; deu-se pressa em transpôr com o seu terço o rio de S. Francisco e a marchas forçadas encaminhou-se para o

---

(*) *Res Gesta sub Comite Mauritio in Brasilea* pag. 164.

BIBLIOTHECA NACION
—DO—
RIO DE JANE

acampamento das covas em que estacionavão os sublevados. Difficuldades, porém, insuperaveis obstarão-lhe de assistir ao combate das Tabocas em que se baptizárão as espadas que devêrão mais tarde flammejar ao sol dos Guararapes.

Encheriamos volumes se quizessemos historiar todos os recontros em que o intrepido caudilho se avantajára: sobre-nos dizer que não houve uma só acção em que se pleiteasse a causa da liberdade, em que não sentissem os batavos o peso de seu braço; empallidecendo ao ouvir seu nome aquelles mesmos que nas aguas de Zuiderzée havião submergido os brazões de Castella. Diga-o Cunhaú, onde, capitaneando tresentos e cincoenta indios e duzentos e cincoenta portuguezes, poz em completa debandada os inimigos arrasando as trincheiras que com tanto afan havião construido e juncando o campo de mortos e feridos: digão-o finalmente os montes Guararapes, essas Thermopylas pernambucanas, que a 18 de Abril de 1648 contemplárão o denodo com que, pelejando na ala direita do exercito libertador, fez fugir diante dos seus carijós os aguerridos soldados de Segismundo, tecendo com suas heroicas mãos a grinalda da victoria n'esse dia depositada no altar da patria.

Como o heróe thebano, pouco sobreviveu o governador dos indios á esta gloriosa facção, succumbindo a uma molestia que esquecêrão os chronistas de diagnosticar. Envolto no sudario da sua fama, foi depositado o seu corpo na capella do *Novo Arraial do Bom Jesus*, conduzido o feretro pelos leaes e valorosos companheiros de seus heroicos feitos, banhados nas lagrimas da sincera saudade.

Foi D. Antonio Philippe Camarão dotado de grandes prendas: impavido nos combates, generoso depois da victoria, e estoico soffredor da adversidade. Religioso sem fanatismo, bravo sem crueldade e severo sem dureza. Sabia ler e escrever correctamente, asseverando mesmo Fr. Manoel Calado (*) que estranho não lhe fôra o idioma de Cicero e Virgilio. De poucas fallas, preferia exprimir-se em seu patrio idioma, recorrendo habitualmente a um interprete.

Um unico pezar devera acompanhar ao tumnlo o egregio chefe dos carijós, e era o de não saudar a aurora da redempção da patria, o de não assistir á expulsão d'esses audaciosos forasteiros, que plantado havião suas leis e falsa crença na livre terra dos tupis.

J. C. Fernandes Pinheiro.

(*) *Valeroso Lueideno* pag. 165.

MICROSCOPIA.

Gœthe demonstrou que, nas plantas, o augmento e a reproducção não são senão aspectos differentes da mesma lei. O mesmo tem logar a respeito dos animalculos. As ultimas observações embryogenicas destroem as antigas idéas que proclamavão a união de dous elementos differentes, isto é, de uma cellula germinativa e de uma cellula seminativa, como a acto fundamental de toda a reproducção. Esta união não deve ser considerada senão como um processo subsidiario e derivativo, e não como o ultimo facto onde devem parar as investigações.

Se dispuzermos os factos conhecidos da reproducção em sua ordem ascendente de complexidade, acharemos que o processo o mais simples é o de uma cellula multiplicando espontaneamente pela subdivisão, de tal maneira que, n'esta serie de cellulas ligadas umas ás outras, cada umas d'ellas fica independente e capaz de uma existencia separada. Um grande numero de plantas de ordem inferior não consiste senão em uma aggregação de cellulas semelhantes; em muitas d'ellas este modo tão simples de reproducção é o unico que se lhes conhece. Por este processo de subdivisão, uma unica cellula do *protococcus nivalis* (1) avermelhará em poucas horas vastas extensões; calcula-se que o *bovista giganteum* produz em uma hora pelo menos 4 milhões de cellulas; Ehrenberg calcula a multiplicação do *paramecium*, infusorio, em 268 milhões em um mez.

Vamos mencionar alguns dos phenomenos mais notaveis, que nos revelão a presença de um grande numero de germens de animalculos e de sementes vegetaes no dominio dos ares, ou que, sem cessar agitados pelos ventos, viajão em torno do globo. A singular familia dos pequenos *cogumelos* nos offerece as provas de que o ar está cheio de innumeraveis particulas prestes a desenvolver-se logo que, tocando a terra, ellas achão o logar, que lhes convém. E' com effeito preciso que os germens dos individuos d'esta familia existão em suspensão em toda a parte e com a mais maravilhosa abundancia, para que um pedaço de fructa, uma crosta de pão humido, um tinteiro, ou um resto de medicamento, se cubrão em pouco tempo com uma camada avelludada que vegeta com espan-

---

(1) O genero *Protococcus* foi estabelecido pelo professor sueco Agardh, no seu *Systema Algarum*. Turpin lhe deu o nome, ccrtamente mais elegante, de *Globulina*. Agardh não admitia senão duas especies no seu novo genero, a que córa o gelo de vermelho, e a que tinge os muros de verde. Para o microphago que faz as suas observações na propria natureza, é de toda a evidencia que o protococcus ou globulina, ou as pequenas espheras de que se fórmão os seus matizes corantes são materias puramente vegetaes, porque não se lhes nota nem um movimento espontaneo.

tosa rapidez. Estas producções, tão detestadas por todo o vulgo, sã entretanto para o micrographo um objecto de interessantes observações. O seu instrumento favorito lhe revela uma floresta de filamentos delicados intermeiados em todas as direcções, e elle os vê com sorpresa crescer e multipicar debaixo de seus olhos. Sua extremidade incha e toma a fórma de uma bola, que bem depressa rebenta e lança no ar sementes de uma incrivel tenuidade. Estas sementes são tão prodigiosamente numerosas que Fries avalia em dez milhões as de um só individuo da *reticularia marina*. Imperceptiveis ao olho nú quando estão isoladas, ellas simulão uma nuvem de fumo quando se achão reunidas. Sua extrema leveza permitte que as mais fracas causas as transportem; os vapores aquosos, e por mais forte razão as correntes de ar, os insectos, etc., contribuem sem duvida para as dispersar, como portanto admirar-se a sua ubiquidade? ou antes, como achar um só logar em que ellas não estejão?

As sementes dos pequenos cogumelos voltejão no ar que respiramos, pois que têm sido encontradas no estado de desenvolvimento nos pulmões de hum homem vivo (1); ellas nadão n'agua, porque os peixes dos tanques ficão cobertos com uma rede que lhes causa a morte; aproveitão todas as aberturas e penetrão até ao seio da terra; d'onde, sem isto, virião os cogumelos luminosos que tapessão as minas de carvão de Dresde?

Se a presença no ar de sporulas vegetaes fica desta maneira demonstrada, a dos germens animaes não é menos certa. Darwin nos diz que a atmosphera de S. Domingos é geralmente pouco transparente; e elle a attribue á quéda de um pó impalpavel que deteriora no fim de algum tempo os instrumentos de astronomia. O mesmo auctor diz ter feito não menos de 50 observações de quédas de um semelhante pó sobre navios que atravessavão o Atlantico. Conforme a direcção do vento que soprava durante essas observações e na epocha em que

---

(1) Alguns anatomistas pretendem ter encontrado vegetaes microscopicos em certas entranhas dos mortos, e com signaes taes que não é possivel duvidar de que esses vegetaes forão a causa da morte, e muitos naturalistas e medicos distinctos principião a acreditar que elles são a causa determinante das grandes epidemias e pestes assoladoras, que atacão os animaes e as proprias plantas. Na sessão da Academia de sciencias de França, a 3 de Janeiro de 1859, o Dr. Wagner communicou a seguinte noticia: « Entre os meus doentes, uma criança de 6 annos foi affectada de angina membranosa, em consequencia da qual os ganglios cervicaes se engorgitârão e tornárão-se a séde de abcessos profundos, e as escaras gangrenosas envadirão tambem o sacrum. Extrahi um fragmento de falsa membrana destacada da garganta. Visto a microscopio, com um augmento de 400 diametros, esse fragmento mostrou formas vegetaes caracteristicas. Pude distinguir mui nitidamente ora largos ramos estriados no interior, e com pequenos diaphragmas semelhantes aos diaphragmas ordinarios do reino vegetal, ora um grande ramo, parecendo surgir de um mesmo ponto e divergir á maneira dos appendices das plantas. Distingui igualmente a presença de filamentos ou radicellas na extremidade de algumas dessas fórmas vegetaes. Assim como a tinha e outras enfermidades, terá o croup por causa ou por symptoma essencial uma vegetação ? Temos sempre pensado assim, e o temos dito por muitas vezes. »

ellas têm tido logar, epocha durante a qual sabe-se que o *harmattan* levanta nuvens de poeira até ás altas regiões da atmosphera, é provavel que estas substancias pulverulentas partão principalmente da Africa. Ellas se compõem em grande parte de infusorios e de algumas diatomeas. E' singular que Ehrenberg não tenha podido descobrir muitos dos infusorios proprios da Africa, entretanto que elle encontrou duas especies que até agora se não conhecem senão na America do Sul. Diz-se que este pó cahe em tão grande quantidade, que fórma lama no convéz dos navios. Os passageiros se queixão da importunidade que elle lhes causa e do prurido que soffrem nos olhos. Diz-se mesmo que muitos navios têm naufragado pela obscuridade produzida por esta especie de nevoa secca. Observou-se alguma cousa semelhante em Genova, a 16 de Março de 1846. Depois de uma tempestade cahiu muito pó, do qual o professor Pictet enviou amostras a Ehrenberg. Este habil observador o achou identico á aquelle que se colhe na altura das Ilhas de Cabo Verde, e contou mais de 100 especies de infusorios, considerando como provavel que essas nuvens de pó tivessem vindo da Africa. Mas elle achou, além dos infusorios, que pertencem a este continente, muitos organismos que nunca se encontrão fóra dos mares.

Que cahe neve corada, é cousa admittida desde muito tempo entre as crenças populares. Talvez algumas pessoas, acostumadas a procurar a fonte dessa côr no reino vegetal, se admirem de a vêr attribuida á vida animal no ar. Cada uma d'estas causas póde ser invocada. Sir John Ross colheu neve vermelha em uma cadêa de montanhas arcticas de 800 pés de elevação acima do nivel do mar. Elle se achava nas mesmas paragens, quando Sir W. E. Parry as visitou em 1827. Ambos notárão que os *traineis* deixavão um vestigio vermelho, e que o mesmo acontecia com a impressão dos passos ou com qualquer outra pressão.

Em Março de 1808, cahiu neve côr de rosa no Tyrol e na Corinthia; o mesmo aconteceu na Carniola, em Cadore, Bellune, Feltri, e essa neve chegou á altura de perto de 6 pés. Tem-se visto tambem neve verde; Martius a observou no Siptzberg.

A superficie d'esta neve nada apresentava de extraordinario, mas a pressão do pé determinava um coramento notavel; parecia que em uma fraca profundidade se tivesse impregnado a neve com uma decocção verde; a propria neve fundida apresentava essa côr. Para produzir este effeito, seria necessario que existisse n'essa neve um numero immenso de pequenos organismos que se considerão como a causa d'este phenomeno, pois que, para cobrir uma superficie de uma pollegada quadrada, são necessarios dois milhões e meio. Alguns observadores têm attribuido a causa da coloração da neve a um vegetal, o *protococcus nivalis* que parece pertencer á familia das *algas*.

Quando se faz evaporar o liquido contido na neve vermelha em um disco de vidro, restão granulos mui pequenos que, examinados ao microscopio, forão suppostos de natureza vegetal. Todavia este

meio, pelo menos equivoco, não fez chegar todos os observadores á mesma conclusão. Shuttleworth, tendo apanhado neve vermelha acima do nivel das neves perpetuas, descobriu uma infinidade de animalculos de grande pequenhez e de notavel agilidade. Os granulos dos suppostos vegetaes não terião ovos de rotiferos côr de rosa. Conforme Martius, a verdade achar-se-ia entre as duas opiniões: o coramento em litigio seria devido a numerosas cellulas vegetaes cheias de um fluido habitado por uma multidão de infusorios. Qualquer que sejà a causa, isto nos revela um facto de alto interesse: este facto prova que, nas altas regiões do ar, se achão pequenos organismos destinados a viver em circumstancias, que parecião dever tornar impossivel toda a existencia de corpos organisados.

A presença de animalculos na atmosphera tem-se algumas vezes manifestado de uma maneira tão singular como assustadora. Os phenomenos de que vamos fallar impressionárão sempre vivamente o vulgo, sobre tudo aquelles que a tradição nos refere de tempos mui antigos.

Os historiadores não se têm esquecido de os registrar. Percebe-se bem que queremos fallar da chuva ou das manchas de sangue, designadas com o nome de *Signacula*. Seria um erro não vêr nestes phenomenos senão as illusões de uma credulidade supersticiosa. A prova de que não é assim, é que elles se reproduzem todos nos nossos dias. O Dr. Merle d'Aubigné, em uma obra sobre a reforma protestante ultimamente publicada, refere o seguinte:

« Uma mulher se achava sosinha em sua casa em Castelen—Schloss; de repente um espectaculo horrendo se apresenta a seus olhos: surde sangue da terra em torno d'ella. Vivamente atemorisada, ella entrou no seu quarto; mas, cousa horrivel, o sangue cahe de todas as partes, das paredes, da madeira, de um vaso posto em cima de uma mesa, do berço de seu filho. Espavorida, a mulher corre para a povoação dando grandes gritos. A esses gritos os aldeãos e os monges de um convento vizinho se reunem em tumulto, e procurão apagar as manchas de sangue. Menos assustados, os habitantes se dispunhão a fazer a sua merenda debaixo do tecto alongado de seus *chalets*, quando repentinamente o sangue começa a ferver em um grande tanque, cahe dos tectos, os muros suão sangue, em uma palavra sangue por toda a parte. O baillio de Schenkenberg, o pastor de Dolheim chegão á pressa, informão-se, examinão e dirigem um relatorio para Berne. »

Sem duvida ha muita exageração nesta narração. O sangue que ferve no tanque, que transborda do vaso, que molha o berço, tudo isto são figuras de rhetorica. Virão-se manchas côr de sangue no tanque, no vaso e no berço, eis tudo. Evidentemente o alarma foi grande e a imaginação gerou maravilhas. Attribue-se a causa destas manchas ao desenvolvimento rapido e abundante de um infusorio, a *monas prodigiosa*. E' deploravel a introducção na historia de factos maravilhosos sem fundamentos; o microscopio póde evitar este mal, dando a explicação natural de um phenomeno mal observado.

Depois de nos termos resumidamente occupado d'esse mundo microscopico mysterioso, cumpria investigar com que fim esse mundo póde ter sido creado, qual o designio Providencial desses sêres infinitamente pequenos espalhados com tão magna profusão.

Devemos confessar que a nossa ignorancia é grande a tal respeito. Em falta de uma explicação satisfactoria, póde-se admittir que esses pequenos animalculos são destinados para fazer desapparecer as particulas putridas produzidas pela decomposição das substancias organicas de que elles se nutrem, absorvem ou modificão. Assim metamorphoseados, esses materiaes se tornão aptos a entrar de novo nos grandes organismos. E' o que exprime o professor Owen em suas lições sobre os animaes invertebrados: — «Considerai, diz elle, numero incrivel dos sêres microscopicos, vêde como elles se achão profusamente espalhados, observai que a sua insaciavel voracidade se exerce sobre as moleculas abandonadas pelos residuos dos animaes e vegetaes em decomposição. Sem duvida devemos até certo ponto a sua acção mysteriosa e incessante á salubridade da atmosphera, onde elles impedem as substancias impuras de penetrar, oppondo-se d'este modo á diminuição gradual da materia organisada. Com effeito, logo que esta materia, dissolvida ou suspensa n'agua, chegou ao estado de attenuação que precede immediatamente sua decomposição final em gazes elementares ou, por outra, ao estado inorganico, os invisiveis obreiros da natureza a elaborão, e a fazem entrar nos primeiros gráos da circulação viva. Depois que as moleculas mortas e em via de decomposição se convertem em materiaes do desenvolvimento dos animaes microscopicos, estes são devorados por outros infusorios maiores e por uma infinidade de animaes, d'entre os quaes alguns monstruosos (1). Por um circuito pouco extenso, os meios de alimentação dos maiores animaes são chamados dos confins extremos da organisação material.

No complexo do systema organico, esses imperceptiveis animalculos podem ser comparados aos vasos capillares do microsmo que constitue o corpo animal. Elles recebem, finalmente, a materia organica em seu estado de maxima divisão, e quando ella está proxima a sahir do imperio da vida, para a reconduzir, por uma nova via, ao ponto o mais central e o mais elevado do complexo dos sêres animados. »

Não devemos passar em silencio uma questão entre o mesmo pro-

---

(1) O que faz reunir um grande numero de balêas em um certo ponto, é a presença de myriades de crustaceos microscopicos, que formão quasi exclusivamente o seu sustento: os pescadores conhecem isto perfeitamente, e dão-lhe o nome de —*comer da balêa* —. Por isso, logo que elles descobrem um banco cuja extensão immensa dá ao mar uma tintura arroxada, elles parão e cruzão nas vizinhanças, bem certos de ahi encontrarem as balêas. E' principalmente quando esses enormes cetaceos se achão occupados em reunir com as suas barbatanas milheiros d'esses pequenos animaes, que os pescadores se approximão d'elles para os arpoar. E' curiosissimo vêr, do alto dos mastros, no meio de um mar em calmaria, a balêa sem movimento, com a sua enorme bocca aberta apanhar entre as innumeraveis barbatanas, como em uma rede, massas d'esses pequinissimos sêres que vão ingerir-se no seu vasto estomago.

fessor Owen e o Dr. Bukland, que não poderia resolver-se sem a intervenção do microscopio.

Sabe-se que, cortando-se um dente qualquer, acha-se que a sua massa interior é firme, ossea e semelhante ao marfim. Uma substancia gelatinosa forma a sua base, e os saes calcareos a tornão solida e resistente, depois de a terem penetrado. A esta base consolidada é que Owen deu o nome de *dentina*, que se acha revestida com uma camada muito mais dura, conhecida com o nome de *esmalte*. A *dentina* é atravessada por uma multidão de tubos travados em todas as direcções. Ora, a estructura intima d'essa substancia differe muito de raça a raça, e tanto que póde servir para caracterisar o animal do qual se possue um dente, ou mesmo um fragmento de dente.

Depois de ter submettido ao exame do microscopio differentes talhadas de um dente fossil, Owen reconheceu que elle havia pertencido a uma especie de *preguiça*, hoje extincta, porém muito maior em grandeza e força relativamente ás especies que vivem actualmente na America.

Pela sua estructura, esse dente não poderia servir para mastigar alimentos de certa dureza, taes como raizes, etc.; mas seria sufficiente para triturar folhas, ramos novos e succulentos, alimentos ordinarios das preguiças actualmente vivas.

Se a pequena estatura destas ultimas lhes permitte trepar nas arvores, como um animal gigantesco poderia ir buscar o seu sustento no alto das arvores, porquanto nem ellas, e ainda menos os ramos, supportarião o seu peso. O professor foi obrigado a excogitar uma outra maneira pela qual essa preguiça fossil podia procurar o seu sustento. A fórma e a forte organisação dos pés anteriores annunciavão um animal excavador; sem duvida elle atacava as arvores cavando as suas raizes; depois, apoiando seus pés dianteiros contra o tronco, seus pés trazeiros e sua cauda contra a terra, servia-se da grande estatura e da enorme força para abalar a arvore e lançal-a por terra, e assim poder comer os ramos e as folhas.

Pelo contrario, o Dr. Bukland pensava que os megateroides, aos quaes pertencia o esqueleto vindo do Brasil (*Mylandon robustus*, Owen) se nutrião com raizes, e sustentava que, se a hypothese de Owen fosse exacta, o animal que empregasse um processo tão laborioso correria o risco de ficar esmagado pela quéda da arvore. Owen respondeu que um animal tão robusto podia impedir que a arvore cahisse sobre elle; e que, além d'isto dotado de um craneo tão forte, cujo interior contém lóbos cheios de ar, o *mylandon* estava organisado de modo a resistir a um choque violento. Por um acaso mui singular, a segunda amostra enviada da America do Sul ao collegio dos cirurgiões de Londres apresentava um craneo com signaes de uma grande fractura em sua parte posterior. Ora, essa fractura havia sido concertada pelos processos ordinarios da natureza; ella tinha portanto tido logar durante a vida do animal, e sido produzida por um accidente tal como a quéda de uma arvore; se ella tivesse sido occasio-

nada por um animal carnivoro, o *mylandon* deveria ter sido infallivelmente devorado, e a fractura não se soldaria.

Em uma das sessões da Sociedade Microscopica de Londres, que teve logar a 26 de Abril de 1848, leu-se uma memoria de M. Quecket respondendo a uma pergunta um tanto extravagante de Sir Benjamin Brodie: « Seria possivel determinar se uma pelle exposta ao ar, durante muitos annos, era uma pelle de homem, ou não? A resposta foi affirmativa.... com tanto que, n'essa pelle, tivessem ficado pegados alguns pellos ou cabellos humanos. Um antiquario, M. Albert Way, deseja muito saber com certeza se certos pedaços de pelle, que se pretendia terem sido arrancados a individuos accusados de sacrilegios e pregados na porta de uma cathedral, erão com effeito pedaços de pelle humana. O microscopio revelou que esses fragmentos erão pedaços de pelle de um craneo, e que o sacrificado tinha cabellos louros. Uma outra tradição referia que, no nono seculo, um pirata Dinamarquez havia sido esfolado vivo e a pelle d'esse Marsyas septentrional pregada na porta da igreja de Essex, onde existião ainda alguns pedaços, passados 900 annos. Esses pedaços, examinados com o microscopio, demonstrárão igualmente a verdade d'essa tradição.

Este instrumento revelador não tem sido applicado com menos proveito do que os reactivos chimicos á toxicologia e á medicina legal, como se póde ficar convencido lendo, entre outras, as obras de Orfila e os relatorios de Olivier d'Angers.

Os naturalistas não se achavão de accordo sobre a questão de saber se os beija-flores se sustentavão com insectos ou se com o nectar das flores. O microscopio, ajudado pela chimica, permittiu ao Dr. J. Davy de verificar que os insectos constituem o alimento solido d'esses bellos passarinhos, mas que o succo das flores lhe servia de bebida habitual.

A sua lingua é conformada de modo a envolver os insectos, e a humedecel-os em um succo viscoso, que facilita a sua introducção no estomago.

Em todos os estomagos de beija-flores examinados com o microscopio, o Dr. Davy achou sempre insectos, alguns dos quaes vivos.

A utilidade do microscopio não se limita a fazer-nos conhecer um mundo vivo, que sem elle ficaria para sempre ignorado. Nem uma das sciencias naturaes, — a chimica, a astronomia, a botanica, a zoologia, etc., deixa de dever-lhe os seus mais assignalados progressos; ás revelações do microscopio é que se deve o conhecimento das fibras e dos tecidos organicos, objecto particular da physiologia vegetal. Se não fôra este instrumento, qual seria o meio de estudar a disposição e a estructura dos canaes pelos quaes circulão, nas plantas, os succos que as nutrem, ou o ar que ellas respirão.

Como seria possivel vêr, sem uma possante amplificação, os vasos conformados em helice a que se dá o nome de *trachéas;* os vasos ponctuados que as simulão; as pequenas capacidades que compõem

o tecido cellular, e os grãos de fecula que se elaborão no seio d'esses globulos polyedricos? Como escrutar a composição dos grãos de pollen, os quaes, sem duvida, encerrão os mysterios da vida vegetal, e que os estames espalhão com a profusão que emprega a natureza quando elle quer segurar a multiplicação e a perpetuidade de seus productos. E' provavel que esta contemplação da natureza vista ao microscopio converteu em serio e profundo estudo muita indagação curiosa, que não tinha no principio outro alvo senão um passatempo passageiro.

Este instrumento póde tambem fornecer á economia domestica um meio seguro de reconhecer nos tecidos a mistura de materias fraudulentas. Os fios de algodão apparecem debaixo da fórma de lamellas chatas, ordinariamente torcidas, e de extremidades arredondadas; os filamentos de linha são redondos e unidos; as lamellas achatadas do canamo são marcadas com linhas transversaes, limites de seus loculos elementares. Os pellos da lã, redondos, transparentes e rugados, não podem ser confundidos com as fibras vegetaes, nem com a seda, cujos filamentos são sempre de igual grossura.

Graças ao microscopio, reconhece-se com maior facilidade e promptidão do que pelos meios chimicos, e, pelo menos, com tanta certeza, a introducção na farinha da fecula de batatas, introducção em verde inoffensiva, mas que não deixa de ser uma fraude, fraude que se póde desmascarar até no proprio pão. Uma vista exercida, e por meio de comparação, consegue discernir as differentes especies de feculas. Quando os fabricantes falsificão o seu chocolate, elles acreditão que ninguem o poderá descobrir, e o negão com um descaro digno de melhor causa. Mas elles, de certo, não contão com o instrumento accusador, o microscopio, que revela a sua fraude, assim como manifesta a de certos mercadores de cêra que ajuntão á esta substancia quantidade, ás vezes grande, de feculas. E a araruta? e a tapioca? Quantas vezes não ficão alteradas por lhe misturarem outras feculas? Revelar deste modo as fraudes, equivaleria a prevenil-as, se, como desgraçadamente, esse meio de moralisação não obrasse indirectamente.

A inclinação á fraude não fica reprimida, mas ella póde ser punida pela acção da lei e de seus agentes.

Pelo que se acaba de vêr, deve concluir-se que o microscopio não ampliou menos as relações do homem com a natureza terrestre do que o telescopio com o Céo. Este pequeno instrumento abriu a nossos olhos imperfeitos um universo desconhecido, e provou que a vida existe por toda a parte, no ar, nas aguas, na terra, debaixo de todas as variedades de influencias atmosphericas, não somente nos logares onde o sol espalha seu calor fecundante, porém tambem n'aquelles onde tudo parece paralysado pelos gelos dos invernos polares.

Não terminarei este artigo sem dizer duas palavras sobre a questão das *Gerações espontaneas;* questão que agita os espiritos desde a mais remota antiguidade, mas que os progressos da sciencia parecião ter posto fóra da discussão.

Não obstante o celebre aphorismo de Owen : *omne vivum exovo* (tudo quanto vive nasce de um ovo) ou, ainda melhor (admittindo a modificação de Augusto Comte, que torna este aphorismo completamente verdadeiro) *omne vivum ex vivo* (todo o ser vivo resulta de um ser vivo), a questão das gerações espontaneas torna a agitar-se entre os naturalistas.

Esta questão é, como se disse, muito antiga, pois que remonta ao tempo em que Deucalion e Pyrrha convertião as pedras em homens e mulheres. Não se trata agora, em verdade, da metamorphose de pedras em entes humanos, mas sim de *monades*, de *trachelius*, de *vibrius*, ou *cryptogumas* taes como os *Penicillus*, *Aspergillus*, etc.

Pondo de parte a revelação religiosa, esta questão das gerações espontaneas tem muita relação com a do movimento perpetuo. O que é o muto continuo? E' o movimento gerado pelo repouso, é a statica dando nascimento á dynamica. O que é a geração espontanea? E' a vida nascendo da morte, o movimento gerado pelo repouso. Mr. Pouchet conseguiu resuscitar o velho paradoxo, submettendo á academia de sciencias de França uma serie de experiencias pelas quaes pretendia provar a geração espontanea, ao menos entre os infusorios. Essa questão não mereceria grande attenção, se n'ella não tivessem tomado parte notabilidades taes como os Srs. Miln-Edwards, Payen, Dumas, Claude Bernard, Flourens, Boussingault, Montagne, etc., e se não se tivessem feito experiencias de grande interesse scientifico, das quaes daremos conta em outra occasião.

Porém o que torna esta questão ainda mais notavel, é que Mr. Doyere, que nega a geração espontanea, pretende — RESUSCITAR (?) os *rotiferos* ou *tartigrados* ! — Assim dizita, Gœthe, a multidão em vão procura uma lei occulta, de que a natureza fez um enigma sagrado. »

F. B.

MORTO E VIVO,

OU

OVIDIO RESUSCITADO.

Permitti que no vosso jornal, todo de juventude e alegria, eu venha hoje dar uma noticia, ou antes fazer uma sorpresa : servirá ella de aviso a inexperientes, conselho a expertos e para bem a litteratos, que são familia quasi sempre distincta das outras de que fallei.

Parecer-vos-ha, amaveis leitores de um ou de outro sexo, que a

minha novidade tem alguma cousa de velha, ou mesmo que é das que melhor fôra calar; não sei; ha tanto quem me segrede o contrario, que já agora era impossivel furtar-me aos desejos que sinto de ver bem patente o caso. La vai:

Resuscitou um morto de 18 seculos!!

Com effeito; se n'isto não houver porque vos admirardes, então já não sei o que possa ser uma grande novidade!

O morto de que fallo, é um dos escriptores, que mais florescêrão no seculo aureo da Litteratura Romana, como poetas. Chama-se Publio Ovidio Nasão, ou Ovidio do Nariz grande, que vinha a dar no mesmo, e isto não porque elle o tivesse assim, mas porque algum de seus antepassados o tivera. Ora este tal Nasão é exactamente o Lazaro de que me deverei occupar se a tanto me ajudarem os chronistas e se vós m'o consentirdes. Começando direi que foi elle o Bocage mais garrido e amoroso dos seus tempos, que erão tambem de feição para estes genios de amores, vinho, flores, estrellas e outras que taes teteias que hoje têm decahido um pouco da moda.

Quem o visse n'um banquete, com a sua corôa de flores, (pois naquelle tempo os homens, como hoje muitas cabeças feminis, mas não senhoris, as usávão) e em punho o seu copo de falerno, champagne dos Anacreontes e Catullos, havia de reconhecer nelle o typo dos poetas da desenfreada Roma, côrte de sensualidade e devassidão. Pois bem, esse mesmo vulto togado e coroado, rescendente de aromas, aprimorado nas phrases e nos gestos, surgiu hoje com o mesmo viço e frescura de seus primeiros annos!!

Se esta verdade, sorprendente como é, não podesse provar-se á luz meridiana deste nosso brilhante sol, não ousára eu fazer-me cargo de vol-a annunciar, porém correi á casa do Sr. Laemmert, e ahi podereis certificar-vos; pois elle, quando mais não faça, mostrar-vos-ha a sublime Arte de Amar, testemunho vivo do que fica dito.

A' vista d'isto direis, e com muita razão, — não basta; porque a *Arte de Amar* e *Ovidio* não são a mesma cousa. Pois são, sim, senhor, e que muito é que eu o diga, quando Buffon, mestre que conhecia todos os bichos, afirmou que o estylo é o homem, isto é, que o escripto e o escriptor são uma e a mesma entidade!? Eu não direi se o naturalista andou o mais acertado; porém *magister dixit*, estou calado e vou com elle. *Ergo* a *Arte de Amar* e Ovidio são uma e a mesma cousa.

Convirá, pois, dizer-vos o que me ensinárão a respeito d'este poeta, em relação á sua obra. Sei que muitos dos que lerem este aranzel, hãode conhecer tudo tão bem ou melhor do que eu; porém o ser erudito é um gostinho a que não sabemos resistir, nós os escriptores modernos. Direi, portanto, que Ovidio foi uma especie de Casimiro d'Abreu, em ponto muito grande, dos tempos antigos, a quem o pai ttorturava mandando que não fizesse versos, como arte que era de odo avessa ao que serve, e que tinha feito de Homero um pedinte!

Prova isto que em todos os tempos houve as mesmas especies no genero a que nós pertencemos! Ora o bom do nosso Ovidio, que então era ainda nas faxas da infancia, protestava a seu anti-poetico pai, que nunca jámais havia de fazer, sequer, um verso, até mesmo, quem sabe, que odiava a poesia, e as musas, e as flores, e a musica, e, Deus lhe perdôe, até as mulheres! mas tudo isto dizia elle em verso, como se não soubesse fallar outra linguagem, e reza a historia que o pai, lendo tanta promessa feita em verso, se é que costuma saber ler quem detesta a poesia, achava que o filho estava mudado e mui de molde feito para trajar a toga de juiz e de triumviro, que bem mal podião ellas ir ao filho predilecto dos Deuses, que, afinal de contas, não erão senão uns ratões poeticos, que principiando tambem por poetar, ficárão poetados para sempre.

Já sabeis, pois, que o pai de Nasão era um inimigo das musas e que o seu filho lhe sahiu um perfeito antipoda. Emquanto o primeiro queria tretas, que, segundo me tem dito alguns d'esses senhores que comem do *Digesto*, são a cousa mais indigesta, sem sabor e anti-piérica, que se inventou, o segundo era todo elle nascido para lettras, como revelou logo em mui tenros annos, e depois provou pelos seus *Amores*, *Fastos* e *Metamorphoses*, que são as obras primas do seu genio. Agora dir-vos-hei tambem o que lhe valeu esta obra que hoje reapparece com o seu promettedor titulo de *Arte de Amar*.

Parece-me que não será preciso fazer-lhe aqui um novo prologo, para que se explique o que é o livro, por isso que seu nome, já por si, nos está dizendo tudo; convém todavia explicar que esta *arte* famosa não é o livro dos moços e moças, que desejão aprender, (se é que tal cousa se aprende) o como se faz uma primeira declaração, se effectua uma escolha, se dá um sim, se corresponde e ama, em summa ao nosso modo, a mulher ou o homem, (conforme o sexo amante) objecto de nossa ternura, cuidados e sobresaltos moraes, nervosos e de conveniencia... Não, senhor; é a *Arte de Amar* um livro para cousa mui differente, que hoje mal se póde qualificar, por falta da especie a que era destinada.

Ovidio fez uma arte apenas para amar desassombrado no mundo das Lais de que tão abundante era o seu tempo, e prova elle isto dizendo:

« Barra até meios pés, tenues fitas, sois vós
Insignias do pudor: longe! fugi de nós!
Canto o prazer sem risco e furtos concedidos;
Não profano o rigor dos matronaes ouvidos ».

Logo, não é a mulher que tem por corôa a flor de larangeira; por cinto a faxa azul celeste; por véo a escomilha vaporosa, que encobre as estrellas prateadas, que por baixo brilhão entre apanhados de rosas;

não é tambem a mulher anjo, baixando do altar ao tóro, — não, cem vezes não, que o poeta bem claro o diz :

« Não creias que do céo te baixe tal mulher ;
Sobre a terra a procura : encontra-as, quem as quer !

Se devemos dar credito ao que dizem poetas, era o Romano em questão o homem mais feliz que se tem conhecido no conquistar mulheres; era, póde-se dizer, o Cesar dos corações feminis ; onde chegava e via, vencia; e, talvez por isso mesmo, julgava elle muito facil o que todos jurão ser ponto de capital difficuldade. Não me admira em vista de seu talento, e muito menos ainda, porque (delle proprio o aprendi), nem altura, nem idade, nem côr, nem mesmo belleza ou fealdade lhe importárão jámais; de feito em negocios de amores podia chamar-se commerciante de grosso tracto ; alto e malo, tudo lhe servia, a tudo dava entrada e sahida no vasto trapiche do seu coração.

Para Ovidio toda a parte, os templos, as praças, os banquetes, os theatros e finalmente assevera, como profissional, que :

« Té o Foro a Amor convém; quem preveria tal ?
Muita e muita paixão nasceu n'um tribunal.
Lá, juncto do marmoreo alcaçar de Cyprina,
Onde repuxa de Appio a lympha crystallina,
Lá, quanta e quanta vez causidico orador,
Livrando os pobres réos, não se livrou do Amor !
Estanca-se-lhe a prosa ; a argucia fez-lhe pausa,
Turba-o materia nova ; entrou em propria causa,
Venus, dos templos seus, desatinada ri :
O patrono é cliente ; implora, mas por si ! »

Talvez porque o codigo criminal de então não era como o que nos rege hoje, todos os meios lhe erão licitos, todos os caminhos o levavão ao seu capitolio amoroso ; para o provar traz-nos um exemplo curioso tirado da historia da fundação de Roma, em que nos diz como é que n'esses tempos se obteve para a nova colonia a raça feminil, que havia de produzir tantos heróes! O facto é, nem mais nem menos, do que o do rapto das Sabinas, essa astucia posta em practica pelo experto Romulo, para tirar vingança, — mas que vingança, — do modo por que seus vizinhos, e principalmente os mais proximos, os Ceninences, Crustúminos, e Antémnates, havião rejeitado as suas propostas de união, pelo sangue e pela raça. Romulo, que dizem ter sido criado por uma lôba, mas que parece ter tambem mamado algum leite de raposa, dissimulou o negocio e convidou-os todos para assistirem aos jogos solemnes, que devião fazer-se em honra de Jupiter Equestre, jogos que tinhão tambem o nome de *consualias*, do Deus *Conso*, ou do bom conselho.

Quem podia faltar a tão brilhante festa, feita pela primeira vez no meio de um povo novo, cuja cidade se não conhecia ainda d'além dos muros? A ratoeira foi digna da caçada e a isca attrahiu gente de muito longe; nação houve, como a Sabina, que veiu toda inteira! Imaginemo-los todos apinhados no theatro, onde devia representar-se o grande drama, cujo epilogo muitos já de antemão saboreavão; Romulo presidindo como chefe em logar elevado e accessivel á vista de todos, para que um aceno seu désse pela astucia o que não derão nem embaixadas, nem reis, nem povos. Ouçamos o poeta na parte em que elle desenha este brilhante quadro, de atroz abuso:

« Com véo marmórea scena era ignota inda então;
Não escorria o palco em rubido açafrão.
Do palatino inculto o bosque enleado e atro
Materia deu c'o a rama ao rustico theatro:
Hirsutos, qualquer herva a c'roal-os, sem gráos,
Senta-se mixto o povo, em leivas por degráos.
Cada qual já co'a vista ancioso está notando
A que mais o seduz d'entre o femineo bando.
Da tusca frauta rude aos síbilos pelo ar,
Co'as sapateadas tres, vê-se o histrião dansar.
Entre o applauso (inda então o applauso era sem arte)
O signal de investir da mão d'el-rei lá parte:
Saltão, vôão. Que estrondo! adeus, resguardos vãos
Bradão: « Amor! » lançando ás virgens igneas mãos.
Qual se aterra um pombal quando aguia se avizinha,
Qual foge ao sentir lobo a tenra cordeirinha,
Tremem, vendo essa plebe infrene, sem pudor
A tanto abalançar-se. A todas foge a côr,
Em todas reina o medo, em mostras variado:
Esta, absorpta, não se ergue; outra arranca o toucado,
Qual pranteia em silencio; á mãi qual brada em vão;
Queixa-se uma, outra cala; uma foge, outra não.
O delirante saque abrange a todas ellas;
A muitas o pudor inda as tornou mais bellas.
Se, mais exempta, alguma oppor-se á força quiz,
O seu romano erguendo-a em braços varonis:
Que choras tu? (lhe disse) oh! poupa olhos tão bellos,
Qual tua mãi a teu pai, vem-me inspirar desvelos!

Eis aqui a pedra de tocar onde se podem conhecer os escrupulos do senhor Ovidio, no que se chama uma conquista de amor:

« Romulo é que pagava aos seus soldados bem;
Pagasse-me elle assim, soldado era eu tambem. »

Importa, pois, saber claramente que este exemplo o dá elle para provar que os theatros são mui bello aprisco, para que os lôbos esfaimados os não deixem de rondar.

« Desde então e inda agora, os theatros (bem vêdes)
São para a formosura insidiosas redes. »

E por analogia continua :

« E os certames no circo. A gloria dos frisões !
O circo é vasto, é livre, encerra multidões;
Corre lá. Viva o circo ! ali sobr'olho e dedos.
Já não têm precisão de interpretar segredos. »

Exclamemos, pois, nós cheios de pia edificação—ó tempos, ó costumes ! Estamos regenerados.

Vinha aqui dizer alguma cousa a respeito dos theatros de Roma e mesmo (até porque mostraria mais erudicção) dos theatros da Grecia, e comparal-os com os nossos de S. Pedro e do Gymnasio ; n'uns postas as Andriennas e Amphitrions de Terencio e Plauto, n'outros as Eumenides e as Rans de Eschylo e de Aristophanes ; e do nosso lado os sete Infantes de Lara e os Sansões, n'uns ; e os *Luxos e Vaidades* e as *Moças Ricas* n'outros ; porém estas cousas não só requerem tempo, mas certo tacto e delicadeza que não tenho, e por cuja falta poderia passar por máo no espirito de certa gente chamada — auctores — com quem pretendo viver sempre em santa paz; por isso vamos adiante.

Assaz nos parece haver dito para que se conheça que o livro não aspira ás honras de tratado de educação; e para que me não fiquem, sequer, remorsos de haver mão inexperta que possa tocal-o, direi mais que, segundo se afirma ha muitos seculos, foi elle a causa do desterro do poeta. Ora, isto dito assim não seria cousa para elucidar ninguem, porque por escrever cousas bem serias morreu Socrates envenenado, e Galileo, por pouco, não teve a mesma sorte, ou outra semelhante, que todas vêm a dar no mesmo ; as fogueiras da inquisição queimárão muitos que nem amar souberão e ainda não ha muitos annos gemêrão guilhotinas e tremêrão forcas, por verem cahir os corpos de innocentes ! Por isso do degredo não se poderá inferir, ao certo, a soltura do livro, porque, como o proprio Ovidio se lastima, mais soltas tiverão as linguas ou os dedos Catullo e Horacio, e nem por isso os degradárão. E' fóra de toda a duvida que a obra é bastante fresca !.... ou antes bastante ardente !.... Todavia é tambem força dizer-se que fôra immensa crueldade desterrar um poeta por dizer taes cousas. Mandar um homem de fogo para uma terra de gelo ; tiral-o de cima dos canteiros de flores da bella Italia para sobre os rochedos nevados do Ponto-Euxino ; arrancal-o dos braços de Celso e de Maximo para o relegar para entre os inhospitos habitantes de Tomo ; separal-o, em summa, do seio de sua mulher e de sua filha para as solidões barbaras e inimigas de uma nação estranha !

Faz dó ouvir ainda hoje o seu prantear : « Quando vejo a tristissima imagem d'essa noite, que foi a minha ultima em Roma, quando recordo esse instante em que deixei os meus mais caros objectos, os olhos arrazão-se-me de lagrimas. »

Porém basta ; o morto está julgado pelos competentes juizes de mil e oitocentos annos ; que lhe posso eu agora ajuntar ? nada ; portanto, fallarei do resuscitado, que breve me consta vai ser exposto na citada livraria do senhor Laemmert.

Cuidareis talvez que a lingua e a graciosidade do latino, não tenhão podido passar para cá do tumulo ? pois estais n'um grande erro ; poucas reflexões bastarão para vos provar *a priori* o que digo. Ovidio dividiu a sua *arte* de *amar* em tres cantos, com a somma de dous mil trezentos e trinta e dois versos, e assim a redisse hoje sem lhe esquecer um riso, uma flor, um écho, um ponto ; e para cumulo de maravilha, o fez por tal arte que nossas mãis e amas, que nunca declinárão, *hora-æ* nem sabem o que significa o *sum es fuit* da artinha, a entendêrão tão bem, como houverão feito esses milhões de herôes que o frio das sepulturas gelou para sempre.

Bem sei eu que isto vos parecerá bruxaria, ou julgareis que estou mentindo ; sim, o proprio poeta-rei dos nossos tempos comparou ou julgou aquella lingua neste verso sublime, como tudo que é seu :

L'ombre, le plomb, la mort, la tombe, le néant !

mas quem, a não ser o proprio Ovidio, poderia dizer em igual numero de versos a mesma cousa depois de decorridos dezoito seculos, e dizel-o com a graça e frescura de quem fallava a Corinas, quer estas fossem Livias, quer Julias, ou Corinas tão somente ?.... Certo que ninguem. Ora eis ahi porque me pareceu que aquelle prégão lançado *ex cathedra*

> « Se inda alguem neste povo a arte de amar ignora,
> Leia-me : os versos meus o farão mestre agora »

não o devia attribuir senão ao espirito do poeta latino, embora mettido por esta vez n'outro qualquer corpo capaz de lhe dar hospedagem de rei, como merece quem se apresenta com pergaminhos de que pendem sellos de mil e oitocentos annos !

Resta declarar, se aclarado precisa ser tal ponto, quem escolheu Ovidio para seu hospede. Vós todos sabeis já que outro não podia ser senão o eximio poeta portuguez, o Exm. Sr. Dr. Antonio Feliciano de Castilho.

Ah ! Que é preciso ter muito amor pelas lettras e ser dotado de muito bom genio para consentir em si a visita do Romano, porque, diga-se aqui entre amigos, que todos nós o somos, é bastante compromettedor o tal mestre de amar !... Porém que lhe havia de fazer o poeta de nossos dias ? O hospede generoso, o mais que ousa é apertar os beiços, mordel-os mesmo muitas vezes ; mas os deveres da hospita-

lidade não consentem se tape a bocca á visita; deixa-se fallar e quando muito faz-se constar pela bocca pequena, e em segredo, que se não toma a responsabilidade do que diz o estrangeiro, que afinal de contas sempre é pagão, e já agora incapaz de se converter.

A verdade manda, pois, Deus que se diga nua e crua.—Ovidio foi recebido como um verdadeiro principe de sangue, teve em quem o hospedou, não direi um interprete dos seus usos e modos, mas um mestre que ás vezes, e não poucas, até lhe deu seu quináo muito engraçado, com o que, certo estou, o Romano não havia de ficar muito satisfeito; mas tenha paciencia — quem o mandou a elle vir metter-se em bocca portugueza ?!

Finalmente, para os que entenderem do assumpto, o Sr. Laemmert, que se encarregue de lh'o patentear, e para os outros escuso eu tambem de estar com mais massadas; repetirei apenas alguns pedaços que lhe ouvi e que me agradárão immensamente. Com tudo não se julgue a *arte de amar* pelos excerptos que se seguem, por que eu não decorei tudo, e se o decorasse, talvez o não dissesse aqui para que não corasseis vós, isto é, vós, sexo amavel, a quem principalmente peço ao Sr. Laemmert que não mostre o livro, porque afinal sempre cheira a defunto.

Terminarei declarando que,sendo o insigne poeta portuguez principe dos seus contemporaneos, um *écho* do espirito de Ovidio, eu me assignarei por esta vez o seu admirador. (*)

NARCISO.

Rio de Janeiro 25 de Outubro de 1861.

GASTROSOPHIA.

Para despedir-me em bem dos meus pacientes leitores, quero ao menos uma vez cumprir o promettido, e com este artigo pôr termo ao meu aranzel gastrosophico. Depois, mas ha de ser mais tarde, pois desde já previno o respeitavel publico que me retiro por algum tempo para trás dos bastidores, escolherei outro titulo igualmente prometedor, e sobretudo bem lato, e principiarei outra vez a discorrer sobre cousas de não menor ponderação e interesse, se todavia o edictor se não queixar de que lhe afugento os assignantes. Mas deixemos para o fim o meu acto de contricção, e tomemos o discurso, onde da ultima vez o cortamos, que não ha tempo nem espaço para divagações, ou então lá se vai pela agua abaixo o meu protesto, e por acabar, o que

---

(*) Nota dos RR. — No numero seguinte daremos alguns dos excerptos a que allude o artigo acima.

fôra realmente pena, ficaria esta minha bella obra, que talvez ainda me valha um marido (tomai isto, leitores discretos como uma semi-confidencia), pois escrever mais é o que não farei decididamente.

Pelo que toca a marido, bem sei que Affonso Karr disse que o casamento é o maior luxo que um homem póde supportar. Tirso de Molina, que de casado a cansado não vai mais que um *n*. Isto é lá com os homens. Outros dizem que o matrimonio é proveniente de uma influencia lunar, que o casamento é uma mentira theorica e uma verdade pratica; que é uma necessidade social como as tempestades o são physica, para purificar estes a atmosphera, e arrancar aquelles á sociedade dos entes inuteis; que os maridos são na sociedade o que as cegonhas são nos campos. Ainda outros entendem que o matrimonio é um dueto difficil, escripto por mão divina, cujos executantes tendem sempre para a desafinação.

Tudo isto assim seria, mas não se me dava de experimentar por mim mesma para depois poder fallar da cousa com conhecimento de causa.

Ou eu tenho até agora perdido inteiramente o meu tempo, ou todos quantos me têm lido terão comprehendido que a gastronomia, e muito menos ainda a gastrosophia, não é a arte de comer muito, mas a sciencia de comer bem. Mais de uma vez já tenho achado occasião de prevenir contra o perigo das indigestões; aqui, porém, é o logar que escolhi para mais *ex-professo* tractar d'esta materia.

Não vive o homem do que come, mas do que digere: maxima é esta que não se lê; era digna de ler-se no livro da sabedoria e entre os proverbios de Salomão. Tende-a vós ao menos sempre presente, é o que por vosso proprio bem vos peço.

Cumpre pois digerir; quantos, porém, o fazem sem saber como! Não duvido que por via de regra sejão exactamente esses os que melhor digerem, da mesma sorte que alguns dos nossos poetas escrevem prosa sem se sentir, julgando fazer versos, mas como para o homem pensador é indispensavel conhecer a razão das cousas, ainda que essa razão seja mais obscura que a mesma cousa, pareceu-me que incompleto ficaria este trabalho, sem uma breve dissertação sobre a digestão, base e fundamento da sciencia de que me occupo.

A digestão, porém, é um acto complexo, que mal comprehenderia quem lhe não conhecesse os antecedentes e consequentes.

O antecedente primario é a ingestão.

O appetite, a fome e a sêde nos advertem de que carece de refazer-se o corpo, e a dôr, a dôr, esse o mais eloquente de todos os *monitores* de Pariz e do Rio de Janeiro, não tarda a vir fazer-nos sentir a sua mão pezada, se não damos prompto ouvido ao conselho amigavel.

Segue-se o comer e o beber que é o que constitue a ingestão, operação que principiando no momento em que os alimentos chegão á bocca, termina logo que entrão no esophago.

Mais do que breves pollegadas não mede este trajecto, e comtudo quantas cousas se não passão durante elle!

Os dentes partem e mastigão os alimentos solidos; as glandulas de

toda a especie que pelo lado de dentro guarnecem a bocca os humedecem emquanto a lingua trata de mexel-os ; comprimindo-os depois contra o paladar para expremer-lhes o succo e saborear-lhes o gosto, e reunindo-os todos em massa no meio da bocca, feito o que, apoiando a ponta no queixo inferior e curvando-se no centro fórma na raiz um plano inclinado, que os faz escorregar para a pharinge, a qual, contrahindo-se por sua vez, os introduz no esophago, cujo movimento peristaltico os conduz directamente ao estomago.

Engolido assim um bocado, succede-lhe outro, seguindo a mesma via as bebidas tomadas nos entre-actos, e continúa a deglutição até que o mesmo instincto, que convidára á ingestão, nos adverte de que é tempo de fazer ponto final. Raras vezes, porém, se obedece á primeira voz, pois que um dos privilegios da especie humana é beber sem ter sêde, e no estado a que chegou a arte sabem muito bem os cozinheiros fazer-nos comer sem fome.

Termina aqui o imperio da vontade e começa a digestão propriamente dita, operação inteiramente mecanica, podendo o respectivo apparelho considerar-se como um moinho fornido de todas as peças necessarias não só para extrahir dos alimentos quanto póde restaurar as perdidas forças corporaes, mas tambem para repellir o resto despojado das suas partes nutritivas ou animalizaveis.

Longa e renhida disputa se tem travado sobre a maneira por que no estomago se faz a digestão, se por cocção, maturação, fermentação, dissolução gastrica, chimica ou vital, etc.

Entra na operação um pouco de tudo isto e o erro estava em querer attribuir a um agente unico o que é resultado de differentes causas necessariamente unidas.

Com effeito, impregnados de todos os fluidos, que lhes fornecem a bocca e o esophago, chegão os alimentos ao estomago, onde os penetra o succo gastrico de que este está cheio sempre. Ali submettidos por espaço de horas a um calor de trinta gráos de Réaumur são joeirados e misturados pelo movimento organico do mesmo estomago, e obrão uns sobre os outros por meio do attrito, sendo impossivel deixar de haver fermentação, quando é fermentavel quasi tudo o que é alimenticio.

Com todas estas operações se vai elaborando o chylo. A camada alimentar immediatamente sobreposta é a primeira a ser apropriada, e passando pelo pyloro vai cahir nos intestinos. Succede-lhe outra, e assim por diante até que não reste nada no estomago, que d'esta fórma se esvaria aos bocados tal qual se enchêra.

E' o pyloro especie de funil carnoso, que communica o estomago com os intestinos, e está construido de modo que os alimentos não possão, pelo menos sem difficuldade, subir por onde havião descido. Sujeita a obstruir-se ás vezes é esta importantissima viscera, e ai do infeliz a quem tal succede : entre dores atrozes morrerá de fome.

Duodeno, por medir dez dedos de comprimento, se chama o intestino que recebe os alimentos ao sahirem do pyloro.

Chegado ao duodeno, passa o chylo por nova elaboração misturado

com a bilis e o succo pancreatico, e perdendo a côr grisalha que tinha, principia a adquirir outra amarellada. Os diversos principios que entrão n'esta mistura obrão reciprocamente uns sobre os outros, e prepara-se o chylo, não podendo por essa occasião deixar de haver formação de gazes analogos.

Continuando o mesmo movimento organico, que do estomago fizera sahir o chylo, é este impellido para os intestinos miudos, onde é absorvido por orgãos para este effeito destinados e levado ao figado para junctar-se com o sangue, que refresca, reparando as perdas causadas pela absorpção dos orgãos vitaes e exhalação transpiratoria.

Muito menos complicada do que a dos solidos é a digestão dos liquidos.

Separa-se a parte alimenticia, que se acha suspensa, e unida ao chylo atravessa as mesmas vicissitudes.

A parte puramente liquida é absorvida no estomago por orgãos especiaes, e lançada na circulação, d'onde passa pelas arterias emulgentes para os rins afim de ser ali filtrada e elaborada.

Segundo a particular disposição do individuo, dura a digestão mais ou menos, mas como meio termo podem assignar-se-lhe sete horas, tres das quaes se passão no estomago, e as demais no trajecto intestinal.

Entre todas as operações corporaes nenhuma ha que tanto como a digestão influa no estado moral do individuo.

A razão facilmente se comprehende. Os principios da mais simples psychologia nos ensinão que a alma não recebe impressões senão por meio dos orgãos, que lhe são sujeitos e que a põem em contacto com os objectos externos. D'aqui se deixa vêr que mal conservados, mal refeitos, ou irritados estes orgãos, exerce semelhante estado de degradação uma influencia necessaria sobre as sensações, que são os canaes intermediarios e occasionaes das operações intellectuaes.

E' assim que a maneira habitual por que a digestão se faz e sobretudo se termina, nos torna tambem habitualmente tristes, alegres, taciturnos, palradores, morosos ou melancholicos, sem que demos por isso, nem o possamos remediar.

Nos moços vem a digestão frequentes vezes acompanhada de um ligeiro arrepio, e nos velhos quasi sempre de uma grande somnolencia; no primeiro caso é a natureza, que retira da superficie o calorico para empregal-o no seu laboratorio; no segundo é a mesma potencia que, enfraquecida pela idade, já não póde com o trabalho simultaneo da digestão e da excitação dos sentidos.

Agora tomai nota e gravai bem na memoria que nos primeiros momentos da digestão não vos deveis entregar a trabalho algum serio, seja espiritual ou corporal. E' regra velha e de todos sabida, não ha duvida, mas ainda menos duvida ha de que o desprezo d'ella tem entulhado os cemiterios, e muito doloroso me seria saber que algum dos que tomárão o trabalho de ler-me, tão pouco aproveitasse que fosse esbarrar de encontro a um dos preceitos mais triviaes e comezinhos.

O somno e os sonhos não são da minha jurisdicção, ou antes da

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBL
—DO—

comprehensão d'este artigo, mas, dizer a influencia que sobre essas cousas tem a alimentação, creio que não póde vir senão muito a pello.

Para o trabalho todo o mundo sabe que ella faz muito e muito. Mal alimentado não póde o homem supportar longas fadigas, e coberto de suor o corpo sente abandonarem-no as forças. Se se tracta de um trabalho de espirito, nascem sem vigor nem precisão as ideias, a reflexão recusa-se a ligal-as, o juizo a analysal-as, e extenuado o cerebro n'estes vãos esforços, adormece-se no campo de batalha.

Mas ainda no dominio do somno, onde a mesma lei, não cessando de proteger o homem, deixa de impor-lhe os seus preceitos, impera o effeito do que comemos e bebemos.

Filha de milhões de observações ensina a experiencia que a alimentação regula os sonhos.

Em geral todos os alimentos ligeiramente excitantes fazem sonhar: taes são as carnes negras, os pombos, o pato, a caça de pello e particularmente a lebre, e muitos vegetaes, e com especialidade os doces perfumados e sobretudo a baunilha possuem esta propriedade.

Baniremos, porém, das nossas mesas por isso as substancias assim somniferas? Pelo contrario, pois que agradaveis e leves são por via de regra os sonhos que d'ellas resultão, prolongando a nossa existencia mesmo durante o tempo em que ella parece suspensa. Pessoas ha até para quem os sonhos constituem uma como vida á parte, uma especie de romance continuo; tal a ligação entre os seus sonhos, que ellas concluem na segunda noite o que na primeira havião principiado, vendo a dormir muitas physionomias que reconhecem por já vistas, embora nunca as encontrassem no mundo real.

Quem pois tiver reflectido sobre a sua existencia physica, regulando-a pelos principios da verdadeira sciencia gastronomica, preparará com sagacidade o seu repouso, o seu somno e os seus sonhos.

Dividirá o trabalho de modo que nunca se veja acabrunhado, e o tornará mais leve, variando-o com discernimento, e refrescando a propria aptidão por meio de curtos intervallos de descanço; que longe de retarda-lo o adiantão, tornando mais proficuos os momentos que se lhe dedicão.

Se no correr do dia repouso mais longo se lhe faz preciso, não se entregará a elle senão sentado, resistindo ao somno, quando este não é invencivel, e livrando-se sempre de contrahir-lhe o habito.

Quando a noite tiver trazido a verdadeira hora do descanço, elle se retirará a um quarto bem arejado, e não se cercará de pezadas cortinas que o farião respirar sempre o mesmo ar, abstendo-se de fechar as portas das janellas, para que, todas as vezes que entreabrir os olhos, venha um resto de luz consolar-lhos.

Estender-se-ha n'um leito um pouco mais alto para a cabeceira, o seu travesseiro será de clina, e sem sobrecarregar o corpo com o pezo das coberturas, terá cuidado em conservar bem agasalhados e quentes os pés.

Terá comido com discrição, não engeitando os bons e ainda menos os excellentes bocados e bebido dos melhores vinhos. A' sobremesa terá fallado mais de amores do que de politica, e feito mais madrigaes do que epigrammas, tomando a sua chicara de café, e um golo de fino licor para perfumar a bocca somente, sem que em cousa nenhuma ultrapassasse senão um quasi nada os limites da necessidade.

N'este estado se deitará contente de si e dos outros, seus olhos se cerraráõ, e pouco a pouco, atravessando a especie de crepusculo que o precede, virá o somno mergulhal-o por algumas horas em profundo esquecimento.

Entretanto terá a natureza cobrado o seu tributo, restauradas pela assimilação as perdas, e então virão sonhos agradaveis dar-lhe nova e mysteriosa existencia, em que verá as pessoas que mais ama, e se entregará ás suas occupações favoritas, transportando-se aos logares que mais lhe agradão.

A final, dissipado lentamente o somno, tornará elle a entrar na sociedade sem ter de lamentar o tempo perdido, pois que mesmo dormindo gozou de uma actividade sem fadiga e de um prazer sem mescla.

Assim falla o meu mestre, e ao vosso proprio criterio e experiencia deixo o avaliar se tem elle ou não razão.

Fòra aqui porventura o logar mais azado de dar-vos as bôas noites e remetter-me ao silencio, o que estou me agradecerieis, mas é que não quero ficar-me com uma parte integrante das minhas lucubrações, e que invariavelmente constitue ou appendice, ou introducção obrigada de todo o livro que tracta de uma sciencia ainda não assás reconhecida. Vem a ser uma historia da mesma sciencia.

Não vos apavore, porém, o nome da historia; será menos que um resumo, menos que um esboço, menos quiçá ainda do que um elenco. Quero ser breve, e para isso, e tambem um pouco para commodidade propria, não tirarei os apontamentos senão do livro do meu mestre, e isso mesmo só até onde a historia é para assim dizer uma e universal, fazendo ponto onde ella começa a decidir-se pelos differentes povos que habitão a terra.

Grande polemica tem havido entre cozinheiros e alfaiates, e sobre de quaes d'elles será mais antiga a arte. A imparcialidade, mas notem que é individual esta minha opinião, ficando livre a todos seguir cada qual a sua, obriga-me a dar sobre este ponto o meu laudo a favor dos ultimos. Emquanto esteve no paraiso, é de crer que Adão se contentasse com os manjares, que a natureza lhe offerecia já guizados e promptos, não curando pois da arte da cozinha, ao passo que, mal comeu o fructo prohibido, logo inventou a de alfaiate, fazendo-se um vestido de folhas de figueira, ou de vide, pois é ponto controverso entre os antiquarios, mas que para o caso vertente vem tão a proposito como a questão do fio de que elle se serviria para cozer as taes folhas.

Demos pois de barato que a arte da cozinha não fosse como a do alfaiate inventada dentro ainda do paraiso, mas foi certissimamente logo depois da expulsão, datando assim dos tempos primitivos. Para

isto, se outra prova nos fallecesse, bastaria vermos como Caim matou Abel com tição do fogo, em que assava carneiros, o que presuppõe necessariamente conhecimento pelo menos da theoria dos assados. A par d'isto consignaremos o facto de ser seguramente á arte da cozinha que se deve a invenção do fogo, talvez a mais importante descoberta do genero humano.

Imaginemos um pouco como as cousas se passarião. Depois que o homem chegou a conhecer que as carnes levadas ao fogo ficavão melhores, não só mais saborosas, mas até de mais facil digestão, é natural que procurasse remover o inconveniente do contacto das cinzas e carvões, e inventasse o espeto que, apoiadas em pedras as duas extremidades, conservasse as viandas expostas sim á acção do fogo, mas livres d'aquelle contacto.

Assim se conservarião muito tempo estacionarias as cousas, pois que não as achamos muito mais adiantadas nos dias de Homero.

E' vêr entre outros o festim que Achilles preparou a tres Gregos dos mais conspicuos, dos quaes um até era rei. Póde tambem este banquete dar-nos um padrão approximado dos vigorosos appetites d'aquelles tempos heroicos, pois que se compunha dos quartos de uma ovelha, de uma cabra gorda e dos lombos succulentos de um porco para quatro convivas, tudo isto assado ao especto, e preparado pelas proprias mãos do divino Achilles e do seu fiel Patrocolo, em honra dos hospedes, porquanto aos escravos incumbião de ordinario os cuidados da cozinha.

Passavão então por manjar delicadissimo as entranhas dos animaes recheadas de sangue e gordura, e ás delicias da mesa associavão-se a poesia e a musica. Cantores venerados, e que exercião uma especie de sacerdocio, celebravão as maravilhas da natureza, os amores dos deuses, e os altos feitos dos guerreiros.

Em parte nenhuma falla Homero de viandas cosidas; os Hebreus, porém, graças talvez á sua longa residencia no Egypto, estavão mais adiantados. Tinhão vasilhas de pôr ao fogo e n'uma d'ellas forão cozinhadas as celebres lentilhas que Jacob tão caras vendeu a Esaú.

Uma vez obtidos vasos de metal ou barro capazes de resistir ao fogo, começou logo a arte culinaria a fazer grandes progressos. Tornou-se desde então possivel temperar as viandas, cozinhar legumes, fazer caldos e preparar geléas, tudo cousas que mutuamente se auxilião.

Com effeito, nos livros mais antigos se faz menção honrosa dos banquetes dos reis do Oriente, nem é difficil de crer que monarchas que reinavão sobre paizes ricos de tudo, e particularmente de especies e perfumes, tivessem mesas sumptuosas; faltão-nos, porém, os pormenores. Apenas sabemos que Cadmo, introductor da escriptura na Grecia, fôra cozinheiro d'el-rei Sidão.

Foi entre aquelles povos molles e voluptuosos que nasceu o costume de cercar de leitos as mesas dos festins, comendo deitados. Não foi por toda a parte igualmente bem recebido este requinte de com-

modidade. Athenas, porém, o adoptou, e por muito tempo foi este o uso geral do mundo civilizado.

Forão os Athenienses, povo gamenho e avido de novidades, que na Grecia antiga lançárão mais longe a barra em materia de bôa papança. A caça, a pesca e o commercio lhes fornecião objectos, que ainda hoje passão por excellentes, e que a concurrencia elevava a preços exorbitantes.

Todas as artes se davão as mãos para lhes ornarem as mesas á roda, das quaes jazião os convivas em leitos cobertos de ricos tapetes de purpura.

Com agradaveis conversações se procurava de industria dar maior realce aos prazeres da mesa, e tornou-se quasi uma sciencia este estudo.

Forão perdendo pouco a pouco a antiga severidade os cantos, que se entoavão do meio para o fim do banquete, e postos opportunamente de parte os deuses, os heroes e os feitos historicos, levantavão-se hymnos ao amor e á amizade.

Os vinhos da Grecia, que ainda gozão de merecida nomeada, forão examinados e classificados por peritos, e passava-se dos mais doces aos mais espirituosos, chegando-se ás vezes a percorrer a escala inteira, e ao contrario do que se pratica hoje, augmentavão os copos de capacidade na razão da excellencia do vinho, o que muitos não deixaráõ de achar razoavel.

Vinhão ainda as mais bellas mulheres embellezar estas reuniões, e em danças, jogos e divertimentos varios se passava deliciosamente a noite.

Vendo tão estimada a arte da cozinha, prinçipiárão os sabios á porfia a escrever sobre ella, e Platão e Atheneu ligárão seus nomes a obras deste genero infelizmente perdidas; nenhuma, porém, tão lamentada dos entendedores como a *Gastronomia de Achestrades*.

Emquanto não combatião senão pela propria existencia ou para subjugarem vizinhos tão pobres como elles mesmos, não se mostravão os Romanos mui pichosos na comida. Os seus generaes pegavão na rabiça do arado, e vivião de legumes, e frugivoros historiadores desfazem-se em elogios destes tempos primitivos em que sobretudo se honrava a frugalidade. Apenas, porém, aquelles ferozes guerreiros alargárão as suas conquistas á Sicilia, Africa e Grecia, e aprendêrão a regalar-se á custa dos vencidos em paizes onde mais adiantada estava a civilisação, introduzirão tambem em Roma, que os acolheu ás mil maravilhas, os guizados que entre os estrangeiros mais lhes havião dado no goto.

Enviárão a Athenas uma deputação para copiar as leis do Solão, e muitos joven lá ião estudar bellas letras e philosophia, mas a par dos segredos da arte e da sciencia iniciárão-se tambem nas delicias dos festins, e de envolta com oradores, philosophos, rhetoricos e poetas chegavão a Roma igualmente os cozinheiros.

Com o tempo e a serie de triumphos que a Roma fizerão affluir

todas as riquezas do universo, foi o luxo da mesa levado a um ponto quasi incrivel.

Principiou-se a comer de tudo, desde a cigarra até á abestruz, desde o organaz até ao javali, e tudo quanto podia estimular o paladar foi empregado com tempero.

Os principaes d'entre os Romanos olhavão como titulo de gloria possuirem magnificos jardins em que cultivassem toda a sorte de fructos, não só os conhecidos desde os tempos antigos, mas tambem os recentemente introduzidos das conquistas asiaticas, como o damasco da Armenia, o pecego da Persia, o marmello do Sidão, a amora dos valles do monte Ida, e a cereja, trophéo immortal colhido por Lucullo no reino de Ponto.

Entre os comestiveis erão os peixes sobretudo objecto de luxo. Estabelecêrão-se preferencias a favor de determinadas especies, preferencias que dobravão quando a pesca era feita em paragens sabidas. De longinquos paizes se trazia o peixe em vasos cheios de mel, e o que excedia o tamanho ordinario pagava-se por preços fabulosos.

Alvo de menores cuidados não erão as bebidas. Os vinhos da Grecia, da Sicilia e da Italia fazião as delicias de Roma, e como já do logar, já do anno em que havião sido produzidos, dependia o seu preço, inscrevia-se em cada amphora uma especie de acto de nascimento.

O nata mecum consule Manlio.

Não contentes já com o que lhes offerecia a natureza, procurárão os Romanos tornar mais estimulantes e perfumados os seus vinhos, misturando-lhes flores, aromas, e drogas, e sonhando já com o alcool que só quinze seculos depois devia ser descoberto.

A par d'isto principiárão a fazer-se com esmero, já pelo lado da materia, já pelo do trabalho, todos os trastes necessarios para os festins. Augmentando gradualmente chegou a passar de vinte o numero dos serviços, isto é, dos pratos que de uma vez se punhão na mesa, renovando-se sempre para cada um toda a baixella que se empregara nos anteriores.

Para cada funcção convival, e minuciosamente indicadas estavão todas, se designavão escravos especiaes, e os mais preciosos perfumes embalsamavão a sala do banquete. Uns como arautos apregoavão o merecimento dos manjares dignos de singular attenção, annunciando-lhes os titulos que tinhão para esta distincção, e nada se esquecia de quanto podia aguçar o appetite ou prolongar o gozo.

Exempto de aberrações e extravagancias não podia ficar muito tempo este luxo, pois como qualificar de ontra fórma esses festins em que os peixes e aves se contavão por milheiros, e esses manjares cujo unico merecimento erão as sommas que tinhão custado, como um prato dos miolos de quinhentos abestruzes, e outro composto das linguas de cinco mil aves, que todas havião fallado.

Basta isto para se comprehender como Lucullo podia gastar rios de

dinheiro nos famosos banquetes que dava na sua não menos famosa sala de Apollo.

Forão estes os seculos dourados da cozinha, a que veiu pôr tristissimo fim á invasão dos barbaros.

Ao apparecerem estes rudes estrangeiros, sumiu-se a arte alimentar com as outras sciencias, de que é companheira e complemento. A maior parte dos cozinheiros forão trucidados nos palacios, cujas delicias fazião, outros fugirão para se não verem obrigados a regalar os oppressores da patria, e os poucos que vierão offerecer os seus serviços passárão pela vergonha de os vêr com desdem rejeitados. Aquellas boccas selvagens, aquellas guelas queimadas, erão insensiveis ás doçuras de uma papança delicada. Enormes quartos de animaes, incommensuraveis amphoras das mais fortes bebidas, bastavão para beatifical-os : e como os usurpadores andavão sempre armados não raro degeneravão em orgias estes banquetes, correndo o sangue de envolta com o vinho.

Mas nunca o que é excessivo durou muito. Cançárão-se de ser crueis os vencedores, e, alliados com os vencidos, tomárão uma tinctura de civilização, principiando a saborear os encantos da vida social.

Não tardárão os festins a resentir-se d'este adoçamento de costumes. Já se convidavão os amigos menos para fartal-os do que para regalal-os; os hospedes percebêrão que se procurava agradar-lhes, mais decente alegria começou a anima-los, e mais affectuosos se forão tornando os deveres da hospitalidade.

Principiados no seculo quinto da nossa era, recebêrão estes melhoramentos rapido impulso no reinado de Carlos Magno, cujas capitulares claramente estão revelando os cuidados pessoaes que este monarcha dava aos meios de sustentar o luxo da sua mesa.

E razão tinha elle e quantos após d'elle se têm preoccupado d'este importantissimo elemento do nosso bem estar e felicidade terrestre.

Quizera aqui rematar pelo extracto de um capitulo, que o meu mestre consagra especialmente aos prazeres da mesa, mas levar-me ia isso longe de mais, e receio trazer-vos já assás aborrecidos; não posso comtudo furtar-me a transcrever, embora vos não possa obrigar a ler, os preceitos d'elle para se dar um bom jantar. Escutae-o, se vos apraz :

« Recolhei-vos, leitores, e prestai-me attenção : é Gasterea, das musas a mais gentil, que me inspira. Serei mais claro do que um oraculo, e os meus preceitos sobreviveráõ o andar dos seculos.

« Não passe de doze o numero dos convivas, para que nunca deixe de ser geral a conversa.

« Escolhão-se de modo tal, que variadas sejão as suas occupações, analogos os gostos, e conhecidos já uns dos outros, para que se possa dispensar á odiosa formalidade das apresentações.

« Illuminada com luxo deve ser a sala, de irreprehensivel limpeza todo o serviço da mesa, e treze a dezeseis gráos do thermometro de Réaumur a temperatura da atmosphera. (O homem escrevia em Pariz).

« De agudo engenho, mas sem fatuidade, hão de ser os homens, e amaveis as mulherse sem serem por demais garridas.

« Sejão delicados, mas em numero limitado os manjares, e de primeira qualidade os vinhos.

« Siga-se nos primeiros a ordem dos mais substanciaes para os mais ligeiros nos segundos mais carregados para os mais perfumados.

« Moderado convém que seja o movimento do jantar, que é o ultimo negocio de cada dia, olhando-se os convivas como viajantes que juntos querem chegar ao mesmo termo.

« Sirva-se o café a ferver, e revele-se a mão do mestre na escolha dos licores.

« Espaçosa deve ser a sala para onde tiverem de passar os commensaes, afim de que se possa organisar uma partida de jogo para os que não dispensão este entretenimento, sem que escasseie o logar para os colloquios post-meridianos.

« Captivem os agrados da sociedade os convidados, e seja bem feito, mas não carregado demais, e bem servido o chá.

« Não comece antes das onze horas a retirada, mas esteja á meia noite todo o mundo na cama.»

Disse.

Seguir-se-ia agora o acto de contricção, que no principio prometti, pedindo-vos perdão das penas e aggravos que vos posso ter causado. Bem pensado tudo, porém, resolvi deixar isso para melhor occasião, e pura e simplesmente despedir-me por uma temporada, não em latim, o que passa por má criação, mas em hebraico contra o que ninguem achará que dizer :

Lebt wohl, ihr Hefte, ihr geliebten Seiten,
Ihr traulich stillen Blaetter, lebet wohl !
Ignez sie geht, einst aber kommt sie wieder,
Sie sagt noch nicht euch ewig Lebewohl.
Zerstreuet euch nicht, Leser, auf der Haiden !
Ihr bleibt nicht eine hirtenlose Schaar !
Doch eine andere Heerde muss ich weiden
Wo mehr die Dint'und grœsser die Gefahr !
So ist des Geistes Ruf an mich ergangen,
Mich treibt nicht eit les irdisches Verlangen.

D. Ignez d'Horta.

DEFINIÇÕES ESPIRITUOSAS

TANTO ORIGINAES COMO IMITADAS,

Appendice ás Derivações equivocas. (*)

Prologosinho.

Já Salomão, o astro da sabedoria humana, dizia ha dois mil e tantos annos que nada debaixo do céo e sobre a terra era novidade; razão por que offerecendo estas difinições ao respeitavel publico salvo a taxa de poder ser tido em conta de plagiario e confesso que, se algumas são originaes, outras não passão de imitadas.

Ao menos o leitor não terá o trabalho que teve o celebre Piron, a quem um moço lia uma tragedia.

Lá de quando em quando o satyrico e mordaz poeta tirava o seu chapéo.

— Sr., disse-lhe o joven tragico, terminando a leitura, notei que tirava o chapéo a certos versos que eu lia, como se os tivesse comprimentando respeitosamente.

— Oh por certo, replicou Piron.

— Como assim ?

— São, replicou elle, meus conhecidos ha muito tempo.

Ora esses comprimentos dispenso eu de muito bôa vontade, e se algumas definições forem duras de roer, duvidem ao menos que sejão minhas, e respeitem n'ellas a auctoridade apparente de algum sabichão da Grecia, Roma e até do Oriente.

E fico aqui.

A

A.—Capitão de vinte e quatro soldados e presidente do conselho das vogaes.

Acto addiccional — Escaler preso aos turcos da fragata Constituição.

Adão—Unico marido que foi fiel á sua mulher.

Aguia — Ave de rapina, que serve de emblema hidaltico a muitos povos.

Album — Livro de namoro das moças solteiras e das sandices dos rapazes que as cortejão.

Algoz — Assassino mandatario da justiça.

Almanak do Rio de Janeiro — Casaca publica das condecorações nacionaes.

Amanhã — Dia em que os preguiçosos promettem trabalhar.

---

* V. a Revista Popular, tomo 12 n. 67 pag. 5.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBL
—DO—
RIO DE JANEIRO

Aparte — Interrupção usada no parlamento e comdemnada na conversação particular por pouco polida.

Apoplexia — Intimação sem custas á primeira vez, com custas á segunda, e ordem de prisão á terceira.

Arrastão — Rêde que se lança entre o povo por occasião das qualificações para votantes.

Asno — Animal quadrupede que tambem anda de dois pés.

B

B — Inicial impagavel nos bilhetes de loteria.

Barreira — Atravancamento nas estradas publicas, onde se deixa dinheiro e se leva lama.

Bebado — Homem espirituoso.

Beijamão — Tradição de uma etiqueta que houve antigamente na Europa.

Beijo — Na linguagem do amor equivale a um *sim*.

Bengala — Traste que muita gente ignora para que traz.

Bolsa — Cousa que muita gente dispensa, porque, possuindo tres, gasta quatro.

Brasão d'armas — Enigmas pittorescos da fidalguia que ella mesmo não entende, e o povo pensa que é a marca do fardo.

Brasil — Páo para toda a obra.

Burra — Na ordem das cousas femininas é a que merece mais confiança dos homens.

C

C — Lettra que vale por cem.

Calmaria — Phenomeno raro nos altos mares e nas altas regiões.

Calote — Peccado antiguissimo de que trata a Biblia quando brada contra os que não pagão o salario aos que trabalhão.

Camondongos — Animaes que entre os ratos representão o papel dos ratoneiros entre os ladrões.

Cão — Animal que damna e que figura no brasão de muitos fidalgos como emblema de fidelidade.

Caridade — Virtude bem entendida, que sempre começa por casa quando se trata da reforma de alguma repartição.

Casamento — Sacramento que livra as moças de cahirem em exercicios findos.

Castellos no ar — Edificações que não custão dinheiro e nas quaes se habita aereamente.

Cavallo — Animal melhor do que o homem, pois diz o proverbio que o cavallo entre cem e o homem entre mil.

Cela — Primeira casaca de que se fez uso n'este mundo, que hoje só se usa de quatro pés.

Charuto — Instrumento de fazer fumaça para incommodo do proximo.

CIUMES — Espinhos de amor, flôr das quatro estações.

CIVILISAÇÃO — Mundo as avéssas.

COMEDIA HUMANA — Peça em quatro actos: adular e mentir, furtar e repartir.

CONCILIAÇÃO — Synonymo de amnistia para os que se passão do partido de baixo para o de cima.

CONDECORAÇÃO — Em alguns paizes é signal de coragem na guerra, de ardor nas luminarias, de generosidade em alguns casos pecuniarios, e de parcialidade nas eleições.

CONSCIENCIA — Cousa que muitos ignorão que não têm.

CONSTANCIA — Molestia de que têm morrido algumas mulheres, mas que não é contagiosa.

CONSTITUIÇÃO — Livrinho que se executa ao pé da letra quando faz conta e que se interpreta quando não faz.

CONTRA-REGRA — Homem que tem cuidado nas deixas como se fosse testamenteiro.

CORREIO — Mala-posta da *Gazeta de la tarde*.

CUNHO — Signal mais milagroso do que a cruz para muita gente, que se diz catholica.

D

DEFUNTO — Fazenda com avaria grossa que, para ser despachada, paga direitos na Sancta Casa de Misericordia.

DENTES — Partes do corpo que os dentistas dizem que tirão sem dôr, porque elles não a sentem.

DEUS VOS ABENÇOE, MEUS FILHOS! — Amendoas e festas dos pais ricos.

DINHEIRO — Thermometro da importancia individual.

DIVIDAS — Contas que envelhecem mais depressa nas mãos do povo do que nas dos reis, pois as d'aquelle prescrevem em pouco e as d'estes levão o sextuplo do tempo.

DOUDICE — Estado normal do homem.

E

E — Lettra que afirma por si mesmo o que é.

ECONOMIA — Sciencia que a maior parte dos estadistas exercitão em casa e de que se esquecem nos negocios publicos.

EDUCAÇÃO — Arte que concorre para a desigualdade dos homens.

EMPREGO PUBLICO — Pão negro que desvaira as vocações e que tantas pessoas ambicionão.

ENFORCADO — Homem que morre entre o ceu e a terra.

ESPECULAÇÃO — Sciencia que tem por fim pescar um bijupirá com uma sardinha.

ESPELHO — Traste em que o proprio dono se não reconhece mais passado alguns annos.

ESPERANÇA — Deusa que passou-se da boceta de Pandora para a roda das loterias.

Espião — Pirata de palavras.
Esquecimento — Questão de tempo no porvir das eternidades.
Eva — Unica creatura dada á luz pelo homem.
Exercicios findos — Defuntos que dão esperança de resurreição.

F

Fado — Destino que serve de dansa, principalmente na roça.
Fama — Mulher indiscreta que publíca tudo quanto vê, e quando não vê — inventa.
Fé — Deusa da praça, cujo credito é oscillante.
Felicidade — Mascara com que muitas vezes se diverte a desgraça para mofar do genero humano.
Fiel — Cousa que sempre inclina para o lado mais pezado.
Floresta — Logar onde ha poucas flôres.
Fluviano — Homem que occupou-se com estas ninharias.
Fogueteiro — Saturno moderno.
Força publica — Inutilidade no estado em que a razão dirige o governo.
Formosura — Cousa que a mulher não consente que outra tenha.
Fortuna — Deusa mythologica, adorada no Brasil pelos negros minas e vigiada pela policia.
Fructa — Realidade da qual a flôr é apenas uma esperança e que só depende do tempo.

G

G — Lettra que muda de som como muita gente muda de palavra.
Gallinhas — Bens dos communistas do Rio de Janeiro.
Gaz — Materia de que abunda o Rio de Janeiro e falta a muita gente.
Gondolas — Vehiculos que em Veneza navegavão por agua e no Rio de Janeiro por lama.
Guerra — Dansa infernal, em que a morte serve de mestre de sala.
Governo — Arte que consiste em fazer com elegancia as honras de uma mesa bem servida.

H

H — Lettra que se escreve com um G entre dois AA.
Herança — Segundo o marquez de Maricá, é fogo de artificio que leva muito tempo a fazer-se, que depois consome-se n'um instante e diverte a muita gente.
Herdeiros — Gente que chora lagrimas de ouro em memoria e saudade de seus testadores.
Honra — Distincção que um rei faz a um vassallo quando, por exemplo, lhe estende as pernas, dizendo-lhe « Tira-me estas botas. »

I

Ignorancia — Virgindade do espirito.

Imprensa — Unica garantia popular de que os governos fingem que têm medo.

Incomprehensivel — Cousa que muita gente se faz para passar por habil.

Indiscrição — Carta que por esquecimento deixou de levar obrêa.

Indulgencia — Bondade que o auctor espera dos leitores para estas rapsodias.

Inspiração — Disposição do espirito, que os poetas pensão que vem do céu.

In vino veritas — Epigraphe para os vinhos falsificados.

J

Jesuita — Synonymo de espião.

Jogo — Ladroeira entre os pobres, perseguida pela policia, e entretenimento entre os ricos, consentido pelas auctoridades.

Justiça — Deusa que augmentou na subtileza do tacto o que perdeu na da vista, que lhe tirárão.

K

. . . . . .

L

L — Lettra que muita gente traz na testa invisivel para si e visivel a todo o mundo.

Ladrão — Insecto que persegue os ricos.

Leitão — Filho de porca que póde ser gente ou bicho.

Leitor — Martyr paciente que tem a coragem de ler estas definições.

Liberdade — Deusa que no theatro calca o despotismo aos pés e cá fóra tem contrario destino.

Lobo — Animal de quatro pés que não dá por este nome quando muitos de dois dão por elle.

Loteria — Jogo inventado na terra de cegos por um torto.

Lua — Astro que tem quatro phases para os homens; nova para os que namorão; crescente para os que se achão ajustados para casar; cheia para os casados durante algum tempo e minguante no resto da sua vida. Os eclipses dão-se em todas estas phases.

Luminarias — Manifestação luminosa.

Luvas — Dinheiro com que se untão as mãos em troco de um negocio; unicas luvas que muita gente tem calçado.

M

M — Lettra mais valiosa do que todas as outras junctas, pelo seu valor.

Machina de costura — Emancipação das mulheres.

Madre — Cousa que entre os homens só possuem os hespanhoes.

Manha — Doença inventada pelos homens, muitas vezes attestada pelos medicos, e não poucas acreditada pelas auctoridades.

Mentira — Vicio que anda a cavallo na divida.

Moça — Carga a que se póde pôr a marca que os francezes põem em certos fardos — *fragil.*

Moral publica — Virgem pudibunda, a quem a policia faz ás vezes de mãi, e a camara municipal protege com as suas *impostura*s.

Morte — Unica mulher que não tem o prurido de fallar.

Mulher — Animal que Deus ia esquecendo-se de crear.

N

Namoro — Pescaria em secco.

Não — Ultimatum das mulheres.

Nobreza — Rio que se perde no oceano do tempo e que é maior na sua origem do que na sua foz.

Noite — Viuva que jámais deixa o luto, que apadrinha os ladrões e tambem os amantes.

Numeração das casas — Unica cousa que se não reforma no Rio de Janeiro por ter attingido á perfeição.

O

O — Individuo que na republica das lettras passa por *zero*, apezar de figurar no conselho das vogaes.

Ouro — Antigo rei do Brasil, cuja publica fórma ou retrato apenas resta nas photographias dos bancos.

P

P — Lettra que acompanhada de um G tira a muitos de muitas difficuldades.

Palitos — Miseria das importações do Brasil, quer com accento quer sem elle, e que não figura na exposição nacional.

Papagaio — Orador das aves.

Papel — Substituto do ouro no Brasil e que não espera tão cedo pelo seu serventuario.

Parcial — Homem que não comprehende senão o seu proprio partido, e que é cego de um olho e surdo de uma orelha.

Partido — Uma das duas fracções em que se dividem os patriotas de um estado. Ambas conjugão o verbo *comer*; a que está de cima no presente : *Eu como*; a que está de baixo no futuro : *Eu comerei*. O povo é que se põe na passiva e diz : *Nós somos comidos.*

PASTA DOS NEGOCIOS DE ESTADO — Pedra do toque que mostra a inutilidade de muitos zangãos politicos.

PATAGONIA — Sciencia que trata das patas.

PATRIA — Terra em que se nasce por meio de uma carta de naturalisação.

PATRIOTISMO — Especulação politica.

PÉGASO — Cavallo dos poetas, que têm por esporas a fome e a necessidade.

PENA DE MORTE — Assassinato com premeditação, e em espectaculo para edificação dos assistentes!

PENATES — Deuses domesticos que ainda hoje adoramos sob o nome de felicidade, amor e saude.

PERU — Isca que se a policia puzesse no seu anzol apanharia os larapios do Rio de Janeiro.

PHYSIONOMIA — Mascara admiravel com que andamos no carnaval da vida e que só tiramos para nos dar a conhecer depois da morte.

POLICIA — Chitão!.....

PONTEIRO — Dedo do tempo que aponta as horas.

PORCO — Animal que, como o homem rico, só depois de morto se lhe sabe do valor que tinha.

Q

Q — Unica lettra que tem cauda na republica d'ellas.

QUADRILHA — (Dansa). Comprimento e saudações em continuidade, ao som da musica.

R

R — Lettra que antigamente se escrevia com giz nas portas das casas para dizer ao dono que se puzesse no meio da rua.

RECRUTA — Homem que jura contra a sua vontade servir á patria, que tanta gente jura servir de bòa vontade.

REFORMA — Moto continuo das repartições nacionaes.

RENDA — Artefacto que a mulher não ha de vêr sem que pergunte a como se vende a vara.

REVISTA POPULAR — Milagre gazetal no Brasil, pela sua duração.

REVOLUCIONARIO — Pescador em aguas turvas, que não gasta iscas.

RICO — Homem, que tem n'este mundo muitos parentes que pedem a Deus que o leve quanto antes para o outro.

Rosa — Flôr de tristes recordações nas republicas do Prata, pelos seus espinhos.

S

S — Lettra que precede o nome proprio depois da canonisação do mesmo nome.

SEPULCHRO — Ultimo domicilio de que tambem se paga aluguel.

SILENCIO — Sanctuario da prudencia, e tambem da ignorancia de muita gente bôa.

SIM — Palavra magica que enfeita a bocca de uma moça, embora seja feia.

SONHO — Chuva de flôres para os amantes, de ouro para os ricos e de vinho para os bebados.

SORRISO — Ornamentos de belleza, que os reis dispensão como um favor, que se deve tomar como especial, e com especial agrado.

SORTE GRANDE — Peixe que não come a isca ao pescador, mas que já lhe tem comido muitas vezes mais do que vale.

SÓVA — Fritada de camarões do mato.

SUICIDIO — (Por dividas). Fuga para onde não ha meirinhos, ao abrigo das citações; ultima tratantice.

T

T — Marca dos que pertencem ao reino do céu e que se traz na testa.

TACÃO — Supplemento dos homens pequenos.

TALENTO — Herança celeste que se herda por legado da divindade.

TERRÁQUEA — Patria dos amphibios.

TREATRO — Escola em que dão-se lições de immoralidade para moralidade dos discipulos e discipulas.

TRABALHO — Amigo que ajuda a pagar as nossas dividas.

TRONCO — Prisão portatil para commodo dos presos.

U

U — Vogal que precedida de certa consoante fica mal collocada.

USURPADOR — Homem que se enthronisa para fazer justiça contra as usurpações e ladroeiras.

V

V — Lettra que *vê* e pela qual se manda vêr.

VERDADE — Deusa que anda nua, e que, se viesse ao Rio de Janeiro, a policia lhe daria uma camisa.

VINGANÇA — Satisfação que a sociedade condemna no proprio homem a quem lança em rosto o soffrimento de uma affronta.

VIUVA — Mulher emancipada pela morte.

X

XADREZ — Jogo que muita gente exercita com os olhos fechados, como muitos ministros que governão sem vêr o que fazem; com a differença que aquelles ganhão e estes perdem.

Y

Y — Lettra inutil n'este diccionario.

Z

Zero, valor d'estas definições.

FLUVIANO.

OS ESTUDANTES DE HEIDELBERG

POR

CHARLES DESLYS.

—

TOMO II.

III

A FAVORITA.

Era o dia do baile annunciado pelo grão-duque.

Devia elle ter logar na Favorita.

Todos os que visitárão o ducado de Baden recordar-se-hão d'essa deliciosa residencia de verão, que surge á extremidade do valle da Mourth, no meio de grandes bosques.

Carlos Frederico muito gostava d'ella. Havia-a embellezado, procurando tornal-a um verdadeiro Trianon.

Trianon! Era então a *coqueluche* de todos os soberanos da Europa; todos querião possuir o seu. Procuravão á porfia e com instancia os menores esboços de Watteau, Boucher, Lancret e Baudoin. Em todas as linguas, os cortezãos aprendião de cór trechos de Florian, Gresset e Gentil-Bernard. Cada côrte transformava-se em uma Arcadia em miniatura. A cada passo, quasi todos os dias, davão-se festas e idylios pastoris. Parecia que a aristocracia presentia a proxima revolução, e que antes de sujeitar-se á essa idade de ferro e de sangue, queria engolfar-se nas alegrias do coração, nas delicias de uma idade de ouro côr de rosa.

O baile, que o grão-duque dava, devia ser um idylio n'esse genero. Estava encarregado de arranjal-o um camarista chegado de Versailles havia pouco tempo, e cujas recordações ainda recentes erão uma verdadeira paixão em sua flôr primitiva. Folgazão e gamenho camarista! Se elle podesse hoje resuscitar, ainda que só fosse por uma hora, ainda que só fosse por um minuto!.... porém devia apresentar-se vestido, embonecado, e penteado como n'esse dia.... sem duvida tomal-o-ião por um personagem de cima de mesa, por um Celadon de velho crystal da Saxonia.

Entretanto façamos justiça á imitação badense, que se organisára sob sua direcção. Taboleiros de relva artificiaes, trilhos, bosquetes e caramancheis de difficil execução, tudo foi planejado, feito e enfeitado dentro de alguns dias apenas, como um scenario de theatro. Nada ahi faltava, nem os alvos cordeiros ornados de fitas, nem as candidas e familiares pombas. A cada passo encontravão-se arcos de verdura e grinaldas de flôres; por toda a parte ternos emblemas, dísticos maliciosos, columnatas, festões e templos da escola mais pagã, da mais velha antiguidade. Era a ilhadePaphos e o jardim de Cythera.

Durante a noite toda tinhão havido dansas sobre a *relva* e jogos no *bosque*, onde, á surdina, trinavão orchestras unicamente compostas de gaitas, oboés, e flautas campestres.

Ao som d'esses harmoniosos gorgeios, pastores e pastoras dansavão de cem maneiras graciosas. Bem que o caracter allemão se não prestasse sempre a essa comedia de egloga, comtudo havia ali muito bons Tityros, Myrtilos e Corydons. As mulheres, porém, em toda a parte têm a maravilhosa intuição do galanteio e da graça; erão, pois, innumeraveis as encantadoras Philis, as risonhas Amaryllis, as arrebatadoras Chloes.

— Que enxame admiravel! repetia o camarista, que esvoaçava sem cessar ao redor d'essas nobres nymphas; se entre nós houvesse uma Venus, não lhe custaria formar uma côrte.

Ah! o grão-duque não possuia n'essa occasião uma unica Venus, ou antes, Venus fazia-se esperar..... Não tinha ainda chegado a condessa Helena.

Assim pois Carlos Frederico mostrava-se cada vez mais inquieto, mais impaciente.

— Tinha-me promettido vir! murmurava elle em voz baixa pela centesima vez. Ainda quando pertença já a um outro, não seria razão para deixar de vir ao baile! Não lhe disse que me podia apresentar seu marido?... Seu marido!... mas não, é impossivel... Sabel-o-ia eu já! Livre é ainda ella.... póde ainda ser minha..... sel-o-ha.... Vai permittir-me emfim que proclame altamente o nosso casamento..... não ignora que é esse o verdadeiro motivo do baile de hoje! Mas porque então esta demora!.... porque já não está ella aqui?

E informava-se de novo.... De novo, como uma sombra inquieta, ia e vinha por entre os grupos alegres que enchião os jardins da Favorita esmaltados como outras tantas cestas de flôres vivas.

Chegou a noite, e substituiu ao sol uma das mais engenhosas illuminações; como por magia estrellas de todas as côres scintillárão sob a folhagem. O baile tornava-se cada vez mais pomposo e brilhante; saiotes de seda, fitas que a brisa agitava, joias esplendidas, olhares impregnados de languor, sorrisos provocadores, tudo ondeava agora ante essas mil luzes, tudo parecia arrebatado em vertiginoso torvelinho. Era um carnaval campestre, era uma verdadeira noite do Trianon.

Que importavão, porém, ao grão-duque todas essas alegrias e esplendores? Que lhe importavão todas as adulações que o rodeavão? O unico olhar, o unico sorriso que elle procurava, não os encontrava ahi; faltava a verdadeira rainha do baile, não havia chegado a condessa Helena.

Debalde esforçava-se o camarista para desenrugar-lhe a fronte; debalde excitava o riso ao redor de si, para que esse riso fosse tambem roçar os labios inquietos do grão-duque. Cansado emfim afastou-se, deixando-o triste e pensativo no throno allegorico, que mandára erigir para o rei dos pastores, e era circumdado por grande numero de cortezãos.

Mas apenas o digno camarista deu alguns passos, teve de parar repentinamente.

Despontavão na extremidade de uma alameda dois nobres aldeãos, cujo rosto não conhecia, e longe de virem comprimental-o, parecião ter empenho em afastar-se d'elle á sua approximação.

— Quem diabo serão esses pastores tão pouco cortezes ? disse comsigo o camarista. Ora ! talvez sejão alguns fidalgos estrangeiros com os quaes não pude ainda travar relações depois que voltei da França... Não ha duvida que estão muito bem vestidos ! é o essencial para hoje... encontral-os-hei amanhã.

N'essa occasião passava uma pastora, vistosa no trajar mas um tanto velhusca.

O camarista lançou-lhe os braços em roda da cintura, e no tom mais adocicado que pôde disse-lhe :

—Minha querida margrave... ou antes bella Lycoris, pois que somos todos esta noite camponezes.... que de diamantes !... tivestes o bom gosto de collocal-os na cabeça, no pescoço, na cintura, entre as rosas que guarnecem o saiote, e com mil diabruras ! até nos laços dos sapatinhos de tacão encarnado...., e tudo isso sem fallar nos vossos bellos olhos, amavel Lycoris, que, quer queirais quer não, são ainda os mais preciosos diamantes da vossa caixinha de joias.

— Parece-vos, Alcindor ? — disse rindo-se a quinquagenaria pastora. O que quereis ! Não temos todos os dias bailes assim tão seductores ! Recebei minhas felicitações, bello Alcindor. Foi em vossa honra que adornei-me esta noite com todas as joias da familia dos *Fichtanferlick*... estais vendo que valem para mais de cem mil florins. Podeis por ahi avaliar qual o dote de Lycoris !

Um dos mais sgnificativos olhares acompanhou esse tiro á queima-roupa.

A soberba margrave era já viuva de tres maridos.

O voluvel camarista conservava-se ainda solteiro.

— Seductora Lycoris ! respondeu elle tornando-se cada vez mais tentado ; bem imprudente sois em arriscar assim tantos thesouros..... dirijo-me sobretudo aos vossos encantos ! sem possuirdes um Alcindor prompto sempre a defendel-os.

— Defendel-os !.... e contra quem ?

— Ora ! em primeiro logar contra os apaixonados e depois contra os ladrões ! ao voltardes esta noite para casa, não tendes medo de encontrar os companheiros da meia noite ?

— Os *Fichtanferlick* não têm medo de cousa alguma, respondeu soberba a margrave, que ergueu-se, tão fóra de proposito, em todo o comprimento de sua estatura, que quasi levou comsigo uma das arcadas illuminadas do jardim.

Depois, com requebros e ademães desdenhosamente facetos, disse :

— Não acredito nos taes companheiros da meia noite, bem que com terror fallem todos n'elles... parece-me mais uma historia para assustar crianças !

Mas, de subito interrompendo-se, perguntou :

— Quem são esses dois pastores ? E apontou para os dois passeadores, que o camarista já havia observado.

— Não os conheço, respondeu-lhe elle, e ia fazer-vos a mesma pergunta, Lycoris.

— São-me completamente estranhos ; mas pelo luxo do seu trajo e sobretudo pela distincção que se lhes nota nas maneiras, é facil reconhecer nas suas pessoas dois fidalgos de primeira linhagem. Mórmente o mais baixo ! ... Veiu já por diversas vezes pedir-me para dansar um minuete ou uma gavota.... Por infelicidade sempre eu tinha par.... não me deixão sentada um instante !.... Mas, tornemos aos nossos cordeiros, ou melhor, aos nossos salteadores.... Vós os chamais, me parece, companheiros da meia noite ?...

— E' justamente o seu nome, Lycoris, e não recusarieis mais acreditar na sua existencia, se alguma vez os encontrasseis.

— Eu ! ora essa !.... era capaz de lançar ás entranhas da terra a todos elles....ainda que não tivesse outra arma senão esta !

E brandia, emquanto assim fallava, o cajado enfeitado de fitas.

— Ui ! exclamou o camarista, sois uma verdadeira Bradamante e admiro-vos ; porque toda a nossa policia ainda não conseguiu dar cabo d'esses patifes. Imaginai, Lycoris, que contão-se a respeito d'elles cousas assustadoras !

— Sim, sim, sei.... não se falla senão n'isso.

— Não são apenas salteadores, são feiticeiros. Tudo sabem, achão-se em toda a parte. Ainda hontem conversava eu a respeito d'elles com o chefe de policia que considera-os invenciveis.... ainda mais, que julga impossivel prendel-os. Contou-me cousas espantosas.

— Espantosas !.... Realmente excitais a minha curiosidade !

— Em um abrir e fechar d'olhos reunem-se, e dispersão-se em menos tempo ainda. Têm abrigos e ramificações que se não imaginão. Por vezes já atacárão aldêas e até mesmo villas importantes ; é tal a sua audacia que as tomão de assalto e as saqueão.... e depois, no dia seguinte, nem sombra d'elles ! Notai ainda que os habitantes corrêrão ás torres para darem signal de rebate e que os sinos recusárão tocar !

— Porque os seus cumplices lhes havião arrancado o badalo... sois pueril, Alcindor !

— Pueril, minha senhora ! Já derrotárão até corpos do exercito : elles têm artilheria, Lycoris !

— Artilheria.... Ora qual ! Ah ! se eu fosse homem....

— Poderieis vencer homens, concordo ; mas, repito-vos, esses são demonios. Quando ás vezes apanha-se algum, digo — ás vezes— porque é cousa que raramente acontece, acha sempre meio de evadir-se. Por mais elevado ou profundo que seja o calabouço, por mais espessas que as paredes sejão, por mais fortes que tenha as portas, pouco se embaração, passão pela fechadura ! Assim, pois, que audacia é a sua !— Serião capazes de nos virem roubar até aqui, n'esta festa, nas barbas do grão-duque.... em meio dos seus soldados que nos guardão....

Se tal acontecesse, palavra de honra! asseguro-vos que não me sorprenderia!

Tão intrepida, como era, não pôde a nobre e terna dama furtar-se a um subito estremecimento.

N'este momento os dois pastores desconhecidos passárão pela terceira vez não longe d'ahi, mas perdêrão-se quasi logo em uma outra alameda.

— Com fidalgos semelhantes para nos defenderem, persisto em nada receiar.... absolutamente nada! disse a margrave. Mudemos entretanto de conversa, e voltemos a cousas mais agradaveis. E sobretudo não olvideis que sois esta noite o pastor Alcindor!

E voltando ella mesma a ser Lycoris, reclinou amorosamente o braço no do seu pastor e brincando com o cajado, começou de novo a lançar-lhe os mais provocadores olhares.

— Margrave, disse o camarista deslumbrado, estais esta noite bella como um anjo!

— Chamo-me Lycoris, disse ella com meiguice; dizieis então?...

E a resposta de Alcindor perdeu-se no bosquete escuro e solitario, para onde levava elle perfidamente a imprudente pastora.

Quasi no mesmo tempo sahirão de uma alameda vizinha os dois desconhecidos pastores.

— Botão-de-Ouro, disse em voz baixa o mais alto dos dois, tempo é já de nos retirarmos, se é que nos não faz conta o sermos enforcados.

— O que quereis, tenente, respondeu o outro, não me importaria arriscar-me a isso, se me fosse permittido roubar ás delirantes pastorinhas outras joias que não fossem essas de que estão cheias as minhas e as vossas algibeiras, segundo presumo, senhor Reynold?

— Ah! sim, Botão-de-Ouro, muito me ouvirão hoje. Talvez me fosse permittido esperar conquistas mais ternas; porém é mister que nos satisfaçamos com o que pudermos apanhar.

— Ainda nos falta a sorte grande!

— Estão promptos os nossos homens?

— Sim, tenente! E a caça parece que dirige-se para o lado em que lhe está armado o laço.

— N'este caso ponhamo-nos á pista! E depois, a galope para a Floresta Negra!

Calárão-se os dois pretendidos pastores, e de novo seguirão as pisadas da margrave e do camarista.

Estes dois pombinhos arrulhavão então na parte mais copada do bosque. Alguns passos mais e attingirião os limites que o separavão do parque.

Mas podião porventura pensar em que já tão longe achavão-se? Havia sido pronunciada a palavra — casamento. — Lycoris abandonava-se cada vez mais, e mais ousado se tornava Alcindor.

— Pois sim, seja, disse ella emfim, fallaremos ao grão-duque. Mas voltemos.... estamos tão longe do baile, Alcindor!

— Ah! ah! atalhou rindo-se o pastor; estareis por acaso com medo dos companheiros da meia noite?

— Não; mas.... não tenho aqui, como teria em meio da estrada, dez criados armados dos pés até á cabeça para me defenderem.

— E não estou eu aqui, Lycoris?

— Como vos mostrais valente agora!

— E' que sou amado!

E o pastor cahiu aos pés da pastora.

Dupla risada ouviu-se estrepitosa por detraz d'elles.

Voltárão-se assustados.

Os dois pastores, que a margrave admirava ha pouco e que o camarista não conhecia, apparecêrão, rindo-se e conversando, mas certamente a respeito de cousa diversa da que poderião receiar os dois pombinhos apanhados em flagrante delicto.

— Não me virão! disse baixinho Alcindor, que se havia erguido vivamente.

Depois, para distrahir os importunos, fingiu continuar em alta voz uma historia principiada, a primeira que lhe veiu á cabeça, uma historia de ladrões.

— Dizia-vos pois, margrave, proseguia elle, que esses miseraveis nem mesmo o arrependimento conhecem. Ultimamente ainda, um d'elles, affirmão que um dos chefes, foi preso, julgado e condemnado á morte. Ião leval-o ao ultimo supplicio. Exhortava-o o capellão das prisões a morrer christãmente, e julgava haver conseguido tão meritorio desejo, quando de repente bradou o bandido: « Se me fosse restituida a liberdade só por duas horas! — E que uso farieis d'ella, meu filho? perguntou-lhe o padre. — Empregal-a-ia no mais bello roubo de que ha noticia! » respondeu o malvado. Ah! ah! ah! nunca terieis pensado em tal, minha querida margrave, ah! ah! ah!

E o espirituoso camarista procurava rir-se ás gargalhadas.

A margrave, naturalmente, imitava-o.

Mas eis que os dois desconhecidos começão tambem a rir-se com grande estrepito!

A margrave e o camarista parárão logo.

— Perdão! disse o mais baixo dos dois indiscretos, mil perdões, senhor camarista; creio que não contais o fim da historia. Não a sabeis?

— Não.

— N'este caso a senhora me permittirá que termine a vossa narração?

— Mas, senhor...

— Escoltar-vos-hemos ao mesmo tempo, ou melhor, seremos os vossos guias, pois que nos nos pareceis transviados. Nada de agradecimentos por tão insignificante serviço... Entre pastores!... Ponhamos a ceremonia de parte!

Confundidos por maneiras tão polidas, e demais não sabendo o que devião fazer nem pensar, a margrave e o camarista seguirão os dois desconhecidos, entre os quaes caminhavão agora.

Entretanto o historiador continuava :

— Haveis ficado, camarista, n'essa conclusão do salteador : « Empregal-a-ia no mais bello roubo de que ha noticia, se me fosse restituida a liberdade por duas horas ! »

E a segunda parte do seu desejo foi quasi immediatamente cumprida. Ao caminhar para o patibulo, foi libertado o condemnado. Restava a primeira... o roubo... o soberbo roubo... Adivinhai qual era a idéa do patife... adivinhai-a, margrave...

Após algumas hesitações, os dois pombos desenferrujárão a lingua. Alcindor começava a tranquillizar-se; Lycoris achava que erão muito amaveis os desconhecidos, sobretudo o mais baixo... o que fallava tão bem !

— Bella dama ! continuou elle; eis aqui qual o projecto do tratante... introduzir-se em um regio baile pastoril, como este, vestir-se com a maior elegancia... como nos achamos eu e o meu nobre amigo vestidos; papaguear com as mais lindas e mais brilhantes d'entre as pastoras, e papagueando roubar-lhes o mais subtilmente possivel suas mais ricas joias. Sim, bella dama, tal era o plano d'aquelle patife, e... dêvo dizel-o ? Sahiu-se no começo perfeitamente bem... melhor do que esperava, porque a elle uniu-se um companheiro e os dois miseraveis abusárão indignamente das suas vantagens physicas, das suas maneiras e espirito... Esses marotos formigão por toda a parte e o Sr. camarista já d'isto vos preveniu... é o diabo em pessôa quem lhes fornece os meios de que carecem ! sim, o diabo !

Ouvindo isto, começárão a margrave e o camarista a suspeitar que os dois pastores bem podião ter escutado a sua corversação do bosquete. No emtanto não se derão por achados e ambos a um tempo perguntárão ·

— E depois, — o que fizerão os ladrões ?

— Enchêrão as algibeiras, disse tambem, porém em tom um pouco mais sombrio o mais alto dos desconhecidos. Pulseiras, relogios de valor, cadeias, alfinetes, collares e até mesmo algumas bolsas, tudo cahiu-lhes nas unhas, como a chuva nos tubos das gotteiras. Isto era apenas o prefacio da expedição; o prologo antes da comedia; pequenas experiencias para exercitar a mão. Havião elles bispado certa moçoila, litteralmente carregada de diamantes... pois trazia comsigo, sem duvida alguma, para mais de cem mil florins !

A este algarismo, echo do que ella anteriormente proferira, a margrave estremeceu. Quanto ao camarista, arregalou os olhos, como que assustado.

O historiador pareceu attentar n'essa dupla impressão, e interrompendo-se para logo com encantadora modestia, disse ao seu companheiro :

— Visconde, creio que aqui a senhora aprecia mais do que a minha a vossa maneira de narrar. Continuai, pois; eu fallava da moçoila carregada de diamantes.

Lycoris fez um novo movimento, e Alcindor abriu mais ainda os olhos.

O mais baixo dos narradorres, aquelle que tanto agradava á margrave, continuou assim :

— Tinha a moçoila, de que se trata, certas tendencias para um dos mais ousados mancebos. Acompanhou-o ella ao proximo bosquete, como se diz nas cantigas em moda... Internárão-se muito... muitissimo por infelicidade, pois era precisamente ahi que os esperavão os dois malvados, como mui bem os chama o Sr. camarista. Sob pretexto de encontro havião-se dirigido aos dois namorados e com elles conversavão ; sob pretexto de ensinar-lhes o caminho, os tinhão perfidamente levado até certa encruzilhada limitrophe do bosque, onde se achavão escondidos homens terriveis que pertencião á quadrilha. Um dos dois malvados... de proposito repito a expressão... sacou de repente do seu gibão de setim côr de rosa um apito... semelhante a este... tirou d'elle um som... e immediatamente... E' inutil concluir a historia, meus dois pombinhos ; para comprehendel-a basta que lanceis os olhos ao redor de vós !

E de facto o apito havia produzido um som... e cêrca de doze homens saltavão rapidos por cima das barreiras... cêrca de doze salteadores, pintados de preto e promptos a fazer fogo, rodeavão agora os dois amantes.

— Camarista ! quiz bradar a margrave tomada de susto.

Mas Alcindor parecia que ali se não achava. Havia-se agachado por entre a folhagem rasteira, na qual sem duvida procurava morangos para a sua pastora.

— E então, Lycoris, disse rindo-se Botão-de-Ouro, não tinha razão o salteador quando queria a liberdade? Não é um feito bonito esse? E em recompensa de tão bem vos haver entretido com a minha historia, não é justo que me caiba a doce honra de livrar-vos dos vossos diamantes?

Já a elles lançava a mão o impaciente Reynold.

Botão-de-Ouro incaminhou-se tambem para a margrave.

Vendo-se roubada, a mesquinha lançou em torno de si um olhar de muda supplica e indizivel terror.

E ao redor d'ella só silencio havia ; nada mais que a solidão e a sombra do perfido bosque profundamente adormecido.

Entretanto, ao longe, torvelinhava a festa mais ruidosa do que nunca. Tudo ahi irradiava, todos estavão alegres, menos o rei dos pastores, que, assentado no seu throno de flores e folhas, esperava sempre, porém cada vez mais triste, mais impacientemente, a condessa Helena.

De subito ouviu-se ao longe o som estridente de clarins.

O grão duque ergueu a fronte. Quem, pois, annuncia assim a sua presença ?

O estridor cresce ; approxima-se. O grão mestre de ceremonias apparece emfim, sorprendido pela apresentação que tem de fazer.

— Alteza, são mancebos... em numero de mil pelo menos... é a universidade toda de Heidelberg, creio eu... e reclamão o favor de serem admittidos á vossa presença.

— A' esta hora... aqui em semelhante festa ! murmurou o grão duque com visivel desprazer.

— Foi tambem o que lhes respondi ; mas insistirão, dizendo que querião communicar á Vossa Alteza cousas da maior importancia.

— Queixas sem duvida contra os professores... algum novo privilegio.

E o grão-duque ia recusar-lhes a audiencia.

— Alteza, disse ainda o grão-mestre de ceremonias, o mancebo que parece commandar os outros, obteve de mim a promessa de dizer-vos o seu nome.... chama-se Wilhem Arnold.

— Wilhem Arnold !

O grão-duque ergueu-se de um salto; sua reminiscencia não o trahiu.

— Mandai entrar já a universidade de Heidelberg, disse; estou prompto a receber Wilhem Arnold e aquelles que o acompanhão. Ide !

Esse incidente parecia prometter alguma cousa de curioso. Todos os convidados dirigirão-se para junto do throno agreste, que ficou immediatamente cercado de pastores e pastoras.

Na mesma occasião, porém, em que todos os labios se entreabrem risonhos e afagados pela curiosidade, gritos assustadores atroão os ares.

Voltão-se todos, e cada um encaminha os olhos na direcção de que parte a gritaria.

De uma mouta de verdura sahe a margrave de Fichtanferlick. Pallida, assustada, com os cabellos em desordem, vem cahir aos pés do grão-duque ; e é com custo, e tremendo-lhe a voz, que póde articular as seguintes palavras....

— Ali...ali.... os homens negros.... os companheiros da meia... noute...roubárão-me todos os meus diamantes.... e não sou eu a unica roubada.... Vêde, senhoras, vêde bem ! e lembrai-vos d'aquelles dois pastores cujo nome aqui ninguem conhecia !

A' esta recordação, muitas pastoras procurárão com o olhar as suas pulseiras, levárão a mão á cintura, á fronte e ao pescoço e não encontrárão uma só das joias que as adornavão no começo da festa.

Vinte outras vozes abafão a da margrave, e as lamentações de Lycoris ameação tornar-se lamentações geraes.

Mas tudo emmudece ao estampido formidavel de viva fuzilaria, que se ouve do lado do bosque indicado pela margrave.

Escoão-se alguns minutos em silenciosa espectação, em inexprimivel anciedade.

Depois a musica resôa, mais brilhante, mais alegre, como para celebrar uma victoria.

Apparecem emfim os estudantes, com a bandeira desenrolada, arma ao hombro e marchando com a precisão methodica do mais exercitado regimento.

A' frente d'elles, com a espada desembainhada, distingue-se Wilhem Arnold.

Caminha para o grão-duque e com voz respeitosa, lhe diz :

— Antes de tudo, permitta-me Vossa Alteza que tranquillize essas nobres pastoras ! Forão bastante felizes os estudantes de Heidelberg por se acharem no caminho que seguirão os salteadores, e lhes terem tomado tudo quanto n'esta noite havião elles roubado. São nossos prisioneiros os dois ladrões disfarçados em pastores. Não tinhão outra causa os tiros que acabais de ouvir. Dentro de algnns minutos, minhas senhoras, diamantes e joias, tudo vos será restituido, e poderá reunir os seus fogos e reflexos aos de tantas bellezas, já tão brilhantes por si mesmas, que ninguem ainda aqui percebeu que se lhes houvesse roubado cousa alguma.

Lisongeiro susurro acolheu estas palavras delicadas ; mas Wilhem nem pareceu ouvil-as. Voltando-se para o grão-duque, continuou assim :

— Agora convém que nos desculpemos para com Vossa Altesa Serenissima. Bem longe de esperar que tão depressa depararíamos uma occasião de entrar em campanha....aqui vinhamos para solicitar do nosso soberano a auctorisação de começar a guerra contra os companheiros da meia noite. E' este, senhor, o motivo da nossa viagem e o fim da nossa visita.

— Que pois ! exclamou o grão-duque, que pois ! generosos mancebos, quereis ?....

— Vingança ! interrompeu o côro dos estudantes.

Mas um gesto rapido de Wilhem conteve-os, e elle continuou :

— Pouco importa a nossa injuria pessoal, Alteza ; a vossa é que queremos vingar em primeiro logar. O attentado impudente d'esta noite faz trasbordar o dique da moderação. E depois reinão no paiz o terror e a desolação. Mais do que os outros soffre o vosso coração, Alteza. Auctorisai, pois, os estudantes de Heidelberg para essa cruzada nacional, e quanto ao seu prospero resultado fiai-vos na velha reputação de valor, de que gozão elles. Dizei uma palavra que permitta desembainharem-se todas as espadas universitarias, e, juro-vos em nome de todos, que ellas não se recolherão senão quando livre do flagello se achar a nossa patria, senão quando no grão ducado de Baden não existir um só dos companheiros da meia noite !

— Wilhem Arnold !...

— Uma palavra ainda, principe....Para essa guerra, de fantasia e excepcional, não desejamos ficar subordinados a quem quer que seja senão a vós....e tenho a honra de pessoalmente pedir-vos os poderes illimitados, a completa liberdade de acção, que se concedem a um general em chefe...Emfim....

Por sua vez o grão-duque interrompeu a Wilhem.

— Tudo quando quizerdes, disse elle. Tendes a confiança plena do vosso soberano....general em chefe dos estudantes de Heidelberg, vinde abraçar-me !

E, com os braços estendidos, desceu Carlos Frederico do throno.

Enthusiastica acclamação saudou o abraço verdadeiramente allemão do grão-duque de Baden e do rei dos estudantes.

Aproveitou-se Carlos Frederico d'esse tumulto para trocar algumas palavras em voz baixa com o seu salvador.

— Wilhem, disse, comprehendo-vos ....sêde feliz na vossa empresa! acompanhão-vos meus votos.... e espero ter a felicidade de aplanar o ultimo obstaculo que ainda vos separa d'aquella que amais... Quando partis?

— Agora mesmo! Este tiroteio que acabamos de ter força-nos a isto, é urgente seguir a pista dos fugitivos.

— Convenho. Talvez mesmo que muito breve me tenhais comvosco. Vinde, porém, Wilhem, tenho a dizer-vos algumas palavras, que de ninguem devem ser ouvidas.

E o grão-duque, encostando-se ao braço do joven medico, dirigiu-se com elle para o castello.

O que passou-se entre ambos? Talvez que mais tarde o saibamos.

Emquanto no castello Wilhem e o grão-duque conversavão, comprimentavão as pastoras os corajosos voluntarios da Universidade. Havião elles sahido das fileiras, e misturárão-se por entre os pastores e com preferencia por entre as pastoras. A maior parte d'ellas recusou aceitar as joias.

— Ficará para as despezas da guerra! dissera uma encantadora Phyllis.

O enthusiasmo rapidamente apoderou-se das outras, inclusive a margrave de Fichtanferlick, para com quem foi quasi mister empregar a violencia, afim de consentir em ficar com as tres quartas partes dos seus diamantes. A romantica Lycoris parecia perdida pelos casacos de velludo preto: esquecia-se de tudo, e principalmente do seu querido camarista, que tambem não havia apparecido ainda.

Sem duvida nenhuma o bandoleiro Alcindor continuava a colher morangos.

Para logo, lacaios com a libré do grão-duque espalhárão-se por toda a parte, e os mais generosos vinhos da Allemanha circulárão em crystaes da Bohemia e em taças lavradas. O jardim da Favorita já então não se assemelhava mais ao do Trianon;—erão os jardins magnificos de Armida; era uma das festas magicas do Tasso ou do Ariosto.

O grão-duque appareceu e com elle Wilhem Arnold. Brilhava-lhes nas mãos uma taça de ouro.

— Ao triumpho dos estudantes de Heidelberg! bradou Carlos Frederico elevando a taça, que immediatamente desceu para tocar na de Wilhem, conforme o velho costume allemão.

Hourra! vivallerââââ! exclamárão os estudantes, após geral libação, que de todos os lados applaudião os pastores e pastoras.

Depois, soando de novo os clarins, tomou cada um o seu logar na fileira, e passados poucos momentos viu-se desapparecer na floresta a longa columna d'esses valentes soldados fardados de velludo preto, em cujas baionetas as luzes da festa parecião reflectir uma estrella.

Com elles retirárão-se tambem pastores e pastoras.

O jardim da Favorita tornou-se deserto, e mais tarde sombrio; tudo estava apagado, dormião todos, menos o grão-duque que triste

e só velava em uma das altas janellas do palacio e murmurava em voz baixa :

— Oh ! Wilhem é muito feliz.... é amado ! ao passo que eu.... Helena não quiz vir !...Talvez que não a veja mais !...

Emfim, ao despontar do dia, pôde Carlos Frederico repousar um pouco.

O dia seguinte passou-se para elle mais triste ainda do que a vespera. Nada de noticias !

Emfim, ao anoitecer, não podendo conter-se, despachou um homem de sua confiança para o valle de Rosenthal com uma carta dirigida á condessa Helena, e ordenou-lhe que partisse apenas amanhecesse, e voltasse a toda á pressa, logo que lhe fosse dada a resposta.

Vinte e quatro horas depois voltava o mensageiro com uma resposta, é verdade, mas não escripta pela condessa.

Advertido por secreto presentimento, Carlos Frederico rompeu o sobrescripto.

A assignatura era do primeiro magistrado do districto.

Cada vez mais admirado, quiz lel-a o grão-duque; mas apenas lançou os olhos ás primeiras linhas, soltou um grito de desespero e de colera.

Depois, fóra de si, vacillante, como louco de dôr, lançou mão de uma campainha, agitou-a violentamente e bradou :

— Um cavallo !...parto n'este momento....um cavallo.

(*Continúa*).

POESIAS.

MEU SEGREDO.

Um beso e nada mais.
ESPONCEDA.

Vem sentar-te, moreninha,
Junto a mim, aqui na relva;
Vem ouvir as jurutys
Como gemem lá na selva.

Vem sentar-te, nada temas,
Somos sós com nosso amor:
Só nos ouvem os sahys
Que lá estão n'aquella flôr.

Só nos ouve a natureza :
Só nos ouve a verde matta,
Só nos vê o céu risonho
Que tua alma assim retrata.

Não me fujas, oh ! não corras,
Moreninha sem rival ;
Porque foges ? porque corres,
Tu receias algum mal ?

Ai ! louquinha, porque córas ?
Porque assim tens tanto medo ?
Ora, escuta, sê benigna,
Vem ouvir o meu segredo.

Ai ! assim minha morena,
Como és bella assim rosada ;
Pende mais a tua fronte,
No meu hombro recostada.

Meu segredo vou contar-te,
Sê benigna, p'ra comigo ;
Não me fujas só te peço,
Porque então eu não te digo...

Quando chega a primavera,
Quando tudo são amores,
O que faz o sabiá
Entre os ramos e as flores ?

Quando a tarde vem cahindo,
E que tudo está saudoso,
O que faz a patativa
Ternamente a seu esposo ?

Quando raia a doce aurora,
Todo o campo matizando,
O que fazem as rolinhas
Seus amantes afagando ?

Moreninha, não compr'hendes,
O que eu quero te dizer ?
E' tão facil, eu te digo :
— Quero um beijo! — Póde ser ?!...

—

Moreninha, como é bella
Tua face assim rosada,
Assemelha-se a uma rosa
No hastil desabrochada.

J. Barbosa Rodrigues.

3 de Março de 1861.

A VIDA.

A vida é triste como um sonho vago
Que a mente opprime em pesadelo atroz ;
— E' como a planta que o tufão inclina
Na tarde estiva, — no correr veloz :

— E' como a nave que a tormenta quebra
De encontro ás pedras de alcantil fragoso ;
— E' como a lympha que da rocha nasce,
E vai perder-se sobre um chão lodoso !

A vida é triste como o som de um orgão
Ouvido ao longe na soidão de um serro ;
— E' como um hymno de saudade infinda
Que a patria lembra no cruel desterro ;

— E' como o germen de uma ideia immensa
Que mal nascida se desfaz sem norte ;
— E' como a chama de uma luz sublime
Que o vento apaga n'um soprar da morte !

A vida é triste como o som de um sino
Por alta noite no dobrar sentido ;
— E' como o canto do exangue nauta
Sobre a jangada, lá no mar perdido ....

— E' como a estatua que empoeirada fica
Em nicho escuro de arruinada igreja ;
— E' como o fuste de columna ingente
Que derrocado pelo chão rasteja.

A vida é triste como o olhar do louco
Que em febre ardente desvairado ri ;
— E' como o emblema de uma cruz da campa
Lembrando as cinzas de quem dorme alli ;

— E' como a gloria do guerreiro altivo
Que vai no tumulo revolver-se em pó ;
— E' como um craneo alvejando á noite
No cemiterio, abandonado e só !

F. J. Bittencourt da Silva.

AO CREPUSCULO.

Suave aragem susurra
Nas folhas do palmeiral,
E lympha clara murmura
N'uma fonte de crystal.

O rouxinol mavioso
Sauda o morrer do dia,
E o seu cantar langoroso
Infunde melancolia.

A lua surge nas aguas,
E' morno e tibio o clarão,
Embebida em doces magoas
Vem a virgem do sertão.

Tem ao seu lado uma estrella,
Cheia tambem de pallor :
Quem sabe se o amor da bella
Não é da estrella o amor ?

E ambas n'esse degredo
Não deixão ver a ninguem
Aquelle doce segredo
Que suas almas contém.

Estrella e lua ! vós ambas,
Vós comprehendeis o amor.
N'esse olhar entristecido,
Cheio de graça e pudor :

N'esse soidoso silencio,
N'essa estranha melodia
Que vos enleva n'um gozo
De celestial poesia ;

N'esse instante que fundidas
Duas almas n'uma só,
Arroubadas de ventura
Se estreitão em puro nó;

Como vós tambem eu amo,
Como vós tenho saudade ;
Lanço os olhos, e outros olhos
Não vejo na soledade.

Vêde que sois mais felizes !
Não invejeis a ninguem
Aquelle doce segredo
Que vossas almas contém !

N. ALVARES.

DESANIMO.

Longe d'aquelles que me prezão tanto
E' bem triste minh'alma,
A dor que o coração — magôa intensa
E' dor que não se acalma !

Outr'ora tive — inspirações ardentes
E crenças — no futuro,
E o céu que eu via — tão azul tão bello
E' hoje — um céu escuro !

Gloria.. e amor — para mim dois anjos forão
Que, em meu leito velárão
E — hoje — para mim — amor e gloria
São flôres que murchárão !

Recebo, sem receio, e aos labios toco
O calix d'amargura,
Eu sei que — cedo — dormirei tranquillo
Na fria sepultura!

Qu'importa ? o pobre viajor cançado
Deseja repousar
Entre os goivos — e á sombra do cypreste
Não tarda elle parar !

O meu leito é de pó!... que somno placido
Eu lá — não dormirei ...
Ahi — não hei de ter noites tão longas,
Que em vigilias passei !...

Eu deixo o mundo — sem deixar saudades
No despontar da vida.
E' tempo viajor ! dorme e descança
Tua fronte abatida !

Só quero a benção de meu pai querido,
Cerrando os olhos meus...
E ás minhas irmãs — que eu tanto adoro
Dizer o ultimo adeus...

7 de Novembro de 1860. Em Baependy.

PEREIRA DA CRUZ.

SORRISO E LAGRIMA.

A' F.

Nasci, cresci sobre a terra ingrata
E choro e rio no viver d'agora ;
Se durmo, sonho, na vigilia scismo
Lembrando sempre meu viver d'outr'ora.

Pobre pombinha que voou incerta
Nem acha abrigo n'um só verde galho,
Bateu as azas e se perdeu nos ares
Cahindo exhausta no gelado orvalho.

Como a pombinha divaguei á tôa
Brinquei nos ares e cahi sem medo;
Corri o mundo, — sem saber porque
Da infancia os risos eu perdi bem cedo.

Oh ! que bem cedo me murchou a vida
Correndo os dias qual no mar a vaga,
E d'esses sonhos do passado — virgem, —
Me abunda a mente uma lembrança maga.

Sonhei — a virgem dos meus bellos sonhos,
Sonhei a vida n'um viver de amores ;
Sonhei um mundo de delicias cheio ...
Um mundo todo circumdado em flores.

Sonhei ... sonhei, e no sonhar tão triste
Chorei a vida que vivi — tão linda ! —
Maldisse o mundo — sobre a terra ingrata
E de tristeza me recordo ainda.

Hoje me corre prasenteira a vida,
Oh ! virgem bella dos meus bellos sonhos :
Alegre vivo dedilhando amores,
Passando os dias que me são risonhos.

E tu, florinha, m'incensaste a vida
E déste crença a quem vivia triste,
Se contente vivo, é qu'eu em ti só penso,
Por ti minh'alma suspirando existe.

Setembro de 1861.

G. DE ABRANCHES.

CHRONICA DA QUINZENA.

De quinze em quinze dias, desde tres annos, logo que vos entregavão a *Revista Popular*, abrieis cobiçosos as ultimas paginas d'este periodico para ler as noticias da quinzena sempre amenamente referidas por um chronista tão delicado como espirituoso, o vosso amigo Carlos.

Carlos tinha sabido merecer e ganhar a vossa estima. Era um chronista que narrava os factos sem desfigural-os, que elogiava sem lisongear, que criticava sem offender, e sobretudo isso era um amigo que vos saudava sempre cõm um sorriso nascido no coração; um amigo que em tres annos nem uma só vez vos impacientára com um capricho filho de uma hora de máo humor; um amigo que conversava com vossas filhas na sala do toucador, com vossas esposas na sala de visitas, e que nunca deixára uma idéa menos innocente no espirito, um sentimento menos nobre no seio de qualquer d'ellas.

Nunca houve, portanto, estima que mais bem fundada se mostrasse.

Hoje, porém, ao receber a *Revista Popular*, vossos olhos correráõ pressurosos, como setenta vezes antes, a procurar o querido chronista, e estou lendo o desanimo e a tristeza em vossos semblantes; porque em logar de Carlos, o mancebo elegante, discreto, instruido e suave encontrais — *O velho* — e um velho rude, impertinente, massante, e antipathico, um velho de oculos e de cabelleira, um velho que traz a mesma casaca de que usava em **1823**, casaca que nunca virou e por consequencia inteiramente fóra da moda.

Em que mãos foi cahir a chronica da quinzena da *Revista Popular !*

E' a chronica da actualidade escripta pelo anachronismo ! é o absurdo erigido em axioma; ao menos, porém, debaixo d'este ponto de vista o *velho* entra no dominio da moda, e portanto remoça por milagre do absurdo.

Sinto as difficuldades da minha posição : comprehendo que as saudosas lembranças de Carlos pesaráõ sobre os hombros do *velho* ainda mais do que a triste carga de seus longos annos, e para modificar a má impressão que devo produzir, começo por declarar que o nosso amigo Carlos não abandonou a *Revista Popular*.

Se o querem descobrir, procurem-no com cuidado : um pseudonimo o esconde com o véo da modestia; mas a violeta, que se occulta entre folhas protectoras, é atraiçoada pelo perfume que exhala.

O estylo, o espirito, as ideias e o merecimento do trabalho respectivo atraiçoão o nosso Carlos.

Carlos continua a ser um dos collaboradores da *Revista*; mas... cuidado ! não vão agora dizer que eu não sube guardar este segredo. Um *velho* com o defeito, que mais commum se observa entre as moças, deve ser cousa muito ridicula !

15 Novembro 1861

*
* *

E não zombem de mim porque sou velho.

Ha velhos que ainda têm muito prestimo.

Não posso fortalecer a minha proposição com o exemplo do vinho; porque já não ha vinho velho depois que na nossa capital se collocou uma bica d'agua ao pé de cada armazem de molhados. O exemplo dos amigos tambem cahiu em desuso, e assim ficará até que saião do mesmo ovo alguns novos Castor e Pollux.

Resta-me, porém, o exemplo brilhante do nosso theatro lyrico.

Que ha ahi de mais velho do que o famoso *Provisorio* ?...

O theatro *Provisorio* tocou o superlativo do adjectivo permanente.

Obra gloriosa do senhor mestre Vicente, o theatro Provisorio foi construido *para durar tres annos*, e lá vai com um decennio de existencia, repetindo de noite os echos de suaves e não suaves melodias, e protegendo de dia com a sua sombra os leilões de quadrupedes.

Já lhe gemeu o tecto; mas puzerão-lhe em soccorro mais tesouras, do que se encontrão na loja do primeiro dos nossos alfaiates.

Está velho, muito velho; mas brilha ufano e garboso, como um ancião da patria que ainda não desmancha prazeres, quando se tracta de uma contradansa franceza.

Todos lhe adivinhão o termo da existencia; ha de, porém, morrer como o duque d'Orléans, o regente, no meio do prazer e das delicias.

Ainda a 4 de Novembro corrente o venerando barracão teve uma noite de festa.

E que festa !

Vou contal-a em duas palavras; porque é caso que

« Melhor é experimental-o, que julgal-o;
Mas julgue-o, quem não póde experimental-o. »

A companhia da Opera Lyrica Nacional representou ainda uma vez « *A Noite do Castello*, » bello e muito esperançoso triumpho do nosso joven e inspirado compositor de musica o Sr. Antonio Carlos Gomes.

Tudo está dito e escripto a respeito d'essa opera que veiu revelar-nos a existencia de um thesouro; tudo, porém, não estava ainda feito em honra do joven compositor.

No fim do segundo acto o Sr. Carlos Gomes foi chamado á scena, uma senhora no proprio nome e no de muitas outras offereceu-lhe uma batuta de ouro enriquecida de pedras preciosas e de ornatos allusivos.

O Sr. Carlos Gomes, em cujo peito já brilha uma linda *rosa* que lhe deu o Imperador em signal do apreço em que tem o seu merecimento, foi coberto de flores, de applausos e de poesias.

O publico, victoriando o joven artista, sentia-se arrebatado por um patriotico enthusiasmo.

Até eu, pobre velho, frio como o proprio inverno, cedi á influencia d'aquelle ardor geral, não pude escapar ao fervente contagio, e bati palmas com as minhas mãos tremulas.

E quando o nosso Carlos Gomes retirou-se da scena, fechei os olhos para vêr ainda reproduzir-se na minha alma o bello espectaculo que acabava de electrisar-nos a todos.

Mas... a imaginação foi na minha alma mais forte que a memoria, e em vez de deixar-me lembrar, fez-me sonhar.

Foi um sonho: nem podia ser outra cousa; mas não foi sonho de velho, palavra de honra.

*
* *

Eu vi a batuta, que fôra poucos momentos antes offerecida a Carlos Gomes, estremecer nas mãos do artista, e agitar-se em movimentos regulares, como se já estivesse marcando o compasso.

D'ahi a pouco a batuta fallou.

Não vos admireis: ha muita gente que falla pelas pontas dos dedos, e portanto bem podia a batuta fallar pelas cordas das suas duas lyras.

E' uma batuta encantada; um genio em fórma de batuta, e tem por consequencia o direito de pensar, fallar, criticar e vaticinar.

— Sou mais do que uma simples batuta; disse-me ella; porque exprimo gratidão e esperanças, pensamentos de actualidade e de futuro. Quero fallar... quero explicar-me...

— A senhora batuta tem a palavra para se explicar; disse-lhe eu.

A batuta endireitou-se no ar, como um deputado na tribuna, e sem pedir copo d'agua ao porteiro do theatro, deu principio ao seu discurso.

— Tenho por ornamentos uma estrella brilhante e duas lyras, e a estrella como as lyras tem a sua significação especial.

— Entendo perfeitamente; que significa, porém, a estrella brilhante?

— A estrella brilhante, meu velho, é o futuro de Carlos Gomes. O joven artista ha de ir muito longe, comtanto que o não percão no caminho: aos vinte annos de idade ostenta já uma grande intelligencia musical: a ovação, que elle acaba de receber, foi o justo premio da obra excellente do seu genio: quem não applaude o talento que tão luminoso se annuncia, ou não tem coração ou o tem devorado pela inveja; mas é preciso que não desnorteem o artista. Meu velho, dize, repete mil vezes a Carlos Gomes que estude, estude muito e sempre, para que com o estudo vença, pois que póde vencer, a distancia que o separa dos mestres como Rossini, Donizetti e Meyerbeer. Dize-lheisto, meu velho, dize-lhe!

— Está ouvindo o que lhe aconselha a sua batuta, senhor Carlos Gomes?... perguntei ao artista.

E Carlos Gomes beijou a batuta com o ardor com que o esposo apaixonado beija a esposa querida na noite do noivado.

E a batuta continuou logo depois:

— Esta lyra, que trago em uma das minhas faces e que era tão melancholica e como dolorosa...

Com effeito ouvi a lyra soando tão triste, que parecia um anjo a chorar.

— Esta lyra tão melancholica exprime o receio de um desencanto. Ella teme vêr a Opera Nacional passar da decadencia á morte : ella procura as esperanças que embalárão no berço esta patriotica instituição, e chora ao encontra-las desvanecendo-se : ella pergunta quem ha de interpretar as obras de Carlos Gomes e de outros, cantando-as em lingua portugueza; ella diz que na Opera, ainda mal chamada nacional, canta-se em portuguez hespanholado, afrancezado, allemãosado, estrangeirado emfim, e menos somente em portuguez do Brasil, e está por isso tremendo de medo : porque ás duas por tres confundir-se-hão todas aquellas linguas em *ados* e ficará a Opera Nacional transformada em nova torre de Babel ; ella pergunta que é feito de Carlota Milliet, a voz sympathica e suavissima que, se fosse aproveitada conscienciosamente pela arte, seria em verdade admiravel; ella pergunta mais porque não se procurão e engajão artistas nacionaes para a Opera que se chama nacional ; e abatida, desconsolada e triste, a pobre lyra chora tantos esforços perdidos.... tantos recursos mal aproveitados. Não vês, meu velho ? a lyra esta chorando.

— Mas, apezar de chorona, a lyra falla como um advogado no jury !

— Ah !.... e quem sabe se poderá conseguir a absolvição da Opera Nacional accusada pela opinião publica ?....

— E a outra lyra ?... vamos ouvir a outra lyra.

A batuta voltou-se na mão de Carlos Gomes, e apresentou-me na outra face a segunda lyra, que se fez ouvir animada e esperançosa.

— Que está cantando essa alegrona ?....

— Está sonhando com o futuro : diz ella que alguma benefica providencia virá em soccorro da Opera Nacional ; que artistas nacionaes hão de vir pouco e pouco tornal-a bem brasileira, e que então Carlos Gomes e muitos outros escreveráõ operas caracteristicas brasileiras, inspirando-se com o céu, a natureza, as auras, as aves, e as flores da patria...

O canto da segunda lyra soava cada vez mais vivo e arrebatador...

Eu me sentia possuido de um encanto indizivel.

A batuta moveu-se com esforço potente na mão de Carlos Gomes e este, cedendo ao impulso irresistivel, começou a bater o compasso, marcando um andamento alegrissimo...

A lyra produziu um effeito semelhante ao da flauta magica...

Toda a companhia da Opera Nacional, com o Sr. Amat á frente, appareceu correndo em direcções differentes...

Era uma revolução que se desencadeava... uns maldizião d'ella, outros a chamavão regeneradora...

E a batuta batia sempre o compasso decidida, forte, implacavel. .

— Batuta revolucionaria !... bradou á uma voz e desesperadamente toda a companhia...

Esse brado foi um cheio terrivel, e tão alto e desafinado, que estremeci, abri os olhos... e vi...

E vi que tinha sonhado.

*
* *

A quinzena foi de festa e gloria para o Sr. Carlos Gomes.

No dia 8 do corrente o senhor secretario da academia das bellas-artes, em nome do senhor conselheiro director da academia, fez entrega ao Sr. Antonio Carlos Gomes de uma insignia de brilhantes de cavalleiro da imperial ordem da Rosa, acompanhada de uma carta do senhor conselheiro mórdomo da casa imperial.

A carta deve ficar registrada e para sempre lembrada na memoria dos artistas brasileiros.

« S. M. o Imperador, querendo dar uma prova do apreço que faz dos seus trabalhos na sua arte, dignou-se de ordenar-me que fizesse tirar o diploma de cavalleiro da imperial ordem da Rosa com que o honrou : assim mais que lhe mandasse a insignia da mesma ordem, que junto achará. Resta-me o felicital-o pela distincção que recebeu. Deus guarde, etc ».

Honra semelhante foi feita por S. M. o Imperador, e uma carta igual será entregue pelo senhor conselheiro director da academia ao Sr. Victor Meirelles de Lima, autor do quadro historico — A primeira missa no Brasil. —

Os nossos dois jovens artistas Carlos Gomes e Victor Meirelles merecêrão por certo as distincções com que os honrou S. Magestade; n'este facto, porém, devemos vêr mais do que um premio conferido a dois artistas de merecimento, devemos vêr um brilhante incentivo, uma decidida animação para todos os artistas, a quem do alto do throno o Imperador está dizendo com sua voz potente : « avante ! avante !... »

*
* *

Todos no Brasil têm mais ou menos conhecimento da celebre questão do Oyapoc, que o nosso Imperio disputa ainda hoje com a França; não tenho, pois, necessidade de explicar qual ella seja, nem de desenvolver a materia para mostrar a sua transcendencia.

E' uma questão seria e grave, uma questão de limites que já tem cabellos brancos, pois que vai se approximando a dous seculos de idade; uma questão emfim que nos expõe á perda de uma grande e preciosa porção de territorio no norte do Imperio.

N'esta contenda lucta com o Brasil uma potencia de primeira ordem da Europa, a mais guerreira entre todas no mundo, uma das mais ricas, e portanto bem capaz de lembrar-se de cortar o nó gordio da questão com a espada de Alexandre.

Em taes circumstancias recommendava a prudencia e o cuidado do futuro que o Brasil fizesse apparecer no Oyapoc um exercito sufficientemente numeroso para defender os seus direitos contra as injustas pretenções da França.

Um exercito do Brasil no Oyapoc para se oppor ao immenso poder da França !

Que vos admira ?... a cousa realizou-se.

E' verdade que o governo brasileiro não recrutou soldados, nem moveu batalhões ; é certo que o thesouro publico não despendeu os

seus milhões para organisar as tropas, e equipar a armada indispensavel para leval-as ao Oyapoc: não se fundiu nem uma só peça de artilheria; o arsenal de marinha não se poz em movimento para os arranjos de uma esquadra; nada d'isso... nada absolutamente...

Mas um poderoso e bem disciplinado exercito brasileiro acha-se hoje postado no Oyapoc.

Esse exercito respeitavel e brilhante é « o Oyapoc e o Amazonas, » obra em dois bellos volumes dada este anno ao prélo em Pariz pelo seu auctor o Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva.

N'esta obra encontra-se um estudo e exame o mais completo da questão com a apreciação de todos os documentos á ella relativos: admira-se em todo o correr d'ella a illustração profunda do auctor, a analyse a mais conscienciosa e perfeita, e um raciocinio cerrado e invulneravel, que leva os espiritos ainda os mais suspeitos contra o Brasil a reconhecer a justiça que assiste a este Imperio na famosa questão que elle disputa com a França.

E' uma obra que vale um exercito, um exercito invencivel na grande e nobre arena na opinião do mundo.

E' uma obra que o governo deveria mandar traduzir para que todos os brasileiros podessem lel-a e aprecial-a.

E' uma obra que vale muito mais do que todas as missões diplomaticas que o Brasil tem pago.

O Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva prestou á sua patria um serviço relevantissimo, e se houve algum dia pessoas que duvidassem das altas habilitações e do immenso prestimo d'este nosso illustrado compatriota, ahi está « o Oyapoc e o Amazonas » para dissipar todas essas duvidas, e servir de fundamento á gloria immorredoura do Dr. Silva.

Na questão do Oyapoc ainda ninguem fez tanto pela causa do Brasil como o Dr. Joaquim Caetano da Silva, e ninguem por certo conseguirá fazer mais do que elle.

O seu livro é um exercito, que não poderá ser batido.

*
* *

Depois de tão alegres noticias, quaes as que acabo de dar, vou infelizmente pôr termo á minha primeira *Revista* com a recordação de um acontecimento lamentavel.

O facto é já de todos sabido; mas nem por isso póde o chronista esquecer-se de registral-o.

Um dos nossos melhores navios de guerra a vapor, o *Pedro II*, deu ultimamente á costa nas vizinhanças de Montevidéo.

Graças a Deus, não temos que chorar a perda de uma unica vida.

Lá se foi portanto mais um navio!...

Tempestuosa e fatal para nós tem sido aquella costa de Montevidéo! além do vapor Pedro II, tem naufragado na costa e até nos campos de Montevidéo ou do Estado Oriental muito thesouro do Brasil!...

Quando penso n'isto, dão-me ancias.... de fazer ponto final aqui.

O Velho.

MODAS.

Ha horas na vida tão amarguradas pelo enfado e pelo aborrecimento, que com grande difficuldade as supportamos : se queremos lêr, baralhão-se-nos as ideias; se intentamos escrever, nega-nos a penna o seu auxilio ; se appellamos para a conversação, entretenimento que ás mais das vezes agrada, ainda quando não lhe sirva de thema a vida alheia, faltão-nos as phrases, respondemos furtilidades e fazemos perguntas, de que nos envergonhariamos em qualquer outra occasião.

Ora, se nós, que temos a liberdade de buscar o divertimento onde nos convenha, estamos sujeitos á essa detestaval enxaqueca, como fugiráõ á ella as senhoras a quem as leis da nossa sociedade e o systema de educação seguido até hoje têm tolhido os passos, e dão, em grande escala, para logar de recreio o espaço fechado pelas quatro paredes do lar domestico, sem duvida o menos perigoso, porém seguramente o mais avêsso ás distracções ?

Não julguem as leitoras da *Revista* que entendemos, como outros, que só além dos umbraes do nosso domicilio nos é permittido o prazer; pensamos de modo diverso, e acreditamos que muitas pessoas nos acompanhão n'este modo de pensar. Tractamos, por agora, de estabelecer um parallelo entre a liberdade de que o homem goza e a que é dada á mulher, e de apontar quaes os meios empregados por um e a outra afim de afugentarem o desfastio, que de ambos se apossa, quando nem a leitura, nem a escripta, nem a conversação têm o poder de distrahil-os.

O homem, quasi sempre egoista e ao mesmo tempo versatil, abusa do privilegio, com que mímoseou-se, de ter entrada franca em toda a parte; passeia a qualquer hora, frequenta os hoteis, os theatros e os bailes, joga, fuma, corre a cavallo os suburbios da cidade, e algumas vezes encontra prazer até no aborrecimento.

A mulher combate esse inimigo commum formando castellos que desmoronão-se tão facilmente como é facil ao pensamento o desviar-se do assumpto que o preoccupa ; então lança mão do seu bastidor, começa a bordar uma flôr que na vespera lhe parecia ser trabalho para meia hora, e o dia já vai adiantado, e a flôr ainda está apenas debuxada ! De novo assaltão-lhe o espirito ideias risonhas ; a pouco e pouco essas ideias vão passando por uma transformação desagradavel; o peito arqueja, os olhos sentem-se orvalhados por uma lagrima, os labios tremem, e os braços cahem desfallecidos, como se o cansaço os prostrasse.

O piano podel-a-ia distrahir; mas os dedos não tirão do teclado senão melodias repassadas de queixumes : ella quereria tocar uma valsa de Strauss, porém não ouve senão esse pensamento sinistro que occorreu a Weber poucos minutos antes de suicidar-se. E o tedio a persegue constante, a molesta, a desalenta ! A vida já lhe parece um

martyrio; de bom grado ella trocaria os seus attractivos de anjo pela catadura de um demonio, comtanto que lhe fosse dado substituir o seu lindo trajo femenil pelas enlameadas calças do primeiro homem que soubesse distrahir-se ainda quando aborrecido.

Felizmente essa troca, essa substituição não passão de uma fantasia, que dentro em pouco tempo se desvanece; felizmente, e quando a tormenta está no seu auge, apressa-se a moda a vir applacar os elementos. Apezar de caprichosa e voluvel, adorna-se com os seus mais bellos vestidos, inventa um penteado, crêa um enfeite tão seductor, que não é possivel resistir-lhe; e então a lagrima crystallina é acolhida nas dobras de um lenço de finissima cambraia, aquelles labios trementes tornão-se convulsos de prazer, e os braços inertes erguem-se para apertarem em doce amplexo a amiga e protectora da victima do enfado.

Assim explicou-nos uma senhora o amargor de algumas horas por que tem passado; quando não fosse por todas as leitoras da *Revista*, ao menos por ella, pedimos á moda que nos liberalisasse os seus favores e nos concedesse uma parte d'esse valente antidoto com que inutiliza os effeitos da venenosa presença do mais temivel inimigo da tranquillidade humana. Foi ouvido o nosso pedido, e em resumo eis o que se nos communica como novidade mais importante:

— *Para uma senhora casada:* Vestido de cassa branca rajada de côr de rosa. — Mangas com dois fofos estreitos em cima e dois no punho, sendo o meio formado por um outro maior e alongado. — Cintura redonda. — Saia guarnecida de quatro babados com um galão franzido pregado sobre o superior. — Camisinha de entremeios de renda, ornada de fita de nobreza e circulada por dois babados de renda.

— *Para moça solteira:* Chapéo *(Tudor)* de palha enfeitado de fita côr de violeta, pennacho branco e duas plumas, uma branca e a outra violeta. — Sobretudo comprido feito de casimira cinzenta mui leve, adornado por um collarinho e tiras da nobreza da mesma côr da fita do chapéo, com botõesinhos de seda.

— *Para menina:* Chapéo denominado — sino — guarnecido de botões de rosa e fitas de velludo preto. — Vestido de nobreza enfeitado de fitas crespas e tiras tambem de nobreza, porém de uma côr que destaque fortemente a do vestido.

RIO DE JANEIRO.—TYP. DE PINHEIRO & C.ª, RUA DO CANO N. 165.

VIAGEM A VOLTA DE UM JORNAL DIARIO.

São prohibidas as observações sobre o titulo desta obra monumental.

E' minha a propriedade, ninguem pode contestar-me o direito da prohibição. Permitte-se a leitura, consente-se a analyse em tempo competente e seria pouco razoavel quem exigisse mais largas concessões.

Ousaria alguem negar a proficuidade de uma excursão á roda do globo?

Não, certamente. Pois será de certo muito myope o que não vir, em uma viagem á volta de um *jornal diario*, vastissimo campo para minuciosas investigações, para reflexões profundas.

Respeitem esta opinião, como sensata, se quizerem que preste a devida attenção ás que vierem depois da leitura.

Peço a palavra para uma explicação:

Não pretendo sustentar que o viajante só encontrará cousas uteis e agradaveis, porque seria um absurdo. Ha de achar tambem cousas más, pessimas e até ridiculas.

Na viagem á roda do globo deve o observador notar muitas miserias, a par de muitas maravilhas, porque o mundo que Deus creára já não existe, e este em que vivemos é uma nova edicção, com vinhetas e arabescos, mas imperfeita, porque a mão do homem lhe pôz o sello da imperfeição. Aqui, a irregularidade é mais natural, por ser o jornal obra nossa, e sem a approvação do Creador.

Não ha no mundo escriptor impeccavel que, uma vez ou outra, se não arrisque a uma justa condemnação no tribunal do bom senso.

Eu confesso que, chamado á barra, não entraria com animo tranquillo e socegado, contasse embora com a extrema benevolencia dos juizes.

Sou capaz de jurar que Ovidio, Homero e Virgilio escrevêrão mais sandices do que qualquer homem estupido e ignorante, que não saiba ler.

Ainda bem que, sendo condemnado, restar-me-ia a consolação de encontrar a meu lado todos os escriptores passados presentes, e até os futuros, se a sentença me relivesse o tempo necessario para aguardar a sua chegada.

Solatio est miseris socios habere camarates.

1 Dezembro 1861

475

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUB
—DO—
RIO DE JANE

Posso asseverar que o talento, a sabedoria e a circumspecção,

« Cousas que juntas se achão raramente, »

não são reductos inexpugnaveis contra as mil tentações que nos impellem ao peccado.

Exemplos :

O homem de talento, emquanto o não domina um poder estranho, vai ceifando, sem ferir-se, os louros que mais tarde hão de engrinaldar-lhe a fronte ; mas la vem um dia asiago, uma terça feira, em que, compellido por successos imprevistos, ergue um vôo altaneiro, sem medir a extensão do espaço, e tenta approximar-se do sol. Adeus !

Está perdido, irremediavelmente. As azas d'Icaro derretem-se, e o pobre desazado vem por ahi abaixo aos trambolhões, cahir no meio deste lodaçal, onde a intelligencia chafurda immensas vezes a par da mais supina ignorancia.

E se, ao menos, ficasse enterrado de uma vez, e para sempre !

Era a felicidade fazendo figas á desgraça ;— não é possivel.

O destino, com a sua mão de ferro, suspende-o pelos cabellos, e deixa-o com as orelhas de fóra, para escutar na hora extrema as gargalhadas do respeitavel publico !... De uma d'estas só poderia livrar-se o litterato, se usasse de cabelleira.

O infeliz perde-se, já se vê, por ter sahido do alinhamento na estrada que lhe apontára a natureza. *Nec omnibus omnia.*

Tractemos da sabedoria. O sabio, vergado ao pezo dos annos consumidos em fadigosas lucubrações, e em lucta constante com mesquinhas invejas, caminha, ainda assim, com passo firme e seguro, no escabroso trilho da gloria. Os homens intelligentes, como os meus leitores e eu, e justos como eu e os meus leitores, abrem-lhe passagem, formão alas e curvão-se em respeitosas saudações; mas não impedem que os rafeiros, sahindo de traz das paredes, vão morder-lhe de vez em quando nos calcanhares.

Ora, o calcanhar de um sabio não é invulneravel; a dentada fere-o, e a dôr ha de molestal-o por força. Que tenha paciencia.

Como lenitivo á esta magua, o futuro acena-lhe de longe, e mostra-lhe o seu nome, escripto com lettras gordas, na testa da posteridade ! Deve ser ineffavel este gozo antecipado ! Eu offereceria a troco delle dez annos da minha vida, a contar desde o dia da minha morte.

Que importa que fique a penuria para repartir pelos herdeiros, se o filho de um sabio, embora seja idiota, póde annunciar-se em toda a parte pelo appellido que seu pai illustrára !...

Ah ! gloria, gloria !... Quem te não conhecer que te compre.

Mas vamos ao caso. O homem, para merecer o epitheto de sabio, não precisa de ser encyclopedico. Não o é, mas vai ostentando a sua superioridade, até que se encontra a braços com um ferrenho contendor, que ouse aggredil-o, sem medir-lhe as forças, sem attender a que vai arcar com uma bibliotheca viva. Com que armas se apresenta

em campo o attrevido, obscuro, em face do laureado adversario?... Com o profundo e aturado estudo de uma cousa só, cuja sciencia o deixa quasi imperceptivel na presença d'aquelle que sabe tantas!

Mas essa cousa, o que é?... Ora... o que ha de ser?... E' a unica em que o sabio é completamente ignorante!

Ahi o temos, por consequencia, entre Scylla e Carybdis.

A reputação, adquirida á custa de inauditos esforços, baqueará se o sabio se conservar em silencio, e oscillará sobre a base se o triumpho não fôr immediato e incontestavel. Que ha de fazer?.. Consulta, sobre a materia, o auctor que primeiro lhe offerece o acaso, e esse auctor, semelhante a Homero só pela circumstancia de dormir algumas vezes, como qualquer de nós, escrevêra a sua obra sonhando, e errára!

Lá se vai tudo pela agua abaixo;—o sabio erra tambem! *Quòd errare humanum est.*

Fallemos agora do que reune a qualidade de circumspecto a todos os dotes necessarios ao escriptor. Nem esse está livre da quéda, porque é homem, e o espirito mercantil da época não inspirou ainda a ideia da creação de um estabelecimento de seguros contra os immensos perigos a que se acha exposto o juizo, e ha casos em que elle, invadido em seus dominios por estranho poder, deixa o seu possuidor á r ercê dos ventos, como o baixel sem leme, e em risco de ir arribar á porta de um hospicio. Não se descobriu até hoje qual seja a organisação, qual seja a idade, quaes sejão os exemplos que nos assegurem a salvação, no meio de tantos e tão perigosos escolhos.

O circumspecto póde sêl-o impunemente emquanto as molas reaes gyrarem sobre os eixos com a sua natural regularidade.

Prudente e cauteloso em tudo, os seus escriptos revelão uma sisudez pouco vulgar, uma placidez de espirito invejavel, uma cega obediencia aos mais austeros preceitos da bôa logica; mas este estado póde soffrêr uma alteração funesta, pelo mais insignificante motivo.

Supponhamos que se lhe mette na cabeça .. o que ha de ser?.. Uma perna de uma dansarina! A circumspecção não resiste á uma invasão d'estas.

O pobre homem, curvado sob o pezo de semelhante trambolho; cego, porque lhe esvoaça diante dos olhos, em nuvens de algodão, a maior parte da belleza que o fascinára, deixa o juizo em casa, e como aquelle namorado de que falla Gregorio de Mattos:

« A' rua sahe, e junto ao aposento
« Do adorado portento,
« Onde cuidou gozar da dama bella,
« Se lhe manda fazer pé de janella;
« Aceita elle, e livre de desmaio,
« De amorosos conceitos faz ensaio. »

E' n'este ensaio que o cidadão mais sisudo se prepara convenientemente para figurar como heróe n'uma comedia ridicula, dando-me o

direito de applicar-lhe tambem o competente texto latino: *Quantum mutatus ab! illo!*

E não se admirem. Eu conheci um homem sensato que atravessou todo o periodo da mocidade sem dar uma d'estas patadas monumentaes, que fazem estremecer o juizo, abalando-o para sempre. Mais tarde, quando as cans devião attrahir-lhe o respeito do publico, que o elogiava, perdeu-se o infeliz por causa de uma sylphide italiana, resultando-lhe d'ahi um desastroso fim!

Tenho á mão um documento, que é uma formidavel rolha com que vou tapar a bocca ao primeiro que ousar pôr em duvida a veracidade do facto a que alludo. E', nem mais nem menos, uma carta escripta pelo apaixonado amante á sua deusa. Ahi vai uma fidelissima copia:

« Adorada Angelica.

«*Reinava a doce paz na santa igreja*, onde eu te vi pela primeira vez e pela segunda — sendo esta depois da outra, com toda a certeza.

« Elevavas a Deus esses ternissimos olhos, e eu, simples mortal, comprehendi logo que lhe pedias um homem que te adorasse, ou dois, quando muito.

« Se soubesses que eu estava ali, não precisavas de incommodar-te. Não o sabias, tolo fui eu por t'o não dizer. E' o mesmo.

« Como estavas bella, elegante e fascinadora!.. Eras um anjo, angelico Angelica!...

« A belleza, a intelligencia e a sensibilidade bailavão alegremente sobre esse teu animado rosto, meigo na sua pallidez, apezar de ser um bocadinho moreno. Paciencia, ha de ser do sol.

« Lias no livro ás avessas, com extraordinario desembaraço, e eu admirei o poder do teu talento, pela certeza de que não poderia ler, do mesmo modo, uma unica palavra! Tambem não é preciso.

« Se eu adivinhasse, ou alguem me dissesse, que eras estrangeira, talvez te fizesse uma grave injustiça, suppondo que o livro fosse escripto em alguma lingua desconhecida no paiz em que nasceu a que deves ter na bocca. Tens, de certo.

« Era um erro. Uma mulher como tu maneja todas as linguas conhecidas, e não desconhece as que mais tarde hão-de inventar-se.

« Em ultimo caso, aprende-as.

« Quando sahiste da igreja, segui-te os passos: entraste em casa e eu fiquei cá fóra; conversei com as vizinhas, e soube que fazias parte de uma companhia de baile. Bem bom.

« Havia espectaculo á noite; fui ao theatro, e lá me appareceste, mais bella ainda, se bem que um pouco menos recatada. Melhor.

« Não estavas tão pallida, mas foste empallidecendo gradualmente, ao passo que as amaveis companheiras te roçavão pelas faces os folhudos folhos das saias, em voluptuosas evoluções. Não desgostei.

« Eu tinha sido, na mocidade, altamente apaixonado das artes, pre-

ferindo a dansa a todas. Fascinou-me então um grande bailarino, chamado *Pernêta*, e fui um dos seus mais ardentes admiradores. Fiz-lhe versos, dei-lhe palmas, offereci-lhe corôas, mas não senti o que sinto agora, talvez pela differença do sexo. Ha de ser isso.

« Que perfeição! Que torneado! Se tudo era natural, Venus seria uma horrivel serpente comparada comtigo, adorada Angelica! Não te parece?...

« Se a arte te havia aperfeiçoado, era mais um encanto para uma alma verdadeiramente artistica como a minha. Olha que não ha segunda.

« Vendo-te dansar, eu senti... senti, com toda a certeza, mas não sei bem o que senti!... Eu estava perto do palco, em que voltejavas aerea como um passarinho; e quem sabe se, despedindo para o meu lado um d'aquelles divinos pontapés, dados com pés de ponta, me tocaste o cerebro, já escandecido pela presença de tão maravilhosas maravilhas!... Não foi outra cousa.

« Fiquei perdido, e ainda me não achei. A graça com que dansavas, a dansa com que me encantavas, os encantos com que me arrebatavas, erão tudo cousas novas para mim. Quem inventou a dansa não póde ceder o primeiro logar no templo da gloria senão a quem te inventou a ti.

« E ha de ceder, se Deus quizer.

« Desde então penso em ti, acordado ou dormindo; sonho comtigo, dormindo ou acordado; escrevi um poema em que tu és a heroina e eu o heróe.

« Somos dois, exactamente. No ultimo canto ha um rasgo em que é rasgado o teu contracto com a empresa, e substituido pelo diploma, que eu hei por bem conferir-te, de meu par constante na variada contradansa da vida. E' cousa admiravel, Angelicasinha, é obra do teu amante!

« Dize-me, pois, se desejas realizar esta poetica ficção, que deve assegurar-nos uma existencia mais poetica ainda, e com mais vagar conversaremos a respeito dos arranjos domesticos. A decisão não tem pressa; basta que a mandes pelo portador d'esta, que é um creado fiel do

« Teu fiel criado,

« FIEL. »

A italiana, recebendo a missiva amatoria, leu-a, respondeu laconicamente no mesmo papel e devolveu-a logo. N'esse laconismo está patente a intelligencia da bailarina, e revelão-se os profundos estudos a que se tinha dado para bem conhecer a lingua portugueza. Se não apreciasse devidamente a carta, não seria esta a sua resposta:

Signore.

Non lo capisco.

ANGELICA.

O desgraçado não enlouqueceu logo, por ser impossivel enlouquecer-se duas vezes, sem a interrupção de um intervallo lucido; mas d'ahi a pouco tempo foi notado o seu desapparecimento, cuja causa era ignorada por todos. Tinhão sido inuteis todas as pesquizas, quando uns pescadores, que se entretinhão na pescaria, pescando ao longe um vulto que boiava sobre as ondas, imaginárão effectuar a pesca de um tubarão.

Approximárão-se, e..... o que faz a ignorancia !...

Que semelhança póde haver entre um tubarão e o cadaver de um infeliz amante de uma bailarina italiana !...Era elle com toda a certeza.

A agua lhe seja leve, e tão leve como eu tinha a cabeça quando a deixei mergulhar-se n'este oceano de divagações, esquecendo-me completamente do assumpto principal. Valha-me Deus !...

Leva a riba !... Comecemos a viagem, emquanto é favoravel o vento.

Já sabem que o barco se chama —*Jornal Diario*—.

E' claro que o viajante tem ali cadeira de assignatura ; de outro modo ser-lhe-ia difficil a digressão, pela concurrencia, embora haja alguns que navegão em vaso emprestado, para se não arriscarem a um naufragio na maré do pagamento.

A viagem começa ao amanhecer. Não se descreve aqui uma aurora poetica, porque tudo é prosa dentro da embarcação, onde se não admitte o contrabando.

O viajante vai até á prôa, verificar o nome do barco, para se convencer de que não houve engano no acto da atracação.

Tira da algibeira a folhinha, confere a exactidão da data, para ficar certo de que navega sobre as ondas das novidadades do dia, que, em consequencia da escuma, se confundem pela semelhança com as da vespera.

Desengana-se, por meio de uma profunda analyse, de que não houve mudança na fórma social da casa, o que se torna muito necessario para regularidade da escripturação, em que os proprietarios figurão no debito pelas quantias recebidas no fim de cada trimestre.

Assegura-se da existencia da tabella em que se marcão os preços das passagens, e depois de tudo isto solta o panno, e dispõe-se a navegar, com o vento fresco e mar bonançoso, por aquelle vasto oceano de noticias e annuncios.

Avista a—parte official—, analysa-a com a attenção que o caso pede e entrega-se depois a um longo soliloquio, no qual, ardendo em amor da patria, lamenta a incuria do governo, que nada decretou em abono do viajante ou de algum dos seus parentes.

Admira a docilidade do povo, que tolera de braços cruzados tão reprehensivel deleixo ; chora, uma até duas lagrimas, pela sorte do paiz, e resolve passar ao—Expediente—. Devora-o de fio a pavio ; repete a leitura e termina declarando á face do céo e da terra que tudo, ali, é massante e improficuo, e indigno, por isso, da sua escrupulosa attenção.

Uma brisa que passa vem dissipar a calmaria, apresentando-lhe diante dos olhos um longo—artigo politico.—

Aqui, sim; é leitura substancial; os interesses do povo são largamente discutidos, sem que ninguem possa julgar que o commandante do barco se chama *Sr. Povo*. O artigo é submettido ao escalpello da mais rigorosa critica, de que resulta um juizo seguro e irrespondivel.

Está magestosamente escripto; sustenta doutrinas indestructiveis: eleva-se pela fluencia do estylo, pela grandeza das ideias, pela independencia que ostenta e deixa os adversarios boqui-abertos, dispondo apenas do impotente recurso do sophisma!... Advoga os principios politicos do viajante.

E' pessimo; são erroneas as doutrinas; e baixo o estylo, rasteiras as ideias; traduz-se em cada palavra a venalidade do escriptor, corrupto e devasso.

Sobe o rubor á face do cidadão, ao vêr que tão escandalosamente se abusa do sacerdocio da imprensa. O articulista pertence ao partido contrario;—está tudo dito.

Uma onda lhe traz ao lume d'agua a —Gazetilha — peixe insipido e semsaborão, se não é cuidadosamente temperado com sal e pimenta em abundancia.

Consta a fritada de titulos conferidos a individuos que nada valem, comparados com o viajante e sua familia.

Amargas queixas contra as camaras municipaes, porque uma rua se conserva ha muito tempo cheia de buracos, e outra tem um só tão comprido e largo como a rua.

Appetitosos piques, para que seja observada uma das obras de misericordia em favor dos habitantes d'este logar, que soffrem o supplicio de Tantalo, morrendo á sêde, ao passo que não podem sahir á rua sem guarda-chuva e sapatos de borracha, por não ser permittido atravessar as ruas da cidade sobre boias de cortiça.

Salgadas observações sobre a repartição do correio, que respeitando o art. 179 da Constituição Politica do Imperio, na parte em que declara que —« O segredo das cartas é inviolavel » — não quer que eu saiba no Rio de Janeiro o que minha avó me escreve de Figueiró dos Vinhos, e retem no fundo de uma bem segura gaveta as cartas que me são dirigidas, enviando para o sul outras, pelo simples facto de virem com direcção ao norte.

O viajante, reconhecendo a injustiça do *gazetilheiro*, toma, para si, a defesa da repartição accusada, onde o mais escrupuloso analysador só poderá notar a falta de um edificio apropriado, de um systema adoptado pela experiencia, de gente habilitada e sufficiente em numero para a execução d'esse systema, e de salarios equivalentes ao assiduo trabalho d'essa gente.

Seguem-se quatro noticias que nada influem a bem do publico lá de bordo, um extracto da sessão do jury, meia duzia de prisões e a relação das pessoas sepultadas nos dias antecedentes.

O viajante fita os olhos n'esta rocha, onde naufragão grandes

náos e imperceptiveis canôas, cujos despojos se confundem, para provar o pouco que valem as grandezas humanas, e detem-se algum tempo, meditando profundamente.

Aqui apparece o nome de um infeliz, que nascêra gordo e rechonchudo, e fôra arrebatado por um garrotilho, que destruiu em tres dias a obra de tantas semanas, e riscou da lista dos vivos aquelle que nem tempo tivera para apreciar a doçura dos prazeres domesticos; porque, diz o obituario: — tinha tres mezes de idade e era solteiro !!

Ali se annuncia o fallecimento de outro, que passára uma curta existencia á sombra da sua arvore genealogica, entregue á proveitosa colheita; e tendo apanhado um appellido por dia, morreu com quatro dias de idade e quatro appellidos de familia, porque estava cumprida a sua missão sobre a terra !

Acolá vê-se o nome, assás conhecido, de um cidadão prestante e laborioso; ha tres dias passeava pelas ruas, vigoroso e sadio, e morreu pelo mothodo do Castilho, sem tempo para fazer as necessarias disposições !

O viajante fica impressionado com estas cousas, nem o caso é para menos. Procurando distrahir-se, dá um passeio pela tolda, onde encontra uma variedade amena e deleitavel.

Este, dominado por um sentimento humanitario, estende até Roma o braço protector, agarra-se á uma perna do Papa, e, erguendo o outro braço, porque tem dois, mostra a S. Santidade a bemdita *caparosa*, remedio infallivel contra a ulcera sacrilega !

Aquelle, patenteando ao mundo a gratidão que lhe referve lá por dentro, lança cá para fóra meia duzia de phrases escriptas em prosa caseira, e que divididas homœopathicamente em quatro partes iguaes, mais colher menos colher, dão em resultado uma cousa *quadrada*, em fórma de quadra, que ninguem comprehende, nem é preciso, visto que o auctor deixa bem clara a intenção, na dedicatoria. « Ao anniversario natalicio do dia dos annos do seu compadre F.»

Um *correspondente officioso* dirige-se ao commandante do barco, com o fim de refutar certas calumnias publicadas a bordo por um seu inimigo, declarando que responde unicamente por consideração ao publico, visto que a sua esmerada educação o não deixa descer á linguagem de taverna empregada pelo seu adversario, que é um refinado tratante, um biltre, um *ordinario*, um ladrão, etc., etc.

Outro chama a —ATTENÇÃO— da tripolação e dos passageiros, pedindo-lhes que suspendão o seu juizo a respeito; supposto não diga de que ou de quem, deprehende-se do resto do artigo que o homem se refere a varias cousas, e tal, *et cetera*, pouco mais ou menos, por certas circumstancias que todos sabem, como se vê dos documentos juntos, que serão publicados em tempo competente.

Segue-se uma « mofina» em quatro linhas, para ser entendida só pela pessoa a quem se dirige. O viajante, vendo-a assignada por —Caveira de burro— fica sabendo apenas que o auctor a escreveu depois de morto.

Esta « mofina » amofina-o ; com esperança de melhor resultado, o homem deixa a tolda, onde tudo lhe causou tedio, e vai refugiar-se na sala de jantar, livre de *passageiros* incommodos.

Ahi é mais condimentoso o alimento.

Logo á entrada annuncião-lhe : « Queijo londrino de primeira qualidade, chegado pelo ultimo paquete.»

E' a repetição fiel de um annuncio que já sahira no mez anterior, com relação a outro paquete, e a respeito do mesmo queijo !

Frascos de conserva —conservada nos frascos arregimentados nas prateleiras ha um anno, e chegados da Europa todos os mezes.

Sarrabulho appetitoso e barato, annunciado em uma sarrabulhada de palavrões, de difficil digestão para um estomago delicado e sujeito a enjôos.

Copos amargos ! Virião em opportuna occasião, pelas suas proprie-dades tonicas, se o viajante soubesse aprecial-os ; mas, suppondo que para curar-se terá de engolir os copos, receia engasgar-se e passa adiante.

Acha-se no meio de um esplendido leilão de moveis de jacarandá e de vinhatico, com estofos *em latim* ; casquinhas, crystaes e louças com pinturas *gregas*, tudo com solemne auctorisação de S. Ex., que vai á Europa recuperar a antiga saude, ou deixar a pouca de que ainda goza.

Camisas francezas ! O viajante que, versado n'estas cousas, teme não se entender com roupas estrangeiras, e como antipathisa com traducções, reserva o seu dinheiro para a compra de obras nacionaes, deixando aquellas para uso dos que só têm o patriotismo na bocca.

Viuva *Canard*—! Modas e costuras— Chapéos da ultima moda ! —

O viajante analysa attentamente os objectos annunciados ; mas parece-lhe vêr em todos elles o appellido da annunciante, que o im-pressionára desagradavelmente, e toma a deliberação de suspender o seu exame.

Quando procura afastar-se, escorrega n'uma pasta de — *Unguento Holloway* —e cahe com todo o pezo sobre as maravilhas do— *Cura-tivo Universal.*

Admira-se de vêr a reunião de tantas virtudes infalliveis n'um unico medicamento que falha como os outros : mas não póde deixar de curvar-se ante o nome do *Dr. Holloway*, amigo dos brasileiros, no Brasil ; dos portuguezes, em Portugal; dos inglezes, na Inglaterra; dos francezes, na França ; dos turcos, na Turquia e amigo até de si proprio, quando se vê só, sem ter a quem dispensar a sua amizade !

O viajante, commovido por tanta abnegação, enxuga uma lagrima, e entrega-se á leitura das noticias commerciaes, prosaicas, mas pro-veitosas para quem vive honradamente pelo commercio como S. S.

Devidamente informado sobre o movimento da praça, e passando por alto os convites com tarja preta, para não enlutar o espirito, diri-ge-se ao tombadilho, em busca de distracções novas.

Encontra-se de face com — *Mme. Marie*—, annunciando-lhe que se mudou da rua do Cotovello para um cotovello de outra rua, onde,

auxiliada pelo milagroso baralho, continúa a adivinhar o passado, a descobrir o presente, e a *ganhar* dinheiro para o futuro. Faz os seus comprimentos á respeitavel Pythonissa, occultando com a seriedade externa o riso que o suffoca lá por dentro, e retira-se.

Esbarra com o Sr. Francisco Manoel Antonio, que estima encontral-o para participar-lhe que de hoje em diante se assignará Caetano Bento Joaquim, para evitar confusões, porque o seu antigo nome apparecêra ha dias n'uma parte da policia, com referencia á prisão de um ratoneiro que, na falta do necessario para chegar a botija á bocca, fôra apanhado em casa alheia com a bocca na botija.

Felicitando-se por não ter um nome vulgar, vira de bordo e encontra-se com um individuo que lhe offerece — 100$000 *de gratificação*— se lhe der conta dos seus escravos Romulo e Tertuliano.

Signaes: O primeiro é alto e magro, tem um beiço torto, uma perna cambada, falla grosso, *é muito prosa* e inculca-se forro.

O segundo, entre vinte e quarenta annos de idade, é baixo e gordo, tem tres dentes de menos, um dedo de mais na mão esquerda, falla fino, *é muito verso*, e diz-se habil cozinheiro de forno e fogão, excellente copeiro, carpinteiro, pedreiro, alfaiate, sapateiro, etc. etc. O preto não é nada d'estas cousas, mas está convencido de que é tudo por ter ouvido ler os annuncios em que *seu senhor* se propõe a alugal-o por 40$000 réis mensaes, com a condição de não trabalhar em casa, nem sahir á rua.

O viajante fica sciente, mas não intenta ganhar a gratificação, por muitos motivos, sendo um d'elles a certeza que o annunciante lhe dera de reservar para a offerta o producto da venda dos profugos, que será de certo inferior á recompensa promettida.

A — musica moderna — empadas de badejo — padaria a vapor — batatas inglezas — Hotel des Etrangers — Rob preservativo — bonecas falladoras — dentista a cavallo — agua dos amantes — molestias secretas — etc., etc., são cousas indignas da attenção do viajante.

Seguindo, pois, novo rumo, é ainda impedido por um cidadão, que lhe diz com a maior intimativa: « Jantas para fóra, por preço modico».

O viajante responde-lhe com grammatical seriedade: « Estás enganado. Eu janto para dentro, e não me fica isso tão barato como pensas. » Sem dar-lhe mais uma palavra, procura dirigir-se á pôpa.

No caminho é ainda cruelmente aggredido por: «Moscas! moscas!»

O homem desespera, e lembra-se de commetter o mais horroroso *mosquicidio*; mas resiste á má tentação, enxota esta ideia criminosa e quando vai seguindo o seu destino, apparecem-lhe de repente: « Persevejos! persevejos! persevejos!... »

Então chama ao lado o annunciante, affinão as vozes e exclamão *a duo*: « Morte aos insectos!

Chega finalmente á pôpa. Já era tempo!

Os ares são mais puros, e a vista dilata-se agradavelmente por um vasto horizonte, cheio de bellezas. O viajante entrega-se ao gozo poetico da linda — *Noite do Castello* —; vê luzir os — *Diamantes da*

Corôa — nota com prazer as evoluções de — *Os Mosqueteiros da Rainha* — cujos bigodes, luzentes e retorcidos revelão o cuidado do — *Barbeiro de Sevilha.* — No meio da bagagem vai *Mr. Carlos Wynen*, tirando suaves accordes do seu instrumento de *páo e palha*; mas o viajante, que não quer *palha*, nem *páo*, desgosta-se, volta o rosto e vai soffrer uma decepção amarga! A scena que avista mortifica-o, porque lhe traz á memoria a recordação de triumphos theatraes que sua avó lhe descrevia, cheia de enthusiasmo, lembrando-se das apraziveis noites que passára na juventude!...

O viajante, triste e melancholico, vê passar a respeitavel matrona — *Ignez de Castro* — de braço dado com o *Pedro-Sem.* — *Os sete infantes de Lara* — vão adiante, bem vestidinhos, mas com trajos do seu tempo, que os tornão caricaturas na actualidade, embora estejão em harmonia com os adornos da *mamãi* e do *papai*. Vê-os trepar, com estranha ousadia, — *Os seis degráos do crime*, oppondo-se assim ás ordens do — progresso — que lhe apparece na frente, e por fim assiste ao destroço da velha frota, que vai pagar tanta audacia com a vida, no horroroso — *Naufragio da Fragata Medusa!*—

Cançado de tantas e tão variadas sensações, o viajante volta para a frente, desce ao camarim, deita -se n'um sophá, sorve a competente pitada e dispõe-se a refocillar, á custa do folhetinista, o espirito que trouxe enjoado lá de cima.

E' agora que o viajante se torna exigente. A viagem fôra até aqui monotona e fatigante, tornando necessario o repouso, livre de incommodos e dissabores.

As repetições de noticias, as longas divagações sobre politica, as accusações aos altos poderes do estado, devem, na sua opinião, ser banidas do folhetim.

O folhetim é appetitosa sobre-mesa de um succulento jantar.

E' a graciosa comedia, encarregada de dissipar as impressões dolorosas que deixára um drama triste.

E' o final, vivo e alegre, de uma peça de musica, cujas bellezas são apreciadas unicamente pelos professores.

E' o sorriso de uma dama querida, depois de um arrufo de um quarto de hora.

E' o diabo, finalmente, se não fôr qualquer das cousas apontadas.

O folhetinista ha de ter graça por força, embora seja desengraçado por natureza, e se dedique a esse genero de trabalho por necessidade.

Ha de narrar os successos com exactidão mathematica, revestindo-os sempre de ornatos poeticos e engraçados, tornando a leitura agradavel para o espirito, sem deixar de ser condimentosa para a materia.

Ha de fazer comparações brilhantes, em termos escolhidos e bombasticos, para amenisar a leitura ao viajante, fatigado de artigos politicos e noticias commerciaes.

Ha de ser singelo e popular, desde a primeira linha até á ultima, pelo menos, porque é o povo quem sustenta a tripolação, e o commandante não recusa o bilhete de passagem ao ignorante, cujo dinheiro vale tanto como o do erudicto.

Ha de copiar trechos alheios, quando venhão a proposito, corroborando as suas opiniões com a confirmação de escriptores de notoria capacidade, para provar a sua erudicção, mostrando que não espera do publico o respeito que devem inspirar-lhe os nomes já apregoados pela fama.

Ha de abster-se de citações de auctores, de transcripções em verso, de sentenças e de simples phrases em idioma estranho, para não fazer jus aos epithetos de pedante e charlatão.

A' vista d'isto fôra muito melhor que o viajante se conservasse lá por cima, revestido da paciencia que lhe falta agora.

E não é difficil satisfazer á essa seria de condições tão diametralmente oppostas, que o viajante impõe com tanta sem-ceremonia ?

Só a penultima é facil de cumprir.

Emquanto o viajante andou entretido lá por cima, viajei eu, para obedecer-lhe, pelo mundo litterario, com escala por diversas ilhas, onde recebi mantimento para sustentar a minha reputação folhetinistica. Encontrei armazens de erudicção, por grosso e a retalho, e abundantemente sortidos. As taboletas attrahião-me, e eu não podia resistir ao desejo de immortalisar-me por pouco dinheiro, e ainda por menos o conseguiria se não fosse tão grande a concorrencia dos collegas, avidos, como eu, de gloria, e exhaustos tambem de recursos para adquiril-a.

Já lá vai o tempo em que era necessario estudar antes para escrever depois. O vapor, tão vantajoso nas cousas materiaes, auxilia tambem poderosamente a litteratura. Sem elle rastejarião na lama; aos encontrões a mim, muitos litteratos meus conhecidos que perdi de vista por me faltar um oculo de alcance, com que possa vêl-os na altura a que se elevárão.

Com menos razão, já o meu amigo José Daniel, Deus lhe falle n'alma, dizia no seu tempo :

« O ser sabio algum dia era uma sécca,
« Hoje não : faz-se um sabio de repente ;
« Com tres annos de escola, ou dois sómente,
« Cada rapaz sahe uma bibliotheca :

« Vão-se os velhos d'aqui, que os leve a breca,
« Que á vista do que vemos nem são gente ;
« Um menino d'agora, intelligente,
« Explica o Alcorão, dá leis á Meca :

« Mudou tudo de tom, e é tão astuta
« A gente moça, que qualquer macaco
« Faz parecer a de cem annos bruta :

« O nosso tempo antigo foi mui fraco,
« Hoje sabe-se o nome a toda a fructa,
« Risca-se o mundo com qualquer cavaco ».

Isto dizia-se em verso no tempo de José Daniel. Avaliemos a extensão de caminho que temos percorrido desde então até hoje, e seremos forçados a curvar a cabeça diante de nós mesmos, respeitando os espantosos progressos da intelligencia moderna.

Eu já fiquei extasiado na presença de uns lindissimos versos, cujo auctor não estava ainda inscripto na lista dos poetas.

Não admirei só o talento que produzira tão bella poesia.

Chorei, como uma vide, vendo ali a saudade inextinguivel de um passado feliz, o desalento n'um presente amargurado e a desesperança n'um futuro incerto !...

O meu bom amigo *Béranger*, compadecido, veiu dizer-me ao ouvido :

« De tout laurier un poison est l'essence. »

Fiquei mais socegado, mas não perdi o ardente desejo de saber alguma cousa da vida do desgraçado poeta. Suppuz até que teria assumpto vasto para uma interessante biographia. Eis-me de porta em porta, mendigando esclarecimentos.

Não foi perdido o tempo, e eu decidi que, para as cousas marcharem mais regularmente, seria muito util que os poetas não tivessem pai. Aquelle, cujas maguas eu lamento do fundo d'alma, devêra ao seu progenitor o pungente desgosto que lhe inspirára a—*Descrença.*—

O poeta ponderára a seu pai a necessidade de chamar-se á casa um barbeiro, e o desnaturado velho teve a barbara coragem de declarar-lhe que, vivendo em sua companhia, não sentiria pela primeira vez o aço da navalha sobre as faces senão no dia em que completasse dezoito annos de idade !...

O pai foi máo, o filho foi poeta ! A historia fará a ambos a devida justiça.

N'outro tempo era tudo mais serodio ; não me consta que em nenhum dos poetas antigos nascessem a saudade e a descrença primeiro do que as barbas. Atrazo, tudo atrazo !

Ninguem ousava apresentar-se nas lides litterarias em idade tão verde ; e o que se mostrava de viseira alta, era porque, além de maduro, alojava na cabeça uma larga vastidão de conhecimentos, bebidos nos bojudos bacamartes que hoje estão sepultados nos archivos, porque o progresso os declarou inuteis. E com muita razão :

Esses livros volumosos,
De capa de pergaminho,
Com seus contos fabulosos
Contados por um vizinho,
Servem só, hoje, ás *baratas*
Que ali vão fazer o ninho ;
E ninguem sabe se outr'ora
O fazião como agora,
Nem decidil-o me cabe ;
Mas creio que sim ; — quem sabe

Se quando, então. passeavão,
Levando as perninhas sujas,
Porque alguma apodrecia,
Sobre as taes folhas deixavão
As notaveis garatujas
Que ensina a paleographia !.

D'essas cousas nada entendo,
E entendel-as nem pretendo,
Toda a gente agora escreve,
O que se escreve eu vou lendo,
E' com trabalho bem leve,
Pilha aqui, acolá pilha,
Bom peculio vou fazendo ;
E o leitor se maravilha
Por vêr que um folhetinista
N'este seculo nascido,
Já do povo dá na vista,
Pelo muito que tem lido ;
E suppõe que, entregue a estudo,
Dia e noite, nem repousa,
E sabe, por isso, tudo
E inda mais alguma cousa !

E' verdade que nem todos se deixão illudir com tanta facilidade. Ha leitor tão severo, que não duvida deitar a livraria abaixo, para ter o gosto de lançar em face ao escriptor o plagiato de uma ideia, de uma phrase, de um palavra !..

N'estes casos é que eu quero vêr no aggredido o esforço de animo.

Tomar a cousa a serio, e tentar a defesa, é loucura. Vencer o sestro e ficar sujeito só ao proprio peculio, é fraqueza. O melhor será beber em todas as fontes, e borrifar depois as flores da poesia, sem dizer a ninguem d'onde derivára o orvalho.

E se algum impertinente
Vem, por gosto ou devoção,
Mostrar o roubo patente,
Da penna se lança mão,
Faz-se ao Bocage — sómente
Mais um roubo — e diz-se então :
Ora, é forte admiração
Ver um cão morder na gente.

Máo !.. Ora vejão o que é estar ferido !.. Como foi que eu me deixei arrastar a uma divagação tão longa, desde que fallei do folhetim, e das muitas exigencias a que está sujeito o infeliz que não póde elevar-se a outro genero de litteratura ?..

Esta interrogação não é minha ; é do leitor, a quem vou responder com toda a sinceridade.

O diabo encaixou-me na cabeça, em certo tempo, a mania folhetinistica. Cedi á malefica influencia, enchi muito papel, e creio que pequei muitas vezes contra a caridade, distribuindo pelo proximo um sem numero de epigrammas, uns salgados, outros insossos, e todos azedos, segundo a opinião d'aquelles a quem erão applicados.

Foi inspiração diabolica, não podia ter bom exito.

Saltárão-me á perna os criticos, agarrárão-se á presa como cães famintos, e deixárão-me côxo para toda a vida, impossibilitado de legar á prole um nome glorioso !...

Recordando-me d'isto perdi a tramontana, e esqueci-me totalmente do illustre viajante !... E qual seria o seu destino ?...

Ora esta !...

Deu fundo no meio do folhetim, e adormeceu profundamente !

Perdão, leitores. Vai orar a Deus para que vos não succeda agora outro tanto.

F. X. DE NOVAES.

Rio de Janeiro — Novembro de 1861.

FRAGMENTOS DE UM LIVRO.

Não sei se commetto uma indiscrição, atirando essas paginas intimas de um coração de moça, ao publico, ou se melhor fizera, conservando-as comigo. Como seja, fallou-me mais alto o desejo de vel-as apreciadas por juizos mais competentes do que o meu, do que o egoismo de conserval-as eternamente entre os meus papeis.

Forão-me ellas legadas ha muito tempo por uma alma piedosa e terna a quem eu amei com a pura devoção da amizade; recebi-as no momento doloroso de uma separação; hoje que tambem d'ellas me saparo para entregal-as ao publico, previno que são as primicias de um joven talento, as primeiras tentativas de uma menina para quem as horas mais doces e felizes da vida erão as que consagrava ao estudo e á meditação !

N. ALVARES.

§

Quero tambem ter o meu livro, onde possa gravar as impressões tristes ou alegres da minha vida de moça !

O mundo não póde saber quanta dôr occulta e profunda vive debaixo do semblante d'essas pobres creaturas de Deus, que muitas vezes definhão de tristeza e no abandono de um existir sem flôres !

E porque não hei de confiar a esse mudo papel todos os meus pensamentos, todas as minhas esperanças, todos os meus desgostos ; por-

que não hei de, emfim, fazer d'esse meu livro o tabernaculo dos meus affectos, os mais intimos e os mais sanctos.

A dòr, que se sepulta no segredo do coração, é o martyrio mais pungente; nem ha orvalho que a regue, senão as tepidas lagrimas que se destacão dos olhos.

O coração da mulher é a verdadeira imagem d'esse mimoso arbusto dos campos chamado—sensitiva;—como ella basta o mais leve toque de soffrimento para definhar-se languido e entristecido. E porque o mundo nunca chegará a comprehender plenamente essas naturezas excepcionaes e delicadas, é por isso que os baldões e as injurias são os interpretes d'esses affectos melindrosos que ahi vegetão incultos até que um raio divino de amor os venha reanimar. O que são e o que valem as mulheres, nunca os homens poderão sinceramente julgal-o.

Demonio ou anjo, symbolo ou mytho, nunca poderão traduzir n'essa myriada de volumes que entregão á curiosidade do publico.

Ha tantas harmonias no coração de uma virgem, tantas e intimas confidencias de sua alma, que mal se reflectem no semblante; tão castos e suaves enlevos, tão sentidos e magoados harpejos, que nem o poeta inspirado por Deus poderá traduzil-os no seu elevado cantar.

Abri um livro, onde a chamma do genio se reflecte com toda a sua pompa e ostentação; vêde, mirai-o bem; ahi o coração da mulher é em longos e vigorosos traços esboçado como se fôra um painel, miseros homens! rasgai essas paginas que unicamente exprimem para nós a ignorancia que tendes do coração da mulher. Pedi á natureza o segredo dos seus mais intimos arcanos; pedi ao sol a origem d'essa luz com que nos illumina; pedi á lua a causa da sua morbidez melancholica, e ser-vos-ha mais facil decifrar tudo isso do que penetrar os mysterios intimos do coração da mulher!

§

Sinto-me triste! voltei do baile melancholica e abatida, como se um pezo me opprimisse o coração!

Não sei pelo que é, sinto-me assim todas as vezes que volto de uma d'essas reuniões. Os homens com quem dansei esta noite, não forão os mesmos com quem dansei no ultimo baile em que estive, e entretanto elles me disserão o mesmo, ou quasi a mesma cousa, com uma linguagem mais ou menos variada, e cujo thema foi unicamente a minha belleza.

Mal reflectem elles que Narciso não foi uma mulher!

O que têm os meus olhos e os sorrisos dos meus labios; a trança dos meus cabellos, ou as minhas longas sobrancelhas, para fazerem o assumpto de uma conversação importuna e extemporanea?

A luz do céo, dizem elles, tem menos brilho do que uma chamma d'esses dois brilhantes que vos esmaltão a fronte.

Oh! que o romantismo da epocha tem invadido os mais sanctos logares! é verdade, nem no lar domestico, esse veneno corruptor deixa

de penetrar como o veneno da mansanilha atravéz do seu odoroso perfume!

E deixai uma moça entregue aos cuidados e ás delicadezas de um cavalheiro que a vê pela primeira vez, para d'ahi a cinco minutos elle declarar-lhe uma paixão furiosa, como a de Tasso, ou melancholica como a de Bernardim Ribeiro.

Mentir os sentimentos do coração, occultar a impressão de um momento sob o nome de um affecto que consumiu duas existencias divinas, é escarnecer de uma pobre menina, é faltar ás regras da delicadeza, é tornar-se ridiculo aos seus proprios olhos!

Eu duvido que um homem de bom senso não córasse de pejo ouvindo as futilidades com que a mór parte dos cavalheiros entretêm as suas damas em um baile.

Quando não lhes vêm o máo gosto de tractarem de modas, que mal percebem, e de criticarem a mór parte das outras jovens, como um meio de agradar aquella com que dansão, ahi vem a banalidade dos olhos, dos labios e dos sorrisos.

Meu Deus! porque a mulher ha de ser tão mal comprehendida por aquelles que devião procurar erguel-a á posição que merece. Ellas nascêrão para amal-os e comprehendel-os, não para ouvir essas banalidades, que, depois de algumas horas, não deixão nem recordações, nem saudades, e que o vento as leva ao sahir de um baile sem deixar um vestigio sequer da sua passagem na terra!

§

Deixei a penna cahir-me da mão n'este momento, porque tinha vontade de chorar; ir-se a um baile e não trazer-se uma doce recordação de tudo que ahi se viu, é bem triste!

Oh! quantos me suppõem feliz! quantos me invejão a sorte porque a mocidade transluz viçosa no meu semblante e nos cofres dos meus antepassados a fortuna atirou alguns punhados de ouro; quantos, quando ahi passão entre elles, dizem baixinho, é rica! e outros é formosa! Rica e formosa! eis ahi duas qualidades precisas ou bastantes para a felicidade de uma moça!

Eu não a comprehendo assim! meu coração me diz que acima de todas as fortunas existe um bem supremo, sem o qual a felicidade é uma chiméra, e os prazeres um sonho.

E serei eu algum dia feliz? quem, quem me dará essa felicidade, meu Deus! felicidade que eu não conheço, cujo verdadeiro nome ignoro, mas que sinto e me diz o coração que existe!

MARIA AMALIA.

HISTORIA DE UMA MOÇA BONITA.

A L***

IV

Antes de proseguir, devo prevenir-vos de que não tenho intenção de escrever um romance: o meu fim é unicamente conversar, como outr'ora. Por isso, não me cansarei em fazer descripções minuciosas de logares, que conhecemos perfeitamente, nem subtis analyses de sentimentos e caracteres. E' possivel que alguem, além de vós, para matar o tempo (criminosa expressão!) leia estas paginas traçadas ao capricho da penna. Entre esses ociosos encontrar-se-ha infallivelmente um critico, que é raça espalhada por toda a superficie do globo terrestre; esse critico, depois de ter-me lido e até sem lêr, é capaz de querer analysar, discutir, dissecar, reduzir-me a pó, aniquilar-me ... só com tal lembrança quasi desanimo!

Fique, pois, estabelecido e proclamado que eu não sou romancista e, por consequencia, não estou na alçada da critica.

Ha um unico ponto em que eu os não temeria; — é a verosimilhança de meus personagens; ahi os desafio, porque esses não são filhos de minha imaginação; são copias de originaes, que á esta hora andão ahi pela rua do Ouvidor naquella sinistra e altamente immoral occupação de que ha pouco fallei: — *matando o tempo*.

Matar o tempo! Podeis conceber um crime mais nefando?

Eu admitto que se mate um mosquito; ha alguns tão incommodos que me fazem lembrar de certos poetas, quando nos recitão um seu *pensamento*.

Admitto que se mate um perú, um bijupirá; depois de mortos occupão muito bem o seu logar em uma mesa e consolão o estomago dos soffrimentos do coração e da cabeça.

Admitto tambem sem grande repugnancia que se mate uma mulher.... Ha algumas...

Oh! porque nos desertos africanos
Othelo não morreu sem conhecel-as!

Fui sempre do partido do Mouro; e, demais, a familia humana é tão numerosa!

Mas, que se mate o tempo!... o tempo que os inglezes aprecião devidamente comparando-o ao dinheiro; o tempo que é a mocidade, a vida, o futuro!...

O homem capaz de matar o tempo é para mim mais feroz do que um Botocudo, mais sacrilego do que o suicida.

Toda essa divagação, para que peço desculpa, veiu por causa dos meus personagens e da sua semelhança, que garanto como a dos retratos daguerreotypados por Insley Pacheco.

Do que tenho dito sobre a *moça bonita* podeis vêr que não invento. D'isso e de muitas outras circumstancias relativas á esta historia vim a ter noticia com o correr dos tempos.

Quando Carolina S*** começou a apparecer nos salões, eu não a conhecia. Seu pai, o brigadeiro S*** era um antigo servidor do Estado, que se distinguira tanto por sua bravura, como por sua honestidade provada em numerosas e importantes commissões, de que tinha sido encarregado. Bem cedo o brigadeiro perdêra sua mulher que, como sabeis, morreu dando a vida á Carolina.

Desde as primeiras horas de existencia, a menina foi recolhida por uma irmã do general, viuva havia algum tempo. Privada do esposo e sem filhos, D. Luiza concentrou em Carolina toda a força do amor que tinha no peito : esmerou-se em formar-lhe o coração e adornar-lhe o espirito com todas as galas da educação.

Carolina correspondeu a tantos cuidados e esforços. Aquelle corpo formoso, aquelle rosto de anjo erão com effeito o involucro adoravel de uma intelligencia forte e cultivada, de um espirito gracioso, de um coração bom. N'esse quadro brilhante havia no emtanto um ponto escuro — era a vaidade.

Carinhosa e docil para com o brigadeiro e D. Luiza, obediente a suas mestras, meiga junto de suas amigas de collegio, doce e compassiva para os escravos e creados, a menina era adorada por todos os que d'ella se approximavão. De todos os labios, de todos os corações erguia-se um hymno á belleza e a joven embalada por essa melodia entrava na vida, certa de que lhe bastaria um aceno para ficar a seu lado eternamente a felicidade.

Carolina era vaidosa da sua belleza, da superioridade que em si reconhecia ; via-se tão alto collocada, que tinha prazer em curvar-se a estender mão amiga aos que rojavão a seus pés.

Ah ! se um sacrilego passasse por ahi sem dobrar os joelhos diante daquelle altar, qual não seria o furor da deusa offendida ? como não despertaria terrivel aquelle vicio — unico de um caracter tão bello !

V

— Não, Carolina, não te perdôo essa falta ; não posso, porque, graças a ti, soffri em um dia que devia ser todo consagrado á felicidade : má !

E passando-lhe o braço em torno do pescoço, Laura deu um beijo em sua amiga.

— Acredita que eu tambem senti muito não estar a teu lado, minha Laura ; mas já não dei a razão ?

— Razão de má pagadora ; a molestia de teu pai não era grave.....

— Mais grave do que pensas, Laura. E' já a segunda vez que meu pai se vê repentinamente assaltado por esse mal, e emquanto elle se não restabelece inteiramente, não tenho socego. Não sei que triste presentimento me diz...

Duas lagrimas saltárão impetuosas dos lindos olhos da moça, que parou suffocada.

— Carolina, que é isto? Pareces uma criança! Ainda ha pouco encontrei o general passeando pela chacara; está forte, corado, bem disposto.

— Que queres? Não posso afastar uma nuvem negra que me envolve o coração, quando penso n'essa molestia de meu pai. E a tristeza que o acompanha sempre, por toda a parte, ha um anno. Lembras-te d'aquelle baile em casa do commendador Oliveira?

— Oh! se me lembro!

— Pois desde aquella noite uma melancholia invencivel apoderou-se de meu pai. Eu estava tão contente, tão feliz! — era o primeiro baile a que ia, — e no fim da noite, quando nos retirámos, meu pai vinha triste como se eu tivesse feito má figura.

— Má figura! tu que deixaste apaixonados todos, moços e velhos, que te virão e quasi me causaste ciumes! O que me valeu foi estar o meu casamento proximo a effectuar-se, senão....

Carolina olhou para a sua amiga e franziu-lhe os mimosos labios um sorriso imperceptivel.

— Tu és uma lisongeira; ainda que eu empregasse os maiores esforços, não poderia roubar um coração que era todo teu.

Um observador perspicaz, que ouvisse estas palavras, notaria no tom com que ellas forão ditas pouca convicção da parte de quem as pronunciára. Laura, porém, córando um pouco, apertou meigamente a mão de sua amiga.

— Olha, minha Laura, continuou a moça, meu pai tem algum segredo, que não pude ainda penetrar, soffre o effeito de alguma apprehensão. O unico desgosto, que tenho tido em minha vida, foi produzido por elle, pelo ente que eu mais amo, e que, estou certa, é tambem quem mais me estima n'este mundo.

— Que desgosto foi esse? Não é possivel!

— Tenho vergonha de dizer-te....foi uma creançada minha....

— Dize sempre.

— Uma tarde havia aqui algumas pessoas que tinhão jantado comnosco; passeavamos pelo jardim, eu dava o braço ao filho do barão de T.....

— Um dos martyres....

— Ora, deixa-me continuar.... Meu pai conversava no caramanchão com o Dr. Gomes. Quando passei por junto d'elles, ouvi esta phrase de meu pai: «—Talvez, doutor, mas *a belleza é um dom fatal!*» Nunca mais a esqueci, Laura! Ao ouvil-a o coração parou-me no peito.

— Que tolice! Quantas vezes não nos temos rido com os paradoxos que o general procura sustentar, por espirito de contradicção!

— Olhei para o Sr. Pedro, que me repetia alguns versos seus compostos havia poucos dias. Tive vontade de perguntar-lhe se tambem pensava como meu pai, mas recuei....

— Que pena! tiraste-lhe a melhor occasião de declarar-se!

— Laura!...

— Deixa-te d'isso, minha sonsa; confessa que gostas d'elle....

— Tanto como de outros.

— Veremos isso brevemente, porque espero que d'esta vez não me has de faltar como no dia de meu casamento.

— Não, minha amiga, domingo bem cedo lá estarei comtigo, applaudindo a tua felicidade e admirando o teu palacete do Engenho Velho.

As duas moças conversárão ainda por algum tempo, até que ouviu-se a sineta dando o signal da partida da barca de S. Domingos.

VI

O Dr. Gomes tinha então pouco mais ou menos quarenta annos de idade e soubera já conquistar grande reputação como medico. Sua clientela numerosa era composta das mais importantes familias do Rio de Janeiro. Contavão-se d'elle curas miraculosas, inspirações subitas que deixavão admirados os professores e praticos mais antigos e habeis.

Era um observador perspicaz para quem a natureza humana tinha poucos segredos. Tendo abraçado com enthusiasmo a carreira medica, estudára com ardor, empregando exclusivamente os melhores annos de sua mocidade na investigação dos mysterios do organismo do homem, na analyse severa dos meios que a sciencia lhe offerecia para combater a enfermidade.

Bem depressa o Dr. Gomes conheceu que a rica herança de observações, de preceitos, deixada pelos sabios de muitos seculos, era mesquinha em face das exigencias que apresenta esse composto de physico e moral que se chama homem, quando um ou outro, ou ambos ao mesmo tempo se afastão da senda ordinaria e funccionão de um modo contrario ás regras estabelecidas pela intelligencia suprema.

Longe, porém, de desanimar, de accusar a sciencia de pobre e impotente, o medico cobrou novas forças, novo enthusiasmo, porque, para elle, a medicina era um sacerdocio, uma missão ingrata, espinhosa, uma lucta de todos os dias, mas paga generosamente por um só triumpho.

O mal physico, o soffrimento do corpo mereceu-lhe todo o cuidado ás mais das vezes, porém, elle não parava ahi e, considerando-o apenas como effeito, remontava-se ao moral para ahi descobrir as causas.

Essa preoccupação constante do espirito tornára-se por fim um habito; sua vida era um nunca interrompido estudo psychologico.

Elle pudera contar a historia intima de muitas existencias apparentemente brilhantes, felizes, faceis. A maior parte de seus doentes servia-lhe de objecto de estudo moral. O medico acompanhava-os passo a passo pela vida; seu espirito, penetrante como o bis-

turí do anatomico, ia ao amago d'esses caracteres que observava; isolava, estudava um a um os sentimentos, as paixões, as qualidades e defeitos de cada um d'elles, e depois aprazia contemplando-os em exercicio, como o machinista que segue attento e satisfeito o movimento previsto das rodas de um engenho que fabricára.

A concentração do espirito, a reflexão constante davão ao medico um ar grave e calmo. Sua fronte espaçosa perdia na calva precoce que já lhe ia desnudando a cabeça. Tinha os olhos azues e os cabellos como sua mãi, formosa Irlandeza outr'ora muito celebrada no Rio de Janeiro por sua belleza. A bocca era expressiva, mas poucas vezes sorria. Sua presença infundia, e ao mesmo tempo inspirava confiança; conhecia-se que havia ali um amigo, pouco proprio para acompanhar os folguedos da mocidade, mas prompto sempre para dar um bom conselho, para auxiliar a realização de uma bôa intenção.

Admittido desde alguns annos na intimidade da familia S***, o Dr. Gomes encontrára ahi assumpto para interessantes estudos.

A principio o genio franco e jovial do brigadeiro e a honestidade de seu caracter conquistárão logo as sympathias do medico, cujo espirito ao mesmo tempo repousava satisfeito contemplando aquelle conjuncto de perfeições, que era Carolina.

Um dia, porém, o rosto do medico appareceu annuviado e triste; desde então foi pouco a pouco tornando menos frequentes as suas visitas á casa do brigadeiro, onde antes se mostrava assiduo, e a teria deixado completamente, se se não désse uma circumstancia que o obrigou a voltar e a demorar-se ahi indefinidamente.

Uma noite o Dr. Gomes foi sorprendido por um afflicto recado de Carolina, que implorava o soccorro do medico: o brigadeiro S*** fôra subitamente acommettido de uma violenta apoplexia.

A dor desesperada de Carolina, que se extorcia em soluços junto ao leito de seu pai, cujo fim lhe parecia proximo, commoveu o medico.

As applicações rapidas e energicas do Dr. Gomes triumphárão facilmente do mal; d'ahi a poucos dias o brigadeiro estava restituido á saude e Carolina alegre e agradecida obrigava o medico a prometter a antiga assiduidade.

N'esse dia, ao retirar-se depois de feita a promessa, o Dr. Gomes murmurava encaminhando-se para a barca que devia transportal-o de S. Domingos á cidade.

— Tenho aqui dois doentes, que se achão no gozo de perfeita saude, mas cujo mal é incuravel!

(Continúa.)

O TESTAMENTO DE JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

O Brasil ainda não conhece as ultimas disposições de uma de suas mais celebres notabilidades, do grande vulto da epocha da sua independencia, para o qual convergião todos os olhares, e em cuja mente se concentravão todas as ideias patrioticas, todos os desejos de engrandecimento da patria, e a quem n'este momento pagão todos os brasileiros o tributo de gratidão e reconhecimento publico, a maior gloria á que se póde aspirar n'este mundo.

O testamento de José Bonifacio de Andrada e Silva é um documento que deve pertencer á historia, e vai jazer escondido sob a poeira dos cartorios; a tão grande homem releva conhecer até nos seus ultimos momentos e ainda na menor de suas disposições.

E' sob este ponto de vista que o entregamos á consideração do publico.

EM NOME DE DEUS, AMEN !

« Eu José Bonifacio de Andrada e Silva, estando em perfeito juizo, e não sabendo o termo de minha existencia, fiz este testamento, como minha ultima vontade, e é da maneira seguinte :

« Sou natural da provincia de S. Paulo, d'este imperio do Brasil, nascido e baptizado na villa de Santos, filho legitimo do coronel Bonifacio José Ribeiro de Andrada com D. Maria Barbara da Silva, ambos ao fazer d'este já fallecidos.

« Fui casado com D. Narcisa Emilia Oleary de Andrada, já fallecida, de quem tive duas filhas, a saber:

« D. Carlota Emilia de Andrada, casada com Alexandre Antonio Vandelli.

« E D. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrada, casada com o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

« Declaro mais que tenho outra filha natural, chamada D. Narcisa Candida de Andrada, a quem sempre reconheci e criei como minha verdadeira filha; e se acha legalmente legitimada.

« Nomeio por meu testamenteiro:

« Em primeiro logar ao desembargador Francisco da França Miranda.

« Em segundo logar a meu irmão Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

« Em terceiro logar ao Reverendo Luiz da Veiga Cabral, aos quaes hei por abonados independente de prestação de fiança alguma.

« Nomeio para tutor e curador de minha filha D. Narcisa Candida de Andrada a meu prezado irmão Martim Francisco Ribeiro de Andrada, a quem peço que, emquanto esta minha filha não tomar estado, a não separe da companhia de sua tia D. Maria Amalia Nebias, em attenção ao amor de mãi com que a tem tratado, serviços que lhe tem prestado, e confiança que n'ella faço.

« O meu corpo será sem pompa sepultado na igreja aonde ultimamente me tiver dado a rol, e o respectivo parocho dirá uma missa de corpo presente por minh'alma.

« Declaro que tenho na provincia de S. Paulo, districto da Pernahyba, uma fazenda de terras para criação de gado, a qual se chama Monserrate.

« Tenho mais na dita provincia, districto da villa de Santos, uma porção de terras chamadas Oiteirinhos.

« Tenho mais na dita provincia, districto de Piracicaba, uma parte n'um engenho de assucar, com suas terras e bemfeitorias, do qual meu irmão Martim Francisco Ribeiro de Andrada é director e administrador.

« Tenho mais no districto do Rio de Janeiro, em a ilha de Paquetá, uma pequena chacara, com casas e mais bemfeitorias, em cuja casa se acha depositada a minha numerosa livraria (pouco mais ou menos seis mil volumes) afóra os meus manuscriptos.

« Tenho encaixotada uma consideravel collecção mineralogica em casa do tenente coronel José Joaquim dos Santos, assistente na rua do Lavradio, e tanto n'esta como em livros empreguei quasi toda a minha tal ou qual fortuna.

« Tenho em guarda de Antonio Luiz Fernandes Pinto quatro apolices do governo, que vencem cinco por cento ; a saber : tres d'estas acções são de um conto de réis cada uma, e a quarta é sómente de quatrocentos mil réis.

« Tambem se acha ao fazer d'este em sua guarda uma porção de dinheiro, que ao presente d'elle vou gastando : o que tudo melhor constará da conta que elle apresentar, pois é negociante honrado n'esta praça e homem de bem.

« Ficárão de minha fallecida mulher as joias seguintes :

« Dois fios de perolas, a saber : um mais fino, outro mais graúdo.

« Uma pluma.

« Brincos e alfinete de peito tambem ornados de perolas.

« Quatro memorias de ouro com suas pedras de pouco valor.

« Um cordão de ouro de quatro palmos de comprido.

« E duas caixas de ouro para uso de rapé, a saber : uma esmaltada e outra lisa.

« Tenho ao fazer d'este alguma prata para uso da mesa e luzes, que não declaro por poder desencaminhar-se alguma peça em minha vida e será a que se achar por meu fallecimento.

« Declaro que tive contas em vida do fallecido Antonio Rodrigues da Silva, natural do Rio de Janeiro, e a meu vêr as julgo saldadas a meu favor, entrando n'ellas duzentos mil réis que ultimamente lhe tinha dado, e cem mil réis que dei á sua enteada para o enterro d'aquelle, do que existe recibo.

« Tambem me são devedoras algumas pessoas, cujos nomes e creditos se achão, parte, em meu poder, e parte em mão de Antonio Luiz Fernandes Pinto, já mencionado, que ao todo andará pouco mais ou menos por um conto e seiscentos mil réis.

« Declaro que até á data de hoje, por conta que me foi remettida, devo ao Sr. Luiz de Menezes de Vasconcellos Drumond a quantia de quatro contos duzentos e dezoito mil e novecentos réis, de prestações que me tem feito, entrando n'ellas o importe de minha passagem de França para o Brasil e todas as despezas do funeral de minha fallecida mulher.

« Declaro que tenho despendido varios dinheiros em beneficio de minha filha D. Carlota Emilia de Andrada e seu marido, em prejuizo dos mais herdeiros, e para desencargo de minha consciencia deverá entrar em collecção com as despezas que ultimamente fiz com ella e seu marido a saber :

« Um conto cento e setenta mil réis de sua passagem de Portugal para o Brasil.

« Cento e oitenta mil réis de sua passagem para Santos.

« Cento e cincoenta mil réis, dinheiro adiantado, que por ella recebeu n'esta occasião seu marido para a dita viagem.

« E duzentos e oitenta mil réis por uma letra de cambio, passada em Lisboa, á ordem de João Ribeiro de Carvalho; o que tudo somma um conto setecentos e oitenta mil réis.

« Deixo a minha afilhada Carlota Emilia Machado, que ao presente se acha em minha companhia, cem mil réis.

« Deixo a meu irmão Martim Francisco Ribeiro de Andrada todos os meus manuscriptos que se acharem desencadernados.

« Declaro que deixo por universal herdeira de minha terça a minha filha D. Narcisa Candida de Andrada, em cuja terça é minha vontade entrem em collecção as quatro apolices do governo, acima mencionadas, igualmente uma criança cabrinha chamada Constança, e um preto de nação chamado Pedro.

« Deixo igualmente os meus serviços(se Sua Magestade Imperial os julgar dignos de alguma remuneração) a José Maximiano Baptista Machado, na condição de se verificar o casamento com a dita minha filha D. Narcisa Candida de Andrada, por este m'a ter pedido para sua esposa e eu o julgar muito capaz; porém, no caso que por algum incidente se não verifique com elle o dito casamento, passarão á pessoa que com ella casar com approvação do tutor.

« E por esta fórma dou por concluido este meu testamento, que quero se cumpra, por ser esta a minha ultima vontade, e para este fim implоro a protecção das leis; e pedi ao dito reverendo Luiz da Veiga Cabral que este por mim fizesse, o qual vai por mim assignado.

« Rio de Janeiro, na ilha do Paquetá, 9 de Setembro de 1834.— *José Bonifacio de Andrada e Silva.* Padre Luiz da Veiga Cabral. »

O auto da approvação é datado do mesmo dia, e foi feito por Francisco Manoel de Mello, tabellião e escrivão do juiz de paz do districto da freguezia do Senhor Bom Jesus do Monte da ilha de Paquetá.

Assignárão como testemunhas : José Martins Vianna de Castro, José Narciso de Cerqueira, João Pereira de Carvalho e Silva, Joa-

quim Antonio d'Almeida, João Francisco Graça e João Marcellino Rodrigues.

Foi apresentado em 6 de Abril de 1838 pelo testamenteiro o desembargador Francisco de França Miranda ao escrivão interino da provedoria da cidade de Nitherohy Silvestre dos Reis Nunes, e aberto pelo juiz municipal interino o cidadão Manoel de Frias e Vasconcellos, que mandou se cumprisse e se registrasse.

No dia 8 do mesmo mez assignou o desembargador Francisco de França Miranda o termo da aceitação dos encargos da testamentaria.

Em 17 de Setembro de 1840 mandava o promotor interino dos residuos, o advogado Alexandre Moreira de Souza Requião, que o testamenteiro provásse que o testador fôra sepultado na matriz, em que ultimamente se dera a rol, como determina uma de suas disposições.

Nada consta dos autos a respeito ; sabe-se, porém , que o corpo do illustre finado foi embalsamado, e transportado de Nitherohy para esta côrte, e depositado nas catacumbas da igreja da Senhora do Monte do Carmo e depois trasladado para a villa de Santos.

As visceras forão sepultadas, creio que sem ceremonia religiosa de qualidade alguma, na capella de Nossa Senhora da Conceição de Nitherohy, onde o padre Jeronymo Maximo Rodrigues disse uma missa de corpo presente de esmola de quatro mil réis por alma do fallecido, a pedido do irmão do finado, Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Hoje Santos, cidade de ordem muito secundaria, despertada de seu inqualificavel esquecimento, disputa á côrte do Imperio a honra de possuir os preciosos restos, e de erguer um tumulo, condigno de tão eximio brasileiro, e que tinha de ser a pedra fundamental do Pantheon dos Brasileiros illustres.

Mas no Brasil é tudo assim ; nada se faz: mas, quando se pretende fazer alguma cousa, embaraça-se a ideia, difficulta-se a sua marcha, porque em vez de um surgem aos centos os realizadores, cada qual com a sua sentença.

Para mais complicação, apparece tambem a ideia de realizar-se quanto antes o monumento do Ypiranga, e apparece na provincia de S. Paulo, que deveria aguardar primeiramente a inauguração da estatua de José Bonifacio, gloria que reflecte sobre todo o Brasil, mas que teve o seu berço em S. Paulo, honra que ensoberbece aos paulistanos.

Cumpre que o monumento do Ypiranga seja nacional e não provincial.

Oh ! pelo amor de Deus não amesquinhem assim as nossas grandes cousas !

Essa pagina grandiosa da nossa historia deve ser escripta, não por uma, mas por vinte provincias ; não por uma fracção, mas por todo o Imperio.

Se rejeita-se o concurso da côrte e das provincias, restar-nos-ha o recurso de erguermos no campo da Acclamação o obelisco monumental da independencia.

Felizmente não nos hão de taxar de orgulhosos, de egoistas e de bairristas.

D. Pedro, a quem elevamos uma estatua equestre sem o concurso das de mais provincias, não nasceu no Rio de Janeiro.

O Ypiranga e Porto Seguro, para onde o Instituto historico brasileiro pediu ao corpo legislativo em 1853 (?) dois monumentos commemorativos, estão mui distantes da capital do Imperio.

E José Bonifacio nasceu em Santos.

Mais tarde é que os fluminenses se hão de lembrar de Antonio José, o rival de Plauto; de Souza Caldas, o maior poeta lyrico sagrado da lingua portugueza; de José Mauricio, o Mozart brasileiro; de Sampaio e Mont'Alverne, brilhantes oradores da tribuna religiosa; de S. Carlos, o auctor da epopéa sancta; sem fallar nas suas illustrações politicas, como Evaristo e tantos outros.

BRASILIACO.

OS ESTUDANTES DE HEIDELBERG

POR

CHARLES DESLYS.

TOMO II.

IV

SEGISMUNDO O DIABO.

Quando Helena e Bertha voltárão a si do desmaio, virão-se na sala dos cavalleiros, mas agora a sós com Conrado.

Os salteadores havião desapparecido, como personagens fantasticas de um sonho sombrio; tinhão desapparecido tambem as tochas ou pelo menos havião sido apagadas. Só por duas alampadas, que brilhavão ainda no mesmo logar, era allumiada a vasta sala.

Na cadeira de espaldar, que servira de throno, achava-se sentada a condessa Helena, e a seus pés, estendida sobre almofadas, e pousando-lhe a cabeça nos joelhos, estava Bertha.

Conrado ahi se achava, de pé, immovel, e com os olhos fitos nas duas moças, que resumião em si todas as suas affeições aniquiladas, todas as suas esperanças despedaçadas.

Assim, pois, pungente dôr se lhe lia no rosto, tão pallido então, que semelhava a pallida estatua do desespero impotente.

Foi Bertha a primeira a abrir os olhos. Se as revoluções da alma erão mais vivas n'ella, em compensação menos profundos erão seus resultados.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUB
—DO—
RIO DE JANEIRO

Apenas entreabrirão-se as suas palpebras, ella reconheceu Conrado, e de tudo recordou-se.

— Conrado! exclamou, não obstante, a moça com a voz cheia de doçura.

E como Conrado, de repente despertado de seu scismar, fizesse um movimento como para fugir ou afastar-se, ergueu-se ella vivamente, correu ao chefe dos companheiros da meia noite e estendendo-lhe a mão:

— Conrado, disse; — uma irmã é sempre uma irmã, qualquer que seja o estado a que possa ter descido o irmão.

— Anjo! respondeu Conrado, ajoelhando-se diante de Bertha; oh! sim, meu bom anjo consolador!

E a moça sentiu em suas mãos, nas quaes Conrado escondia o rosto, correr por entre os dedos lagrimas ardentes.

Então, semelhante ao ramo, que se dobra para as flôres, debruçou-se ella para seu irmão infeliz e imprimiu-lhe um beijo na fronte.

Houve um momento de silencio.

Um movimento nervoso de Helena interrompeu-o.

Bertha ergueu-se vivamente.

Conrado já se achava em pé e apontando para a condessa, murmurava:

— Tambem ella, minha irmã, tambem ella vai soffrer; ..... só tu podes consolal-a.... eu t'a confio! Tudo e sempre por ella.

Olhou-o a moça de um modo que queria dizer; « Não precisava que m'o pedisses, » e caminhando para ella, como a fada aerea e candida do castello, avizinhou-se da condessa.

Esta acabava de olhar para Conrado, e tambem se recordava.

— Fujamos! bradou Helena repentinamente com horror febril! fujamos d'este castello maldito!

E ao mesmo tempo travava do braço de Bertha e dava um passo para precipitar-se fóra da sala.

Mas a corajosa e altiva condessa não medira suas forças, ou antes não havia calculado ainda os destroços profundos que lhe causára a revelação terrivel da verdade. Cahiu, pois, pallida e alquebrada na cadeira gothica e ahi escondendo a face:

— Conrado! murmurou em um tom que mais parecia o soluçar do desespero; oh! Conrado.... Conrado!

— Ouvi-me, senhora! respoudeu lenta e humildemente o chefe dos companheiros da meia noite. Não é o perdão que quero implorar de vós; eu mesmo acabo de me condemnar, e mais severamente ainda, do que a justiça humana me condemnaria. E' a ultima vez que vos fallo, senhora! Não me vereis mais, nunca mais! Mas antes que vos diga o adeus eterno, com que me castigo, permitti ao menos que vos diga em algumas palavras como cheguei a este ponto. E' uma confissão o que ides ouvir, Helena.... uma confissão suprema! Escutai-me até ao fim, sem me interromper. Não tenho esperanças de que me possais absolver, não... tudo quanto n'este mundo posso desejar, é que me desprezeis um pouco menos do que n'este momento deveis

fazel-o... é que, sabendo que me perdi por excesso de amor por vós, possais conceder, sequer, um pouco de compaixão á minha memoria... é que, na ausencia da saudade, tenha eu ao menos uma prece vossa.

Durante esse exordio, que parecia ser o triste *de profundis* de todas as esperanças de Conrado, havia descido até ao chão o manto sobo qual palpitava Helena. Appareceu emfim a bella cabeça da condessa, reclinada para a cadeira, e como ainda sob o peso da duvida e do temor; depois, vencida sem duvida pela magnetica influencia d'essa tão dolorosa resignação, ia levantando a fronte á cada palavra, e quando ouviu a ultima pareceu querer responder com um grito.

Mas Bertha levou-lhe rapidamente um dedo aos labios e com o olhar lhe disse:

— Ouçamos!

Calou-se a condessa e docemente cedeu á attracção de Bertha, que de pé, junto á cadeira, encostou o seio á cabeça de Helena e envolveu-a em seus braços, á semelhança de uma virgem que serve de apoio á sua irmã mais velha, no momento em que lhe narrão o modo por que lhe acaba de morrer o desposado.

Fazendo vibrar as mais desesperadas cordas de sua alma, assim continuou Conrado:

« — Ha quatro annos. Amava-vos eu Helena.... oh! sim, muito vos amava; mas era então pobre, e vossa mãi repelliu-me desdenhosamente. Debalde lancei-me aos seus pés; debalde suppliquei-lhe e chorei. Levou-vos ella para longe d'aqui. Fiquei só, mas não desanimei. Por todos os meios imaginaveis procurei conquistar, senão com gloria ao menos honestamente, essa fortuna sem a qual não podieis ser minha. Oh! procurei, luctei muito, muito combati; mas, infeliz sempre, nada consegui!

« Um dia chegou-me ás mãos uma carta vossa.... meu pai havia morrido n'esse dia!... « Apressa-te, me dizieis; minha mãi quer me casar.... vem depressa! »

« Ir.... mas ainda era eu pobre!.... mais pobre do que nunca! O barão de Rosenthal.... irrisão! apenas deixava a quantia sufficiente para as despezas do funeral.

« Durante duas noites, velára eu na camara ardente, mas n'essas duas noites, filho impio que era, em vez de orações, levára apenas a ler a vossa carta.

« No dia immediato, depois da ceremonia funebre, houve grande banquete no castello.... segundo o costume da nobreza allemã, como sabeis.

« Tudo quanto nos restava foi despendido com elle. Nem mesmo chegou, ainda faltavão alguns florins.

« Para fugir á essa ultima humilhação da miseria, puz-me a procurar ao acaso pelo castello.

« Havia tres noites que eu não dormia.... tinhão-me obrigado a beber no banquete.... adejava-me no espirito a morte de meu pai.... queimava-me o coração a vossa carta.... tinha febre.... estava louco!

« De repente em um velho movel de carvalho que desde muitos

annos se não abria, vi um guarda joias.... o guarda joias de minha mãi ! bem que devesse suppol-o vasio.... abri-o.

« Nada effectivamente continha elle senão um maço de cartas de jogar... pelo menos assim o acreditei.

« Mas, espalhando-as com raiva, vi luzir em baixo como que uma faisca.

« Deitei a mão sobre esse objecto e olhei...

« Era um diamante !

« Só um diamante... o ultimo dos diamantes de minha mãi. Pobre pai, não o vendeste tambem, ou antes, tu o havias esquecido !

« Mas de direito essa pedra pertencia á minha irmã, e eu quiz tornar a encerral-o no guarda-joias.

« Ainda n'elle restavão algumas cartas.

« Cousa singular ! Essas cartas e esse diamante confundirão-se em meu espirito, como se unisse-os algum laço mysterioso, como se de seu choque devesse emanar uma idéa de fatalidade.

« Essa inspiração subita, era o jogo !

« Ultimo recurso dos desesperados, me não havia ainda lembrado do jogo. Apoderou-se elle do meu espirito, pareceu-me precipitar a mão, apoderei-me do diamante... fui eu mesmo sellar um cavallo, e montando, parti a galope para Francfort.

« Era já noite cerrada quando cheguei á rua dos Judeus.

« Ostentavão seus profis as velhas casas de madeira, e parecião já de ha muito adormecidas. Nem uma só luz.

« Bati a muitas portas, impaciente que estava de tractar com o primeiro filho de Israel que me abrisse.

« Acudiu emfim ao meu chamado um velho repugnante e barbado, trajando comprido casacão roto, carapuça de forma exquisita, amanhado em summa como andarião os seus antepassados no tempo do rei Salomão.

« Ao vêr-me deixou escapar um ligeiro grito, e em seu rosto de ave de rapina, nos olhinhos verdes e scintillantes, julguei distinguir uma especie de satisfação maligna ; dir-se-ia que de ha muito esse velho me esperava.

« O que é certo é que eu não lhe era desconhecido ; porque allumiando a escada com a alampada avermelhada, me foi dizendo :

— Quer o Sr. barão de Rosenthal dar-me a honra de subir comigo ?

Não lhe respondi ; mas segui-o.

« Chegamos á uma camara vasta de sinistro aspecto, onde mil disparatados objectos achavão-se atirados em confusão, e formavão pilhas desordenadas bastante dignas d'essa figura de judeu velho, meio adelo, e meio feiticeiro.

« Sem, porém, demorar-me no exame d'essa excentrica morada, estendi o diamante ao velho, e expliquei-lhe o motivo da minha visita, só com estas duas palavras :

« — Quanto vale isto ?

« Tomou-me o diamante, e levou os oculos ao nariz rombo.

« Mas a principio não serviu-se d'elles senão para olhar-me de frente.

« — Oh! oh! disse rindo-se, o Sr. barão veiu de bem longe por uma ninharia! Nos bellos tempos, que já lá forão, quando carecião de dinheiro, os barões de Rosenthal não se dirigião a um humilde agente do inferno, mas sim ao diabo em pessôa.

« Revoltou-me essa allusão grosseira á legenda de nossa familia, e interrompi-o com altivez, pedindo-lhe que me dissesse o preço do diamante e nada mais!

« — Pois bem! disse elle com um sorriso singular; porém não me apraz regatear comvosco. Dizei-me quanto quereis e é negocio feito.

« E com uma das chaves que trazia suspensas á cintura, abria ao mesmo tempo um cofre byzantino.

« Eu havia pedido dous mil florins.

« Contou-os o velho sem pestanejar, fechou lentamente a caixa, tirou de sobre a mesa a alampada, acompanhou-me calado até á porta da rua, e trancou-a ao depois, dizendo com ar ainda mais estranho do que tudo quanto fizera.

« — Desejo que sejais feliz, Sr. barão Conrado de Rosenthal, e até mais vêr!

« O que queria dizer esse adeus? Não só esse homem sabia o meu nome, mas tambem não ignorava o uso que ia eu fazer do seu dinheiro?

« Pouco, porém, importava-me então esse mysterio.... e só mais tarde foi que reflecti n'elle. Só um pensamento occupava-me.... era enriquecer n'essa mesma noite, e começar immediatamente com a sorte uma ultima partida. E não tinha eu dois mil florins para principiar?

« Dirigi-me sem demora para o *Cassino,* cujo frontispicio brilhava ao clarão de mil luzes, e depois de haver á porta murmurado uma fervorosa prece, entrei.

« Cinco minutos mais tarde estava assentado em uma mesa de jogo, e diante de mim tinha um montão de ouro.

« Mas que necessidade tenho de repetir-vos as ardentes alternativas com que o jogo embalava ou torturava minha ultima esperança? Dez vezes ganhei sommas importantes para qualquer outro, porém que me não bastavão.... vossa mãi teria dito que não era sufficiente! Dez vezes me vi reduzido á quantia com que tinha entrado.... Mais uma cartada.... e perdi tudo!

« Pallido e mudo, com os labios agitados, ergui-me da mesa. Com a morte dentro d'alma, mas de cabeça erguida, atravessei os salões e dirigi-me aos jardins do *Kursaal.*

« Ahi ao menos havia o espaço e a obscuridade do isolamento.... a noite era invernosa e escura.... poderia chorar e maldizer-me em toda a liberdade!

« Mas, ao dar os primeiros passos, vi a meu lado desenhar-se uma sombra, cuja cabeça parecia caminhar ao nivel da minha.

« Voltei-me com rapidez.

« Atraz de mim caminhava um homem desmesuradamente alto, de rosto sarcastico e ossudo, e cujos olhos brilhavão não sei com que reflexo que nada tinha de humano.

« Gœthe acabava de publicar o seu immortal *Faust*: vendo esse homem, pensei immediatamente em Mephistopheles.

« Na sala havia-o eu já observado. Parecia seguir-me o jogo com particular interesse. Encostado á cadeira em que eu estava assentado, sua alta estatura fazia com que me visse as cartas; lá, vira eu o profil de sua sombra oscillar no monte de ouro, que acabava de desapparecer de minhas mãos ao sopro do acaso, esse mar enganador dos jogadores.

« Porque seguia-me esse homem, e que designio era o seu?

« O olhar que lhe lancei exprimiu sem duvida esse pergunta, porque elle parou de repente, fez-me uma cortezia profunda, mas singularmente zombeteira, e depois desappareceu por traz de uma das columnas do peristylo.

« Continuei o meu caminho para o jardim; procurei ahi o recanto mais escuro, e cahindo sobre um banco de relva, desatei em soluços.

« Quanto tempo assim passou-se?... Ignoro-o.

« Recordo-me apenas que d'entre as arvores que abrigavão minha dôr, ouvi o som de uma voz stridente, incisiva e que entretanto parecia ter um quer que fosse de compaixão sympathica; uma voz que dizia:

« — Criança, quando a felicidade depende da fortuna e essa fortuna deve ser adquirida dentro de algumas horas, o jogo que se deve jogar é aquelle em que nunca se perde!

« — E conheceis algum assim? disse eu, sem mesmo procurar vêr quem era que assim me fallava, porque a fadiga dos dias precedentes, as emoções dolorosas que eu havia soffrido, a febre de ouro que ainda me fervia no cerebro, o supremo desespero que me acabrunhava, tudo n'esse momento era para mim como uma especie de sonho.

« Entretanto a voz me respondeu:

« — Barão de Rosenthal, já vos não recordais de certa tradição de vossa familia? Esquecestes a historia de vosso avô Segismundo, que a legenda ainda hoje appellida de Segismundo o Diabo?

« Era a segunda vez que n'essa noite fatal me fallavão n'essa historia. Já na rua dos Judeus havia illuminado o passado dos Rosenthal o olhar zombeteiro do velho usurario, e tinha-o eu visto resuscitar a meus olhos como á luz de um relampago.

« D'esta vez não foi apenas uma vaga illusão, uma visão ephemera. O homem que me acabava de fallar sentou-se junto de mim, e sem que eu o impedisse....faltavão-me as forças e a altivez....e elle continuou:

« — Segismundo de Rosenthal era o mais valente barão da Allemanha, mas era tambem o mais pobre, e essa pobreza fazia soffrer horrivelmente os seus ambiciosos instinctos. Sentia-se incommodado na especie de cabana de lenheiro que occupava; parecia-lhe que abafava.

« Um dia, caçando justamente no logar em que dez seculos depois nascestes, deixou-se cahir sobre um dos rochedos que ahi havia, e bradou : « A ti, minha alma, Satanaz, se me edificares um castello n'este logar ! » E apenas havia dito isto, uma grande sombra, envolta em um manto vermelho, surgiu de subito por entre as arvores e estendendo-lhe um pergaminho, respondeu : « Assigna ! e vem cear comigo em teu castello.... a ceia está na mesa !»

« Outros terião hesitado ; os homens de hoje, por exemplo.... Segismundo, porém, assignou immediatamente ; e dando o braço ao diabo, lhe disse : « Não deixemos esfriar a ceia !»

« Ah ! aquillo é que era homem.... não se satisfazia em desejar, queria !....

« A' essa conclusão categorica, parou de repente o desconhecido e dardejou-me olhos scintillantes.

« Olhei-o tambem eu.

« Como o tentador da legenda, era elle um individuo alto e magro, envolto em um manto vermelho. Seu olhar, sorriso e attitude tinhão um quer que fosse de diabolico. Careço dizel-o ? Era o mesmo homem da mesa de jogo, do peristyllo ; era o homem em quem eu tinha julgado vêr realizar-se o Mephistopheles de Gœthe.

« Sempre debruçado para mim, com um dos pés sobre um dos joelhos, e firmando no outro um dos cotovellos, com o queixo apoiado na mão, cujos dedos osseos amimavão a barba pontuda, parecia esperar uma resposta.

« Depois de alguns esforços, pois a minha lingua estava pregada ao paladar, pude emfim balbuciar :

« — Assim pois, se me désse tambem a vós ?....

« —Serias rico !

« — Esta noite ?....agora mesmo ?....

« — Porque não ? não foi edificado em um momento o castello de teus pais ?

« — Mas Segismundo vendeu a alma ?

« — E dez castellos como o seu não valem o bello olhar da condessa Helena ?

« Vosso nome....esse nome sagrado, proferido por semelhantes labios.... pareceu-me uma profanação.

« — Miseravel ! exclamei levantando-me de repente e levando a mão ao punho da espada.

« Mas o demonio ficou impassivel.

« — De vagar ! disse rindo-se e com voz penetrante e zombeteira, de vagar, barão ! Ainda não chegaste ao ponto em que eu julgava.... Pois bem ! Retiro-me. Lembra-te sómente d'isto : Helena póde ser tua, se realmente a amas ; se quizeres ser rico, ainda pódes sel-o e hoje mesmo ! Até logo !

« E semelhante á uma apparição furtiva, esvaeceu-se no ar.

« Fiquei immovel e petrificado.

« A ultima palavra que ouvi, ainda resoava-me nos ouvidos ....

« Até logo !.... » Porque pois « até logo ! » Tambem o judeu me dissera a mesma cousa, e, por assim exprimir-me, no mesmo tom.

« Entretanto adiantava-se a noite. Havião-se extinguido as ultimas luzes do *Kursaal* ; fechavão-se as portas do jardim. Senti vagamente que uma mão me impellia para fóra. Encontrei o meu cavallo, não sei como .... porque não o tinha eu vendido e jogado tambem ?.... Voltaria a pé....seria melhor para mim !....

« Apenas achei-me na floresta, as arvores do caminho me parecêrão, na rapidez da carreira, participar de uma existencia fantastica. Erão outros tantos demonios que, em minha passagem, agitavão os ramos, semelhantes a melenas desgrenhadas, e em cujo susurrar nocturno ouvia eu sempre a voz do homem do manto vermelho, que me bradava : « Pódes ser rico esta noite, se quizeres ; e amanhã Helena será tua ! »

« Uma vez até, em meio de todos esses ruidos, multiplicados por todos os accessos da febre que me devorava.... febre de insomnia, febre de jogo, febre de desespero, febre de amor, pareceu-me que junto a mim galopava um cavallo, e parei o meu.

« Esse ruido, essa illusão, desappareceu immediatamente, mas para renovar-se em diversas occasiões, durante a minha louca carreira através da floresta.

« Muitas vezes tambem a ultima palavra do judeu e do Mephistopheles me parecêrão atravessar os ares...,« Até logo ! » tinhão elles dito. « Até logo ! .... » repetião ao redor de mim todas as vozes da noite, « até logo !.... até logo !....até logo !....»

« Emfim cheguei ao castello.

« Ninguem esperava-me á essa hora ; no emtanto de si mesma abriu-se a porta e fechou-se, sem que eu podesse vêr quem a tinha aberto ou fechado.

« Demais, tambem não procurei de modo algum aprofundar esse novo mysterio ; desde o anoitecer que eu caminhava de inverosimilhança em inverosimilhança, e acabei por habituar-me a isso. E' effeito do meu delirio, dizia comigo, é um pesadelo: pois que seja! vamos até ao fim !

« Havia uma luz na escada que eu subia, e duas na camara que d'esse dia em diante determinei-me a occupar... na camara em que meu pai na ante-vespera tinha morrido... onde havião igualmente expirado todos os meus antepassados, a começar pelo primeiro dono do castello, por Segismundo o Diabo.

Em frente á porta da entrada estava o seu retrato, armado da cabeça até aos pés.

A' luz vacillante das alampadas, pareceu-me vivo. Fechei vivamente a porta e fui assentar-me em uma velha cadeira de espaldar, que estava junto á mesa em que ardião as luzes.

« E para logo lancei os olhos para um papel, cuja alvura contrastava com o couro velho e escuro que cobria a mesa.

« Era uma especie de carta, em cujo involucro li meu nome escripto

em caracteres vermelhos que me parecêrão de fogo... Tornei-me louco.

« Quebrei o lacre.

« Era para mim a carta, e só continha estas poucas linhas: Se sentires em ti a vontade de teu avô Segismundo, bate por tres vezes no seu escudo, e realizar-se-hão teus votos, como realizárão-se os seus outr'ora. »

« Ao terminar a leitura da carta, ergui os olhos para o retrato. Por cima d'elle estava o escudo de Segismundo; e n'esse escudo brilhavão em relevo as armas de Rosenthal. Brilhavão tambem os olhos de Segismundo — o Diabo; e seus labios altivos entreabrião-se como para me dizerem: « Anda, covarde, imita teu avô, sê rico, sê poderoso, sê feliz ! »

« Não sei que tempestade torvelinhou em meu coração e em meu cerebro; não sei que hallucinação do inferno passou-me pelos olhos... mas eu vos vi n'esse momento, Helena... sim, eu vos vi vestida para o casamento com esse outro que vos destinavão.... e prestes a caminhar para o altar com o desespero na fronte....Covarde ! me dizieis tambem, não me amas.... tu que recuas ante o unico meio que nos póde salvar a ambos.... Não te escrevi que era preciso que partisses n'essa mesma noite, e que partisses rico? não tens mais um minuto a perder.... Vem, meu Conrado, vem ! »

« Era demais ! Ergui-me de um salto.... corri ao retrato, e com a minha espada bati por tres vezes no escudo e com violencia tal que elle cahiu-me aos pés.

O retrato de Segismundo o Diabo desappareceu da parede, e foi um outro fantasma que em seu logar appareceu-me.

Estava em frente de mim o homem do manto vermelho.

(*Continúa.*)

O MEXICO.

—

Prescindindo da questão relativa á origem dos americanos, começemos por assignar no Mexico a presença dos Toltecas, que no anno 544 da era vulgar invadirão-no partindo do antigo reino de Tollan.

A darmos credito ás antigas tradições póde-se considerar a invasão dos Toltecas como um verdadeiro exodo; porisso que, tomando a direcção do sul, caminhárão até que a falta de viveres os obrigassem a deter-se afim de cultivarem a terra. N'esta peregrinação consumirão cento e quatro annos, edificando em sua passagem cidades, villas e aldeias, até que estanceárão no sitio denominado Tollancingo, em cujos arredores levantárão a cidade de Tollan, hoje Tula, fazendo d'ella capital dos seus estados.

Celebres entre todos os povos do antigo Mexico forão os Toltecas pelo seu amor ás sciencias, lettras e artes, chegando a possuir elevados conhecimentos em astronomia. Deve-se-lhes a divisão do seculo em cincoenta e dois annos, e a do anno em trezentos e sessenta e cinco dias, ou dezoito mezes de vinte dias cada um, addicionando-se-lhes mais cinco complementares, consagrados ao repouso, e um intercalar todos os quatro annos.

Florescia o paiz sob o seu esclarecido dominio, quando grandes calamidades, como as seccas e as pestes, os obrigárão a procurar algures mais ditosa sorte. Tomárão uns a direcção de Guatemala, outros a da costa oriental, poucas sendo as familias que permanecêrão em Tula, e no valle em que mais tarde ergueu-se o Mexico. Findou d'est'arte a monarchia tolteca depois de quatrocentos annos de existencia.

Quasi um seculo depois da dispersão dos Toltecas, chegárão os Chichimecas, hordas selvagens, originarias do paiz d'Amaquemecan, mas cuja posição geographica não está bem determinada. Erão totalmente selvagens, nutrião-se de raizes e do producto da caça e da pesca. Havendo-se, porém, fixado no valle do Mexico, alliárão-se ás familias toltecas de quem aprendêrão os meios de cultivar com proveito a terra, e as artes mais necessarias ao uso da vida.

A nova do bem estar de que gozavão os Chichimecas em sua recente patria, attrahiu numerosos bandos da mesma procedencia que, deixando Texcoco, sua capital, forão pedir ao chefe dos primeiros emigrantes que com elles repartisse as uberrimas terras de que se achava de posse, obrigando-se a prestar-lhe preito e homenagem. Nem uma duvida teve este de acceder a semelhante pedido; distribuindo com mão larga as riquezas de que era senhor, facilitou as allianças entre as tribus irmãs, e caldeando seu sangue preparou d'este modo a formação de outro povo, oriundo do primeiro, que tomou a denominação — de Acolhuis, e de Acolhuacan a nova monarchia.

Seguindo as pégadas dos primeiros, outros povos do norte forão successivamente se estabelecer na chapada das Cordilheiras, formando ao redor dos lagos colonias independentes, ou sujeitas ao rei d'Acolhuacan. Apezar da communhão de origem, e de affinidade de religião, lingua e costumes, não tardou a discordia em lavrar em seu seio, hostilisando-se com a maior crueldade. D'estas tribus as mais famosas erão as dos Tepanecas, Thascalans e Aztecas.

Forão estes ultimos que, descendo de suas montanhas, derão principio á cidade do Mexico, nome derivado de Mexitli, que tem a mesma significação de Huitzilopochtli, sua principal divindade.

Isolados no meio das aguas, em continua desconfiança dos seus vizinhos, procedêrão os Aztecas como os Venesianos: construirão sobre estacas terraplenos nos quaes edificárão suas casas fortificadas, e preparárão esses jardins, conhecidos pelo nome de *chinampas*, que tão grande pasmo causárão aos europeus. Pelo producto da pesca permutavão os generos de que necessitavão com os moradores do

continente, e achavão na industria supprimento ás suas mais imperiosas precisões.

Assim vivião as Aztecas, havia já treze annos, quando lamentavel scisão deu-se entre elles : indo uma das facções residir na proxima ilha, que appellidou-se de Tlalteloco. Theocratico foi no começo o seu governo, mudando depois de fórma pelo meiado do seculo decimo quarto. Não poz a monarchia termo ás suas dissensões; e por muitos annos foi a guerra o seu estado normal. Raiou, porém, o seu seculo aureo, quando sobre elles reinou um principe assás ditoso para impôr respeito aos seus inimigos internos e externos, e desenvolvendo todos os elementos da prosperidade nacional, elevou seu paiz ao gráo de esplendor a que pela Providencia fôra fadado. Cuidou este monarcha no embellezamento da sua capital ; mais cuidado prestou-se desde então á architectura, edificárão-se novos bairros, novos templos, e essas magnificas calçadas no meio das lagunas que a tornárão a maravilha da America.

No meio d'essas grandezas perturbava aos reis do Mexico o implacavel odio dos Tepanecas, que não cessavão de molestal-os. Força foi declarar-lhes guerra, que, após varias alternativas, decidiu-se em pról dos Mexicanos, que submettêrão ao seu jugo os inquietos rivaes. Todavia, como habil politico, não quiz o soberano do Mexico annullar a autonomia dos povos conquistados ; contentando-se em que reconhecessem a sua suzerania, continuando a serem governados por um principe da familia de seus reis. Formou-se assim o reino de Tacuba, que, como um satellite, gravitava em torno do grande imperio Mexicano. Tal era o seu poderio, quando Montezuma II chamado Jocoyotzin (*o Moço*) subiu ao throno.

Magnifico e liberal era este principe, desmedido o luxo de sua côrte, excessivas as despezas e rodeado de um ceremonial, quando em publico apparecia, que assemelhava-se ao dos soberanos asiaticos. Apparentando escrupulosa observancia das leis, não impedia que em seu nome se commettessem crueldades; e dando outrosim seu extraordinario zelo pela religião motivo para que viesse a superstição envenenar as fontes das crenças populares. Em plena prosperidade divisava-se no horizonte a accumulação das nuvens que cedo trarião a procella.

Antiga prophecia annunciava que homens de outra raça virião um dia submetter o paiz ; assim pois, quando Fernão Cortes desembarcou em Vera-Cruz, e que forão presentes a Montezuma pinturas que representavão os hespanhoes com seus cavallos e navios, e se lhe referiu o terrivel effeito de suas armas, não duvidou que fossem esses os heróes pelo céo chamados.

Vacillante sobre o que devêra fazer, perdeu precioso tempo em negociações, esquecendo-se da defesa do paiz, e cercado por um exercito aguerrido, senhor das melhores posições, deixou-se despojar dos attributos da realeza por um punhado de aventureiros, que, conforme o proprio testemunho do historiador Solis, não excedia a 415 infantes e 16 cavalleiros !

Passamos em silencio as peripecias d'essa conquista miraculosa; não pretendemos explicar as causas de atonia moral que impossibilitou a nação mais bellicosa da America de defender seus lares : não nos deteremos tão pouco para presenciar o pavoroso espectaculo que nos offerece essa sanguinolenta batalha empenhada no meio dos pantanos, nas angusturas dos canaes, em que quatrocentos e cincoenta hespanhoes e mais de quatro mil alliados juncárão o chão com seus cadaveres, preludiando essa famosa retirada, digna de Xenophonte, em que através de mil perigos conduziu Cortes o seu pequeno exercito á Tlascala ; levar-nos-ia isto para longe do nosso assumpto, contrario sendo á brevidade que nos impuzemos.

Causa horror que em nome da civilisação christã commettessem os hespanhoes tantas atrocidades no Mexico : devorava-os a sêde do ouro, que com profusas mãos espargião os cabos emquanto á mingua perecião os soldados, verdadeiros instrumentos da victoria, como nol-o attesta Bernal Dias, testemunha ocular dos successos que narra.

Teve Cortes de luctar com a opposição rancorosa dos delegados do imperador Carlos V, que n'essa épocha sentava-se no throno das Hespanhas. Pintárão-no como vassallo infiel que alimentava projectos de propria elevação, erguendo as suas vistas até um throno, trocando a corôa cerrada de marquez (*) pelo diadema real. Victima da inveja, alvo da maledecencia, expirou, saciado de desgostos, a 2 de dezembro de 1547, na idade de sessenta e tres annos.

Sessenta e dois vice-reis governárão o Mexico, chamado pelos conquistadores de *Nova Hespanha*, e entre estes legárão alguns á posteridade honrada fama. Graças á longa paz de que fruiu, prosperou em poucos annos : attrahirão-lhe numerosa população européa as ricas minas de seu sólo, e fabulosas fortunas se adquirirão em breve tempo.

Não forão, porém, todas as classes da população convidadas ao festim da riqueza : contrastava a miseria dos habitadores do campo e das cidades subalternas com a opulencia do clero e dos altos funccionarios civis e militares. Accresce ainda que o despotismo do governo, a severidade da inquisição, a pouca diffusão dos conhecimentos, ainda os mais elementares, e o regimen do monopolio em larga escala exercido em proveito da metrópole, cimentava o desgosto e fazia suspirar pelo momento em que podessem os mexicanos imitar o exemplo de seus conterraneos, os *yankees*.

Apressárão esse almejado ensejo os acontecimentos da peninsula iberica occorridos no começo do presente seculo. Privadas do rei natural cortejárão as juntas governativas essas mesmas colonias que outr'ora tanto desprezárão : por convite da de Sevilha consultou o vice-rei Iturrigaray o voto das *communs* e *audiencias*, acto este que desagradando aos reinoes causou a sua prisão em S. João de Ulua, e posterior remessa para Cadix.

(*) Fernão Cortes foi agraciado como titulo de marquez del Valle d'Oaxaca.

Havião, porém, os Mexicanos, saboreando do fructo da liberdade, conhecido sua propria força e a decadencia da metropole; assim, pois, quando a 16 de Setembro de 1810 soltou o cura Miguel Hidalgo o brado da independencia, achou elle écho em todo o paiz. Despregando a bandeira da Virgem do Guadelupe, que por pendão tomára, entrou Hidalgo, auxiliado pelo coronel Allende e o capitão Abasolo, em Guanaxato, que como seu libertador o acolheu, arvorando-a successivamente sobre os muros de Acamboso, Celaya e Valladolid, chegando diante da capital á frente de mais de cem mil combatentes.

A' esta torrente devastadora tinha apenas o vice-rei Venegas oito á dez mil homens para oppor, e esses mesmos pessimamente commandados. A derrota de Truxillo em las Cruces teria assegurado o triumpho completo da revolução, se ao enthusiasmo patriotico juntasse Hidalgo as qualidades que sobrárão em Washington. Deixou escapar o tempo em pompas e inuteis demonstrações de jubilo até que, voltando do seu primeiro panico, rehouverão os hespanhoes, melhor dirigidos pelo general Calleja, as vantagens anteriormente perdidas.

Recuando de derrota em derrota encontrou a rebellião o seu tumulo nas planices de Chihuahua a 21 de Março de 1811, sendo arcabusados seus principaes caudilhos. Como a phenix da mythologia renasceu a revolução das suas proprias cinzas: Rayon, Morellos, Matamoros, Galeana, Guerrero e outros mostrárão-se n'esse mesmo anno capiteneando bandos armados em defesa da causa que se julgava supplantada. Fastidiosa seria aqui a enumeração dos differentes recontros que por espaço de quasi dez annos tiverão logar entre os hespanhoes e os mexicanos, alternativamente vencedores e vencidos: baste-nos dizer que o homem de quem estes ultimos necessitavão para servir de incarnação á sua ideia, para imprimir a unidade da acção tão necessaria, parecêrão elles descobrir em Agostinho Iturbide, que no principio da lucta tomára o partido da metropole marchando contra seus compatriotas, e mandando espingardear o cura Matamoros.

Reconhecido por generalissimo dos exercitos nacionaes, estipulou na conferencia de Cordoba as bases do novo regimen que convinha ao Mexico. Erão estas a *sua independencia sob uma monarchia constitucional e representativa exercida por um membro da familia dos Bourbons de Hespanha, e a completa igualdade de direitos entre os nascidos n'um ou n'outro lado do atlantico.* Faltavão, porém, ao vice-rei O' Donojú instrucções para a acceitação de semelhantes clausulas, que não tardárão em ser formalmente rejeitadas pelo gabinete de Madrid.

Mallogrado o unico plano possivel de teminar fructuosamente a dissidencia entre os hespanhoes e os mexicanos, pensou Iturbide em converter em seu proprio proveito a popularidade que lhe havião suas victorias grangeado. Nomeou um conselho de regencia de que se fez presidente, convocou uma assembléa de notaveis, e cuidou seriamente nos meios de fazer-se proclamar imperador.

A' despeito da opposição que lhe fizerão as sociedades secretas,

conseguiu Iturbide realisar o seu intento, e empunhou o sceptro imperial tomando o nome de Agostinho I. Feita irregularmente pela camara dos deputados semelhante eleição, foi todavia confirmada pela prompta adhesão das provincias.

Carecia o novo imperador de quasi todos os predicados de um fundador de dynastia, maximè na phase tumultuosa por que passava o Mexico. Esquecendo-se da sua origem plebeia, esmagou o povo com impostos, desdenhou com altivez a convivencia dos seus antigos camaradas; buscando o apoio das baionetas, não soube angariar as sympathias do soldado, e tal foi a sua illusão que pareceu-lhe ser descendente de uma longa serie de monarchas; tal era o fasto de que se cercava, e a imperiosa linguagem de que se servia. Sonhando constantemente com conspirações, que não existião, perseguindo os homens mais notaveis do paiz, levou aos ultimos paroxismos a sua já alquebrada popularidade, quando, querendo imitar a Bonaparte, fez uma parodia do 18 brumario dissolvendo pela força o congresso constituinte, e mandando lançar em ferros os representantes do povo.

Não se fez esperar a reacção. Sancta Anna, que tinha sido um dos seus maiores adherentes, pronunciou-se contra elle, sublevando a guarnição de Vera-Cruz. A inercia dos generaes com quem mais contava o imperador, e a traição de Echavari desfechárão o derradeiro gilvaz em sua já prostrada auctoridade, obrigando-o a abdicar a corôa a 19 de Ma rço de 1829 embarcando-se com toda a sua familia para a Italia, onde o Estado assegurava-lhe uma pensão de 25,000 piastras.

Succedeu á monarchia a republica, que foi solemnemente proclamada pelo congresso constituinte novamente convocado.

Erão, porém, as fórmas democraticas inteiramente antipathicas á população em cujo gremio contava Iturbide grande numero de partidistas, que suspiravão pelo seu regresso e pela rehabilitação do abatido throno. Mantinha o exul d'Italia constantes relações com os seus partidarios do Mexico, e atormentado sempre pela vaidade de copiar os actos do grande heróe francez, fantasiou que tambem teria elle a sua volta da ilha d'Elba. N'este presupposto, desampparou a doce soledade em que vivia, atravessou os mares desembarcando em Soto la Marina no mez de Julho d'esse mesmo anno. Por um momento julgou Iturbide restabelecido o seu imperado, vendo o açodamento com que o acolhia o commandante Garza apressando-se em submetter á sua auctoridade a praça que lhe fôra confiada, e offerecendo-se para acompanhal-o até Padilla, capital do Estado de Tamaulipas. Conheceu, porém, ahi toda a hediondez da conducta de Garza, que, assustado pelas demonstrações que em favor do ex-imperador fazia o povo, apressou-se em executar o decreto do congresso que o punha fóra da lei, condemnando-o á sorte que tivera Murat.

Morto Iturbide, desappareceu o partido monarchico, e o general Guadelupe Victoria foi chamado á presidencia da republica, passando pelo desgosto de sujeitar-se á condições onerosas para a sua patria, cuja penuria financeira era espantosa, contrahindo o empres-

timo de vinte e quatro milhões de piastras, cuja liquidação ameaça a integridade do territorio mexicano.

Contristariamos por certo aos leitores se desdobrassemos aqui as laudas da historia das guerras civis que têm assolado o Mexico; se lhe narrassemos essas constantes mutações de scenas politicas, essas constituições votadas ao ruido do canhão vencedor, a fantasmagorica presença d'esses presidentes que, *ad instar* dos imperadores romanos, sentão-se nas cadeiras curues tinctos do sangue das victimas, para sumirem-se no dia seguinte nos abysmos do olvido d'onde nunca devêrão ter sahido.

Duas vezes passou o Mexico pelas forcas caudinas da humilhação estrangeira: em 1838, quando sobre os derrocados muros de S. João d'Ulua dictou-lhe o almirante francez Baudin seu imperioso *ultimatum*: e dez annos depois, quando desbaratado o seu exercito e tomada a sua capital pelo general americano Scott assignou esse lastimoso tractado de Queretaro pelo qual cedeu metade do seu territorio ao ambicioso *yankee*.

Testemunhas dos desvarios do partido demagogico, nunca perdêrão os conservadores a esperança de restabelecer a ordem pela monarchia; já procurando na administração do general Paredes (1845) entender-se com a França, ou com a Hespanha para que lhes désse um principe de suas casas soberanas, como por exemplo o duque de Montpensier, já elevando á dictadura o general Sancta Anna por tempo illimitado, e com faculdade de escolher successor e de gozar toda sua vida do tractamento *de alteza serenissima*. Frustraneos forão, porém, sempre os seus projectos que todos naufragárão no escolho das paixões, ou do indifferentismo.

Reina a mais chaotica anarchia n'essa out'rora primeira possessão da Hespanha no Novo Mundo: cada Estado governa-se, ou antes desgoverna-se por si: depõe o indio Alvares, chamado *rei do sul*, os presidentes legalmente eleitos; falta-se escandalosamente á fé dos tractados, n'uma palavra, retrograda o paiz a olhos vistos para um estado vizinho ao da barbaria.

Offendidas a Inglaterra, França e Hespanha nos interesses dos seus naturaes gravemente lesados pelos ephemeros governos mexicanos, preparão-se para vingar antigas affrontas com a posse dos portos e o sequestro do rendimento das alfandegas. N'esta triste conjunctura olhão ainda uma vez os conservadores para o santelmo da monarchia, e chegão a lembrarem-se do ultimo dos pretendentes hespanhoes (D. João de Bourbon) como digno de sentar-se no solio de Iturbide.

Feita esta ligeira introducção historica, digamos duas palavras ácerca da cidade do Mexico cuja vista representa a gravura.

A cidade do Mexico, reedificada por Cortes quatro annos depois da conquista, nada tem de antiga: convertêrão-se seus canaes em ruas, aos *teocalis* succedêrão as igrejas christãs, e sobre o local do palacio dos reis erguêrão-se as habitações dos conquistadores.

Perfeitamente regulares são as suas praças, tiradas á cordel suas

ruas, deixando vêr ao longe a cadeia de montanhas que limita o seu horizonte.

Indolentemente reclinada á margem occidental do lago de Tezcuco no meio de uma arida planicie apresenta o mais melancholico aspecto, e enluta a alma do viandante que a busca deslumbrado pelas magnificencias das regiões circumvizinhas.

Compõem-se em geral as casas de quatro compartimentos com dois pateos sendo todas ornadas de terraços. São quasi todas de architectura simples e elegante, construidas com pedras de cantaria. Edificadas no gosto arabe, que dominava na peninsula iberica pela epocha da sua fundação, distinguem-se pelos ricos portões de ferro de grande lavor, assim como pelas fontes e arvoredos dos seus pateos.

Magnifica é a sua principal praça *(Plaza Mayor)* onde campeão a cathedral, o antigo palacio dos vice-reis, (hoje dos presidentes) e de Cortes denominada *Casa de Estado* e um aggregado de edificios guarnecidos de porticos. Entre estes edificios devemos fazer expressa menção da *casa da moeda*, uma das melhores que existem tanto na America como ainda na Europa.

Convertido em jardim botanico o do palacio dos vice-reis, nada offerece de notavel senão a arvore denominada da *mão pequena*, nome derivado da semelhança que com esta parte do corpo humano apresenta.

A estatua equestre de Carlos IV, que outr'ora via-se nesta praça, foi em 1823 mandada para o pateo do palacio da universidade, e mais tarde para o passeio publico de Bucareli, onde podem hoje os curiosos contemplal-a como o mais primoroso trabalho do celebre esculptor hespanhol Manuel Tolsa.

A' esquerda do palacio nacional contempla-se o da universidade assás bello, posto que mal situado. Em uma das suas salas acha-se o museu bastante pobre pelo que respeita ás antiguidades mexicanas. Conservão-se todavia ahi alguns dos manuscriptos originaes pintados em papel maguey, sendo dos mais notaveis os que representão a historia dos Aztecas desde a confusão das linguas, bem como o plano da cidade do Mexico dado por Montezuma a Fernão Cortes.

Póde considerar-se como o mais bello edificio de toda a republica a escola das minas, de grandiosa architectura e magestoso aspecto. Infelizmente começa a arruinar-se e em muitos logares parecem as paredes sahir fóra do prumo.

Proximo á esta escola encontra-se o lindo passeio *d'Alameda*, com as suas ruas de freixos, seus aposentos de pedra e seus repuchos de crystalina agua. Situado n'um dos extremos da cidade, é muito concorrido pela sociedade elegante, sendo ás cinco da tarde a hora escolhida por esta para ahi fazer sua apparição.

Possúe o Mexico um excellente theatro edificado em 1844 sob a invocação de Sancta Anna, e devido ao famoso architecto hespanhol Hidalgo. Ainda que pouco monumental seja a sua fachada, é commodo, elegante e grandioso o seu interior.

Póde-se com justiça appellidar o Mexico de *cidade santa do Novo*

Mundo; tal é a abundancia de igrejas, conventos e capellas que n'ella existem. Constituem muitos d'esses templos verdadeiras cidadellas com seus recintos e muralhas. Sobresahem, entre todas, as igrejas de S. Agostinho, de S. Francisco, da Conceição e de S. Domingos. Cumpre tambem mencionar o antigo *palacio da inquisição* convertido hoje em escola polytechnica; e o *hospital de Jesus de los Naturales*, em cuja sumptuosa igreja, mandada construir por Cortes, repousárão por muito tempo os seus ossos antes que fossem trasladados para a Italia pelo piedoso zelo de seus descendentes os duques de Monteleone.

Apezar do muito que ha soffrido n'estes ultimos tempos, é ainda a cidade do Mexico, capital do districto federal e de toda a republica, uma das mais populosas da America, contando, segundo os mais modernos recenseamentos para mais de duzentos mil habitantes.

Não passa o seu clima pelo mais salubre da confederação mexicana, sendo para notar-se que a melhor estação, e quando menos enfermidades apparecem, é exactamente no tempo das chuvas, em que o excessivo calor é modificado pela humidade da terra.

Desprovidos de belleza são os arrabaldes do Mexico: offerecendo o doloroso espectaculo de uma vasta campina esteril, ou pantanosa, onde rara ou rachitica vegetação se descobre. Desagradaveis são, se excepctuarmos Iztacalco e Sancta Annita, as aldeias que a circumdão: cumpre caminhar mais de tres leguas para vêr e admirar a verdadeira riqueza e pompa da vegetação tropical.

Rematamos aqui o nosso desalinhado artigo, remettendo o leitor curioso para as obras *ex-professo* que ácerca da antiga capital da monarchia azteca e do vice-reinado da *Nova-Hespanha* se tem escripto.

GUATIMOZIN.

RIO DAS VELHAS.

(SABARÁ, CURVELLO, S. LUZIA E CAETHÉ.)

Este é um escripto em que de certo se podem descobrir senões e graves defeitos: é um estudo imperfeito e cheio de incorrecções, porém é todo consciencioso e inoffensivo. Acho bom o indulto aqui, attenta a qualidade do trabalho. Foi preciso ao escriptor d'estas pagi-nas paciencia, muita paciencia para leval-o á conclusão; muita coragem para sondar largos e difficeis *in-folios*, e ainda maior para arrancar dos vivos o que os mortos lhe deixárão. Tem faltas ou emissões talvez imperdoaveis, excrescencias ás vezes pueris e que desigualão o estylo.... Que fazer? O assumpto ahi esteve longo tempo ao desampparo, os materiaes ahi jazião á vista de todo o mundo, muitos d'elles já empoados pelo tempo, e a obra era de todos, que a tomas-

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
—DO—
RIO DE

sem aos hombros,o premio do primeiro que corresse e tentasse a aventura. Tentei-a por extraordinaria audacia, e bem ou mal dei-lhe os ultimos toques; ainda lhe falta muito reparo,emenda e desbastamentos, accrescimos e correcções. Mas se a obra é de todos, porque não virão os mestres, abandonado o innocente somno da mais dolente e perfida *ociosidade* ? Tivesse eu a necessaria somma de conhecimentos e a intelligencia apropriada para o glorioso tentame, que não faria appello aos doutos e competentes.

Fica provado que não temo a censura, antes a procuro e desejo; censura que não seja o pedantear dos jograes que empestão as boas lettras; porém a licção severa e imparcial dos mestres e entendidos. Assim a provoco.

Este trabalho emprehendi-o nos primeiros dias de uma extensa viagem; já era d'antes um desejo, uma tenção quasi formada; fiz quanto pude para realiza-la, e d'aqui o assopro á luz da publicidade, certo de seus defeitos e confiado na benevolencia dos leitores.

Quem sabe o que são viagens pelo interior das nossas provincias,vê desde já que este não póde ser um escripto *espirituoso* : não se tracta aqui de nenhum baile do *Club* ou *Cassino*, de nenhum passeio á *Tijuca* ou á patria dos *amores perfeitos*, a pittoresca e já poetisada *Petropolis*. Vamos pelo interior de uma provincia; aqui a poesia de um céo sempre luminoso e anilado, a voz plangente do arroyo que vem correndo das selvas de magestosas palmeiras e de mil passaros de afinado canto, a poesia que trescala das arvores enfloradas, á cuja sombra repousa a vigorosa e activa camponeza de amorenadas faces e madeixas negras — a lavradora dos paternos campos; aqui onde a poesia impéra em todo o brilho de sua singeleza e encantos — para que as elegancias de uma penna affeita á pintura dos saráos da nobreza, do luxo e da vaidade cortezãs ?

Já temos muita gente espirituosa, ao menos como aquellas famosas pêgas do victorioso imperador romano.

Quem ha n'estes nossos dias de tamanha e tão intelligente licença, que não tenha espirito ? Desde o mais pacato inspector de quarteirão até ao mais cabeçudo eleitor — é um nunca acabar de espiritos rectos e independentes, d'onde se prova á todas as luzes que o reinado da *materia* passou ! Que importa a voz da inveja,que affirma o contrario ? Que importa a voz ironica d'aquelle escriptor mordaz, que escreveu esta linha audaciosa em toda a força da verdade — *independente e livre como um votante brasileiro ? !*

Deixe-se de parte tudo isso, viajemos; a viagem instrue e dispersa cuidados. Quizera ver um *floreador*, fosse elle da primeira força, um *touriste* dos notaveis mettido em as nossas estradas provinciaes; havia de ser isto cousa de muito espirito. — Viajemos.

Já ficárão escriptas algumas palavras acêrca do primeiro municipio d'esta comarca : adiante nos occuparemos com mais vagar a seu respeito. Vamos agora ao *Curvello*, é um vôo maior; ensaiemol-o.

Comprehende o municipio do *Curvello* mais de vinte leguas, povoadas por uma população de vinte mil almas, mais ou menos. — O mais

notavel de seus logares, a mais importante de suas freguezias é sem contestação o *Curvello*, que foi elevada á categoria de villa em dias de março de 1833. Olhado pelo lado puramente physico, é um magnifico torrão! De qualquer alto d'onde se encare o horizonte, ostenta-se elle longinquo e poetico; ha uma larga e muito longa cinta de montanhas que o circulão com a branca neve de seus cabeços. Nota-se entre todos, por seu costado de granito, o *Morro da Graça*, que semelhante á uma sentinella ingente, lá de pé e sobranceiro, domina uma extensão de muitas leguas. Ao viajor que descamba a immensa planura do *Taboleiro Grande*, é uma vista maravilhosa essa que se desdobra a seus olhos.

Sahindo-se da cidade do Sabará, sobe-se a infernal *caixa d'agua* e toma-se pela planicie aonde em agosto de 1842 pelejou-se a batalha de Santa-Luzia — esse *Waterloo* das forças liberaes mineiras, — caminha-se por cima d'esse augusto solo empapado de tanto sangue brasileiro, — ganha-se a cidade de Santa-Luzia, passado o *Corrego da Calçada*. D'ahi por diante, á excepção das *Maravilhas*, a estrada até ao *Curvello* é boa.

Curvello está em uma posição elevada e linda: é uma povoação bôa e de policiada população.

Já se foi o tempo em que o homem do *Curvello* era o terror do viajante, o açoite da estrada, o constante inimigo da lei e da sociedade. Respeitão a lei — o maior beneficio do povo; e á autoridade — a guarda da lei, e os costumes publicos, que em toda a comarca são respeitados. Lá a fortuna não capêa o criminoso, e a autoridade é a defensora legitima e desvelada da sociedade; o povo aborrece o ocio e cultiva a terra, que, agradecida, dá abundantes colheitas. Ha muitos fazendeiros de bôa nota; entre elles distingue-se o major Antonio Gonçalves da Silva Mascarenhas. Este colheu ha pouco em sua fazenda denominada *S. Sebastião* cento e muitos alqueires de trigo, fazendo-se assim direito ao premio de dois contos de réis, que para o fazendeiro que colhesse essa quantidade de trigo marcára a lei provincial n. 939 de 1857. — Teremos occasião de fallar mais extensamente sobre a industria d'este municipio.

Curvello foi primeiramente povoado por *Antonio de Avila Curvello*, ou esse foi o homem de mais merecimento de entre os que primeiro ahi se estabelecêrão. Hoje é uma villa de alguma animação, e que póde prosperar muito. De entre os seus edificios nota-se o templo que se está erigindo ao padroeiro Santo Antonio.

A matriz velha é uma cousa informe e que está abaixo das forças do logar.

A cadêa está arruinada, e não admitte mais reparo algum, conforme declarou o Sr. conselheiro Carneiro de Campos em 1858.

Não tem propriamente casa da camara, sendo que esta reune-se e funcciona em uma das salas da casa do commendador Modesto José de Souza, que é o vereador mais votado.

O *Curvello* foi elevado á parochia pela ordem regia de 16 de Março de 1720, e portence hoje ao bispado da Diamantina. — E' uma

povoação que póde florescer; presentemente os homens ahi trabalhão pondo em tributo todas as forças vivas da nossa terra: todo o povo laborioso e activo caminha para a prosperidade.

Deixemos o passado do Curvello; respiremos este ar livre que por aqui se respira e que vai além, no extremo horizonte, imbeber-se nas perfumadas corollas das tantas e tão formosas flores que vicejão em todo o luxo da nossa vegetação brasileira. Contemplemos ali, no cimo do pequeno outeiro junto ao ribeirão de Santo Antonio, aquelle venerando signal de paz e fraternidade, o symbolo da Redempção, que alti-erguido d'ali evangelisa os povos, e prescreve o perdão das offensas, e o dourado almejo da Igreja —a confraternisação de todos os homens! E' a *Cruz do Monte!* erigida por Frei Francisco — o exforçado e errante cavalleiro da Igreja. Além d'esta, ha logo na entrada da villa uma, de ha muito levantada. Do outro lado, além pouco do pequeno ribeirão, que fecha com suas aguas as ultimas casas do povoado, por cima do pequeno outeiro que sobe-se, transposta a ponte, ha uma outra maior. Ahi d'esse alto a vista para o *Curvello* é a melhor: descortinão-se todas as casas e chacaras espalhadas pelos arredores da villa. Do lado esquerdo vê-se a extensa cordilheira do *Cipó*, que vai, por entre suas ondulações graniticas, mortrar-se ainda soberba aos olhos dos habitantes da *Barra do Rio das Velhas* — esse futuro emporio das nossas riquezas centraes.— Fugindo um pouco do plano que nos impuzemos, havemos de nos occupar um instante, em outro logar, dessa povoação, tendo em vista um precioso escripto do Sr. Dr. Luiz Francisco Otto, que reside n'essas paragens.

— N'essa extensa *cordilheira do Cipó* não sabemos que riquezas existem; no *Morro da Garça* encontrão-se muitos diamantes, que são, pela maior parte, pequenos e de pouca luz. Ainda as pessoas mais rudes conhecem o diamante, sabem distinguil-o de toda outra pedra preciosa, visto como dentro d'agua aquelle conserva todo o seu brilho e estas perdem-no. No Curvello, como em quasi todo o norte de Minas-Geraes, descobre-se uma formação calcarea equivalente á *jurassique*, e que acha-se coberta de *marnas gypsosas* com sal marinho, encontrando-se em todo o terreno, nas descriptas condições, grande quantidade de diamantes.

Nas já citadas *Notas Geologicas* do sabio dinamarquez P. Claussen, póde-se vêr toda a importancia d'esta provincia de Minas quanto ás suas producções mineralogicas, tão mal estudadas por Martius e Saint-Hilarie, que se derão de preferencia aos seus estudos botanicos. Se nos fôr possivel, daremos depois do presente ensaio, e como para completal-o, o illustrando, a traducção das referidas *Notas*.

Com isso faremos melhor e mais proveitoso serviço ás lettras patrias.

Ainda havemos de dizer mais alguma cousa relativa ao *Curvello* antes de passarmos á outras povoações, que se levantão umas modestas e humildes, outras risonhas e florescentes nas luxuriosas margens do *Rio das Velhas*.

J. M. Vaz Pinto Coelho.

UMA AVENTURA EM VENEZA.

—

Era uma bella noite de luar: sereno estava o céo, e o ar embalsamado de harmonia e de perfumes; mollemente balançavão as aguas do Adriatico, movidas por uma branda viração; a lua espargia seus raios sobre a cupola de S. Marcos e os reflectia sobre o mar; mil gondolas passavão e repassavão, formando com o batido dos remos e o murmurio das estrellas uma musica divina, que acompanhava os canticos dos barqueiros. O povo em multidão se abalroava na praça de S. Marcos, entrando e sahindo dos bellos cafés que fórmão um dos seus melhores ornamentos. De quando em quando soavão as horas na campanila, e erão repetidas como em echo, do outro lado do grande canal em Santa Maria da Saude. Muitos homens e mulheres passeavão com differentes costumes, e alguns mascarados, circumstancia esta permittida nos nossos dias por ser o tempo do carnaval.

Entretanto, emquanto tudo á roda de mim parecia respirar alegria, emquanto Veneza se engolphava nos prazeres, ao som de diversos instrumentos que tocavão curiosos, eu estava tristemente sentado no pedestal da columna de porfiro, que sustenta o bronzeo leão de S. Marcos, e lançando os olhos sobre o Adriatico, que tão pittoresca e eloquentemente deslisava a meus pés, sulcado por mil ligeiros bateis, e sobre cuja face fulguravão as sombras da columna do leão, da campanila, da basilica de S. Marcos, do palacio dos doges, da ponte dos suspiros e das prisões de estado, a minha imaginação melancholica me rasgava o painel de um passado tão brilhante, tão cheio de gloria, tão cheio de uteis lições.

Patria de bravos, que desde os muros de Padua até aos confins da Illyria foste o asylo da liberdade! Templo de heróes, o que te resta de tão nobres sentimentos!....

Não és mais Veneza do que o tumulo da Gloria, e hoje filhos degenerados e indignos pisão sobre a terra que creára tantos genios!.... Então ella parecia tranquilla e alegre, entretanto um sorriso imperceptivelmente sahia dos restos de tão grandes palacios que ornão as ribas do Rialto; e era eu quem me entristecia, e eu na primavera dos annos, na manhã da vida, no tempo das illusões, das crenças e da volubilidade!.... Sim, porque eu reconhecia então a analogia da minha idade com a da minha patria; eu estava a duas mil leguas distante d'ella, e a via illudida, a via desconhecendo o caminho da verdadeira liberdade, do progresso e da civilisação; eu notava Veneza nos ultimos arrancos de uma dolorosa vida que devia findar, e temia pelo Brasil uma identica velhice absorvida pelos remorsos, e não se honrando com as corôas da gloria.

E diante de mim saltavão, dansavão e passeavão mil mascaras, e o olhar de uma só d'ellas não recahiu sobre mim, que me achava solitario. Quando de todo o meu pensamento longe estava do logar que

recebia a marca de meus passos, senti uma forte pancada no hombro esquerdo; estremeci e pareci sahir do lethargo que me dominava: era uma mascara que me vinha arrancar aos vôos do sonho, que me vinha interromper o fio de meus pensamentos.

— Que queres? — lhe perguntei eu; quem procuras?

— A ti mesmo, signor Forestieri.

— Que queres de mim, bella mascara?

— Vi-te só, procurei-te, e talvez te não arrependas de dar-me alguns momentos de attenção.

A mascara parecia ser do sexo feminino, porquanto tinha um *domino negro* que lhe cobria o corpo todo, e uma fita encarnada que lhe trahia as bellas formas do corpo,cerrando-lhe a cintura: um turbante turco ornava-lhe a cabeça, e um cacho de longos cabellos lhe ondulavão nas costas.

— Bravo! disse comigo, passando da maior melancholia a um — *laissez aller* — de bastante prazer.

Bravo! até aqui me julgava o mais infeliz dos homens; o amor ainda nada tinha querido de mim, e Deus permitta que isto seja alguma deidade de quem eu fique enamorado, e que me dê sentimentos apaixonados, para poder então com sciencia do caso bem descrevel-os.

Bravo! continuei; isto é alguma aventura galante, e não se diga que eu por ellas não passei! Ha tanto tempo desejava uma, para ter que contar.

— Per Dio! me diz a pessoa, com quem eu começava já a encetar a conversação,tirando a mascara que lhe occultava as feições: o Sr. Brasileiro me não conhece?

Não sei como deva descrever a minha sorpresa, quando reconheci no objecto, que tão galantemente se offerecia á minha vista, a filha do dono do hotel em que eu me alojava; a bella Laura, ou, como dizem os Italianos, Lauretta. Fiquei tanto mais estupefacto, quando reparei na grande distancia que existia entre os habitos de Veneza e os da minha patria. O que se diria no Rio de Janeiro, se uma donzella se disfarçasse com falsas vestes, e se mascarasse, e passeasse só pelas ruas?!.... Entretanto, era Laura uma donzella virtuosa, honesta e honrada.

— Pois tu aqui? repliquei-lhe eu: o que fazes?

— Vim a um baile, onde se queres te posso conduzir; assim poderás fazer melhor juizo dos costumes de Veneza.

— Pois eu ir assim a um baile sem ser convidado, sem conhecer pessoa alguma?

— Eu te apresentarei: assim como estás, vais admiravelmente; falta-te sómente uma mascara,para melhor poderes gozar de todos os prazeres que offerece tal solemnidade.

— Caspite! disse comigo; eu apresentado em um baile por uma donzella! E' na verdade uma aventura romanesca.

Comprei por duas lyras uma mascara, e deixei-me guiar pela bella Laura; no emtanto,desejo esboçar-lhe os traços.

As venezianas são as mais bellas moças que eu tenho visto, e entre

todas as venezianas Laura realçava por sua belleza: ignoro inteiramente a razão por que a natureza espargiu com mais prodigalidade esse dote sobre o bello sexo nascido nas costas do Adriatico, do que por exemplo em Florença, Roma, Pariz, Bruxellas, Marselha, etc.

Mas o facto é este, e consideração alguma, capricho, má vontade, ou prejuizo, poderão negal-o. As venezianas são bellas, e já durante toda a media idade e em todos os paizes sua formosura era exaltada pelos viajores. Laura tinha uma testa alvissima, cabellos mui negros, dois grandes olhos pretos, que como anginhos saltavão sob os supercilios, um nariz mui delicado, e uns labios que rivalizavão em côr e em doçura com o botão de uma rosa entreabrindo-se ás primeiras lagrimas da aurora; suas mãos e seus pés erão modelos de bem feito e de subtil, e seu corpo era tão engraçado, tão mimoso, que o mais tenaz dos homens se julgaria vencido.

Deixámos a praça de S. Marcos, e entrando em uma rua, como quem vai a S. João, e Paulo, logo ao lado de uma pequena ponte, avistámos um vasto palacio todo de marmore, ás ribas de um canal. Entrámos em um vasto salão, ricamente mobiliado e curvado sob o peso de mais de 400 pessoas de ambos os sexos, que ahi estavão. A musica echoava e as dansas se preparavão. Muitos creados de servir, trazendo grandes bandejas de doces e mil differentes refrescos, offerecião aos convidados, que pela maior parte estavão disfarçados. Vestes turcas, polacas, chinas, indias, peruanas, selvagens, romanas, israelitas e da media idade, erão as principaes matamorphoses.

— Desgraçado o paiz em que com tanto fogo se dansa! disse eu á minha companheira, que me não deixava, e me mostrava com tanta amabilidade o que havia de curioso no salão. Emquanto os pés saltão, chorão ás vezes os filhos em casa, pedindo com lagrimas de sangue dinheiro para comprar pão com que saciem a fome, o dinheiro que se gastou no vestido e nos sapatos, nas joias e no collar, para parecer-se rico entre os ricos, brilhante no meio das bellas!

— Não tens razão, me respondeu ella! sem se saber dansar, nada se aprende; sem desenvolver o corpo, não se póde desenvolver a alma; e para te provar que nos bailes se encontra muita gente que não tem as más qualidades que apontas, ali tens aquella senhora que parece ter percorrido já quarenta janeiros; ella vem com a companheira, que tem ao lado, aos bailes sómente para chorar.

— Para chorar vir aos bailes! exclamei eu, rindo-me com toda a força.

— Sim, continuou Laura; ella tinha um filho que muito amava; é descendente de uma das mais nobres familias da velha republica, da familia Barberini inscripta no livro de ouro que conta quatro doges, um papa e tres cardeaes entre seus membros. Este filho amava muito os bailes, e n'elles se encontrava sempre com Luiza, a mais bella donzella do seu tempo, da nobre familia Zeno. O amor os prendeu, e seus parentes se propuzerão a unil-os á face da igreja. Desgraçadamente na vespera do seu casamento algum motim se levantou em Veneza, e apparecêrão gritos sediciosos contra o poder da Austria. Ordem de pri-

são se lavrou immediatamente contra os que se dizião auctores, e entre estes figurava Fernando Barberini, amante de Luiza Zeno. A Austria, essa hydra feroz que sobre a infeliz Veneza se lançou, essa ave carnivora que lhe tem devorado seus melhores filhos, que a tem envelhecido, escravisado e torturado; a Austria, traidora e sanguinaria senhora, condemnou o infeliz a 20 annos de prisão nas masmorras de Spielberg, onde com elle jazêrão os celebres poetas italianos Silvio Pellico e Maroncellis. Em vão luctou Fernando contra o ar empestado da prisão, as más comidas, os bichos que rasgavão-lhe o corpo, e a falta de ar: o infeliz expirou no fim de seis annos... Infeliz mãi! triste amante... Desde esse tempo, ambas se vestirão de luto e continuamente assim andão. Vão ambas a todos os bailes, como por penitencia sómente para chorar: observando os prazeres que amava Fernando, vendo os logares testemunhas dos seus suspiros amorosos, as lagrimas rolão de suas palpebras e se precipitão atravéz das faces.

— Que bella penitencia! Bem parece lembrança feminina! respondi eu.

Entretanto, approximando-me das duas senhoras, que estavão vestidas de preto, e tristemente sentadas em um canto do salão, notei que na verdade choravão, e uma lagrima tambem me cahiu imperceptivelmente dos olhos, lembrando-me de um pai e de uma mãi, que, durante a minha ausencia da patria, tinhão baixado á sepultura.

Erão quatro horas da manhã, e todos se preparavão a deixar o baile; eu offereci o meu braço á bella Laura, e, acompanhados por sua mãi e irmãos, que tambem estavão no baile, e por alguns estrangeiros mais, chegámos á casa.

No dia seguinte visitei as prisões da inquisição, que estão por baixo do palacio dos Doges, e lá remexendo entre os nomes dos infelizes prisioneiros victimas do despotismo austriaco, achei o de Fernando Barberini.

T. S.

LUNETA IMPERIAL.

Tentaremos fazer conhecido um trabalho de primoroso gosto, sahido das officinas de optica e instrumentos scientificos, do Sr. José Maria dos Reis, á rua do Hospicio n. 71. — Esta casa muitissimo conhecida já da Europa, já da America, como a primeira em sua especialidade, não tinha tido occasião de ostentar em publica concurrencia os innumeros e bem acabados objectos da arte, que sahem quotidianamente das mãos dos seus mestres, e que pleiteião em perfeição, bom gosto e solidez com o que de melhor recebe por todo os paquetes da Europa. O ensejo sorriu-lhe favoravel. A expo-

sição nacional de 2 de Dezembro vai dar logar a vêr-se o que ha de mais primoroso em oculos, lunetas, *pince-nez*, etc., etc., e muitos destes objectos modificados infinitamente para melhores, e adaptados á mil differentes circumstancias e necessidades da vida.—Mas no meio de tudo isso eleva-se, como verdadeiro triumpho de perfeição e gosto, a que mais alto não levaráõ certo os artistas europeus, um pequeno mundo de maravilhas, mais para vêr e admirar, do que para descrever!

E entretanto é uma luneta de tamanho ordinario, que o Sr. José Maria dos Reis, entre outros objectos de muito merecimento, manda figurar na exposição nacional, e que será offerecida a S. M. o Imperador.

E' uma luneta de tamanho ordinario: é um pedaço de ouro animado por uma ideia, onde o espirito do homem espreita em cada traço, onde o trabalho artistico é uma musica silenciosa feita para os olhos, aonde o Sr. Reis mandou escrever pelos mestres da arte um poema oriental. Ahi as estrellas scintillão, as abelhas abrem suas azas de ouro, as flores suas corollas; ahi desdobrão-se campos verdejantes, as arvores crescem, dão flores, e fructos; os dragões despregão a serradura de suas azas; os jacarés escancárão a bocca formidavel, amuralhada de dentes enormes; ahi ha corôas, escudos, brasões, fitas, inscripções, e no meio de tudo isto ergue-se a rainha d'este mundo encantado, cujas praias são de ouro, em cujos campos os sonhos têm um corpo e uma voz, e em cujos sulcos mexe-se o genio dos prodigios, e enche todo o ambiente de rumor e vida: é uma formosa indigena; brilhante arasoya aperta-lhe a cintura; na fronte vacilla-lhe o kanitar; dos hombros nús pende-lhe a aljava pejada de settas; veste-se de festa, e razão tem de sobra para isso: essa solemne figura, que representa a America, parece que de talisman encantado fez pullular e effervescer no ouro este mundo de maravilhas, onde tudo é ordem, onde tudo é harmonia, onde todas as partes, como strophes variadas, estão todavia sujeitas a uma ideia-mãi, que domina tudo, que tudo regularisa.

Em uma luneta, que attinge apenas a $28/_{10}$ de pollegada ou 75 millimetros em comprimento, e $8/_{10}$ de pollegada ou 22 millimetros em sua maior largura, eis o que o observador curioso pode encontrar.

A luneta devide-se em duas faces principaes, dorso e na armação, que contém os prismas.

PRIMEIRA FACE.—Esta face, que deve ser a anterior, para quem pegar na luneta com o pollegar e indicador da mão direita, e a levar aos olhos, apresenta,— de cima para baixo,— a corôa imperial de ouro amarello com forro de ouro verde trabalhado de tal arte a imitar perfeitamente velludo: segue-se de um lado, e logo abaixo, um coqueiro de ouro verde, abrindo o seu leque de folhas da mesma côr, de cujo seio sahe e pende um caixo de cocos de ouro vermelho: do outro lado e fronteiro, uma bananeira de ouro verde com seu caixo de ouro amarello: no centro, e por baixo da corôa imperial, e susten-

tando-a, e entre as duas arvores, uma indigena vestida solemnemente, e representando a America, que é de ouro amarello : seus pés pisão campo de capim de ouro verde, onde rolão, e a esmo agglomerão-se fardos, caixas, cordas de ouro amarello, representando a riqueza commercial. Logo abaixo seguem-se duas cornucopias de ouro verde, vermelho, e amarello, como emblematico da abundancia: an fita, que ata as cornucopias, ha uma inscripção — 2 de Dezembro de 1861.— Segue-se ainda uma colmeia rodeada de abelhas, que lhe esvoação em torno, feitas de ouro vermelho e amarello, representando a actividade industrial.

Segunda face.— De cima para baixo : corôa imperial identica a do lado opposto ; seguem-se logo as armas, cujo fumo é de ouro verde-claro com flores de ouro amarello, e cujo café é de um ouro verde-escuro com fructos de ouro vermelho : do laço, que sujeita o fumo ao café, está pendente a insignia do Cruzeiro, feita de ouro amarello e branco. O fundo do escudo é de ouro verde, orlado de ouro amarello: o globo é de ouro amarello e vermelho, o circulo de esmalte azul com estrellas de ouro vermelho. Seguem-se as armas da casa de Bragança representadas por um dragão de ouro amarello com azas de ouro vermelho ; do pescoço do dragão pende um collar com a cruz de Christo, e tem no peito um escudo de ouro amarello com as iniciaes P. II. Termina esta face uma argola formada por um jacaré de ouro vermelho; representando o Amazonas.

Dorso.— Estas duas faces descriptas são separadas por uma peça de ouro, que forma o dorso da luneta, e onde ha em letras abertas o nome de José Maria dos Reis. Nesta peça é que prende o jacaré já mencionado.

Armação.— A armação, que contém os prismas, é de ouro amarello, bello trabalho em feitio de trança transparente. Os prismas são de crystal da provincia de Goyaz, e o que póde haver de melhor. Esta peça devide-se em duas partes ; fecha uma sobre outra, e vai encaixar na abertura fronteira ao dorso, e entre as duas faces.

O estojo da luneta é forrado interiormente de velludo azul, e por fóra de velludo verde, tendo as iniciaes P. II. e 2 de Dezembro de 1861.— Na móla, que a faz abrir, ha um escudo de ouro com duas ancoras.

Crêmos, com esta noticia, ter feito um serviço aos leitores da *Revista Popular*, que poderáõ observar amanhã com seus proprios olhos, na exposição nacional, o que se póde fazer de bello em nosso paiz, a não invejar os mais adiantados n'estes artefactos.

Dr. Luiz Delfino.

BIBLIOGRAPHIA.

O Palmeirim de Inglaterra e seu auctor, opusculo pelo Sr. Manoel Odorico Mendes. Lisboa, 1 vol. in 4.°, 1861.

O nosso amavel compatriota, o muito erudito Sr. Manoel Odorico Mendes, o traductor de Virgilio, porêm mais harmonioso quando originalmente entôa o seu hymno á tarde e que vale muito mais do que todas as suas traducções, pagou á litteratura portugueza um tributo digno d'elle e d'ella.

A obra que se intitula *Opusculo* ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu auctor, tem por fim provar que aquelle romance ou poema de cavallaria foi composto originalmente em portuguez.

O Sr. M. Odorico Mendes divide o seu opusculo em tres partes. Na primeira demonstra que Francisco de Moraes é o seu auctor. O Sr. Odorico, depois das mais eruditas pesquizas, restitue á litteratura portugueza uma obra que muitos litteratos d'aquella nação hesitavão admittir como original, e tinhão antes por uma traducção do hespanhol, pois Vicente Salvá, litterato de grande merecimento, ora attribuindo-a a Miguel Ferrer, ora a Luiz Hurtado, assegurava ter sahido o livro hespanhol em 1547 e o portuguez só em 1567. Essa razão parecia irrefragavel, mas não a foi para o litterato brasileiro que achou outras muitas e muito mais fortes para derribal-a. O Palmeirim de Inglaterra tinha sido impresso pela primeira vez no anno de 1544; o anathema que attrahiu da inquisição concorreu para o desapparecimento dos exemplares d'essa primeira edicção.

Na segunda parte ajuiza o auctor do *Opusculo* tanto o Palmeirim como o seu estylo. Tem-no por um poema, não obstante achar-se escripto em prosa, e compara-o aos *Martyres* e ao *Telemaco*. « E leva o Palmeirim, diz elle, não ao de Chateaubriand, mas aos outros e á chusma dos compostos em verso, a vantagem de ostentar pinturas mais vivas e energicas, imaginação e magnificencia mais sustentadas. Embora se lhe anteponha o Telemaco pelo fim moral e toques sensiveis e pela correcção do estylo; vencendo-o o Palmeirim no vigor da phantasia, na variedade, no interesse da acção e no maravilhoso. O auctor entra no plano e desfecho do poema; falla das principaes personagens que n'elle figurão, e dos episodios de que se compõe, de um merecimento que seria difficil escolher entre os mesmos em que se mostra riquissimo o engenho de Francisco de Moraes; analysa os dotes da composição e do estylo e patenteia os seus defeitos.

« Moraes, como já o provámos, diz elle, compoz esta obra em tres para quatro annos; pouquissimo tempo, se reflectirmos que o Palmeirim é pelo menos da longura do Orlando Furioso. Embebido na composicão do todo, no entrecho de tantas aventuras e episodios, não pôde limar o seu trabalho; seu estylo, ainda que admiravel em geral, ás vezes é deleixado e incorrecto. No começo lê-se a obra com fadiga; isto vem de que o auctor, em vez de principiar como um poema, faz citações e toma o ar de um compilador; mas quem vence a repugnancia dos primeiros capitulos, sente que não sejão melhor divididos: não ramente conta elle uma historia e no meio do capitulo enceta ou continúa outra bem differente; o que lhe é commum com o Ariosto, a quem sobre modo se assemelha.

« Moraes não sabe tocar a sensivel corda do amor; falta-lhe o profundo e o mavioso de Virgilio na antiguidade ou de Torquato Tasso ou de alguns tragicos e romanceiros modernos; alambica nas fallas as expressões e é isto da escola de Petrarcha, sem ter comtudo a sua delicadeza. O forte do homem é a imaginação, comparavel commummente ao cantor Ferrarez, muitas vezes a Homero, quasi nunca o é a Virgilio. Tem fluido e nervoso estylo, dicção pura e variada, é cheio de bellissimas imagens; mas a abundancia de suas expressões de quando em quando lá degenera em profusão e prolixidade: repete os vocabulos no mesmo periodo sem precisão. Em alguns logares quiz imitar os antigos;

é sem gosto a sua imitação ; tal é uma em que elle traduz e encaixa pedaços de Virgilio.

« Não apontarei como pecha a confusão de ideias geographicas, historicas e chronologicas, porque todo o mundo sabe que nos livros de cavallaria ha uma geographia, uma historia e uma chronologia, que só elles conhecem, e creão reis e principes e reinos a sabor da sua fantasia. Mas aponto como reprehensivel o findar sempre cada capitulo com uma sentença, ás mais das vezes destituida de graça e o seu conceito vulgar. Em poucas passagens, parece falho na grammatica ; porém, tendo sido tão más as primeiras edicções, injusto é imputar-lhe este defeito ; ha talvez omissão de palavras que regularisarião o sentido. »

Na terceira e ultima parte trata o auctor da vida e dos escriptos de tão famoso classico, e termina com os elogios de varios escriptores ao Palmeirim. E' um opusculo digno de ser lido e consultado pelos amadores das nossas antiguidades litterarias.

INERTO ZAILVA.

POESIAS.

TEU SORRISO.

. . . . . Candido sorriso
Como o sorrir da flor no romper d'alva
Radiava-lhe o rosto.

(A. GONÇALVES DIAS.)

Vi teu sorriso ! inebriou minh'alma
De amor, de crença, de sonhares mil !
Vi teu sorriso ! e da ventura a palma
Vi d'entre abrolhos rebentar gentil !

Qual n'um deserto de abrasada areia
De sêde exhausto o viajor definha,
E embalde os olhos alongando anceia
Por verde oasis, e a gemer caminha.

Assim da vida no Sahára ardente
Em vão buscava da esperança a flor !
Tudo era pedra ! e o coração descrente
Já começava a succumbir de dor !

Tudo era esteril ! só crueis espinhos
Via cobrirem da existencia a estrada !
De falsos risos, de fataes carinhos
Eu via sempre uma mulher armada !

Me parecião de seu rosto as rosas
De astuta serpe as cambiantes côres ;
E as meigas fallas, que fallava airosas,
Subtil veneno a rescender odores.

Mas hoje apost'lo de uma nova crença,
Lhe erijo thronos, lhe consagro altares :
Sei — que ella é fonte de ventura immensa,
Que em risos muda os mais crueis pezares.

Já vejo o monte se toucar de relva ;
Já vejo o prado se vestir de flores ;
Já ouço o pombo a soluçar na selva,
Já ouço a brisa a suspirar de amores :

Já tem o sol um resplendor mais puro ;
A terra inteira me sorri agora...
Tu me salvaste,— que de meu futuro
Mudaste as trevas em risonha aurora !...

Sou teu escravo, teus grilhões acceito ;
Pede-me a vida, e t'a darei contente !
Mas guarda sempre no teu casto peito
Do amor a chamma divinal e ardente.

EUSTAQUIO PINTO DA COSTA.

Aracajú em 1861.

OS MEUS OLHOS EM LEILÃO.

SCENA FINAL DE UM DRAMA MUITO CONHECIDO.

EU, BÉTA E JOANNINHA.

EU.

Compra-me estes olhos, Béta,
Vou vendel-os em leilão ;
Deita o lance, ó Joanninha !
Quanto por elles me dão ?

BÉTA (com desdem.)

Quanto a mim, Deus me perdoe,
Nem de graça me convêm ;
Quando o proprio dono os-vende,
Vejão que prestimo têm...
Fazem-lhe conta, priminha ?
Aproveite a occasião...

JOANNINHA (com arrufo.)

Pois eu lá precisei nunca
De olhos de segunda mão ? !

EU.

Pensão que vendo estes olhos,
Ou que de graça os daria ...

BÉTA (com desprezo.)

Quem é que precisa d'elles ?

JOANNINHA (com escarneo.)

Quem é que os compraria ?

EU (parodiando.)

Quem é que precisa d'elles ?
Quem é que os compraria ?
Quem souber que a SORTE-GRANDE
Lhes sahiu na loteria...

BÉTA (rindo.)

A sorte-grande !.. priminha...

JOANNINHA (rindo tambem.)

A sorte grande !... ora qual...

EU (tirando da carteira um bilhete de loteria, e do bolso da sobre um n. do Jornal do Cmmercio.)

Olha aqui o bilhete, Béta ;
Joanninha toma o jornal.

BÉTA (lendo o n. do bilhete)

Cinco mil.... e trin...ta e qua...tro....

JOANNINHA (conferindo no jornal.)

E trinta... e qua...tro...aqui... estão....
Vinte contos....

BÉTA (dramatica)

Vinte contos !..

JOANNINHA (tragica.)

Priminha, é quasi um milhão !..

BÉTA (com pasmo.)

Vinte contos !... que riqueza !..

JOANNINHA (dando um passo para mim.)

Co'os lindos olhos que tem....

BETA (avançando um passo adiante de Joanninha.)

Se eu tivesse uns olhos d'esses..

JOANNINHA.

Eu se os tivesse tambem...

BETA (olhando-me com ternura.)

Uns olhos tão expressivos...

JOANNINHA (contemplando-me com meiguice.)

Que fallão ao coração....

BETA (tomando-me a mão direita.)

Que têm raios.....

JOANNINHA (tomando-me, por sua vez, a mão esquerda.)

Que têm brilho...

EU.

E agora quasi um milhão...

BETA (com amor.)

Deixa que eu ame os seus olhos ?

JOANNINHA (em meia voz.)

Deixa que eu lhes beba a luz ?

EU (commovido.)

Deixo .... sim... mas, o bilhete...

AMBAS.

O bilhete ?...

EU.

E' falso....

AMBAS.

Cruz !....

(Derão-me as costas, deixando-me na posição mais comica da minha vida....)

BRUNO SEABRA.

A NOITE.

IMITADO DO TRECHO EM INGLEZ—NIGHT—POR BARBAULD.

Já da noite o denso véo
Se desdobra sobre a terra,
E o brilhante astro do céo
Sua luz, seu brilho encerra :
No poente descambando
Vai o orvalho começando
Sobre as terras a cahir ;
E do ar oppresso e quente,
Outro ar puro se sente
Fresco e bello resurgir.

As florinhas vão fechando
As gentis, pet'las mimosas,
E nas hastes inclinando
Lindas frontes melindrosas :
Avesinhas, cujo trino,
Se elevava como um hymno
Nas florestas ao Senhor,
Já de ha muito emmudecêrão,
Sobre os ramos escondêrão
Com seu canto, seu primor.

Nas colmêas descançadas
Não susurrão as abelhas,
E em seus vélos reclinadas
Dormem quietas as ovelhas :
O pastor, cujo descante
Inda ha pouco tão ovante
Pelos vales resoou,
Do trabalho fatigado,
Na cabana socegado
Dos labores reposou.

Espalhada sobre o mundo
Jaz immensa escuridão,
E o silencio o mais profundo
Reina em toda a multidão :
No suave e doce enleio
Dorme o infante unido ao seio
Do materno e santo amor ;
Na maior tranquillidade
Dorme em paz a humanidade,
Nem lhe alembra algum temor.

E quem é que tem cuidado,
Quem nos dá seguro abrigo,
Quando em somno mergulhado
Ninguem vê o seu perigo ?
Quem é esse tão potente,
Cujo olho intelligente
Atravéz da escuridão,
Tudo vê, tudo compr'hende,
E p'ra nós seguro estende
Tão benigna e sabia mão ?

Ha sómente um Ser supremo
Que por nós véla constante ;
Ha sómente um Ser eterno
Que nos é sincero e amante ;
Muito embora o firmamento
Não nos dê seu luzimento
N'esses astros lá dos céos,
Tudo vê, tudo conhece....
E sabeis que Ser é esse
Poderoso, immenso...—E' Deus!

Sim, é Deus que do seu throno
De poder e magestade,
Fez a noite e fez o somno
Para a nossa felicidade.
Assim como desvelada
Mãe sublime e dedicada
Corre ao filho em deredor
As cortinas de seu leito,
Amamenta-o em seu peito
Toda affagos, toda amor:

E lhe evita a luz que póde
Seus olhinhos offender,
Ao menor vagido acode
E o torna a adormecer ;
Assim Deus da noite fecha
As cortinas, e nos deixa
Filhos seus em paz dormir ;
E nos faz por dita nossa,
Que em socego nada possa
Nosso somno distrahir.

Mas assim que começando
For o dia em seu crysol,
Essas trevas dissipando
O raio de um novo sol,
Vereis logo como o dia
Nos louvores annuncia
Quem assim velou por nós,
Como então alegre tudo,
Que até ahi estava mudo,
O saúda em alta voz.

Floresinhas, amanhã
Quando as pétalas abrirdes,
E que a vida a mais louçã
Novamente então sentirdes,
Espalhai vossos primores,
Entornai vossos odores
Sublimando o seu louvor,
Quando a terra despertada
Fôr de novo então banhada
Pela luz do Creador.

Passarinhos, quando unidos
Acordardes novamente,
Entoai agradecidos
Vossos hymnos docemente ;
Gorgeai nas espessuras
Ao Senhor lá das alturas
Vossos hymnos de prazer ;
Veja a terra em vosso canto
O louvor mais puro e santo
Que lhe possa offerecer.

Seu louvor quando dormindo
'Steja em nossos corações ;
Nunca cessem repetindo
De seu nome as ovações :
Seu louvor quando acordados
Por nós todos humilhados,
Nunca deixa de se ouvir,
Sejão nescios, sejão sabios,
Nunca deixem nossos labios
De seu nome proferir !

L. M. PECEGUEIRO.

O ANJO E O MENINO.

Traduzido de Jean Reboul (*).

Vê-se um anjo radioso,
Sobre um berço a meditar,
Qual nas ondas d'um ribeiro,
Sua imagem contemplar.

« Tenro infante, que semelhas-me,
Disse emfim, comigo vem ;
Vem ; da nossa feliz patria
Quem tão longe te retém ?

« Vêm ! completas alegrias
Ninguem póde aqui gozar:
Vê-se chorar a ventura,
A volupia suspirar.

« Nunca pura madrugada,
Que na terra vem luzir,
Da procella temerosa
Soube a tarde garantir.

« Que ! viria a desventura
Tua fronte emmurchecer,
E dos olhos tão mimosos
O fulgor amortecer !

Hélas ! vous aviez donc laissé la cage ouverte;
Que votre oiseau s'est envolé ?!

V. Hugo.

« Não ! á patria celeste
Vais comigo alçar-te. Deus
Piedoso te reclama.
Mundo, vida, sonho — Adeus!

« Teu destino prematuro
Não chorar ! mas acolher
Devem teu supremo dia
Como o teu feliz nascer.

« Não venha sombra funesta
Os semblantes enlutar ;
Nada venha, em vez do berço,
Uma campa revelar.

« Para quem dura jornada
Vê co'a noite fenecer,
E' mais linda a linda tarde
Que o brilhante alvorecer. »

E, batendo as brancas azas,
Almejando o feliz porto,
Sóbe aos campos estrellados.
Pobre mãi ! teu filho é morto.

L. A. Burgain.

(*) Jean Reboul, o poeta padeiro, cantado por Lamartine e outros; o qual, em algumas das suas inspirações, como — l'Ange et l'Enfant, Sainte-Hélène ou Anathème et gloire (!), — hombrêa com os maiores poetas francezes. Estas duas composições fazem parte da grinalda poetica que, sob o titulo de — La Muse contemporaine en France, — acha-se no — Livro dos Estudantes da lingua franceza — Foi o radiante original da nossa pobre traducção ou imitação que, graças á indiscrição de um amigo, apparecendo nas columnas de um jornal, veiu annunciar á França que, entre seus humildes proletarios, ella contava mais um poeta, e um grande poeta.

Além de dois volumes de poesias soltas, Jean Reboul tem duas tragedias, e um poema em dez cantos, intitulado — Le dernier Jour—; o qual, deixando-se ler do principio ao fim com grande interesse, contém trechos admiraveis, entre outros uma sublime invocação ao Anjo das ruinas.

L. A. B.

MISCELLANEA CURIOSA.

DO SOMNO.

— O que vem a ser o somno ?

O repouso do homem occasionado pelo adormecimento natural de todos os seus sentidos.

— Porque é que diminue o calor natural durante o somno ?

Por isso que são menos frequentes os movimentos do coração e os da respiração.

1 Dezembro 1861

— O que vem a ser o sonho?

Um resultado, durante um somno incompleto, da actividade da imaginação não regulada pela vontade. Quando dorme o organismo, vela a alma, mas lhe escapão de alguma sorte á vontade as faculdades do corpo que lhe estão sob sua dependencia.

— Porque é que se diz que quem dorme janta?

Porque o somno diminue a respiração, enfraquece a acção dos orgãos, diminue o calor animal, torna mais lenta a digestão e menos abundante todas as secreções; quando dorme-se, é o appetite mui lentamente excitado.

— Porque sonhão mais as creanças que os homens?

Porque é mais activa a sua imaginação e menos forte a sua vontade.

— Porque é que em geral os sonhos são extravagantes e incoherentes?

Porque, deixando de achar-se sob a dependencia da vontade, extravaga a imaginação.

— O que vem a ser o somnambulismo natural?

Especie de sonho em acção, durante o qual repetem-se os actos a que se está habituado, mas sem que se tenha consciencia d'elles, nem lembrança.

— Porque é que o somno da manhã, o que precede o despertar, é ás mais das vezes acompanhado de sonhos, e de uma especie de delirio?

Porque o somno da manhã é um somno incompleto, um meio somno.

— Porque é que muitas vezes o café, o chá e outros excitantes fazem sonhar mais, e porque são os sonhos então incommodos e verdadeiros pesadelos?

Por que sôb a influencia de excitantes á que se não está habituado é incompleto o somno; incommodos são então os sonhos, por isso que o organismo acha-se em uma especie de indisposição; de ordinario as digestões mal feitas occasionão máos sonhos e pesadelos.

— Porque esfregamos os olhos quando acordamos?

Para arrancarmos ao entorpecimento o orgão da visão.

— Porque as mulheres, as creanças e em geral os habitantes dos paizes quentes dormem mais que as outras pessoas?

Nas mulheres e creanças, sendo mais delicado e excitado o systema nervoso, necessitão de repouso ou de somno mais prolongado; têm a imaginação e os sentidos menos sujeitos á acção da vontade; devem pois adormecer com mais facilidade. Nos paizes quentes, é menos activa a vida interior e mais penoso o exercicio da actividade exterior, e então o somno mais prolongado vem a ser uma necessidade.

— Porque, em geral, dorme-se melhor em um logar completamente sombrio e tranquillo?

Porque o somno é tanto mais forte, quanto mais ausencia ha de qualquer excitante externo, como a luz e o ruido.

CHRONICA DA QUINZENA.

Bem que seja velho em annos, sou escriptor novo, e como tal havia determinado conquistar as sympathias dos leitores da *Revista Popular*, escrevendo a minha segunda *chronica da quinzena* com todos os adornos e galas da rhetorica; está, porém, decidido que tudo tem de sahir-me ás avessas.

Estreei no mister de chronista em uma época, em que Minerva, Apollo e todas as Musas do Parnaso andão por empenhos acudindo a beneméritos devotos seus, e em que os jardins da eloquencia se achão com todas as suas flores ou já colhidas, ou de antemão encommendadas.

Estreei na época dos discursos academicos.

Não ha semana que não tenha o seu brilhante discurso. Ainda ha poucos dias discursos na escola de medicina no dia da collação do gráo dos novos doutores; discursos não sei em que outra academia; dentro em breve discurso no acto da distribuição dos premios no imperial collegio de Pedro II; no dia 15 de Dezembro discursos no Instituto Historico, e além d'estes ainda outros discursos.

Por consequencia uma bôa duzia de oradores tomárão conta das divindades do Pindo, e depennárão todas as flores dos jardins da eloquencia, e de tal modo que o pobre *Velho* da *Revista Popular*, vendo-se privado d'esses recursos com que contava, tem de arranjar-se com a sua prosa chilra, e limitar-se a dar o seu recado quinzenal nua e cruamente, apresentando aos seus leitores em vez de brilhantismo e fulgores feias sombras, e em vez de flores espinhos.

Declarando, pois, com toda a franqueza que por falta de flores sahe esta chronica com alguns espinhos, fico tranquillo e certo de que, se alguem se espetar n'ella, não é porque não fosse previamente avisado.

* * *

Já disse que celebrou-se, na quinzena que acabou, a solemnidade da collação do gráo aos novos doutores em medicina.

Dou os meus parabens á cohorte dos jovens medicos que terminárão os seus estudos academicos e vão começar as suas primeiras campanhas em prol da humanidade. Deus os illumine para que elles nem uma vez se percão no labyrintho do corpo humano, onde o fio de Ariadna rebenta mil vezes nas mãos dos mais experimentados Theseus da familia de Hippocrates.

Sinto bastante que os meus parabens não se refirão á vida que os novos doutores vão viver.

Não conheço carreira mais nobre nem mais ingrata do que a da medicina; os medicos são missionarios e sacerdotes da caridade; mas em regra, que offerece raras excepções, não ha medico que ajunte dinheiro. E' caridade na alma, e pobreza ás costas.

E' por isso que eu pretendo, quando fôr deputado, apresentar ao

corpo legislativo um projecto de lei determinando que o exercicio da medicina seja reservado exclusivamente para os frades franciscanos, que professão ao mesmo tempo a caridade e a pobreza.

Não se segue d'aqui que o *Velho* descreia da virtude e da dedicação dos medicos; não; elle apenas lamenta a má fortuna que os acompanha e que os faz chegar á velhice depois de uma vida tormentosa e afadigada tão ricos ou tão *arranjados*, como os veteranos do nosso exercito.

*
* *

As glorias da quinzena pertencêrão sem a menor contestação aos *ratos*.

Horribile dictu ! estão os ratos no galarim da fama !...

Armou-se na rua do Ouvidor uma nova ratoeira ao dinheiro do respeitavel, um theatro *provisorio*, onde o galan e o centro, a primeira dama e a ingenua são ratos e ratas *celebres*.

Ha ali ratos de diversas nacionalidades e até um rato nacional; todos, porém, passados por India e Mina.

Fazem cousas que admirão; o que na verdade é extraordinario; porque em materia de habilidades de ratos já temos visto tanta cousa, que não deviamos esperar ser testemunhas de mais novidades.

O theatro está aberto em todas as noites a todos os que se apresentarem com a quantia estipulada: d'esta regra são unicamente excetuados os gatos.

A companhia tem feito furor: já ouvi que os dilettantes se achavão divididos em dois partidos: partido camondongo e partido ratazana: devem em breve chover poesias, flores e corôas sobre a rata ingenua, e a rata primeira dama: o rato artilheiro, e o seu collega sacristão têm tambem suas parcialidades; são chamados á scena repetidas vezes, e comprimentão o respeitavel com toda a habilidade e com muita graça.

O que eu não comprehendo é o motivo da divisão dos dois partidos — camondongo e ratazana; porque por fim de contas o que faz o camondongo, faz o ratazana: ambos roem.

*
* *

Um compadre meu, que já foi tres noites seguidas ao theatro dos ratos, appareceu-me ultimamente muito preoccupado.

— Não torno mais a ir ver os ratos; disse-me elle.

— Então porque?...

— Aquillo é um epigramma, uma zombaria insolente!

— A quem?...

— A' nossa policia, meu compadre.

— Essa é boa!

— E' como lhe digo: explicárão-me o caso e fiquei convencido.

Ao observar-se a sem ceremonia com que os gatunos estão fazendo das suas na capital do Imperio, houve quem entendesse que, para zombar da policia pela impunidade dos ratos gatunos, devia abrir um

theatro, onde se applaudissem os triumphos dos ratos verdadeiros ratos.

— Que me diz, compadre?... se assim é, teremos em breve novos theatros abertos em honra ou em zombaria da camara municipal.

— Que theatros?

— Um theatro de rãs, que devem fazer lembrar os charcos immundos que se conservão em certos logares da cidade: um theatro de moscas, que nos traráõ á memoria os montes de lixo do campo da Acclamação e de algumas praias: um theatro de...

— Basta, compadre! você tambem é fallador... vou-me embora.

E foi-se.

* * *

Estamos em vesperas de ver aberta a primeira *exposição industrial* na capital do Imperio.

Forão recebidos mais de cinco mil productos, e tomando para o calculo apenas cinco mil, e dando-se apenas um minuto para o exame de cada producto, segue-se que um observador consciencioso tem de empregar mais de oitenta e tres horas em examina-los todos.

No pateo da Escola Militar vêm-se grande numero de palmeiras, bambús, e outros vegetaes que serviráõ para se formar um bosque artificial. Acho esta ideia excellente; porque se houver na *exposição* algum *espicharetur* formal, o espichado não ficará *exposto*, e achará no bosque um recurso para se esconder dos olhos do respeitavel.

Estou ancioso pela *exposição*: pretendo saudar com enthusiasmo esta festa industrial, que, se conservar o seu verdadeiro caracter, se se mostrar com as suas condições proprias, offerecerá grandes resultados para o futuro.

A *exposição* deve ser *exposição industrial* e não museu de raridades. Sustento este principio por diversas razões, das quaes produzirei duas.

Primeira razão: porque, se a *exposição* se transformar em museu de raridades, ficará sendo, em vez de *exposição*, apenas e sómente uma raridade de museu.

Segunda razão: porque, se a *exposição* degenerar em museu de raridades, correm o risco de serem levados á força para serem ali *expostos* não só este creado dos meus leitores, o pobre *Velho da Revista Popular*, como tambem muitos tafulões de gravata bem tesa, que andão ahi pela cidade do Rio de Janeiro.

Cuidado: tomem o meu conselho: não fação da *exposição* museu de raridades....as consequencias podem ser terriveis; porque o povo é bem capaz de dar um recrutador de bichos raros, e de encher as salas da Escola Militar com um diluvio de bicharia humana.

* * *

Acho-me no fim d'esta quinzena tão rico de noticias litterarias, que não tenho espaço para tratar de cada uma d'ellas tão extensamente como desejava.

Perdoem-me pois um laconismo que é determinado pela necessidade.

E antes de tudo direi uma vez por todas.

O *velho* não pretende as honras de critico ; registrando, porém, as publicações que se forem apresentando ao publico, terá sempre uma palavra de animação para a mocidade, que cultiva as lettras.

Quando me atacarem ancias de parecer severo, tractarei de sel-o em primeiro logar com os auctores que tiverem dado annos ao officio.

* * *

Uma quinzena tão favoravel á musica e á pintura não podia ser esteril para a poesia.

E' de regra que na familia das artes essas tres formosas irmãs andem sempre ou chorando ou sorrindo-se, como de accordo : são verdadeiramente irmãs e sempre mais sinceramente solidarias do que os mais solidarios ministerios da bulhenta familia politica.

A poesia recebeu tambem n'estes ultimos dias um tributo de amor.

Alguns dignos Maranhenses determinárão colleccionar em um volume poesias escriptas por filhos da sua provincia natal : esta resolução foi tomada em meiados do anno proximo findo e tanto empenho houve em leval-a a effeito, que acaba de sahir á luz o volume promettido, constando de duzentas e oitenta e cinco paginas enriquecidas com as composições poeticas de não menos de cincoenta e dois auctores, contando-se entre elles duas senhoras.

São em grande numero as poesias de subido merecimento que n'este volume se encontrão, e torna-se impossivel fazer o menor juizo critico sobre todas, pelo menos em uma chronica de quinzena ; porque indispensavel seria escrever cincoenta e dois juizos, ou deixar no esquecimento algum dos auctores.

Prefiro em tal caso limitar-me a louvar o pensamento que inspirou esta obra, e por isso mesmo que ella me agradou, vou fazer uma simples observação a respeito do que o livro não contém, e aliás devia conter para tornar-se ainda mais e muito mais interessante.

O *Parnaso Maranhense*, é este o titulo do livro de que fallo, é filho legitimo de um bem entendido *provincialismo*.

Os edictores ou colleccionadores, Maranhenses, quizerão exaltar a sua provincia com o brilho e o renome de poetas nascidos no Maranhão.

Ora, eu creio que, ainda inspirados pelo mesmo pensamento, poderião os dignos colleccionadores ter ajuntado ás poesias alguns apontamentos biographicos relativos a todos ou pelo menos aos mais notaveis dos seus poetas.

Estou persuadido que hão de achar muita razão no que acabo de observar, e que, em uma nova edicção da mesma obra, teremos de vêr satisfeito este *desideratum*.

* * *

O Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro acaba de tirar á luz da imprensa em folheto uma memoria, de sua lavra, ulti-

mamente publicada na Revista do Instituto Historico a respeito da revolução de Pernambuco em 1817 e do procedimento do general Luiz do Rego, que foi n'aquella conjunctura governar Pernambuco, e sobre quem pesava a responsabilidade das violencias e cruel tratamento, que soffrêrão os Pernambucanos depois de vencida a revolução.

O distincto escriptor, firmando-se no testemunho de documentos officiaes, que publica, demonstra que não só não partirão de Luiz do Rego as medidas barbaras que então em larga escala forão empregadas, mas ainda que esse general reprovava taes excessos, e procurou fazel-os cessar.

O trabalho do Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro é consciencioso e bem desenvolvido, ficando-lhe a dever um verdadeiro serviço a memoria do general Luiz do Rego e a historia patria.

*
* *

O Sr. João Antonio de Barros Junior, distincto joven academico do curso juridico de S. Paulo, deu ao prélo n'aquella cidade um romance de sua composição que tem por titulo « Emilio. »

A acção do romance é muito simples : é uma historia de todos os dias, mas escripta com o coração generoso de um joven, que só tem applausos para a virtude, e que se horrorisa ante o aspecto da depravação e do crime.

Emilio é um mancebo cheio de nobreza e de honestidade e casou com uma menina que merecia tal marido : a irmã da feliz esposa, a misera que tão facilmente calcou aos pés o dever, cedendo a um indigno seductor, recebeu o merecido castigo : não devo escrever aqui o nome d'essa infeliz pela consideração e respeito que fico tributando á virtuosa esposa do doutor Emilio.

Eia, Sr. Barros Junior, avante ! prosiga !

*
* *

Appareceu o primeiro volume do *Pequeno Panorama*, interessante obra do joven escriptor o Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira ; é um estudo historico dos principaes edificios da cidade do Rio de Janeiro. O auctor, o dedica ao seu comparochiano, amigo e mestre o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A obra augmenta de importancia á medida que se vai lendo : o auctor, em vez de afrouxar no caminho, mais animado se mostra, quando podião suppol-o fatigado.

Podem ficar certos de que o Dr. Duarte Moreira ha de dar de si : é um joven que tem talento e que estuda ; por consequencia devemos contar com elle.

*
* *

Acha-se annunciada cá pela casa onde está a forja da *Revista Popular* a Historia do Brasil de Southey, traduzida para o portuguez pelo Sr. Dr. Luiz de Castro e annotada pelo Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro.

Entre os antigos historiadores do Brasil, Southey occupa incontestavelmente o primeiro logar.

E nada mais ponho na carta, porque está dito quanto é preciso.

Venha o Southey o mais cedo que fôr possivel ; porque, apezar de velho, quero aprender a historia do Brazil na obra d'esse illustre *godemi*.

*
* *

Da mesma forja acaba tambem de sahir muito bem temperadinha e em dois volumes a — Nova Grammatica *Portugueza-Franceza* pelo Sr. Edouard de Montaigu. E' obra muito recommendavel pelo methodo, e o methodo é n'estes trabalhos a condição mais valiosa.

*
* *

Na cidade da Bahia foi publicado o drama em quatro actos « Os homens de cera » do Sr. Dr. Cincinnato Pinto da Silva.

N'esta composição dramatica aprecia-se, além da critica severa de alguns typos muito verdadeiros da actualidade, e de grandes abusos que se observão, o triste quadro da desmoralisação do paiz : além d'isso ha o encanto do estylo, que faz honra ao auctor.

Não sei o que será o drama no theatro : no gabinete sei que um *velho*, como eu lê « Os homens de cera » da primeira á ultima pagina sem parar para tomar tabaco.

O auctor chamou — *homens de cera* — aos *heróes* que fustigou, sem duvida porque a consciencia de taes homens é malleavel como a cera.

Ah ! devia chamal-os — *homens de sebo* —; porque a consciencia dos traficantes politicos é escorregadia como o sebo.

*
* *

O theatro de S. Pedro de Alcantara e o Gymnasio Dramatico levárão á scena duas novas composições dramaticas de auctores nacionaes.

O primeiro *Os mysterios da fortuna* pelo Sr. Dr. Joaquim Antonio da Costa Sampaio.

O segundo *A resignação* pelo Sr. Dr. A. Varejão.

Na proxima *chronica da quinzena* occupar-me-hei d'estes dois novos dramas.

Agora não posso : primò, porque a *Revista Popular* está cheia e bradou-me como o doente ao medico no epigramma de Bocage : « Basta, que mais é matar ! » secundò, porque sou *velho*, não devo metter-me em cavallarias altas, e preciso ir poupando as minhas forças.

O VELHO.

RIO DE JANEIRO.—TYP. DE PINHEIRO & C.ª, RUA DO CANO N. 165.

OS PRAZERES DA CORTE.

O Sr. Caetano Gonçalves é um rechonchudo e patusco velhote de quarenta e cinco a cincoenta janeiros de idade. Herdando de seus pais algumas dezenas de contos, nunca deixára até aquella idade a pacifica aldeia em que nasceu, ali gozára de uma geral e bem merecida sympathia, nem só pela sua fortuna, como pelas suas qualidades pessoaes. Era finalmente um dos primeiros ou o primeiro vulto d'aquelles logares; tinha sido por diversas vezes delegado de policia e outras tantas eleito presidente da illustrissima camara municipal. Nos bailes, era de vêr o garbo com que se apresentava, os ademanes graciosos que desenvolvia, e os doces sorrisos que captava das bellas; era sem duvida o Benjamim querido de todos.

Mas a felicidade é uma deusa bem caprichosa! Um dia lembrou-se o Sr. Caetano Gonçalves de dar um passeio á côrte; abraçou a todos os seus amigos e conhecidos, montou no bucephalo e raspou-se.

Era no tempo do carnaval; todos sabem o estado miseravel das nossas estradas e ajuizem pois como, depois de uma copiosa chuva, entrou em uma tarde de domingo gordo o Sr. Gonçalves por esta boa cidade de S. Sebastião, pelo lado da cidade nova. Tinha as botas cobertas de lama, o seu chapéo de palhinha, completamente desabado pelo grande molho que apanhára, quasi que inteiramente occultava-lhe a cara; junte-se á esta figura exquisita uma mala de couro de onça atada no arção da sella e um immenso par de alforges recheados de comestiveis, e ter-se-ha uma idéa da illustrissima e categorica figura do Sr. delegado da villa de....

Era, como dissemos, um domingo gordo; depois da abolição dos limões de cheiro, poucos são os que n'esses dias de divertimento não procurão occultar debaixo de uma mascara a que lhe deu a sabia e previdente natureza, sómente pela novidade da transformação. O caso é que, mal desembocára o Sr. Caetano no campo da Acclamação, viu-se cercado por uma multidão de figuras de todos os feitios. Todos os mascaras são irmãos, e os filhos do deus Momo achárão que o nosso roceiro vinha disfarçado de uma maneira muito original; foi, pois, recebido debaixo de estrondosas gargalhadas e de freneticos applausos. Um general de longas suissas e bigodes, estribando-se no seu formoso corcél, desembainhou a espada e, brandindo-a com um enthusiasmo marcial, gritou aos soldados da sua guarda — *abrir fileiras*! — Immediatamente a cavallaria executou a manobra e o Sr. Gonçalves viu-se isolado no meio das duas alas; *em continencia, apresentar espadas!* — bradou o general, a musica passou para a frente, os officiaes abaixêrão as durindanas, e o zabumba rufou desesperadamente por alguns minutos.

15 Dezembro 1861

O Sr. Gonçalves não sabia se sonhava ou se estava acordado. Acreditou què tudo aquillo erão honras que lhe tributavão, tirou o chapéo, puxou de um dos alforges um grande lenço encarnado, limpou a testa que restilava de suor, ia principiar um discurso, quando na extremidade opposta do campo appareceu a sociedade carnavalesca. A *galope!* bradou ainda o general; a cavallaria arremessou-se á toda a brida e o nosso delegado viu-se em liberdade : mal sahia elle do seu espanto, quando uma linda amazona, aproximando-se-lhe com a maior elegancia, perguntou-lhe com a voz cheia de doçura :

— Então o senhor não vai ao baile esta noite ?

— Qual baile, minha senhora? respondeu o matuto um pouco atrapalhado.

— O baile do theatro de S. Pedro; oh ! deve estar muito concorrido ! peço-lhe que não falhe; eu serei o seu par na primeira contradança !..

— Mas, murmurou titubeando o Sr. Gonçalves ; eu cheguei n'este instante da roça, ainda não mudei de roupa, e mesmo ainda não sei a casa de um amigo para onde vou morar....

— Não se incommode por isso, tornou-lhe a elegante amazona; o senhor póde entregar o seu cavallo ao meu pagem, e apontava para um elegante groom que a acompanhava ; logo que chegarmos ao hotel D. Pedro, que fica muito perto d'aqui, lá mudará de roupa, irá ao baile, depois o senhor dormirá no hotel e amanhã procurará o seu amigo..

O Sr. Gonçalves não deixou de extranhar tanto desembaraço da parte de uma senhora que o via pela primeira vez; porém a sua voz era tão doce, os olhares que lançava-lhe sob a mascara tinhão uma chamma tão viva, que, ai, pobre Gonçalves ! a cabeça andava-lhe á roda como um corrupio ! E depois, dizia elle com os seus botões, eu estou em uma côrte, os costumes são muito differentes, não devo mostrar-me admirado de cousa alguma ; seria dar uma idéa muito má da minha educação.

Estas reflexões forão interrompidas pela voz de sua companheira.

— Apeemo-nos, disse-lhe ella já na porta do hotel; eu mando o meu creado levar os nossos cavallos para a cavallariça, e ao mesmo tempo ordenou a um dos moços da hospedaria que conduzisse para cima a mala do viajante. Dê-me licença, disse ella trocando algumas palavras com o seu groom em voz baixa, e depois arregaçando com a maior gentileza o seu longo e fluctuante vestido, enfiou uma delicada mãosinha calçada a Jouvin por entre os braços do Sr. Gonçalves, que olhava pasmado para tudo aquillo. E subirão as escadas do hotel.

Uma pessoa qualquer, afeita ás intrigas do Carnaval, teria sem duvida desconfiado de tanta amabilidade, de tanto desenvolvimento da parte de uma mulher; porém o nosso delegado era de uma simplicidade patriarchal, e além de que a vaidade de ter seduzido com os seus suavissimos encantos a uma cortezã veiu-lhe embalar a imaginação nos mais fagueiros e deliciosos sonhos do amor proprio lisongeado.

—*Nous voulons une chambre parliculière*, disse a elegante companheira do Sr. Gonçalves ao dono do hotel, que os veiu receber com a maior affabilidade.

— Oh! disse baixinho o Sr. Gonçalves, o passaro é estrangeiro! melhor!

— *Comme vous voudrez, madame*; *nous avons ici des jolis appartemens*, disse o affavel Mr. Pipierroy, abrindo um elegante gabinete.

— O senhor naturalmente deve ter fome, disse a Madame; vou mandar que nos preparem alguma cousa emquanto mudo de roupa, e foi introduzindo o nosso matuto para dentro do gabinete.

— Que felicidade, meu Deus! agradar a uma mulher d'estas logo á primeira vista, isto não é para todos! dizia elle com os seus botões lambendo os beiços e atirando para cima de uma mesa o jaquetão de belbutina que trazia vestido. Tenho muito! muito que contar quando voltar para a terra! olé! que peixão é a tal senhora Madama!

— Oh! eu não posso mais resistir á vontade de rir-me, dizia ella no emtanto ao pagem que os tinha seguido de perto.

— Tens desempenhado perfeitamente o teu papel de amazona, respondeu-lhe elle fazendo côro com as suas risadas; o matuto está pelo beiço! que ingenuidade de homem!

— Safa! que este calor me mata e o diabo d'este vestido pesa mais do que o sino de S. Francisco de Paula; agora não tenho receio de tirar a mascara, pois que o roceiro está no gabinete! E dizendo isto a supposta amazona deixava cahir os liames da mascara e os bigodes do mais bonito dos cadetes de cavallaria se desenhava debaixo dos olhos travessos e feiticeiros que tão promptamente fascinárão o Sr. Caetano Gonçalves.

— *Oh diable!* exclama admirado Mr. Pipierroy, entrando na sala em que se achavão os dois amigos.

— *Chiton!* disserão ambos ao mesmo tempo.

E explicárão da melhor maneira possivel a peça de entrudo que querião pregar ao matuto, fazendo-o pagar-lhes a ceia, com a esperança de alguma indemnização.

O francez applaudiu com enthusiasmo a idéa; esmerou-se em servir-lhes uma ceia lauta e delicadissima.

A pequena mesa vergava ao peso das mais finas iguarias e dos vinhos mais exquisitos da França.

Combinárão que o supposto pagem e as outras pessoas do hotel assistirião, sem serem vistos, o desenlace do drama.

Quando o Sr. Gonçalves entrou na saleta em que se achava preparada a ceia, já ahi estava a elegante Madame, negligentemente reclinada em uma vasta poltrona de velludo.

— Oh! como está bonita! não pôde elle deixar de exclamar, linda mesmo como os amores!

—Que lisongeiro! disse-lhe ella apertando-lhe meigamente as mãos.

— Não é lisonja! a gente da roça sempre diz o que sente.

— Da roça! ora o senhor com essas maneiras tão delicadas, com

esse modo tão nobre e tão distincto quer me fazer acreditar que é roceiro ! eu não acredito !

— E' verdade que eu não sou mesmo da roça, não, senhora; vivo em uma villa onde tenho sido delegado, presidente da camara, vereador e...

—Bem me dizia o coração, interrompeu-lhe a moça, quando sentime tão inclinada para o senhor, que amava um verdadeiro cavalheiro !

—Oh !.....

—Não seja tão modesto, meu amigo ; vamos, sente-se aqui perto de mim, e sirvamo-nos antes que a comida se arrefeça.

—Mas, objectou-lhe o Sr. Gonçalves,a senhora Madama porque não tira essa mascara que deve occultar um tão lindo semblante ; não será melhor para estar á vontade ?

—Não ! não ! respondeu-lhe ella; quem sabe se o senhor não fugiria com medo de mim ?

—Medo ! quem tem uma mãozinha assim tão bonita não deve receiar de causar medo a ninguem.

—Quem sabe?...não me peça que tire esta mascara; se eu deixei-me guiar pelo coração amando o senhor, não quero córar aos seus olhos, porque eu sou....

—Acabe, senhora Madama, disse o matuto um pouco assustado.

—Eu sou, oh senhor ! a condessa de Quiquirinhóles.

—Condessa de....de....Qui...qui...qui, oh senhora condessa de Qui,qui,disse o pobre roceiro erguendo-se todo atrapalhado, perdôeme ! eu não sabia que....

—Cale-se, meu amigo,disse-lhe a fingida condessa,podendo a custo soffrer a vontade de rir, cale-se ! eu o amo ! e sómente quero que o nosso amor fique sepultado no mais profundo segredo ! E lançando-lhe os delicados braços em torno do pescoço, roçou-lhe a ponta da perfumada mascara sobre o semblante.

O Sr. Gonçalves ficou rubro como uma lagosta, mas conteve-se ; e assentárão-se junto da mesa.

Os espectadores d'esta scena mal podião reprimir a hilaridade de que se achavão possuidos.

A condessa teve a habilidade de fazer o Sr. Gonçalves provar de todas as iguarias e de todos os vinhos ; fez uma mistura heterogenea de tal sorte que em menos de meia hora o bom do delegado tinha perdido todo o acanhamento e fallava por todos os poros; contou sua vida, seus amores, os seus triumphos, nada escapou-lhe ; tornou-se por fim mais audaz, e queria por força vêr o semblante da joven desconhecida.

—Cuidado ! disse-lhe a condessa,eu tirarei a mascara com a condição de ficarmos no escuro ; não quero que o senhor me veja ; porque ficará com medo....

—Já que não ha outro remedio, seja assim, disse o Sr. Gonçalves ; assoprando as velas da serpentina.

Quando a sala transformou-se em trévas, a condessa ergueu-se li-

geiramente, desatou a mascara e roçou os lindos bigodes do cadete sobre os labios febris do Sr. delegado.

—Jesus! bradou o homem arripiado como se lhe tivesse tocado uma vibora! mulher de bigode! cruz diabo! pé de pato! satanaz! cruz!

N'este momento todas as pessoas do hotel invadirão a sala com luzes. Que espectaculo se lhes offereceu! a condessa tinha desappa-recido e o Sr. Gonçalves com os olhos esbugalhados e de joelhos fazia cruzes e esconjurava o satanaz de bigodes!

Uma gargalhada geral respondeu ás pragas do misero, e o peior da festa é que na manhã seguinte Mr. Pipierroy apresentou-lhe uma conta de tirar pello e cabello, que por honra da firma o Sr. Gonçal-ves teve de pagar, maldizendo desesperadamente a tal condessa de Qui....qui....rinhóles, e a maldita hora em que deixou a sua pacifica aldeia!

Se bem que o Sr. Caetano Gonçalves tivesse feito o firme proposito de deixar a côrte no dia seguinte ao da ceia que pagou á supposta condessa de Quiquirinhóles, comtudo lembrou-se que ao menos devia dizer adeus ao seu antigo amigo de infancia, negociante de café da rua dos Benedictinos. Assim pois encaminhou-se para lá. O com-mendador Bernardo teve grande satisfação de vêr o seu antigo cama-rada dos brincos e dos folguedos da meninice; instou com elle para que se demorasse algum tempo na côrte afim de a poder conhecer melhor; desculpou-se muito por não poder offerecer-lhe um agasa-lho em virtude de ter n'essa occasião muitos hospedes e nenhum commodo disponivel; entretanto indicou-lhe o hotel La Bourse na rua d'Alfandega como um dos melhores. O nosso delegado sentiu correr-lhe um calafrio dos pés á cabeça, quando ouviu fallar em hotel; porém nada contou do que lhe tinha acontecido na vespera, e eil-o encaixado em um pequeno quarto nos fundos do 2.° andar do La Bourse.

Ajuize-se que vida para um homem acostumado a viver com toda a liberdade e com todos os commodos em uma vasta e arejada casa; vêr-se mettido entre quatro paredes, tendo ao lado um carcamano que tocava realejo, e na frente uma fabrica de velas de sebo, cujo fedor o importunava constantemente!

No dia seguinte resolveu-se o Sr. Gonçalves a principiar as suas vi-sitas pelo hospicio dos alienados; ás 4 horas e meia da tarde ali chegou; o pobre homem ficou-boqui-aberto de admiração, vendo o asseio, a ordem e a disposição regular e uniforme que reinava por toda a parte; um empregado teve a delicadeza de acompanhal-o por todo o edificio e a pachorra de responder ás suas multiplicadas per-guntas. Mas ah! que a infelicidade o perseguia constantemente! Em um momento que o empregado deixou-o sosinho, afim de vêr uma chave que se tinha esquecido de trazer, o Sr. Gonçalves teve a indis-crição de abrir uma porta do andar terreo que communica com o jardim: ah, pobre homem! era justamente a occasião facultada aos doudos de passearem n'esse logar de recreio; apenas avistão a figura curiosa do delegado, atirão-se a elle, encapellão-lhe o chapéo, ar-

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
—DO—
RIO DE JANEIRO

rancão-lhe uma aba da casaca, e... triste delle se n'aquelle momento duas irmãs de caridade e o enfermeiro que voltava com a chave não o acodem. Mais morto do que vivo, bebeu uma tremenda limonada de vinagre que lhe ministrárão as caridosas mulheres, e voltou para a cidade maldizendo a sua fatal curiosidade, os doudos e todos os hospicios do mundo!

Hermann, o celebre prestidigitador allemão fazia as delicias da côrte n'esse tempo; n'aquella noite havia um variadissimo espectaculo. Completamente restabelecido do susto por que passára, e mesmo querendo esquecel-o completamente, o Sr. Gonçalves comprou um bilhete das cadeiras de 1ª ordem, e eil-o repimpado á espera que se levantasse o panno; pouco depois entra um inglez alto e gordo como um colosso, chega-se junto do tranquillo espectador e com a fleugma britannica mostra-lhe uma chapa de metal pregada nas costas do banco.

— Para o que serve isso? perguntou-lhe o Sr. Gonçalves.

— *Iss*, sinhore...

— Bom! bom! exclamou elle lendo o letreiro e sem entendel-o: já sei, foi feito pelo marceneiro Iss, tinha muita habilidade, sim, senhor, tinha!

As pessoas mais vizinhas aos dois rião-se do qui-pro-quó, até que um moço, condoido do pobre matuto, explicou-lhe que o Inglez queria o seu logar.

— Ah! é isso! disse elle, está bem havido comigo! eu dei tres mil réis e o meu dinheiro é tão bom como outro qualquer.

O mesmo moço transmittiu ao Inglez a resposta.

— Iss, disse o Inglez, e com todo o peso do seu enorme e bojudo corpo assentou-se gravemente sobre o cóllo do roceiro.

Então de todos os lados rebentárão gargalhadas, todos os binoculos convergirão para ali como o centro da attenção geral. Quanto mais forcejava o Sr. Gonçalves para se desenvencilhar-se do Inglez, com mais gravidade elle se conservava firme; finalmente a lucta durou cinco minutos e foi necessaria a intervenção da policia para que chegassem a um accordo; o Inglez ficando no seu logar, e o Sr. Gonçalves encaixando-se n'outro que teve o trabalho de procurar.

Não foi esta a unica decepção por que passou n'aquella noite o Sr. Gonçalves; Hermann, depois de ter dado muitas e variadas provas do seu raro talento, pediu na platéa um relogio de ouro; o homem achou a occasião azada para fazer esquecer a sua questão com o Inglez, e fazendo signal de dar o seu, metteu a mão no bolso do collete e eis que em vez de relogio sacca uma tremenda batata.

As risadas estrugirão de todos os lados; o roceiro estava fulo de raiva.

— Veja no outro bolso, disse-lhe Hermann com todo o socego.

— Era essa tambem a sua unica esperança; metteu novamente as mãos e novas gargalhadas estrugirão, porque acabava de tirar um immenso pepino.

— Roubárão-me o relogio, exclamou o pobre homem desesperado! e novas risadas abalárão o theatro.

— Silencio! disse imperiosamente Hermann. O senhor precisa ter mais cuidado com o que faz, veja que guardou o seu relogio dentro da gravata e que ahi deve estar ainda! E de facto, meio incredulo desatou o laço, e lá estava n'uma ponta o seu tremendo sabonete de ouro.

—E' o diabo! exclamou elle, este homem é o diabo! e as risadas então tocárão ao delirio; erão soluços estridentes e freneticos de alegria.

Assim terminou esse dia tão cheio de desgraças para o nosso roceiro.

(Continúa).

OS HOMENS DE LETTRAS.

A sorte dos homens de lettras é innocentemente invejada por muitos que a avalião sem a comprehenderem, sem pesarem os amargos e repetidos dissabores inherentes a tão difficil carreira.

A experiencia é uma grande mestra; foi com ella que eu aprendi a conhecer que nada sei, e que outros ainda sabem menos.

Uma vez, ha muito tempo, eu fui rapaz. Eu sentia no interior da cabeça uma cousa que não podia definir. Cuidei que era juizo, — enganei-me!

Convivendo com outros, da minha idade, e apaixonados das lettras, não pude subtrahir-me ao contagio, e entreguei-me com furor á leitura.

Admirava as producções dos grandes engenhos, mas parecia-me que pouco me faltava para poder imital-os, ou talvez excedêl-os! Que innocencia!

Dediquei-me ao estudo da lingua franceza, e cheguei, quasi, a convencer-me de que Victor Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas e outros terião de depôr as corôas aos pés do estrangeiro que, escrevendo n'um idioma extranho, produziria obras superiores a tudo quanto elles escrevessem no seu!

Calei-me com isto, mas devo confessar, com a ingenuidade que me caracterisa, que não foi devido á modestia o meu silencio. Eu suppunha que a sorpresa seria mais brilhante, se eu apparecesse no meio d'elles, como um relampago, deixando-os cegos, pela intensidade do brilho da minha gloria.

Entendi, porém, que devia primeiramente ensaiar-me no idioma proprio, e aproveitei, para a estreia, a occasião do anniversario natalicio de uma irmã muito querida. Fiz uns versos, ella gostou d'elles, e eu compadeci-me dos meus collegas Camões, Bocage, Antonio Diniz e quejandos, cujos nomes ião ficar mergulhados no esquecimento!

Recordo-me que a minha *poesia* fallava de passarinhos a cantar,

flores a bafejar perfumes desconhecidos, anjos entoando canticos harmoniosos, clarinetas acompanhando cá de baixo, tudo isto ao romper d'aurora, que se desembuçava do seu risonho manto o qual, se bem me lembro, era côr de rosa com franjas brancas.

A população corria alvoroçada pelas ruas, todos querião saber a causa de tão esplendida festa, e no fim de tudo eu declarava, impando de orgulho, que era o dia dos annos de minha irmã !...

Ella, creança como era, devia ficar satisfeitissima, e ficou.

Eu endireitei os collarinhos, penteei-me com mais cuidado e deime uns ares de poeta que me ficavão muito bem, na minha opinião.

A menina teve a innocencia de mostrar o brinde do mano a um homem sisudo, talentoso e instruido.

Assisti á leitura, e foi então que eu tive um grande ataque de modestia ! Comecei a pensar no modo de responder aos enthusiasticos louvores que, forçosamente, devião seguir-se á analyse.

Felizmente não passei por esse vexame. O homem leu os *versos*, ristituiu-os á dona e limitou-se a perguntar-me, com a maior sinceridade, se eu era tolo ! !

Para não ser juiz em causa propria, respondi que não sabia.

Desenganei-me, mais tarde, relendo a minha obra, e metti a viola no sacco.

Pouco depois d'este fatal acontecimento, fui assistir á primeira representação de uma comedia, producção de um amigo, cujo talento eu admirava, e a quem tinha animado com os meus ardentes e sinceros elogios á sua obra. Uma tremenda pateada foi o resultado, e eu tive de esconder, com toda a cautela, uma corôa que levava para engrinaldar a fronte do auctor !

Julguei-me então obrigado a responder affirmativamente á interrogação do critico dos meus *versos*, mas tive a prudencia de não cumprir esse dever, convencido de que a minha resposta serviria apenas para confirmar o juizo que elle fazia de mim.

Comecei a duvidar da minha intelligencia. Acommettião-me, por vezes, certos formigueiros na testa, e, n'uma occasião d'essas, apresentei-lhe uma palmada, e exclamei como André Chénier : *Il y a quelque chose là !*

D'esta vez não me enganei. Era uma mosca !

Fiquei triste, mas não perdi totalmente a esperança. Caminhei, li, meditei, e á força de trabalho cheguei a escrever d'isto !.... Que talento, meu Deus !...

Depois da minha regeneração tenho recebido da sorte varios pontapés, e soffro-os resignadamente, limitando-me a exclamar : « E' sina dos grandes homens ! »

Hoje estou convencido de que os homens de lettras são os entes mais infelizes do mundo, excepluando os fogueiros dos barcos a vapor.

Cercados de algum prestigio, (os litteratos e não os fogueiros) laureados pela imprensa diaria, apregoados no estrepito de uma ovação, ninguem lhes pergunta se têm dez tostões na algibeira, e todos os

apontão com o dedo, invejando a immortalidade que os espera. Mas, assim como o « amor com amor se paga », póde tambem pagar-se a inveja com a inveja, e será muitas vezes mais justificada a do litterato, e por muito solidas rasões.

Esses que o mimoseão com estrondosos « bravos » em uma feliz noite de theatro, quem sabe se fortalecerão antecipadamente os pulmões por meio de uma succulenta ceia, a que o escriptor difficilmente poderia chegar !...

Em constante divorcio com o metal sonante, e tendo estampado na espaçosa fronte o rotulo maldito, mal póde attrahir a dedicação dos donos das hospedarias, para quem vale mais o gordo proprietario, ou o negociante opulento, do que um afamado poeta. E —sejamos justos— pensão muito bem, visto que é extremamente verdadeiro o antigo adagio : « Quem não tem, não pode dar ».

E' certo que a literatura concede aos seus adeptos momentos de indizivel prazer ; mas é, ainda mais vezes, inimiga implacavel d'aquelles que d'alma e coração a seguem, como se prova pelos documentos juntos.

Separemos do quadro a sombra negra da penuria a que o talento condemna, quasi sempre, os que o possuem, talvez por não poder alliar-se com o juizo, dote muito necessario a quem deseja atravessar o caminho da vida sem dar tropeções perigosos.

Não pensemos no destino de Bocage, de Quita, de Antonio José, de Francisco Joaquim Bingre, de Thomaz Antonio Gonzaga, e de tantos outros que morrêrão sem testamento, porque deixando cá muita cousa, nada era d'elles, além dos seus escriptos.

Os tabelliães não podem gostar de semelhante gente, nem me consta que o fallecimento de um poeta désse causa á uma demanda. São boas almas, que legão aos seus parentes uma paz imperturbavel.

Deixemos o bom professor de rhetorica, o chistoso Nicoláo Tolentino, o satyrico por excellencia, que tantas vezes depuzera a lyra ritonha para empunhar a lacrimosa, chorando sempre a sua sorte, muito superior, ainda assim, á de alguns seus collegas e contemporaneos, menos exigentes e mais ciosos da sua dignidade.

Faz pena vêr um homem de tanto merecimento com as molas do pescoço tão fracas, que o obrigavão a curvar a cabeça ao mais leve aceno da fidalguia ! Como se rebaixava um estro tão brilhante, entoando, em verso, o *de profundis* a uma perdiz que sepultára no estomago, cantando enthusiasticamente o cozinheiro que fizera a autopsia á defunta !

Deus te perdôe, amigo Nicoláo.

Esqueçamos, mesmo, o desastrado fim do grande Camões, que tendo perdido um olho em defesa da patria, de pouco lhe valeu arregalar o outro, em busca do dinheiro necessario para as mais urgentes despezas da vida !

15 Dezembro 1861

Coitado !... Nunca pôde ver-lhe as cruzes, e depois de tão bem

« Cantar a gente surda e endurecida,

foi-lhe preciso ausentar-se da terra para que o seu nome fosse elevado ao céo !

Pedro Antonio Corrêa Garção procurou dar um lenitivo á magua dos que lamentão a desventura do principe dos poetas, assegurando-nos que

« Não escreve Lusiadas quem janta
« Em toalhas de Flandres ; quem estuda
« Em camarins forrados de damasco. »

Valha-nos isso, ao menos. Para que as façanhas de antigos heroes fossem glorificadas em um poema immortal, foi preciso que o poeta não conhecesse a suavidade das avelludadas toalhas, e que, em logar dos camarins adamascados, só encontrasse a poetica aspereza da gruta de Macáo !

Frenetico admirador d'aquelles dez magestosos cantos, nem eu sei se me será licito abrigar no coração, compassivo para todos os infelizes, o sentimento que me inspira a desgraçada sorte do apaixonado amante de Natercia !

Ainda bem que o poeta, cheio de resignação, unico refugio d'aquelles com quem o destino se diverte desde o berço até á campa, nos disse :

« Que o bom religioso verdadeiro
« Gloria vã não pretende, nem dinheiro. »

Pois eu creio piamente que com estas duas cousas juntas se forma o mais delicioso manjar que o homem póde saborear no variado banquete da existencia. Quando haja uma só, seja a segunda — em todo o caso.

São opiniões.

O Pedro Antonio, comquanto deixasse aqui perpetuado o seu nome, não escreveu poemas epicos ; mas, legando-nos bellas cantatas, apreciaveis odes e sonetos, fez o preciso para atravessar o periodo da vida sem limpar as barbas ás mimosas toalhas de Flandres ; e, longe sempre dos *damascos*, Deus sabe quanto lhe custaria chegar aos *albricoques*.

Monumentos !... Quem os quizer deixe-os feitos, como Luiz de Camões, e não afague o antecipado gozo dos que hãode erigir-lhe depois da morte.

Bem avisado andou a este respeito o erudito Padre José Agostinho de Macedo, que, temendo que a posteridade não soubesse avaliar as suas obras, tratou de preparar convenientemente as cousas, para que

o seu nome ficasse immorredouro, a despeito de mesquinhas invejas, de confrontações parciaes.

Escreveu a — *Censura aos Lusiadas*—, e julgou-se livre d'aquella sombria nuvem, que o não deixava fitar, com olho de gallo, o astro rutilante da sua gloria.

Amassando a seu modo os poemas — *Affonso* — *Viriato Tragico* — *Machabeu* — *Condestabre* — *e Joanneida* — fez de cada um d'elles uma empada, mastigou-os até abalar a dentadura, enguliu-os por fim, e, depois de ter-lhes apreciado o sabor, fez uma careta e bradou : « São intoleraveis ! »

Os seus auctores, Francisco Botelho, Braz Garcia, Miguel da Silveira, Francisco Rodrigues Lobo e Corrêa de Mello, tiverão uma sorte lamentavel !

O bom do Padre, lançando-os por terra, envolvidos com outros collegas, fez d'elles degráos, foi trepando á sua vontade, até

« Subir da lua ao globo alto e rotundo,
« E, depois de apanhar-se lá de cima,

livre de apprehensões, e isento de receios, julgou-se o primeiro homem do mundo, (depois de Adão) e

« Sem á dita de Achilles ter inveja »

voôu, até entrar no setimo céo com o chapéo na cabeça !

Critico de si mesmo, pediu a palavra, rival de Santo Antonio, prégou aos peixinhos deste modo :

« Sinto apagar-se-me a luz da existencia, e no momento de extin-
« guir-se é natural que derrame um maior clarão ; assim, considero
« o presente poema (Viagem Extatica ao Templo da Sabedoria) de
« um genero inteiramente novo : reuni todas as minhas forças, quaes
« podião ser as de uma idade decadente, e até as do momento do
« sol-posto da vida, e as de uma imaginação fatigada com tantos e
« tão variados escriptos, quaes são os que tenho publicado até ago-
« ra, e que bastavão para fazer conhecer á posteridade que eu exis-
« tira no mundo. E' alguma cousa o poema — *A Meditação* — é al-
« guma cousa mais o poema epico — O Oriente — &c., &c. »

E' assim que eu gosto. Que necessidade tinha o homem de entregar as suas obras nas mãos dos modernos Aristarchos, sujeitando-as a apreciações absurdas, a juizos apaixonados ?

Fazendo-as e baptizando-as, subtrahiu-se a dissabores pungentes, e preveniu-se contra as accusações dos zoilos.

O que eu peço como particular obsequio aos meus leitores, é que não descubrão aqui a intenção de deprimir o padre José Agostinho.

Negar-lhe extraordinario talento ; deixar de reconhecer que sabia o que esqueceu ao diabo, seria um absurdo de que eu não sou capaz, nem o mais remoto dos meus parentes.

Foi mais longe Lopes de Mendonça, quando disse que: « Alguns « poemas, que elle pomposamente engrandecia nas explosões de uma « gigantesca vaidade, não passão de artigos de superficial scien- « cia, postos em verso campanudo e bombastico. »

E', porém, tempo de entrarmos de novo no assumpto.

Tratava-se, creio eu, das muitas escolhas em que o litterato se vê em risco de naufragar, mesmo esquecendo a eterna ausencia de S. M. — *O Rei do Mundo* — como chamou ao dinheiro Emile Souvestre.

A falta de um guia, tão pratico como prudente, dá causa a terriveis naufragios nos encapellados mares da litteratura, onde muitas vezes se afogão aquelles que a natureza fadára com os dotes necessarios para nadarem como tritões, vencendo as mais furiosas vagas.

Quando simultaneamente começão a despontar o talento e o bigode, mal póde o mancebo inexperiente definir a especialidade da sua vocação, e deve algumas vezes ao acaso a felicidade de não seguir uma vereda errada.

Começa aqui o perigo. Verde nos annos, e pouco maduro no juizo, um rapaz cheio de fogo, com largas aspirações, não póde conceber como lhe seja possivel sujeitar-se a um longo tirocinio na carreira das lettras, como o tivera, forçado, nas academias.

Não sente o animo tranquillo para começar pelo soffrivel, passar ao bom, d'ahi ao optimo, e caminhar assim, de esperança em esperança, até attingir, talvez, o sublime !...

Precisa de applausos que lhe satisfação o amor proprio: o coração reclama-lhe os sorrisos de labios femininos, precursores de vantajosas conquistas, e o moço sente ouriçarem-se-lhe os cabellos quando se lembra que só depois de calvo chegará a perpetuar o seu nome em uma obra immortal ! Treme, ao pensar que as damas, de quem agora anhela os sorrisos approvadores, só poderão patentear a sua admiração, exclamando : « Ora vejão... o que fez o demonio do velho ! »

Decide, finalmente, que o melhor campo de batalha é o palco, e o mais glorioso triumpho o que provém do bom exito do drama.

Os applausos da platéa, os ramalhetes dos camarotes, as chamadas ao proscenio, o nome nos cartazes, os encomios da imprensa diaria, e o drama, impresso depois, occupando um logar honroso nas livrarias dos homens de lettras, são tudo seductoras esperanças a que ninguem resiste ! Mãos á obra.

O drama antigo empolou-se tanto, que rebentou como a rã da fabula.

As trovoadas theatraes, dissipou-as o sol esplendido do progresso. As montanhas scenicas, arrasou-as o alvião civilisador, para dar logar ás vias ferreas. A casaca de seda, o calção e o sapato de fivella forão arrematados em hasta publica pelo carnaval, para seu uso exclusivo.

A cabelleira empoada foi banida desde que o cabelleireiro dispensou as fôrmas de páo, por ter ás suas ordens, diariamente, as nossas cabeças.

O dramaturgo moderno tem, pois, menos difficuldades a vencer;

porque o espectador sahe de casa muitas vezes para distrahir-se das maguas de uma triste scena domestica, e foge do theatro para casa, por ter encontrado ali uma reproducção fiel dos acontecimentos que procurava esquecer. Que é preciso, actualmente, para a confecção de uma drama ?

Um pai, ou tio ambicioso, duro como uma rocha e teimoso como um onagro ;— uma filha, ou sobrinha, linda como um anjo, meiga como uma pomba e sensivel como duas pombas ;— um pretendente moço, pobre, talentoso e honrado ;— um marido em perspectiva, velho, rico, rico e rico ;— lagrimas femininas, protestos masculinos, a ambição paterna satisfeita e um casamento monetario realizado.

Uma moça perdida.... e achada ;— um pai furioso.... e manso ;— um marido com cara de tolo.... e tolo ;— um doutor combatendo uma affecção pulmonar ;— os pulmões zombando da medicina,—uma morte, ou duas, ou tres, e.... basta.... panno abaixo.

Está prompto um drama original, como todos os da escola realista.

E' remettido ao conservatorio, quando o ha, e lá fica de conserva por muito tempo. O auctor zanga-se, desabafa em quatro « mofinas » contra os empalmadores da sua gloria, e consegue finalmente a approvação com louvor.

Começão os ensaios ; os amigos anonymos vão soprando, pelos folles da imprensa, a coragem necessaria ao joven poeta, e tudo promette um brilhante resultado, com o agradavel supplemento dos « direitos de auctor, » negocio muito serio, se o drama tem a felicidade de sustentar-se longo tempo em scena.

O dramaturgo imberbe pensa todo o dia no proximo triumpho ; verdadeiramente impressionado, passa a noite em deliciosos sonhos e chega a esmagar sobre a testa um mosquito impertinente, pensando ageitar na cabeça uma corôa de louros, cujas folhas lhe fazem cocegas. Como sabem os meus leitores, já me succedeu uma cousa semelhante.

Chega a noite da primeira representação, e os actores esmerão-se no desempenho dos seus papeis.

Finda o primeiro acto — nada ! Acaba o segundo — cousa nenhuma !

Termina o terceiro e ultimo — nem um pio !..

Os espectadores levantão-se pacificamente, e retirão-se. Menos natural seria que ficassem no theatro.

O pobre auctor soffre uma decepção terrivel ! Passa diplomas de estupidos aos barbaros que o não applaudirão, recolhe-se á casa desesperado e promette abandonar a carreira litteraria, desgraçadissima no seu paiz, seja elle qual fôr.

Não valem os esforços dos defensores, conscienciosos embora ; são inuteis os conselhos de animação ao poeta. O terrivel *veredictum* do implacavel juiz não póde ser revogado ; e o mancebo, que seria um grande architecto, um distincto official de marinha, um mathematico

de polpa, se atinasse com a sua vocação, enganou-se no caminho e perdeu-se por querer ser escriptor dramatico.

O leitor, collocado em situação identica, padeceria outro tanto, e é por isso que eu lhe recommendo, muito sinceramente, que vá vivendo como Deus fôr servido, sem invejar a sorte dos homens de lettras.

O que só faz versos, se não está, como o dramaturgo, sujeito a um desgosto grande, não póde fugir a repetidos desgostos pequeninos, que lhe vão minando a existencia, sem jámais encontrar a compensação.

O meu mais verdadeiro amigo tem suas pretenções a poeta; e, se ás vezes conversa particularmente com a musa sentimental, são sabidas as suas intimas relações com outra, galhofeira e maldizente, cujo dominio o tem já obrigado a dizer mal de si proprio, sem deixar, talvez, de prestar á verdade o devido culto.

Um dia estava elle no seu gabinete, procurando por todos os cantos uma consoante difficil, mas necessaria, que nem o *Candido Lusitano* poderia fornecer-lhe. Que avaliem os poetas o gráo de desesperação a que póde chegar um de seus irmãos d'armas, luctando com difficuldades d'esta ordem, de que póde resultar o sacrificio de uma ideia luminosa, e vendo fugir o tempo sem um vislumbre de esperança de triumpho!...

Dizem que é horrivel a situação!...

Chegava a hallucinação ao seu auge, quando ouviu baterem-lhe á porta com violencia.

« Quem é que está ahi?... »

— José Bustamante. —

« O que é?... Traz a consoante? »

— Bustamante; um seu criado. —

« Ah! Suba, faça favor. »

O homem obedeceu promptamente, apresentou uma carta de recommendação, e, auctorisado a declarar o fim da sua visita, teve a franquèza de confessar-se apaixonado por uma menina, bella e intelligente, a quem pretendia enviar uma declaração de amor em versos sentimentaes; mas como não era poeta, recorria ao meu amigo, por intervenção de outro, para que o auxiliasse na sua empresa amorosa.

« Mas, Sr. Bustamante, que pretende que eu diga á sua amada? »

— Ora.. se o senhor o não sabe, que é poeta, como hei de eu sabêl-o? Diga-lhe o senhor a verdade, e nada mais. —

« Ah! Quer que lhe diga só a verdade?-... Pois bem, vá dar um passeio e volte, emquanto eu escrevo os versos, porque desejo muito servir o meu amigo, que com tanto empenho o recommenda. »

O namorado sahiu, fazendo cortezias até á porta da rua, e voltou pouco tempo depois. Chegando, recebeu da mão do poeta uma carta fechada, com direcção ao amigo que o enviára ali, e acompanhada destas palavras:

« O senhor tardou, e eu, desejando servir promtamente a pessoa que o recommendára, ia mandar-lhe esta carta. Tenha a bondade de entregar-lh'a, e ouvirá ler a poesia que vai dentro. Desculpe-me, eu

sou tão modesto que não posso consentir a leitura de versos meus, na minha presença. »

O homem agradeceu sinceramente o obsequio, e voou, nas azas da curiosidade, á casa do seu protector. A carta encerrava o seguinte

SONETO.

Em busca de terrivel consoante,
Inda mais que o dinheiro necessaria,
Irado eu maldizia a sorte varia,
Eis que á porta me bate o Bustamante!

Na cara d'asno, eu vi cara d'amante,
Ludibrio de paixão imaginaria;
Li a carta, acertei: — essa alimaria
Reune á estupidez o ser pedante!

Quiz em verso brilhar, faltou-lhe a veia,
E tu, para fugir-lhe com astucia,
De m'o recommendar tiveste a ideia:

Desculpa, amigo, não pegou a argucia:
Quizeste-o caçoar á custa alheia?
— Pois manda-o — á tabúa — e faz-lhe sucia.

O que se passou entre o namorado e o maganão de bom gosto que o mettêra n'aquella embrulhada, ignoro-o: o que sei é que o meu amigo a quem foi recommendado o José Bustamante, ficou desesperado porque lhe fugiu a inspiração, não pôde encontrar a consoante que procurava e teve de inutilizar o seu trabalho.

E haverá de entre os meus leitores algum, que, em identicas circumstancias, não désse valor a uma caçoada d'estas? Creio que não, e é por isso que eu sustento que os homens de lettras inspirão mais compaixão do que inveja.

Em outra occasião acabava o meu amigo de fazer um soneto em que pranteava a morte de uma respeitavel senhora, a quem tributára muita amizade e respeito. A dôr era real, e os versos, quando não tivessem outro merito, revelavão um sentimento profundo.

Estava revendo a sua obra, quando recebeu uma inesperada visita. O recem-chegado pediu a leitura com instancia, e o poeta cedeu.

Ao findar o primeiro quarteto, ouviu um soluço, e lisongeou-se por ter impressionado assim um indifferente.

Continuou a ler, a impressão do ouvinte manifestava-se cada vez mais estrondosa, e chegando ao fim a explosão appareceu.

Foi uma estrepitosa gargalhada, retida a muito custo durante a leitura do soneto!...

O auctor ficou estupefacto! Encarou em silencio o parvo, que não

comprehendêra o que ouvira, e a primeira cousa de que se lembrou para dizer-lhe, forão estes dous versos alheios :

« Conserva a estupidez d'alma no centro,
« E se é burro por fóra, é mais por dentro. »

— Quem ?... A tal senhora que morreu ? — perguntou o lorpa. — « Não, você, que se ri de uma cousa d'estas. »

Isto explica-se. O homem não conhecia do auctor senão versos jocosos, e, impossibilitado, pela natureza, de fazer a distincção, entendeu que devia rir-se, e suppunha ter sido muito attencioso guardando para o fim da leitura a manifestação do seu enthusiasmo.

Invejem ainda, se podem, o destino de um poeta !...

Apezar de tudo isto, eu já curvei a cabeça diante de um argumento com que um homem, que eu julgava feliz, tentou provar-me que eu o era, muito mais do que elle, e unicamente por me entregar á litteratura.

« Olha — dizia elle — o passado foi alguma cousa, segundo dizem; o presente é nada e o futuro é tudo ! N'isto já eu tenho pensado muitas vezes.

« Eu comprehendi o mundo, e entendi que a melhor maneira de passar a vida é gozar muito, não fazer cousa nenhuma e legar apenas grandes dividas para repartir pelos herdeiros. A dôr que sentirá o moribundo ao lembrar-se que deixa um cabedal immenso, que lhe proporcionaria os mais doces prazeres, deve ser terrivel ! O que viveu e gozou o mais que pôde á custa dos outros, morrerá tranquillo e satisfeito, porque se livra de uma multidão de credores insupportaveis. Eu gasto quanto posso adquirir, e divirto-me ; mas o futuro, meu amigo, o futuro !... Com a vocação que tenho para os divertimentos de todo o genero, que farei eu quando fôr velho, e me vir na dura necessidade de trabalhar para comer ?

« E' certo e inevitavel o meu destino. Irei a todas as festas das aldeias, e ganharei o necessario para um parco sustento, atacando foguetes, repicando sinos e tocando zabumba !...

« Assim, nos meus ultimos annos, serei forçado a dar-me ao trabalho, que detesto, privado do asseio e das commodidades que tanto aprecio !

« Tu serás mais feliz. Trabalharás então, como agora, e não terás saudades do passado, porque o não gozaste como eu.

« A pobreza e a velhice hão de forçosamente embotar-te o espirito.

« Não farás versos, não escreverás folhetins, como hoje, mas não serás obrigado a renunciar de todo a vocação.

« Velho, roto e estupido, serás ainda homem de lettras, e das lettras viverás até ao ultimo momento. Inutil para tudo o mais, encontrarás facilmente a protecção de um empresario de theatro, e morrerás pregando cartazes e distribuindo annuncios. »

F. X. DE NOVAES.

ADORAÇÃO.

A ELVIRA.

Anjo, fada, illusão, — quem és? — Estatua
No gentil pedestal jámais erguêra
Tão casta e tão perfeita, e viva e bella,
De Grecia ou Roma estatuario illustre.
Anjo, fada, illusão, — não és da terra;
Embora dos mortaes feições retrates,
Ha n'esse esmero emanação do elyseo,
E reflexos do céo. — Faisca etherea,
Destinada a animar no paraiso
Algum archanjo rei, — das mãos do nume
Escapou-se talvez, perdeu-se no ether,
E veiu-te pousar no rosto angelico.
Anjo, fada, illusão, — se não me é dado
Em amplexo d'amor unir-te ao peito,
Se não tens de mulher mais que a apparencia,
Se és feitura de Deus, — quero adorar-te.

J. Freire de Serpa. (*A Estatua*).

I

Quem és tu, Elvira?

Se és simplesmente uma mulher, porque senti eu, ao vêr-te, uma impressão desconhecida, que me submetteu para sempre ao teu dominio?

Porque te elevas, pelos dotes da natureza, á incommensuravel altura, onde, envolta em vaporosa nuvem, apenas fugitivamente posso descobrir em ti as humanas formas, quasi perdidas entre mil encantos sobre-naturaes?

Quem te desenhou sobre a face candida a celeste expressão que me fascinou, obrigando-me a dobrar a altiva fronte, a depôr, submisso, a teus pés o orgulho que me sustinha?

Como roubaste ao astro melancholico da noite a doce e pallida luz que esparges de teus olhos, cujo poder magnetico me arrasta para ti, como a crepitante chamma attrahe a borboleta innocente?

Quem te ensinou a desprender dos mimosos labios o meigo sorriso em que revelas a candura da tua alma, como a flôr patenteia a belleza interna abrindo o calix aos primeiros raios do sol?

D'onde houveste o som mavioso e arrebatador da tua voz, que em torrentes de harmonia vem inundar-me o coração?

15 Dezembro 1861

II

Se és um anjo, que destino é o teu sobre a terra, onde só eu te comprehendo, onde só eu te presto o devido culto ?

Porque escondes a tua essencia divina sob essas delicadas fórmas de mulher, confundindo-te, assim, com tantas que nascêrão no mundo e para o mundo ?

Serás tu—como diz A. Herculano—« um annel da cadeia dos entes, presa de um lado á humanidade pela fraqueza e pela morte, e do outro aos espiritos puros, pelo amor e pelo mysterio ?»

Se és, que magico poder te detem entre o céo e a terra ?

Não fôra melhor que, desligada da prisão celeste, viesses repousar docemente em meus braços recostando a linda fronte sobre um coração que é teu ; ou, solta dos laços terrenos, me segredasses ao ouvido a missão que tens a cumprir entre nós ?...

III

Virias purificar a terra com as tuas lagrimas ?

Nem d'outro modo poderia correr de teus meigos olhos o amargurado pranto, que tantas vezes se desata em fios de perolas sobre as tuas faces melindrosas.

Virias prestar aos que soffrem consolações, que só podem dimanar da mansão divina ?

Só para isso te daria o Creador essa voz insinuante, o sentimento que mostras em cada ideia, a intelligencia que revelas em cada phrase, o poder que ostentas em cada palavra.

Virias, unicamente, adoçar-me com o teu amor as amarguras de uma existencia attribulada ?

Dimana, então, do céo a doce consolação que me vem do teu amor ?

Dize, Elvira, vens mandada
Suspender o triste pranto
Que a magra face rugada
Me tem já cavado tanto ?
Fui, por fim, nos céos ouvido,
E quiz Deus, compadecido
De tão longo soffrimento,
Dar-me instantes de ventura
Mais intensa que o tormento ?...

Não foi debalde que em dias
De mais pungente amargura,
As mãos erguendo, já frias,
Em reverente postura,

Suppliquei, do fundo d'alma,
Uma existencia mais calma,
Como a dão castos amores,
Como a dá meiga ternura,
Ou o termo a tantas dôres
No gelo da sepultura ?

Se assim foi, Anjo mimoso,
Já não choro o mal passado,
Que sou hoje mais ditoso
Do que então fui desgraçado ;
Martyrios de longos annos,
Tantas maguas, tantos damnos,
Tudo agora é compensado
No puro, celeste gozo
De amar-te, de ser amado.

IV

E sou-o, querida Elvira. Tu o disseste, e dos teus labios angelicos sahe sempre a verdade, radiante como a luz do dia, pura como o teu coração onde nascêra.

E eu vivo d'este casto amor, e morreria no momento em que o destino me roubasse o amparo de tão poderoso sustentaculo.

Se uma recordação dolorosa vem annuviar-me o espirito enfraquecido pela dôr, basta um ligeiro sorriso teu para animar-me.

Se me domina a tristeza, gelando-me nos labios a palavra, volta subitamente a alegria, chamada por um rapido lance d'esses teus olhos divinos.

Se, entregue á meditação, me deixo arrastar ao abysmo do desalento, desperto ao som da tua voz encantadora, e desejo viver para escutal-a sempre, doce e harmoniosa como no momento em que me chamas.

E como hei de eu pagar-te os enlevos que me fazes gozar ; os desvelos que me patenteião a intensidade do sentimento que tive a fortuna de inspirar-te ?

Vivendo só por ti, e para ti ?

Prostrando-me a teus pés, em plena adoração ?

Eu quero a vida para amar-te ;—eu adoro-te fervorosamente, idolatrada Elvira.

V

A côr, ainda frouxa, da aurora começa a estampar-se em traços desiguaes sobre o manto, já desbotado, da noite.

Trava-se a lucta entre a luz e as trévas ;—o dia triumpha.

As avesinhas, sahindo timidas do ninho que as abrigára, elevão em doces gorgeios aos pés do Creador o cantico harmonioso da victoria.

E eu sinto-me arrebatado, como quando te escuto.

Deixando o leito, onde pensára em ti, nas longas horas da vigilia; onde te vira em sonhos deliciosos, nos breves instantes de repouso, eu dobro os joelhos diante da tua imagem, que vejo sempre, para que transmittas a Deus a matutina oração inspirada pela crença que me anima.

Busco depois o silencio dos bosques, para subtrahir-me ao bulicio da sociedade, verdadeiro exilio para o coração sensivel.

O ciciar da brisa que esvoaça por entre a folhagem, agitando-a levemente; o brando murmurinho do regato que se deslisa por entre as folhas seccas, arrancadas pelo vento; o chilrear dos passarinhos que saltão de ramo em ramo; a rapida passagem do pequeno reptil inoffensivo, que sahe da escura habitação, attrahido pelo brilho do rei dos astros;—tudo me impressiona suavemente, identificando-me cada vez mais com o sentimento que me domina: vejo ali a natureza, despida dos atavios da arte, bella e portentosa em sua primitiva nudez; curvo-me respeitosamente, elevando o pensamento ao Creador, e sinto-me inspirado para adorar-te, como a mais formosa, a mais perfeita das suas obras.

E adoro-te, candida Elvira. Eu seria verdadeiramente digno do teu amor, se as contrariedades da vida não viessem arrancar-me d'esse enlevo, lançando-me de novo no mundo, de que em tão doces momentos me esquecêra!

Se o destino te levasse a povoar aquella solidão! Se eu podesse, ali, tendo só por testemunhas o céo, e os habitantes da floresta; e,

Reclinando no molle teu regaço
Minha cabeça, e sôfrego fitando
Teus lindos olhos, unicos meus deuses,
Beijando a nivea mão, com que me afagas, (*)

revelar-te a paixão que sinto n'alma; pedir-te que ajoelhasses a meu lado, servindo-me de interprete ante o Ser Supremo.....como seria inspirada a minha prece!

Meu Deus! Tenho soffrido
Constantes dissabores,
E ao peso d'essas dôres
Curvado, succumbi;
Gelado, enfraquecido,
Julguei tardia a morte,
E a crença que era forte,
Por pouco a não perdi!

Salvou-me a linda Elvira!
N'um candido sorriso
Mostrou-me o paraiso,
Vencendo a crua dôr;
Nos olhos, onde eu vira
Do céo a luz tão pura,
Dizia-me a ternura
Que n'alma havia amor!

(*) J. M. da Costa e Silva — *O Passeio—canto* 1.°

E a duvida que, fria,
Cedêra á crença nova,
Inda, em ligeira prova
De languido poder,
Ao coração dizia
Que amor tão extremado
Não vinha ao desgraçado,
Apoz longo soffrer !...

De labios purpurinos
Faltava um juramento,
E o novo sentimento
A jura reclamou ;
E em sons quasi divinos
Elvira disse : — « Eu juro
« Que o meu amor tão puro
« A ti sómente o dou. »

N'um extasis cahindo
Aos pés do meu encanto,
Deixei correr o pranto,
Não pude a voz alçar,
Até que ao rosto lindo
Meus olhos levantando,
Elvira vi chorando,
E a côr lhe vi mudar !

Meu Deus ! Como era bella !
E o que então sentia !...
D'amores, como batia
Meu pobre coração !...
Vivendo só por ella,
Amado e sempre amante,
Fiquei desde esse instante
Em plena adoração !

Se Elvira á terra veiu
Do céo por vós mandada,
Se a vêdes adorada,
Se ouvis os votos meus,
Deixai que no meu seio
Derrame os doces prantos ;
Dos vossos Anjos tantos,
Que *um* seja meú, oh ! Deus !

VI

A luz formosa do dia, descórando gradualmente, parece querer ceder á escuridão da noite o dominio que lhe conquistára na lucta da madrugada !

Aproxima-se a hora mysteriosa do crepusculo, e um sentimento indefinido me chama para a solidão, onde as maguas são menos amargas, onde as lagrimas, correndo livremente, purificão a alma attribulada pela dôr.

Obedecendo ao doce impulso que me arrasta, eu vou sentar-me, sósinho, sobre uma elevada rocha á beira mar !

Como é bella, então, a natureza !....

E como é grato ao coração deixar-se dominar por aquella doce tristeza, que só comprehende quem ama !....

Um manto de purpura começa a desdobrar-se, estendendo-se pelo horizonte, como para receber em seus ultimos momentos o sol enfraquecido e separado do seu cortejo de luminosos raios !

Pouco a pouco, o astro brilhante vai sumindo por trás das montanhas a magestosa fronte, e a melancholia que sinto n'esse instante solemne impressiona-me suavemente, como a saudade com que te vejo ao longe, quando te afastas de mim, fascinado ainda da contemplação dos teus encantos, sentindo ainda o som arrebatador da tua voz !

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLIC
—DO—

E a lua vem surgindo, timida, com aquella suave pallidez que eu já vira em tuas faces mimosas!

E eu contemplo-a, arroubado como fico diante de ti, gozando doçuras que a linguagem humana não exprime!

E nas estrellas que a circumdão eu vejo a divina luz de teus olhos, quando, animados pelo fogo da ternura, me assegurão o teu amor!

E as ondas, lambendo as areias da praia, vêm roçar ligeiramente a solida base do throno a que subi para adorar-te!

E o rochedo, impassivel, recebe os beijos do mar, como as lagrimas que choro, tão firme no posto que lhe marcára a natureza, como no meu coração o sentimento que me impelle para ti!

E ali, a sós com Deus, longe dos homens,
E' mais doce, é mais puro o amor ardente
Que em meu peito nasceu por ti, meu Anjo,
Que as saudades e as maguas robustecem,
Que eterno fôra até, se eterno eu fôra,
E ha de existir em mim, emquanto eu sinta
Este alento vital que tu sustentas!

Eu vivo d'este amor, candida Elvira,
E se a humana fraqueza inda tentasse
Este ardor mitigar, que me alimenta,
Viria a crença, pelo amor mais forte,
Em minha alma infiltrar negro remorso,
Arrastar-me, ralado, á sepultura!..

Se o coração me diz que o Ser Supremo
Lá do céo te mandou, nuncio formoso,
Prometter-me a ventura sobre a terra,
Fundada n'esse amor, que me juraste,
Que ditoso me faz, que é minha vida,
Ai... não temas, Elvira, que á ventura
Possa o rosto voltar o desgraçado,
Cançado de soffrer longos martyrios,
Tendo visto a seus pés morta a esperança!

Amo-te, Elvira, quanto amar-te posso,
E te amára inda mais, se mais podera!
E firme serás tu, como eu sou firme,
Sempre um Anjo serás, como és agora?...
Não deixes esfriar dentro em teu peito
Essa chamma d'amor que por mim sentes;
E verás que, a teu lado, ou sempre longe,
Ou feliz, ou curvado á desventura,
E' teu meu coração, minha alma é tua,
Sempre tua será minha existencia,
E no triste suspiro derradeiro
Aos céos elevarei teu doce nome!...

EURICO.

LUIZ DO REGO E A POSTERIDADE.

ESTUDO HISTORICO SOBRE A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817, PELO CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO.

Bemvindo seja mais este livro, do infatigavel Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, a quem já tanto devem a historia e a litteratura do paiz.

Sentimos sempre mui intima satisfação quando vemos que os acontecimentos mais importantes da terra em que nascemos, que os factos que mais se achão envoltos na escuridão, vão sendo trazidos á luz, e apresentados com a clareza necessaria á apreciação publica por homens da tempera do Sr. conego Fernandes Pinheiro, que os expurgão dos erros grosseiros de que se achavão inçados, que os estudão com severidade, madureza e criterio, á luz de documentos obtidos á custa de aturado trabalho e sacrificios bem penosos.

Acha-se ainda no alvorecer de sua infancia a historia do nosso paiz; muita mina rica ha por ahi ainda a explorar, muito facto importante ha esquecido, muito documento precioso dorme o somno da indifferença na poeira das bibliothecas, no archivo das secretarias e nas repartições publicas, muito terreno ha ainda a lavrar, muita riqueza a descobrir, muitos resultados a colher; faltão-nos, porém, homens que se queirão dar a esse trabalho, intelligencias vigorosas que se mettão n'esse labyrintho de difficuldades, com animo de levarem a empresa até ao cabo, e com a circumspecção que convém ter, no mar immenso de duvidas, de inexactidões, de falsas apreciações, de deducções provaveis, com que é preciso arcar a cada momento, em cada pagina, em cada linha.

Conhecemos quanto é difficil semelhante investigar; quanto consome a paciencia o manusear constante de velhos e indecifraveis documentos; mas deveremos porventura recuar ante os embaraços e cruzar tranquillamente os braços, como os fatalistas do Oriente? Devermos esperar que venhão da Europa *catadores de factos*, que desfigurem nossas instituições, ridicularizem nossos costumes, adulterem os acontecimentos, e vão por ahi, como fazem todos os dias, dizendo e escrevendo o que nunca fizemos ou o contrario do que fazemos? Não será de lastimar que deixemos a estranhos, que nem ao menos conhecem nossa lingua, o encargo de historiarem os grandes dramas que representárão nossos pais? Embora as difficuldades, embora a má vontade, embora a falta de luz para guiar-nos, embora tudo, apostolos pacientes do progresso, mettamos hombros á empresa tão gigante, e procuremos offerecer á patria um monumento digno d'ella. Concorra cada um de nós com o seu quinhão, leve cada um sua pedra, e digamos ás gerações vindouras a historia das gerações passadas.

A revolução pernambucana de 1817, tão desvirtuada em seus fins, como infeliz em suas consequencias e resultados, não deixou com tudo de ser um dos preludios d'essa memoravel reacção, que mais tarde se manifestou poderosa em nosso sólo; foi como que o signal indica-

tivo do amadurecimento de nossas idéas; o primeiro balbuciar emfim de um povo, que via que era tempo de se libertar do dominio da metropole, de despir as roupagens de colonos e alvorecer ao sol brilhante da liberdade e da independencia.

De consequencias importantes foi ella; a oppressão, que se desenvolveu depois, irritou os animos brasileiros, que esperavão melhor occasião para adquirirem foros de livres; a hydra da revolução não se afogou, como suppunhão, no sangue que fez derramar a barbaridade d'aquelles tempos, e bem ao contrario, ainda uma vez veiu demonstrar-se á toda a evidencia que o sangue de martyres fertiliza o sólo que réga e que as idéas prégadas por labios, que sagrára a morte, — são sementes que vingão cheias de seiva, de robustez e de vida.

Acompanha o nosso amigo o Sr. conego Fernandes Pinheiro todas as peripecias d'esse grande drama, aprecia-lhe as causas, desenvolve-as com o tino admiravel, que o distingue, dando a côr verdadeira e natural aos factos, e retratando com mão segura os mais eminentes personagens de então, vinga a memoria de alguns, que a parcialidade muito apaixonada dos contemporaneos desfigurou e afeiou.

Mas é seu fim justificar o procedimento do general Luiz do Rego, que até agora, na opinião de muitos, que juravão nas palavras do distincto historiador pernambucano monsenhor Moniz Tavares, passava por verdugo cruel, sedento do sangue das victimas infelizes d'essa mallograda tentativa. E conseguiu-o o Sr. conego Fernandes Pinheiro, e conseguiu-o perfeitamente, em face da authenticidade de documentos valiosos e que nada deixão a desejar.

Fez ainda mais; não contente de arredar de sobre a memoria de Luiz do Rego a accusação de cruel que lhe fazia a posteridade, firmado no testemunho irrecusavel e sisudo de pessôas qualificadas, de homens circumspectos, em cartas escriptas na expansão da amizade, em documentos officiaes e sobretudo na apreciação dos acontecimentos,— provou exuberantemente a lealdade, pouco vulgar, de seu caracter, a bondade de sua alma, a generosidade de seu coração e os serviços importantes que prestou á essa terra, de onde o banirão e a homens ingratos, que o trahirão, mordendo a mão que os havia erguido e beneficiado.

Repetimos; é um bello trabalho esse com que nos acaba de mimosear o Sr. conego Fernandes Pinheiro; é um estudo circumspecto, em que não ha uma pagina, não aventa uma idéa, não aprecia um acontecimento, sem que se arrime á hermeneutica, que habilmente maneja, sem que se estribe em documentos que não podem ser contestados.

Esperamos que ahi não pare o Sr. conego Fernandes Pinheiro, a quem dirigimos nossas felicitações; quem tem uma penna como a sua, vai adiante, não recúa no caminho; muito ha que cultivar no vasto campo da historia patria, e o Sr. conego Pinheiro não pertence a esse numero crescido de egoistas, que dormem o somno da indifferença e sentem-se alquebrados ao menor lidar do espirito.

Padre Francisco Bernardino de Souza.

OS ESTUDANTES DE HEIDELBERG

POR

CHARLES DESLYS.

TOMO II.

V

O PACTO.

Durante a primeira parte da confissão de Conrado, nenhum ruido extranho a esse grande drama intimo havia perturbado a calma profunda, em que parecia adormecida a sala dos Cavalleiros. Se não fossem a desordem das cadeiras e os innumeros vestigios, deixados no chão por tantos pés cheios de poeira, nunca se teria suspeitado que uma hora antes a estrepitosa associação dos companheiros da meia noite ahi se havia reunido em sessão. Parecia que todos tinhão desapparecido; nada indicava que algum d'entre elles houvesse ficado, aguilhoado por indiscreta curiosidade.

Entretanto, ligeiras ondulações agitavão um dos reposteiros de velludo preto no fundo da sala. Seria porventura o vento da noite quem agitava-o assim tão brandamente?

Ninguem notára-o, perém, nem as duas moças, nem o mancebo. Essas, terrivelmente preoccupadas, conservavão ainda a mesma attitude, a mesma immobilidade que no principio da narração de Conrado; quanto a este, interrompêra-se um momento apenas para limpar o suor gelado da fronte.

Tomando folego, assim proseguiu:

« O retrato de Segismundo quasi immediatamente tornou ao seu logar após o homem do manto vermelho, que dirigiu-se para mim e disse-me:

« — Bòa noite, barão Conrado! Estais um pouco mais razoavel agora; assentemo-nos e conversemos!

« Não era mais tempo nem de escutar nem de fallar; fiz, pois, francamente a minha proposta.

« — Tornai-me rico! disse-lhe, e tomai desde já vossas garantias sobre minha alma! Não é isto o que quereis?

« — Pouco mais ou menos.

« — N'este caso concluamos o negocio, Satanaz...

« A' esta palavra fui interrompido por uma gargalhada.

« — Não mereço tanta honra, Sr. barão; não sou o diabo.

« — Quem sois então?

« — Simplesmente o chefe dos companheiros da meia noite.

« E fez-me uma profunda cortezia.

« Mudo de sorpresa, duvidando ainda, recuei machinalmente até á cadeira em que cahi.

« Sem de modo nenhum parecer admirado d'esse movimento, o omnipotente salteador assentou-se em uma cadeira junto de mim, acendeu o charuto, e começou a explicar-se mais categoricamente.

« Os companheiros da meia noite erão então perseguidos com tenacidade; e por mais numerosos e temiveis que já fossem, uma destruição radical ameaçava-lhes a mysteriosa associação. Para escaparem aos esforços do grão-duque, que, sabião elles, não tinha dinheiro nem soldados, carecião de novo domicilio, desconhecido de todos, e que, a ser preciso, podesse sustentar um cerco. O velho castello de Rosenthal convinha-lhes perfeitamente; toda a quadrilha podia asylar-se em seus subterraneos profundos, achar-se-ia abrigada por suas muralhas espessas, e, mais que tudo, protegel-os-ia contra a suspeita a honra dos Rosenthal. Mesmo quando alguem houvesse que para lá apontasse, ninguem o acreditaria; e, além d'isso, a legenda que se prendia ao castello conservava em distancia os supersticiosos habitantes das circumvizinhanças, e fazia d'elle o mais precioso covil de salteadores que era possivel imaginar-se.

« De ha muito, pois, os companheiros da meia noite tinhão em vistas o castello de Rosenthal; elles o espreitavão como uma presa, cuja posse a miseria lhes facilitaria, e estavão dispostos a compral-o, qualquer que fosse o preço.

« Entretanto, em nome de todos, impunha o chefe uma condição.

« Era mister que o ultimo dos Rosenthal se alistasse em suas fileiras por um pacto escripto; querião não só o seu castello, não só a sua palavra, como tambem a garantia da sua assignatura.

« Oh! acreditai-me, Helena.... não hesitei em recusar com toda a altivez. Mas o homem do manto vermelho insistiu. Não era Satanaz, é verdade, possuia, porém toda a astucia d'elle, a palavra tentadora, o olhar fascinador.

« — Que tendes vós com isso, Sr. barão? dizia-me elle. Não pretendemos de modo algum obrigar-vos a tomar parte em nossas proezas: conservar-vos-heis estranho, se assim o quizerdes, a tudo quanto se passar no vosso velho solar. Para salvar as apparencias, edificar-vos-hemos um novo, quasi tão rapidamente quanto o antigo... Esquecereis este encontro.... e até não nos conhecereis. Sómente na hypothese, sem duvida inverosimil, de que possais ter a velleidade de atraiçoar-nos, julgamos de necessidade guardar em nossos archivos duas linhas vossas; d'ahi nunca sahiráõ, a menos que para isso não deis motivo. Toda a vantagem acha-se, pois, do vosso lado; um castello novo a troco de velhas ruinas; em vez da miseria, tanto ouro quanto vos aprouver; em logar do desespero, o ideial dos vossos sonhos. Ora vamos, Sr. barão, não hesiteis mais! Aqui está o talisman; algumas lettras sobre o papel, e vossa será aquella a quem amais. Ella vos espera.... as horas correm.... e d'aqui a pouco será tarde.... Assignai!

« E ao mesmo tempo apresentava-me um pergaminho.

« A mesma hallucinação, o mesmo desvario que me havião preci-

pitado para o escudo, apoderárão-se de mim. Pareceu-me que demorando-me mais um minuto, perdia-vos para sempre.

« Peguei na penna e assignei.

« Depois, estendendo o pacto ao salteador, disse-lhe:

« — Agora cumpre-vos satisfazer a vossa promessa! Quero partir n'este momento.

« — Espera-vos á porta do castello, respondeu-me, um cavallo veloz como o vento, e achão-se preparadas mudas até aos confins da Hungria, onde chama-vos aquella que amais. Bôa viagem, Sr. barão!

« Pronunciando estas palavras com a delicadeza de um fidalgo, o bandido percorreu o pacto com os olhos, e lentamente o dobrou.

« Mas antes de mettel-o na algibeira, ergueu o pergaminho e mostrou-m'o, dizendo:

« — Lembrai-vos, Sr. de Rosenthal, que isto representa não só a vossa vida, como a vossa honra.

« — De sobejo o sei, respondi-lhe impaciente e já prompto para partir; mas, uma vez que tão caro o paguei, e adiantado, não vos demoreis em entregar-me o que me vendestes.

« — E' muito justo, Sr. barão! respondeu o salteador.

« E aproximando-se do retrato de Segismundo, por tres vezes bradou comvoz stridente.

« — Herodes!

« O meu antepassado de novo desappareceu, e pela porta secreta, que escondia, vi entrar o velho judeu que me havia comprado o diamante.

« Trazia elle debaixo do braço esquerdo o mesmo cofre bysantino, do qual tirára os dois mil florins em Francfort. Na mão direita apertava uma carteira preta.

« — E' o nosso banqueiro! disse-me, apresentando-m'o, o chefe dos companheiros da meia noite.

« — Sou vosso criado, Sr. barão, rosnou o velho Herodes; bem vêdes que eu tinha razão quando vos dizia em Francfort: « Até á vista! »

« E fez-me tão profunda cortezia, que a barba tocou-lhe quasi a cintura.

« Depois estendendo-me a caixinha e a carteira, continuou:

« — Aqui tendes ouro para as despezas da viagem; n'esta carteira encontrareis saques para todos os ricos banqueiros israelitas da Allemanha e da Hungria. Bôa viagem, Sr. barão; bôa viagem!

« Eu já descia a escada.

« Acompanhárão-me até ao pateo, com muitos comprimentos, os dois companheiros da meia noite.....ah! e já não era eu tambem um d'elles?...

« Esperava-me á porta um magnifico cavallo; foi o proprio capitão quem m'o apresentou pelas redeas.

« — Dentro de tres mezes, disse-me contendo com pasmosa destreza o animal impaciente, quando voltardes com a baroneza de Rosen-

thal, encontrareis na encosta da montanha uma residencia digna d'ella e de vós.
O architecto já foi escolhido e apresentou a planta; tudo estará prompto quando voltardes.

« Herodes dizia-me tambem, collocando a caixinha a um lado da sella e n'um escondrijo que parecia ter sido feito de proposito para receber o precioso fardo.

« — Quando a caixinha e a carteira estiverem vasias, não receieis importunar-me, Sr. barão; conheceis a rua e a casa... e ali me achareis.

« Apenas dignei-me balbuciar um agradecimento. Montei, cravei as esporas na barriga do animal, que partiu a galope.

« Mas antes de partir, vi pela ultima vez o sorriso do judeu, e o olhar do homem do manto vermelho.

« Esse olhar, esse sorriso levava-os eu comigo como uma lembrança de terror, como um principio de remorso.

« Entretanto, durante toda a viagem, não pensei no passado; unicamente no futuro se fixavão as minhas vistas. Emfim era rico, e como certo considerava o consentimento de vossa mãi. Devorava o espaço para vos poder vêr o mais breve possivel; iamos unir-nos, iamos ser felizes!

«. A viagem foi rapida como o relampago. Segundo m'o tinhão dito, achava um cavallo em cada muda. E que cavallos! Nunca principe de legenda, em tempo algum favorito de fadas, atravessárão tão rapidamente a velha Allemanha. Emfim cheguei.

« Dia maldito! Oh! deveis recordar-vos tanto quanto eu, não é assim Helena?....Sahieis precisamente da capella....ereis esposa de um outro....cheguei demasiado tarde!

« O que passou-se durante alguns mezes que se seguirão?... Não recordo-me, ou antes, nunca o soube. Aniquilára-me completamente o desespero; não era mais que um cadaver vivo, um espirito em delirio, uma alma afflicta.

« Finalmente um dia, achei-me ao pé d'esta montanha, e ia subil-a para entrar no meu velho solar.... havia-me esquecido de tudo!.... quando na encosta da montanha vi o castello novo que resplendia aos ultimos raios do sol no occaso.

« Muitas pessoas vierão ao meu encontro com grandes saudações; fizerão-me entrar. O retrato de Segismundo-o-diabo fôra trazido para a camara em que me achava. Recordei-me então de tudo.... Estava em minha casa!

« Longa e terrivel molestia ahi assaltou-me... soffri muito e talvez tivesse morrido, o que seria melhor, se não fosse Bertha, que ja habitava o castello. Emquanto o edificavão, havião-n'a levado, em meu nome, para a casa de uma velha parenta. Depois, tambem em meu nome, a conduzirão para elle, havião-lhe contado não sei que historia a respeito da nossa subita mudança de fortuna. Nunca ousei fallar-lhe a esse respeito. Ella acreditou o que os outros acreditavão; e o que ninguem teria conseguido, conseguiu-o ella: salvou-me.

« Então, para esquecer, para atordoar-me, causei a admiração da Allemanha com o meu luxo, as minhas prodigalidades, as minhas loucuras. Tanto fiz que, no fim de um anno, nada me restava, nem na caixinha, nem na carteira.

« Voltei a Francfort, rua dos Judeus, á casa do velho Herodes, que ainda d'esta vez pareceu-me estar á minha espera; porém elle não estava só. Tambem lá se achava o homem do manto vermelho.

« — Quereis dinheiro, disse-me elle, muito dinheiro... um credito inexgotavel... Perfeitamente bem! mas com uma pequena condição...

« — Ainda... e qual então?

« — Eil-a. Como já o sabeis, sou o chefe dos companheiros da meia noite; mas tenho gostos simples... um ideial rasteiro... Quizera retirar-me d'esta lide e voltar á vida particular... ir, por exemplo aos confins da Moravia plantar couves e morrer, se fôr possivel, em odôr de santidade! O que quereis? O diabo mais velho fez-se ermitão... Mas infelizmente não posso fazer outro tanto!

« — Quem vo-lo impede?

« — O artigo 17 do nosso codigo... Achamo-nos em lucta declarada contra as leis da sociedade, mas respeitamos religiosamente as nossas... Ora, em virtude do artigo 17 nunca será possivel a demissão do chefe, sem que apresente elle um successor, que seja acceito por todos.

« — E porque o não apresentais?

« — Porque exige o artigo 13 que seja fidalgo o chefe dos companheiros da meia noite, e presentemente conheço apenas um fidalgo digno de substituir-me... a mim que descendo de uma familia quasi soberana... e chama-se esse fidalgo o barão de Rosenthal.

« — Eu!...

« — Sim, vós!... Reprimi por um momento a vossa muito justa indignação; reflecti no que se vos propõe! Ser chefe dos companheiros da meia noite... é ser mais do que rei... é ser imperador da Allemanha... Sim, pertence-me a Allemanha inteira. Poder absoluto, illimitado, quasi sobre-humano.... aqui está o que vos offereço, barão Conrado! E' uma vida de emoções, de luctas e de festas perpetuas; é a unica existencia que permitte felicidade ás naturezas ardentes como as nossas quando ainda possivel lhes é a felicidade... é tambem a unica que lhes dá o esquecimento quando impossivel lhes é a ventura!

« Esquecimento! esta palavra feriu o alvo e eu tornei-me pensativo.

« Por espaço de mais de uma hora continuou o salteador no mesmo tom. As palavras transbordavão-lhe dos labios como a lava em fusão, e quando esfriárão, quando elle parou, pertencia-lhe eu... como Herculanum ao Vesuvio!

Em summa, o barbaro tinha dito a verdade; minha vida desde então não foi mais do que uma embriaguez febril, um somno produzido pelo opio.

« Despertei no dia em que me escrevestes :
« Sou livre... amo-te ainda, posso ser tua ! »
« Comprehendeis, Helena ?... Comprehendeis agora ?
« Esse terror que gelou de repente minha alegria ; essas agitações incessantes, pelas quaes parecia paralysado o meu amor; essa extranha tristeza, essa pallidez ; meus combates, minhas recusas, meus soffrimentos... dizei Helena... comprehendeis tudo agora ?
« Entre nós havia um obstaculo que eu não podia transpôr, que eu não queria que o transpuzesseis; entre nós erguia-se um abysmo... uma palavra minha vos teria arremessado n'elle... essa palavra... era a minha felicidade... e eu não a proferi !
« Nunca, Helena, nunca teria eu tido essa coragem... Amava-vos muito !
« Deu-se esta catastrophe, e agradeço-a a Deus, só ella me podia dar a força do meu dever.
« Tudo sabeis, Helena... Adeus, pois... adeus para sempre ! Alto destino vos espera... vós m'o sacrificaveis, e eu não o quero ! Não soube conservar-me digno de vós, saberei ao menos punir-me... não vol-o disse já ?... Constitui-me juiz de mim mesmo !
« Entretanto, não vos assuste esta palavra ; Helena, Bertha, não vos assusteis ! O castigo que me infligi, não é o de me ir entregar ao algoz. A contar d'agora, não sou mais o chefe dos companheiros da meia noite, porém, além d'esses homens e de vós, ninguem mais saberá que eu o fui. Publica não será a nossa vergonha : puro deve convervar-se o nome dos Rosenthal.
« Não receieis tambem que eu termine os dias com um covarde suicidio ! Condemno-me a mais pungentes soffrimentos, condemno-me a viver !

Conrado calára-se.

Com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça erguida e o olhar altivo agora, porque acabava de regenerar-se nas aguas vivas da consciencia, semelhava um anjo decahido, não pelo orgulho da sua quéda, mas pela dôr incommensuravel, em que torturava-o a resolução do seu exilio. A resignação parecia transfigurar-lhe o rosto ; n'elle havia alguma cousa de fatal, alguma cousa de heroico.

A condessa Helena ergueu-se lentamente ; Bertha, em cujo olhar debuxava-se a anciedade, procurava lêr em suas feições. Ambas derão ao mesmo tempo um passo para Conrado, ambas entreabrirão os labios.

Mas, concontrando-se seus olhos, comprehendêrão ellas que tinhão o mesmo pensamento e a irmã deixou fallar a amante.

— Conrado, disse Helena, acabais de dizer-nos que não attentareis contra os vossos dias; não basta, é preciso que o jureis.

Sorriso amargo franziu os labios de Conrado, e com voz franca respondeu :

— A menos que não seja para fugir ao cadafalso, juro-vos que não me matarei, nem mesmo procurarei a morte.

Ligeiro vislumbre de satisfação reanimou por um momento o semblante das duas moças.

Helena deu mais um passo para Conrado, e com energica serenidade e doçura inexprimivel, disse-lhe :

— Sr. barão de Rosenthal, não ha quéda, por mais profunda que seja, de que se não possa erguer um homem de bem. Achais-vos actualmente mergulhado nas trevas, comprehendo-o; mas tentai um esforço para voltar á luz. A' borda d'esse abysmo do qual exige a honra que vos arranqueis, para ajudar-vos, para suster-vos, haverá sempre uma mão que se vos estenda !

— Não falleis assim, disse vivamente o misero, a quem até a esperança assustava; não o mereço, não o quero... Helena, nem mais uma palavra !... D'ora em diante nada mais é possivel entre nós... não, nada ! Silencio, minha irmã !... O dia vai despontar. Mandei dizer aos vossos criados que trouxessem o carro até aqui; consenti que vos acompanhe até sahirdes das ruinas. E depois, ali... em um ultimo olhar somente... o ultimo adeus !

E, sem mesmo notar no movimento da condessa, que se debruçava para elle, nem nas mãos supplicantes de Bertha, que se lhe estendião, voltou-se de repente e poz-se a caminhar para diante.

Silenciosas, aterradas, as duas moças o acompanhárão.

Minutos depois chegavão ás ultimas rochas que defendião as proximidades do castello, e ainda erão envolvidas por espessa nevoa.

Os criados da condessa, perdidos no nevoeiro, parecião sombras errantes entre os rochedos.

Entretanto parárão de repente ao ruido dos passos.

Um d'elles, envolto como os outros em amplo casacão, abriu a portinhola.

O cocheiro subiu rapidamente á boléa.

Instantes depois Conrado ia seguindo seu caminho.

Voltárão-se as duas moças, esperando vêl-o ainda uma ultima vez.

Encostado á uma das rochas o profil de Conrado era apenas visivel em meio do nevoeiro.

Evidentemente elle se quizera impôr o sacrificio do ultimo adeus.

Helena subiu tristemente para o carro; e após ella Bertha, mais triste ainda.

A portinhola fechou-se e a caleça partiu á galope.

Só então destacou-se Conrado do rochedo que lhe servira de apoio, e puxando do cinto um apito de prata, tirou d'elle tres sons agudos.

Um negro appareceu immediatamente, ou antes, pareceu sahir do chão; pois tal foi a promptidão de sua obediencia, que mais semelhava um demonio posto ás ordens do mancebo por algum poder sobre-humano.

O negro trazia um cavallo.

Conrado montou-o rapido e de longe acompanhou a caleça, para ainda velar sobre os seres queridos que ella encerrava.

A nevoa da manhã começava a dissipar-se. Brincavão os primeiros raios do sol nas folhas ainda humidas, entre as quaes parecião dia-

mantes as gottas do orvalho. As moitas, animadas pelo calor, fazião ouvir mil zumbidos de insectos alegres; por toda a parte ouvia-se o trinado das aves. Toda a natureza tomava as vestes da primavera e cantava com suas mil vozes as harmoniosas canções das manhãs do mez de maio.

O cavalleiro descobriu então a caleça, cujo ruido apenas até agora ouvira : affrouxou o passo do animal, e conservando sempre a distancia que se queria impôr, continuou a seguil-a a trote curto.

Nenhum vulto suspeito, porém, mostrava-se nos arredores. Na floresta, como no velho castello, os companheiros da meia noite só na lembrança parecião existir. Helena e Bertha nada mais tinhão a receiar.

Todavia Conrado acompanhou a caleça até á extremidade do bosque, até poder distinguir ao longe as torres do castello da condessa.

Fazendo violento esforço sebre si, parou; mas seus olhos e coração seguião ainda o carro.

A caleça desappareceu ao longe.

Um suspiro de desespero, um soluço despedaçador solevou o peito do pallido mancebo, que com repentina violencia, voltando a redea ao animal, partiu em desabrido galope por atravéz da floresta.

Durante duas horas correu assim. Conrado carecia d'esse exercicio desordenado, d'esse ar vivo que lhe açoutava o rosto, mas sem refrescar-lhe a fronte ardente. Pouco importava-lhe o espaço corrido : precipitava o cavallo, não dirigia-o.

O cavallo voltou, pois, ao logar de onde partira, ás rochas negras do velho Rosenthal; e ahi alquebrado de cançaço, coberto de espuma, deu um longo gemido, que em sua linguagem sem duvida queria dizer : « E' tempo de descançar; paremos aqui ! »

Conrado pelo menos assim interpretou-o. Ha instantes de grande dôr em que o cavallo comprehende o cavalleiro e o cavalleiro o cavallo.

Conrado apeou-se e deitou em redor de si um olhar de admiração.

Muito longe estava de pensar que tinha voltado ao velho solar de Rosenthal.

— Ah ! sim, entendo, murmurou elle amargamente, é esse o ponto de partida fatal, para onde á força traz-me o destino, onde acha-se encadeiada a minha vida : devo sempre voltar para aqui... sempre ! Oh ! não ! saberei reconquistar a minha liberdade, ainda que para isto seja mister aniquilar os miseraveis aos quaes vendi minha alma !

— Perdão ! disse de repente uma voz por traz da rocha vizinha : perdão, capitão. Convém-nos muito o nosso chefe para lhe permittirmos que rompa o pacto que o agrilhôa aos companheiros da meia noite !

E Schwartz appareceu ante Conrado.

O feroz salteador sustentava-se a custo á clavina : tinha a fronte envolta em uma facha manchada por alguns pingos de sangue.

— Ainda vive este pobre coitadinho ! disse rindo-se e aproveitando-se do silencio de Conrado, que parecia interdicto. Entretanto a

pancada foi bôa, mas tenho a cabeça dura e não morro por tão pouco. E demais seria uma desgraça para a companhia ; porque, se ahi me não achasse, com os diabos ! pouco se vos daria, Sr. barão, de atraiçoar os amigos.

— Miseravel ! bradou emfim Conrado, dando um passo para o bandido.

— Deixai-vos de palavrões ! continuou Schwartz com mais ironia ainda ; e sobretudo, nada mais de caricias á mão armada ! digo-vos isto em vosso proprio interesse. Capitão... Deixai-me explicar... Se cahir um só cabello da minha cabeça, se dentro de uma hora me não achar em certo logar da floresta, que só eu conheço, e para onde acabão de ser levadas, por ordem minha, duas mulheres.... ellas serão dous cadaveres !

— Desgraçado ! o que dizes? exclamou o mancebo que recuava ante o olhar feroz do salteador.

— Não me comprehendeis ainda ?... continuou Schwartz ; é preciso fallar com todos os *ff* e *rr*. Pois bem ! eu me havia arrastado até um dos reposteiros da sala dos Cavalleiros ; tudo ouvi. E antes que sahisseis, sahi eu... Adivinhais para que ?... Não !... Pois bem : n'este momento achão-se enterrados na floresta os criados da condessa Helena ; os que os substituirão erão homens meus, e peço-vos que acrediteis que não foi ao seu castello que elles a conduzirão... Era preciso que prestasseis mais attenção, Sr. barão ; não só vinguei-me, como até tenho refens contra a vossa traição. Sereis nosso chefe, quero-o eu ! E d'ora em diante, tudo quanto eu quizer fal-o-heis... ou senão.... as duas moças estão á minha mercê ! Feri-me agora, Sr. barão, se o ousais ! Estais advertido... Eis ahi tudo quanto tinha a dizer-vos !

(Continúa.)

A TAPÉRA DOS NAMORADOS.

—

Conto brasileiro

DE REINALDO CARLOS MONTORO.

(1830—1850.)

I

Entre a pequena cidade de Valença, assentada em formosas varzeas, e o arraial da Conservatoria, cuja matriz se ergue com elegante architectura, sorrindo ás negridões das montanhas proximas, ha uma serra alta, aberta em valles sombrios, erguida ao céo em pincaros de pedra, a qual se prolonga pela margem direita do Rio Preto. Contão

as tradições que ahi ião acoutar-se em eras mortas os indios do valle, quando alguma bandeira de brancos aguerridos entrava pelas terras baixas, assolando as margens do Rio Bonito com suas conquistas arbitrarias. E' raro o dia em que as nevoas não assentão sobre os cumes da serrania, envolvendo de crepe funebre esse asylo, que o indio pisou livre e indomito, e que hoje acolhe uma população menos guerreira e mais industriosa.

Pelas ultimas horas de uma tarde de Janeiro, em que os horizontes se carregavão de vapores negros, subião dous cavalleiros pelo trilho que vai da varzea ao interior da serra, contornando as grutas e bocainas, que a cada passo se multiplicão. De ambos os lados do escasso caminho erguião-se as enredadas vegetações da matta, que raras vezes se abria, para deixar apparecer o leito de alguma torrente, precipitando-se pelos rochedos tremulos da cachoeira, ou alguma situação em principio, com a sua casa baixa de sapé, e a sua roça de milho, roubada exiguamente á matta, que tudo circumdava.

Os cavalleiros ião subindo um após outro, bastante aborrecidos do aspecto da tarde, que ameaçava com peior noite, da solidão da serra, e da chuva que começava a cahir, impellida pelo vento sul, queaçoitava os mais altos ramos das arvores seculares. O que ia adiante, mais moço, envolvido em um sobretudo preto, com um chapéo do Chile desabado, parecia alto, de physionomia estrangeira e jovial, amplos cabellos loiros cahião-lhe sobre a golla, e ia assoviando uma valsa allemã, emquanto esporeava a mula, que não continuava a jornada de muita boa vontade. O companheiro, homem velho, de cabellos grisalhos e grossos, feições accentuadas, moreno, de olhos fundos e estatura robusta, parecia pertencer á classe d'esses camaradas mineiros, que se proporcionão em qualquer arraial da provincia aos passageiros. Trazia na cabeça um chapéo de pello de lebre pardo, meio estragado pelos temporaes e carregado sobre os olhos; desdobrava-se-lhe pelas costas um ponche de panno azul, forrado de baeta encarnada, que confessava pelos buracos a quantidade dos annos; calçava botas curtas de couro branco de veado, carcomidas pelas lamas e ratos, pragas inseparaveis dos viajantes da serra. O animal, macho ruço, que devia contar bastantes janeiros, ter provado bem exiguos pastos, e ainda peiores embornaes de milho, estava mostrando por todos os lados a robustez da ossada; apezar d'este estado valetudinario, o dono cobrira-o com arreios de couro crú de S. Paulo, transados com esmero, e que apezar de ensebados pelo uso, ainda se annunciavão como trophéos de passada fortuna.

Para contentar d'esde principio a curiosidade das bellas leitoras que nos honrarem com sua attenção, declararemos, sem emphases oratorias, que o mais novo era um caixeiro allemão, em cobranças da casa S.....do Rio de Janeiro, chamava-se Alberto Lieben, era excellente rapaz, melhor copo, agil dansarino, e scismador eterno de estradas, sobretudo quando encontrava alguns olhos pretos por entre os espinhaes das cercas do caminho. O seu companheiro era o muito honrado Sr. Lourenço Francisco, camarada de profissão, homem

traquejado em tropas e arreios, travessias e corregos, e que sabia de cór a Mantiqueira e a Serra do Mar, desde os campos da Casa Branca até ás mattas intrincadás de Itabapoana.

O Sr. Lourenço, a quem devemos consagrar um paragrapho biographico, era um d'esses typos peculiares que cada paiz offerece, como o *flaneur* de Pariz, o estudante allemão, o lazzaroni napolitano, e o saloio lisboeta. Vestigio derradeiro d'aquella raça de bravos que entrou de S. Paulo pelas mattas de Minas, e cujo heróe foi Vianna, homem de engenho, que deixou nos feitos uma novella de cavallaria aos futuros escriptores brasileiros,—ainda guardava alguma seiva intrepida d'aquelles Buenos e Lemes, que ião, através dos rios colossaes e mattas de cem leguas, explorar as Minas de Cuyabá, Diamantina e Goyaz. Mas assim como os romanos degenerárão, o nosso velho camarada tambem perdêra algumas das qualidades energicas dos velhos tempos ; de explorador das mattas convertêra-se em arreeiro de tropas, e se nem os atoleiros o assustavão, nem os rios caudalosos o retinhão, já tirava o chapéo e fazia cortezias á qualquer boiadeiro ou muladeiro, que pelos ranchos do caminho topava. A' noite, na venda da estrada, quando a chuva de pedra batia rija nos vidros quebrados da janella, e o vento entrava zunindo pelas frestas da porta, e ia ameaçar a candeia, que ainda ha pouco allumiára os joviaes parceiros da dança do fado e do jogo do truco, o nosso homem encommendava a alma a Deus, e fazia signaes da cruz ao diabo, que ronda á roda das casas isoladas. Então, se algum dançador, desgarrado do bando, ficára deitado pelas marquezas do pouso, em vez de seguir as mulatinhas aos seus casebres da serra, era bom ouvir o velho camarada contar as lendas phantasticas da terra. Tirando da algibeira um maço de palhas de milho já preparadas, escolhia a mais assetinada, cortava de um pedaço de fumo o necessario para encher um valente cigarro, e acendendo-o á candeia, ia deitar-se voluptuosamente, entremeiando a conversa de largas baforadas de fumo. Vinhão então a pello os lobis-homens, que vagueião á meia noite pelos terreiros das fazendas,—o cavallo sem cabeça, que persegue os passageiros na escuridão das estradas,— o molequinho diabolico, o engraçado sacy, que se lhes repimpa na garupa, e os faz perder pelas travessias do matto. De vez em quando, se alguma coruja esvoaçava de encontro á telha vã, ou latia ao longe algum cão de guarda, o homem levantava-se um pouco para olhar em roda, atiçar a candeia, e rezar uma ave-maria. Não pensem comtudo que o homem era medroso, ao contrario, acreditava mais em Deus do que nas bruxas, não gostava dos capitães-móres, nem dos modernos subdelegados, e rosnavão por ahi os malquerentes que o velho patricio de Silva Xavier queimára tambem a sua escorva no arraial de Santa-Luzia, em uma jornada bellica, de que sempre se lembrava com ufania e tristeza. O bom homem gostava de politica ; lêra em outro tempo os jornaes da terra, e queria dar o voto a quem não fosse cascudo ; mas como as questões de politica sabião ha tempos a metaphysica, recolhêra-se aos bastidores, trocando as dissertações sobre a reforma judiciaria e a lei das

terras (*) por mais alegres praticas ácerca das bonitas raparigas, que em outro tempo festejavão os mascates lá para as bandas de Uberaba e Paracatú.

Este todo, alegre e scismador, serviçal e independente, era sem duvida a transição do homem do povo primitivo, rude, livre, crente, com os vicios da ignorancia, mas com as generosidades da irreflexão, para o homem do povo de nossa sociedade industrial, que troca o amor da liberdade pelo rancor aos ricos, e que se dobra até ao chão nos dias normaes, para levantar-se irado e vingativo nos dias de motim e mortecinio. Por isso os homens da cidade, quando o tomavão por camarada, a principio extranhavão-lhe o caracter, mas em breve acostumavão-se ás desigualdades de seu procedimento, e prezavão-lhe os actos espontaneos de dedicação com que alternava a rudez das maneiras. O nosso Alberto Lieben, que estava pouco practico dos caminhos de serra á cima, tomára-o havia um mez a seu serviço, e como allemão de legitima tempera, em breve dera-se a philosophar sobre aquella natureza singular, que para elle era o melhor achado de toda a sua viagem. Portanto, para quebrar a monotonia da excursão, ia interpellando-o amiudadas vezes ácerca das aventuras da sua vida, das esperanças que traçava para o futuro, e dos logares por onde passavão, ao que o velho Lourenço, respondia logo, sem pestanejar, com opiniões formadas, factos bem expostos, e certa habilidade de narração, que não desmentia o sangue algarvio ou alemtejano, com mescla arabe, que lhe gyrava nas veias.

Assim forão subindo pelo trilho d'aquella serra sombria, ao passo que a noite já ia cobrindo de escuridão as capellas fundas da floresta, e as bacias torrenciaes das grotas, augmentada ainda pela chuva, que se tornára copiosa. Alberto, chegando á entrada de uma garganta estreita, ladeada de rochedos, que ião até ás grimpas de ambas as montanhas cobertas de mato cerrado, parou o animal, e voltou-se para o velho Lourenço :

— Então aonde iremos pousar hoje ? Quanto dista d'aqui á fazenda do capitão Leonardo ?

« Patrão,— respondeu-lhe o camarada,— d'aqui lá ha umas boas duas leguas, que eu não lhe aconselho atravessar á estas horas, e com o tempo que vai. E' verdade que pousada por aqui não me consta que haja, á excepção das casas desertas da *Tapéra* ; mas d'essas livre-nos Deus ! »

— E porque ? Havemos de ficar expostos á chuva no caminho, ou enterrar-nos no tijuco, só para não descontentar a sua birra de todas as casas velhas ?—

« Jesus ! pois então o patrão não sabe o que é a *Tapéra dos Namorados ?*

— Querem vêr que é algum covil de salteadores ! oh que fortuna !

(*) N'estas e n'outras questões internas não fazemos mais do que pintar costumes, sem emittir juizo proprio.

E o legitimo patricio de Schiller bateu palmas, julgando ter de haver-se em breve com algum Vampa ou Carlos Moor.

« Está enganado, meu amo, felizmente aqui, nesta terra, não ha ladrões de estrada, nem pequenos, nem grandes; o covil é de almas do outro mundo, e não de malfeitores do mundo dos vivos.

— E que especialidade de almas teremos por lá? perguntou o allemão, não podendo occultar o prazer, que a perspectiva de um encontro poetico lhe causava.

O camarada persignou-se, tirou o chapéo, e á luz de um relampago respondeu a Alberto com voz lugubre e pesada:

« Já que o quer saber, vá por sua conta. Dizem que, á meia noite, quando as feiticeiras vêm acender as luzes nas covas dos mortos, sahem do cemiterio da antiga fazenda dois fantasmas grandes, vestidos de branco, homem e mulher, que vêm chorar e abraçar-se por entre aquellas ruinas. Que Deus os tenha em sua sancta guarda! »

E o bom velho começou uma ladainha de padre-nossos por aquellas duas almas em pena, ladainha que Alberto interrompeu de repente, batendo forte pancada sobre a anca da mula:

— Sabe, Sr. Lourenço, que não ha dinheiro com que possa pagar-lhe a descoberta com que mimoseou-me? Uma casa abandonada, com apparições á meia noite, um par de almas que se lamentão eroticamente, e isto tudo de envolta com uma tempestade tremenda em perspectiva, são riquezas que eu troco por todas as suas minas da Bagagem. Temos ainda roscas e queijo nos alforges, parece-me que a frasqueira, que traz a tiracollo, deve conservar algum restillo; portanto, eia, avante! vamos para a Tapéra, e fique certo que, só ou acompanhado, não me tirão de lá hoje, antes da meia noite!

E o bravo tudesco arremetteu pelo trilho acima, cantarolando a caçada dos hussaros de Lutzow.

Lourenço fez tres vezes o signal da cruz, esteve para voltar para traz, e deixar o temerario patrão enredar-se em tão louca aventura; porém, reflectindo sobre seus deveres, seguiu-o, não deixando de apalpar por baixo da camisa de algodão mineiro a reliquia, que lhe dera um irmão da Terra Sancta.

« Em todo o caso,— disse elle comsigo,— sendo o patrão herege, é provavel que o diabo o agarre primeiro, e me dê tempo de pôr-me a salvo. »

II

Erão oito horas da noite, quando os dois cavalleiros, rompendo por entre a chuva copiosa que desabava do céo, castigados pelos espinhos da mata, chegárão emfim em frente á Tapéra. Ao fuzilar do horizonte, em que rugia o trovão, repercutindo o estampido pelas cavidades da serra, appareceu-lhes a casa em ruinas, no fundo do vasto terreiro, cercado de um muro esboroado, a que dava entrada um

portão pendente, e que preso ainda pelos restos das dobradiças enferrujadas, era continuamente balançado pelo vento, e ia bater de encontro aos esteios. A' roda da vivenda abandonada erguia-se já densa capoeira, que sombreavão duas altas serras parallelas; no meio do terreiro crescêra o sapé; as corujas esvoaçavão, dando gritos lugubres, por entre os telhados derreados, e ao longe ouvia-se o latir funebre dos cães de guarda das situações.

Em um lance de olhos correu Alberto a perspectiva sinistra do pouso que escolhêra, e acolhendo-a com a satisfação de quem acha emfim um ideial difficil, para lá endireitou, seguido pelo camarada, que ao menor ruido mysterioso tremia, e olhava para traz espantado. Abrindo o portão, entrárão pelo terreiro, e forão apear-se ao pé do andar terreo da casa abandonada. Lourenço prendeu ás escondidas o seu velho macho, que tremia e negava-se á redea, em um poste do terreiro proximo á sahida; o allemão, logo que pôde sondar pelas trevas da noite as proporções do edificio, entregou a mula ao camarada, para que a fosse soltar entre os capinzaes do terreiro, ao que o velho astuto não se negou; tendo o cuidado de tirar os arreios ao animal, para que, emquanto o diabo se entretivesse com o patrão, e este buscasse a cavalgadura, elle podesse fugir mais desafogadamente. Mas n'estas cogitações levára tanto tempo por entre as hervas altas do terreiro, que o amo gritou-lhe com força:

— O' Sr. Lourenço, anda resando pelas almas dos namorados? Ande, traga-me alguns páos de lenha, e vamos estender as capas n'esta sala baixa, que está excellente, para acender fogo e ver os fantasmas á vontade!

O velho camarada resmungou uma resposta torta, mas obediente sempre, ajunctou os páos mais seccos que pôde encontrar, e trouxe um braçado, que foi depositar na principal sala do pavimento inferior, onde já se achava o joven allemão. Ahi puxárão por pedras e fuzis, acendêrão fogo com algum capim secco que havia pelo chão, sobre este puzerão os páos partidos, tirárão as capas, estendêrão-as dos lados e deitárão-se sobre ellas. O mineiro tractou logo de pôr em frente ao amo a frasqueira, o queijo e as roscas, que tirou dos alforges, e por sua parte começou a picar um cigarro, entretido nas muitas cogitações, em que lhe andava o imaginoso cerebro. Alberto em honra á velha Allemanha, que nunca desprezou as boas bebidas e manjares, puxou da faca, que trazia presa á cintura por uma faxa de seda encarnada, e foi cortando pelo queijo, que ia tasquinhando com as roscas, e a espaços bebia alguns gollos da frasqueira. Mas d'ahi a pouco reparou que o velho camarada estava cabisbaixo, sombrio, não comia, e continuava a picar fumo, sem dar pelo estrago que já fizera no troço de rolo, que havia em grande parte desfeito.

— Então amigo, — disse-lhe, — está com fastio? O seu fumo acha-se quasi todo cortado, e vejo que nem por isso adianta o seu cigarro. Deixe-se de scismar, conversemos um pouco, para longe tris-

tezas! e espante-as com alguns tragos de restillo, acompanhados de nacos de queijo, que não estão para desprezar-se.

O camarada levantou a cabeça, tocou as abas do velho chapéo, agradecendo a offerta, mas acabando um cigarro, e guardando o resto do fumo, nem travou conversa, nem se aproveitou da comida.

— Já vejo que está zangado; tornou-lhe o joven, — sinto que seja por minha causa, porque desejava vel-o alegre, para referir-me alguma historia engraçada, e matarmos o tempo, emquanto não adormecemos.

« Perdôe-me, patrão, — respondeu-lhe Lourenço, — eu não estou sentido com o senhor; outras são as causas de minhas tristezas, e praza aos céos que o somno em fim as venha alliviar. »

— Então é medo? Teme a meu lado que venhão os fantasmas com as mãos hirtas prender-nos os capotes, ou fazer pular as caveiras á roda da nossa fogueira?

« Sancto nome de Deus! patrão, não falle assim; se soubesse o que aqui se passou, a lenda triste d'estas ruinas, que já forão tão alegres casas; se houvesse como eu passado por aqui aos vinte annos, moço, com grandes esperanças, com suas paixões no coração, e agora ouvisse só os gritos da coruja, ou o estalar d'estas ramas seccas, acesas pelo estrangeiro n'uma sala deserta, não havião de as lagrimas correr-lhe aos olhos? »

— O caso é outro, Lourenço, se ha motivos fortes e serios para a sua melancholia. O certo é que eu nunca o vi assim. Parece-me o visionario do nosso Wolfgang, com a cabeça entalada entre as mãos, a ver passar algum regimento de espectros. Porém se andão por sua fantazia saudades de velhos amores, e de annos mais felizes, não pense que eu as desrespeito; tambem lá deixei nas margens do Elba alguem, que por mim ha de suspirar, se já não se casou com algum barão moderno, millionario e parvo. Mas se quer vêr como se distrahe facilmente, conte-me a historia d'esta Tapéra, e prestando-me um serviço, alliviará as maguas.

E levando a frasqueira á bocca, Alberto, entre um sorriso de mofa e uma lagrima de sensibilidade, entornou um gollo á saude do velho de Weimar, o poeta sceptico dos amantes consolados.

Lourenço esteve em duvida por alguns minutos. Olhava ora para o patrão com constrangimento, ora com terror para as paredes nuase ennegrecidas, para o interior do aposento, em que havia uma escada deslocada, e uma janella ainda não de todo espedaçada, e que as rajadas de vento sacudião com estrepito sinistro. Mas por fim a natural coragem venceu, e o velho pallido e tremulo, levantando-se, envolto em seu ponche, tomou uma acha, em que havia labareda, foi abrir a janella, e vêr o pateo interior, que, além do raio da sua luz, estava em completas trevas, voltou até á porta, e certificando-se de que só os mochos e os corvos podião estar por entre aquelles muros cahidos, sentou-se de novo ao pé de Alberto. Então acendeu um cigarro, e começou assim a narração.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

III

« Ha vinte annos era eu moço e esta terra mais feliz. Ainda estas mattas não havião sido de todo devassadas, e lá em Queluz;onde nasci, fallava-se d'ellas como do fim do mundo. Contavão-se historias de não longes annos, em que gentios bravos havião acommettido as derrubadas dos roceiros, e onças entrado pelas casas dentro a carregar as crianças. As moças, acostumadas a cantar modinhas ao som da viola, e dançar fadinhos chorados nos arraiaes e retiros do campo, vertião lagrimas amargas, quando os amantes se despedião d'ellas, para vir buscar fortuna na matta. Os rapazes descião ás jornadas pequenas, maldizendo a sorte, que os obrigava a satisfazer o capricho de algum tio rico, morador para as bandas do Parahyba ou do Rio Preto, o qual os chamava para lhe fazerem companhia, e herdarem-lhe as sesmarias e os negros boçaes. Mas n'esse tempo os homens querião melhor á terra do nascimento, rompião lanças pelo paiz, e sonhavão que ainda um dia, por aqui á roda, havia de levantar-se um grande imperio, assentado no trabalho activo dos particulares, e na dedicação patriotica dos nossos regedores. Esperanças falhadas ! Mas que havemos de fazer ? Assim o quizerão, assim o terão.

Por esses annos, eu ainda não entrára na casa dos trinta, era mais desembaraçado, gostava de olhar as moças bonitas, trocava um anno de salario pelo melhor cavallo do muladeiro, e ia correr lanças nos currios de S. João ou de Sabará, quando por lá havia festas e ouro. No tempo das aguas, quando se calavão as guitarras nos arraiaes, e pagavão-se bons salarios aos capatazes das tropas, que ião levar gado, algodão e queijos á matta, tractava eu ajuste com algum bom patrão, e vinha governando os lotes, visitando todas as tascas e jogos do caminho pela estrada da Estrella ou da Policia, até chegar ao termo da jornada. De volta comprava uma viola bem afinada, uma espingarda Laporte de dois canos, e um ponche novo, e lá vinha eu ensaiando com os cellegas novos lundús e marchas pelos ranchos, saboreando beijos de moreninhas nos batuques nocturnos, até que, a tiradas largas e alegres, voltava para os arraiaes do campo, com as algibeiras cheias, e algumas saudades leves que me sohião lembrar os altos das serras e as quebradas dos valles do Parahyba.

Que vida não era esta tão bella ! Que alvoradas lindas do mez de Janeiro, quando ainda as arvores dos lados estavão gottejando agua, e o sol rompia nas bocainas, enchendo de nuvens de fogo o céo, e de esmaltes de ouro as folhas das mattas ! Como iamos então alegres, todos os tropeiros do comboio, cantando ao ar livre da natureza, com os cabellos soltos ao vento, batendo-nos as facas de prata de encontro aos arreios, e rinchando as mulas ao avistar novas tropas que decião-nos ao encontro ! Os seus poetas, meu senhor,não sabem nada d'estas cousas do coração ; mettem-se nas cidades, a vêr a alvorada depois do meio dia, e o luar por entre as casas de tres sobrados, e depois dizem que sabem cantar a natureza ! versos poderão sabel-os fazer, mas poetas, de certo que não são !

Em uma d'estas minhas jornadas, apartei-me dos companheiros, e vim tractar de uma cobrança para este lado. Então conheci os moradores d'esta.casa,não só pela fama que d'elles corria,como pelos avistar pessoalmente.

Quem descesse pelo Rio Preto, em qualquer roça onde parasse, não havia de levar muito tempo sem ouvir fallar do capitão Nuno Rodrigues, o terror dos indios e dos novatos das cercanias. Este homem, celebre pelos despotismos que praticára com os gentios do aldeamento vizinho, e pelas perseguições que fazia a todos os posseiros que se lhe aproximavão, era o proprietario d'esta fazenda a que davão o nome de Grota Negra. Filho de um aventureiro de S. Paulo, que entrára para as mattas do rio de S. Francisco, e lá se casára com a filha de um cacique, Nuno era homem alto, moreno, sem barba, com cabellos compridos, pretos e luzidios, olhos negros e grandes, que parecião relampejar quando se zangava. Inimigo de livros e letrados, de vigarios e igrejas, emfim de todo o jugo moral, só prezava a companhia de homens ignorantes e rudes como elle, e portanto vivia sempre acompanhado de um troço de capangas, indios,mulatos, negros forros e brancos sertanejos, que de pés no chão, garrucha ao lado, faca á cinta, em mangas de camisa, com o ponche vermelho á cabeceira, deitavão-se-lhe aqui nos portaes, nas escadas, e nas salas, formando um cordão de defensores insolentes e parasitas em torno á sua pessoa. Despeitado com as autoridades de Minas, que lhe querião pôr limites aos desmandos, viera abrir fazenda n'estas sesmarias de matto, acastellando-se atraz das serras, a que só davão entrada trilhos difficeis, cortados por cachoeiras caudalosas e mattas immensas. Todos os annos mandava aos arraiaes novos do Parahyba comprar partidas de negros boçaes aos comboieiros ; os seus negocios erão a dinheiro, e se algum mascate desgarrado por aqui se internava, e deixava-lhe fazenda a prazo, podia ter certeza de nunca mais entrar na vivenda,e ser d'aqui expellido á força. Nunca as justiças da terra lhe havião pisado o terreiro; se expulsava os posseiros, lançando fogo ás casas, derribando as roças,e matando a criação ; se mandava correr a páo os pombeiros, que lhe entravão no terreiro pedindo pagamento, — os capitães de ordenanças, e depois os juizes ordinarios, nada tinhão que ir fiscalisar-lhe nos actos,sob pena do inexperiente alguazil, que se arriscasse a entrar, ver lançarem-lhe a cavalgadura na cachoeira, e correrem-no os capangas até á varzea do aldeamento. Os pobres indios, quando as plantações de canna ou café requerião novos braços,estavão certos de serem-lhes acommettidas as cabanas em noites tenebrosas pelos capangas. Levavão as familias em peso, menos as crianças e os velhos; os homens ião trabalhar nas roças, e as moças erão repartidas pelos sequazes do fazendeiro,não desprezando este o seu quinhão das que fossem mais bonitas.

Mas correndo os annos, e envelhecendo o capitão, lembrou-se de ter familia : largou as pobres indias da varzea, fez uma viagem a Minas, e de lá trouxe dous entes bem diversos, uma esposa e um padre. Itamilia era como elle de sangue mesclado, bella e energica de

physionomia, mas inteiramente outra nos principios. Filha de pais ricos e poderosos, puzera por primeira condição a mudança de costumes do velho tyranno, a entrada da religião em sua fazenda, e o juramento de nunca abusar de suas forças para com ella. O homem, arrebatado pela paixão, que, como todas as que sentira, era forte e invencivel, sujeitou-se a todas as condições para obtel-a. Itamilia pallida, alta, de olhos tristes e melancholicos com porte de rainha e coração de sancta, foi o anjo tutelar da Grota Negra.

Cessárão, como por encanto, os ataques aos vizinhos, restituirão-se os indios existentes ás suas familias, e uma capella, erguida ao lado da residencia, servia todos os domingos para os officios divinos, ministrados pelo padre João, sacerdote venerando, que comsigo trouxera. Só em dois pontos nunca o velho capitão quiz ceder, — despedir os capangas, e abrir estradas para a fazenda. Prezava os companheiros das orgias, como recordações da mocidade tempestuosa, como socios de perigos e prazeres, e queria vel-os viver e morrer a seu lado. Quanto ao entrar em relações com as povoações vizinhas, parecia-lhe quebra de dignidade, pois só reconhecia como rei a Deus, e não queria prestar-se ás sujeições sociaes por motivo algum de interesse ou distracção.

N'esta vida modificada, mas ainda tempestuosa pelos acessos de ira, que ás vezes as invasões dos vizinhos, ou pretenções de auctoridades lhe causavão, passou longos annos, em que lhe nasceu uma filha, flôr unica de seus amores de esposo, pois em breve Itamília morreu, consumida pelas saudades dos campos de seu nascimento, e por aquella vida extranha aos costumes da sua mocidade. O padre João, já a esse tempo de cabellos brancos, que fôra sempre o seu guia espiritual, e o consolo de suas horas de solidão, jurou-lhe ao pé do leito funebre de ser sempre o amparo e o protector da sua filha. A esposa do capitão das mattas, ao expirar nos braços d'este, apertava a mão do sacerdote, entregando-lhe a filha, como legado de sua longa amizade.

Quando eu vim á estas mattas, já Carolina Rodrigues era moça, linda pelas feições, e pela louçania do espirito. Parece-me ainda vêl-a descer por aquellas escadas do fundo, com os seus quinze annos sorrindo nas faces rosadas, sobre um fundo de pallidez amorenada, com olhos negros entre-abertos sob cilios longos e assetinados, com os cabellos de azeviche ondeados, que se trançavão em torno á sua fronte de virgem, pura, pensativa, e sorrindo mais ao vago do horizonte do que aos circumstantes. Alta, com a cintura delgada, com o collo amplo e erguido, as mãos e os pés pequenos, o seu andar era pausado e airoso, tinha o timbre da voz sonora, vagoroso e triste. Havia em cada uma de suas palavras o écho de tristes pensamentos, notas perdidas do canto de aspirações, que soava fundo no seu coração de moça..... »

Aqui o velho Lourenço enxugou uma lagrima, que lhe vencêra a rigidez da tempera.

Alberto estava silencioso; em torno, á excepção da fogueira, tudo erão trevas; a tempestade continuava a rugir pelo céo e pelos aposen-

os desmantelados do velho edificio; as chammas da fogueira, crepitando por entre a lênha secca, lançavão a espaços clarões azulados, que tingião de côr sinistra os dois profanadores da solidão.

O mineiro, depois de ter parado alguns minutos, recuperou o socego, e continuou assim·

(Continúa.)

ARCHIVO DE PEÇAS ORIGINAES E EXTRAVAGANTES.

PEQUENA ADVERTENCIA. — Testamento de João Gomes Machado Corumbá. — Sentença de um juiz de paz da roça. — Officio de um professor de preparatorios ao director de uma faculdade de direito. — Edital de um fiscal. — Carta de pezames. — Officio de um presidente de provincia.

* * *

Pequena advertencia. — A intelligencia humana, como todas as cousas d'este mundo, tem tambem as suas aberrações.

Convém archival-as, fazendo assim uma preciosa collecção de peças originaes e extravagantes.

A' primeira vista parecem cousa de nenhuma significação; todavia não deixão de ter uma tal ou qual importancia, ainda mesmo na ordem das asneiras d'este mundo.

A sua divulgação tem por fim mostrar a censura em que incorrem os que se afoutão a redigir qualquer peça sem as habilitações necessarias, ou deleixadamente.

Oxalá que a lição aproveite.

O campo é vasto e a colheita promette ser abundantissima; todavia esperamos ser coadjuvados pelos possuidores de tão preciosissimos documentos tanto em prosa como em verso, devendo, para maior apreciação, ter-se todo o cuidado em conservar a orthographia dos originaes, que tambem não deixa de ser uma originalidade.

Entre muita cousa inedita, que possuimos, não podemos abster-nos de dar igualmente algumas peças já publicadas, tanto pela sua importancia *sui generis*, como pela raridade das publicações de que fazem parte; a sua exclusão tornaria, pelo menos, muito incompleta a presente collecção; haverá, porém, todo o cuidado em espaçal-as, intercalando-as apenas ás ineditas.

E' o Archivo o reverso do *Album brasileiro*, cuja publicação já encetámos nas paginas d'esta *Revista*.

* *
*

Testamento em que João Gomes Machado Corumbá instituiu a nação brasileira por sua universal herdeira.

Antonio José Cardoso da Rocha, escrivão interino da provedoria, capellas e residuos n'esta côrte e no termo etc.

« Certifico que no meu poder e cartorio se acha o testamento com que fallesceu o Douctor João Gomes Machado Corumbá, o qual é do theor e fórma seguinte :

« Julgando preciso fazer agora o meu testamento, declaro que não tenho Pae nem Mãe, nem filho, sim dois Jrmaõns dos quais a Femia Donna Anna Maria reconheço por tal, e o Maxo Francisco Gomes Maxado disconfio ser minino trocado. A nenhuns delles devo Obrigaçõens e ao macho devo averção, porque reconheço ter cido o opreçor de todo o individuo da familia a thé agora a penas nelle o vé em huma qualquer desgrassa, a qual costuma elle aumentar considerabelmente. Por tanto Tendo lhes eu feito o beneficio possivel e gratuito a que Lei nenhuma me obrigava, e estando quites para com elles do que possuo quitação em datta de antes de ontem e estando elles sem filhos e para Guiáz Ricos instituo a Nassão Brasileira por minha Vniverçal herdeira. O cabedal que ouver será entregue ao Ministro do Jmperador, e do Jmperador macho ou femia somentes, nunca de Regente, o qual Ministro for o da Jnstrução e será constituido capital em Renda e esta applicada para a propagassão da Geometria na Provincia de Guiáis ou nesta Cidade ou na Villa de Santa Crús onde nasci e (podendo ser) em ambas as partes. O encino se fará sob a emidiada derecção do ditto Ministro Salvo se huma Ley sancionada por Jmperador mudar esta direção. Nasci e pretendo morrer na Religião Catholica, digo Catholica Apostolica Romana O meu funeral (podendo ser) será com mediocre apparato. Cidade de Guiáz sinco de Dezembro de mil e oitosentos e quarenta e quatro *João Gomes Machado Corumbá.*

Segue-se a approvação, abertura, conclusão, despacho e aceitação, que nada tem de extraordinario.

* *
*

Sentença de um juiz da roça.

A vista da denuncia authentica do Illm. Revm. Sr. Promotor desta comarca, das testemunhas concubenadas entre si, e tambem do corpo de delicto indereto muito bem manipulado por meo compadre Dr. Jeronimo que é entendido e esteve para entrar no curso da juridico e depois cahio na asneira de cazar que foi pena se prova que o réo F. deo quatro facadas em sua mulher duas na veia embilicada que lhe fizerão sahir o entestino reto para fora outra nà espinhela ao que meo mano boticario chama relegião espigada e outra logo embaixo da amopata segundo disse o lecenciado Gonçalo que é quem entende destes

nomes francezes que na nossa terra nunca se uzarão, tudo motevado porque o dito réo não obstante ser cazado com sua mulher na facia da igreja tinha raptado uma moça já adultera e filha familia de sua mãi ou avó que nisto não concordão os differentes authores e a cuja mulher delle não a queria em caza porque é dezaforo fazer estas poucas vergonhas nas barbas da sua obrigação, pronuncio este farizéo a prizão com galés perpetuas e isto por muito favor em attenção ao Rev. Vigario terse empenhado tanto em concumitancia de sua comadre D. Thereza se bem que as más lingoas dizem outra couza que Deos me perdoe na forma do codigo do processo e de outro que agora me não lembra o nome porque o emprestei ao capitão Chequinho e o meo escrivão Bento assim o Tenha entendido e faça executar e o envio a muito saudar e pague as custas e mais direitos parochicos e multas indevidas. Tantos e quantos da independencia e do imperio nesta villa de etc. etc.

* *
*

Officio de um professor de preparatorios ao director de uma faculdade de direito.

Illm. Sr. Dr. Hontem pelas 10 horas da manhan um pigmeu insonte de sciencias teve a audacia de insultar com sibilos o professor regente da cadeira de.... da faculdade de direito.

Reluctancia como esta, senhor Director, nem no tempo em que reinou Nero, aquelle monstro que mandou abrir a barriga da mãe, para ver o logar onde tinha sido gerado, o que se não pode soffrer.

Pois se V. Ex. não providenciar esta reluctancia e consequencias tão funebres, veja que quando um coração agno se acha manchado com as infamias da ignorancia se torna viperino.

Deus Guarde a V. S. — Illm. Sr. Director da faculdade de direito de....

* *
*

Edital de um fiscal.

Alonso Furtado de Noronha Pires Franco, fiscal aprovado pelo senado da camara desta villa etc. etc. etc.

« Faço saber aos povos de minha jurisdicção que no dia 4 deste referido mez hei de sahir em triumfo de correição, aferindo os pezos a todos, revistando-lhes as varas e medidas; e vejão lá o gostoso !

« Artigo unico. Ficão prohibidas as excavações nas estradas, e aquelle que não tapar os buracos que lhe pertencerem cahirá na cadêa como alma no inferno.

« Artigo segundo. Ninguem poderá trazer cabras soltas roendo as couves dos vizinhos, que é desaforo, e ninguem quer ver-se arrazado por estes bichos, e serão punidos somente por andarem soltas em 4$000 réis.

« Artigo terceiro. Ninguem, ainda que seja o coronel Azevedo, poderá vender farinha e feijão em *culhas* de oito ou nove, que é

grande ladroeira, indo pelo escrivão para o rol dos culpados, afóra o que escorre, que é 6$000, na fórma da postura, artigo vigesimo um.

« Artigo quarto. Os negros que divagarem sem bilhetes de seus senhores, serão surrados depois das dez horas da noite, com açoites de bacalhau em publico e razo: pena de multa de 10$000, se não quizerem levar a dóze.

« Artigo quinto *finalmente*. Não ha licença para andarem nas estradas animaes cavallares nem vacuns, nem carneiruns, e nem porcuns ou cabrituns e os cachorros sem coleiras chuparão bola; e será tudo morto, menos bois e cavallos; *coma* de 2$000 rs., no artigo surressimo.

Sexto. Todo aquelle ou aquella que botar agua no leite perderá o pote e pagará o que o conselho disser na lei de postura que vou indicar, e se não quizer la se avenha porque eu ca tenho em casa boa vacôa.

« E para constar e não virem depois dizendo — o Sr. Furtado me enganou, — decretei o presente que será affixado no açougue.

Cumpra sem sello.

Residencia no Catimbau,.... de.... de 185....

A. F. N. F.

* *
*

CARTA DE PEZAMES.

Meu compadre de meu coração e capitão mór.

Recebi o seu favor que me trouxe o Chico bolieiro de v. m. e eu e minha dona ficamos todos muito consternados e passados com a nova da morte de sua ametade, aquella alma do anjo de Paraiso, minha estimadissa comadre.

A Sra. dona pôz-se logo a chorar e os meninos cá em casa fizeram tal berreiro que por fim tambem eu chorava como uma criança. O afilhado isso então não se falla!

Apezar de ter tido muita vontade de ir ao enterro não me foi possivel porque a casaca emprestei ha dous ou tres dias para um casamento do Joaquim Alegre mata burro e em té hoje ainda não me deu signal d'ella sem duvida por que meteu-se no jequipanga das vodas e passe por lá muito bem e a casa é longe como os seiscentos diabos.

Console-se porém o meu compadre que tudo no mundo é assim mesmo; logo o diabo havia de levar o que v. m. mais estimava e eu tambem, por que a Sra. D. Rosa era mesmo uma sancta mulher como poucas de seu sexo, e fique certo que logo que o Mata-burro me trouxer a casaca estou prompto para qualquer enterro não só de pessoa de sua familia como com muito gosto até mesmo de v. m. que espero nunca faltarei.

Fazenda do Pau d'alho, sextafeira 20 do corrente mez do presente anno de 1840 —

M. S. da S. e Faria.

* *
*

OFFICIO DE UM PRESIDENTE DE PROVINCIA.

N.° 21 Illm. e Exm. Senhor. Tenho a honra de participar a V. Ex. que segundo as ordens dirigidas ao govêrno d'esta provincia, foi installado no dia 28 de Fevereiro ultimo o conselho geral de provincia fazendo o falescido presidente a falla juncta por copia, que levo ao conhecimento de V. Ex.

Deus Guarde a V. Ex. Palacio do Governo d.... 2 de Março de 1830. Illm. e Exm. Sr. Marquez de Caravellas. ***

BRASILIACO.

BRASILEIROS CELEBRES.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

Nas pittorescas margens do ribeirão do Carmo, onde hoje se ostenta a episcopal cidade de Marianna, nasceu este distincto poeta aos 6 de Junho de 1729, sendo seus progenitores oriundos da heroica provincia de S. Paulo, a cujos filhos deve-se o descobrimento e exploração do interior do Brasil.

Nos arrebóes da vida manifestou Claudio pasmosa intelligencia que desejando seus pais que aproveitada fosse, mandárão-no para esta cidade, onde matriculou-se nas aulas que com grande esplendor mantinhão os jesuitas. Rapidos forão seus progressos, de modo que ao entrar na adolescencia possuia já cabal conhecimento das linguas latina e grega, comesinhos lhe sendo os prolegomenos da philosophia, rhetorica, mathematicas e theologia. Completado o seu curso de preparatorios, ou de *humanidades*, como então se denominavão, recebeu Claudio Manoel a patente de *mestre em artes*, que a companhia de Jesus conferia aos seus melhores alumnos.

Irresistivel vocação chamava-o para o campo das lettras, e anhelando por adquirir um brasão que dos seus labores fosse testemunho, partiu para Coimbra quando apenas contava 17 annos de idade. N'esta celebre universidade sustentou a reputação que na puericia conquistára, compulsou com *diurna atque nocturna manu* os monumentos da sciencia juridica suavisando sua aridez com o ameno tracto das musas.

Datão d'esta epocha algumas composições suas vantajosamente apreciadas pelos doutos, distinguindo-se entre ellas o *Munusculo Metrico*, romance heroico dedicado a D. Francisco d'Annunciação pela segunda vez reitor, o *Epicedio* consagrado á memoria de Fr. Gaspar da Encarnação, os *Numeros harmonicos temperados em heroica e lyrica consonancia*, e o *Labyrintho de Amor*, poema que sahiu dos prélos de Antonio Simões no anno de 1753.

Obtido o almejado pergaminho, regressou Claudio Manoel para a sua cara patria, onde, abraçando a profissão de advogado, não tardou em grangear extraordinaria nomeada pelo seu saber e probidade.

Fiel ao seu systema de temperar o estudo das abstrusas questões de direito com os folguedos da imaginação, colligiu diversas poesias que em seus lazeres compuzera remettendo-as para Coimbra, onde Luiz Secco Ferreira deu-as á estampa no anno de 1768 em um volume de 8.º e debaixo do nome pastoril de *Glauceste Saturnio*, que tomára na *Arcadia Ultramarina*, fundada nesta capital por Silva Alvarenga e Basilio da Gama no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos.

N'este livro dedicado pelo bardo mineiro ao illustre conde de Valladares, que o honrára com a sua estima chamando-o para seu lado na qualidade de secretario do governo, abundão as imitações dos poetas italianos, principalmente Petrarcha, Guarini e Metatasio, chegando a escrever nesta lingua muitas das suas lindissimas cançonetas, e commettendo d'est'arte um crime de lesa-patriotismo, que tanto Ferreira condemnava em Sá de Miranda.

Destaca-se d'esse gracioso grupo a bella allegoria intitulada—*Fabula do Ribeirão do Carmo*—inspirada pelo mais sancto patriotismo, resplendente de côr local, e que, quanto a nós, marca o segundo periodo embryonario da nossa litteratura.

Despertou-lhe os brios o exemplo de seu benemerito comprovinciano José Basilio da Gama, e como elle quiz entrar na arena da poesia epica escrevendo um poema, para cujo assumpto tomou a edificação de villa Rica. Por largos annos jazeu elle inedito, até que alguns cantos fossem publicados em um jornal litterario d'esta cidade, sendo em 1839 edictado em sua integra pelo Sr. José Pedro Dias de Carvalho.

Reservamos para outro logar a analyse d'este poema, que mal cabida aqui seria; apenas diremos que impropriamente se lhe poderá denominar de epico não só pela pequenhez do assumpto, como pela estreiteza do plano. Era, porém, mais um passo dado na vereda da nacionalisação da litteratura, e como tal consideramo-lo, e estimamo-lo.

Parece que não só á poesia consagrava Claudio Manoel suas horas de repouso; porquanto affirma o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva que traduzira elle e commentára o *Tractado da Origem da Riqueza das Nações* do celebre economista escossez Adão Smith e escrevêra diversas outras obras de litteratura antiga e moderna, que por fatalidade ficárão ineditas.

Por espaço de oito annos desempenhou o difficil cargo de secretario do governo, merecendo sempre o mais subito conceito da parte dos capitães-generaes que n'esse lapso de tempo empunharão o bastão do mando em Minas Geraes. Havendo porém em 1788 succedido o visconde de Barbacena a Luiz da Cunha Menezes, volveu á banca de advogado com grande contentamento dos seus antigos clientes.

No remanso da paz e fruindo dos bens que na terra constituem a felicidade, era por certo Claudio Manoel da Costa um ente bem inve-

javel, realização d'esse ideial figurado por Horacio quando ao sabio desejava a *aurea mediocritas*. Não é, porém, permittido ao homem viver uma vida totalmente subjectiva; collocado no espaço e recebendo a acção do tempo, forçosamente sobre o seu animo influem circumstancias externas. Não deve cidadão algum ser indifferente aos males da patria, e aonde sob os governos despoticos, como o que a nossos avós opprimia, perturba o gemido das victimas as orgias dos algozes, e a grande voz do povo distrahe o sabio das serias cogitações a que em seu gabinete se entrega. De tão fortes estimulos não necessitava o nosso illustrado patricio, e conhecedor da situação da capitania pelo emprego que exercêra nutriu serias apprehensões quando viu chegar o visconde-governador munido de instrucções do ministro Martinho de Mello e Castro para tornar effectiva a cobrança do imposto de capitação conhecido pelo nome de *derrama*. (1)

Certa convivencia litteraria ligava os homens mais notaveis da capitania, os quaes, alargando ainda o circulo de suas relações, n'elle abrangião alguns dos distinctos caracteres que no Rio de Janeiro cultivavão as musas. Era Claudio Manoel amicissimo de Thomaz Antonio Gonzaga, ouvidor da comarca de Villa-Rica, e que acabava de ser despachado desembargador da relação da Bahia, estando em vesperas de receber-se em matrimonio com D. Maria Dorothéa de Seixas, peregrina beldade que então contava 17 para 18 annos.

Consta das peças do processo, cuja communicação devemos ao nosso prestante amigo o Sr. J. Norberto de Souza e Silva, que ia todas as manhãs Claudio tomar café em casa de Gonzaga, onde tambem se reunião o tenente-coronel commandante do regimento de linha Francisco de Paula Freire de Andrade, e José Alves Maciel, seu cunhado, que acabava de chegar de uma viagem á Europa e os Estados-Unidos, e a quem se attribue a iniciativa da ideia republicana.

Patriotas ardentes practicavão repetidas vezes sobre os mais adequados meios de livrarem seu paiz do jugo que o acabrunhava, e julgando lobrigar no turvo horizonte politico a possibilidade de melhores dias, acreditárão que o povo, por via de regra indifferente ás mutações do governo, porém exasperado pelas extorsões dos exactores da fazenda real, não hesitaria em dar sua adhesão aos planos de liberdade que, sem consultal-o, concertavão entre si seus naturaes representantes. Amadurecida a ideia, communicárão-na a mais alguns cidadãos distinctos pelas suas luzes e posições officiaes, entrando n'este numero o tenente-coronel de milicias da Campanha do Rio Verde Ignacio José de Alvarenga Peixoto, o doutor em medicina Domingos Vidal Barbosa, e o vigario Carlos Correia de Toledo.

Como sóe acontecer em identicas circumstancias, de confidencia em confidencia foi dilatando-se a esphera dos iniciados no segredo, e não tardou que chegasse elle aos ouvidos do capitão-general, que, simu-

---

(1) Vide a *Instrucção para o visconde de Barbacena Luiz Antonio Furtado de Mendonça, governador e capitão general da capitania de Minas Geraes*, inserta na Revista Trimensal do Instituto Historico, tomo VI — pag. 3.

lando de nada saber, deu parte ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, concertando ambos no modo de mallograr a conspiração aparentando imperturbavel calma. A dissimulação e a hypocrisia formavão a base do caracter do visconde de Barbacena até agora apresentado pelos nossos historiadores como modelo de paternal bondade; (2) deixou portanto que creasse corpo o temerario projecto, folgando que grande fosse o numero dos compromettidos. Pautando seu proceder pelas supra-citadas instrucções, pareceu querer attender ás reclamações dos povos, suspendendo provisoriamente a execução das regias determinações, emquanto levava aos pés do throno fidelissimo as queixas dos seus leaes vassallos.

Intuitivo é que frustrado estava o plano da conspiração, não se podendo contar com a annuencia do povo, extranho a considerações de ordem mais elevada, e só impressionavel aos interesses do momento. Assim pelo menos o pensárão Claudio Manoel, Gonzaga, Alvarenga Peixoto que formavão o directorio revolucionario.

Desvanecida a ideia pela sua impracticabilidade, talvez que nenhuns vestigios d'ella hoje restassem, receiando o visconde de Barbacena de punir uma velleidade e baldo de provas em que podesse assentar o processo. Quiz, porém, a fatalidade que um leviano fosse sabedor da conspiração, permittiu ainda que por ella se enthusiasmasse, tocando ao delirio o seu fanatismo. Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o *Tira-dentes*, alferes do regimento de cavallaria de linha, foi o genio do mal d'esse prematuro tentame da independencia do Brasil (3).

Assoalhando projectos de que o acaso, ou melhor a imprudencia, lhe fizera participante, buscou alliar a tropa, e ostentou uma desenvoltura de linguagem que, a ficar impune, aniquilaria o principio da auctoridade. Dizendo-se a Claudio Manoel que o *Tira-dentes* procurava cumplices nos quarteis, disse elle que extranhava que os soldados não o tivessem prendido como merecia.

Do parecer de Claudio erão os protogonistas da conjuração, que no fundo d'alma lamentavão que semelhante homem tivesse se constituido seu officioso e temerario auxiliar. Ignorava elle a mais recondita parte do plano, não fôra ouvido quando se discutira a fórma de governo que convinha adoptar, sabia, porém, quanto era bastante para perder no animo do governo portuguez os mais nobres caracteres das provincias de Minas e Rio de Janeiro.

---

(2) No luminoso trabalho que tem entre mãos o nosso douto collega o Sr. Norberto verá o leitor desenvolvido magistralmente este ponto da historia patria, que aqui succintamente esboçamos, servindo-nos, como já confessámos, das notas, que, por bondade sua, franqueou-nos.

(3) Parecerá talvez extranho que assim qualifiquemos ao *Tira-dentes*, a quem alguns mancebos de poetica imaginação querem dar os foros de primeiro patriarcha da independencia do Brasil. Pedimos-lhes, porém, que aguardem a proxima publicação do trabalho do nosso amigo o Sr. Norberto, para conhecerem com exactidão essa figura legendaria, cujo unico merito foi o de ter sabido morrer com dignidade, buscando no martyrio uma consagração de que jámais lograria seu nome.

Como o condor que espreita a presa para sobre ella lançar-se, aguardava o coronel Joaquim Silverio dos Reis, por alcunha *Joaquim Salterio*, asado ensejo para prestar um ignobil serviço, buscando na delação o adiantamento que sonhára sua escaldada phantasia. (4) Passo a passo acompanhára o capitão-general a marcha da conspiração; não estava, portanto, desprevenido quando se lhe apresentou o coronel Silverio, cujo depoimento era-lhe porém de muito proveito para ferir com a espada da lei os que nas trevas do regimen colonial havião pensado em patria e liberdade.

Sabido é geralmente o desfecho d'este luctuoso drama; ninguem ignora como, carregados de grilhões, tragando o fel da humilhação, forão arrojados em negros calabouços os homens mais conspicuos da capitania. Não é do nosso intento escrever esta historia, á mais habil intelligencia confiada; queremos tão somente comtemplar n'essa heroica galeria o illustre varão que fórma o assumpto d'este mesquinho trabalho.

Denunciado como um dos primeiros fautores da projectada revolta, foi Claudio Manoel da Costa recolhido á cadeia de Villa-Rica em um estado valetudinario, exercendo-se sobre a sua pessoa todos esses inqualificaveis rigores a que estavão sujeitos os que tinhão a desgraça de serem accusados do crime de *inconfidencia e lesa magestade da primeira cabeça*.

Nos longos e fastidiosos interrogatorios a que teve de responder, sustentou ter tido conhecimento do planejado levante, mas que sempre o considerára como um acto de loucura, a que não prestára a menor attenção, procurando sempre dissuadir d'elle a todos que lhe fallavão. Disse mais que era intimo amigo do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, cuja casa costumava frequentar, recreiando-se com a leitura de seus versos. Que á essa casa ião amiudadas vezes Alvarenga, Maciel, Paula Freire, e vigario Carlos, que havião hypotheticamente apresentado a ideia de republica, por elle Claudio sempre combatida pela absoluta falta de forças e meios de subsistencia. Accrescentou que pouco conhecimento tinha do *Tira-dentes*, com o qual apenas fallára uma ou duas vezes no seu escriptorio, a que viera para tomar conselhos sobre objectos totalmente extranhos á conspiração, e sempre acompanhado por outros individuos.

Como vê-se, entrincheirava-se Claudio na absoluta negação, e por fraqueza do cerebro, resultante da velhice e enfermidades, não escrupulisou de accusar seus mais particulares amigos, como fosse o proprio Gonzaga. Aterrado pela imagem do supplicio que o aguardava, succumbiu á prova de que victoriosa devêra sahir sua bella intelligencia,

---

(4) Por unica recompensa recebeu uma pensão de quatrocentos mil réis annuaes, e perseguido pela animadversão publica, teve de retirar-se para o Maranhão, d'onde ralado de remorsos e reduzido á pobreza pediu a el-rei D. João VI a sobrevivencia da dita pensão em favor de sua mulher e filhos, allegando haver prestado relevantissimos serviços. Vimos esta petição na qual está escripto — Escusado pela primeira lettra d'el-rei.

e elevado caracter, contradisse-se a cada instante, e desceu do pedestal da dignidade ao lodoso chão das retractações, e do fingido arrependimento. Revelão suas palavras o principio d'essa alienação mental, que cedo coroada seria pelo mais doloroso espectaculo ! (5)

Pungido pelos espinhos dos remorsos, de haver compromettido seus amigos, lamentando que em botão murchasse a flôr da esperança da liberdade patria, apoderou-se de seu espirito negra melancholia, e no plano inclinado da descrença ganhou terreno o sinistro pensamento do suicidio.

« Até aqui, diz o Sr. Norberto, a historia sem os documentos officiaes, parando ante o cadaver de Claudio Manoel da Costa, hesitava entre a ideia de um suicidio, ou de uma premeditação criminosa dos ministros do governo colonial; hoje, a acceitarmos as peças do monstruoso e longo processo, conhecemos que sua morte fôra voluntaria. Ah ! que longa agonia não foi a sua á vista da posição do seu cadaver, tendo uma liga por baraço pendendo de um armario, com um dos joelhos fincado sobre uma das prateleiras, e o braço direito forcejando de baixo para cima contra a taboa em que prendêra o baraço, como procurando estreitar o fatal laço que zombava da gravidade do seu corpo já tão debilitado pelos annos e trabalhos. » (6)

---

(5) Assim terminava elle um dos seus depoimentos :

« Era em bem por beneficio de Deus que a minha libertinagem, que os meus máos costumes, a minha generosa maledicencia me reduzão finalmente a este evidentissimo castigo da justiça divina, e apezar das immensas intrigas e calumnias com que me acho denegrido na presença do Exm. Sr. visconde, protesto que nunca em meu animo procurei, ou desejei levessimamente offender á sua respeitavel pessoa, e que só pelo genio gracejador que tinha, poderia deslisar-me em algum dito menos decoroso, não desconfiando d'aquelles mesmos que terião já em igual occasião outras iguaes graciosidades, pelo que lhe peço perdão de tanto escandalo, e lhe rogo que, sendo eu máo, como confesso, nem por isso repute virtude nos denunciantes d'estes ditos, que talvez sejão mais terriveis que os mesmos denunciados. »

(6) Julgamos de interesse a transcripção do auto de corpo de delicto e exame feito no cadaver do doutor Claudio Manoel da Costa lavrado no dia 4 de Julho de 1789 perante o desembargador Pedro José Araujo de Saldanha e o doutor José Caetano Cesar Manite, acompanhados do tabellião Antonio José de Macedo, do escrivão da curadoria José Verissimo da Fonseca e dos cirurgiões approvados Caetano José Cardoso e Manoel Fernandes Sanctiago. Depois do formulario do costume, assim reza o documento a que nos referimos :

« Achou-se de pé e encostado á uma prateleira, com um joelho firme em uma taboa d'ella e o braço direito fazendo força em outra taboa na qual se achava passada em torno uma liga de cadarço encarnado atada á dita taboa e a outra ponta com uma laçada e no corrediço deitado ao pescoço do dito cadaver que o tinha esganado e suffocado a respiração por effeito do grande aperto que lhe fez com a força e gravidade do corpo na parte superior do larynge, onde se divisava do lado direito uma pequena contusão que mostrava ser feita com o mesmo laço quando còrreu, e examinado mais todo o corpo pelos referidos cirurgiões, em todo elle se não achou ferida, nódoa, ou contusão alguma, assentando uniformemente que a morte do referido doutor Claudio Manoel da Costa só fôra procedida d'aquelle mesmo laço e suffocação, enforcando-se voluntariamente por suas mãos, como denotava a figura e posição em que o dito cadaver se achava. » (Vide o Appenso ao Auto de perguntas feitas ao mesmo doutor.)

Cumpriu seu dever a justiça dos homens, ordenando que lavrados fossem os competentes termos, dando-se a sepultura ao cadaver sem solemnidade alguma, porquanto ainda nessa épocha erão com rigor executados os canones que prohibem que na jazida dos catholicos achem derradeiro asylo os que tão gravemente infringem a lei de Deus.

Chorárão-no suas filhas (7) e seus irmãos, que estremecidamente amavão-no, sendo porém obrigados a esconder o pranto que por signaes de complicidade poderia ser tomado.

Nem assim escapou sua desgraçada prole á cruel vindicta da alçada, que, infamando a memoria do illustre finado, infames declarou seus filhos e netos, ordenando que confiscados fossem seus bens em beneficio do fisco e da camara real. (8)

A despeito dos furores juridicos atravessou a memoria de Claudio Manoel da Costa a posteridade, chegando até nós rodeada da aureola da gloria, e com placida confiança aguardando seu nicho no *Pantheon Brasileiro*, Foi um dos precursores da grande ideia da independencia, que trinta e tres annos depois devêra nas margens do Ypiranga proclamar um principe magnanimo, foi um abalisado poeta, a quem extranhos e imparciaes juizes rendem a homenagem de sua admiração; foi finalmente um homem de exemplar probidade, submisso filho da igreja de cujo gremio só o divorcio da razão pôde arredal-o.

J. C. Fernandes Pinheiro.

---

(7) De um precioso documento intitulado — *Estado das familias dos réos sequestrados*, appenso aos autos, copiamos o seguinte paragrapho relativo a Claudio Manoel da Costa :

« Era solteiro e deixou duas filhas naturaes, uma por nome Francisca, casada com Manoel José da Silva, á qual o mesmo sequestrado quando a casou deu a metade de uma roça no valor de noventa mil réis, com tres ou quatro escravos, de cujo casal existem tres ou quatro filhos, a qual poderá ter trinta annos de idade e vive parcamente com o seu marido e filhos no sitio da Vargem, termo da cidade de Marianna. Outra por nome Maria, que terá de idade onze annos, pouco mais ou menos, e vive em companhia de sua mãi Francisca Cardosa, solteira, sem bens alguns e mora n'esta villa. »

(8) Do traslado do sequestro feito nos bens de Claudio Manoel da Costa consta que gozava elle de certa abastança, possuindo uma fazenda no logar denominado — *Fundão* — termo de Villa-Rica, metade de outra com mattas virgens e terras de minerar nas proximidades de Marianna, metade de uma roça com casa de vivenda, moinho, engenho de farinha e oratorio de dizer missa, além de animaes e moveis; um sitio de lavra chamado — *O Canellas* — termo de Marianna, de sociedade com Antonio Domingues de Cabo Pinto e Domingos Pires. Tinha mais trinta e tres escravos, sessenta e uma oitavas de ouro em pó, joias trastes e roupa de seu uso, e tambem uma escolhida livraria composta de trezentos e oitenta e oito volumes impressos e dois manuscriptos.

POESIAS.

—

GRITOS DE UM LOUCO.

L'aura soave, e l'alba rugiadosa,
L'acqua, la terra al su favor s'enclina.

LUDOVICO ARIOSTO.

Lembra-te, o' anjo, que eu te amei um dia ;
Lembra-te, o' anjo, que eu por ti chorei,
Eu que aos teus pés ajoelhei-me escravo,
Com o mesmo orgulho, com que se ergue um rei!

Adeus !.. Vai pois além no azul dos mares
Curvar as vagas aos sorrisos teus !
Adeus !.. Tu pódes tudo em toda parte :
Fez-te rainha a formosura : — Adeus. —

Que diz o mar á praia, em que brincavas,
No procelloso, turbido escarcéo ?
Que diz a praia ao valle ? o valle ao campo ?
Que diz o campo ao monte ? e o monte ao céo ?

Que dizes, cordilheira de collinas
Deitadas lá ao longe em leito azul,
Em cujo seio as azas perfumara
Macia brisa a susurrar do sul ?

As pudibundas, timidas estrellas
Hoje em teu collo poisaráõ tambem ;
O que diráõ, os langorentos olhos,
Quando estenderem na planicie além ?

O mar, a praia, o valle, o campo, o monte,
Céus estrellas, collinas, — sei, — diráõ :
— Ella vai ; vamos nós : — e o mar, e a praia
Campos, montes, e céus.... comtigo iráõ..

E eu ficarei na vida, como um homem,
A quem roubarão de repente a luz,
Que enterrado em seu tumulo de trevas,
Deixão sosinho ; que ninguem conduz.

E o amor ha-de fallar aos meus ouvidos,
Como o som dos grilhões falla ao galé,
Com as sombras do carcere alemtorno.
Com as lembranças do passado ao pé !...

Nas pedras soltas do palacio d'oiro,
Que ao céu rojei, e desabou no chão,
Nas pedras soltas — n'estas trevas mesmo —
Deixem-me agora perpassar a mão.

Não quero muito : d'estas folhas rôtas,
D'estas collumnas : que ahi 'stão em mó,
Desse poêma, que cahiu, eu quero
Salvar os restos de uma pedra só. —

Vamos...palpemos...—Tudo é pó!... mais longe
Eis uma emfim !.. Oh ! como sou feliz !..
E' uma pedra do palacio d'ouro:
Vamos a ver, o que esta pedra diz.

— Da virgindade a perola alvejava
— Em corôa d'ouro, não ; não de rubis :
— Na fronte della a corôa era a belleza... —
Vamos ler mais... oh ! Como sou feliz !

— Tu me sorriste : mas teu riso frio,
— Hirto, sem vida então me fez gelar :
— Boiava á tona do teu labio calmo,
— Como um cadaver n'um quiéto mar. —

Maldita pedra !.. — Em tão confuso acérvo,
Só tu ficaste sem fazer-te pó !..
Vai-te, maldita : és como o cão do cego,
Que o não conduz, e que lhe late só !..

—Gritos de um louco!—Sinto-o bem: doudejo!..
Estorço-me amarrado aos dias meus,
Cuja corrente envão quebrar procuro,
E aos pés rojar-te com o extremo adeus.

Adeus ! — As vagas já o collo inclinão:
As molles brisas farfalhando estão :
E nas azas azues, que te desdobrão,
Vejo erguer-se o teu pé, bella visão. —

Adeus !.— O genio infórme das tormentas
Desruga a fronte pallida e senil :
E— sentado — das fragas das montanhas
O céo 'stá a enfeitar de ouro e de anil.

Vai !.. Mas ouve : talvez não vás ainda,
Suavissima vizão dos sonhos meus :
Adeus o labio te repete sempre :
Mas ai !.. o coração não diz : — adeus--

Ondas uma após outra a pedra batem ;
D'entre as vagas a lua olha atravez
Lá ergue a rocha sobre a praia o collo
Dizendo a todos : -- Eu não sei, quem és. —

Tu te ergues, anjo, sobre minha praia,
Toda de branco, creação de luz ;
E eu, como a lua, te enamoro, e vaga
Sou todo flôres dos teus pés a flux.

Tu te ergues, anjo, sobre minha praia,
Vendo minha alma te rolar aos pés ;
E como a rocha, em que se frange a onda,
Tu tambem dizes : -- Eu não sei, quem és. --

Ah ! tu passavas, como um lindo cysne,
Que as niveas azas pelo céo abriu,
E na torrente dos meus brancos dias,
D'ellas a sombra... a sombra só cahiu. --

O' cysne, uma lanugem do teu collo ;
Um só perfume do teu seio, ó flôr,
Um beijo... um só dos beiços teus, ó virgem....
Como pagáras tanto louco amor !.

Nas verdes margens tu talvez parasses,
A desfolhar os tremulos rosáes,
Lançando rósas á torrente branca
Dos dias meus.... purissimos crystaes..

Talvez deitando ao longe as alvas roupas ;
Mettesses n'ella a ponta dos teus pés
Depois o corpo...—Oh ! podes vir; as margens
Desta torrente escondem-se em vergeis.

Oh ! podes vir.., As perolas dos seios
Nitidas mãos e tremulas contêm ;
Como conchas, que estão quasi entreabrindo..
Mostrando apenas, que thesouro têm.

Oh ! vem ! Já vejo te rolar a trança,
— Rio em ondas de treva, ao dorso nu :
O teu pé escorrega... ahi vem... Oh ! anjo,
As brancas azas, porque estendes tu ? ...

No mar de esp'ranças, que me ferve em torno
Ha loiras ilhas ; e jardins tambem ;
Ricas cidades, que as marmoreas frontes
Erguem soberbas por o céo além.

Altas torres, que o manto azul retalhão
Do céo; e d'ellas sahem profundos sons,
Que voão, como passaros de bronze,
Que as azas mexem, como vagalhões.

Não abras tanto os teus rasgados olhos....
Lá bem no fundo d'esse lago azul
Vejo tua alma estremecer de mêdo,
Bem como o oceano, quando o fére o sul.

Não tremas, virgem, se nas altas torres
Inquiétos sons nos bronzeos ninhos seus
Voão, revoão, bramão, fremem, fogem
Buscando o seio do porvir... e Deus.

Porque não vens ás minhas ilhas d'ouro ?
Vem ver imperios ; vem somente ver ;
Olha, que as margens se abriráõ ao ter-te,
Como á luz a romã no alvorecer.

Oh! que thesouros n'este mar de esp'ranças...
Dos reis da terra tenho pena e dó !...
Vem, ó meu anjo, de tão vastos mundos
Ser tu rainha..... ser rainha só. —

Sim ! eu bem vejo, aereo cysne ; vôas ;
Queres ser minha ; desces até mim ;
Mas que tristeza vem toldar-me a fronte....
Quando o prazer ahi vem sorrindo emfim ?

E eu sei, que Deus nas frontes langorentas
Luz ás mãos cheias lá do céo lançou ;
Como na fronte d'ebano da noite
O diadêma de estrellas collocou. —

Minha tristeza é filha do infinito,
Que palpo, e quero, e foge-me no ar ;
Respiro-a em tua fronte de donzella,
No céo azul, no verdejante mar.

Sabes ? — meu labio agita muitas vezes
Essa sombra, que Deus em mim deitou,
Como de noite na floresta immensa
Hymnos espalha o vento, que passou. —

Sabes ? — meu labio vai cantar agora !..
Leio em mim ; leio em ti ; vou ser feliz !...
A terra, o mar, o céo, teus olhos, tudo,
Até a folha do arvorêdo o diz.

Ai ! tudo é bello !.. As brisas, que respiro
Cheirosas veem dos matagaes do sul !
O horizonte é diaphano e profundo :
A terra é d'ouro ; o céo é de ouro e azul !

Oh ! como acorda a natureza !... é noiva
No thalamo inda puro a estremecer :
Que na espuma de renda, em que mergulha,
Ora o pejo a convulsa, ora o prazer. —

Tudo méxe, e palpita, e frême, e vive ;
Tudo scintilla, tudo é luz e voz !...
Oh ! que prodigio vai passar-se agora ?
O que vai ser de mim, de ti, de nós ?

Ei-a, meu anjo, falla, acorda... é tempo :
Meu labio agora sepultar-se vai
No fragôr de epinicio scintillante,
Ou no susurro tremulo de um ai. —

Porém que vejo ? — As azas te arrebatão ?
Oh ! porque vais a me fugir assim ?
Escuta, cysne, leva-me nas azas :
Anjo, não busques novo céo sem mim. —

Adeus ! escuta : rapido me foges !...
Quem podera seguir os vôos teus !
Adeus ; — eu quero ouvir-te a voz ainda !
Adeus ! — Ao menos vem dizer-me adeus !

E' tarde ! é tarde !! Eu doudejava agora.
Volta : offendi-te ! tens no rosto a dôr !
Volta-te : escuta : — adoração, meu anjo ;—
Não me entendias, porque eu disse — Amor ! —

Mas foi tão tarde!... não me ouviste. Foste !..
Lembra-me agora, que por ti chorei !
Lembra-me agora que por ti fui louco !
Lembra-me.. ai ! lembra-me.. eu te amei! amei!

Agora, como um cego, a mão destendo
Entre as ruinas do passado só :
Nem uma pedra do palacio d'ouro !
D'esse poêma só me resta o pó...

DR. LUIZ DELFINO.

A UM CEMITERIO DE CAPTIVOS.

Darkness his curtain, and his bed the dust,
Though sun and stars are dust beneath his throne.

NIGHT-THOUGHTS.

Eil-o já envolto em trevas,
Sobre o pó do eterno somno ;
E com tudo o sol é estrellas,
São-lhe pó sob o seu throno !

(Traducção.)

I

O cipreste, ornamento funereo
D'essas campas que ricos escondem,
Onde cresce, onde está?
Onde avultão vaidades marmoreas,
E as corôas, saudades, e rosas
Sobre o que morto é já ? !

Nem se quer uma pedra que um tumulo
Nos amostre, christãos, aqui vejo,
Nem ermida ou altar,
D'onde ao eterno, elevado o thuribulo,
Fosse a alma entre nuvens d'incenso
Junto a Deus repousar !

Só te cerca a bruteza selvatica
D'esses morros e mattas frondosas
Que eu antolho sem fim ;
Tens na terra, nos ares, nas arvores
Só tristezas, só maguas pungentes.
Desenhadas p'ra mim !

Mas quem dorme esse somno perpetuo
Sob espinhos tão agros tão rudes,
Sepultado sem dó !
Qual o ente tão pobre, tão misero,
Que se esconde p'ra sempre dos homens
Em morada tão só ? !

II

Foi silencio e o silencio mais mystico
A resposta dos bosques somente,
Nem um som se lhe ouviu !
Mas o poeta adivinha a miseria,
E n'aquella tão pobre jazida
A captivos só viu.

Oh ! captivos !,.. ai não, que a tyranica
Sua sorte findou. suas almas
Já vôarão aos céos !
Hoje livres do jugo de barbaros
Se agglomerão com reis, com senhores
Junto ao throno de Deus !

Tal sua alma partira do Empyreo
Quando ao mundo a mandou o Eterno
Livre já n'elle entrou ;
Já desfructa esses sons tão magnificos
Que das harpas sonoras dos anjos,
Doce amor arrancou.

III

Vinde aqui, oh mortaes, no sarcóphago
Distincções procurar entre os homens,
Quaes as faz a ambição ;
Revolvei, comparai esses craneos
Com aquelles que os louros cingirão
Dos heroes da Nação !

E' debalde ; as riquezas, os titulos
São vaidades pueris que da morte
Não transpõem os umbraes ;
Se são grandes, se assim são miserrimos,
O bom Deus não distingue entre filhos,
Julga todos iguaes.

E quem vive, quem erra no dedalo
D'este mundo, lutando co'as ondas
Do alto mar das paixões,
Venha aqui aprender no silencio
Quanto valem terrenas riquezas,
O que valem brazões.

Os que habitão jazigo tão lugubre,
Tão despido de ornatos de luxo,
Sem se quer uma luz,
Conquistárão por summo martyrio
Lá nos céos um logar que bondoso
Lhes deu Christo na cruz !

E os que jazem cobertos de lapidas
De soberbos vaidosos ornatos
Qual será sua dor ? !
Em presença d'um Deus integerrimo
São culpados os homens se fechão
Os seus cofres de amor.

IV

Eu te deixo, ó morada pacifica
Dos que a vida passárão gemendo
Como escravos de irmãos ;
Queira Christo do cimo do Golgotha
Confundir quem esquece ou despreza
Que tambem sois christãos !

V. J. DA SILVEIRA LOPES.

Sertão de Macahé, 25 de Novembro de 1858.

CHRONICA DA QUINZENA.

Ha nove annos houve um sonhador, um utopista, que se lembrou de apresentar na assembléa provincial do Rio de Janeiro a ideia de uma exposição industrial !

Os homens praticos confundirão o utopista com um sorriso de piedade : sentirão-se, boas almas !.. commovidos á vista daquella prova de falta de juizo.

Os homens positivos murmurárão entre dentes : « é poesia ! » e mordêrão no tal pedaço de poesia, como certos criticos que ferrão dentadas n'aquillo de que não entendem.

Pois bem : nove annos corrêrão, e ahi está o sonho, a utopia, a extravagancia poetica transformada em uma bella realidade.

A primeira *Exposição Nacional* no Brasil foi inaugurada no dia 2 de Dezembro de 1861, e o Imperador do Brasil gloriou-se de vêr ligado este patriotico facto ás festas igualmente patrioticas do seu faustoso anniversario natalicio.

O povo brasileiro comprehendeu dignamente a importancia d'esse *torneio industrial* para que foi convidado.

As numerosas salas de todo o pavimento superior do edificio da Escola Central, e o grande pateo que olha para a rua de S. Francisco de Paula são insufficientes para conter todos os productos que forão remettidos e que devem ser expostos, e melhor do que isso, a nossa primeira exposição nacional, exposição realizada de improviso, annunciada apenas ha seis mezes, exposição que é na verdade um simples ensaio, apresenta-se tal, que podemos mostral-a sem envergonhar-nos.

E' inutil dizer que não me proponho a escrever sobre a nossa exposição nacional um artigo analytico, uma apreciação conveniente, que não póde caber nos apertados limites d'esta chronica ; devo, porém, dar expansão ao prazer que experimento desde o dia 2 de Dezembro, dizendo duas palavras sobre a nossa festa industrial.

*
* *

A exposição nacional ainda não está completa, e provavelmente só mais tarde a teremos em toda a sua verdadeira riqueza.

Por ora o Brasil tem n'essa festa apresentado aquillo em que menos se deve recommendar, isto é, em productos de manufactura ; dentro em pouco, porém, com a *enchente* das remessas das provincias, teremos de applaudir a nossa grande opulencia em productos naturaes, e, o nosso melhor thesouro, os productos agricolas, que em numero diminuto apparecem ainda,

Entretanto que immensidade de cousas boas já se achão á mostra n'aquellas salas *futurosas !..*

Aquelles productos chimicos do nosso velho amigo Ezequiel, aquelles chapéos, aquelles sapatos, aquelles vidros, aquelles papeis pintados, aquelles couros, aquelles oleados, aquellas velas, aquelles cha-

rutos, aquelles tecidos, aquellas obras de marceneria &c., &c., &c., quantos elementos de *independencia do Brasil* estão patenteando !..

E que brilhante papel o do Sr. Faro com o seu café !...

E que bello triumpho o da nossa casa da moeda e do nosso arsenal de marinha ! como devem estar justamente orgulhosos os nossos compatriotas que dirigem esses estabelecimentos !... parabens, Sr. Dr. Azeredo Coutinho ! parabens, meus dois patricios fluminenses, artistas mestres do arsenal de marinha !...

*
* *

Ha na exposição trabalhos curiosissimos e devidos á delicadeza extrema, e á paciencia dos Job masculinos e femininos que as executárão : são dignos de elogio ; mas para mim o principal não está ahi : não tenho tempo para admirar as raridades, e os objectos de reminiscencias historias, quando me levão os olhos os productos que nos tornão ou podem tornar-nos independentes do estrangeiro, e aquelles que podemos exportar para outros paizes.

Contemplo com muito mais prazer o util, do que o bonito, e é exactamente por isso que apenas uma vez e correndo atravessei o corredor das modas e das cabelleiras.

E o que mais lastimo é que no meio de tantas machinas, e algumas tão interessantes, não me fosse dado vêr muitas destinadas aos trabalhos da agricultura.

E d'isso me lastimo,porque não posso esperar que saião instrumentos agricolas d'esses caixões,d'onde tem de sahir tanta riqueza da nossa lavoura, e tantas preciosidades naturaes, especialmente no que diz respeito á madeiras.

Ia me esquecendo de fallar nas amostras dos productos da seropedica. Ah, Sr. commendador Cardoso ! olhe : meadas de seda, onças, e libras de casulos fazem apenas encher de agoa a bocca : eia ! venhão centenas e milhares de arrobas !...

E o chá brasileiro ?... productores do chá ! governo dos meus peccados ! olhai uns e outro para o chá, aperfeiçoai o seu cultivo, e ainda mais a sua preparação ; porque na Europa bebe-se mais chá, do que mate no Paraguay, chocolate na Hespanha, cerveja na Inglaterra, e café no Brasil.

Tenho ainda trinta mil cousas a dizer n'este mesmo sentido ; deixo-as, porém, para outra occasião.

*
* *

A nossa esposição nacional vai dar-nos excellente material para fazermos representar dignamente o Brasil na exposição de Londres, o que já não importa pouco.

Colheremos d'isso dois grandes resultados : o primeiro é a satisfação do nosso patriotismo la na immensa e soberba Londres ; o segundo é a conveniencia do nosso interesse, porque teremos de mostrar á Europa copia de productos de que ella precisa, e que nós temos de sobra para vender-lhe.

Cá para mim, porém, são outras as grandes e importantissimas consequencias que nos promette a nossa exposição nacional.

Palavra de honra! eu creio que o nosso proprio governo não sabia que nós tinhamos tanta cousa em casa.

Mas quem ha de se achar em apertos com a nossa exposição é o governo: devéras que elle se foi metter em camisas de onze varas.

A evidencia em que se patenteárão tantas industrias nascentes, e algumas quasi ignoradas, exige que o governo estenda á ellas mão protectora, que abra á todas, ou ao menos ás principaes, a estrada do desenvolvimento, e que lhes brade « caminhai! »

E o governo não poderá deixar de faze-lo sem offender as justas exigencias do paiz, que quer ser grande, e sabe que pode sêl-o.

A nossa exposição nacional já demonstrou, *em parte*, que o Brasil póde ter no proprio seio quasi tudo quanto importa das outras nações, e se o nosso progresso não tiver natureza de caranguejo, novas esposições hão de vir provar que o Brasil tem em si mesmo recursos para não precisar de outro algum paiz do mundo, e para ser necessario e até indispensavel a muitos outros paizes.

Mas não haja medo de que as nossas exposições acabem por trancar as portas da alfandega: o que ellas podem fazer é determinar a necessidade de centuplicar as portas do consulado.

* *
*

Do que fica dito, não pensem que eu reputo a nossa primeira exposição nacional uma exhibição admiravel e completa dos productos do paiz.

Menos essa.

Eu admiro somente o que se conseguiu fazer em simples ensaio, em uma exposição, para a qual a população não estava preparada, em uma exposição sem *ensino*, sem instrucções, porque nem ao menos se cuidou de instruir o povo a respeito do que lhe cumpria fazer.

O que eu digo é que a nossa exposição nacional excedeu a toda a expectativa e a todos os calculos; e que o povo adivinhou o que ainda não sabia, e o que não lhe ensinárão.

Agora a instituição está plantada no Brasil, e não póde mais morrer.

E' indispensavel que novas exposições se effectuem periodicamente; e porque assim é, torna-se tambem indispensavel que o governo, ou por si, ou por uma companhia, faça construir um palacio de crystal, um estabelecimento proprio para essas grandes justas industriaes.

Dizem-me que uma segunda exposição nacional vai ser marcada para o anno de 1864, por isso mesmo que consta ter de realizar-se no de 1865 uma exposição universal em Pariz.

A ideia é excellente e não póde por modo algum ser posta de lado.

A população avisada com tempo corresponderá, como deve, ao convite patriotico do governo.

Mas palavra puxa palavra e idéia faz nascer idéia.

Lá vai portanto uma outra utopia.

Porque não ha de o governo marcar tambem para effectuar-se no fim de um certo numero de annos, de quatro ou seis, por exemplo,

uma exposição de animaes uteis?... uma exposição dos animaes que se prestão ao serviço e á alimentação dos homens?...

O incentivo de premios pecuniarios, ou, muito e mil vezes melhor que isso, o incentivo de premios honorificos não excitaria o zelo dos criadores, e não faria com que os criadores se multiplicassem?...

Demonstrar a utilidade de uma exposição d'este genero seria chover no molhado, e n'essa não cahe o *velho*, que e rapaz com seus annos de experiencia.

Animo-me a propor esta *utopia*; porque a outra já passou em julgado, e hoje está adoptada pelos homens positivos e praticos, que são homens tão serios, que por signal não se riem nunca.

E' uma *utopia*, confesso: mas é uma *utopia*, que está reconhecida verdade sediça nas mais civilisadas nações da Europa, que não se envergonhão de fazer exposições de bois, carneiros, cavallos, porcos, etc., e que tirão d'isso grandes resultados.

Requeiro que algum homem pratico, algum cidadão positivo proponha esta utopia ao governo. E receberá mercê.

*
* *

Depois de rosas..... goivos.

Ao pé da mais bella esperança o mais triste desengano!

Duas sepulturas abrirão-se n'esta quinzena para receber dois poetas mortos prematuramente.

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, o poeta e o romancista, morreu deixando mulher e filhos em completa e honradissima pobreza.

Manoel Antonio de Almeida, prosador tão elegante que não hesitei em chamal-o poeta, victima de um triste naufragio, teve por sepultura o fundo do oceano!

Teixeira e Souza era um grande talento que nascêra pobre, que se elevára por esforço proprio, que brilhára na maior adversidade, como as plantas odoriferas, que tanto mais se macerão, quanto mais rescendem: depois de muito trabalhar, muito soffrer, e muito merecer, achou um arrimo em um emprego judicial: foi escrivão, e deixou como tal uma reputação de intelligencia e de honestidade, que fulge tanto como o seu nome de poeta.

Morreu pobre.

Manoel Antonio de Almeida teve quasi o mesmo destino: pobreza no berço, pobreza na infancia e na juventude: talento brilhante, comprehensão facil, prompta, admiravel: formou-se em medicina: era o unico arrimo de sua familia: luctou com uma sorte desabrida.... chorou durante todos os annos da idade dos encantos e dos risos.... chegou a desamar a vida e *descançou*, pobre naufrago, desapparecendo no abysmo do mar.

Foi uma quinzena de lagrimas e de luto para a litteratura patria.

*
* *

Antitheses da vida e do mundo!

Depois das lagrimas de dôr uma consolação e um suave sorriso.

E' chegado ao Rio de Janeiro de volta do Norte do Imperio o illus-

tre cantor dos Tymbiras, o suavissimo poeta o Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Cultor insigne da poesia e da historia patria, o Dr. Gonçalves Dias traz sempre á capital do Imperio flores poeticas e fructos de indagações e lucubrações historicas; uma primavera e um outono sempre ricos e preciosos.

*
* *

Aproximão-se os dias festivos, em que d'antes *(no meu tempo)* era de costume andarem os amigos dando *boas sahidas e boas entradas* de anno.

Ora, eu desde já posso dizer que o theatro do Gymnasio tem uma *boa sahida* do anno em **1861**.

Ahi estão na capital chegados das provincias da Bahia e do Rio Grande do Sul alguns artistas dramaticos bem conhecidos do nosso publico, artistas de merecimento real, e habituados a conquistarem applausos espontaneos.

Da Bahia voltárão a actriz Gabriella e o actor Moutinho; do Rio Grande do Sul o actor Amoedo.

A simples menção dos nomes d'estes artistas, e notavelmente o da primeira, dispensa todas as explicações a respeito do grande partido que de cada um d'elles póde e ha de tirar o theatro.

A sociedade dramatica nacional do Gymnasio, apezar dos seus fraquissimos recursos materiaes, apressou-se a contractar os tres artistas recem-chegados, provando assim o empenho com que procura agradar ao publico.

Por consequencia para o theatro do Gymnasio a sahida do anno é animadora e excellente.

E Deus permitta que lhe seja igualmente prospera a entrada do novo anno.

* *
*

O governo lembrou-se emfim de nomear uma commissão encarregada de estudar e de propor as medidas necessarias para se reformar o nosso theatro dramatico nacional.

Ainda bem! louvado seja por isso o governo.

Mas agora não vão fazer da reforma do theatro uma nova obra da Sé, ou alguma cebola do Egypto.

Tenho medo das considerações e reconsiderações e do *amanhã* da nossa terra.

Um velhinho do meu tempo, e ralhador como eu, já teve a habilidade de calcular o tempo que se ha de gastar com a reforma do theatro dramatico nacional pelo seguinte modo:

Para o estudo e apresentação do parecer da commissão..... tres mezes.

E só tres mezes porque os membros da commissão ainda fazem versos e escrevem prosa.

Para o governo estudar o parecer apresentado..... um anno.

Para o governo dormir sobre o caso.....seis mezes.

Para o governo reconsiderar a materia..... seis mezes.

Para o governo redigir e mandar para a secretaria a reforma..... tres mezes.

Para a secretaria do imperio procurar os papeis, que perderá um um dia depois de os ter recebido..... anno e meio.

Para a secretaria do imperio depois de achar os papeis, expedi-los ..... sete mezes.

Para demoras, arranjos, explicações, duvidas, regulamentos, &c. ..... nove mezes.

Somma tudo..... .... cinco annos e quatro mezes.

— Cinco annos e quatro mezes !..... exclamei eu espantado, ouvindo lêr este calculo.

— Nada menos, disse-me o velhinho; e ainda assim terá a reforma andado a vapor !

Apezar de uma triste experiencia, não creio nos calculos do meu camarada de cabellos brancos, e espero que o governo realize essa indispensavel reforma no anno de 1862, pouco mais ou menos no tempo em que se plantão as flôres.

O VELHO.

MODAS.

Chapéo de palha enfeitado de fitas verdes e pretas, babadinho preto debruado de verde, enfeite de folhagens verdes no alto da cabeça e fitas verdes de nobreza n.º 30.

Vestido de nobreza preto, ornado de nobreza verde,—corpinho entreaberto na frente formando dois rebuços e encruzando um pouco sobre o lado —, o encruzamento prolonga-se por todo o comprimento da saia.

A cintura é redonda com cinto preto. A manga é enfeitada com um jockey sobre o hombro, e na parte inferior de um canhão, que se levanta em fórma de angulo.

Uma pequena fita crespa de nobreza verde, da largura de 3 centimetros, orla o corpinho, o encruzamento da saia, o jockey, o canhão da manga e a costura das costas. Outra fita crespa da mesma qualidade com 8 centimetros de largura guarnece a fimbria da saia.

VESTUARIO PARA UM JANTAR.

O penteado é ornado de uma grinalda de geranios *Rosa do rei* e de um laço que occulte o pente feito com fitas de nobreza côr de rosa.

O vestido é de nobreza (lilás) violeta de Parma, lavrado da mesma côr, e guarnecido de fitas crespas de nobreza branca, e de um cinto da mesma fazenda das fitas, sendo mui largo, e posto como se fosse uma banda, em fórma de V ás avessas, tendo nas extremidades um bordado, depois do qual ha uma grade guarnecida de franja de seda.

O corpinho é decotado na frente, subindo um pouco para os hombros. O decotado por detráz é quadrado. Guarnece-se todo o corpinho com uma pequena fita crespa de nobreza branca, que desce na frente de ambos os lados, entre os quaes devem haver cinco ordens da mesma fita atravessadas sobre o peito.

A manga fórma um grande fôfo retido sobre o cotovello por uma fita crespa. Tres ordens da mesma ornão a saia.

Camisinha por dentro de filó de salpicos, com um crespo do mesmo filó em volta do pescoço.

INDICE DO TOMO XII.

BIBLIOGRAPHIA :

Pag.

Os cantos epicos do Sr. J. Norberto 117
Boletim bibliographico 182
O Palmerim de Inglaterra 309
Luiz do Rego e a Posteridade 343

CONTOS E NARRATIVAS :

Historia de uma moça bonita 274
Uma aventura em Veneza 303
Os prazeres da côrte 321
A tapéra dos namorados. 353

CHRONICAS :

Chronica da quinzena. . . . . 57, 121, 187, 249, 315 e 377

DERCRIPÇÔES :

O rio das Velhas . . . . . 42 e 299
Momentos de ocio . . . . . 96 e 140
A Senhora das Candeias. 193
O Mexico. 291

ESBOÇOS BIOGRAPHICOS :

O general Hoche. 29
O conde de Cavour. 34
Brasileiras celebres (D. Joanna de Gusmão). 77
Frei Chagas 94
A duqueza de la Vallière 113
Luiz de Camões 163
Brasileiros celebres (Camarão e Claudio Manoel). . . . . 196 e 367

LITTERATURA :

Poetas moribundos. 48

PHILOSOPHIA NATURAL :

Distribução das aguas sobre o globo terraqueo 25

POESIAS :

O caçador 119
Uma noite de tormenta 120
A abelha. 180
Meu segredo. 246
A vida 247
Ao crepusculo. 247
Desanimo. 248
Sorriso e lagrima. 248
Teu sorriso. 310
Os meus olhos em leilão. 311
A noite. 312
O anjo e o menino 313
Gritos de um louco 374
A um cemiterio de captivos 376

ROMANCES : PAG.

Os estudantes de Heidelberg. . . . . 14, 83, 159, 235, 283 e 345

SCIENCIAS :

A microscopia . . . . . 103, 174 e 201

VARIEDADES :

Derivações equivocas 5
A belleza das mulheres. . . . . 12, 65 e 139
Miscellanea curiosa. . . . . 47, 185 e 313
Gastrosophia . . . . . 67 e 216
Physiognomias brasileiras 129
O dia de finados. 172
Morto e vivo 209
Definições espirituosas. 227
Viagem á volta de um jornal diario 257
Fragmentos de um livro. 271
O testamento de José Bonifacio de Andrada e Silva. 279
Luneta imperial. 306
Os homens de lettras. 327
Adoração. 337
Archivo de peças originaes e extravagantes. 363

FIM DO TOMO XII.

RIO DE JANEIRO.—TYP. DE PINHEIRO & C.ª, RUA DO CANO N. 165.